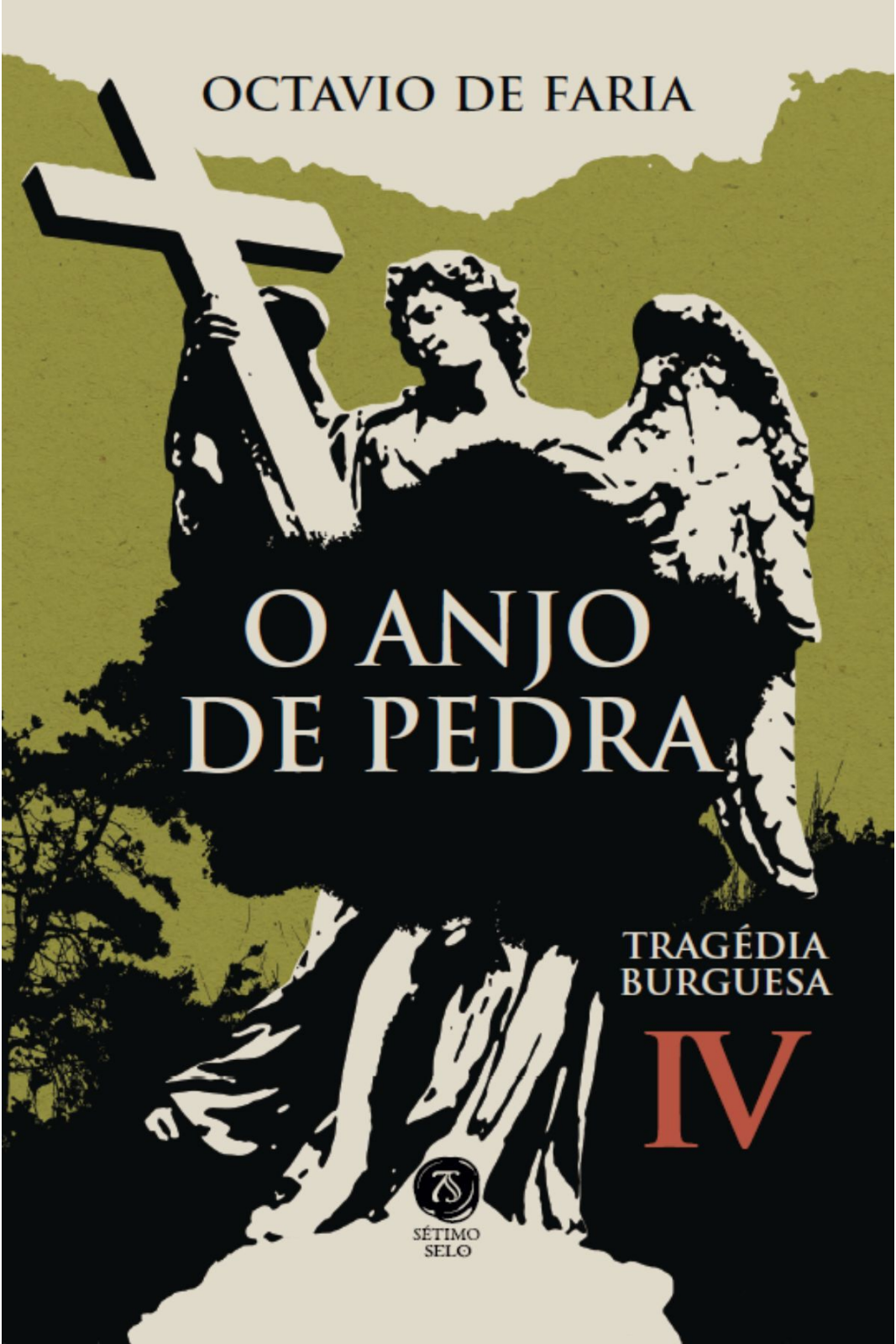




OCTAVIO DE FARIA

O ANJO DE PEDRA

TRAGÉDIA
BURGUESA

IV



SÉTIMO
SELO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OCTAVIO DE FARIA

O ANJO
DE PEDRA

TRAGÉDIA
BURGUESA

IV



SETIMO
SELO

OCTAVIO DE FARIA

O ANJO DE PEDRA

TRAGÉDIA
BURGUESA

IV



SÉTIMO
SELO

OCTAVIO DE FARIA

O ANJO DE PEDRA

TRAGÉDIA
BURGUESA

IV



SÉTIMO
SELO

O anjo de pedra
Tragédia burguesa, vol. IV
Octavio de Faria
4ª edição — fevereiro de 2023 — cedet
Copyright © André do Carmo Seffrin.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Os direitos desta edição pertencem ao cedet — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Av. Comendador Aladino Selmi, 4630— Condomínio gr2, galpão 8
cep: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas (sp)
Telefone: (19) 3249-0580
E-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

EDITORES

Ulisses Trevisan Palhavan

PREFÁCIO

Mário de Andrade

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Gabriel Buonpater

Marília Magalhães

DIAGRAMAÇÃO

Virgínia Moraes

CAPA

Nelson Provazi

LEITURA DE PROVA

Flávia Regina Theodoro

Mariana Souto Figueiredo

Natalia R. Colombo

Juliana Tessari Coralli

CONSELHO EDITORIAL

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

O anjo de pedra; Tragédia burguesa, vol. iv / Octavio de Faria — 4ª ed. — Campinas, sp: Editora Sétimo Selo, 2023.

isbn: 978-65-88732-57-1

1. Literatura brasileira 2. Romance

i. Tragédia burguesa ii. Autor iii. Título

CDD — B869/ B869.3

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira — B869

2. Romances — 869.3



SÉTIMO
SELO

| www.editorasetimoselo.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor e do detentor dos direitos autorais.

Sumário

A presença do romancista

Tragédia burguesa

Parte I | Destino de Armando

I

II

III

IV

Parte II | Ângela

I

II

- III
- IV
- V
- VI

Parte III | O espírito da terra

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII
- VIII

Parte IV | Sérgio e Reni

- I
- II
- III
- IV

V

VI

Parte V | O grande assalto do demônio

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

Notas de Rodapé

A presença do romancista

Temístocles Linhares o lado das falhas ou deficiências que a obra cíclica já realizada no romance brasileiro, de maneira surpreendente, pelo Sr. Octavio de Faria pode apresentar e de certo apresenta, podemos alinhar muitas qualidades, raros dons, de par com um atributo novo e que não deixa de ser valorativo para o gênero que muitos acreditavam ter já perdido a sua vitalidade, com infiltrações e cisões de outra natureza, aviltadoras de uma estética que tinha mais ou menos as suas linhas definidas, as suas leis, os seus limites, a despeito das experiências renovadoras de um Joyce ou de um Proust.

Mas deixemos de parte qualquer dúvida ou suposição precipitada, e fiquemos antes nas sugestões que nos ofereceu a leitura deste extenso e volumoso romance que acaba de aparecer e que constitui a série iv dessa ambiciosa *Tragédia burguesa*, ainda muito longe de seu fim, já que de vinte séries ou tomos é que está composta a sua sùmula.

O *anjo de pedra* é uma das mais vastas tentativas que se realizaram entre nós, tanto do ponto de vista da extensão ou número de páginas, como do que se refere aos seus valores intrínsecos, aos casos e aos problemas que aborda, sempre dignos da atenção e dos cuidados de um romancista de verdade.

Aliás, o Sr. Octavio de Faria não precisa mais de quem diga isso a seu respeito. Ele é um dos poucos romancistas que podem orgulhar-nos e cujas diretrizes estéticas e morais já encontraram a sua melhor forma de expressão, a sua fase de amadurecimento.

E por isso, que ele já achou o seu gênero, já seguiu a sua vocação, entregando-se inteiramente a ela, o mais interessante será ficarmos em torno do aspecto mais sugestivo ou desse atributo novo que o torna um romancista de tipo muito diferente do que Flaubert preconizava, escondendo a sua presença no romance o mais possível, despersonalizando-se de tal forma que sobre ele não exercesse o menor contágio a conduta de seus próprios personagens, os quais precisavam

agir desembaraçadamente, sem qualquer influência que pudesse decretar isto ou aquilo sobre os seus destinos, etc.

Octavio de Faria não teme qualquer aproximação ou contato com os seres que cria e solta pelo mundo, e muito ao contrário, contando os seus casos, as suas complicações sentimentais, os seus problemas de consciência, o que a gente sente é a vontade que ele tem de intervir, a necessidade até de tomar partido, não se contentando com o papel de um espectador imparcial, como queria o autor de *Madame Bovary*.

E a verdade é que ele acaba sempre fazendo isso, nos momentos culminantes da intriga ou das crises que se seguem a cada caso. O romancista não se contém e entra também em cena, afligindo-se ele próprio com os sofrimentos ou as dúvidas reservadas aos seus heróis, tantas vezes perdidos num mundo que carecia do essencial, privado de coração e privado de sangue. Mundo muito mais de fantoches que, como ele diz, consentiam no mal por fraqueza, por hábito, por falta de coragem de reagir, de se levantar um dia e então viver livre realmente. O romancista sabe disso tudo e assiste, distante, impassível, sereno, sem nenhum sentimento de antipatia, ao desencadear da tormenta, que sempre acaba vindo. A princípio, a sua atitude tem toda a aparência flaubertiana, mas situações de tal ordem são criadas depois, num crescendo tamanho de angústia e de dor sentida ou sofrida, que não há carapaça que resista e o autor é o primeiro a se julgar obrigado a intervir, a se solidarizar ou não com aqueles pobres entes que ele fez andar e se mexer, surpreendendo-lhes os lados imprevistos e obscuros da vida. Ele, nesses instantes, também chega a sentir o suor frio da privação e da distância que escorre de todos aqueles míseros seres, que absolutamente não podem ser veículos de quaisquer conceitos morais que porventura reflitam o romancista.

Não ocorre com Octavio de Faria o perigo já imputado a Mauriac de estarem os seus personagens forjados de antemão, limitando-se o romancista à escolha dos tipos que vivem no mundo de suas preferências, costumes e possibilidades. Sentimos que os personagens do autor de *O anjo de pedra* surgem mais espontaneamente, são livres, agem por si, dispõem de vontade própria. Autônomos é que eles marcham para as suas loucuras, os seus desvios, as suas paixões ou amarguras. Eles vivem por si e seria verdadeiro absurdo falar, no caso do Sr. Octavio de Faria, em morte ou desaparecimento do personagem em seus romances. A personalidade humana transparece bem viva, em suas virtudes e defeitos. E, a despeito de tudo, das fraquezas envolventes, de uma sociedade que tende a mudar, coletivizando-se cada vez mais, os personagens aqui não deixam de ser vontades individuais em luta contra outras vontades, outras personalidades, não obstante possa recair sobre elas o peso dos inumeráveis e imensos conflitos da vida moderna.

E o peso, também

— é preciso não esquecer —, da própria presença do romancista, que tantas vezes vem trazer o seu conselho, o seu consolo, o saber de sua experiência, a sua piedade, como sucedeu, por exemplo, no caso daquele humilde e pequeno Sílvio Iberê, que todos desprezariam, cujo esforço era comprometido por uma má vontade social quase

sistemática, mas cuja grandeza estava em si mesmo, numa amostra de divindade que o levava a chorar em dado instante sem que, afinal, ele pudesse conhecê-la ou compreendê-la bem, não obstante toda a simpatia do romancista, todos os esforços daquele outro protagonista, a figura humana e admirável desse Padre Luís, a cuja volta se movimentam os demais “anjos de pedra”, sobre quem ele quer atuar, na sua qualidade de pastor de almas.

Presença do romancista, do seu sentimento trágico, que se faz sentir junto de todos os personagens de primeira plana e em cuja natureza decaída os seus olhos não deixam de ver “subsistir, lado a lado com a extrema miséria, a extrema grandeza, não sendo raros os momentos em que o simplesmente humano, em sua pureza, se aproxima de muito perto do divino, do eterno”, como ainda acontece no drama desse mesmo Sílvio Iberê. Ou então presença do romancista na aventura insensata e desastrosa daquela frágil Reni, a ser levada estrada afora por uma força não identificável, mas que vivia em si e que o autor procura justificar explicando que nos falta tempo para parar e raciocinar, sentindo embora a proximidade do abismo e nada fazendo para nos conter, não estando mais em nós o cálculo das vantagens e desvantagens que nos pudesse deter. Aquela frágil criaturinha, acossada pelo pressentimento da morte próxima, “obcecada pelo sorver desordenado e criminoso dos mais baixos vinhos da vida”, era bem uma vítima de seu destino usurário, de sua falta de consciência do mal, caminhando para o esfacelamento de uma vida dentro da mais perfeita ingenuidade, de um real sentimento de inocência, como se não tivesse feito absolutamente nada de mais ou de extraordinário. O romancista intervém, entra com as suas considerações e os seus sentimentos pessoais, e nem por isso Reni deixa de ser Reni, uma criatura livre, autônoma, que só os seus impulsos, as suas inquietações, o seu comportamento, podem explicar. Ela nada perde de sua personalidade e de sua originalidade, e o romance, com a presença ou a intervenção do romancista, por sua vez, ganha em enriquecimento de vida, pois não é só o personagem que importa, mas sim tudo o que o cerca, inclusive o próprio autor. Para se obter o drama humano completo e integral, é preciso ir buscá-lo ou senti-lo em tudo e em todos, sem descurar, está claro, os aspectos exteriores, os temas e as obsessões do tempo, que também constituem material de primeira ordem.

O fato assinalável, porém, é que, a despeito de tudo isso, da contínua intromissão do romancista no romance, do que cabe ao social, aos seus conflitos, à sua contribuição na intriga, os heróis do Sr. Octavio de Faria não deixam de existir por si mesmos e sempre nos surpreendem de uma maneira convincente, na ajuda que nos prestam para penetrar no mistério da comunhão e das pessoas humanas. Eles levam a sua vida, uma vida diferente, como era o caso do Professor Souza, descendo o mais baixo possível na escala das depravações e das fraquezas da carne e

vivendo, por outro lado, momentos de uma verdadeira exaltação mística; como eram afinal todos aqueles casos. O de Lourdes, o de Ângela, o de Matias Vancouver, o de Matilde, o de Maria Inês, o de Alfredo... Todos eles ficam na nossa imaginação, desfilam diante de nossa memória, pela multiplicidade de suas reações, pelas suas notas particulares, mas a que todos nós acabamos nos ligando, por mais diferentes que possamos ser, através certamente de uma reserva de sensibilidade que sempre possuímos para tais quadros humanos e que não pode implicar em compromissos ou perda de liberdade e autonomia.

No caso do Sr. Octavio de Faria, não obstante se acuse a cada passo a sua intromissão, a sua presença no romance, a impressão que antes temos e que também ele próprio experimentou é bem a de que essa obra cíclica, esse romance-rio em série, está em certo sentido escrito contra o autor, uma vez que todo o seu esforço de compreensão, toda a sua solidariedade aos personagens, todas as suas possíveis intenções se anulam, batendo em vão “numa porta que jamais se abrirá e jamais poderá ser aberta porque o mundo está cheio de anjos de pedra que são absolutamente indespertáveis”.

O romancista não se isola, o romancista acusa a sua presença, mas nem por isso os personagens deixam de ser livres, como seres autônomos que são. E que coisa maior pode desejar o romancista senão isso — estar presente na sua obra e torná-la um romance verdadeiro, gênero que por excelência mais se presta à aventura da personalidade, à descoberta da pessoa humana e de todas as suas admissíveis reconstituições e desdobramentos?

Folha da Manhã, 17/05/1945.

Tragédia burguesa

Je blâme également et ceux qui prennent parti de louer l'homme, et ceux qui le prennent de le blâmer, et ceux qui le prennent de se divertir; et je ne puis approuver que ceux qui cherchent en gémissant.

— Pascal

i — *Mundos mortos*

ii — *Os caminhos da vida*

iii — *O lodo das ruas*

iv — *O anjo de pedra*

v — *Os renegados*

vi — *Os loucos*

vii — *O senhor do mundo*

viii — *O retrato da morte*

ix — *Ângela ou As areias do mundo*

x — *A sombra de Deus*

xi — *O cavaleiro da Virgem*

xii — *O indigno*

xiii — *O pássaro oculto*

Publicados postumamente* *Atração*

A Montanheta

* Os últimos dois volumes foram publicados na edição crítica da *Tragédia burguesa* (Pallas Editora, 1985).

A Heitor Costa, em cujo sofrimento e
em cuja oração eu tanto confio.

[...] porque eu vos digo que poderoso é Deus para fazer
com que nasçam destas pedras filhos a Abraão.

— Palavras de São João Batista (Mt 3, 9)

Porque eu não quero a morte do que morre, diz o
Senhor Deus.

Convertei-vos e vivei.

— Ez 18, 32

Disse-lhes Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida;
o que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá.

— Jo 11, 25

esde cedo aquele pressentimento estranho assaltara Padre Luís: em qualquer parte, talvez não muito longe dele, alguém estava morrendo que precisava do seu auxílio. Rápida, urgentemente. Era como se, desesperado, gritasse por ele, ansiando por vê-lo a seu lado, o crucifixo entre as mãos, o ouvido atento para a confissão última. Não podia morrer antes de ele chegar trazendo o perdão dos pecados cometidos, o direito de esquecer e descansar em paz, pelo menos por um segundo, antes do início da Existência — da única e verdadeira Existência.

Aquela manhã de maio raiara lindíssima e Padre Luís saíra muito cedo do seu quarto, em demanda da Capela. Ao atravessar o pátio não pudera deixar de se deter alguns segundos contemplando a beleza do espetáculo. Talvez não constituísse novidade alguma para quem, como ele, frequentemente recorria àquele meio de sentir de mais perto a grandeza da obra do Criador na intimidade do silêncio e do recolhimento. Mas o inegável é que, naquela manhã, tudo parecia mais belo a Padre Luís e o próprio pipilar descontrolado dos pardais, escondidos no emaranhado das folhas dos oitizeiros, era recebido por ele como o mais harmonioso dos cantos. Olhava e não se cansava de ver. O Criador estava sendo glorificado por todas as suas criaturas e se havia uma nota dominante em tudo aquilo era a de uma absoluta pureza. Nas árvores os pássaros cantavam e sobre o chão do pátio uma leve aragem brincava de quando em quando com as folhas caídas. Fazia frio e nem o velho gato branco de todas as manhãs faltava à poesia do momento. Lá no alto, no morro vizinho, o sol começava a dourar um grupo de palmeiras que Padre Luís se habituara a considerar como as sentinelas avançadas da aparição diária do sol no seu horizonte de meditação matinal.

Por certo, havia manhãs lindíssimas, mas Padre Luís jamais se esqueceria daquela, iniciada com um tão grande esplendor e que falara tanto de pureza e de universais glorificações do Criador. Os anos passariam, muitos e muitos, ricos em acontecimentos da mais alta significação para sua saúde, cada dia mais delicada, e para sua alma sensível, particularmente predisposta ao sofrimento e destinada a uma série de intermináveis provas. Sem dúvida, viveria instantes ainda mais dramáticos do que aqueles que iriam encher aquela manhã. Conheceria de perto, de muito perto, o grande inimigo, o Senhor do mundo. Teria crises de dúvida, agonias de noites e noites, suores gelados. Mas, em ocasião alguma se sentiria tão fortemente impressionado, tão atingido no mais íntimo do seu problema

fundamental, quanto naquela manhã, em consequência da extraordinária intuição que o fizera pressentir quase tudo o que havia de essencial no drama que estava tendo lugar então, em casa dos Paiva, a quarteirões e quarteirões de distância do Colégio São Luís de Gonzaga.

Bem sei que Padre Luís não via o corpo agonizante de Armando Paiva. Nem Armando o chamava, na cegueira de seu desespero de suicida que, tendo sobrevivido ao golpe que o prostrou, ainda prefere mergulhar no abismo a continuar seu padecimento em terra. Contudo, para a intuição privilegiada daquele padre que Deus inúmeras vezes fizera penetrar nos mais íntimos e inconfessados segredos de tantas e tantas almas em perigo de morte, havia alguém... certamente havia alguém... que, naquele instante mesmo, jazia num leito de revolta e desespero, precisando dele, daquele socorro extra-humano que, em todo o universo, só lhe podiam oferecer ele ou alguém que como ele tivesse recebido de Deus poderes especiais para isso. Pouco importava saber o nome, o sexo, a idade do agonizante. Era uma alma. Era o infinito aprisionado no mundo, na prisão do corpo, nessa abjeta prisão que, desgraçadamente, nada consegue romper. Era uma alma sofrendo, apelando para ele — uma alma que sentia se debatendo no vazio, no desalento, talvez mesmo na angústia de quem espera, vinda de fora, uma palavra especial, uma palavra que precisa ser ouvida para que, do fundo interior, uma torrente de outras palavras jorre trazendo consigo o alívio, o descanso imediato, a paz, o perdão, o abrir de portas que leva à eternidade. Dir-se-ia um grito que viesse vindo incoercivelmente pelo espaço e chegasse até ele, ainda que não soubesse de onde partisse, nem fosse o único a quem o apelo pudesse se endereçar. Sim, alguém sofria naquele instante, precisando de consolo, de amparo imediato, da bênção de Deus. Sim, uma alma estava em perigo e era necessário salvá-la.

•

Antes que o bilhete de Eulália chegasse às suas mãos, Padre Luís pensou em um sem número de almas das quais poderia ter partido o estranho grito. Ajoelhado no ladrilho da Capela, a cabeça entre as mãos, deixou que passassem um a um, com a rapidez com que passam as imagens evocadas à revelia da vontade, todos os tristes casos de criaturas que se tinham entregue à sua direção espiritual e viviam pelo mundo afora carregando seu fardo humano, sua parcela de sofrimento. Umas próximas, quase diárias no murmúrio das suas misérias, outras já distantes, muito e muito distantes como aquelas que se tinham afastado dos sacramentos em meio à procissão das primeiras grandes crises da adolescência. Imagens sombrias, tristes contemplações. Uma sucessão de vultos turvos de fantasmas: almas feridas em eternos gemidos pelo mundo ou almas sem vida real, almas que a vida fora aos poucos

endurecendo, petrificando. Reviu muitas, reviu quase todas as conhecidas, focalizando-as nos seus instantes de maior sinceridade, nos momentos críticos em que tinham revelado a chaga profunda, deixando a nu diante dele o que nelas era mais íntimo, mais inseparável de si mesmo — esse núcleo irredutível onde, em cada ser, o demônio constrói aos poucos e, no mais das vezes, com o máximo de dissimulação possível, o seu ninho supremo. Reviu de início os casos mais próximos, mais ligados à sua atividade diária — o mundo de adolescentes angustiados que desfilavam pelo seu confessionário, seres à beira de todas as revoltas, de todas as concessões, ansiosos por legitimar não importa que necessidades os seus sentidos ávidos e muitas vezes desregrados lhes propusessem como válidas, como indispensáveis à tranquilidade momentânea. Eram inúmeros, sucediam-se atropeladamente ao longo de anos e anos, um, dois, três, quatro em cada turma que deixava o Colégio. Mas, como não isolar, não pensar nos mais sérios, nos mais vivos, naqueles que tantas noites lhe roubavam o sono e não lhe davam, em troca, nada a não ser desenganos e tristezas? Estaria mentindo, sendo pessimista?... Não tinha motivo para duvidar da legitimidade da sua aflição. Ainda dias antes, Sérgio Vilar confessara: dentro de sua própria casa, no mais puro e santo dos lares, havia um pequeno corpo de menina que não o deixava dormir alheio à visão do mal. E ele não sabia, não podia, não queria mais resistir a Reni, à sedução daquele quase-incesto. E que é, e que pode, e que vale um homem que não quer mais resistir? E essa gargalhada do demônio no seio das trevas, amargor dos teus dias, dos de Vera e dos de todos os teus, que puríssima virgem a conseguirá resgatar um dia, Sérgio Vilar?... Como Sérgio, Antônio era um escravo rebelado dos seus olhos desorientados. O seu recente vaivém entre o confessionário e um quarto cuja porta lhe era miseravelmente franqueada (que tremendos espíritos do mal teriam logrado descobrir um dia o mistério dos seres que não sabem resistir à facilidade incontrolável das portas abertas?...), sofria já agora de um desequilíbrio em que as forças da corrupção tinham conseguido todas as vantagens. Antônio e Sérgio, associados, evocavam Jorge Monteiro... Que seria feito dele? Vira-o se afastar aos poucos do confessionário, revoltado, desesperado com o escândalo financeiro que fizera do nome do pai a sensação de dias e dias nos jornais da cidade. Até onde o teria levado o seu rancor, a ferida de orgulho pisado até o sangue, aquela revolta contra tudo e contra todos que, nas últimas confissões, acompanhara sem nada poder fazer para destruí-la ou encaminhá-la num sentido cristão da existência? Também um revoltado contra as injustiças da sorte — desde o dia em que descobrira a razão da estranha morte de sua mãe, quando tinha apenas cinco anos de idade — aquele Mauro Schmidt que fora preciso, afinal, expulsar do Colégio no ano seguinte àquele em que Ivo Freitas completara o curso... Outro

rebelde, esse Ivo que lhe dera tantas esperanças e depois tantos desgostos, esse Ivo que hoje parecia ter chafurdado inteiramente nos mais tristes pantanais do pecado carnal. E como ele, pelos mesmos motivos que ele, tantos, tantos... Amauri Antunes dobrava esquinas para não ter de lhe estender a mão. Por quê? Temeraria alguma alusão àquilo que só sabia através do segredo inviolável? Roberto Dutra jamais voltara ao confessionário para terminar a triste confissão sacrílega que interrompera tão insensatamente. Teria esquecido? Teria começado a compreender? Estaria a caminho de perdoar a infelicidade de certas palavras mal escolhidas? Próximo, igualmente perdido na mesma região amaldiçoada, Oscar, o Oscarzinho de tantos recitativos sensacionais, entristecia-o, humilhava-o pela crueldade humana: sem maior interesse do que o de passar o tempo, péssimos companheiros o tinham levado para a torrente e lá ficara, sozinho, tendo renegado no espaço de alguns meses tudo o que constituía a riqueza de uma infância excepcionalmente privilegiada. Outro de infância privilegiada, aquele Branco Barros, amigo de Ivo e de Carlos Eduardo, corajoso e nobre, adversário implacável de tantas causas do demônio, atravessava no entanto dias negros, dias dos mais perigosos apesar de todas as aparências. Aonde não o levaria aquela sua obsessão contra a carne, aquele orgulho de intocado? Mas, por certo não seria dele o apelo — ainda era cedo... Nem de Olívio Santos, que se afastara por completo da religião há tantos anos. Nem de Celso Amaral, que, passando de um extremo a outro, deixara o “carolismo” que tantos ridicularizavam nos tempos de colégio, pela mais desenfreada campanha antirreligiosa nos bancos da Academia. Outros nomes vinham à lembrança, casos diversos, mais ou menos complexos. Mas, nenhum se impunha. Quem, então? Quem seria?... Das almas daqueles adolescentes que conhecera ao longo de anos e anos de esforço e sacrifício, Padre Luís passou, depois, para outras que igualmente vinham buscar orientação, penitência e consolo junto a seu confessionário. Estaria entre elas a alma em perigo imediato? Reviu diversas, reviu casos gritantes, constrangedores, de homens e mulheres que não tinham paz no coração porque eram escravos de um senhor cuja lei era a destruição de todos por todos. Logo de início, o de Ernesto Pilar, seu amigo de infância e colega de seminário, de onde saíra um belo dia por impossibilidade de dobrar seu orgulho às regras mínimas da humildade. Conservara durante vários anos uma conduta irrepreensível, mas a fé fora se indo aos poucos e depois de tê-lo abandonado como confessor, eis que ainda pouco tempo antes lhe segredara, no decorrer de uma conversa íntima: descobrira enfim o mundo, o mundo “glorioso”, como dizia, o mundo “repleto de prazeres inesgotáveis e enlouquecedores”. Acabara com todos os antigos escrúpulos e, tendo em vista o exemplo dos outros homens, também queria aproveitar a vida enquanto tivesse forças para isso e dinheiro

para gastar — infelizmente muito pouco... Jamais voltaria a uma igreja, “aos túmulos da alegria”. Também afastada por um surdo rancor dos benefícios da religião, aquela Ângela que ainda vinha a ser sua parenta pelo lado materno e que, num legítimo movimento de loucura, deixara tempos antes marido e filho para seguir o rapazola junto de quem julgara encontrar seu verdadeiro destino. Os meses tinham corrido, Ângela descobrira sem dificuldades o erro cometido. Viera procurá-lo: arrependida, dilacerada, enfim clarividente. Sua vida já estava, porém, irremediavelmente estragada e não se conformava mais em viver sem o filho, sem a paz e a felicidade do antigo lar, de onde o rigorismo da família do marido insistia em proscrevê-la. Apesar de todos os seus esforços por fortificar e desenvolver nela o núcleo de fé que vinha da infância e nenhuma concessão pecaminosa conseguira abalar, era evidente que a tentação do desespero não lhe concedia períodos longos de descanso. Teria soado a hora do abandono final? A onda de ressentimento contra Deus, contra o mundo, contra ela própria, teria submergido tudo? Como Ângela, igualmente perseguida pelo remorso, pela tristeza de ter sido fraca um dia, aquela outra mulher casada cujo nome ignorava e que vinha sempre a ele na esperança de receber de sua boca o auxílio necessário para ter coragem de romper a ligação que tanto a humilhava: numa casa onde o marido, cego de confiança, amava-a loucamente, ela o enganava com um inexpressivo aproveitador de ocasiões fáceis que ainda tinha contra si o fato de ser amigo e protegido do marido. Também nesse mesmo estado de luta contínua, de humilhação que a fraqueza da carne determina sem que o coração com isso se habitue ou capitule um só instante, revia agora a pequena e doce Matilde, cujos dezessete anos incompletos tinham ido cair nas mãos de um namorado sem escrúpulos, um meninote de rodas depravadas que dia a dia fora vencendo suas resistências até levá-la às mais baixas capitulações das matinês de cinema. Matilde chorava no confessionário, Matilde prometia, Matilde se esforçava. Contudo em todas as horas decisivas, era a mesma cera mole onde mãos ferozes, mãos de algoz a quem a vida ainda não deu razões de queixa, mãos vorazes, mãos criminosas, deixavam impressões martirizantes. E tudo parecia caminhar aceleradamente para o abismo da aceitação definitiva, como se já não fosse mais possível deter tanta fraqueza e tão grande desespero de ser fraca. Caso triste, quase tão triste mesmo como o de um velho professor de matemáticas que o viera procurar depois de ter recorrido em vão a inúmeros confessores. Uma vida inteira correta, grande austeridade até mesmo na mocidade. Casamento cedo e viuvez precoce. Depois, uma sucessão de dias insípidos e normais. Mas eis que, de repente, como se na vida não houvesse segurança, proteção possível, seus sentidos já cansados se tinham desregrado e ele começara a se prevalecer da intimidade que estabelecia com os alunos. A princípio, tudo se passara

discretamente. Quisera sua má sorte que um menino, o mais despudorado dos seres humanos que conhecia, visando lucro, abrisse diante dele possibilidades com que não contava. Se não soubesse resistir, também não curvava a cabeça. Se era homem, também tinha em si, vivo, o sangue de Cristo. Aquilo não era ele. Era, nele, alguma coisa que o vencera e tiranizava. Devia lutar. E queria lutar. Todavia, também para ele, a ocasião tinha forças, encantamentos a que não podia fugir. Baqueava fragorosamente. E no dia seguinte, no segredo do confessional, arrependimento, recriminações, bons propósitos e desânimo se revezavam assustadoramente. Terminaria no hospício o pobre velho Professor Souza? Ou, antes, um doloroso escândalo arrastaria seu nome para a mortal humilhação das notícias da seção dos jornais? Como esses, muitos outros casos desfilarão diante dos olhos semicerrados do Padre Luís. E nessa impressionante sucessão de misérias, de adultérios tristes que levavam ao desespero de movimentos secos de orgulho ou de egoísmo que impeliam à renegação de Deus, de covardias em instantes insignificantes que comprometiam existências inteiras, nem mesmo o caso mesquinho de Eulália Paiva ficou na sombra. Por certo, não se demorou muito nele, como se nada receasse daquele lado, mas não deixou de rever subitamente evocados do fundo nevoento da memória as figuras imprecisas e tranquilas de um rapaz e de uma moça que tinham perdido a confiança no futuro e a quem, provavelmente, ninguém tinha sabido falar do Crucificado em termos que o fizessem compreender e amar... Aliás, pensava com tristeza, poucos, muito poucos sabiam falar do Crucificado. Parecia mesmo uma prova divina aquela constante insuficiência dos homens, diminuindo-O quando falavam Dele, comprometendo suas palavras quando se serviam Delas. Quem diria que eram as palavras de Deus? O mundo estava atolado naquela desgraça: as palavras de Jesus ditas e ouvidas como se fossem as de um outro ser qualquer, rei ou filósofo, grande ou pequeno, chefe ou escravo. No entanto, as palavras do Senhor do mundo, quem não as ouvia, quem não as sabia de cor, quem não as seguia meticulosa, religiosamente?... A indistinção era aterradora, apocalíptica a inversão dos valores. E por toda parte os homens morriam porque não sabiam mais ouvir, compreender, distinguir o essencial do não essencial, a eternidade a conquistar do momento que vem e vai passar...

•

O bilhete de Eulália veio como um traço de fogo que partisse do fundo das trevas para atingir a luz do dia em pleno coração do Padre Luís. Acabava ele de sair da Capela e já se encaminhava para falar com Padre Martinho, havia já alguns meses novo reitor do Colégio, quando o Irmão Gaspar aparecera trazendo um bilhete que vinha de lhe ser

entregue em mão por um portador da casa dos Paiva.

Simples, lacônica, a mensagem não deixava no entanto dúvida alguma: Armando agonizava em desespero, depois de ter atentado contra a vida. Estava muito fraco, quase inconsciente, mas ainda era possível que se arrependesse da loucura praticada. E era dele, Padre Luís, que ela, Eulália, esperava a misericórdia desse supremo auxílio.

Emocionado até as lágrimas, releu e tornou a ler as palavras de Eulália. Não diziam grande coisa. Eram, porém, mais do que suficientes para que compreendesse o que sucedera. Sentia-se, como poucas vezes na vida, compenetrado da importância para o seu destino dos momentos que estava vivendo e, mais ainda, dos que vivera naquela manhã. Tudo adquirira sentido, profundidade. Talvez Armando Paiva não o tivesse chamado diretamente — e o bilhete de Eulália deixava pouca margem àquela suposição —, mas fora sua voz que ouvira, que vinha ouvindo desde horas antes. Inegavelmente. Sim, aquele gemido, aquele estertor que chegara até ele, viera de um ser humano em imediato perigo de vida. Uma alma atormentada pela ameaça de se perder a todo instante, dirigira-se a ele. Pelo menos, era para ele que recorriam agora, depois de todos aqueles apelos vagos e caóticos que o tinham feito sofrer tanto pelo esforço inútil de torná-los mais precisos, identificáveis... Foi de relativo alívio a sensação imediata de Padre Luís — enquanto, por outro lado, seu corpo se agitava desnorteadamente com as providências a tomar para poder acorrer logo ao apelo de Eulália. Pelo menos — pensava ele indo e vindo pelos corredores do Colégio —, sabia agora de que se tratava, sabia quem era a alma em derrocada. Não era a de Ivo, nem a de Sérgio Vilar, nem a de Oscarzinho, nem a de Ângela, nem a de Matilde, nem nenhuma das outras em que tão angustiadamente pensara. Era a de Armando Paiva. Podia pois ir a ela. Poderia ampará-la. Podia talvez chegar ainda a tempo para demover Armando do seu erro irremediável, repetindo-lhe, até que se curvasse diante da evidência, as palavras supremas do Cristo: “Eu sou o caminho e a verdade e a vida”. Podia atingi-lo no mais profundo da sua chaga, fazendo-o vibrar uma última vez, convencê-lo, arrancá-lo às garras da morte eterna. Podia abrir-lhe o livro da verdade, bem grande, aberto, bem escancarado diante dos olhos e, livrando-o do domínio traiçoeiro do grande inimigo, trazê-lo à esperança, à paz, à verdade, à ressurreição, à única vida. Podia salvá-lo.

Sim, aquele Armando Paiva que ele, pessoalmente, não conhecia, podia ser tudo — um rebelde, um doente, um louco, um enganado de todos e de tudo — mas, de qualquer modo, era alguém junto de quem ia poder chegar, a quem abençoaria. Alguém a quem provavelmente poderia falar algum tempo e diante de quem, na pior das hipóteses, lhe seria facultada

a possibilidade de fazer oscilar longamente o crucifixo que levava consigo como a suprema e irremovível esperança. Não era mais um vulto informe perdido no vago do espaço desconhecido. Deixara de ser um grito na névoa, um gesto impreciso, um som confuso, o imponderável de uma intuição — fosse ela forte, o mais forte possível —, para tomar a forma humana de um ser em desespero no palpável de um leito de agonia. Sim, agora, alguém o esperava e esse alguém tinha corpo, tinha nome, tinha história, tinha alma, chamava-se Armando Paiva. E tinha de comparecer diante de Deus dentro de poucas horas, de minutos talvez... Que mais precisava para ir a ele, para empreender a tentativa de salvação da sua alma em perigo?... Pelas poucas palavras elucidativas do bilhete, compreendera logo: tratava-se de um caso decidido. Nenhuma esperança de salvar o doente. Recusava-se ele próprio a viver. Assim, se o corpo cedera, traindo, fugindo à lei dos que foram destinados ao sofrimento, também a alma, cedo ferida de morte pelo envenenamento de uma vida vivida em pleno pecado, deixara-se arrastar, escrava da terrível fascinação. E o resultado ali estava: aquele desastre, aquele leito de agonia... De qualquer modo, porém, o caminho estava traçado diante dele. Claro, era só segui-lo. As dificuldades pouco importavam. Insignificantes o esforço a empreender, os obstáculos a vencer, os instantes de angústia a atravessar, se se cogitava de poupar a uma alma a danação eterna. E mesmo que tudo conspirasse contra o transcurso normal da sua missão junto a Armando, não ficava ainda aberta a ele, padre, a possibilidade de recorrer à promessa divina do milagre?...

•

Foi exatamente nesse instante crucial da sua meditação que se sentiu ferido pela certeza de que a participação naquele caso representava um passo decisivo para sua vida. Em poucos segundos, pôde realizar que todos aqueles problemas que viera se colocando durante meses e meses como que se tinham vindo sintetizar naquele único: a necessidade de salvar Armando.

Nos últimos tempos sobretudo, principalmente depois da noite em que o novo reitor o chamara ao seu quarto para lhe abrir os olhos sobre seu estado, uma imensa angústia se apoderara dele. Por mais que tivesse se esforçado por não ver, antes, agora era impossível manter os olhos fechados: dons especiais lhe tinham sido conferidos sobre as almas, dons muito particulares de atração, de penetração no mistério das consciências, de perfeita compreensão das mais delicadas sutilezas próprias de sensibilidades complexas e em nada predispostas à confiança e ao abandono. Não eram poucos os seres que vinham a ele ninguém sabia de onde nem por quê, alguns espontaneamente, outros forçados

pela insistência de terceiros, uns se entregando à sua discricção desde os primeiros instantes de contato, outros recalcitrantes, negaceando, fugindo até o momento do completo abandono. Todos eles sensíveis à sua palavra simples e amiga, à sua capacidade de compreender de relance tudo o que não se tem coragem de explicar, ao seu misterioso dom de inspirar confiança ali onde a maioria dos confessores habitualmente malograva. Por isso, certamente por isso é que as almas que vinham a ele eram, em geral, ou almas de meninos que a vida ainda não tocara definitivamente ou de criaturas miseráveis que o procuravam já de volta de inúmeros confessionários onde nada tinha sido possível fazer por elas... Inegavelmente, um dom muito especial, um sinal inconfundível que era preciso respeitar e diante do qual devia se inclinar em humildade de coração, por maior que fosse o perigo, a responsabilidade a carregar consigo. Mas a consciência desse privilégio nada seria — assegurara Padre Luís ao reitor com os olhos cheios de lágrimas —, se não houvesse, acompanhando-a, a certeza do fracasso final na grande maioria dos casos. Era sempre um insucesso determinado, em que havia qualquer coisa de muito estranho, pois, sem poder se responsabilizar por nenhum erro fundamental, sentia-se culpado, eminentemente culpado. Por quê, não sabia, não podia explicar. Tudo como se o perseguisse uma maldição qualquer, um destino adverso que o atirava por terra sempre que era preciso triunfar. Saía derrotado. Porque, nesses casos difíceis, quem vencía, invariavelmente, era o Senhor do mundo.

Não vinha de hoje aquela obsessão. Talvez mesmo datasse, na sua forma mais nítida, de anos antes, dos dias que se tinham seguido à confissão sacrílega, à última e interrompida confissão de Roberto Dutra. O caso de Ivo Freitas ainda estava quente em sua memória e logo tinha vindo aquele, pior ainda, mais desanimador. E tinham vindo outros, muitos outros, tremendos. Ainda naquele momento, que ameaça não começava a pairar sobre os alunos do quinto ano ginasial que, sob a evidente chefia de Heitor Torres, sintetizavam tudo o que até então encontrara de melhor em matéria de “espírito da terra”? Mas esses eram (ou, ainda eram...) exceções, representantes de uma nova geração que surgira ante seus olhos e na qual queria pensar, de tal modo temia que lhe trouxesse desilusões irremediáveis, como aquela provocada, meses antes, pela morte prematura de Carlos Eduardo Freitas... Os Ivos, os Sérgio, os Antônio, os Robertos, é que contavam. Sua ação junto a almas como as deles é que o impressionava. Tinha podido medir, dia a dia, a extensão da sua força sobre essas almas. Vira-a imensa, vira-a em todo o seu esplendor e depois, às vezes lenta, às vezes subitamente, decaindo, desaparecendo por completo. Inútil sua insistência, vão todos os novos recursos de que lançara mão. O que parecia absolutamente

inevitável tinha lugar e ficava-lhe apenas o irrisório consolo de não poder se culpar conscientemente de nenhuma falha de vulto.

Que sucedia com ele? De cada vez, sua esperança era imensa, como imenso seu esforço. No entanto, onde estavam, onde iam ter, os seres que recorriam a ele? Onde estava Ivo? Por que a confissão de Roberto Dutra perdurava inacabada? Que ser humano viveria em maior desalento do que Ângela? Que força deteria Sérgio Vilar na sua marcha para o abismo? Onde Matilde conseguiria firmeza para limitar de uma vez por todas a ação devastadora do seu miserável namorado? Como conseguiria o velho Professor Souza expulsar de dentro de si aquilo que ele próprio reconhecia não ser verdadeiramente ele, nele, mas alguma coisa de muito mais forte do que ele, a governá-lo?... Sua intervenção em todos aqueles casos e em muitos outros que não era mais o momento de evocar tinha redundado em malogro ou estava já tão a caminho disso que, salvo direta intervenção divina, não era honesto se iludir sobre as soluções finais. Fracassos totais, fracassos que o deixavam desarvorado, sem compreender a verdadeira natureza da sua estranha vocação. Era um destino? Ou era um esforço insuficiente? De onde vinha tanta promessa, tanta esperança, se era para terminar invariavelmente naquele mesmo mar de desgostos? A conversa com o reitor tivera lugar num dia de grande desânimo e Padre Luís não escondera nenhuma das suas dúvidas, daquelas pequenas incertezas em que vivia e eram fonte de uma incerteza maior que o perseguia sempre que a oração não absorvia seu espírito. Debalde o reitor tentara convencê-lo de que devia se resignar, confiar mais nos desígnios da Providência, aceitando-os sem discutir tanto e sem querer esmiuçar demais a natureza da tarefa que lhe fora confiada. Muito experiente, um velho “santo e grande” (no dizer do Professor Mendes), Padre Martinho falara muito, dissera diversas coisas que tinham vindo em seu auxílio. Se não lograra trazê-lo à paz de espírito em que ele próprio vivia há tantos anos, o inegável é que lhe dera novas forças para continuar em sua luta diária com a coragem dos melhores dias. Contudo, manda a verdade que se diga que algumas de suas palavras, pelo simples fato de virem iluminar, ainda que involuntariamente, recantos de um mundo de angústia que talvez tivesse sido preferível deixar em esquecimento, longe de lhe trazerem serenidade, tinham-no inquietado fundamente. E em nenhum momento mais do que quando vira fulminada a sua pobre imagem dos anjos de pedra com uma citação dos Evangelhos que jamais retivera sua atenção por mais de alguns minutos.

Falando sobre a impossibilidade em que se via, em muitas ocasiões, de tornar a atingir em cheio a alma de certos meninos que, meses, dias antes, ainda tremiam de emoção ao ouvi-lo tocar em certos assuntos, referir-se a determinados sentimentos, implorar-lhes a recusa a certas

complacências ou à simples ideia de determinados pecados, dissera: “Eu os sinto como se subitamente se transformassem diante de mim em anjos de pedra. Impossível emocioná-los mais. Muitas vezes, padre reitor, eu sei, eu sinto que a pureza inicial continua intocada, mas sucede perfeitamente como se não me ouvissem mais... Torna-se inútil continuar a falar”.

Do fundo dos seus olhos claros e sinceros, Padre Martinho sorria, pensara um pouco e não tardara em objetar com sua voz grave e sempre carregada de emoção: “Meu filho, ainda uma vez os Santos Evangelhos aí estão para responder à sua dúvida. Por que não os consultar mais? Por que não os ler sempre, sempre, incessantemente? Eles têm tudo, o alimento para todos os instantes que passam, a resposta para todas as dúvidas que surgem... Eu o vejo, meu filho, lendo, estudando até altas horas da noite, tantos livros de filósofos, de homens de ciência... São tão, tão inúteis!...”. Interrompera-o, lembrando no mais respeitoso dos tons que não ignorava nada daquilo, mas era visível que sua interrupção proviera da ansiedade em que estava de saber qual a palavra dos Evangelhos que se aplicava ao seu caso. O reitor não hesitara em prosseguir, já agora mais próximo da sua indulgência costumeira: “A palavra não é de Jesus, mas de São João Batista. Você se lembra quando ele, querendo confundir o orgulho dos fariseus e dos saduceus, lhes adverte que não se ufanem de ser filhos de Abraão porque poderoso é Deus para fazer nascer, das pedras que eles estão vendo no caminho, filhos a Abraão? Está se lembrando agora do texto de São Mateus... ‘porque eu vos digo que poderoso é Deus para fazer com que nasçam dessas pedras filhos a Abraão’? Pois bem, reflita no silêncio do seu quarto sobre essas pedras que podem se animar, produzir homens, só pela vontade de Deus... Reflita, porque também os seus anjos de pedra podem se animar, tornar a ouvir suas palavras, voltar a seguir seus conselhos. Ou será que Deus não é bastante poderoso para isso, para fazer não importa o quê? É só insistir, confiar. Bater à porta, esperar, sacudir mais... Porque há, meu filho, há uma palavra divina que é maior que toda a ciência dos homens e que diz: ‘Pedi e recebereis’. Como não se lembrar dela a todo instante? Como, se não temos regra mais segura, mais infalível, para o nosso apostolado para a nossa própria vida? Afinal, quem sabe, esses anjos de pedra podem ser bem mais sensíveis do que supomos...”.

•

Agora, encaminhando-se para a casa dos Paiva, não tinha mais a menor dúvida: era para tentar animar um desses anjos de pedra que fora chamado. Ainda uma vez, mais uma vez, seu dom ia ser posto à prova. Teria chegado o momento da recompensa para tantos e tão grandes

esforços? Seria o sinal tão ansiosamente esperado? De qualquer modo, sentia, sabia que não podia fracassar em sua missão. Era o seu próprio equilíbrio que estava em jogo. Não havia mais como fugir à provação, a ocasião que se lhe apresentava de se lançar por inteiro à tarefa que lhe fora conferida de um modo tão significativo. Não podia hesitar e, muito menos, ser precavido, pusilânime. Tinha de assumir certas responsabilidades, por mais perigosas que fossem. Qualquer compromisso hábil, esperto, equivaleria a uma fuga. Seria certamente uma dúvida que depois, caso fosse malsucedido em sua empresa, iria servir de elemento de convicção para condená-lo. Não poderia mais se considerar isento de culpa, como nos outros casos. Teria de admitir ele próprio sua responsabilidade. E nessa hipótese, nem queria pensar. Que seria dele, da sua paz de espírito? Assim, tinha o caminho traçado diante de si: ir e salvar Armando. Por maior que fosse a resistência oposta. Não podia voltar para o Colégio com mais um insucesso sobre os ombros. Tinha de tentar, de insistir, de arrancar o agonizante das garras da morte — isto é: da verdadeira, da única morte... Fosse como fosse, era preciso triunfar, não permitir que o grande inimigo, o espírito das trevas, tivesse mais aquela vitória.

Se seu dom realmente existia, se não vivera enganado até então, esforçando-se em vão por utilizar para o serviço de Deus sua faculdade de penetrar fundo nas almas em aflição, era agora o instante de o saber, de maneira que pudesse restabelecer uma confiança de certo modo abalada por reveses fragorosos. Só assim poderia continuar a lutar, a carregar com serenidade a pesada cruz que lhe tinha sido imposta — provavelmente como uma prova de particular estima, de eleição, como tão dramaticamente lhe assegurara Padre Martinho.

Armando seria sensível às suas palavras? Armando estaria em estado de escutá-lo? Não importava indagar. Por enquanto, bastava estabelecer que, fosse como fosse, tinha de ir até ele e pregar-lhe o Crucificado como a esperança que não podia abandonar. Por palavras, por gestos apenas... de qualquer forma que fosse. Bastava a Cruz diante dos olhos do agonizante. Bastava a presença divina naquele supremo instante.

Sim, já ao se aproximar da casa dos Paiva, Padre Luís o pressentia: era ao milagre que ia ter de recorrer. E ainda que não formulasse claramente o problema, só pela angústia que se apossara dele era fácil adivinhar que estava disposto a empenhar tudo para vencer. Lançar-se-ia em pleno campo do sobrenatural e apelaria para o milagre com a insistência de quem não faz mais do que reclamar um direito seu. Podia caminhar nervosamente, com o coração cheio de ansiedade. Podia parecer dominado pelo demônio da hesitação. Todavia, como não adivinhar nos seus olhos de predestinado ao sofrimento, ao sudário das crises de

consciência, aos rigores da vida mística, a força da grande arma que levava consigo e a que nenhum raciocínio sábio e nenhum poder humano o dissuadiriam mais de recorrer?...

II

primeira surpresa de Padre Luís ao penetrar em casa dos Paiva foi o ar de absoluto aniquilamento das pessoas com que deparou. Esperava encontrar uma família devastada pela dor, ainda em pleno descontrole da reação inicial ao gesto louco de Armando, mas a realidade excedeu todas as suas expectativas. É que, apesar das considerações razoáveis que viera tecendo pelo caminho, a imagem que no íntimo se fazia dos principais personagens daquele drama ainda era mais ou menos a mesma que as palavras de Eulália tinham determinado nele quando, meses antes, lhes demarcara as figuras no decurso de duas longas e espaçadas confissões: um Coronel Paiva intransigente, rude, egoísta, incapaz de deixar transparecer o menor sentimento que tivesse interesse em ocultar, uma Dona Laura fútil, leviana, despreocupada, delirantemente inclinada sobre si mesma, e ela própria, Eulália, apresentada sob o mais desfavorável dos ângulos: uma “beata” limitada e incompreensiva, uma máquina cega de fazer julgamentos e condenar sem apelo, guiada apenas pela letra dos códigos de moral.

De então para cá, sabia bem, tudo mudara. Ruíra de repente, e do modo mais calamitoso, todo o equilíbrio que Eulália tentava sustentar. Inapelavelmente, a asa da morte viera arrasar os planos e as esperanças dos Paiva de dominar Armando. Mais ainda: se Armando, depois de atentar contra a existência, agonizava sem esconder que tudo acabara para ele, desejando talvez a morte como um alívio, devia certamente haver naquela casa quem (com ou sem razão, não importava...) se considerasse responsável ou, pelo menos, com uma grande parte da culpa naquele desastre, segundo todas as probabilidades humanas, irremediável. Ele próprio advertira Eulália, quando da sua última confissão, do perigo que existia em se levar a atos de desespero criaturas como aquelas cujos perfis lhes tinham sido desenhados.

Mesmo assim, ao se dirigir para a casa de Armando naquela manhã, Padre Luís não logrou compor a figura dos Paiva que iria encontrar. E foi talvez por isso que estacou de surpresa, logo à porta, quando reconheceu, ao lado de Eulália, um casal que não podia deixar de ser o constituído pelos pais de Armando. Por certo, insisto, esperava

encontrá-los esmagados pelo golpe sofrido. Mas, naquele homem e naquela mulher, não reconhecia de modo algum os vultos evocados por Eulália. E Eulália ela própria, como identificá-la, uma vez aberta a boca, ditas as primeiras palavras? Mais que todos, o Coronel Paiva o surpreendia. Então, era aquela a força cega e brutal que desencadeara tantas desgraças? Ao invés da figura rígida de um pai intratável, infinitamente distante e incapaz de falar aos filhos de coração aberto a linguagem da confiança e do amor, ali estava o vulto incerto de um velho de fisionomia decomposta pelo medo e pela dúvida, um vulto trêmulo que lhe estendeu com hesitação uma mão gelada de quase morto. Era aquele o famoso Coronel Paiva cuja má fama já viera uma vez bater de encontro à palhinha do seu confessionário e de cuja triste atitude ele mesmo tinha sido inteirado pelas duas confissões de Eulália, tempos antes? Era aquele o ser que ideara forte, decidido, capaz dos cálculos mais frios e dos mais desapiedados atos de egoísmo? Puro sonho, ilusão apenas mantida graças à permanente distância, ao completo desconhecimento da verdadeira natureza daquela criatura cujo esfacelamento era um fato mais do que consumado. Tratava-se de um fraco, unicamente de um fraco. Já estaria devorado de remorsos? Até onde não iria ser levado, naquele caminho? Positivamente demolido e sem reservas morais de espécie alguma, não teria forças para reagir e atravessar a tormenta. Seria impelido, atirado fora e jamais ressurgiria, pelo menos como sempre fora, como diziam que sempre tinha sido... Contemplando-o naquele aniquilamento transparente, gritante, Padre Luís refletia que, na verdade, o Coronel Paiva não era senão um fraco. E mais uma vez se via levado a meditar melancolicamente sobre o perigo tremendo que representava para o mundo a existência dos seres covardes, dos caracteres sem consistência. Havia os maus, sem dúvida. Muito temíveis, é claro. Mas talvez não fosse deles que proviessem os maiores males. E, sim, dos fracos, dos pusilânimes, dos que não sabiam querer o bem. Muitos já tinham constatado essa verdade, porém não havia como não se inclinar mais uma vez, e com renovada emoção, diante de um exemplo tão impressionante. O Coronel Paiva gostava do filho e talvez não fosse um mau pai. Contudo, não chegava a ser um homem... Ao seu lado, muito próxima agora, quase amiga, no entanto em nada humilde e discreta naqueles instantes de suprema aflição, Dona Laura, antes de mais nada, inspirava pena. E quanto mais a olhava, mais se apiedava dela. E de tanto insistir, acabou por compreender o motivo especial daquele sentimento tão vivo que o acometera de súbito: Dona Laura se lhe afigurava naquele momento, mais do que a imagem de uma mãe em sofrimento, uma personificação humana do desespero. Invencivelmente se lembrou de uma estátua grega, familiar aos livros de arte antiga e que sempre o impressionara de um modo particular — uma mãe que perdera a derradeira esperança de salvar o último dos seus

filhos... Retivera-a na memória desde a mocidade como uma imagem do abandono pagão, da dor animal que nada limita e nada pode consolar, que só poderá terminar com o esquecimento, com a morte, com o completo aniquilamento. Do mundo cristão ainda por vir, da promessa feita a todos indistintamente, da invencível confiança, da ponte lançada sobre o abismo, nem a mais leve indicação ou suspeita. Agonia e desespero. Maldição de um destino. Apenas asfixia, asfixia de qualquer esperança.

Ora, era assim, exatamente assim, que lhe aparecia a figura desarvorada de Dona Laura. Sem dúvida, Armando ainda estava vivo. Eis, porém, que ela já o considerava morto e se rebelava contra o golpe que a viera ferir antes mesmo de estar consumado. Mãe e filho, que estranha força de derrocada os animava? Seria que Dona Laura não acreditava em Deus, no seu poder? Ou, vencida pelo remorso, pelo amargor de não ter podido ou sabido evitar a catástrofe, teria perdido o controle de gestos e pensamentos? Como ao marido, faltava-lhe evidentemente qualquer coisa de humano, de plenamente humano... A contemplação daquele casal que parecia ter sido amaldiçoado fazia-lhe mal. Por isso, sob o primeiro pretexto plausível, preferiu se isolar com Eulália, já que não aparecia mais ninguém da família. Seria inteirado de certos detalhes do acontecimento que ainda desconhecia, enquanto esperava a saída do Doutor Graça do quarto de Armando, onde já estava há algum tempo.

“Assim era bem melhor”, pensava Padre Luís. Antes descansar um pouco os olhos no sofrimento de Eulália, na dor bem mais humana daquela pobre alma em dúvida, em pleno desassossego do desabrochar de uma crise de consciência. Ali, pelo menos, havia o que fazer, tranquilizar alguém, restituir-lhe, tanto quanto possível, a paz roubada. Afinal, que culpa tivera, que culpa podia ter? Jamais agira por mal, jamais o faria. Era uma pobre alma, e nada mais. Inspirava pena, somente pena, naquela sua cegueira de querer ajudar a Deus, trabalhar pela sua maior glória de um modo ativo, intenso, sem no entanto ter sido escolhida para isso... Perigo tremendo, ousadia que podia acarretar as mais tristes consequências. Aliás, estava arrasada. E, exatamente como acontecera às outras pessoas da casa, também do seu coração pareciam ter fugido em debandada, como aves espantadas, os últimos sinais da esperança. Que havia com todos aqueles Paiva? Seria que ninguém daquela família acreditava, realmente, em Deus? Por que todo aquele abandono? Seria que para eles Armando já estava morto e morto sem possibilidade de redenção, de ressurgimento para a verdadeira Existência?...

As palavras de Eulália esclarecendo-o sobre o caso de Armando só fizeram confirmá-lo na ideia com que viera: as dificuldades a vencer seriam tremendas. E até mesmo para penetrar no quarto do agonizante, pois, segundo assegurava Eulália, o Doutor Graça a isso certamente iria se opor.

O estado de Armando era o mais desesperador possível. De há muito não reconhecia ninguém e parecia incapaz de qualquer movimento consciente. Dera provas disso poucos momentos antes. Depois de uma longa luta, Dona Laura resolvera mandar chamar Vanda. Seu motivo, confessava, era um só: vendo-a, talvez Armando se animasse, tornasse a querer viver. E a vida de Armando valia qualquer sacrifício, todas as humilhações. O Doutor Graça relutara, alegando a extrema fraqueza do doente, o perigo de um choque por demais violento, mas acabara cedendo. Tinham ido chamar Vanda às pressas. A moça entrara no quarto de Armando se contendo, preparada por uma hábil conversa para exhibir todos os sinais de arrependimento e desejo de recomeçarem a vida juntos. Diante do aspecto do agonizante, não pudera no entanto conter a crise de choro. Caíra aos pés do leito, quase desfalecida. Mesmo assim, o rapaz não tivera a menor reação. Apático, inconsciente, preso à vida ninguém sabia por que misterioso fio... Vanda não permanecera muito tempo junto a ele. Apesar de tudo, o Doutor Graça recebera um súbito choque. Armando podia se reanimar inesperadamente e deparar com aquele espetáculo acabrunhante. Era perigoso. O susto podia ser fatal. E não obstante não haver mais esperanças de salvar o doente, ele, como médico, tinha que tomar todas as precauções, tentando o possível para prolongar aquela vida que lhe tinha sido entregue.

Assim — raciocinava Padre Luís ouvindo as palavras chorosas de Eulália —, as dificuldades se multiplicavam. Além da oposição do médico, que era quase certo se fizesse sentir de um modo positivo, o estado de inconsciência de Armando vinha trabalhar contra o bom êxito de sua missão. Tudo o que se sabia era que os últimos movimentos conscientes do moribundo tinham sido de renegação da existência: recusara remédios, fugira com o olhar aos gestos dramáticos de Dona Laura, ficando indiferente às suas promessas de não mais interferir em sua vida. Que concluir, senão que continuava a querer morrer, que marchava cegamente para a morte, desejando o abismo, já quase tragado por ele? Ainda poderia ter momentos de consciência e então, arrepender-se, confessar por um gesto, um olhar, todo o seu erro, reclamando seu direito de participar da vida eterna? De qualquer modo, em vez de ficar discutindo possibilidades, convinha se apressar, tentar agir. O resto viria depois. A necessidade de salvar Armando, e de salvá-lo quanto antes, devia primar sobre todas as outras considerações. Então, por que continuar a esperar tão pacientemente pelo bel-prazer

daquele Doutor Graça que, de comum, tão pouca confiança lhe inspirava?...
•

Padre Luís ainda não terminara sua pergunta, já Leopoldo Graça estava diante dele. De onde surgira, como chegara até tão perto sem que o notasse, não sabia explicar. Entrara sorrateiramente? Distração sua? Fosse como fosse, o fato é que ali estava e, visivelmente, com a intenção de lhe falar.

Leopoldo Graça — o já então famoso clínico Leopoldo Graça, professor da Faculdade de Medicina e membro de um sem número de sociedades de renome, homem culto e fino, sempre muito bem-vestido e com fama de ser bastante rico, Padre Luís bem o conhecia. Jamais lhe apertara a mão; contudo, não só era um vulto notório, como não tinham sido poucas as vezes em que o vira, alto e magro, nas festas do Colégio São Luís de Gonzaga, no tempo em que João Graça fazia os estudos ginasiais. Frequentemente, sobretudo nos primeiros anos, o filho lhe falara do pai em termos de ardente e desmedida admiração. Repetia-lhe inúmeras opiniões suas, conselhos de toda espécie, notadamente os que se relacionavam com problemas morais e religiosos. Alguns deles, jamais Padre Luís os esquecera, jamais os esqueceria. Leopoldo Graça se proclamava católico — “católico tolerante, católico esclarecido”, como dizia, ufanando-se muitas vezes de ser “anticlerical e progressista”... Sobre o filho, então adolescente e ávido de quaisquer certezas que resistissem galhardamente aos choques e atropelos da vida quotidiana, sua influência fora decisiva. Aos poucos, a irreligião do menino encontrara na falsa religião do pai todos os argumentos de que precisara para se armar e, consciente ou inconscientemente, acabara de destruir em muitos dos seus colegas os mais puros germes de fé. (Lembrava-se especialmente da sua tremenda influência sobre Ivo Freitas naquele ano... E como esquecê-la!). Ora, acontecia que a natureza de João, em si, não era má. Pelo contrário. Podia assegurar mesmo: caráter, retidão, sinceridade, coração, nada disso lhe faltava... Já o pai lhe parecia bem diferente. Nunca quisera julgá-lo em definitivo, porque lhe faltavam certos elementos, mas tinha sobre seu caráter dúvidas que acreditava irremovíveis. Sabia-o mau marido. Havia quem afirmasse sobre ele coisas graves no tocante à existência de uma ligação que o ia absorvendo cada dia mais violentamente. Falavam mesmo em filhos ilegítimos. Exagero? Má vontade? Padre Luís não se inclinava por uma excessiva indulgência no seu julgamento. Era inegável, entretanto, que Leopoldo Graça tinha inimigos e não dos mais amenos. Podiam estar caluniando-o intencionalmente. Além disso, o grande clínico tinha a possibilidade de invocar a seu favor muitos testemunhos autorizados, colhendo-os onde

quisesse, tanto em meios religiosos como em qualquer outra parte. Dentre os homens de projeção, era um dos mais bem vistos no momento. Sua fama, do ponto de vista profissional, vinha aumentando constantemente. Mesmo os que faziam restrições ao seu modo de entender a religião — e em geral não se insistia muito sobre esse detalhe —, eram unânimes em louvar seus invulgares méritos clínicos. A maioria o considerava um cético, o que fazia com que o achassem mais inteligente e mais vivido do que os outros homens.

Apresentado por Eulália, o Doutor Graça não tardou em explicar o que o movia vindo ao encontro de Padre Luís. Era católico e compreendia bem a ansiedade com que aquela família, tão rudemente posta à prova naquela eventualidade, esperava a chegada de um sacerdote amigo, trazido até ali para empreender a tentativa da salvação *in extremis*, seguida da Extrema-Unção. Ninguém mais entusiasta do que ele daquele último consolo que só a Igreja Católica podia dar aos que iam deixar aquele mundo cheio de sofrimento e violência. Já chegara mesmo a aconselhá-lo em mais de uma circunstância. Portanto, sentia-se perfeitamente à vontade para dizer que, naquele caso particular, considerava não só inútil, como até mesmo desaconselhável, a presença de um padre junto ao agonizante. Jazia de todo inconsciente e, desgraçadamente, não restava nenhuma esperança de salvá-lo.

Foi quando, não se podendo mais conter, Padre Luís o interrompeu:

— Razão demais, doutor. Razão demais.

— Como assim? — indagou o médico surpreso.

— Não compreendo...

— Se não há mais nenhuma esperança — e eu nem aí posso estar de inteiro acordo com o senhor, pois só Deus sabe quando... — ...Claro, claro!... Eu dizia: humanamente falando...

— Então — prosseguiu o padre com firmeza —, é preciso não tardar mais e tentar salvar quanto antes essa alma em perigo.

A discussão apenas se esboçava. Contudo, já era evidente que iria longe. Desde as primeiras palavras, as posições estavam definitivamente tomadas. Uma hostilidade evidente se declarara. Eulália a sentiu tão bem que não soube esconder sua aflição. Trêmula, sem achar onde pôr as mãos, olhava ora um ora outro à espera de um socorro divino para resolver o impasse. Seria que o Doutor Graça não ia permitir que aquele padre, tão afamado pela sua compreensão das almas, fosse amparar o pobre Armando agonizante? Seria que o iam deixar morrer em estado de pecado mortal? Pessoalmente, não se dera bem, tempos antes,

consultando Padre Luís. Mas, se todos o diziam tão extraordinário, sobretudo em casos difíceis, em problemas de almas complexas como aquela, por que não tentar? Notando o mal-estar de Eulália e adivinhando-lhe mais ou menos os motivos, o Doutor Graça tentou dominar a situação e convencer de pronto aquele impertinente que parecia disposto a teimar. Foi tirando o *pince-nez* e levantando ligeiramente o tom da voz que respondeu:

— Tudo isso estaria perfeito, se ainda nos restasse uma possibilidade qualquer de atingir a consciência do rapaz. Mas, como lhe disse há pouco, não há mais vislumbre de comunicação entre o nosso mundo e o dele. Ainda não faz uma hora, pessoa que lhe era muito próxima, motivo mesmo, como o senhor deve saber, de toda essa calamidade sucedida...

— Eu sei — atalhou Padre Luís.

— Ele não a reconheceu.

— Pois então!... — triunfou o Doutor Graça, recolocando o *pince-nez*.

— Enquanto houver vida, doutor...

— Vida? Apenas... um fio de vida, muito leve, muito vago, que vai se apagando, se esvaindo aos poucos.

— É vida, de qualquer modo...

— Se se quiser chamar assim... Eulália se agitou, demais talvez para a importância do momento. E o padre teve de se dominar para não se tornar impolido com o grande clínico ao lembrar:

— De qualquer modo, doutor, a cada momento que passa, tornam-se menores as nossas probabilidades de êxito favorável. Por que demorar mais? Não seria preferível... Apesar de não ter havido nenhum movimento de corpo significativo por parte do padre, Leopoldo Graça sentiu que a sua resolução estava tomada e era inútil se opor com palavras a que penetrasse no quarto de Armando. Datou daí o crescendo da sua irritação naquela conversa tão fundamental para o destino de ambos? Talvez seja arriscado afirmar que sim. O indubitável, porém, é que, com um sorriso de mal disfarçada ironia, o Doutor Graça falou:

— O senhor insiste, padre?...

— Sem a menor dúvida.

— Lastimo, mas a responsabilidade do caso é minha...

— Doutor Graça, eu sou padre e vim aqui a chamado.

— Padre, se o senhor é padre, eu sou médico.

— Certo. Certo. Mas, não foi o senhor mesmo quem acabou de declarar que, humanamente, nada mais resta a fazer ou a esperar? Assim sendo... Fixando Eulália e interiormente sorrindo do seu nervosismo crescente, Leopoldo Graça hesitou alguns segundos como se estivesse procurando descobrir se por acaso não caíra, sem perceber, numa armadilha. Depois, com autoridade, observou:

— A bem dizer, meu receio é de que a brusca e inesperada aparição de um padre (de uma batina, compreende o senhor), venha apressar o fim do meu paciente. Eu conheço bastante essas reações, esses sustos... Padre Luís sorriu e voltando-se para Eulália, julgou triunfar:

— Se o rapaz está inconsciente e é inteiramente inútil que eu tente salvá-lo, como vai ele me ver, se assustar, reagir à minha presença?... Percebendo a contradição em que o Doutor Graça caíra, Eulália o fixou, esperando a capitulação final. Contrariado, irritado com aquela insistência absurda, o médico não demorou em contra-atacar.

— Padre, por favor, raciocine um pouco. Se ele não pode mais lhe ver, se assustar, reagir, então não há necessidade do senhor ir procurá-lo... A não ser para uma rápida bênção *in extremis*... mas, para isso, ainda há tempo. E não creio que, nesse momento, isso satisfaça o seu zelo, o seu, aliás, muito justo zelo...

— Por força, doutor. Não serei eu a lhe esconder: meu interesse fundamental, junto ao leito desse rapaz, é outro. Vou tentar fazer tudo quanto me for possível para atingir sua consciência, para chamá-lo a si, para despertá-lo desse sono de pecado e de morte em que se deixou envolver...

— Nesse caso...

— Nesse caso?

— Volto à minha posição inicial. Junto a ele, nós ambos nada mais temos a fazer.

Não foi sem impertinência no tom que Padre Luís falou:

— Há uma diferença, Doutor Graça...

— Qual é ela?

— É que nós não dispomos das mesmas forças.

— Talvez... Mas, não atinei bem...

— Ali onde os seus recursos terminam, os meus não terminam. Os

meus são diferentes, vão além.

— Além? Como assim? Não compreendo.

— Doutor Graça, o senhor não é, não se diz católico? Não crê em Deus, em forças sobrenaturais?... Antes de responder, Leopoldo Graça titubeou. Que dizer? Seria mesmo, poder-se-ia considerar católico? Ainda tinha esse direito, depois de tudo o que sucedera naquelas últimas semanas, depois daquela crise por que passara e do caminho que finalmente escolhera? Bastavam aquelas vagas simpatias que ainda tinha, aquelas reminiscências guardadas do tempo da infância? Não era mais honesto dizer que não era mais católico, pôr suas palavras de acordo com sua vida, com seu pensamento real? Para que conservar aquele rótulo de católico? Hoje, já nem mais valor de utilidade oferecia. Confessando o estado de quase absoluto ceticismo a que chegara, subiria no conceito de muitos amigos e colegas. E não poucos o elogiariam por ter enfim “aberto os olhos”... Sem falar nos que, do ponto de vista moral, admirariam sua coragem de renunciar àquele cômodo anteparo para as irregularidades da sua vida sentimental. Quem mantinha, como ele agora, duas famílias e pretendia continuar assim enquanto fosse possível, não tinha o direito de se proclamar católico. É verdade — pensava Leopoldo Graça com o coração cheio de dúvida — que nem todos saberiam interpretar seu gesto de lealdade e coragem. Para aquele padre fanático, por exemplo, jamais passaria de um libertino. E era tão impolido, tão inábil, que não seria surpresa vê-lo se arrogar ali mesmo o direito de censurá-lo. Assim, era muito preferível silenciar, continuar com a útil política da dissimulação. E instantaneamente as palavras lhe vieram aos lábios:

— Claro que creio! E não é necessário lembrar o que Deus pode fazer num caso desses...

— Então...

— Uma coisa é crer, padre, outra permitir que se provoque um abalo num doente já nesse estado.

— Se o estado...

— Seria loucura! — atalhou o Doutor Graça como se não estivesse disposto a ouvir nem mais uma palavra àquele respeito.

Padre Luís compreendeu: era inútil tentar convencer aquele homem. Teimara, teimara, trancara-se naquela invencível obstinação e dela, agora, ninguém o conseguiria demover. Que havia por detrás daquela teimosia? Algum motivo sério, desconhecido por todos? Simples preconceito de falso cientista? Inabalável ou, apenas, momentâneo? Em

qualquer caso, o prejuízo era grande, tanto maior quanto os minutos estavam passando e a cada segundo sua missão se tornava mais difícil. Por isso e porque aquela alma precisava ser salva custasse o que custasse, não se conteve mais e com plena consciência dos perigos que ia correr, resolveu avançar:

— Doutor Graça, em outras circunstâncias, talvez eu não insistisse. Mas as condições em que o ato infeliz desse rapaz se realizou são de tal natureza, tão especiais...

— De acordo, mas... — ...tão imperativas mesmo, que me sinto na obrigação de lhe confessar com toda a sinceridade: nenhuma força me deterá.

Padre Luís falara com uma firmeza que não deixava dúvida sobre sua decisão. E a agitação vitoriosa de Eulália fora tão sintomática que o Doutor Graça não pudera senão indagar:

— Como não?!...

— Força alguma, doutor. Eu fui chamado.

— Chamado?... Sim, o senhor foi chamado por pessoas da família, por certo muito bem intencionadas, porém mal informadas acerca do estado real do...

— Perdão, doutor — interrompeu o padre com autoridade.

— É verdade que fui chamado por pessoas da família. Até mesmo, como o senhor deve saber, por Dona Eulália, aqui presente.

— Realmente... — confirmou Eulália com voz trêmula, incapaz de acrescentar mais nada.

— Assim sendo — prosseguiu o padre —, eu me inclinaria diante da vontade, da vontade “esclarecida” dessas pessoas da família, se só tivesse sido chamado por elas, dadas as circunstâncias que todos nós conhecemos... Houve um momento de suspensão geral, mas a surpresa de Eulália e a do Doutor Graça permitiram a Padre Luís continuar sem demora:

— Durante toda a manhã de hoje, senti-me insistentemente chamado por alguém que parecia precisar de mim com urgência. E eis que, horas depois, estando ainda em plena angústia da busca de quem poderia ser essa criatura, me chega esse apelo concreto, irrecusável. Por isso, aqui estou e por isso digo: agora, nenhuma força humana me impedirá de tentar o que estiver ao meu alcance para salvar essa alma.

A emoção de Eulália fora grande ao ouvir as palavras estranhas de Padre Luís. Maior ainda, a indignação do Doutor Graça. Abismava-o, aquele padre. Era o que faltava, agora! Depois de mil impertinências tolas, lá vinha ele com vozes e visões, chamados misteriosos que não tinham sentido. Era um maluco, um fanático da pior espécie, aquele padre de aparência tão insignificante e tão descuidado no seu trajar, ainda que não fosse possível acusá-lo de falta de asseio, como a muitos outros. Convinha pô-lo no seu lugar e até mesmo podia ser perigoso deixá-lo entrar no quarto do moribundo. Veio-lhe à ideia fazer uma brincadeira e, não podendo resistir à tentação, falou:

— Ficando espírita, padre?... O protesto de Eulália foi cheio de indignação. O de Padre Luís veio apenas com um ar irônico:

— Não vejo nada de espiritismo nisso...

— Por força! — exclamou Eulália.

— Tão bem quanto eu — insistiu o padre no mesmo tom —, o senhor deve saber da existência de forças profundas que a alma humana traz consigo. Se me permite dizer, a mim que não sou cientista: nossa ignorância das leis que regem essas forças é que ainda é muito grande...

— Como de tudo mais... — desafiou Leopoldo Graça sorrindo para Padre Luís.

— Talvez...

— Certamente, padre.

— Como o senhor preferir. Mas nada disso importa aqui. Falando e discutindo questões secundárias, já perdemos muito tempo e um tempo precioso. Se o senhor me permite, eu vou logo... O gesto de partir foi esboçado, porém o Doutor Graça atalhou incontinenti:

— Perdão, eu não permito...

— Não? — ...eu apenas me inclino diante da sua resolução.

— Como preferir, doutor.

— Lembro porém: o senhor toma a si a responsabilidade...

— Doutor... tudo isso...

— Sim — insistiu Leopoldo Graça sem querer ouvir o que Padre Luís pretendia acrescentar —, a possibilidade de apressar de alguns quartos de hora, de algumas horas mesmo, a morte desse rapaz...

— Doutor, não quero recomeçar a discutir... o senhor foi peremptório

logo de início, quando condenou irremediavelmente seu paciente!

— Claro. Claro. Sem o que, fique certo, o senhor jamais conseguiria penetrar junto a ele. Se ainda houvesse alguma esperança!

— Mas como não há...

— Exatamente.

— ...Toda discussão é inútil. Eu assumo a responsabilidade que o senhor exige.

— Seja. Sua consciência... Foi impossível a Padre Luís esconder um movimento de mau humor. Em outra ocasião, por certo teria se dominado, sorrindo, tranquilizando a dúvida do grande clínico. Faltou-lhe calma, todavia, e foi com certa irritação que replicou:

— Doutor Graça, é da vida eterna desse rapaz que se trata...

— Eu sei.

— O que está em jogo, para ele, não é nenhuma bagatela. Não são duas horas a mais ou a menos para viver. É tudo, tudo... compreende?

— E então?

— Então, é que, enquanto se está jogando esse tudo, a vida eterna de uma criatura, nós não vamos ficar discutindo, regateando minutos de uma pobre e desesperançada agonia, vamos?

— Regateando não é bem o termo...

— Admitamos. O termo exato não importa. O que importa é que não posso demorar mais, qualquer que seja o motivo. Afinal, trata-se de uma leviandade, de aumentar ainda um risco que por si...

— Já é grande demais. Pura inutilidade, posso garantir.

— É o que vamos ver, doutor.

— Se assim for, só me restará lhe dar meus parabéns. A religião terá ido mais longe que a ciência.

Padre Luís pensou em responder ainda uma vez. Contudo, a intuição do perigo que Armando corria foi mais forte e as únicas palavras que pronunciou foram as de uma brusca despedida:

— Com licença. Sei perfeitamente o que estou fazendo.

Vendo-o sair, acompanhado por Eulália, Leopoldo Graça permaneceu imóvel durante alguns segundos, tomado da mais viva indignação. Não

compreendia. Não podia compreender. Afinal, quem era aquele padre? De que mosteiro encerrado na noite dos tempos saía ele com aquele seu fanatismo despropositado? Como era possível que ainda se encontrassem retardatários, monstros pré-históricos como aquele? Enfim, a verdade é que, se não existissem padres como aquele, se sempre não tivessem existido, não perduraria a intransigência do mundo, a violência nas instituições. Nem teria surgido a Inquisição na Idade Média. E de súbito, do fundo da memória, a certeza lhe veio: aquele padre era o mesmo de quem, em tempos, seu filho João costumava lhe falar. A princípio com algum entusiasmo, depois, na época dos primeiros raciocínios próprios, com certas reservas que se tinham transformado aos poucos em reprovação declarada. Ainda tinha lembrança de algumas das ideias discutidas: questões morais, sobretudo sexuais. O padre era intransigente. Certamente um homem perigoso, com a cabeça cheia de conceitos radicais, pouco claros e bastante antiquados. Assim chegasse em casa, iria interrogar o filho... Por certo — pensava Leopoldo Graça dominado pelo rancor e no início do mais perigoso dos caminhos que lhe seria dado seguir em toda a sua acidentada existência —, devia se tratar de um padre conhecido, talvez temido. Alguns dos prelados ilustres com quem tinha a honra de privar — e não eram poucos, podia assegurar ao sacerdote novato e presunçoso que o enfrentara com tanta suficiência, querendo provavelmente o humilhar — haveriam de possuir sobre ele indicações seguras, elucidativas. Não se estava diante de um padre comum, inofensivo. Convinha vigiá-lo. Solto, prosseguindo sem correção, sem o conselho moderador de homens de experiência e bom-senso, poderia se tornar perigoso. Sim, continuando a falar e a agir levemente, acabaria prejudicando o bom nome da Igreja Católica, infelizmente já tão comprometida naqueles últimos tempos pelo zelo excessivo, pelo exagero de alguns dos seus defensores, pelo fanatismo de tantos sacerdotes que pareciam se recusar a compreender e aceitar as contingências humanas, além de viver cegos e surdos aos inegáveis progressos da ciência e às ineludíveis exigências das consciências livres e sadias. De qualquer modo, Padre Luís podia ficar certo de uma coisa: aquilo não terminaria assim... Pessoalmente, não era rancoroso, mas também não era impunemente que lhe faziam frente daquela maneira, tentando diminuí-lo diante de terceiros, diante de clientes que o respeitavam e não se cansavam de lhe dar provas de amizade e de consideração sempre crescente.

Se aquele convencido pensava que a peça estava acabada, muito se enganava. Havia outros atos ainda. Havia o desfecho. Esperasse para ver quem ia sair vencedor.

III

i-los enfim um diante do outro, o padre com o crucifixo na mão e o menino louco que atentou contra a existência. Tudo se passou em alguns segundos e nem uma só palavra foi pronunciada: a porta se abriu lentamente, Renata se levantou da cadeira ao lado do leito do agonizante e, de cabeça baixa, os olhos fixando o chão, saiu em silêncio. Padre Luís entrou e parou a dois passos da cama, depositando sobre a mesa os santos óleos.

Estão assim um defronte do outro. E é um longo minuto de total imobilidade que transcorre. Não sei exatamente o que sucede então. Realizará o padre que está enfim de corpo inteiro debruçado sobre o abismo da provação, da santidade? Terá tido o moribundo a surpreendente intuição de que na sua prisão de angústia e desespero penetrou alguma coisa de bem mais forte do que toda a miséria humana — um raio de esperança que veio para tocá-lo no mais profundo de si mesmo, tentando demovê-lo da sua atitude de demissionário da vida? Sinto que ainda é muito cedo para tentar responder, para precisar. (De que armas, de que forças não dispõe o terrível Senhor do mundo?!...). A névoa que envolve todos esses terrenos estranhos onde confinam o humano e o divino, apresenta-se ainda por demais espessa ante meus olhos debilitados pela inútil e custosa contemplação diária de tantos brilhos efêmeros, de tanta beleza vazia e morta à verdadeira vida, para que possa recolher e fixar o que se passa ao certo nesse minuto de silêncio que sinto, no entanto, mergulhando bem fundo no seio da eternidade. O padre treme num movimento incontido, Armando corre os olhos semimortos de um extremo para outro do seu pobre horizonte. Vê alguma coisa? Reconhece a grande mancha preta da batina, imóvel diante dele? Sente o ponto brilhante do crucifixo de prata que está entre as mãos do sacerdote? Não faz um movimento, não dá um sinal que elucide. Mas o padre continua a tremer, agitado pelo horror da morte que está frente a ele, esperando o completo abandono, a submissão total da presa que escolheu. Começa a adivinhá-la poderosa demais, pelo menos naquele domínio que foi, é evidente, longamente preparado antes da ocupação final. Já terá sentido que ali naquele quarto há uma presença que é monstruosa e precisa ser vencida a qualquer preço, que alguém tem de ser expulso dali graças a uma força sobrenatural, quem sabe pela intercessão direta de Deus que identifica todas as figuras e reconhece todas as presenças?... Perdoem-me os que pensam saber tudo, mas ainda dessa vez não sei dizer ao certo. Sei é que, com o fim do momento de imobilidade, Padre Luís levanta sobre a cama de Armando o crucifixo e, num gesto rápido de quem teme o f luir exagerado do

tempo, benze-a com a segurança passada dos grandes exorcizadores.

Depois, sem saber bem por que, nem movido por que impulso, aproxima-se vagarosamente do leito e, de súbito, compreende o que aquele espetáculo condiciona. E a emoção o domina a tal ponto que se deixa cair de joelhos no chão, a cabeça contra o bordo da cama, os olhos lavados por um pranto violento como poucos terão sido vertidos pela sorte dos homens.

•

Não se passam muitos minutos antes que se erga e procure a cadeira deixada vaga com a saída de Renata. O corpo cai pesadamente, os braços pendem. Desanimado, o olhar vai procurar, no pálido-morto da face de Armando, dois olhos que deviam ter sido vivos e quentes, dois olhos que, pelo que lhe disseram, haviam amado perdidamente um mundo que não se cansara de se oferecer à sua insaciabilidade, ainda que não tivesse sabido corresponder ao seu apelo de felicidade.

A reação é pronta, quase instantânea. Anima-se, realiza que está perdendo em reflexões mais ou menos inúteis o mais precioso dos tempos. De um momento para outro, Armando pode morrer. Já o que resta dele é bem pouco, bem difícil de ser utilizado para os fins a que se propõe chegar. Assim, como arriscar ainda mais? Já é tempo de agir positivamente, de pronunciar as palavras salvadoras... Inclina-se sobre o rosto de Armando, tentando fixar-lhe o olhar, enquanto uma de suas mãos segura com firmeza a mão do doente. A pressão não é das mais fortes. Contudo, Armando se agita como se a estivesse sentindo e o olhar, antes imobilizado, corre várias vezes de um lado para o outro. Evidentemente, está longe, distante, perdido. E parece quase impossível fazê-lo voltar, chegar até mais perto, até bem junto. Por onde andaria velejando? Que estranha muralha, que cortina de névoa o separaria dos demais mortais? Não existiria nenhuma comunicação, nem a mais leve e dissimulada passagem entre um universo e o outro? O mundo de Armando já estaria definitivamente morto? Curvando-se mais ainda e aproximando a boca do ouvido esquerdo de Armando, murmura várias vezes: “Armando! Armando! Armando!...”. De cada vez recua o busto para ver na fisionomia do agonizante o efeito da tentativa. E a cada novo insucesso aumenta o tom da voz e cresce a angústia que o domina. Armando não responde. Armando não compreende. Armando não ouve. Armando não adivinha. Armando está praticamente morto... Não desanima. Renova cinco, dez, vinte vezes sua tentativa simples, primária. Insiste, torna-a um pouco mais complexa, falando nos dois nomes que sabe todo-poderosos para o ser que ousou atentar contra a vida, os dois nomes que devem pairar acima de tudo para quem existe, para quem

não está morto em vida: o nome da criatura amada e o nome de Deus — o nome de Vanda, a quem ele atribui o desencadear de todo aquele vendaval, e o nome de Jesus Cristo que, naturalmente, pode mudar a qualquer momento o sentido de toda aquela tragédia.

No entanto, Armando não se emociona, não se agita sequer. É como se estivesse se recusando a dar qualquer sinal de compreensão, de entendimento. Apenas os olhos divagam numa face completamente inerte. O próprio corpo não se anima, imerso no seu silêncio final.

O recurso do crucifixo de prata não tarda a vir à mente de Padre Luís. Aproximando-o, oscila-o nervosamente diante do olhar de Armando que, é evidente, não está vendo mais nada. Leva-o à boca sem calor, deixa-o repousar por um instante sobre a testa fria. Tudo é inútil. Como inútil também é voltar a passá-lo e repassá-lo diante do olhar perdido do agonizante. A inconsciência é total. “Imensa, disforme, perfeitamente diabólica”, pensa o padre com o coração sangrando. Que fazer? Como atingir aquele ser que já tem tudo de habitante do país das sombras e ainda vagueia, talvez esquecido, pelas regiões terrenas? Sim, sim, como acordar o anjo de pedra?... O tempo urge, os minutos voam e a morte chegará com qualquer um deles. No entanto, Armando não se move, não reage mais ao mundo que o matou. Enquanto continua a tentar despertá-lo, repetindo indefinidamente os meios de que pode lançar mão na sua ingrata missão, contempla-o mais uma vez na sua fraqueza, na sua infinita miséria, na sua irremovível debilidade de criatura particularmente marcada pela Queda...

•

Sim — pensava Padre Luís ao mesmo tempo que se desdobrava em esforços —, sim, onde andava toda aquela força de Armando, toda aquela incontável vontade de viver e de viver depressa, intensa, loucamente, que o fizera se precipitar de um modo insano contra o tempo, devorando-lhe as etapas normais, violando os princípios mais firmemente estabelecidos, comprometendo de uma forma estúpida, desnorteante, suas grandes possibilidades de viver uma existência tranquila e feliz junto à criatura eleita? Onde o menino ousado que se levantara contra todos, parentes e conhecidos, decidido a fazer a sua vontade, apenas e unicamente a sua vontade de animal revoltado? Era incrível, mas toda aquela indomabilidade acabara redundando naquele espetáculo de desastre, de impotência, de absoluta passividade frente aos ardis do grande tentador. De um grande surto de rebeldia, era tudo o que restava: um corpo espatifado, ainda vagamente percorrido por um sopro de vida que não podia durar muito. E mais nada.

No entanto, se aquilo representava o que sobrava daquela grande aventura, não era menos verdade que para aventuras semelhantes se sentia disposta, e certamente mesmo ansiosa, a grande maioria dos seres com que em virtude das funções que lhe tinham sido reservadas por Deus, era levado a manter um contato constante e dos mais vivos. Conhecia-as, essas criaturas ardentes, apaixonadas pela vida, aflitas por ver chegar em suas existências, no mais das vezes mesquinhas e tediosas, o momento supremo em que se viam solicitadas pelo destino para as batalhas fatais do amor e da paixão, do sentimento e da carne, para as irremediáveis calamidades que destruíam destinos e comprometiam gerações.

Sem dúvida, poucos dentre esses ansiosos pelo batismo da aventura chegavam àquele extremo a que Armando chegara. Bem poucos mesmo. Com a grande maioria sucedia que a natural covardia ou as forças da vida, ou mesmo a ação subterrânea do sangue cristão que lhes corria nas veias, eram bastante poderosas para afastá-los do abismo do desespero último. E isso, quaisquer que tivessem sido as desgraças sucedidas. Continuavam a viver e, no mais das vezes, nem lhes passava pela cabeça a ideia do suicídio. Mas, viviam como? Padre Luís bem o sabia: em pleno pecado, em plena miséria, enganando, mentindo, chafurdando diariamente no mais triste lamaçal. Do que os olhos e as mãos desejavam, conseguiam tudo. Tudo, tudo... menos, naturalmente, a felicidade. Renegavam os ideais. Esqueciam as promessas. Jesus Cristo, sacrificado, morto para salvá-los, nada significava aos seus olhos. Tudo falso, viciado: religiões de superfície e indiferenças procuradas, cultivadas, mimadas pelo mais consciente dos egoísmos. Um mundo inteiro vivendo longe do seu Deus, preocupado com tudo, com todas as futilidades humanas: — guerras, maldades, crimes de toda espécie, jogos, amores, ambições, vaidades, ciências, arte — menos com Ele, com sua Palavra, seu Sacrifício, sua Dádiva de Amor.

Esse mundo sem compreensão e sem amor, sem solidariedade humana de espécie alguma, era, na realidade, o universo em que Armando evoluíra. E fora esse mundo que se levantara contra ele para destroçá-lo sem piedade no espaço de algumas semanas. Padre Luís o julgava sem indulgência: tratava-se de um mundo burguês — isto é, segundo a palavra de um grande mestre do pensamento católico: de um mundo de “filhos do demônio” —, falso, hipócrita, contaminado até a alma e, sobretudo, egoísta, cruel, inumano, insensível ao sacrifício impiedoso das suas melhores criaturas. Preocupado com mil desgraças secundárias, com veleidades e sentimentalismos, obcecado pela paixão das guerras, dos discursos, dos manifestos em defesa da civilização em perigo, permanecia totalmente alheio à tragédia essencial que vivia e o ia transformando aos poucos num corpo inerte, num organismo

completamente morto e a caminho de todas as decomposições.

Sim — pensava o padre —, a burguesia, a filha predileta do Senhor do mundo, ali estava toda inteira naquele menino agonizante, ao mesmo tempo seu ser de eleição e sua vítima involuntária. Mais que tudo, caracterizavam-na a inconsciência, a ignorância, o desconhecimento das realidades fundamentais do mecanismo do universo em que evoluía. Podia sofrer muito, podia se dilacerar de dor quando era levada a tomar conhecimento de certos infortúnios, como aquele que ali se concretizara. Seria porém que, de algum modo, no mínimo que fosse, realizava a parte de culpa que recaía sobre seus próprios ombros? Mais ainda — e pior talvez —, mesmo consciente, mesmo arrependida, mesmo remorseada, mesmo desesperada, sempre lhe escapava a visão de um problema que era essencial, a chave sem dúvida da sua falsa posição: não via que estava vivendo uma tragédia e não um simples drama, como o comum das pessoas tanto gostava de proclamar... A diferença podia não ser grande, não passar de um formalismo de manuais elementares de literatura — o desenlace da tragédia implicando sempre morte e, no drama, apenas infelicidades, desgraças. Todavia, não eram os nomes tragédia e drama que importavam e, sim, os fatos que ficavam por detrás deles. Assim, sob o ângulo cristão, a burguesia vivia sob o signo do drama e não da tragédia. E isso não era uma questão de mero formalismo literário, primário ou não, mas uma questão vital, uma questão de salvação eterna, pois a ideia de drama, colocada com essa exclusividade, implicava necessariamente uma negação do sacrifício do Calvário.

Julgando que o estava apenas ensinando a “viver”, fazendo adquirir a indispensável experiência das coisas e das situações, a burguesia matava o indivíduo. Seus “dramas” não eram dramas e sim tragédias. Não adiantava não querer ver, fechar os olhos obstinadamente, infantilmente: ela própria não fazia senão viver uma imensa tragédia. Atravessava o seu ciclo histórico como se a vida de cada uma das suas criaturas fosse um drama, apenas um drama. Quase com a mentalidade de um colecionador, orgulhava-se de possuí-los, grandes e rumorosos dramas, tão variados e tão ricos, tão densos e tão plásticos, tão maleáveis pela mão privilegiada dos artistas, que compensava plenamente tudo o que de ruim pudesse provir deles. Via nas suas fraquezas, nas suas pequenas humilhações diárias, no adultério gritante dos casais, na infidelidade leviana dos que dão sua palavra e a ela faltam, na traição dos amigos, na perda de fé dos que não sabem se defender das aparências da vida, no abandono consciente da inocência por ocasião das festas da primeira mocidade, mil motivos estéticos de primeira grandeza. Descrevia-os até a exaustão. Cantava-os. Glorificava-os. E para terminar, proclamava-se humana, humaníssima, humaníssima, porque pecadora, muito

pecadora, inelutavelmente pecadora. Longe de procurar esconder suas misérias, vinha exibi-las nos proscênios para que melhor pudesse ficar patenteada sua triste sorte, sua sorte dramática. O drama condicionava tudo e ele próprio explicava e justificava tudo. Era um ciclo fechado e dentro dele, no desalento e na asfixia, a filha predileta do Príncipe deste mundo morria ao longo de dias de interminável abulia.

Realmente, a verdade era que, no decurso da existência, poucos, muito poucos permaneciam no ambiente do puro drama. A morte os rondava desde bem cedo e eram raros os que sabiam lhe resistir. Logo aos primeiros convites, embrenhavam-se pelos seus enganosos territórios e, cedendo vertiginosamente a um por um dos seus engodos, capitulavam total e definitivamente. E assim se estabelecia o clima da tragédia, estéril e inglória. Quantos não vira morrer de encontro à palhinha do seu confessionário? Hoje vivos, quentes ainda de ideais e de desejos de serem fortes e grandes, amanhã complacentes, conformados, lamentavelmente frios e vazios depois da aceitação da miséria comum... Como não ver? Como não perceber que a maioria dos seres que encontrava pelo mundo, agitando-se mecânica, desalmadamente, eram mortos — já eram mortos que arrastavam mentirosamente seus corpos ao longo de uma existência a que, na verdade, já tinham renunciado de há muito, quando das primeiras capitulações fundamentais ante o grande tentador? Como não sentir o cadáver quando a todo instante se esbarra com o autômato, com o ser vazio de alma? Inútil toda aquela agitação de duendes: a morte ali estava, senhora, rainha, devorando aos poucos todo um universo em agonia. Um caso ou mil casos, que importância podia ter — não era sempre a mesma coisa: seres que a vida ia matando aos poucos até o abandono final, o consentimento miserável, a aceitação da vida morta pela existência afora? E se uns eram desabusados, loucos, como aquele Armando que ali estava, para acabar com tudo logo de uma vez, não havia os outros, os que lutavam e se digladiavam para prolongar por anos e anos a morte que traziam tão bem acomodada dentro de si? E, àquele morticínio constante, alguém podia chamar de drama? Chamá-lo assim não era, de certo modo, colaborar com o demônio, colaborar na sua obra de destruição subterrânea? Portanto, o dever de um padre, mais de que o de qualquer outro homem, não era denunciar a tragédia que a burguesia vivia quase sem o sentir? Quanto mais Padre Luís se esforçava para provocar em Armando uma reação qualquer, mais lhe parecia evidente: se ali estava uma vítima — a vítima de uma época —, a verdade era que, nessa época, todos ou quase todos eram igualmente vítimas. Armando morria, e sem dúvida morria em consequência de mil erros, do seu tempo e da sua gente — mas, também, essa época, com todos os seus erros, agonizava com ele. Como não sentir essa agonia, esse lento esfacelamento de um mundo que fora coeso e cristão, grande e

forte? Como não lhe adivinhar as pulsações extenuadas, o sangue fraquíssimo, o andar vacilante? Os olhos estão abertos — pensa o padre em plena agitação — e, infelizmente, não é possível deixar de ver. O moribundo que tem diante de si talvez não se salve. Mas, e os outros? E o grande corpo agonizante do universo, chagado até a alma e à espera de que venham a ele para compreendê-lo e amá-lo, para empreender a grande obra da sua salvação, da sua redenção global? Por um momento a tentação aflora em Padre Luís. No entanto, ainda é cedo em seu fadário, tão cheio de imprevistos, para essa espécie de provação que virá mais tarde com o processar do seu surpreendente destino. O sentido da missão mais próxima termina por dominá-lo. A imagem do pequeno moribundo elimina a do grande agônico, e é com a mais completa das absorções que se inclina novamente sobre o corpo de Armando.

Por alguns minutos, parece-lhe inútil continuar a tentar. Tudo é debalde em seu esforço por despertar aquele anjo de pedra. As palavras de confiança de Padre Martinho não lhe saem da cabeça, mas, nesses instantes de momentâneo desânimo, não sabe onde buscar energia para prosseguir. Entretanto, é preciso não desanimar, insistir. A todo momento um raio de consciência pode surgir em Armando. E se ele, Padre Luís, estiver presente, atento, esperando sua aparição para logo oferecer a ponte do arrependimento, não estará tudo salvo, não terá conseguido seu objetivo? Tudo depende de um instante, de um movimento oportuno, de saber aproveitar a ocasião. Desde que penetrou naquele quarto é evidente que não tem outro problema diante de si. Na sua luta contra o grande inimigo, tem certeza de que Deus não deixará de lhe conceder uma oportunidade. Uma única, talvez. E é por isso que deve estar atento, velando até o fim, pronto como o animal que vai se lançar sobre a presa desprevenida.

Sem dúvidas, já abençoou Armando e pode assegurar que o hão de acompanhar, na sua última viagem, todas as orações e todos os socorros especiais de que a Igreja lança mão em casos extremos. Isso não lhe basta, porém. O que quer, é arrancar daquela alma de renegado um sinal de arrependimento, um gesto preciso de que voltou enfim à Igreja, à Comunidade de que tão violentamente quis se separar. Basta um sinal, um quase nada, mas quer sair dali com aquela certeza. Sente, pressente que não poderá viver sem isso. O anjo de pedra tem de ser acordado para que não haja dúvida sobre sua salvação e ele, Padre Luís, possa ter calma e confiança para continuar sua missão, para salvar outras almas. Porque não é apenas ele que necessita do gesto de solidariedade cristã de Armando. Há muitas outras almas que estão dependendo daquela alma. Por mais que o tenha querido, Armando não conseguiu se isolar dos outros homens, desprender-se da Comunidade. Estão todos com ele, rodeando-o, dependendo dele, pedindo, implorando. No mundo cristão

é impossível fugir à lei comum da interdependência. O mistério da solidariedade vem do sangue que corre em cada um de nós e não foi à toa que os grandes pensadores cristãos apoiaram tanto sobre a força incomensurável da reversibilidade.

•

Assim, quanto mais o padre pensa na urgência de salvar aquela alma em perigo, mais se obstina em provocar uma reação qualquer no moribundo. Fala-lhe em todos os tons, repete-lhe uma a uma as grandes palavras do Evangelho e das principais orações cristãs. Insiste nas mais conhecidas, esperando que alguma expressão mais forte ou mais característica consiga atingir as profundidades daquela consciência adormecida e, despertando velhas recordações de infância, produza enfim o resultado pelo qual tanto anseia.

Tudo em vão. E Padre Luís o sente tão vivamente que, por vezes, sua tentação é de segurar Armando nos braços e sacudi-lo indefinidamente, até que se manifeste nele um sinal qualquer de consciência. Talvez morra. Mas, quem sabe, não valerá a pena tentar? Que significarão mais alguns minutos de vida, se for para morrer com o estigma do pecado do desespero último a lhe barrar o caminho da salvação? E por vezes também, a inclinação do seu corpo sobre o de Armando, a paixão com que lhe fala aos ouvidos, a proximidade dos olhos de Armando a que leva o crucifixo, reúne-os de tal modo num todo só que dificilmente se poderá dizer se o padre não chega a sacudir o agonizante. A impressão visual, pelo menos, é de que este último está sofrendo uma pressão física que não pode deixar de influir, que tem de abreviar um pouco os instantes de vida que ainda lhe restam...

•

É num instante desses que Leopoldo Graça, abrindo a porta para pôr fim à visita do padre, depara com o estranho quadro. De sua boca não sai uma só palavra. Deixa-se ficar imóvel, contemplando apenas o que para ele não passa de um disparate, mera cena de bruxaria, prova repelente de um atraso mental que não julgava mais possível num século tão fundamente marcado pelos progressos da ciência. E, diante de Deus que é o único juiz, forçoso é reconhecer que, se ainda restavam vestígios de respeito pela religião naquele homem de ciência, a atitude de Padre Luís conseguiu eliminá-los definitivamente. O escândalo foi irremediável. Desde esse dia, nunca mais logrou dissociar a ideia de religião da ideia de superstição, incluindo num profundo desprezo intelectual tudo o que de perto ou de longe tinha relação com a Igreja Católica.

Diante dele, ainda que confusamente, via um padre desnordeado de emoção, trêmulo, banhado em suor, encarniçando-se sobre um pobre moribundo que não percebia mais nada e perdera até o direito de morrer tranquilo. Afinal, que queria aquele louco? Matar Armando ainda mais depressa? Por que se agitava tanto, falando, gesticulando ao acaso com o crucifixo na mão? Podia jurar que estava sacudindo o doente. Ter-lhe-ia espetado algum alfinete no corpo para ver se lhe provocava uma reação qualquer? De um doido daquela espécie, tudo era possível. Convinha vigiá-lo, tirá-lo logo dali. Iria denunciá-lo naquele instante mesmo ao Coronel Paiva, para poder mais facilmente afastá-lo de junto de Armando e, depois, a alguma autoridade eclesiástica. Assim fazendo, prestaria um grande serviço a todos porque era preciso tomar providências sérias contra aquele torcionário. A Idade Média passara. Convinha coibir abusos individuais de pobres retardatários, verdadeiros doentes mentais... Padre Luís não falava baixo e o Doutor Graça bem o podia ouvir quando gritava ao ouvido de Armando: “Creio em Deus Padre, todo poderoso. Creio no Espírito Santo. Creio na Igreja Católica. Creio na Ressurreição da Carne”. E repetia, mais alto ainda: “Creio em Deus Padre, todo poderoso. Creio no Espírito Santo. Creio na Igreja Católica. Creio na Ressurreição da Carne”. E tornava a repetir. E variava: “Eu sou a ressurreição e a vida”; “eu sou o caminho e a verdade e a vida”; “o que crê em mim tem a vida eterna”. E insistia, e gritava: “A vida eterna, a vida eterna, Armando!...”. E de mãos juntas, o crucifixo entre os dedos, bem vizinho do olhar de Armando, recitava com a emoção de alguém que estivesse chorando e, no entanto, com a voz perfeitamente clara: “Senhor meu Jesus Cristo, Deus e Homem verdadeiro, Criador e Redentor meu, por serdes vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado, e porque vos amo e estimo sobre todas as coisas, pesa-me, Senhor, de todo o meu coração de vos ter ofendido; pesa-me também por ter perdido o Céu e merecido o Inferno...”. O Ato de Contrição continuava, sempre no mesmo tom suplicante e o padre, ao terminá-lo, não descansava. Vendo que Armando permanecia alheio a tudo, encastelado na sua aparência de morte, agitava-se de novo, recorrendo a novas orações como algum mágico poderoso que tentasse se servir de palavras encantadas para descobrir o segredo da abertura de uma porta misteriosa.

Quanto tempo Leopoldo Graça teria permanecido perplexo ante aquela cena que parecia inconcebível à sua compreensão acanhada da realidade humana, não sei dizer. Aconteceu porém que, em dado momento, voltando-se de súbito, Padre Luís deparou com sua figura boquiaberta.

Nenhuma palavra foi pronunciada. Como se tivesse sido surpreendido numa situação equívoca, o padre recuou e endireitou-se na cadeira, já

agora pronto para defender a posição tomada contra qualquer intromissão indevida. E o médico não ousou senão fazer um gesto mais ou menos vago, misto de indignação e de impaciência pela prolongação absurda de uma tentativa em si perfeitamente ridícula.

Instantes depois, Leopoldo Graça fechava a porta, certo de que o padre não tardaria a acompanhá-lo espontaneamente, já que se vira surpreendido no seu ato de bruxaria. Todavia, muito ao contrário do que esperava, foi caindo de joelhos ao pé do leito de Armando que o “fanático” prosseguiu na sua luta contra o demônio do desespero.

•

Talvez seja mesmo inútil tentar — pensa Padre Luís de olhos fechados, a cabeça colada ao bordo da cama do agonizante. Diante dos seus olhos, vê, agora, apenas a grande mata iluminada de sua terra natal, em Minas, numa noite de luar. Parece-lhe estar olhando do alto do morro vizinho e ainda é a mesma angústia da infância, tantas vezes ressentida, que o persegue: o luar não conseguiu penetrar a mata inteira. Houve recantos misteriosos, estranhos, onde a sombra permaneceu senhora, única — aquelas manchas escuras e apavorantes, ricas de mistérios irrevelados, aquelas sombras, sinistras, inexpulsáveis, que sempre lhe pareceram semelhantes à alma humana onde o Cristo não elegeu morada.

A imagem se transforma, o pensamento divaga. Ali diante dele, naquela cama tão alva, tão pura, está um daqueles redutos de sombra que em vão o luar tenta iluminar de fora da mata. Será realmente uma região impenetrável à luz? Para tudo o que é humano, amor, glória, sofrimento, compreensão, esperança, está morto, definitiva e irremediavelmente acabado. Qualquer esforço se tornou inútil — uma mera repetição de um gesto vão. Praticamente, tudo agora tem de se passar além, numa região extra-humana e só a direta intervenção divina é capaz de salvar Armando. O terreno do milagre está delimitado. Por mais que intimamente tema aquela proximidade e por mais que se tenha vindo recusando a enfrentá-la (sentindo-a no entanto iminente, presente mesmo em certos momentos...), sabe que chegou enfim o momento culminante, o momento em que uma recusa a um apelo declarado ao milagre equivalerá a trair, a renegar, a fugir de uma vez por todas à sua missão. Seja como for, daquele quarto não poderá sair sem um sinal qualquer de que Armando se arrependeu e morreu na santa paz da Igreja. É preciso pedir o milagre e é preciso esperar pela realização do milagre. O anjo que tem diante de si é realmente de pedra e para despertá-lo, para arrancar-lhe um movimento de ser vivo, só mesmo a manifesta vontade de Deus, um ato preciso da sua Divina Misericórdia, do seu poder eterno que transforma as pedras do caminho em filhos de

Abraão... Está de joelhos, as mãos postas, a cabeça escondida no bordo da cama de Armando. Não o vê, não sabe sequer se ainda vive, se ainda pode, graças à intervenção divina, exteriorizar seu arrependimento. No entanto, pede e implora do mesmo modo, com a confiança dos que sabem que não podem deixar de ser atendidos. Armando não morrerá antes de dar uma prova concreta de que toda aquela luta não foi em vão. Deus lhe dará compreensão, Deus o iluminará, Deus lhe concederá forças para traduzir seu ato de esperança numa palavra cristã, num gesto que denote uma mudança em sua atitude insensata dos últimos momentos de consciência. Sim, basta que sobre o mesmo peito onde penetrou, desviada e traiçoeira, a bala desfechada pela hostilidade do mundo, um dedo dócil desenhe vagamente o sinal da Cruz. Que mais se poderá exigir de um agonizante? O mais leve movimento de arrependimento é suficiente. Um esboço de sinal, que seja... Ele o perceberá logo, certamente. E, com a mesma facilidade com que a criança repreendida, inquieta, cheia de um justo temor, adivinha no olhar da mãe carinhosa o primeiro lampejo do sorriso de indulgência que pressagia e precede o perdão final.

Agora, a confiança cresce, assume proporções alarmantes. Padre Luís se assusta, mas não recua. As mãos estão postas e, de súbito, o olhar banhado em lágrimas de esperança dirige-se para o alto. Lá está o teto do quarto, branco e mudo, irremediavelmente triste e pobre de consolo. Contudo, é como se estivesse na Capela do colégio, tendo diante de si, de braços abertos, o grande Cristo crucificado à sua espera para o supremo pedido, para o diálogo da salvação: “Senhor, eu não mereço a graça que vos peço, Senhor eu não sou digno, mas assim mesmo eu vos venho implorar, eu venho arrancar o movimento da vossa Divina Vontade que salvará essa alma. Não a deixeis morrer em desespero. Iluminai-a, trazei-a ao caminho da redenção. Operai o milagre, pois humanamente já não disponho mais de meios para agir...”.

As palavras se formaram imperiosamente no espírito do padre e ele as deixou, livres, simples, correndo pelos segundos afora com a espontaneidade de certos gestos que a vontade é incapaz de refrear. Agora, o apelo está feito e sabe que entrou deliberadamente no terreno incerto e perigoso do milagre, numa região onde, por força das circunstâncias, seu destino está e, desde então, será sempre jogado. Não treme, não vacila. Conscientemente, volta ao apelo e volta a formular as palavras fatais. Quer o milagre de Deus e, agora, só o milagre pode resolver o seu problema. Para acordar o anjo de pedra resta unicamente um caminho: Deus ele próprio vir tocá-lo com o dedo. E ele ali estará para presenciar o milagre e entoar imediatamente a ação de graças.

Os segundos passam, e cada vez mais velozes — pensa um Padre Luís

descontrolado, com os olhos fixos na face lívida de Armando. Os segundos passam e nada se altera na fisionomia do agonizante. Do mesmo modo, seus braços permanecem estendidos, duros, inermes. Ainda acabarão se movendo para que a mão direita desenhe sobre o peito ou sobre a testa o sinal regenerador? E aqueles lábios exangues, continuarão cerrados e imóveis, ou se abrirão enfim para pronunciar um “Jesus!” que será a salvação, o caminho e a vida? “Pedi e recebereis”... O milagre está ali para se realizar e ele está pedindo. Por que não esperar com confiança? Por que não ter certeza de que virá, de que acabará por vir, malgrado todas as dificuldades, todas as demoras, todas as aparências em contrário? Fracassar é que não é possível, agora que se lançou por inteiro na batalha e, do fundo do coração, pediu aquela graça. Talvez seu próprio destino, certamente o de inúmeras outras almas que se entregaram à sua direção espiritual, esteja sendo jogado naqueles instantes supremos. Deus não o poderá abandonar. Deus não o deixará voltar com a mais atroz das dúvidas a lhe torturar o espírito. Deus terá pena dele. Deus sabe o que o insucesso naquele caso vai representar para o prosseguimento da sua árdua caminhada. Deus compreende que não é vaidade nem orgulho o que o move. Deus sabe mesmo que não é apenas Armando, ou ele, Padre Luís, que estão em jogo. São outros, são muitos, é Ivo, é Ângela, é Oscar, é Roberto, é Sérgio, é Matilde, é Jorge, o Professor Souza, é Branco, são muitos, muitos, que dependem dele, de sua orientação espiritual, da confiança de que ainda disponha para continuar a luta. Não lhes trará a palavra de confiança de que precisam e a que têm direito? Voltará pobre e mudo ou apenas com a derrota para lhes entregar como o mais sedutor dos presentes? Só lhes poderá dizer que fracassou? E que fracassou porque não é essa a sua missão, nenhuma graça particular lhe tendo sido concedida por Deus? Os segundos continuam a passar, numerosos agora. Já são minutos, já se somam uns aos outros de um modo assustador. Padre Luís sente o tempo escoando, enquanto o olhar apavorado, fixo em Armando, nada vê que alivie a angústia que vai pelo coração. Quanto tempo, quantas horas terá de permanecer assim, pouco lhe importa. Ficará enquanto for necessário, enquanto puder. Nada mais conta, a não ser a salvação de Armando. Permanecerá de joelhos, pedindo, suplicando, até que Deus se volte para o moribundo e tenha pena dele.

De súbito, porém, a porta do quarto se abre e o padre divisa Eulália e o Doutor Graça, parados à soleira, murmurando. Era visível: o grande clínico resolvera intervir, não podendo mais tolerar o abuso da sua intromissão junto ao doente que a família Paiva lhe entregara. E Eulália hesitava, sem querer perturbar a ação do sacerdote de Deus junto ao seu sobrinho em risco de morte eterna.

Padre Luís avalia o perigo com rapidez. Leopoldo Graça parece decidido a agir energeticamente, escudado segundo todas as probabilidades em alguma renovação de autoridade arrancada ao desmoronamento moral do Coronel Paiva. Diante do seu sorriso irônico, explica: ainda não lançara mão, junto a Armando, do último recurso de que dispunha: a Extrema-Unção... E se não a administrara, é que tivera boas razões para isso: não o quisera fazer sob condição, e sim com a plena certeza de que Armando morria arrependido, no seio mesmo da Igreja a que pertencia desde o berço. Agora, porém, malogradas em aparência todas as tentativas, só lhe restava aquele caminho. E como dele ainda podia esperar muito, muitíssimo, tudo mesmo — até do ponto de vista físico —, era indispensável não tardar mais nem um segundo, deixando de lado qualquer outra preocupação.

A capitulação de Leopoldo Graça frente à vontade de Padre Luís, plenamente apoiado por Eulália, que viera representando a família Paiva, foi rápida e total, mas em nada despida de ironia. Como? Mais uma tentativa? Mais algumas inúteis alfinetadas? Então, a religião acabara não indo mais longe do que a ciência? Como fora aquilo?... Apesar do tom intencionalmente sarcástico, não obtivera senão uma resposta, a repetição do que o padre dissera logo de início: pedira e tornara a pedir o milagre, agora só cabia esperar por ele em plena confiança, com o coração perfeitamente tranquilo. Tudo o que fora possível, tentara. Restava agora orar pelo agonizante.

Leopoldo Graça ouvia Padre Luís falar e sorria, displicente. Era como se falassem duas línguas, como se, mesmo concordando, mesmo aliados, jamais pudessem se entender um ao outro.

IV

Extrema-Unção foi administrada a Armando sob condição e num ambiente de silêncio e expectativa. Tudo tendo sido rapidamente preparado por Eulália, que se improvisara em sacristão, seguindo pendores secretos de sua natureza; Padre Luís cruzou as mãos de Armando sobre o peito, colocando entre elas o crucifixo de prata e benzeu o doente como a indicar que acabava de dar início à cerimônia propriamente dita. A seu lado, junto da cama, ficou apenas Eulália, enquanto os demais membros da família Paiva

— à exceção de Elza que, tendo desmaiado horas antes, ao saber da

desgraça ocorrida, ainda permanecia de cama — recuavam até a parede, como que receosos da proximidade do sacramento. Também distante, colado à porta, Leopoldo Graça se deixou ficar, procurando um motivo plausível para a cena que acabara de presenciar. Roberto Dutra ia entrar no quarto quando, deparando com Padre Luís, tivera um movimento de recuo e, percebendo provavelmente que não tinha sido visto, afastara-se precipitadamente. Por que seria? Também não gostava daquele padre? Algum motivo sério?... Aliás, a curiosidade dominava Leopoldo Graça naquele instante. Tinha o olhar atentamente fixo em Armando. Nos seus lábios perdurava o mesmo sorriso irônico de antes, como se lhe estivesse sempre presente na memória a confissão que o padre fizera: ainda que nada tivesse conseguido, malgrado esforços ingentes, continuava a esperar com toda a confiança um gesto de arrependimento do moribundo, pois apelara para o milagre e sabia que seria atendido. Com o manual aberto entre as mãos, Padre Luís recitou em meia-voz umas rápidas orações preliminares para depois dizer, alteando o tom e aproximando-se um pouco mais da cama de Armando: “Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, cesse contra vós todo poder do demônio, pela imposição de nossas mãos e invocação de todos os santos anjos, arcanjos, patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, confessores, virgens. E todos os santos”. Eulália respondeu: “Assim seja”.

Em seguida, o padre tomou sobre a mesa os santos óleos e, curvando-se sobre Armando, fez-lhe as unções de praxe, primeiro sobre os olhos fechados, depois nos ouvidos, nas narinas, na boca, nas mãos e nos pés, pronunciando de cada vez a mesma fórmula consagrada: “Por esta santa unção vos perdoe o Senhor todas as faltas cometidas”. Também seguindo o costume, ao terminar, enxugou os dedos em miolo de pão e lavou as mãos na bacia que Eulália cuidadosamente preparara.

Houve um instante de silêncio absoluto. Depois, voltando a apanhar o manual, Padre Luís tornou a proferir algumas orações que terminaram por uma bênção especial concedendo indulgência plenária das penas acarretadas pelo pecado. Para a encomendação da alma de Armando, apanhou sobre a mesa uma vela benta e entregou-a a Eulália. Acendendo-a logo, aproximou-se novamente do leito de Armando e explicou que aquela vela tinha um sentido particular que não devia ser ignorado por ninguém naquele momento tão grave. Não era uma simples vela benta, mas um símbolo. E de grande importância. Lembrassem-se todos de que, na pia batismal, uma vela como aquela estivera iluminando o menino Armando que passava a fazer parte da Igreja, apontando-lhe o caminho da pureza que não devia abandonar. A vela deveria ter ficado sempre acesa, como as lâmpadas das virgens

prudentes estavam quando chegou o esposo, segundo o ensino da parábola do Evangelho. De qualquer forma, porém, no transe máximo da vida de Armando, ali estava uma vela benta para simbolizar o estado de graça a que deveria aspirar. Na primeira infância como no último instante, a Igreja estava a seu lado para protegê-lo e guiá-lo, como sempre ficava ao lado dos seus filhos, quaisquer que fossem seus pecados, seus crimes. Era ao pecado que odiava, não ao pecador. Estaria com Armando até o fim, como estivera desde o início... Foram a emoção de Eulália e o choro incontável de Silvinha que decidiram o padre a interromper sua explicação. Voltando ao manual, começou a ler com a voz transtornada a oração pelos agonizantes. No meio do silêncio geral, apenas perturbado, de quando em quando, por um soluço de Silvinha, as palavras ecoaram com uma força impressionante. Ainda o estouvou ouvindo, compartilhando da emoção com que lança seu apelo, talvez o derradeiro, porque as condições do doente a cada segundo são piores: “Senhor, tende piedade. Jesus Cristo, tende piedade. Senhor, tende piedade. Santa Maria, rogai por ele. Santos Anjos e Arcanjos, rogai por ele. Santo Abel, rogai por ele. Coro dos justos, rogai por ele. Santo Abraão, rogai por ele. São João Batista, rogai por ele. São José, rogai por ele. Todos os Santos Patriarcas e Profetas, rogai por ele. São Pedro, rogai por ele. São Paulo, rogai por ele. São João, rogai por ele. Todos os Santos Apóstolos e Evangelistas, rogai por ele. Todos os Discípulos do Senhor, rogai por ele. Todos os Santos Inocentes, rogai por ele. Santo Estêvão, rogai por ele. São Lourenço, rogai por ele. Todos os Santos Mártires, rogai por ele. São Silvestre, rogai por ele. São Gregório, rogai por ele. Santo Agostinho, rogai por ele. Todos os Santos Pontífices e Confessores, rogai por ele. São Bento, rogai por ele. São Francisco, rogai por ele. São Camilo, rogai por ele. São João de Deus, rogai por ele. Todos os Santos Monges e Eremitas, rogai por ele. Santa Madalena, rogai por ele. Santa Lúcia, rogai por ele. Todas as Santas Virgens e Viúvas, rogai por ele. Todos os santos e santas de Deus, intercedei por ele. Sede propício, perdoai-lhe, Senhor. Sede propício, livrai-o, Senhor. Da vossa cólera, livrai-o, Senhor. Do perigo da morte, livrai-o, Senhor. Da morte má, livrai-o, Senhor. Das penas do Inferno, livrai-o, Senhor. De todo o mal, livrai-o, Senhor. Do poder do demônio, livrai-o, Senhor. Pelo vosso Nascimento, livrai-o, Senhor. Pela vossa Cruz e Paixão, livrai-o, Senhor. Pela vossa Morte e Sepultura, livrai-o, Senhor. Pela vossa gloriosa Ressurreição, livrai-o, Senhor. Pela vossa admirável Ascensão, livrai-o, Senhor. Pela graça do Espírito Santo consolador, livrai-o, Senhor. No dia do juízo, livrai-o, Senhor. Nós pecadores, nós vos pedimos, ouvi-nos, Senhor. Para que lhe perdoeis, nós vos pedimos, ouvi-nos, Senhor. Senhor, tende piedade. Jesus Cristo, tende piedade. Senhor, tende piedade”.

Com o fim da oração, antes mesmo que Silvinha desatasse no pranto convulso que obrigou Renata a levá-la para fora do quarto, Armando se agitou um momento na cama, deixando cair de entre suas mãos o crucifixo. Houve um instante de incerteza e, enquanto Padre Luís sentiu crescer a esperança de estar sendo atendido na sua súplica, o Doutor Graça se aproximou, receando um desenlace fatal a qualquer momento. Um e outro se enganaram, pois tudo voltou logo ao estado anterior, Armando parecendo apenas ainda como menos vida do que inicialmente. Aproximando-se, o padre tornou a colocar o crucifixo entre as suas mãos e com a mesma segurança de antes, prosseguiu na leitura das orações consagradas pelo uso: “Parti, alma cristã, deste mundo, em nome de Deus Pai Onipotente que vos criou, em nome de Jesus Cristo, Filho de Deus vivo que padeceu por vós, em nome do Espírito Santo que desceu sobre vós, em nome da gloriosa Santa Mãe de Deus, a Virgem Maria, em nome dos Anjos e Arcanjos, em nome dos Tronos e Dominações, em nome dos Principados e Potestades, em nome dos Querubins e Serafins, em nome dos Patriarcas e Profetas, em nome dos Santos Apóstolos e Evangelistas, em nome dos Santos Mártires e Confessores, em nome das Santas Virgens e de todos os santos e santas de Deus. Que se estabeleça hoje em paz a vossa morada e habitação na santa Sião”.

Padre Luís se deteve e procurou Eulália com o olhar. Depois de uma rápida hesitação, Eulália respondeu: “Assim seja”. O padre continuou com uma nova oração, explicando que se tratava de um trecho de uma carta de São Pedro Damiano a um moribundo para encomendar sua alma a Deus. Repetia-a agora, certo do seu extraordinário poder, tendo em vista a salvação de Armando: “Encomendo-vos, caro irmão, a Deus Onipotente e confio-vos Àquele mesmo de quem sois criatura para que, depois de pagardes a dívida da morte, imposta ao gênero humano, volteis ao vosso Criador, que vos formou da terra...”. A oração prosseguia e, depois de lê-la por inteiro, Padre Luís, vendo que nenhuma modificação se produzia à sua volta, parou durante alguns segundos.

Não tardou a recommear, lendo uma série de invocações às quais Eulália respondia sempre com o mesmo pálido e desesperançado “Assim seja”.

Agora, o padre parecia disposto a não ir avante, talvez na esperança de que Armando se movesse, desse algum sinal de vida consciente. Foi, porém, adivinhando, por detrás dele, os gestos impacientes de Leopoldo Graça que resolveu continuar. Só então se fez ouvir o assoar de nariz de Dona Laura, cujo choro discreto se detivera subitamente assim o padre terminara de falar. Por seu lado, o Coronel Paiva deu dois passos para a frente, nervoso, ansioso por ver a cerimônia terminada. Contudo, Padre

Luís não se alterou. Retomando o manual no lugar da última interrupção, leu a oração que considerava uma das mais belas que conhecia e perfeitamente adequada à situação, não obstante sua parte final: “Em vossas mãos, Senhor, entregamos a alma de vosso servo Armando e vos pedimos, Jesus Cristo, Salvador do mundo, não negueis entrada na mansão dos vossos Patriarcas a esta alma, pela qual viestes ao mundo, movido pela vossa misericórdia. Reconhecei, Senhor, esta criatura vossa que não foi feita por deuses estranhos, mas sim por vós, único Deus vivo e verdadeiro, porque não há outro Deus, além de vós, nem há quem possa igualar as vossas obras. Enchei, Senhor, a sua alma de consolação em vossa presença e não vos recordeis de suas iniquidades passadas nem dos excessos a que a levaram o furor e a cegueira de suas paixões, porque, embora pecasse, não chegou todavia a renunciar a fé do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas antes foi crente e zelosa da honra de Deus e fielmente adorou o Criador de todas as coisas”.

O sorriso de incredulidade que se desenhava na face de Leopoldo Graça, Padre Luís não o viu. Nem mesmo pensou na sua possibilidade. Todavia, pelo “Assim seja” hesitante e trêmulo de Eulália, sentiu quanto era delicado o terreno em que a oração terminara e preferiu ler imediatamente outra, talvez menos chocante para aquela gente de pouca fé que julgava de tudo apenas pelas aparências. Com a mesma voz firme de sempre, falou: “Nós vos pedimos, Senhor, que esqueçais os pecados da sua juventude e os extravios da sua ignorância, e que, pela vossa infinita misericórdia vos recordeis dele lá nos esplendores da vossa glória. Abram-se-lhe as portas do Céu, alegrem-se com ele os Anjos, e vós, Senhor, recebei-o em vosso reino. Venha recebê-lo São Miguel, o Arcanjo de Deus que mereceu ser colocado à frente da milícia celeste. Todos os anjos de Deus venham ao seu encontro e o conduzam a Jerusalém Celeste. Acolha-o o Apóstolo São Pedro, a quem Deus confiou as chaves do reino celestial; assista-lhe o Apóstolo São Paulo, a quem o Senhor tornou um vaso de eleição; interceda por ele São João, o Apóstolo amado, a quem foram revelados os segredos celestiais. Roguem por ele todos os Santos Apóstolos, a quem o Senhor concedeu o poder de absolver ou reter os pecados; peçam por ele todos os santos e eleitos de Deus, que nesta vida padeceram pelo nome de Jesus Cristo para que, livre dos laços do corpo, mereça chegar à glória da celeste bem-aventurança, pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo: Quem com o Pai e o Espírito Santo vive e reina por todos os séculos dos séculos”.

Eulália proferiu um “Assim seja” que mal se ouviu, de tal modo a emoção lhe embargava a voz e o padre deu início a duas invocações especiais em que depositava a maior das confianças. Eram as últimas orações que lhe faltava dizer e por isso talvez, falou devagar, apoiado em cada uma das palavras: “Ó clementíssima Virgem Maria, Mãe de Deus e

doce consoladora dos atribulados, avós e a vosso Filho recomendamos a alma de seu servo Armando, a fim de que, mercê dessa maternal intervenção, não tema os terrores da morte, mas entre com alegria, sob vossa conduta, na mansão da pátria celeste”. Eulália completou: “Assim seja”. E Padre Luís começou: “Recorremos a vós, São José, padroeiro dos moribundos, a vós que Jesus e Maria assistiram com tanto cuidado no vosso bem-aventurado falecimento; por esse duplo penhor de amor, recomendamos encarecidamente a alma desse servo, Armando, nas dores da derradeira agonia, a fim de que, por vossa proteção seja libertada da morte eterna e mereça chegar aos eternos regozijos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo”.

A voz transtornada de Eulália murmurou um “Assim seja” que só Padre Luís conseguiu ouvir e Dona Laura irrompeu num longo pranto no ombro do Coronel Paiva. Então, o padre declarou que tudo o que podia fazer estava feito. Restava apenas sussurrar aos ouvidos do agonizante algumas invocações. De comum, era o próprio doente quem devia pronunciá-las, mas em casos como aquele, usava-se o próprio sacerdote, ou alguém que dele fizesse as vezes, inspirar-lhe os derradeiros movimentos para os quais devia orientar seu espírito. Sem esperar por mais nada, o padre se aproximou e curvando-se sobre a face de Armando disse por três vezes junto ao seu ouvido: “Jesus. Jesus. Jesus”. Depois, ajoelhando-se, pôs as mãos em atitude de prece e, sempre reclinado sobre o moribundo, foi lhe sugerindo aos poucos, e como se Armando o estivesse entendendo e seguindo, todas as invocações de que se lembrou no momento. As palavras saíam altas, gritantes e não havia como não se sentir atingido por aquele desejo, aquela paixão de ser ouvido e compreendido, correspondido de qualquer modo no seu apelo desesperado. Os presentes não as esqueceriam por muito tempo e eu mesmo, confesso, parece que as estou ouvindo, uma a uma caindo sobre o rosto lívido e inexpressivo de Armando: “Senhor, em vossas mãos entrego a minha alma”. “Senhor Jesus Cristo, recebei o meu espírito”. “Santa Maria, rogai por mim”. “Maria, mãe da graça, mãe de misericórdia, defendei-me contra o inimigo e recebei-me na hora de minha morte”. “Jesus, Maria, José, assisti-me na minha última agonia”. “Jesus, Maria, José, fazei que eu expire em vossa companhia”. “Meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração”. “Jesus, sede para mim Jesus e salvai-me...”.

•

Momentos depois, Padre Luís está sentado numa cadeira, no quarto contíguo ao de Armando, rodeado pelos membros da família Paiva

— Elza sempre ausente... Desde que, sob uma simples promessa de ser

chamado, caso sucedesse alguma coisa, atendera ao convite de Leopoldo Graça para sair, por alguns momentos, de junto do agonizante, um silêncio absoluto se estabelecera entre ele e os Paiva. Sua própria atitude inicial, misto de oração fervorosa e de meditação desarvorada, convidava àquele mutismo geral. Apenas de quando em quando, um soluço incontido, o assoar de um nariz ou o estalar de dedos de Luisito, vinham perturbar a tranquilidade da vigília.

E foi então que Armando lembrou Judas a Padre Luís. A associação era estranha, chocante, quase impiedosa, mas o padre soube não recuar diante dela. Evidentemente, o que os aproximara no seu pensamento não era a traição. Armando traía, sim, e sobre isso não havia a menor dúvida. (A lei de Deus existia e a ela ninguém podia fugir. E existia também a lei da solidariedade humana que não devia ser quebrada impunemente, sob pena de atirar a humanidade inteira no desespero, no irremissível desespero...). Contudo, o que aproximava Armando de Judas naquele instante, aos seus olhos, não era nenhuma semelhança de destino miserável: era o problema da salvação, era a possibilidade de esperá-la no instante final, fossem quais fossem as aparências, as palavras e os gestos dos últimos momentos... Realmente, Judas não teria se arrependido no derradeiro segundo, merecendo assim o perdão? Não teria acabado se salvando da danação eterna, ao contrário do que todos pensavam e escreviam? Apesar de certas palavras de Jesus, não haveria margem para essa possibilidade? Negando-a, os teólogos não se teriam deixado levar em suas especulações pelos sentimentos, pelo consenso geral, em prejuízo da razão, da subsistência de uma hipótese favorável?... Esses problemas tinham-no atormentado sempre. E, naqueles últimos tempos com mais insistência ainda. Por mais que lesse e estudasse os textos sacros, nada via de absolutamente definitivo a favor da tese unanimemente aceita. As próprias palavras de Padre Martinho, peçadas de experiência e conhecimento profundo do pensamento evangélico: “Jesus o amaldiçoou. Vamos ser nós a absolvê-lo?!” — não o tinham convencido. Todas as probabilidades eram contra Judas. Não obstante, sempre sobrava uma possibilidade, talvez a suprema garantia da esperança na terra: no último instante, já o corpo irremediavelmente condenado pelo gesto fatal, nessa fração de tempo infinitamente pequena que precede de um quase nada a eternidade, não teria tido um movimento de arrependimento, tardio para poupar o corpo, mas ainda a tempo para salvar a alma? Com isso não deixaria de ter sido o último dos homens e, realmente, “melhor fora que não tivesse nascido” (para isso bastava o ato praticado, a entrega do Filho de Deus), mas, não teria sido concedida à sua alma uma última oportunidade de fugir à danação eterna? Ora — pensava o padre recapitulando vertiginosamente toda a problemática da morte de Judas

—, se, mesmo no caso de Judas, restava uma esperança — e Judas era o limite humano do desespero —, o que dizer no caso de Armando?! Se podia haver um último instante para o grande condenado, se se podia pensar em frações de tempo infinitamente pequenas à beira da eternidade, suficientes para a obra ciclópica da redenção, por que desanimar? Por que se deixar abater daquele modo? Só porque até aquele momento faltara um sinal sensível, uma prova de que Armando se arrependera? Pura tolice, pessimismo inadmissível — talvez mesmo um movimento absurdo de vaidade e presunção. A própria aproximação do caso de Armando com o de Judas era um disparate, uma prova de fraqueza que depunha contra ele, contra sua fé. Não se tratava de especular sobre uma salvação possível. Tratava-se de agir e de ter confiança em Deus. O Santo Cura d’Ars sempre recomendara: enquanto reste um fio de vida, não cessar de exortar os moribundos. Armando ainda estava vivo e nada podia estar perdido. O sinal sensível pelo qual esperava podia vir a qualquer momento.

Padre Luís se anima, gesticula, olha para a porta do quarto de Armando sem esconder seu nervosismo. Quando é que Leopoldo Graça sairá de lá, permitindo que ele volte para junto do “doente”? Já tardou muito. Os minutos estão passando. Armando deve estar a cada momento mais fraco, mais inconsciente, mais morto. Por que demorar tanto? Por que arriscar a última possibilidade? Já não perdeu tanto tempo útil, insubstituível, discutindo em vão com o grande clínico? A excitação do padre não passa despercebida a ninguém, mas ele não dá tento de nada. Continua a se agitar e a gesticular, como se estivesse só. Nada o interessa ali senão Armando e sua salvação em perigo. Ora, sente que os últimos minutos estão transcorrendo, se devorando uns aos outros. Breve não haverá mais tempo — porque o tempo terá deixado de existir para aquele caso, para Armando... E então? E então, que fará? Terá de aceitar o fracasso? Terá de voltar para o Colégio vencido? Terá de renunciar à sua missão? Terá de admitir que foi vítima de um engano quando, pela manhã, se sentiu chamado por uma alma em agonia para salvá-lo? Os apelos não eram apelos? A missão não era missão? A vocação não era vocação? Tudo falso, imaginário? Vaidade? Infatuação? Tentações do demônio? Armadilha do Senhor do mundo? Padre Luís reage violentamente. Só um louco poderá ter semelhantes pensamentos. Duvidar da sua vocação, duvidar daqueles apelos tão frequentes e tão vivos? Duvidar da possibilidade de salvação de Armando naquele caso? Duvidar da misericórdia divina? Nem quer pensar em semelhantes insanidades. Melhor será morrer logo ali do que voltar para seu quarto com aquele insucesso, com aquele desalento na alma. Nem há nada que o justifique. Tudo ainda está em suas mãos, intacto. O que não deve, o que não pode, é continuar sentado ali, esperando, perdendo tempo,

enquanto um pobre idiota, um homem devorado pela vaidade da ciência, da falsa ciência, desperdiça o mais caro dos tempos em coisas supérfluas, em leviandades de uma terapêutica de abandono. Que faz ele que não se levanta e não vai ao encontro de Leopoldo Graça para disputar-lhe o doente, o verdadeiro doente, o seu “doente”? Depois, talvez seja demasiado tarde e, então, certamente, sentirá remorsos. Por que relutar em ir? Terá medo do choque com o homem de ciência, dos gritos dos servos do Anjo Decaído? E a obrigação de lutar de qualquer maneira, sempre e até o fim dos fins? Mesmo que seja necessário penetrar à força no quarto de Armando, mesmo que tenha de haver luta corporal pela posse do “doente”, é preciso, é obrigação sua. Não pode recuar. É indispensável que esteja ao seu lado e lhe ofereça mais uma oportunidade, talvez mesmo a última. E, dessa vez, está certo disso, não haverá malogro. O anjo de pedra despertará e, olhando o grande crucifixo diante dos seus olhos, originariamente bons e puros, fará sobre o peito seu último gesto humano. Sim, uma vez, antes de morrer, voltará ao mundo de que vem se distanciando há tantas horas e será então para aceitar, para renunciar ao desespero, para renegar dentro de si mesmo o movimento de submissão ao grande tentador. Os loucos e os insensatos de toda espécie falarão em “visita da saúde” e em não se saberá que outras futilidades humanas. Ele estará diante de Armando para lhe dizer, mesmo que só seja na secreta linguagem dos olhos e dos lábios que mal se movem: “Morre em paz. Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, teus pecados te estão perdoados”...

•

É justo nesse instante de máxima exaltação que a porta do quarto de Armando se abre, deixando passar Leopoldo Graça. Rápido, brusco, grávido de destino. É um homem que surge? Um simples fantoche? Um demônio? Padre Luís hesitará muito tempo em positivar qualquer coisa a esse respeito e é todo o seu destino de sacerdote que se precipitará em consequência dessa dúvida pendente. No momento, porém, o que não o ilude é a razão de ser daquele aparecimento. O médico não veio chamá-lo, como prometeu. Não, cem vezes não! Não veio buscá-lo, como jurou fazer. Traria o nome de Leopoldo Graça, se o fizesse? E, também não veio dar a ninguém uma boa notícia. Para que se iludir? Armando morreu e é para anunciar seu passamento que está ali. Como se enganar por mais tempo? Padre Luís se levanta e um vento gelado lhe varre o corpo. Que aconteceu? Por que aquela angústia? Onde está Armando? Que foi feito dele? Sua alma, sua alma cristã, sua alma destinada à salvação eterna, onde está ela? O padre treme da cabeça aos pés e todos o olham, paralisados. Ninguém ousa dizer ou perguntar nada. O tremor passa e o padre torna a se sentar. Por quê? Por quê? Aquela alma não teria merecido a salvação, a salvação eterna pela qual ele tanto lutou, e

durante tanto tempo? Por quê? Por quê? Vontade de Deus, a implacável, a insondável, a imperscrutável vontade de Deus, contra a qual era vão e ridículo todo e qualquer esforço humano, mesmo o dos sacerdotes nos seus supremos instantes de ministério? Ou haveria ali culpa, culpa de alguém, sua talvez... culpa da sua incapacidade, da sua louca pretensão de se sentir chamado a desempenhar missões particulares junto a almas em crise, em eterna agonia?...

•

O que se passou durante os últimos momentos em que Leopoldo Graça permaneceu a sós com Armando, ninguém o soube, então. Mas, quando o grande clínico descerrou os lábios para comunicar à família Paiva que o doente se findara de repente, sem que ele mesmo percebesse, havia na sua expressão uma tal estranheza que o olhar suplicante de Padre Luís caiu sobre ele como cai uma irrespondível pergunta em uma alma tragada pela angústia. (Uma palavra redentora chegou a se desenhar no ar ou a força do destino de Leopoldo Graça devorou-a antes mesmo de ter sido concebida? Algum tremendo mistério de dominação do mal se concretizou naquele instante? E por que a palavra foge de certos lábios malditos no momento decisivo, de modo a acorrentá-los e arrastá-los pela vida afora num martírio de todas as horas, de todos os segundos? E por que, por que o Senhor do mundo é tão poderoso?!...). Levado por um destino mais forte que tudo, já impelido em direção aos grandes pantanaís onde dominam soberanos a dúvida e o remorso, foi de olhos baixos, quase sussurrando, que Leopoldo Graça comunicou a todos a morte de Armando Paiva.

O que eu faço, tu não o sabes agora,
mas sabê-lo-ás depois.

— Jo 13, 7

parte ii | Ângela

I

o decorrer daquele dia, Padre Luís teve pouco tempo para refletir sobre

o caso de Armando. Penitentes no confessionário, aulas e cadernos de exercícios a corrigir para o dia seguinte absorveram de tal modo seu tempo que ninguém o viu no Colégio como se, propositadamente, estivesse fugindo dos demais padres. Absorvido pelo trabalho, deixou passar as horas da tarde sem pensar absolutamente no que sucedera pela manhã em casa dos Paiva. E não se preocupou com esse aparente desinteresse. Sabia bem que, à noite, no recolhimento do quarto, não iria cuidar de outra coisa. Cada preocupação tinha seu momento adequado e não convinha prejudicar demais o seu esforço pedagógico, comumente já tão penoso.

Assim, foi só à noitinha, no refeitório, que Irmão Gaspar teve ocasião de avistá-lo. Tendo saído à tarde, deixara para falar com Padre Luís quando o encontrasse, apesar de não julgar de pouca importância a notícia que tinha para lhe dar. Uma penitente o procurara pela manhã, pouco depois de ele ter saído, precisando falar-lhe com urgência. Parecia estar ansiosa por vê-lo. Contudo, declarara que à tarde seria impossível procurá-lo e que, dada a sua provável ausência no decorrer daquela manhã, voltaria no dia seguinte. Nenhum outro padre servia, pois só ele, Padre Luís, conhecia seu caso e podia aconselhá-la. Não queria ser ouvida em confissão, apenas conversar. Era uma mulher alta e elegante, ainda que não se pudesse dizer que, naquela manhã, tivesse perdido muito tempo se arranjando. A evidente aflição que trazia no coração transparecia nos gestos e no modo pelo qual estava vestida. Dir-se-ia alguém que, tendo sabido de uma grande desgraça, no mesmo instante se aprontara, passara um rápido pente no cabelo e saíra a avisar amigos e conhecidos... No vulto evocado, logo Padre Luís reconheceu a figura inconfundível de Ângela Soares. Para afastar qualquer possibilidade de dúvida, ainda perguntara: “Estava de preto, não?”. O Irmão Gaspar não vacilara: “Sim, toda de preto, sem chapéu. Nem uma joia, nada. Não era luto, porém; parecia uma pessoa de distinção”. A essas observações, nada respondera. Limitara-se a indagar: “Não deixou recado algum? Não pediu orações?”. “Em absoluto”, apressou-se o irmão em responder, concluindo depois de uma breve pausa: “Falou que voltaria amanhã. E nada mais”.

Padre Luís se afastou, pensativo. Tomada a refeição e feitas as orações de sempre na Capela, retirou-se para o quarto e pôs-se a meditar sobre o sucedido. De início, o cuidado por Ângela não o assaltou. Atraído pelo acontecimento fundamental do dia, seu espírito voltou ao leito de agonia do suicida. E foi na expressão de Leopoldo Graça, ao comunicar a morte de Armando, que invencivelmente pensou. Que teria acontecido durante aqueles rápidos minutos quando, ditas as últimas orações pelos agonizantes, o médico ficara só com Armando? Alguma coisa, por certo. Alguma coisa a mais do que a morte daquele pobre rapaz. Só ela não

bastaria para transformar a tal ponto a expressão de um homem como Leopoldo Graça. Habitado a ver morrer e, naquele caso, já de há muitas horas esperando aquele inevitável desenlace, o grande clínico não teria por certo uma reação tão forte imotivadamente. Alguma coisa sucedera. Alguma coisa de anormal perturbara-o daquele modo. Sua expressão não era de sofrimento, de tristeza. Muito menos de conformação. Era um misto de despropositado espanto e de contrariedade, alguma coisa que não estava longe do pavor e abria o caminho para mil suposições. Que se passara, ao certo? De onde provinha aquele ar desarvorado num homem que, de comum, pelo que todos diziam, jamais perdia a calma, era apenas lógica e razão? Nos últimos instantes, Armando teria tido um assomo de lucidez, teria chamado por um padre, teria dado um sinal qualquer de arrependimento? Fora a sua suprema esperança. E, no instante do aparecimento do Doutor Graça, nem por um momento descrera daquela possibilidade. Mas, e a atitude do médico? Declarara diante de todos que nada de novo ocorrera desde que a família deixara o quarto. A não ser, subitamente, o desenlace fatal. Era homem de mentir? E com que interesse? Pura vaidade profissional, em consequência da discussão que tinham tido? E a responsabilidade tremenda, monstruosa, diabólica, que assumia? Não contava? Sobretudo, tendo-se em vista que era um católico, ou, pelo menos, alguém que assim se considerava... Não, era impossível que um homem com a responsabilidade moral de Leopoldo Graça pudesse baixar a um tal nível de desonestidade. Por certo, estava sendo leviano, absurdo nos seus pensamentos desgovernados, deixando-se guiar apenas pelos desejos, pelas esperanças de horas e horas de luta contra o demônio junto à cabeceira de Armando. Por mais triste que fosse, tinha de se conformar: humanamente falando, ninguém podia afirmar que Armando morrera arrependido. Faltava a prova. A dúvida, a cruel dúvida de dias e dias, de meses e meses, subsistia. Os anjos de pedra continuavam a se mostrar insensíveis. À sua volta, nos seus empreendimentos, apenas fracassos. Fracassos e mais fracassos. Quem sabe, junto a Armando, um outro sacerdote poderia ter conseguido o resultado ambicionado. Padre Martinho, por exemplo.

Por que não lhe pedira para acompanhá-lo, para guiá-lo? Não que houvesse coisas a fazer que não fizera ou não soubesse fazer. Não. Nesse sentido, que poderia ter feito o reitor de diferente? Tinha a consciência tranquila. Contudo, quem sabe, Padre Martinho não conseguiria de Deus o que ele tanto pedira em vão? Ou Padre Lemonier? Ou Padre Maurício? Tinham merecimento para isso, para muito mais. E ele? Que valia? Contava, aos olhos de Deus? Sabia bem que nem tudo era merecimento, valor pessoal, mas, de qualquer modo, talvez fosse excessiva pretensão sua querer ser atendido por Deus daquele modo

sensível, imediato... Apesar de todos os raciocínios, sente bem e não o dissimula durante aquela meditação noturna, quanto ficou ferido pelos acontecimentos da manhã, por aquele novo insucesso. Todavia, compreende que é preciso se conformar, esquecer, seguir para a frente, enfrentar com a mesma coragem de sempre os novos casos que forem surgindo, sem falar nos velhos que, como sempre, estão à sua espera, inclusive aquela Ângela...

•

É só nesse momento que volta seu pensamento para Ângela, para sua vinda naquela manhã enquanto estava junto ao leito do agonizante. E é também então, só então, que a ideia lhe ocorre: o apelo que julgou ser de Armando, bem poderia na realidade ter partido de Ângela. Ao receber o bilhete de Eulália, teria se enganado, precipitando-se. O apelo real viria pouco depois, já agora tarde demais, pois, nesse ínterim, teria deixado o Colégio em demanda da casa dos Paiva.

Essa ideia ainda veio trazer mais aflição ao seu espírito. Ângela? Que teria ela vindo fazer naquela manhã? Premida por que angústia resolvera procurá-lo? Algum fato novo? Ou um súbito recrudescimento daquele desespero que a vinha consumindo há tantos meses? E, nesse caso, que terríveis consequências não poderia ter a sua ausência involuntária do Colégio naquela manhã? Sentia-se desorientado com essa perspectiva. Dir-se-ia um castigo, talvez mesmo um aviso para que não insistisse naquele caminho. Podia muito bem ser que, em virtude da sua teimosia, tudo se transformasse em malefício para a própria Ângela. O dedo de Deus parecia estar presente ali, naquela série de desencontros e malogros. De outro modo, não sabia como entender aqueles fatos. Alguém precisava dele, chamava, e, misteriosamente, eis que ele recebia nas profundidades do seu ser o apelo como se a pessoa estivesse se dirigindo diretamente a ele para que a fosse salvar. Não obstante, quando, pouco depois, essa pessoa chegava para procurá-lo pessoalmente, eis que já não estava mais, tendo partido para uma missão diferente, que qualquer outro padre do Colégio poderia ter cumprido. E, possivelmente, com pleno êxito. Assim, no momento decisivo, tudo fugira de suas mãos. Junto a Armando, nada pudera fazer. E Ângela não o encontrara, levando consigo sua aflição, o evidente desarvoramento em que estava. Quem sabe mesmo, uma sinistra decisão, acolhida no coração e acoroçoada por uma noite inteira de vigília. Uma resolução que, talvez, bastasse uma palavra sua para dissipar ou adiar, como já se verificara em mais de uma ocasião. Na tragédia da vida daquela mulher em pleno desalento, uma entonação de voz podia ser decisiva, impelindo-a irresistivelmente para a morte.

Era uma situação gravíssima, a que Ângela atravessava e Padre Luís não se iludia sobre as dificuldades que juncavam o caminho. Isso só contribuía para aumentar sua angústia nessa noite de provação, mas ele não seria ele, em carne e osso, ali deitado, com as mãos postas em atitude de oração, se procurasse atenuar o perigo ou esconder aos próprios olhos algum detalhe desagradável. Todo o seu esforço de meses e meses, e ainda aquele pequeno raio de esperança a que se julgara com direito depois da última visita a Dona Leonor, tudo aquilo parecia seriamente ameaçado, se já não ruína ao peso dos últimos acontecimentos... ou, pelo menos, do que supunha serem os últimos acontecimentos. De novo, à volta de Ângela, as mais negras nuvens se acumulavam. Mais do que um pressentimento, aquilo se transformava numa certeza à medida que as horas caminhavam naquela noite e enquanto refazia o encadeamento dos últimos fatos, por ele conhecidos, da vida de Ângela Soares.

•

Não era sem hesitação que afirmava que, apesar de tudo, Ângela ainda mantinha viva a esperança de voltar para junto de Carlos e ocupar seu lugar de mãe junto ao pequeno Mário. Em certos dias, essa expectativa parecia completamente morta no coração de Ângela e, então, suas palavras de desânimo ecoavam como inabaláveis certezas. “A única pessoa que ainda me quer neste mundo, padre, é Hélio e como eu não o quero mais...”, dizia com os braços caídos, o olhar perdido em cenas de miséria da sua vida em comum com Hélio Ferreira. Recusava-se a vê-lo, tendo se separado sem briga, meses antes. Contudo, Padre Luís sabia que pensava constantemente nele, na sua insistência em reatar. E não parecia inteiramente livre da sua sedução.

Hélio, Padre Luís não o conhecia pessoalmente. Imaginava-o porém perfeitamente pelas descrições de Ângela. Um rapaz a quem nada fora recusado na terra, a não ser talvez — raciocinava o padre com amargor —, um pouquinho mais de consciência. Não muito. O justo necessário para ter retrocedido, para não ter feito o que fizera. Hesitações, dúvidas, casos de consciência, tudo isso houvera. Hélio não recuara, porém, diante da loucura a cometer e ali estava a existência de Ângela comprometida, partida ao meio. Não era um mau rapaz, podia assegurar. Longe disso. E gostava de Ângela, apesar de tudo. Sofria com a situação criada, procurava amenizá-la. Esbarrara, no entanto, na firmeza de caráter de Ângela que enfim se recordara do seu verdadeiro lugar na terra, do único que podia aceitar: junto do marido, que existia, junto do filho, que devia precisar dela e de quem jamais pudera se esquecer inteiramente. Hélio fora uma loucura, uma aventura inconsequente em que não queria pensar mais.

Não guardara rancor ao meninote bom, agradável, sedutor, cheio de encanto pessoal, que a cegara ao ponto de fazê-la esquecer tudo. Valia o que muitos outros valiam. Carlos — apesar de ser Carlos Soares, seu marido —, não era melhor do que ele. Ambos eram ricos e tinham sido habituados a conseguir tudo o que almejavam. O desejo de Carlos fora tê-la como mulher. O do outro, também. Da parte de ambos, capricho. Apenas, com a fuga, com o que tão desgraçadamente sucedera então, o sentimento de Carlos por ela crescera e assumira aquele aspecto de paixão que impressionara a tantos. E Ângela tinha a impressão de que ele, por si, um dia ou outro, acabaria por ceder e perdoar. Se não o fazia logo, adotando mesmo aquela atitude de intransigência e ódio, era que a isso se opunha toda a família Soares, especialmente Eliodora, a irmã mais velha. Detestavam-na todos e consideravam-na culpada pelo que ocorrera: ao saber que a nora fugira de casa, o velho Mário Soares, doente do coração há muitos anos e doente de orgulho desde o berço, fora acometido por uma síncope de que não voltara. Assim, à humilhação pública e ao desgosto natural ao acontecimento em si, a família Soares tivera de acrescentar um luto inesperado. Se já não era muito apreciada antes, salvo pelo sogro e em parte por Dona Leonor, transformara-se então num verdadeiro espantinho para os Soares. Assim, as represálias exercidas por Carlos, especialmente as referentes ao contato com o pequeno Mário — que tinham separado dela como se quisessem evitar que lhe transmitisse uma moléstia contagiosa —, provinham muito mais desse ódio da família do que do próprio ressentimento do marido. Padre Luís não pensava de outro modo. Nem fora por outro motivo que resolvera procurar Dona Leonor, em vez de ir diretamente a Carlos. Era o núcleo da família Soares que precisava ser atingido, falando-lhe sem reboços as palavras de caridade e esperança que necessitava ouvir. Depois, conforme os resultados, iria a Carlos, iria até mesmo a Eliodora, iria bater a todas as portas que se apresentassem.

Conhecia os Soares de longa data. Visitava-os já antes do casamento de Carlos com Ângela que era filha de um seu contraparente, Tadeu do Amaral — o velho e conhecido Tadeu do Amaral que, ainda hoje, em pleno declínio de suas faculdades físicas e mentais, tentava manter a mesma vida dissoluta dos tempos de rapazola, quando fizera de Mercedes, sua mulher, uma vítima lastimada por todos e que uma morte prematura libertara em dias da primeira infância de Ângela.

Padre Luís frequentava os Soares sem contudo ter se aproximado muito deles. O casamento de Ângela não alterara em quase nada as relações existentes. Permanecera o mesmo mal-estar inexplicável dos antigos encontros. Principalmente, Eliodora ou Dona Leonor estando presentes. Com o velho Soares, sentia-se mais à vontade: conversavam e não raro se avizinham de um entendimento no que dizia respeito à

religião e aos costumes. Com Dona Leonor, porém, não conseguia ir tão longe. Confessara-a uma vez, anos antes, no impedimento do seu diretor habitual, Padre Mansueto. O modo de Dona Leonor compreender a religião chocara-o imensamente. Fizera-lhe mil advertências. Tudo indicava, no entanto, que fora em vão. A penitente não tornara a procurá-lo. E nas raras conversas posteriores, não parecera ter modificado em nada seus pontos de vista essenciais. Falara-lhe sem hostilidade. Nenhuma simpatia, entretanto. A conversa, naturalmente, não pudera ir muito longe... Do mesmo modo, com os filhos do casal Soares, nunca pudera chegar a qualquer entendimento. Tomás e Camilo eram antirreligiosos e se fechavam no mais impenetrável dos silêncios, assim o viam. Eliodora o hostilizava abertamente. Áspera e voluntariosa como a mãe, não tinha no entanto nenhuma das suas grandes qualidades. Casara-se pouco depois de Ângela e todos sabiam que não queria ter filhos, mal suportando o marido, Pedro Moreno. Não o abandonava por orgulho, porque sabia que seu dever era aturá-lo até a morte. Pedro, por seu lado, parecia não a tolerar muito e vivia abertamente junto de outra mulher um simulacro de existência.

Dos Soares, restava Carlos. Simpatizava com ele. Julgava-o fútil e, de certo modo, fraco. Deixava-se levar, ouvia demais o que se dizia à sua volta. Ora, não tendo conseguido governar inteiramente o marido, Eliodora resolvera dominá-lo, assim o vira separado da mulher. E ele vivia entre a sua tirania e a de Dona Leonor que, também ela, não renunciara a mandar no filho e a dirigir a educação do neto.

Carlos não era má pessoa e ninguém testemunhava mais a seu favor do que Ângela. Mesmo assim, Padre Luís jamais lograra travar grande intimidade com ele. Parecia, aliás, que Carlos o temia por um motivo qualquer. Na sua presença, calava-se ou não conseguia articular mais do que uma meia dúzia de palavras insignificantes. Depois da fuga de Ângela, não se tinham visto mais. Para procurá-lo, faltava ao padre um pretexto plausível.

Por todas essas razões, resolvera procurar Dona Leonor e falar-lhe sem tergiversações. Tinham conversado então duas vezes e se, da primeira, saíra completamente desesperançado, já da segunda divisara perspectivas de avanços sérios em futuras investidas. O caminho tinha sido inexplicavelmente preparado no intervalo das duas entrevistas... Da primeira conversa, guardava poucas recordações. Dona Leonor o ouvira com atenção, interrompendo-o apenas quando julgava necessário prestar um esclarecimento ou corrigir uma informação errada. Depois, falara alguns minutos no mais ríspido e inabalável dos tons. Já pensara muito sobre tudo aquilo. Pensara e tornara a pensar. Sabia perfeitamente qual era o seu dever. Cumpri-lo-ia sem hesitações. Detestava

sentimentalismos. Principalmente quando disfarçados sob o manto da piedade cristã. A responsável por aquela série de desgraças: ela viúva, o filho um quase viúvo, o neto um quase órfão, não chegava a ser uma mulher a seus olhos. No que dependesse dela, Ângela podia rolar pela encosta abaixo, como se costumava dizer. Aonde fosse parar, ainda seria muito alto para ela. A seu juízo, mulheres assim mereciam a força. Nunca a compaixão de pastores encarregados por Deus de esclarecer e guiar seus rebanhos.

Saíra sem ter conseguido nada. Que dizer a uma alma àquele ponto dominada pelo rancor? Prometera tornar a procurá-la dias depois, quando tivesse tido tempo para meditar sobre o que lhe dissera, mas, nesse momento, não esperava grande coisa do seu novo esforço. Acreditava, antes, no que a própria Dona Leonor lhe assegurara: estava perdendo seu tempo. Tratava-se de um caso já julgado.

Pensara mesmo em não insistir, de tal forma se sentira desconsiderado. Todavia, triunfando de possíveis manifestações de amor-próprio, resolvera se lançar em nova tentativa na primeira ocasião favorável. Esperara até o dia em que notara tais sintomas de desânimo em Ângela que se decidira a agir sem maiores delongas. Estudara uma nova forma de apresentar seus argumentos e se dirigira para a casa dos Soares resolvido a suportar todas as possíveis impertinências de Dona Leonor.

Encontrara-a imprevisivelmente diferente. Sem dúvida alguma continuava irredutível nos pontos essenciais: Ângela precisava receber a punição até o fim, Ângela não era digna de viver com o filho, Ângela não poderia profanar com a sua presença de pecadora o solar dos Soares, aquela casa onde, por culpa sua, Mário Soares “morrera de desgosto”. Não obstante essas colocações, parecia bastante mudada no modo de considerar Ângela. Já não havia rancor em seu coração. Falava da nora como de uma pobre desgraçada que inspirasse mais pena do que ódio. E parecera se comprazer tanto em lembrar os fatos sucedidos dois anos antes que se sentira à vontade para entrar no âmago da questão e estabelecer bem as responsabilidades de cada um no infortúnio comum.

Ouvira mesmo, da boca de Dona Leonor, a confirmação de uma suspeita que já lhe ocorrera por mais de uma vez: apesar de tudo, Carlos não estava isento de culpa na loucura cometida por Ângela. Não que lhe quisesse conceder a menor justificativa. Num caso como aquele, nada podia ser considerado atenuante. Contudo, também por seu lado, Carlos tinha uma parcela de responsabilidade. Mínima, é verdade, mas de qualquer modo, real. Suas leviandades de rapaz rico, a contínua brincadeira em que quisera transformar a vida do casal, a falta de

seriedade com que encarava os problemas mais graves, criara em torno da mulher uma atmosfera perigosa, nociva. O nascimento de Mário fora uma festa. Verdadeiro sentimento cristão? Nunca. Apenas egoísmo, futilidades, falta de religião. Assim, quando, dois anos depois, o pequeno Benedito nascera morto, Carlos mal pudera esconder sua alegria: não desejava mais filhos e fora a contragosto que consentira em deixar progredir a gestação que Ângela lhe escondera enquanto pudera. Grandes e rumorosas discussões tinham surgido entre os dois esposos. E, só com o triste fim da pobre criaturinha indesejada, a paz tinha voltado inteiramente. Ora, argumentava Dona Leonor, não era impossível que Ângela tivesse guardado certo rancor ao marido pelo que acontecera. Quem sabe mesmo, no íntimo, talvez o acusasse, talvez o responsabilizasse pelo parto infeliz. Nunca dissera nada, mas, quem sabe? Era mesmo possível que, desse desentendimento passageiro, tivesse provindo o sentimento hostil que devia estar na base do ato praticado três anos mais tarde: a fuga com Hélio Ferreira, um insignificante rapazola que tinham conhecido por intermédio de amigos comuns, incapaz de inspirar uma paixão séria a quem quer que fosse.

Sim, para explicar o gesto de Ângela — afirmava Dona Leonor —, era preciso procurar muito longe e em diversos pontos diferentes. Motivos isolados não bastavam, pareciam-lhe fracos, pobres. Maldade natural? Instinto depravado que não pudera resistir a uma tentação mais forte? Incapacidade de suportar uma vida monótona, até certo ponto tediosa? Volubilidade? Simples acidente numa criatura irrefletida, leviana? Nenhuma dessas explicações era suficiente por si só. Ora, como juntas, combinadas, também não logravam satisfazer às suas exigências lógicas, perdia-se em conjecturas, indo até à indagação da parcela de culpa que acaso poderia caber ao filho.

Na verdade, quanto mais pensava, menos podia compreender o absurdo concretizado naquela noite de abril de três anos antes: sem que ninguém suspeitasse de nada, Ângela partira deixando uma carta, ou, melhor, um bilhete para Carlos, em que explicava que não podia mais suportar a vida em comum e amava Hélio. Jamais retornaria. Fizessem o que bem entendessem. Assumiria toda a responsabilidade do ato. E, como a coroar tudo, por mais incrível que pudesse parecer a quem não tivesse tido o bilhete diante dos olhos, nem sequer se referira a Mário, como se o menino não existisse ou tivesse nascido morto, como Benedito.

De todos esses detalhes, Padre Luís sabia pela própria Ângela. Lembrava-se mesmo com nitidez de uma imagem que ela tivera ao querer explicar a insensatez do seu ato: “O senhor já viu um pé de vento, padre? Na nossa cidade, em São Paulo, uma vez eu vi um. Depois

tornei a ver outro: foi esse que se deu na minha vida, nesses dias. Levou tudo. Começou um dia, sem eu saber bem como, e, quando percebi, estava adiante, longe, já tudo feito, acabado. Não pensei em nada, a não ser em meia dúzia de dificuldades materiais de que era necessário triunfar para tornar exequível o nosso plano de fuga. E acho que Hélio também não refletiu mais do que eu”.

Fora tudo uma loucura, uma cabeçada inexplicável, uma desgraceira como bem poucas acontecem a pessoas de boa natureza. E os acontecimentos posteriores: a morte de Mário Soares, ao saber da fuga da nora, a reação extremada dos irmãos de Carlos, proclamando aos quatro ventos a culpabilidade de Ângela, tinham vindo agravar ainda mais a tragédia familiar. Da noite para o dia, o véu da desgraça e da maldição baixara sobre os Soares. A proscrição de Ângela decorreria como a mais normal das consequências.

Ainda que sabedor de todos esses pormenores, deixou que Dona Leonor os rememorasse. Sentia aquele desfecho necessário, só podendo favorecer a causa de Ângela. De tanto acusá-la, a velha Soares parecia, ao fim de alguns quartos de hora, considerar a nora bem menos culpada. Tanto assim que Padre Luís acabou ousando formular um pedido: mesmo sem tomar nenhum compromisso para o futuro, mesmo conservando irreduzível a posição inicial de considerar tudo terminado para Ângela junto ao pequeno Mário, a Carlos e aos Soares de um modo geral, Dona Leonor podia estender a Ângela a mão da caridade cristã, do perdão, a que todo ser humano arrependido tem direito. “Perdoá-la, eu?!”, gritara Dona Leonor como se estivesse sendo ofendida no que tinha de mais íntimo e sagrado. Respondera-lhe que, por certo, fora aquilo o que lhe quisera dizer. Falara-lhe longamente dos seus deveres de cristã, de cabeça responsável da família Soares. Dona Leonor não cederia: “E Mário... e o outro, o meu pobre Mário?”, perguntara, referindo-se ao neto e ao marido apenas, exatamente como se o filho não existisse ou não contasse. Explicara-lhe que o morto certamente já perdoara e o vivo precisava que alguém o fizesse por ele, enquanto ainda era tempo. Dona Leonor se mantivera irreduzível, fortificada por detrás do seu orgulho. Contudo, prometera pensar. Caso mudasse de ideia ou porventura surgisse alguma modificação de interesse nos seus pontos de vista, ela mesma o viria procurar. De qualquer modo, uma coisa considerava indispensável para que pudessem continuar a se entender: aquela conversa deveria ficar entre eles dois. Nem Ângela poderia saber de nada, nem nenhum dos seus filhos. Eliodora já andava desconfiada, inquieta. No próprio interesse de Ângela, convinha que não viesse a positivar suas suspeitas. Empregaria todos os meios, mexeria céus e terras para pôr um termo àquelas cogitações. Cada dia se tornava mais teimosa, mais obstinada, mais invencível...

Apesar da promessa feita, julgou indispensável pôr Ângela mais ou menos ao corrente da sua tentativa. Ainda que Dona Leonor pudesse ficar ressentida, caso viesse a saber, no momento era fundamental para Ângela ouvir uma palavra qualquer de esperança, mesmo vaga, mesmo a mais vaga possível. Na sua situação, qualquer vislumbre de possibilidade boa tinha a maior das importâncias. Pelo menos, auxiliava a vencer horas difíceis e perigosas, horas de desalento e desespero... O resultado, no entanto, fora bem menos acoroçador do que esperava. Ângela sorria, agradecera sua intervenção, mas declarara que não tinha a menor esperança de que pudessem conseguir qualquer coisa. Fora peremptória nos seus termos: “É inútil, Padre Luís. O senhor vai ter um trabalho infinito e, no fim, só vai colher aborrecimento e decepção. O orgulho desses Soares — eu os conheço, padre!

— é incrível, é invencível. É absolutamente incomensurável!”. Tentara rebater seus pontos de vista pessimistas com diversos argumentos. Lembrara que já se tinham passado mais de dois, quase três anos da morte do velho Mário. Insistira na ideia de que os atos de seres voluntariosos como os Soares eram sempre imprevisíveis. Contara casos semelhantes, de que tinha conhecimento e que, subitamente, se resolviam do melhor modo imaginável. Apelara para mil possibilidades diferentes. Tudo em vão. Ângela não saíra do seu ceticismo inicial, baseada em tudo o que sabia, no infinito egocentrismo dos Soares e na mais infinita ainda, se assim se podia dizer, má sorte que a perseguia. Era inútil tentar. Terminaria vencida, porque tudo acabara para ela, e de há muito. O único caminho que tinha diante de si era o de esperar a morte... já que lhe faltava coragem para ir deliberadamente ao seu encontro.

Falando assim, fechava os olhos, contraindo a testa larga e prematuramente atravessada por duas rugas horizontais que a dividiam em três partes quase iguais. Estava sentada numa cadeira, defronte do padre. Este, olhando-a nesse momento, inteiramente vestida de preto, o rosto dolorosamente contraído, toda ela negação, desespero, teve plena consciência do real perigo que corria. Jamais assistira a um movimento tão profundo, tão entranhado no ser da criatura vitimada. Jamais imaginara que a saudade de um ente deixado com menos de seis anos, de um lar onde a felicidade não parecia ter sido a nota dominante, pudesse corroer de tal modo o cerne de um ser em plena mocidade, em plena força, e a quem, por outro lado, não faltavam recursos materiais nem faltaria apoio moral, caso quisesse recorrer a ele. O interesse de Hélio, o amparo e a solidariedade incondicional do velho Tadeu do Amaral, em nada tinham influído em

sua decisão. Se aceitara a mesada dada pelo pai, fizera questão de viver longe dele e de todos os antigos conhecidos, verdadeiramente segregada. Afastara-se por completo de Hélió, malgrado sua incessante insistência em recomençar a vida em comum. Não, Ângela não queria mais saber de nada daquilo. Era uma criatura esfacelada por aquela obsessão de voltar, de rever, de retomar seu lugar junto ao filho, de se reintegrar no lar que lhe pertencia. Era um destroço humano, passeando a sua desdita, o desânimo em que vivia, o seu arrependimento aparentemente inútil e tardio. O remorso não a devorava, apenas a tristeza, a certeza de ter perdido tudo, de que nunca mais a felicidade lhe sorriria... essa felicidade a que, entretanto, pela sua própria natureza, jamais poderia renunciar conscientemente.

Era vendo, era sentindo e adivinhando todas essas coisas que pensava em Ângela naquela noite de vigília que sucedia tão estranhamente ao dia em que tinha tido lugar a agonia de Armando. Sim, aquela mulher, aquela pobre desgraçada, atravessando uma crise tremenda, provavelmente no momento da maior angústia, recorrera a ele. E não o encontrara. Podia haver coincidência mais atroz? Para que viera? Em que poderia lhe ter sido útil? Por outro lado, no dia seguinte, caso voltasse, como esperava, como tinha quase certeza, estaria ainda em tempo de se fazer alguma coisa? Ou, naquela tarde mesmo, levada pelo irrefreável impulso da sua natureza sem fé, cedera, dera algum passo catastrófico? O terror de Padre Luís era diante do irreparável. Naquela manhã, já não estivera face a face com ele, não lutara contra sua força demoníaca? O irremediável da morte de Armando sem o consolo de uma palavra de arrependimento, levava-o agora em imaginação para junto de um outro, igualmente trágico: Ângela tendo posto fim aos seus dias ou tendo voltado para junto de Hélió. Eram os fatos se processando à sua revelia, sem lhe dar tempo de intervir, de se lançar por inteiro na luta com o peso dos seus poderes especiais, com a força do seu destino de diretor de consciências. Por que não chegara junto de Armando a tempo, enquanto o rapaz ainda estava consciente? Por que já saíra do Colégio quando Ângela lá estivera? Seria do plano divino que aqueles dois destinos, por tantos lados semelhantes, e, provavelmente, tão sobrenaturalmente solidários, reversíveis, tivessem de se cruzar no seu caminho e daquele modo confuso, estranho, inconcebível, como que oferecendo e tirando ao mesmo tempo de suas mãos (simultaneamente hábeis e inábeis) os meios de agir, de conseguir a salvação das almas? Em que consistia, afinal, sua missão? Ou seria que, na realidade, não existia e ele queria criá-la de qualquer forma, à custa de não importa que deformações da realidade? A pergunta não é nova, mas o padre se lança contra ela com o mais vivo e intocado dos entusiasmos. Está de joelhos, agora, rezando, procurando rezar. Todavia, as próprias contas

do terço lhe fogem das mãos. A oração é fraca, vacilante. Talvez porque seja forte demais o peso das preocupações terrenas. Nem sente que as horas estão correndo. Esforça-se, sofre. A madrugada ainda está longe, mas ela virá sem que nada se altere naquele quarto. De joelhos, já agora com o corpo reclinado sobre o leito humilde, Padre Luís se aflige pela humanidade indefesa num prenúncio do que virá a ser o seu sofrimento de meses depois, quando, contra sua resistência debilitada pela doença, o Senhor do mundo tiver dirigido o assalto máximo das suas máscaras irreconhecíveis.

II

Quando procurara Padre Luís, naquela manhã, Ângela se sentira dominada por uma intensa emoção. Por tamanha incerteza, jamais passara. Parecia-lhe mesmo estar um pouco desorientada. Saíra de casa às pressas, quase correndo. E não duvidava que alguma coisa em sua atitude traísse esse descontrole interior. No Colégio São Luís de Gonzaga, o irmão que a recebera fixara nela olhos inquietos. Surpreendera-o seguindo-a com o olhar, assim se retirara, como se receasse o destino a que aqueles passos incertos a pudessem levar. Como não acreditava que Padre Luís tivesse posto aquele simples irmão a par do seu caso, era evidente que alguma coisa em sua aparência traía seu estado de espírito, tornando visível o que se vinha passando no mais íntimo de si mesma desde que recebera o telefonema de Dona Leonor.

Procurara o padre certa de encontrá-lo. Assim acabara de falar com a sogra, vestira-se e viera para junto dele. No caminho, fora acometida pela impressão de estar agindo como uma criança apavorada que corre para junto dos pais, procurando abrigo, auxílio, qualquer amparo que a proteja do perigo iminente. A surpresa fora grande demais. Ficara mais ou menos fulminada pelas palavras ouvidas e não soubera o que pensar do fato em si. Hesitara até mesmo em começar a refletir. E fora somente aos poucos, enquanto tomava a direção do Colégio, que encarara a realidade face a face. O encontro com Dona Leonor fora combinado para aquela tarde, às duas e meia. Não vacilara em aceitar. Nem impusera a mais leve condição. Agora, porém, o problema se colocava: devia ir ou não? E a dúvida se patenteara de repente com tal intensidade que perdera a calma, tremera, começara a ver tudo vago e sentira-se invadida por uma violenta dor de cabeça. Parara um pouco e esperara até melhorar. A dor diminuía logo, sem contudo cessar. Mas, já então,

recobrar o domínio de si, voltando ao problema que a angustiava.

Por certo, aquele chamado de Dona Leonor fora obra de Padre Luís, consequência de suas conversas. Planejava tudo sem lhe dizer nada e só lhe falara uma vez, recentemente, porque concebera então vagas esperanças de bom êxito para sua tentativa. Ela, porém, em nada acreditara. Ainda agora, depois do telefonema, continuava com o mesmo pessimismo de antes. Dali não podia advir nada de bom. Temia catástrofes. Receava Dona Leonor e sua altivez. Mais do que a ela, receava os Soares, aquele espírito de família que tantas vezes a pusera fora de si. E, mais ainda, temia a si própria, lembrando-se dos seus incontrolláveis rompantes, pensando no estado de superexcitação nervosa em que passara aquelas últimas semanas. Estaria em situação de suportar uma entrevista como tudo indicava que aquela devesse ser? Ou seu comportamento ficaria à mercê de um choque mais violento, de uma palavra amarga, de uma entonação mais forte? Era possível que nada disso sucedesse, tudo correndo tranquilamente. Mas, era muito mais provável que, logo aos primeiros gestos ou frases de Dona Leonor, tudo se desequilibrasse e desmoronasse, caindo por terra o pequeno castelo de cartas que Padre Luís tão ingênua e tocantemente andava tentando construir.

Os limites da conversa que ia ter, Ângela já os conhecia mais ou menos. E talvez por isso sua indecisão de agora fosse ainda maior. Dona Leonor falara com clareza, não deixando possibilidade de dúvida quanto à extensão do seu gesto; era para perdoá-la que a chamava e para nada mais, além disso. Se a perspectiva a seduzisse, viesse. Mas, em caso algum pensasse que aquilo era o primeiro passo para concessões ulteriores. Agia assim unicamente para poder viver de acordo com sua consciência. Ao ouvir a sogra falar, Ângela a revira, evocando-a com grande nitidez: alta, esguia, muito elegante, extremamente bem feita de corpo, poupada pelos anos como alguém que gozasse de um privilégio. E, orgulhosa disso como de tudo mais que constituía o seu patrimônio: posição social, dignidade, riqueza, proteção sistemática aos necessitados, patriotismo. Um modelo de virtudes a quem só faltava uma nota mais acentuada de simpatia humana, de compreensão das pequenas fraquezas dos seus semelhantes. Lendo certos romancistas do século passado, cuidara reconhecê-la em muitos tipos de destaque, humoristicamente traçados. Em geral, porém, havia em todos esses personagens uma nota de hipocrisia, de escravidão às convenções sociais, que faltava completamente a Dona Leonor. Podia testemunhar em sua consciência porque vivera a seu lado vários anos. Conhecia-a perfeitamente. Sabia bem que, nela, o que dominava, e até por vezes esmagava todo o resto, aniquilando os melhores movimentos do coração, era uma qualquer coisa demonstrosamente exagerado, disforme, que não havia como

chamar senão “consciência”. Passava então por uma verdadeira metamorfose. Esquecia tudo. Seus traços, de comum finos e agradáveis, tornavam-se duros, mortos. Fechava os olhos como se temesse ver alguma calamidade e proferia com absoluta frieza as mais duras sentenças. Podia assegurar, no entanto: não era má, estava longe de possuir coração pequeno ou de ser insensível ao sofrimento alheio.

No telefone, respondera afirmativamente. Iria, de qualquer maneira. Pelo menos, conversariam. Dona Leonor propusera um ponto de encontro e, assim aquiescera, logo desligara, como se temesse o prolongamento da conversa. Ângela ficara com o fone na mão, atônita, à beira de mil dúvidas. Maior que todas, essa que a torturava agora no seu caminho para o Colégio São Luís de Gonzaga: aquele perdão, seco, morto, atirado de longe como uma esmola a um mendigo, que lhe poderia interessar?... Para recebê-lo, só para recebê-lo, valia a pena ir ao encontro, humilhar-se? A secura de um perdão sem esperanças, sem frutos possíveis, exasperava-a. De que lhe podia valer? Não sabia o que Padre Luís dissera a Dona Leonor. Contudo, tinha certeza de que, conscientemente pelo menos, não a quisera colocar em nenhuma posição falsa, humilhante. Podia, portanto, recusar o perdão, reagir, mostrar que também tinha seu orgulho, um amor-próprio que não morreria. Afinal, não era uma mendiga de perdões. Nem uma desgraçada qualquer que ficasse de mãos estendidas e coração sangrando, à espera do bel-prazer de uma senhora orgulhosa ou do momento preciso em que sua consciência lhe impusesse um gesto de piedade cristã.

Pensando em tudo isso, Ângela se rebelava, lutando contra o seu ardente desejo de entrar de novo em contato com alguém da família Soares. Não queria esmolas, migalhas. Estavam todos muito enganados, se a julgavam capaz de aceitar uma miséria daquelas. Queria tudo e não apenas perdão — aquele perdão frio de uma consciência em crise. Queria tudo, perdão, esquecimento do passado, direito de recomeçar, de ainda vir a ter um futuro, sua vida, dias e dias de felicidade junto a Mário... e junto a Carlos. Ao próprio Padre Luís — quando este abrisse diante de seus olhos incrédulos a possibilidade do que mais ou menos sucedera naquela manhã —, ao próprio Padre Luís declarara que, por mais que ambicionasse aquele perdão, só o aceitaria, só o poderia aceitar como um caminho que a levasse mais adiante. Por mais íngreme, por mais penoso que fosse. De qualquer forma, um caminho que levasse a alguma parte, que não consistisse num simples reatar de relações amigáveis.

Não sendo assim, de que serviria? Pelo contrário — lembrara ela própria a um Padre Luís mudo, sorumbático, que oscilava a cabeça com certa dubiedade —, não seria pior, não seria mesmo arriscar suas

possibilidades futuras num golpe infeliz, abordado logo de início? Que seria então dela, do seu direito de nutrir esperanças — daquela obrigação de não desesperar a que ele próprio, padre, não cansava de se referir?... Sentia-se acossada pela dúvida a que todas aquelas perspectivas a tinham levado. Consolava-a, no entanto, dirigindo-lhe os passos com firmeza, a convicção de que, melhor que ninguém, Padre Luís podia aconselhá-la naquele momento de decisão de seu destino. Não fosse ele quem era, já o simples fato de ter preparado tudo, conseguido o que a ela sempre parecera pura quimera de um visionário bem intencionado e amigo, bastava para que descansasse e recorresse a ele em plena confiança. Saber-lhe-ia dizer o que fazer. E, caso lhe aconselhasse ir ao encontro — como tinha quase certeza que faria — também lhe ensinaria como deveria se comportar frente a Dona Leonor. Dir-lhe-ia até que ponto era lícito aceitar e onde começavam as humilhações reais que não devia suportar. Além disso, quem sabe mesmo, aquele padre estranho, que tudo arquitetara sem ninguém saber, conhecia algum detalhe novo, algum pormenor esclarecedor, alguma coisa que a elucidasse nas suas incertezas. Devia estar a par de tudo e, melhor do que ninguém, podia guiá-la. Procurá-lo era a mais elementar das medidas de prudência. Mesmo porque, sem ele, sem seu conselho, realmente não saberia o que fazer. Ficaria na indecisão até o instante da entrevista? E então? Iria ou não iria?

•

Quando o Irmão Gaspar lhe explicou que Padre Luís acabara de sair, chamado para atender a um suicida agonizante, Ângela se sentiu desnorteada. Nem sequer lhe ocorreu a ideia de que o padre pudesse não demorar muito e ela, sem nada que fazer até às duas e meia da tarde, devesse esperar ou mesmo voltar mais tarde. Aceitou de início o desencontro como uma fatalidade. E pôs-se a caminhar pela rua mais ou menos ao acaso, como se o destino a tivesse ferido mais uma vez.

Viera falar com o padre na absoluta certeza de encontrá-lo. Não lhe passara pela cabeça a possibilidade de procurá-lo e de ele não estar. Sempre que o fizera, achara-o disponível, solícito em atendê-la. Por que haveria de ser diferente naquela ocasião? Alguma vez precisara dele tanto e com tão grande urgência? E se em outras circunstâncias, quando esperar não representava nada ou quase nada, sempre fora recebida imediatamente, por que agora, em que havia toda aquela pressa, iria suceder de outro modo? Pelo contrário, mais rapidamente do que nunca, devia vir até ela, pronto para auxiliá-la.

Agora, porém, estava diante de um fato positivo, irremovível. O desencontro se produzira e não adiantava raciocinar. Tinha de resolver

sozinha a sua dificuldade. Para o resto, procuraria Padre Luís no dia seguinte, tal como dissera ao Irmão Gaspar. No momento, o recurso era decidir de uma vez por todas o que queria fazer. Não tinha ninguém a quem recorrer. Cogitou, um momento, em telefonar ao pai. Era uma pessoa boa, sincera, e que gostava realmente dela. Mas, assim pensou nele, viu-o de pé na porta do seu apartamento, provavelmente despachando às pressas alguma companheira de noitada, ainda mal dormido, contrariado por se ver acordado antes das duas da tarde, hora em que habitualmente se levantava. Via-o agora querendo disfarçar o aborrecimento, tomando aos poucos conhecimento do seu caso e depois, nervoso, preocupado, tendo de dar conselhos — talvez, de tudo, o que mais detestava fazer nesse mundo... Não, não seria ao velho Tadeu do Amaral — pai carinhoso, às vezes mesmo extremoso, mas uma das mais completas personificações do egoísmo masculino que conhecia —, a quem iria recorrer. Merecia mais descanso nesse fim de vida que se esforçava por aproveitar até a última gota. Muito antes, procuraria um padre qualquer na primeira igreja por que passasse.

Baniu logo essa última ideia. A seus olhos, nenhum outro sacerdote existia, além do Padre Luís. Só ele conhecia seu caso, só ele podia falar sem irritá-la, sem feri-la. Desgraçadamente, porém, estava junto a um agonizante, a um suicida. Provavelmente, tentando salvá-lo.

Foi então que a lembrança do suicida invadiu de repente seu espírito, a ponto de fazê-la esquecer tudo mais e ficar parada na rua, como que estarecida. Depois de algum tempo, recomeçou a andar, sempre ao acaso, o pensamento fervilhando. Quem seria o agonizante? E por que, por que atentara contra a vida? Teria motivos sérios? Teria, como muitos tinham (ela, por exemplo...), motivos de sobra, só faltando uma coisa: a coragem para realizar o ato? Por certo, aquele suicida não esperava mais nada da vida. E ela? A caridade de Dona Leonor? Ou o perdão de Carlos, a troca dela voltar a ser para ele o humilde e abúlico objeto de uso, de gozo físico, de que não conseguira se esquecer? Ou Mário, a aceitação de Mário, o amor infantil de um Mário que talvez já nem mais se lembrasse dela?... Mais do que as do desespero, aquelas eram as palavras da tentação, o monólogo encantado do Senhor do mundo. Ângela sabia perfeitamente disso. Padre Luís já a prevenira inúmeras vezes contra aquela lógica diabólica que não apresentava pontos fracos, falha alguma por onde fosse possível penetrar para combatê-la. Ensinará-lhe mesmo: “Com o demônio, não se discute. É tempo perdido. E é, exatamente, o que ele quer. Não, minha filha, com esse príncipe da astúcia — e foi assim que ele se tornou Senhor do mundo —, não se discute. Rejeita-se. Vomita-se longe. Um gesto violento, brutal, que, em muitas ocasiões, fere em nós mesmos muito do que temos de mais nosso e de melhor. Ficamos sangrando, mas é

preferível assim. Trata-se de um sacrifício necessário. Ou então, é toda a nossa vida que fica ceifada, morta”.

As palavras do padre voltavam-lhe agora uma a uma, fiéis, idênticas. Com que efeito, porém? Não reagia, entregava-se à sedução do desânimo. E, enquanto caminhava pelas ruas, sempre sem saber para onde se dirigia, era o estranho solilóquio do grande tentador que ouvia como a mais inebriante das músicas. Assim, se não se sentia nesses momentos como uma sonâmbula, é que, no nosso ser decaído e eternamente ameaçado, a presença do demônio provoca uma tão forte sensação de irresponsabilidade que é como se fosse em nós uma segunda natureza. Deixamos de ver a realidade para viver numa atmosfera de puro sonho. E, se o despertar dessas exaltações desorientadas é geralmente tão cruel, ferindo-nos tão fundo e tão incuravelmente, não é senão porque o choque com a quotidianidade brutal da vida condicionada pela Queda é um sofrimento com o qual a natureza humana jamais se habituará, por mais baixo que desça, individual ou coletivamente.

•

Quem a guiou até ali, bem defronte do majestoso solar da velha Rua São Justino, é difícil dizer. Vós, Senhor, ou ele, o grande, o eterno imitador? Nessa inverificável indagação, Padre Luís perderá noites e noites de sono e tranquilidade. Limitemo-nos a confessar que, ao deparar com o velho portão conhecido, Ângela estacou e levou as mãos à cabeça num gesto irrefreável de contrariedade e receio. Como é que seus passos a tinham trazido, sem que o notasse, através de ruas e mais ruas, até a casa dos Soares? E como é que no seu íntimo nada se levantara para avisá-la do perigo que corria vindo até ali numa hora em que um encontro com algum dos Soares, entrando ou saindo de casa, era a coisa mais provável, mais natural do mundo? Parada diante do portão de ferro do 260, como se pretendesse abri-lo e entrar, permaneceu por alguns instantes, tomada do mais intenso pânico. Na vida, talvez ainda não tivesse tido uma tão grande emoção. Podia falar até em dor, em dor física, extensa, penetrante. Tivera mesmo momentos de tal aflição que pensara na possibilidade de o coração lhe faltar e de cair por ali perto. E só refletia numa coisa: o desgosto que daria ao marido. Pobre Carlos, que nova decepção, que série de imprevisíveis amarguras não lhe iria trazer, como se já não bastassem as outras, o que ficara para trás sepultado no passado comum!... Foram essas últimas considerações que a afastaram logo de defronte do portão do 260. Deteve-se alguns passos adiante, no fim do gradil, como se estivesse definitivamente salva do perigo entrevisto. Não tardou, porém, a sucumbir à tentação de olhar pelo vão do portão de modo a rever o jardim e a velha casa, como se já

agora não houvesse mais o menor risco ou como se isso em nada a preocupasse. E seus olhos mergulharam em cheio dentro da propriedade dos Soares.

No fundo de um lindo parque, rodeada de árvores frondosas, especialmente de enormes mangueiras, jaqueiras e frutas-pães, a casa dos Soares, várias vezes reformada e repintada desde que fora construída, era um desses velhos solares do fim do século passado, que vão aos poucos desaparecendo da cidade. Poucas ruas, mesmo entre as mais aristocráticas, ainda os conservam, vivos testemunhos de uma sociedade, de um mundo que se desfez ante nossos olhos de adolescentes: velhos casarões isolados no centro de jardins cuidados, de tipo francês ou inglês, que um clássico gradil de ferro e algumas trepadeiras protegem da curiosidade dos transeuntes. Mansões tranquilas onde se criaram famílias unidas e quase sempre estáveis, fundamento de uma sociedade que vai aos poucos desaparecendo, dissolvendo-se na pobreza da moradia em apartamentos, inimiga natural das grandes famílias, das virtudes patriarcais, da vida íntima, do culto das tradições, quem sabe o mais perfeito de todos os sintomas da vida artificial e desarticulada que viemos vivendo nessas últimas duas ou três décadas de existência. Uma cidade subitamente erguida em arranha-céus, quando lhe faltam raízes, elos seguros que liguem a gente nova, surgida no período das grandes guerras e das revoluções, com a antiga aristocracia ou com a que a ela se seguiu logo depois do advento da República. Uma cidade sem harmonia íntima, sob muitos aspectos caótica, e onde a vida privada teria de espelhar fatalmente o desequilíbrio caótico do mundo.

Como os Andrade e Souza, os Barros, os Santos Vilela, os Cunha Santos, os Nova Trento, os Carneiro, como tantos outros, os Soares também vinham de uma época diferente e cheia de uma relativa grandeza de que ainda havia inúmeros vestígios. Nenhum maior, mais convincente, do que aquela casa “escondida” da Rua São Justino, igual a tantas outras, símbolo como tantos outros. Perdido no fundo de um vasto parque, ensombrado por tantas jaqueiras, mangueiras e outras árvores protetoras, debaixo das quais crianças tinham brincado, durante anos e anos, longe do alarido dos palavrões soltados pela molecada incontável das calçadas dos nossos dias, o solar dos Soares, construído pelo velho conselheiro da monarquia, Benedito Soares, podia falar de toda uma vida familiar íntima, ignorada por todos, vizinhos e estranhos. Assistira ao casamento de Mário Soares, que vira nascer, com Leonor Cunha. E tornara a assistir, quase trinta anos depois, ao enlace de Carlos Soares com Ângela do Amaral. E, essa mesma Ângela que o olhava agora de longe, trêmula, ofegante, jamais pudera esquecer, durante os anos em que vivera com o marido, dessa tremenda força de presença, dessa invencível realidade, humana e até mesmo nacional,

fundamente nacional, do velho casarão perfeitamente planejado e solidamente construído, tantas vezes reformado e adaptado às necessidades do dia. Moralmente bom ou ruim, sentimentalmente opressor ou não, era um pequeno mundo onde a vida se enquadrava em formas nobres, dignas, merecedoras de serem vividas. Se muitas das pessoas que ali moravam eram insuportáveis, odiosas mesmo, como Eliodora, não havia por que culpar o velho casarão, o jardim cheio de alamedas sombrias, de bancos de ferro sempre pintados de verde-escuro e de pequenos caramanchões de madeira que a umidade devastava impiedosamente e era preciso reformar de quando em quando... Seria esplêndido, por exemplo, se Mário estivesse brincando por ali. Mas, certamente não. Àquela hora, devia estar num colégio qualquer, na algazarra de um recreio, ouvindo nomes indecentes, insultando, quem sabe de brincadeira, a mãe ou a irmã de um colega mais fraco... ou apanhando de um mais forte... “aprendendo”, como se costumava dizer.

“Tudo igual!”, pensava Ângela, parada, os olhos cheios de lágrimas. Sim, o mesmo gradil de ferro, sempre descascando, semeado de manchas estranhas e de riscos feitos a giz por algum colegial de passagem. No portão, por certo, o mesmo ranger de anos antes. (Se ao menos tivesse coragem de abri-lo para verificar!). Não era o de sempre? Não era o mesmo que ela e Carlos tinham aberto, às gargalhadas, quando de volta da lua-de-mel em Petrópolis? Não era o mesmo que fora festivamente escancarado no dia do batizado de Mário para deixar entrar os carros dos convidados, na hora do chá que então se realizara? Não era o mesmo por onde passara, um ano depois, e trazido às pressas, em plena madrugada, o médico da família que viera atender ao seu parto infeliz, quando fora do nascimento do pobre Benedito? E não era também o mesmo que cautelosamente entreabrira na noite sinistra em que, como uma louca, deixara tudo para ter com Hélio?... Ângela tremia, à rememoração. Como podia ter feito aquilo?! Como podia ter sido leviana, insensata àquele ponto?! Quanto mais fixa o portão — aquele portão velho e sujo em que sente que há mais dela do que no miserável quarto de pensão em que vive há vários meses —, quanto mais mergulha os olhos no aristocrático jardim dos Soares, quanto mais contempla o casarão tranquilo onde apenas algumas janelas estão abertas àquela hora, mais se recorda da sua noite de desnorteamento. Ainda está se vendo, trêmula, precavida até os limites últimos, descendo às escondidas a escada da casa. Numa das mãos, leva uma valise; na outra, o chapéu que só vai pôr já na rua. Por que tudo aquilo? Por que aquelas precauções ridículas? Por que aquela fuga à noite, quando tudo seria tão mais fácil de dia? Não se lembra de mais nada. Circunstâncias de momento, apenas. Esqueceu-se dos detalhes. Recorda-se, apenas, que tudo se passou como em sonho, num impulso de perfeita loucura. Só foi

raciocinar depois, muito depois, quando já era tarde, irremediavelmente tarde. Na hora, foi um ímpeto, um movimento inexplicavelmente desencadeado no seu íntimo. Nem quer evocar como, por quê! Tanta coisa! Misérias de confessorário em que não quer pensar! Já não basta ter contado algumas delas a Padre Luís... ou ter de lhe contar outras, um dia? Não, não quer se lembrar de nada disso. Apenas, que veio vindo pela alameda central do parque e muitas vezes voltou o rosto, apavorada, a ver se alguma luz se acendia por detrás das janelas fechadas, se alguém acordara e a surpreendera, fugindo. Nada disso, porém. Nem mesmo o cão policial que guardava ferozmente a propriedade, ousara latir. Viera vindo em sua direção, reconhecera-a logo. Abanara o rabo, roçara amigavelmente pelas suas pernas e nem suspeitara o abandono, a fuga, o crime que ela estava cometendo. Acompanhara-a até o portão e nem tentara sair junto com ela, como se tivesse perfeita consciência do lugar que lhe cabia ocupar e a tentação da fuga não existisse para ele. Recordava-se bem: entreabriu o portão, tomando todas as precauções para que não rangesse, olhara longamente para tudo como a se despedir, e saíra. Depois, medira a rua de um extremo a outro e fora se afastando devagar à procura de um táxi que a levasse para junto de Hélio.

Os minutos passavam e permanecia, esquecida, absorta pelo tumulto das evocações. Que loucura a possuía então? Que estranha força guiara seus passos, de comum tão covardes? Que embriaguez a fizera atravessar tanta coisa até que de novo lhe viesse o raciocínio, a compreensão do ato praticado, a certeza do lugar onde estava? E como, como pudera esquecer o pequeno Mário? No momento, e depois, como, como pudera abstrair da existência daquele ser que era o seu próprio ser e que sempre amara de um modo tão intenso? A mocidade, tão falada, tão decantada, seria aquilo — ser tão louco, tão inconsequente assim? Por mais que pensasse, não podia compreender, nem explicar o que realmente se passara. O seu próprio diário, começado mais ou menos nessa época, nada dizia que pudesse esclarecer fundamentalmente a questão. (E, no entanto!...). Talvez um súbito encantamento de que acaso tivesse sido vítima, da mesma forma como certas crises de amnésia acometem determinados indivíduos... Ainda uma vez mergulha o olhar dentro da propriedade dos Soares e pensa em Mário. Ali, naquelas alamedas, naquele gramado, à sombra daquela mangueira... Tudo relembra, tudo aperta o coração. A jabuticabeira do centro do gramado cresceu, mas ainda é a mesma. As roseiras do canteiro lateral, também. Lá dentro, tudo continuou, enquanto ela, só ela, está de fora, longe, separada de Mário, de todos. E treme, sente a vista turva, recua, apoia-se ao gradil para não cair. Tudo terá acabado? Não haverá mais esperança de que aquele portão ainda venha a se abrir para ela? E se bater, se ela própria

o forçar e entrar? Só então percebe: está desnorteada, perdeu completamente a noção de oportunidade. Onde a levaram seus passos? Terá enlouquecido, agora, precisamente agora? Num dia comum, vir até ali, deixar-se ficar daquele modo, já seria uma terrível imprudência. Num dia como aquele, porém, depois de ter recebido o telefonema de Dona Leonor, era uma insanidade. Queria pôr tudo a perder, renunciar à última possibilidade que lhe restava? Mas, possibilidade de quê? De ir? De ir ou de não ir? Que resolvera, afinal? Já agora, porém, a pergunta era inútil. E realizou que de há muito, provavelmente desde o instante em que parara diante do 260, resolvera ir ao encontro. Assim, a recordação da loucura praticada anos antes só fizera fortificar a decisão inicial. Iria. Tinha de ir. Arrostaria todos os perigos. Não deixaria de ir, nem de tentar tudo quanto estivesse ao seu alcance. Já não podia hesitar mais, agora. Já não tinha mais esse direito. A visão do velho casarão onde os Soares esperavam impassivamente a morte e as transformações da vida da cidade e do país, vencera nela as dúvidas que a tinham acometido. Cessara de raciocinar para se deixar levar pelas recordações, pela saudade, pelo seu sentimento mais profundo, pela certeza de que tinha um lugar determinado na vida daquelas criaturas, a que não devia nem podia fugir.

•

Ao ver Ângela, Dona Leonor não pôde reprimir um movimento de espanto.

E, com visível simpatia, exclamou:

— Bem me tinham dito, Ângela, você mudou muito! Estavam de pé, uma defronte da outra, na sala de espera do cinema onde o encontro tinha sido combinado por sugestão de Dona Leonor. Ângela já lá estava de há muito, quando Dona Leonor chegara, exatamente às duas e meia, calma, caminhando com o mesmo passo firme de anos antes. Um vestido preto comprido com rendas nos punhos e na gola, muito severo e evidentemente de boa costureira, dava logo de relance uma perfeita imagem da pessoa que era aquela senhora alta e magra, de pouco mais de cinquenta anos. Mesmo ao estender a mão, e não obstante ter externado sua surpresa por vê-la toda de preto, abatida, sem a expressão de triunfo e saúde que sempre exibira na fisionomia, Dona Leonor não perdera a calma, nem sequer sonhara em ter um movimento mais expansivo do que aquelas poucas palavras de constatação da desgraça alheia.

Ao ouvi-la falar, Ângela corara e sentira logo que o fizera muito, demais talvez. Descontrolada, hesitou alguns segundos e replicou mais

ou menos ao acaso, não medindo a infelicidade de suas palavras:

— Pois a senhora, não. Está tão bem como antes... como sempre.

Falara. E agora não podia fazer mais nada para retirar aquelas expressões importantes que só faziam lembrar sua fuga, a morte do velho Soares, enfim todo o “drama” que ela própria desencadeara. E de um modo especialmente inábil, pois a sensibilidade de Dona Leonor, ferida ao vivo, logo reagiu:

— Ângela, nem todas as dores deixam sinais. Umas, certas, não são menores que as outras por isso! Você pode ter certeza disso! Medindo a extensão do desastre, tentou consertar:

— É claro, Dona Leonor! Nem a senhora pense que eu quis ser desagradável falando como falei. Mas... Sem lhe dar tempo para concluir o pensamento, Dona Leonor declarou, ainda transbordante de ressentimento:

— Eu sei. Falando como falou, você pensou apenas em si... Sim, mais uma vez, você só pensou em si.

Ângela não pôde conter um olhar de surda raiva dirigido sobre o rosto impassível da sogra. Já devia esperar por aquilo. Aquela mulher, era a velha Dona Leonor Soares, a autocrata, a proprietária do solar da Rua São Justino, 260, a eterna mãe de Carlos, do fraco e insípido Carlos Soares. Severa, fria, rígida, hostil como sempre. Mesmo numa conversa amigável, nunca deixava passar qualquer coisa sem marcá-la com a mordacidade das suas respostas. Intratável, insuportável, desarmava qualquer simpatia. E raciocinou: “Tudo perdido, definitivamente perdido! Que esperar de uma entrevista que começa tão desastrosamente — aliás, por minha culpa, da minha inabilidade pelo menos?...”.

Razoavelmente, talvez não fosse mesmo possível confiar mais. Contudo, a realidade foi bem diferente. Movida ninguém soube nunca por que sentimento, se comoção ante o silêncio contristado da nora, se simples determinação de levar ao fim a missão que se impusera, Dona Leonor resolveu abrandar seu rancor e, apontando um sofá, propôs:

— Sentemo-nos um pouco, Ângela, e deixemos todas essas tristes recordações de lado.

Ângela acedeu logo e, já sentadas ambas, Dona Leonor prosseguiu:

— Eu não a procurei para relembrar momentos desagradáveis. Creia. Meu objetivo é apenas satisfazer um imperativo da minha consciência.

Fez uma pausa e, como Ângela levantasse sobre ela olhos inquietos,

ansiosos, baixou a voz para acrescentar: — ...Da minha consciência de cristã.

Diante de Ângela, a imagem de Padre Luís se desenhou com uma grande nitidez. Era como se a palavra cristã a tivesse evocado magicamente. No entanto — raciocinava —, não havia razão para isso. Nada de mais normal do que ouvir da boca de Dona Leonor afirmações daquela natureza. Que escutara de diferente durante anos e anos?... Não foi mais longe em sua meditação. Em tom mais baixo ainda do que o anterior, como se falasse a medo, Dona Leonor proferiu sua sentença:

— Eu vim para perdoá-la, Ângela.

— Perdoar, Dona Leonor?! — não pôde deixar de exclamar Ângela, como se nada soubesse e não pudesse acreditar no que acabara de ouvir.

A resposta não tardou e foi mais ou menos a que esperava:

— É o meu dever! O meu dever de cristã, de católica... de quem teme a Deus e não quer, por mais motivos que tenha para isso, usurpar-lhe o direito de julgar... Ângela teve um gesto para Dona Leonor que equivalia a um pedido de silêncio. Sentia-se humilhada, revoltada. Correu os olhos em torno pela sala de espera vazia. Ninguém... ou quase ninguém. Apenas, de quando em quando, um porteiro, vindo da sala de exibição, espiava, surpreso por vê-las ali conversando em vez de irem ver o filme que já começara. Antes fossem! — pensava Ângela de cada vez. Até quando iria durar aquele martírio? E com que utilidade? Seu movimento não teve senão um efeito: retardar de alguns instantes o prosseguimento da conversa. Recomeçando a falar, Dona Leonor enveredou por um caminho ainda mais penoso:

— Você sabe, com a desgraça ocorrida, todos nós sofremos muito, tremendamente... e o meu pobre Mário, coitado, não resistiu! Mais como um gemido do que como um movimento de defesa, protestou:

— Dona Leonor, por favor! Ele sofria do coração...

— Eu sei. O choque, porém, precipitou tudo... e ele morreu em consequência...

— Por favor!

— Seja. Não falemos nisso que só serve para nos angustiar... a nós, ambas.

— Felizmente que a senhora concorda! — exclamou Ângela aliviada. Dona Leonor não se agastou com a observação e foi logo adiante, aparentemente como se não tivesse ouvido nada:

— Não era absolutamente a isso que eu queria me referir. Quando disse que todos nós sofreremos muito por ocasião da... do que você sabe, queria dizer que ninguém sofreu mais do que Carlos, coitado!

— Eu sei...

— Como você sabe? Por quem? A pergunta desnorteou Ângela. Poderia dizer que fora por Padre Luís? E a promessa que ele fizera a Dona Leonor de guardar segredo em relação a ela, Ângela? Preferiu fugir à resposta, dizendo com firmeza:

— Deixemos esses detalhes, Dona Leonor, para depois. A senhora ia dizendo...

— Sim, que ninguém sofreu mais do que Carlos... — repetiu Dona Leonor sem se obstinar na sua curiosidade.

— Por isso, naturalmente, nós todos em casa sempre fizemos questão de respeitar rigorosamente a vontade dele em relação a tudo o que diz respeito a esse caso... Ângela teve vontade de protestar. Duvidava da veracidade da afirmação. (Dona Leonor, Eliodora respeitando a vontade de Carlos?!...). Contentou-se, no entanto, em indagar, sem contudo esconder a certeza que tinha da resposta negativa:

— E ele sabe... deste nosso encontro?

— Em hipótese alguma! — fulminou Dona Leonor com a mais viva energia.

— Nem Carlos, nem ninguém mais em casa! Todos continuam irredutíveis, principalmente Eliodora.

— Eu compreendo — limitou-se a comentar Ângela como se, de certo modo, estivesse aprovando a atitude da família Soares.

— Sondei-os diversas vezes a esse respeito. E como permanecessem inabaláveis, resolvi agir à revelia de todos, ainda que contrariando a vontade e o sentimento de Carlos.

Parou, hesitou alguns segundos e depois concluiu:

— É verdade que só agi assim depois de refletir muito e aconselhada por alguém que tem autoridade para isso... Com o mais ingênuo dos olhares de compreensão, Ângela confessou:

— Eu sei... e fico muito grata tanto à senhora como a ele... que é um verdadeiro santo.

Com rispidez, Dona Leonor interrompeu:

— Está muito longe disso! Muito longe. Santos não são indiscretos... Padre Luís não tinha autorização minha para lhe falar sobre esse assunto. Foi leviano. Percebendo que traíra o padre sem querer e não havendo mais jeito de se desdizer, Ângela procurou mudar de assunto. E mais por um movimento de orgulho ferido do que por gratidão real, declarou:

— De qualquer modo, eu agradeço muito à senhora.

— Não há nada que agradecer — objetou Dona Leonor secamente.

— Estou cumprindo o que considero um dever, o meu dever de cristã... em relação a outra alma cristã. Se meus filhos não pensam assim, isso é lá com eles... uma questão da consciência deles. Não os censuro. Nem quero ver mérito algum no meu modo de agir.

— De qualquer modo... — murmurou Ângela com os olhos embaciados. Apesar de sentir que suas palavras estavam ferindo a nora inutilmente, Dona Leonor fez questão de não deixar dúvida alguma sobre a natureza do seu movimento de perdão e positivou, mais uma vez:

— Relutei muito em tomar essa iniciativa. Pensei muito e só agi depois de vencer em mim grandes escrúpulos. Afinal para respeitar o sentimento de meu filho ou, creio que seria melhor dizer, o nosso sentimento de família, não podia continuar em choque com a minha consciência... Ângela tinha os olhos cheios de lágrimas e pensou não suportar mais a provação. Era visível: para Dona Leonor, a coisa que menos existia no mundo era ela, Ângela. Havia um dever a cumprir e ela o cumpria, fria, cegamente.

Nada mais. Do contrário, como compreender tanta crueldade, palavras tão duras? Seria pura maldade e isso não era, absolutamente, a natureza de Dona Leonor. Nem muito menos, vingança. Apenas, exclusivamente, egoísmo, falta de simpatia humana. Para aquela velha magra e autoritária, só existia uma realidade: ela, Dona Leonor, ou melhor: eles, os Soares.

Por alguns segundos, pensara em reagir, em exigir um tratamento diferente sob pena de não continuar mais ali. Calara, porém. Decidira esperar, suportar tudo pacientemente. Podia exigir alguma coisa? Tinha outra alternativa além de aceitar tudo quanto Dona Leonor quisesse? Primeiro, por causa de Padre Luís, da boa-fé do seu esforço, do imenso trabalho que devia ter tido para tentar explicar à velha Soares o sentido cristão do perdão das ofensas. (Se o resultado fora aquele, não tinha culpa, nem diminuía por isso o seu mérito). Depois, principalmente

talvez, por Mário, pela vontade que tinha de tornar a vê-lo, de tê-lo de novo nos braços como mãe. Já que não era pessoa de tentar revê-lo contrariando a vontade expressa dos Soares, tinha de se curvar diante das circunstâncias e nunca pisá-las aos pés, provocando um desentendimento que arruinaria qualquer esperança futura.

Percebendo o estado em que Ângela estava, Dona Leonor se perturbou um pouco e hesitou durante alguns segundos quanto ao caminho a seguir. Depois, abaixando a voz e mudando de tom, explicou:

— Se não me tivessem falado do seu arrependimento, se eu própria não tivesse me convencido dele, por certo não a teria procurado.

De cabeça baixa, Ângela esperava. Agora, viria uma nova sentença. Havia simpatia nas palavras de Dona Leonor, mas não convinha esperar demais.

— Ângela — prosseguiu Dona Leonor no mesmo tom de momentos antes —, também você sofreu muito, eu sei. Muito, mas no seu caso, foi merecidamente.

— Dona Leonor, não insista! — ...Longe de se lastimar, você deve até dar graças a Deus que lhe mostrou tão rapidamente o caminho do arrependimento.

Ouvindo-a falar, Ângela pensou nos antipáticos e estereotipados pastores de certos filmes americanos. Comparou-a com a severidade digna, acolhedora, de Padre Luís. E não teve coragem a não ser para esperar. Não o fez durante muito tempo, porém, porque o pequeno sermão começado não ficou interrompido por mais de alguns segundos:

— Seu castigo pode ter sido duro e não duvido que o tenha sido, muitíssimo até. Mas nem um momento acredite que possa ter sido demasiado.

O protesto de Ângela veio do fundo da alma:

— É fácil de dizer, Dona Leonor! Dona Leonor teve um momento de irritação e observou:

— Duro, duríssimo, excessivo... foi o nosso castigo, porque imerecido. Afinal, Ângela, nós nada fizemos lá em casa senão tratar você com o maior carinho... com... O gesto de braços de Ângela impediu Dona Leonor de ir adiante. Deteve-se, dominou a irritação inicial e vendo a nora com a cara banhada em lágrimas, bateu-lhe com a mão enluvada no ombro, tentando consolá-la:

— Ângela, se eu falo assim a você, creia, é para seu bem. De outro

modo, que adiantaria a minha presença aqui? Já agora sem se conter mais, pensando apenas no instante da despedida, que não podia tardar, Ângela perguntou sem meias-palavras:

— A senhora acha que Carlos me perdoará... um dia?

— Não é impossível... — limitou-se a responder a outra, abaixando logo os olhos.

Animada pela perspectiva entrevista, ousou:

— E a senhora acha que ele ainda me deixará ir para junto de Mário... um dia? Dessa vez, Dona Leonor hesitou bastante antes de responder:

— Também não é impossível... mas, por enquanto, nem é bom pensar nisso.

— Mas... um dia?

— Evite desilusões, Ângela! Não pense por ora nisso.

— Não me importam desilusões... apenas a possibilidade, o direito de ainda ter esperanças.

Dona Leonor se levantou, visivelmente perturbada pelo rumo que a conversa de súbito tomara. Agora, só queria vê-la terminada. Estendeu a mão em sinal de adeus, mas a pergunta já estava diante dela:

— E a senhora, posso contar com o seu apoio nesse sentido... um dia? Dona Leonor teve um gesto de franco mau humor, quase de agastamento.

Apertou a mão de Ângela e respondeu com firmeza:

— Sobre tudo isso, ainda vou pensar. Por hoje não lhe digo que sim nem que não. Conversaremos num outro dia. Por enquanto só lhe trouxe uma coisa, que foi o meu perdão. Será que não lhe bastou?... Ângela não respondeu. Limitou-se a levar aos lábios a mão de Dona Leonor que não tinha a luva calçada e afastou-se com os olhos cheios de lágrimas para o interior do cinema. Sentia-se vencida pela emoção, incapaz de proferir duas palavras claras. Era como se ainda tivesse diante dos olhos a mão da velha Soares, cheia de rugas e anéis... e, mais ainda, de dureza e secura. Contudo, podia negar que ao beijá-la, fora, por um segundo, como se já estivesse beijando as mãos, as mãos amadas e claríssimas de Mário?

III

aquela manhã, depois de ouvir em silêncio a narração de Ângela da sua conversa da véspera com Dona Leonor, Padre Luís pensou alguns momentos antes de falar. Seu impulso inicial fora o de cair de joelhos ante o Crucificado e agradecer-lhe o modo pelo qual os acontecimentos estavam se encaminhando. Depois, refletiu no estado de espírito de Ângela e concluiu que era melhor cuidar primeiro de sua alma desorientada. Mais tarde, tudo normalizado, seria tempo para a ação de graças.

Recebera Ângela na sacristia, como já o fizera das últimas vezes, quando o viera procurar para “simples conversas”, como dizia, não querendo aludir à dificuldade, senão impossibilidade, de ouvi-lo ajoelhada diante da palhinha do confessional. Chegara cedo, aflita por lhe contar o que sucedera na véspera.

Ainda que não o deixasse transparecer, a surpresa de Padre Luís não foi pequena ao saber que Dona Leonor resolvera chamar Ângela para perdoá-la. Não esperava uma capitulação tão rápida, tão corajosa, por parte de uma pessoa cuja natureza altiva e teimosa conhecia tão bem. Era evidente que havia em tudo aquilo intervenção divina. Assim, ainda podiam contar com muitos sucessos. Aquele perdão fora apenas um primeiro passo. Outros viriam: os decisivos, sem dúvida. Antes de mais nada, cabia falar a Ângela, abrir-lhe os olhos sobre certos aspectos do problema, preparando-a aos poucos para aceitar cristãmente a graça que ia receber de Deus. E isso não seria fácil, dado o desânimo em que vivia, dada sua atual falta de fé. Além disso, convinha desde logo procurar Dona Leonor, prosseguir na sua tentativa de esclarecê-la sobre seus deveres para com a nora. A entrevista da véspera, o perdão seco, as promessas vagas, nada disso bastava, nada disso tinha valor, sentido, se não fosse seguido pelo resto, pelo perdão de coração, pelo movimento cristão de verdadeiro amor ao próximo que consistia em trazer Ângela de novo ao seu posto de mãe, em reformar o lar tão inopinadamente desfeito. Uma vez dado o passo da véspera, Dona Leonor podia se sentir

satisfeita e, com a consciência enfim tranquila, esquecer a nora. Portanto, era preciso ir a ela, falar-lhe claro, mostrar-lhe que não podia parar no meio do caminho. Mesmo deixando Ângela de lado, a felicidade de Mário e a do próprio Carlos dependiam da solução integral daquele problema. Se ela perdoava, todos deviam perdoar. E se todos perdoavam, era evidente que Ângela não podia ficar por mais tempo afastada do filho, longe do lar, abandonada às incertezas da vida, aos perigos de sua natureza excessiva, descontrolada. Não era humano, não era cristão deixá-la em agonia naquela pensão miserável onde vegetava há vários meses. Devia voltar ao lar que era seu, que só a morte podia desfazer. E era obrigação de Dona Leonor colaborar para isso com todas as suas forças em virtude da sua posição especial de chefe da família Soares e de mãe de Carlos.

Depois de ter refletido sobre tudo isso, Padre Luís se decidiu a falar. E em poucas palavras explicou a Ângela como via com otimismo as possibilidades que tinha diante de si. Querer se obstinar no seu desânimo, no pessimismo daqueles últimos tempos, era pecar por falta de esperança. Era se recusar a ver o dedo de Deus na sua vida — evidente, no entanto, evidente como jamais coisa alguma o fora sobre a terra.

Ao contrário do que esperava, não encontrou em Ângela a resistência de sempre. Se não fez declarações positivas, pelo menos ouviu tudo com a maior simpatia e com meneios de cabeça que, sem exagero algum, podiam ser considerados encorajadores. Em outro ponto, porém, a surpresa do padre foi grande, causando-lhe mesmo as maiores apreensões. Inexplicavelmente, Ângela receava, agora, o que antes desejara tão ardentemente: a volta à casa dos Soares... Aliás, falava sob o domínio de uma violenta agitação. Dormira mal a noite, acordara cedo, sentia-se mais nervosa do que nunca. Pensara muito sobre a conversa da véspera. Pensara provavelmente demais. Falava com prolixidade, contradizendo-se a todo instante, fugindo mesmo às perguntas mais incisivas. Contudo, em determinado momento tivera de responder claramente e precisara:

— O que eu temo, padre, é não aguentar... é não suportar mais, sobretudo depois da conversa de ontem com Dona Leonor, aquele ambiente antigo, a rigidez de certas pessoas que lá viviam... e devem continuar a viver da mesma forma.

Aquele ponto nevrálgico não era novo para Padre Luís. Queria, no entanto, que palavras claras fossem pronunciadas ali naquele instante para poder discutir à vontade e tentar alcançar mais eficazmente o inimigo escondido, o inimigo que em tantas e tantas ocasiões anteriores

soubera se ocultar com tão grande habilidade. Logo indagou:

— Pessoas? Mas, que pessoas?... Ângela sacudiu os ombros, fugindo intencionalmente a qualquer individuação.

E isso foi confirmado pouco depois, quando disse:

— Pessoas... Ninguém em particular, todos de um modo geral.

— Ouça, minha filha — objetou Padre Luís com segurança —, todo esse tempo você não desejou ardentemente...

— Eu sei, padre — interrompeu Ângela com vivacidade.

— Não há dúvida sobre esse ponto. Não tive maior desejo nesses últimos tempos, concordo. Ontem à noite, porém, pensando, pensando muito, principalmente recordando fatos, pequenos detalhes da nossa vida de anos e anos, lendo trechos esparsos do diário que o senhor sabe que eu escrevo, fui me sentindo tomada de medo. Aos poucos, lentamente, à medida que certas recordações iam me vindo à memória...

— Que recordações? — perguntou o padre autoritariamente.

— Importa detalhá-las?

— Certamente.

Estabeleceu-se um silêncio pesado, difícil para ambos. Por fim, Ângela balbuciou, visivelmente contrafeita:

— Não sei, padre... Custa dizer.

Padre Luís hesitou. Depois, mais brando, tentou auxiliar:

— Diga-me: essas recordações são de tal natureza que... em um confessionário, já não seria tão penoso evocá-las?... Ângela se sentiu corar e abaixou a cabeça diante do olhar compreensivo do padre. Momentos depois, confessou:

— Sim. Exatamente.

Padre Luís respirou fundo, procurou palavras que teimavam em lhe fugir dos lábios e, por fim, sugeriu:

— E se nós tentássemos essa confissão... que lhe faria tanto bem... e esclareceria tanta coisa?... Ângela levantou sobre o padre um olhar súplice. Encontrou, porém, fixos nela, os mesmos olhos perscrutadores de antes. Procurou se defender:

— Sim, mas, hoje?...

— Por que não hoje?

— Não vim com preparação para isso, padre. Talvez seja melhor amanhã, em outro dia.

— Não vejo motivo para essa protelação, minha filha. Você tem receio de quê? Não há nada a temer, asseguro. Nem há necessidade de maior preparação. Pelo menos, podemos tentar...

— Não sei... — objetou Ângela fracamente, como se estivesse à beira da capitulação.

Padre Luís quis aproveitar a ocasião favorável e apoiou um pouco demais no tom severo de pouco antes, censurando:

— Nada de protelações inúteis. Quem está vivendo um momento tão importante, tão fundamental para o desenvolvimento da própria vida, não pode hesitar assim, brincar.

— Brincar?!

— Facilitar, pelo menos. Amanhã, talvez já seja tarde... Tenha coragem, minha filha.

Nesse momento, no entanto, Ângela já estava longe do impulso inicial que quase a fizera cair aos pés de Padre Luís contando-lhe tudo o que vinha pesando sobre seu coração e a que ainda não ousara se referir no seu diário. Resistiu, prometendo apenas que voltaria no dia seguinte ou assim que tivesse feito o exame de consciência que julgava necessário. Precisava pensar, refletir um pouco, para não falar levemente. Ninguém melhor do que ela media a importância da confissão que tinha de fazer. E, como se sentia cansada demais para tocar em certas feridas da alma, pedia paciência, confiança na sua sinceridade...

•

Pouco depois, quando Padre Luís entrou no gabinete do reitor, não pôde esconder a pressa com que estava. O tempo de que dispunha, parte de um intervalo entre duas aulas, era bem pequeno para tratar dos três assuntos que o traziam ali. E nenhum dos três podia ser deixado de lado.

Inicialmente, havia o caso de Armando. Na véspera, respondera de carreira e contrafeito às perguntas que Padre Martinho lhe fizera sobre o resultado de sua intervenção. Notara-lhe o olhar de surpresa e inquietação e queria, agora, contar-lhe em detalhe o que sucedera. Por certo ouviria de sua boca uma palavra de esclarecimento e consolo.

Diretamente relacionado com esse caso, havia o de Ângela. Padre Luís se sentia na obrigação de instruir o reitor do novo rumo que os acontecimentos vinham tomando pois, dias antes, contara-lhe o episódio em linhas gerais, omitindo apenas os nomes das pessoas. Agora, desejava ouvi-lo sobre um ponto que o preocupava aflitivamente desde a conversa de pouco antes.

E ainda havia, talvez com mais urgência de ser solucionado, o problema criado pelo incidente surgido entre o novo professor de latim do Colégio, Padre Ladário, e os alunos do quinto ano ginásial — a sua tão apreciada turma do “espírito da terra”. Latente há várias semanas, a incompatibilidade se evidenciara naquela manhã, logo no início da primeira aula, quando Heitor Torres fora expulso da classe, provocando um movimento de revolta e solidariedade por parte de todos os colegas. Naturalmente, ele, Padre Luís, fora escolhido como advogado da turma junto ao reitor.

Apesar de ser o caso mais urgente, foi o em que os dois padres menos se demoraram. Padre Martinho se mostrou perfeitamente inteirado da situação, mas não quis discuti-la. Prometera momentos antes a Padre Ladário ouvi-lo em primeiro lugar e, por força das circunstâncias, só à tarde poderia se realizar a conversa. Como medida preliminar, suspendera por indisciplina a turma do quinto ano. E, como comentário final, ante o ar contrariado e levemente reprovador de Padre Luís, observara:

— Meu filho, não se deixe levar demais pelo que há de bom nesses rapazes. Veja também o outro lado. Eu já os conheço bem. Neles, o que há de mais forte, creia, é o espírito de indisciplina, de rebeldia... “O espírito da terra...”, pensou Padre Luís, sem contudo responder coisa alguma. Abaixou a cabeça e esperou. O reitor concluiu sem demora:

— Hoje à tarde, ou amanhã cedo, conversaremos de novo sobre o caso. Vamos agora aos outros assuntos que o preocupam. Temos pouco tempo... Sobre a salvação de Armando, o que Padre Martinho pôde dizer não contribuiu muito para a tranquilidade de espírito de Padre Luís. A dúvida continuava e as palavras cheias de caridade e esperança do reitor só podiam confirmar nele a impressão de um tremendo fracasso pessoal. Em consequência, só lhe restava uma coisa a fazer: resignar-se, aceitar os fatos e, em vez de procurar esquecer Armando, rezar por ele, pela sua redenção *in extremis*.

Por fim, a conversa se fixou em Ângela. Em poucas palavras, Padre Luís informou o reitor do movimento de Dona Leonor e dos resultados da entrevista, sem contudo pronunciar nomes próprios. Passando com ligeireza por sobre esses pontos, abordou diretamente o tema que o

preocupava: as recentes e inexplicáveis dúvidas de Ângela, tudo o que percebera nela de resistência à perspectiva de voltar para junto do marido.

Padre Martinho ouviu essa parte final da exposição com a cabeça abaixada, os olhos levemente cerrados. Se se tratasse de outra pessoa, poder-se-ia acreditar que adormecera, como muitos padres velhos costumam fazer nos momentos de grande tédio que lhes são proporcionados por almas por demais escrupulosas. Era evidente, porém, que não se estava diante de um caso desses. E nem por um instante essa suspeita ocorreu a Padre Luís. Sabia que o reitor o estava acompanhando passo a passo, ainda que suas palavras não fossem nem pudessem ser muito claras. Aliás, a confirmação dessa certeza veio logo, pois Padre Martinho não tardou muito a falar. Abriu os olhos, claros e bons, alisou com as mãos finas os cabelos já inteiramente grisalhos, sorriu para o alto como se se dirigisse a um interlocutor invisível e principiou:

— Meu filho, cuidado. Esse é um terreno delicadíssimo onde nós, confessores, guias de almas, temos que nos mover com a maior prudência. Uma palavra a mais, uma palavra a menos, podem comprometer vidas inteiras, felicidades, criando verdadeiros abismos entre marido e mulher. Ora, você bem sabe, aqueles que Deus uniu não devem ser separados por ninguém... Padre Luís tentou interromper:

— Eu sei, padre reitor.

Padre Martinho fez sinal que se detivesse e o deixasse prosseguir até o fim. Um tendo se calado, o outro pôde continuar:

— Deixe portanto de lado esses escrúpulos... possibilidades ainda muito vagas. Se existirem realmente, virão mais tarde à tona e, então, sempre será tempo para enfrentar o problema. Por enquanto, seu cuidado deve ser um único: sem perder de vista os preceitos da prudência, restaurar esse lar, colaborar na medida das suas forças para que se reconstitua cristãmente essa família dissolvida temporariamente por um vento de leviandade e insensatez.

— Sim, e é esse o meu maior esforço — não pôde deixar de acrescentar Padre Luís.

— Nem nenhuma dessas considerações feitas me incita a recuar. Tenho me empenhado ao máximo, exatamente como se não receasse nada, como se não houvesse a menor sombra no horizonte...

— Eu bem sei. É do seu modo de ser, aliás. E eu receio um pouco por você, dado esse seu temperamento... digamos: apaixonado.

Padre Luís abaixou os olhos, envergonhado. Ia indagar: “Apaixonado? Em que sentido?”, quando Padre Martinho, adivinhando a pergunta, confirmou:

— Temperamento apaixonado, temperamento combativo, de esforço contínuo e doloroso. Ainda nesse caso, você está de armas em punho, lutando, como ontem lutou a manhã toda à cabeceira de um moribundo...

— Casos diferentes, padre... — objetou Padre Luís sem grande convicção.

— Nem tanto! No fundo há uma mesma luta: ontem contra a vontade evascente de um rapaz que atentou contra a vida por desespero, hoje contra a falta de espírito cristão de uma família que não sabe ou não quer perdoar. Como você vê, as semelhanças existem, sob o ponto de vista da sua participação. Sempre grande, gritante...

— Exagerada? — insuflou Padre Luís a meia-voz, sem esconder um movimento de crescente inquietação.

— Exagerada?... Não. Não creio que o termo seja bem esse. Você faz o que sua consciência lhe manda fazer. E faz como sabe, como pode... irrestritamente. Em consequência, sofre mais com isso, arrisca-se mais.

Padre Luís teve um sobressalto como se percebesse toda a extensão do pensamento do reitor. Padre Martinho o olhou com serenidade e continuou logo:

— Nem é outro o motivo, meu filho, que me faz temer por sua causa. Você se arrisca demais, se oferece todo inteiro aos golpes do demônio. Você não sabe se defender... e se isso é muito bom, como testemunho a favor do seu caráter, é ruim do ponto de vista do seu bem-estar, da sua felicidade, da sua tranquilidade... direi mesmo: do seu equilíbrio interior. Sim, tudo isso é bom, mas é fonte de inafastável sofrimento. E é mais ainda: é uma possível ameaça para sua paz de espírito.

Padre Martinho tinha agora os olhos baixos. Sabia que estava ferindo o ponto mais difícil do problema. Não se admirou portanto do tom angustiado com que Padre Luís indagou:

— Da minha paz de espírito? Por que, padre reitor? Nesse instante, a sineta do Colégio tocou anunciando a última hora de aula antes do recreio. Os dois padres se levantaram instintivamente e Padre Martinho declarou:

— Conversaremos depois, com vagar, sobre esses assuntos. Não temos tempo, agora. Em síntese, porém, o que lhe quero dizer é que precisamos

confiar mais em Deus, na Providência, e um pouco menos em nós mesmos, no nosso esforço, nesses pobres gestos de socorro que, por si, nada valem, nada significam e não nos podem justificar diante de Deus. Ou você já se esqueceu do que São Paulo ensina a esse respeito: “...eu não me julgo a mim próprio; pois, ainda que não me sinta culpado de nada, por isso não me sinto justificado: meu juiz é o Senhor...”.

— Claro, padre reitor. Apenas...

— Não é só isso. Deus não é só o nosso juiz, é quem realmente age. Não somos nós que fazemos, é Ele quem faz por nosso intermédio. Portanto, menos consciência, mais docilidade. Sim, meu filho, menos julgamento dos fatos que vão sucedendo ante seus olhos e mais confiança no resultado final. Lembre-se ainda de São Paulo, de um dos trechos fundamentais da nossa religião: “... é pela graça que sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós, porque é um dom de Deus. Não vem das obras, a fim de que ninguém se glorifique”.

Estavam parados à porta da reitoria, prontos para sair. Padre Luís tinha os olhos baixos e ouvira as últimas palavras do reitor como quem ouve uma sentença. Já pensara muito em tudo aquilo, mas talvez não daquela forma incisiva, pessoal. Ao fim de alguns segundos, perguntou:

— Quer dizer, padre reitor, que talvez fosse preferível eu não procurar levar adiante esse caso... não insistir com a família? Padre Martinho teve um sobressalto e protestou com um gesto largo de braços para o alto que foi logo acompanhado por palavras precisas:

— Claro que deve insistir, que deve agir! Não é o que lhe dita a consciência? Vá, vá hoje mesmo, se assim julgar necessário. Apenas... e é aí que eu queria chegar... vá com outro espírito.

— Outro espírito?

— Sim. Com mais confiança em Deus. Com mais simplicidade. Sem se perguntar tantas e tantas coisas a respeito de sua posição, de seu papel. Nós não existimos, meu filho. Deus é que existe. Nossa função é humilde, é absolutamente anônima.

— Sim, eu sei. Eu não quero aparecer, padre reitor! Abrindo a porta da saleta, Padre Martinho sorriu e, já no corredor, despedindo-se, corrigiu:

— Não foi nesse sentido, meu filho, que me servi da palavra “anônima”. Não o estava querendo ofender... ou repreender. Quando falei que nossa função deve ser anônima, pensava nesse anonimato de nós mesmos diante de nós mesmos, que é tão raro, tão difícil de conseguir e, no entanto, absolutamente essencial para nós, sacerdotes.

Pense nisso. Pense e reze pedindo a Deus que lhe conceda essa graça. Isso lhe poupará muitos sofrimentos, muitos, muitos, desgostos inúmeros, incríveis... O reitor se afastou, talvez continuando a falar alto, para si mesmo — quem sabe se de uma maneira muito mais explícita sobre os perigos que via ameaçando aquele padre moço, ardente de zelo apostólico e de quem tanto gostaria de poder amenizar os sofrimentos futuros. Padre Luís, no entanto, nada ouviu e nada poderia ouvir porque o que já ouvira o deixara como que estarecido, mergulhado na mais profunda aflição.

•

Eram cinco horas da tarde. A decisão de procurar Dona Leonor no dia seguinte tranquilizara Padre Luís momentaneamente. Já lhe sobravam, aliás, naquele dia, motivos de aborrecimento. A conversa que acabara de ter com Heitor Torres a propósito do ato de indisciplina que provocara a suspensão do quinto ano ginásial, enchera-o de pessimismo. Por certo os alunos tinham razões para não gostar de Padre Ladário, para querer sua substituição. Tinham sido, no entanto, de uma inabilidade catastrófica no caso em apreço, alienando de si qualquer parcela de razão. Padre Ladário ficara com todos os trunfos. Se quisesse, poderia esmagá-los, exigir até mesmo a expulsão dos cabeças do motim, principalmente a de Heitor Torres. De modo que ele, advogado dos alunos junto ao reitor, se vira sem recursos para defendê-los. Dissera tudo isso a Heitor. Notara, porém, no seu olhar, uma certa desilusão, como se lhe tivesse passado pela cabeça, qual uma tentação logo repelida, a ideia de que estivesse receoso de se lançar na luta contra o poderio representado por Padre Ladário ou pela tradição de disciplina do Colégio São Luís de Gonzaga.

Nada disso importava, é verdade. Faria o seu dever. Heitor e os alunos do quinto ano acabariam compreendendo. Veriam que tinha feito por eles o máximo possível. Sofreriam alguns dias de suspensão e, no futuro, pensariam um pouco mais antes de agir. Ou, pelo menos, viriam lhe fazer uma consulta prévia, como sucedera em outras ocasiões. Padre Luís se sentiu amargo, quase hostil. Abaixou a cabeça, humilhado. E ia se penitenciar dessa inexplicável dureza, quando se lembrou que estava muito cansado das preocupações daqueles dois últimos dias e que, assim, aquilo não tinha maior importância. Quando o reitor o chamasse, falaria em favor dos meninos do melhor modo possível. Talvez não conseguisse nada. Contudo, teria a consciência tranquila, podendo depois prestar contas da sua missão de coração aberto. O senão mais sério seria Padre Ladário. Ia ter de se chocar com ele, incorrer na sua já tão evidente má vontade. Não tinha, porém, outro recurso. Os alunos suspensos tinham vindo a ele em desespero de causa e não podia

abandoná-los.

As aulas já estavam terminadas e pensava em descansar um pouco no seu quarto antes da refeição da noite, quando Simão, porteiro do Colégio, veio ao seu encontro. Parecia alvoroçado com a notícia que trazia: uma senhora precisava falar-lhe com grande urgência e esperava por ele, na Capela.

Se de início Padre Luís pensou no vulto desnordeado de Ângela, logo às primeiras indicações de Simão, descrevendo a visitante, reconheceu perfeitamente a figura de Dona Leonor. As palavras podiam não ser precisas, a descrição por demais vaga, mas como não identificar aquele vulto tão característico numa sociedade que cada dia se distanciava mais das suas formas tradicionais? Era ela, só podia ser “a velha Soares”, como muitos a chamavam, não obstante sua pouca idade e seu excepcional estado de conservação. E, sem perda de tempo, foi procurá-la na Capela.

Assim — pensava Padre Luís indo ao seu encontro —, era evidentemente vontade de Deus envolvê-lo naquele caso. Mal tomara a decisão de procurá-la, já ela ali estava, como se tivesse adivinhado sua resolução e não pudesse esperar pelo dia seguinte. Não ficava patente que os desígnios da Providência estavam naquilo tudo, que não podia recuar sem fugir à sua função, aos mais elementares dentre os seus deveres? Padre Martinho não faria o mesmo? Não atravessaria o pátio com aquela mesma pressa? Dona Leonor parecia aflita e tinha o ar cansado. Deixou-se levar para a sacristia e sentou-se na primeira cadeira que encontrou. Padre Luís foi buscar outra para poder ouvi-la à vontade e permaneceu imóvel à espera de sua narração.

Em rápidas palavras, Dona Leonor o pôs a par do que sucedera; na véspera, depois de ter procurado Ângela e de tê-la perdoado (tal como em tempos lhe aconselhara que fizesse), pusera-se a refletir sobre a situação da nora e sentira remorsos por tê-la deixado sem uma palavra positiva de esperança. Afinal, tratava-se da mãe de Mário, da esposa de Carlos, de alguém que trazia o nome Soares. Raciocinara que não estava procedendo corretamente, não lhe cabendo o direito de esconder do filho seu movimento em relação a Ângela. Se fosse só o perdão, ainda bem. Poderia agir sem informar Carlos. Era uma questão de consciência em que unicamente ela poderia ser juiz. Já agora, uma vez que pensava em ir mais longe e não encarava com tanta repugnância a perspectiva de tornar a privar com Ângela, não se sentia mais com coragem de se mexer às escondidas do filho.

Pensara tudo isso na véspera. Já de manhã cedo, resolvera falar com

Carlos e, agora, vinha de ter tido com ele uma longa entrevista. A surpresa do filho fora imensa. E logo de início sua resistência parecera tão inabalável que quase desistira de prosseguir. (E, no entanto, só falara em perdoar...). Aos poucos, porém, fora se acostumando com a ideia. Quando a ouvira dizer que tinha estado na véspera com Ângela e que a nora lhe inspirara muita pena, de tal modo a encontrara alquebrada, parecera emocionado e até certo ponto aliviado, ainda que vagamente inquieto pelas condições de vida de Ângela. Insistira, então, no seu conselho de perdão e tinham se separado sem que nenhuma palavra definitiva fosse pronunciada. Carlos prometera refletir no assunto e voltar a discuti-lo.

Terminada a narração dos fatos, Dona Leonor passou a explicar o motivo especial de sua visita: queria saber o que Padre Luís achara. Agira bem? Ou se precipitara? Além disso, que devia fazer, agora? Permanecer na expectativa, até que Carlos viesse procurá-la ou tentar influir nos outros membros da família, sobretudo em Eliodora, cuja resistência iria certamente ser terrível? A resposta de Padre Luís não se fez esperar:

— Dona Leonor, dificilmente a senhora poderia ter agido melhor. E não creio que tenha havido de sua parte a menor precipitação. Pelo contrário, dada a natureza do caso, qualquer delonga pode se tornar altamente prejudicial.

— Eu poderia ter vindo consultá-lo antes de falar com Carlos... — sugeriu Dona Leonor no tom de alguém que pede desculpas, mas não está em absoluto convencido de ter praticado a menor falta.

— Sim. Contudo, eu não lhe teria aconselhado nada de diferente — retorquiu Padre Luís com segurança.

— Por certo, foi Deus quem inspirou esse seu passo.

— O senhor acha, realmente?

— Pode crer que sim.

Houve um instante de silêncio. Dona Leonor esperou por uma reafirmação mais categórica. Vendo porém que o padre permanecia calado, absorto em algum pensamento que não encontrava exteriorização, prosseguiu:

— E quanto a falar com minha filha, com Eliodora?

— Já?... A pergunta, pelo tom, implicava numa reprovação da ideia sugerida. No entanto, Dona Leonor, apesar de saber que Padre Luís

conhecia bem o temperamento de Eliodora, indagou:

— O senhor a conhece bem, não?

— Mais ou menos...

— Por isso, receia que eu fale já?... Padre Luís sorriu compreensivamente. A resposta era evidente. Mesmo assim, explicou:

— Receio a influência do temperamento autoritário de sua filha nesse momento... isto é, enquanto a decisão de Carlos não estiver tomada.

Dona Leonor sorriu e comentou:

— Sim, o senhor os conhece bem: ela é muito mais Soares do que ele.

Aliás, Carlos é o menos Soares de todos. Longe!

— E seus outros filhos, o que acham? — indagou Padre Luís para fugir ao assunto que não o deixara muito à vontade.

Dona Leonor sacudiu os ombros e teve um muxoxo:

— Todos são contra Ângela. Todos! O que vale, porém, nesse caso, é a opinião de Eliodora. Ela maneja a opinião do marido e dos três irmãos... Dona Leonor fez uma ligeira interrupção, como se não quisesse revelar segredos de família, mas não resistiu à queixa secreta e completou:

— Ultimamente, imagine o senhor, que até em *mim* ela pretende mandar... Padre Luís teve um gesto de cabeça que equivalia a uma reprovação e tentou reconduzir a conversa para o seu verdadeiro caminho:

— Razão demais, Dona Leonor, para conservá-la afastada nesses primeiros dias, enquanto só há incertezas, vontades fracas ou indecisas. Depois, então...

— Eliodora não me perdoará jamais! — interrompeu Dona Leonor com violência e como se aquela ideia ainda não lhe tivesse ocorrido.

Padre Luís sentiu um arrepio lhe correr longamente pelo corpo. Teria pressentido o perigo? Teria tido a intuição de que, falando em Eliodora e na raiva que iria ter quando soubesse da “conspiração padresca”, haviam tocado no ponto essencial da questão? Teria adivinhado que, se já não adquirira, iria adquirir um novo e tremendo inimigo? De qualquer forma, a verdade é que se sentiu perturbado e procurou acalmar o receio de Dona Leonor:

— Ela compreenderá, acabará compreendendo. Não estamos agindo para o bem de todos? A tranquilidade da consciência...

— Mas, Padre Luís — interrompeu Dona Leonor com firmeza —, o senhor bem sabe que os princípios religiosos de Eliodora estão totalmente apagados. Não por culpa minha, que os inculquei com o maior cuidado. E não medindo esforços.

— Eu sei, Dona Leonor. Infelizmente.

— Infelizmente! O senhor diz bem. Mas, o que é que se há de fazer? Ela própria assegura que não sente falta da religião, que não necessita de promessas de outros mundos para praticar o bem neste... Padre Luís sorriu. Conhecia à saciedade aquele gênero de argumentos. E conhecia Eliodora, também. Contudo, como não era sua natureza, nem suas parcas ideias que queria considerar, indagou:

— E se seu filho for procurá-la, pedir-lhe a opinião, conselhos?

— Quem? Carlos? A Eliodora?... Dona Leonor se deteve, hesitante agora. De repente, lembrou-se:

— Não irá! Eu própria lhe pedi que não o fizesse, ainda há pouco.

— E ele observará a sua recomendação? — perguntou Padre Luís sem esconder certo ceticismo.

Dona Leonor pensou e teve medo.

— Não. Não falará. Seria horrível. Eliodora viria contra mim e jamais deixaria Carlos procurar Ângela.

Nesse instante, pela primeira vez em todo aquele episódio, Padre Luís sentiu a fraqueza de caráter de Dona Leonor. Mais ainda, a instabilidade da posição que assumira. Já era tarde, porém, para recuar. E assim, novamente dominado pelo ardor do desejo de ver triunfar a boa causa, cedeu ao otimismo momentâneo. Insensivelmente, desviou a conversa da oposição de Eliodora para uma série de detalhes secundários e em breve a entrevista precisava ser interrompida. Tendo conhecidos convidados para jantar, Dona Leonor não podia chegar tarde. Voltaria num outro dia, assim que houvesse alguma novidade. E ao se despedir, pediu ao padre, quase em tom de balbúcio, que informasse Ângela da conversa que acabara de ter com Carlos. Como Padre Luís hesitasse em aceder, insistiu, lembrando:

— É preciso dar-lhe coragem, padre. Ela está muito só... Padre Luís olhou Dona Leonor, quase estupefato. Afinal, que estava acontecendo com aquela mulher? Por que aquela mudança tão brusca? Em geral, não eram duradouras. Seria, naquele caso? Mas então, que sucedera? Um milagre, simplesmente um milagre?

Mesmo sem a inesperada irrupção de Eliodora Soares Moreno no Colégio São Luís de Gonzaga, aquela manhã teria ficado indelevelmente marcada na memória de Padre Luís em consequência da decisão, por parte do reitor, do caso dos alunos do quinto ano ginásial. Uma contrariedade viera se juntar à outra e a boa disposição que o animava ao se levantar da cama, subitamente se esvaecera. Horas difíceis viriam, horas amargas se anunciavam já.

Padre Martinho o chamara à sala da reitoria para conversarem. Ouvira-o com atenção apenas durante alguns minutos. Evidentemente queria verificar se tinha algum argumento novo a aduzir. Vendo que não, sorria e não escondera que já estava com sua decisão tomada. Pouco depois, comunicava-a oficialmente: como se tratava de uma turma que nunca dera motivos sérios de queixa, e a pedido do próprio Padre Ladário, ninguém seria expulso, nem mesmo o maior culpado, Heitor Torres. Ficariam apenas suspensos por uma semana, com notificação às respectivas famílias e uma tarefa de cópia de duas mil linhas de papel almaço, trechos do Novo Testamento. Quanto a Heitor Torres, teria sua pena dobrada: quinze dias de suspensão e quatro mil linhas.

Em vão Padre Luís pleiteou uma redução das penas, invocando o interesse dos estudos. O reitor se manteve inflexível e acabou censurando sua excessiva indulgência. Meninos daquela idade, sobretudo quando demonstravam tão abertamente tendências à insubmissão e à revolta, precisavam ser levados, no seu próprio interesse, com energia e sem tergiversações pusilânimes. Eles, ali no Colégio, eram educadores e não pais. Tinham por função mostrar o bom caminho, guiar pelo bom caminho, e não compreender psicologicamente os motivos dos que erravam. Ele próprio, Padre Martinho, porque já era um velho e vivera muito, em meios muito diferentes, sentia-se por demais inclinado à indulgência e ao perdão para não agir com todo o rigor em situações perigosas como aquela. Na véspera, ainda estava hesitante. Todavia, a conversa com Padre Ladário abrira-lhe os olhos: não punir com severidade seria legitimar o pior dos precedentes, seria minar a autoridade de todos os professores.

Nesse momento, Padre Luís não se conteve e perguntou:

— E não houve nenhuma referência a “professores” que minam a autoridade de outros professores pelo seu excesso de benevolência, pelo seu “exagerado interesse humano”?... O reitor sorriu com simpatia e confirmou:

— Houve, meu filho. Mas isso não nos interessa agora. Vamos deixar

de lado pequenos movimentos de vaidade...

— Vaidade?! — protestou inutilmente Padre Luís.

— ...pequenas discordâncias de orientação pessoal que oxalá nunca tivessem existido e que, com os dias

— Deus assim o queira e eu muito o espero —, acabarão por desaparecer. Esqueçamos tudo isso para só pensar na observação de Padre Ladário sobre a nossa disciplina. É de grande importância...

— E de grande perigo! — acrescentou logo Padre Luís, abaixando os olhos.

Padre Martinho teve um movimento de ombros de quem não teme o futuro. Em seguida, voltando atrás da sua segurança inicial, indagou:

— De grande perigo por quê? Padre Luís não precisou pensar para responder:

— Eu conheço essa turma, padre reitor. Conheço bastante todos esses alunos. E, melhor que todos talvez, esse Heitor Torres que incorreu tão violentamente na antipatia de Padre Ladário.

— Meu filho! — protestou o reitor sentindo o peso da censura contida nas palavras pronunciadas.

— Desculpe, padre reitor, mas sei perfeitamente por que estou falando assim. É uma turma talvez difícil, perigosa. São porém, todos eles, ótimos rapazes, incapazes de um movimento mau, de pura indisciplina.

— Bem, sobre isso já falamos. Minha decisão está tomada. E não pode ser outra, infelizmente. Quanto ao perigo futuro... não compreendo bem. Gostaria de ter esclarecimentos seus.

Dessa vez, Padre Luís hesitou. Que havia com o reitor, naquela manhã? Por que não o entendia, como em outras ocasiões? Até que ponto a conversa com Padre Ladário o afetara? Depois de alguns segundos de busca de palavras que teimavam em fugir, explicou:

— Eu receio, padre reitor, receio muito as consequências dessa punição... tão rigorosa!

— Não tanto assim.

Sem se deixar interromper, Padre Luís prosseguiu logo: — ...Sendo os meninos, os rapazes que são. Se tivessem agido por mal, aceitariam o castigo de um modo. Não tendo, como me parece, como estou certo mesmo, vão recebê-lo de outra maneira, quase como uma injustiça.

— Compreendo, mas...

— Vão reagir, vão ficar predispostos contra nós.

Naturalmente, todas aquelas palavras eram inúteis. A decisão já tinha sido tomada e Padre Martinho, no momento, era outro do que o novo reitor do Colégio São Luís de Gonzaga que Padre Luís tanto admirava e compreendia. Estranhava. Lastimava mesmo. E subitamente lhe veio à lembrança uma cena quase semelhante, ocorrida anos antes, quando, ante o então reitor, Padre Anselmo, pedira compreensão e indulgência para o caso de Roberto Dutra. Também daquela vez não tinha sido atendido. Perdera a autoridade para falar, para estender a mão, para amparar aquele pobre ser em via de se perder. Que fora feito dele, até onde não descera? Sua confissão sacrílega continuava interrompida. E, por enquanto, não havia nenhum indício de que fosse retroceder e viesse concluí-la.

Ora, naquele momento, fato semelhante se repetia em suas linhas gerais. No entanto, passava-se com um reitor em quem sempre depositara a maior confiança. Por isso, não compreendia, não podia compreender. Estava longe de se rebelar, mas sofria. Seria que também Padre Martinho lhe ia faltar? Iria ficar só, mais só ainda do que antes?

•

Ainda não se restabelecera do choque ocasionado pela atitude do reitor, quando Simão o veio chamar, quase no fim de uma aula de aritmética. Tratava-se de um caso de urgência e o cartão trazido pelo porteiro acusava o seguinte nome: Senhora Soares Moreno. Sem dificuldade, Padre Luís situou: era Eliodora.

Substituindo os quinze minutos finais da aula por um “estudo”, deixou o Irmão Gaspar encarregado de vigiar os alunos e saiu. A visita intempestiva de Eliodora, a urgência de lhe falar que alegara, o ar zangado que Simão cuidava ter descoberto na sua fisionomia fechada, não pressagiavam nada de bom. Era mesmo quase evidente: o que temera, tivera lugar. Eliodora soubera dos entendimentos entre Dona Leonor e Ângela.

Essa impressão desagradável ainda aumentou quando, ao chegar à portaria, deparou com Eliodora conversando animadamente com Padre Ladário. “Complô de inimigos”, pensou logo, invencivelmente. Compreendeu, porém, sem demora, que o encontro era puramente casual, sendo aquela a hora de entrada de Padre Ladário para a sua aula de latim do terceiro ano ginásial. A única possível anomalia era o fato de ele conhecer tão intimamente Eliodora, cujas tendências livre-

pensadoras, e mesmo anticlericais, eram notórias. “Como sempre!”, lastimou Padre Luís, tendo em mente a fama que Padre Ladário tinha de ter boas relações nos meios antirreligiosos. E avançou para fazer frente à conspiração. Assim o avistara, porém, Padre Ladário tratara de se despedir. Estava em grande atraso. Ainda tinha de dar nota nuns exercícios, antes da aula.

Evitando a Capela, Padre Luís conduziu Eliodora para a saleta junto à reitoria, frequentemente usada para os fins de entrevistas com pais ou parentes de alunos. Eliodora o seguiu sem dizer nada, de olhos baixos, muito vermelha. Parecia perfeitamente consciente da cena que ia provocar.

Era uma mulher alta e corpulenta que não podia ser considerada como uma criatura bonita, mas que talvez tivesse seus momentos, até mesmo seus dias, de real beleza. Dominava nela a aparência, a composição. Seus gestos davam a impressão de terem sido cuidadosamente preparados para produzir um determinado efeito. Faltava naturalidade até à sua distinção, ao ar fidalgo que em Dona Leonor era perfeitamente espontâneo. Por certo, lembrava a mãe em muita coisa. Estava, no entanto, bem longe de irradiar a simpatia, a confiança que “a velha Soares” inspirava a todos os que a conheciam. O olhar era mais vivo, mais penetrante, a boca mais dura, ainda mais autoritária. Sentia-se que estava no apogeu de suas qualidades de prepotência: orientadora e dominadora das consciências de toda uma família.

Sem perder tempo em preâmbulos inúteis, foi diretamente aos fatos que motivavam sua visita: o irmão a procurara na véspera para consultá-la sobre a possibilidade de ele perdoar a Ângela. Não falara em fazer as pazes, mas ela adivinhara logo a extensão do mal e, numa rápida sindicância, apurara tudo. Conversara longamente com Dona Leonor e acabara sabendo dos detalhes da “conspiração”. Estava portanto informada, perfeitamente bem informada, do ponto de partida de todo aquele deplorável movimento. Contudo, como tivera um certo escrúpulo em acreditar que na origem daquele disparate, daquela verdadeira infâmia, houvesse um padre — e um padre conceituado, consciente dos seus deveres —, quisera vir pessoalmente se certificar do fato. Podia ser que houvesse qualquer engano, inclusive ele, Padre Luís, não estar perfeitamente informado do procedimento ignominioso de Ângela, da verdadeira criminosa que ela se tornara desde o instante em que fugira de casa para ir viver com um pobre diabo, com um cretinóide da pior espécie, uma vida de vergonha e pecado.

Para responder, Padre Luís esperou que Eliodora terminasse com a catadupa de palavras que lhe acorriam. Em poucas frases, reafirmou

então sua posição, esclarecendo que não estava em absoluto enganado sobre os fatos a que se referira. Além disso, conhecia perfeitamente seus deveres de sacerdote, isto é: de pastor de almas que atende sempre às necessidades do seu rebanho. Agira assim e pensava ter agido bem. Que tinha ela a objetar contra o perdão concedido a Ângela por Dona Leonor? Não conhecia as palavras do Evangelho?... Não pôde ir mais adiante. A irritação que se apossara de Eliodora assim ele começara a falar, estourou de súbito:

— Perdão?! Perdão! Eu nem posso ouvir falar nisso! Não posso admitir nem discussão! O perdão do Evangelho de que eu me recordo é para uma mulher... “aquilo” não era mulher, era uma cadela, uma...

— Calma! Calma! — objetou Padre Luís com energia.

— Perdoar? Ora, tinha graça! Uma ordinária daquelas entra em nossa casa, só recebe bons tratos, tudo o que há de melhor... e sai como? Fugida, como saem as ladras, deixando meu irmão acabado, esmagado para o resto da vida. E meu pai? O senhor sabe o que aconteceu, pois não?

— Sei. Eu sei de tudo...

— Não parece! Não é o que parece, em absoluto! Meu pai — morto! E eu — perdoar? E meu irmão — perdoar? E minha mãe — perdoar? Só se fôssemos loucos ou insensíveis! Nós não somos de pedra, somos seres humanos...

— Justamente por isso... — tentou em vão interromper Padre Luís.

— Que ela queira isso, eu compreendo. Deve ter sido posta na rua pelo amante, deve estar na miséria, abandonada, renegada!...

— Minha filha, mais piedade! Afinal nós somos todos...

— Piedade? Piedade por quê? É fácil de dizer para quem não sofreu o que nós sofremos! Termos piedade agora, nós? Por que foi que ela não teve pena de nós quando fez o que fez, quando destruiu o lar de meu irmão, quando matou meu pai de desgosto, quando atirou nosso nome, limpo, perfeitamente limpo, na sarjeta, na lama, como chacota para as más línguas do mundo? Agora, naturalmente, agora ela vem com essa balela de piedade! É fácil, é cômodo!... Padre Luís percebeu que era inútil tentar deter aquela tempestade desencadeada. Eliodora viera para falar, para desabafar. Se se opusesse, era capaz de gritar, de dar um escândalo. Não parecia muito distante de um ataque histérico. Convinha, pois, ouvi-la com paciência. Esperou pelo fim e escutou:

— Mas, o incrível não é que essa peste, ao se ver desdenhada pelo

amante, tenha querido voltar novamente para junto de Carlos. Isso, é fácil de compreender: uma casa como não há melhor aqui no Rio, criados, automóvel, vestidos, luxo, dinheiro à vontade para todos os caprichos. Que quer ela mais do que isso?

— Inicialmente — interrompeu Padre Luís com autoridade, disposto agora a ser ouvido de qualquer modo —, o que ela quer, é perdão. Ser perdoada, compreende? E quem se arrepende, minha filha, quem se arrepende como ela se arrependeu, tem direito a ser perdoada.

Eliodora atalhou com um gesto brusco e, numa súbita explosão de ódio, fulminou:

— Que ela ache ou diga tudo isso, eu “compreendo”. Quem não compreende? Mas o incrível, como ia dizendo há pouco, é que haja pessoas que se prestem a colaborar nessas maquinações. E se essa pessoa é um padre... O protesto de Padre Luís veio com presteza:

— Minha senhora, eu não posso admitir esse tom! Se é desejo seu continuar essa conversa, fale em tom conveniente.

— Eu vim reclamar, não vim conversar! A resposta de Eliodora fora atrevida. O tom, porém, já era outro, evidentemente de alguém que temia ver interrompida a entrevista. Antes que Padre Luís protestasse, Eliodora, como que explicando, continuou:

— Eu tenho de que reclamar. Sua atitude, sua intromissão na nossa vida familiar...

— Decorrem de imperativos da minha consciência de sacerdote — completou Padre Luís com rapidez.

— Da sua consciência? Então, não compreendo o que é a consciência de um padre!

— Minha senhora, procure compreender.

— Não, não me interessa compreender sua consciência, padre. O que me interessa é que o senhor não venha se meter nos nossos assuntos de família.

— Quando há almas a salvar, desaparecem os “assuntos de família”. As almas, a felicidade essencial dos seres, as condições mínimas para a salvação, passam antes, têm de passar antes dos preconceitos, das exigências sociais. É claro. É óbvio.

Novamente a irritação se apoderou de Eliodora. Como não tivesse o que dizer, destemperou:

— Nada disso me interessa! Fique o senhor com suas almas, com os preconceitos que quiser. A mim, o que me importa é que não torne a se meter onde não foi chamado por ninguém!

— Minha senhora, por favor!... — ...Onde foi se intrometer subrepticamente, forçando a consciência, a boa-fé de minha mãe que está começando a envelhecer e não sabe mais resistir...

— Por favor, pare. Eu não posso consentir...

— Seja. O que eu queria dizer, já disse. O senhor ouviu. Sabe, portanto, o que penso de tudo isso. Uma canalhice! Felizmente, pude intervir a tempo, antes de o senhor conseguir penetrar junto a meu irmão para tentar seduzi-lo com suas habilidades de sermão e mistificador...

— Minha senhora!... Padre Luís tinha se levantado, disposto a sair e a deixar Eliodora falando sozinha. Ao vê-lo porém de pé, também ela se ergueu, dirigindo-se para a porta e continuando a falar:

— Faça como quiser... Já falei o que precisava falar, agora eu ia mesmo embora. Naturalmente, o senhor está prevenido: pare, não insista em hipótese alguma!

— Minha senhora, eu sei perfeitamente o que devo fazer.

— Como preferir. Não diga, porém, que não o preveni...

— Nenhuma ameaça me impedirá de agir de acordo com a minha consciência.

— Então, pior para si. Sofrerá as consequências. E não creia que vão ser pequenas. Com os Soares ninguém brinca. Para nós, Ângela morreu. Mas o senhor está vivo, tem seus superiores, e nós somos uma família bem relacionada, influente... Nesse instante, Eliodora estava parada em frente a Padre Luís, que se detivera assim que o nome de Ângela fora pronunciado. Como se nada mais tivesse sido dito ou a ameaça não o pudesse atingir, indagou:

— Para o menino... para o seu sobrinho, Ângela morreu? Deram-lhe alguma notícia nesse sentido? A indecisão de Eliodora foi terrível. A mentira veio como uma irresistível tentação. Contudo, o sangue dos Soares venceu:

— Não. Ainda não... Essas palavras valeram como uma despedida. Eliodora se afastou sem dizer mais nada e Padre Luís ficou parado, absorto, petrificado. “Apesar de tudo”, pensou ao fim de alguns segundos, ao desaparecer no corredor para atender às necessidades didáticas do Colégio, “se Ângela ainda não morreu para o filho, nada está perdido. A batalha entrou numa nova fase, mas a esperança ainda

está do nosso lado”. E, durante todo o resto desse dia tão mal iniciado, sua principal preocupação foi descobrir um caminho para reiniciar a luta sem demora e sem comprometer, por gestos precipitados e inábeis, as possibilidades de sucesso da causa que tomara a si. Entretanto, todos os seus sábios e moderados planos foram perturbados e quase inteiramente inutilizados pelos fatos que nos dias subsequentes se precipitaram de um modo incontrollável, segundo o ritmo catastrófico condicionado pela natureza dos personagens que então se moviam à sua volta.

IV

oi por pouco que Dona Leonor e Ângela não se encontraram, na manhã seguinte, na Capela do Colégio. A entrevista teria certamente sido útil a ambas e Padre Luís bem gostaria de vê-la se produzir espontaneamente, mas tanto Ângela como Leonor Soares muito a receavam naquele instante. Simples questão de falta de jeito. E talvez mesmo nada de bom tivesse resultado daquele encontro, dado o estado de depressão que Dona Leonor atravessava naquela manhã, depois de uma noite pessimamente dormida.

Padre Luís também não se sentia num dos seus melhores dias. Além do mais, quando Dona Leonor chegara, estava acabando de ouvir Matilde em confissão. A mesma tristeza de sempre, cada dia mais agravada: o mesmo desejo de pureza, a mesma extraordinária devoção à Virgem, e, no entanto, miseravelmente, a mesma escravidão ao namorado indigno da sua afeição. Era inacreditável, mas havia criaturas realmente capazes de tudo. Aquilo era pior do que espancar um recém-nascido, era pior do que qualquer coisa que se pudesse imaginar. Havia no entanto quem o fizesse.

Assim, quando foi ao encontro de Dona Leonor, já estava perturbado na tranquilidade que o possuía depois da celebração da sua missa matinal. Não esperava aquela visita, pelos menos tão cedo, tão próxima à de Eliodora. Saber da visita da filha, na véspera? Teria sido justamente por ter tido conhecimento do fato que o viera procurar? Para pedir desculpas? Numa Soares, tudo era possível. Ao orgulho arrogante da filha, gritando e acusando sem atender a nada, poderia muito bem corresponder o orgulho digno da mãe, pedindo desculpas de cabeça baixa e olhos fechados, voluntariamente se humilhando para não ficar devendo nada a ninguém, e muito menos a ele, padre humilde, mas

possível juiz da sua conduta pessoal.

Logo ao examinar Dona Leonor, sentiu quanto fora forte e grave a intervenção de Eliodora. No entanto, se acertara mais ou menos no que dizia respeito à vinda da “velha Soares” para pedir desculpas pelo descontrole e pela irreverência da filha, nem de longe avaliara o grau em que fora atingida pela reação de Eliodora. Evidentemente sua influência sobre Dona Leonor era enorme — cada dia se tornava maior... Se, sobre o irmão, fosse igualmente forte, a causa de Ângela estaria seriamente comprometida. Como desde a conversa da véspera suspeitara, o verdadeiro chefe da família Soares era Eliodora e não mais Dona Leonor. Com a idade, provavelmente depois da morte do marido e dos sofrimentos que tinham pairado sobre o solar da Rua São Justino, perdera o cetro. Sempre deixando de lado os homens da casa, a herança coubera à filha... Dona Leonor vinha para capitular. Desistira das boas intenções da antevéspera. Era visível. Desde o ar cansado e humilde, até o modo de se vestir, inexplicavelmente menos cuidado do que de comum, tudo denotava fracasso, desistência, falta de fé num esforço que um ou dois dias antes ainda era capaz de entusiasamá-la. Agora, não. A praça forte se rendera. E parecia que sem a menor resistência, exatamente como se inimigos ocultos a tivessem tomado à traição. Nem mesmo o olhar franco de sempre ousava fitar o possível juiz ou adversário.

Em resumo, Dona Leonor pensava que a raiva momentânea e o temperamento violento da filha tinham feito com que se excedesse, acusando-o sem razão, mas que, tudo bem pensado, talvez fosse melhor renunciar a levar adiante a reaproximação com Ângela. O perdão estava concedido, ficava. Além disso, para terminar com as negociações, o próprio Carlos consentia em perdoá-la, tendo-a encarregado de transmitir a notícia. Ele, Padre Luís, faria mais um enorme favor à família Soares, informando Ângela e pedindo-lhe encarecidamente que não insistisse em ir mais longe. Era tudo o que lhe podia ser concedido. E não era pouco. Quanto a rever o pequeno Mário ou a voltar para o lar que abandonara, isso era de todo impossível. Não pensasse em tal hipótese. Eliodora se opunha formalmente, os irmãos a apoiavam sem discrepância. E Carlos não pensava de outro modo. Tratava-se de uma questão encerrada.

Dona Leonor falava com rapidez, como se temesse ser interrompida. Queria dizer tudo de uma assentada, comunicar logo a decisão dos Soares. Pronunciava as palavras com nitidez e segurança, mas era em tom pouco elevado, quase murmurante. Dir-se-ia que receava ser ouvida por alguém além de Padre Luís. E as mãos, nervosamente contraídas, denotavam que não se sentia à vontade, talvez mesmo ansiosa por se ver

livre daquela obrigação assumida, evidentemente, em consequência de um movimento, senão leviano, pelo menos não muito bem refletido.

Ouvindo-a, o silêncio reprovador de Padre Luís não se quebrou nem uma só vez. A cada momento parecia ver mais distanciada, mais perdida, a tábuia de salvação que julgara ter sido estendida para a pobre Ângela. Se a aliada que tão miraculosamente encontrara fugia, a quem recorreria agora? A Carlos, ao fraco e dominado Carlos que deixava a irmã dirigir sua vida ao sabor dos seus rancores pessoais? Que teria de desistir, de renunciar, justo quando a esperança começara a renascer? Como se o sombrio das possibilidades entrevistas tivesse lhe dado forças, Padre Luís jurou a si mesmo não ceder, tentar mais um caminho. Na última conversa que tinham tido, Dona Leonor lhe dissera que estava à espera de uma resposta do filho. Pedira-lhe que perdoasse Ângela e ele prometera pensar sobre o assunto, visivelmente inclinado a ceder e, talvez mesmo, a ir bem mais longe. Referindo-se ao fato, o padre terminou por perguntar:

— Antes que lhe tivesse podido dar essa resposta, Carlos falou com sua filha? Dona Leonor pensou um segundo e, compreendendo o pensamento do seu interlocutor, confirmou:

— Sim. Foi justamente por isso que ele a procurou. E o fez logo em seguida à nossa conversa... apesar de eu, como lhe disse, ter pedido muito que não o fizesse. Aliás, o senhor não escondeu então quanto receava que o caso tivesse esse desenvolvimento... Padre Luís teve um quase imperceptível movimento de ombros que se levantam e se abaixam, e continuou:

— Não é isso o que me preocupa, agora. Apenas, saber o que a senhora acha: se Carlos tivesse agido por si só, sem se deixar influenciar pelo ponto de vista de sua filha, teria... teria perdoado?

— Perdoado? Pois eu não lhe disse que ele perdoava?! — apressou-se em observar Dona Leonor, tentando talvez com esse subterfúgio impedir que a conversa fosse mais adiante num caminho espinhoso, quase humilhante para o filho.

— Não — asseverou Padre Luís com firmeza.

— Falei em perdoar, em perdoar realmente, perdoar como um cristão. Não me quis referir a esse perdão que a senhora veio trazer como... — desculpe-me a franqueza da expressão, mas eu, na minha função, sou obrigado a ser absolutamente sincero — como quem compra uma renúncia.

— Padre Luís!

— Pense bem, Dona Leonor. A expressão talvez lhe pareça dura. É verdade, porém. Além do mais, reflita: o preço, em si, é miserável (como é cômodo!...) e a tentativa de compra é de uma coisa que não pode ser vendida. Veja a senhora como aparece, agora, triste e mesquinho o negócio de que me propõe ser o intermediário! Dona Leonor ouvia de olhos fixos no chão, as faces coradas pelo sangue que lhe subira à cabeça assim o padre falara em “preço” e “compra”. Sabia bem o que fazia, “a velha Soares”... E se envergonhava do papel que a obrigavam a desempenhar. Todavia, já o aceitara, convinha se sair bem dele, triunfando daquele padre ousado que parecia não respeitar a posição social de pessoa alguma quando sentia estar em jogo um dever a cumprir. Não tardou a formular a pergunta que Padre Luís esperava:

— O senhor se recusa então a transmitir o recado?

— Não é que eu me recuse. Longe disso. Apenas, antes, quero procurar seu filho, esclarecê-lo sobre certos pontos...

— Carlos deve saber o que faz, não? — atalhou Dona Leonor num evidente movimento de defesa.

Padre Luís sorriu e lembrou:

— Ainda há pouco, quando lhe perguntei acerca das intenções de Carlos antes da intervenção de sua filha, a senhora não me respondeu. Melhor do que eu, a senhora sabe por quê...

— Por que foi?... A incompreensão de Dona Leonor era sincera. Padre Luís esclareceu:

— Somente por um motivo: a senhora sabe, ou supõe, (pelo menos, inconscientemente) que, sem a interferência de sua filha, Carlos não só teria perdoado — perdoado realmente! — como teria ido a Ângela, refazendo em pouco tempo o lar desfeito.

Dona Leonor pareceu abalada. Balbuciou apenas:

— Assim, desse modo, ainda não havia pensado...

— Não duvido. Contudo, a senhora pressentia. E, agora, sabe perfeitamente.

Não pode mais fazer como se o ignorasse.

Abaixando a cabeça, Dona Leonor murmurou:

— Em verdade... Não foi no entanto adiante na sua capitulação porque o padre prosseguiu com rapidez:

— A senhora mesma, antes de sua filha intervir, estava disposta a

esquecer, a perdoar realmente. Por que mudou? Por que aceitou argumentos alheios como melhores que os seus?

— Pareceu-me... — ...Os seus, ouvidos por mim aqui nesta sala, são os que sua religião lhe manda considerar como bons. Por que desconfiar deles? Será que a senhora tem alguma dúvida religiosa que eu não conheça, e queira expor? Mais uma vez durante aqueles duros dias de hesitação e frequentes reviravoltas, Dona Leonor se sentiu dirigida, quase tiranizada. Eliodora felizmente não sabia daquela sua visita, nem do perdão que Carlos queria conceder secretamente a Ângela, mas, se ela viesse a mudar de lado, como Padre Luís queria, teria de saber. E então?... Para tudo isso, porém, havia tempo. O urgente era responder à pergunta do padre, tranquilizá-lo, prometer-lhe qualquer coisa. Falou, enfim:

— Em absoluto, Padre Luís. Apenas, preciso pensar sobre o que o senhor me disse, preciso refletir...

— Pense, pense! É isso mesmo que eu quero. Decida por si.

— E o senhor, que vai fazer? Por um momento, Padre Luís hesitou. Sua decisão já estava tomada, mas, conviria falar? Aquela criatura, apesar do porte, dos hábitos, da altivez peculiar à sua família, tornara-se fraca, inclinara-se ante a vontade de uma outra mulher, cuja ação nociva naquele caso era conveniente evitar, mantendo-a afastada o mais possível. No entanto, como alguém que se sente perfeitamente forte para enfrentar o perigo que se avizinha, tomou coragem para dizer:

— Pretendo hoje mesmo procurar Carlos.

Dona Leonor não disse nada. Abaixando a cabeça, levantou-se e saiu da saleta como alguém que sente que fracassou no esforço fundamental da sua vida. Sim — pensava ao atravessar a Capela —, malograra na sua tentativa de isolar Eliodora de Padre Luís. Agora, viria o quê? Nada de bom, certamente. A filha, ela bem o sabia, dia a dia se tornava mais terrível, mais inexorável em suas antipatias, na férrea execução das suas resoluções. Padre Luís não a conhecia, não a podia temer, portanto, na exata medida da sua força. Esperasse, porém, temesse bem: para ele, agora, seria a catástrofe...

•

Quando Padre Luís levantou os olhos, viu Ângela parada a alguns passos, absolutamente imóvel, como se temesse perturbar sua oração. Assim Dona Leonor saíra da saleta, ele passara para a Capela e se ajoelhara diante do altar de Nossa Senhora das Graças para lhe entregar, muito em particular, a solução daquele caso. Ainda não acabara o

quinto Padre Nosso, a sensação de uma presença o fizera erguer os olhos. Deparara, então, com Ângela. Minutos antes, teria encontrado Dona Leonor. Quase deviam ter se cruzado, no portão do Colégio.

Padre Luís se levantou, aproximando-se de Ângela. Ia lhe dizer que Dona Leonor acabara de sair, quando a moça avançou e declarou:

— Padre Luís, vim para ser ouvida em confissão.

Como a surpresa o imobilizasse e nenhuma palavra lhe aflorasse à boca, Ângela perguntou:

— O senhor pode, agora? Senão, espero porque creio que vou lhe tomar algum tempo... Na verdade, o tempo de Padre Luís não estava muito disponível. Cadernos de exercícios a corrigir podiam, porém, esperar quando se tratava de atender a um caso daquela importância. Se Ângela voltava a se confessar, depois de tantos meses de intervalo, depois de ter estado à beira disso na antevéspera e de ter tão inexplicavelmente recuado, é que alguma coisa de importância sucedera. Não convinha, portanto, retardar o momento de conceder a absolvição àquela alma tão solicitada pelo demônio do desespero. Quanto mais cedo fossem arrancados do seu coração os vestígios deixados pela dominação do Senhor do mundo, melhor. O resto podia esperar. Até mesmo o relatório sucinto que pretendia lhe fazer da conversa de pouco antes com Dona Leonor — omitindo apenas, por uma questão de conveniência momentânea, sua entrevista com Eliodora, na véspera. Sempre seria tempo de Ângela saber. Pelo menos, convinha primeiro falar com Carlos. E, antes de mais nada, agora, ouvi-la em confissão.

Tranquilizou Ângela com um simples gesto, indicando-lhe o confessionário mais perto. Murmurou depois que estava às suas ordens e ambos foram ocupar as posições de costume. Momentos depois, rezada a oração preliminar, o padre encostava o ouvido à palhinha.

Dito o *Confiteor* e confessados os pecados cometidos desde a última absolvição, Ângela explicara: acima de tudo, viera para receber o perdão de um pecado, maior que todos: o cometido contra a esperança. Desse é que mais se arrependia, sobretudo desde horas antes. Recebera então a prova de quanto fora estúpida e ingrata no seu ceticismo, no seu desespero imotivado. Deus não a abandonara, como não a podia ter abandonado. Fora loucura ter pensado nisso. E ele, Padre Luís, era um santo, era um benfeitor seu, de quem jamais se esqueceria nas suas orações. Não fora ele quem lhe dera coragem, quem lhe abrisse, aos poucos, os olhos cegos? Não fora ele quem iniciara aquela série de tentativas que tinham sido enfim coroadas de êxito naquela manhã? Ângela falava com animação e nem de longe suspeitava a surpresa, a

inquietação de Padre Luís. De início, tratara-se apenas de surpresa, de uma surpresa agradável. Se a confiança no futuro voltara, é que voltara também a fé, o abandono nos braços de Deus — e isso era o essencial. No entanto, quando vira Ângela fundamentar todo aquele entusiasmo no bom êxito do seu empreendimento, tremera. Fazer a esperança depender de um simples sucesso! E que sucesso podia ser aquele? Que fato podia ter sucedido, naquela manhã, a seu favor, quando ele mesmo ouvira, minutos antes, da boca de Dona Leonor, afirmações categóricas no sentido de que tudo estava terminado, nada mais existindo para Ângela senão um perdão seco e murcho que queriam incumbi-lo de transmitir justamente para evitar qualquer novo contato com a pobre criatura? Certamente devia estar enganada.

A hipótese era perfeita e Padre Luís logo o verificou. Prosseguindo, Ângela contou: naquela manhã, ao acordar, encontrara um bilhete que um portador acabava de trazer. A dona da pensão garantira: não quisera dizer de onde vinha, nem muito menos esperar por uma possível resposta. Era de Carlos. Simples, lacônico, resumia-se numa palavra: perdão. Seguia o exemplo da mãe e esperava que isso a tranquilizasse.

Nada mais. Em vão Padre Luís esperou que houvesse uma palavra nova, cuja explicação não conhecesse. Em absoluto. O bilhete, pelo que Ângela reproduzia, era o exato equivalente do recado que Dona Leonor lhe pedira para transmitir. Um caminho diferente, apenas, como se Carlos não tivesse tido confiança no intermediário ou temesse sua recusa.

Não era esse, porém, o ângulo sob o qual Ângela via os fatos. Na ignorância do que sucedera na véspera, embalada talvez pela esperança que à sua revelia vinha se desenvolvendo no mais íntimo do seu coração desde que se avistara com Dona Leonor, recebera o bilhete como uma prova de que soara, enfim, a hora pela qual tanto ansiava. Era apenas um perdão, sabia bem. Sem maiores promessas. Mas, não significava um começo? Não era um primeiro passo? Que lhe dizia sempre Padre Luís? Que lhe deixara mesmo entrever Dona Leonor? Tudo se faria por etapas. Primeiro, viria o perdão da “velha Soares”. Depois, o de Carlos. E eles já ali estavam, penhores dos triunfos futuros. Um só, talvez não desse para animar muito. Já não eram dois, porém? Era bastante, era acorçoador. As outras etapas viriam, não poderiam tardar. Além disso, o perdão de Carlos era muita coisa, era quase tudo mesmo. Se viera, se já estava em suas mãos, o resto seguiria. Sim, por que iria parar no meio? Não se tratava de uma série, as vitórias não decorriam umas das outras? Todas as diminutas e, confessemos, bem fracas tentativas de Padre Luís para interromper ou moderar essa onda de entusiasmo, fracassaram lamentavelmente. Ângela não queria ouvir. Apenas, falar,

provar a si mesma que enfim vencera e que a boa sorte estava agora de seu lado. Só havia um meio de detê-la na sua avalanche de conclusões falsas: era gritar-lhe que estava enganada, que seu raciocínio pecava pela base. Para isso, no entanto, faltou coragem ao Padre Luís. E, além do mais, a surpresa ante o rumo absurdamente cruel que os acontecimentos iam tomando, desnorteou-o de tal modo que, mesmo que quisesse, não poderia ter estancado em Ângela o fluxo das palavras.

Só depois, quando viu a que abismo de distância da realidade a pobre criatura chegara, só então percebeu que devia ter falado logo de princípio, contando tudo o que sabia, tudo o que punha por terra aquele pobre sonho de habitante da lua, mero castelo de cartas que já começara a desmoronar. E, diante do sofrimento que ia causar, da decepção tremenda que não podia deixar de provocar, ferindo a esperança de Ângela, recuou, resolvendo nada dizer.

O erro foi tremendo, convenhamos. Não o pretendamos julgar, nós que não nutrimos, como ele nutre nesse momento, a esperança de poder convencer Carlos durante a conversa que vai ter com ele. Falará persuasivamente, e em consequência, ainda poderá conseguir muita coisa. Seu pensamento de sacerdote é perfeitamente puro: acima de tudo, convém poupar àquela esperança, que enfim renasceu, o golpe certo que a destruirá, provavelmente para sempre. Se o caso está nas suas mãos, deixem-no conduzi-lo até o fim.

Sabe o que está fazendo e tem certeza de que Deus não o abandonará. Ângela não pode voltar ao desespero que quase a tragou. Não lhe dirá nada, portanto. Apenas, como medida de prudência, procurará moderar seu entusiasmo, advertindo-a contra o excesso de confiança, preparando-a, tanto quanto possível, para a eventualidade de um fracasso.

A confissão, no entanto, não estava terminada. As palavras de brandura e comedimento de Padre Luís, Ângela mal as ouviu. Tranquilizou-o com duas frases banais sobre suas disposições para aceitar com o máximo de resignação e confiança as decisões da Providência e, com sombria obstinação, avançou para o terreno difícil do reconhecimento da sua culpa naquele caso e dos perigos que ia ter de afrontar, na hipótese do futuro lhe sorrir, como tudo indicava que fosse suceder. Vencendo resistências que Padre Luís sentia a cada momento mais vivas e profundas, confessou que, em todo aquele seu movimento de volta ao lar desfeito, o que a movia, essencialmente, era o desejo de ter de novo entre os braços, para afagá-lo, o pequeno Mário. Como o padre objetasse, talvez precipitadamente, que não via nada de mal nisso, sendo até muito natural a vivacidade desse sentimento materno, teve um

gesto brusco de contrariedade. E depois, como quem capitula e se entrega, perguntou:

— A vivacidade? Sim, mas e o exclusivismo desse sentimento?... Padre Luís compreendeu. Ou, pelo menos, adivinhou a extensão da confissão feita. Aliás, antes mesmo, por várias vezes se perguntara se não havia qualquer coisa de profundo separando Ângela de Carlos. Agora, porém, as palavras lhe pareciam transparentes. Visavam Carlos. Excluía Carlos. Ora, Carlos era o marido, era quase o lar desfeito. Hélio ainda existiria? Pelo menos, de modo a determinar uma reação daquelas? Indeciso sobre o sentido em que devia dirigir sua indagação, ouviu as palavras de Ângela que voltavam a bater-lhe nos ouvidos através das grades do confessionário:

— Mário, só Mário! O senhor sabe, padre, durante todos esses dias não pensei em outra coisa: se Mário não existisse, se tivesse morrido, como o outro, o pobre Benedito, que morreu ao nascer, queria eu voltar, estaria me importando tanto?... A pausa foi apenas de um segundo. Ângela recomeçou a falar, agora com toda a violência:

— Nunca! Nunca! Talvez mesmo, se eles me estendessem a mão, eu recusasse. Preferisse ficar longe... ou...

— Minha filha! — protestou o padre com rapidez, temendo o ponto ingrato onde o pensamento desgovernado de Ângela parecia querer chegar. E continuou sem demora:

— Não fale assim. Com ou sem filho, o lar é sempre o lar. Mesmo sem Mário, existiria Carlos.

— Carlos! Carlos!... — exclamou Ângela como quem não sabe o que dizer

— O senhor não conhece Carlos.

— Admitamos. Mas, que tem isso a ver com o que estávamos dizendo?

— Ora, Carlos!... Meu Deus, Carlos ou... o outro, a diferença não é...

— Minha filha! — tornou a interromper Padre Luís com veemência

— Não torne a dizer semelhante leviandade, tão grande insensatez! Dessa vez, o padre nem ousou censurar. Todo o peso de acusação que aquele paralelo continha, bem o pressentira. Pobre Ângela! Seu problema devia ser semelhante ao de tantas outras moças casadas, suas penitentes: provindo de um meio rigoroso, com a educação normal de um colégio católico, viam-se atiradas, com o casamento, nos braços de rapazes que, bons ou maus por natureza, tinham vivido anos e anos de vida dissoluta. Havia muitas, em número cada dia crescente, que não

podiam invocar grandes surpresas ou desconhecimento. Ângela, no entanto, estava longe de poder ser contada entre elas... Ora, ninguém ignorava: Carlos Soares dera que falar, anos antes, nos meios alegres da cidade. Por melhor rapaz que fosse — e Padre Luís sabia quanto o era —, devia ter conservado fundas marcas dessa vida de inconsequência e dissipação. Pobre Ângela! Seria realmente aquela a ferida secreta que tanto a fazia sofrer? Então, como que impellido por uma força extra-humana, não pôde deixar de perguntar:

— Carlos... Que foi que Carlos lhe fez?

•

“Há coisas que nem a um padre se conta”, pensou Ângela sem querer responder. “A não ser na hora da morte...”, corrigiu logo. Aquilo tudo, por exemplo. Como falar naquelas recordações que entre ela e Carlos eram secretas, as mais secretas que dois seres podiam abrigar? Mesmo o confessor sendo aquele padre a quem tanto devia, aquele verdadeiro santo que a salvara, mesmo o momento sendo aquele, decisivo para seu destino! Era inumano exigir tanto. Era impossível. Só quando a hora da morte chegasse, e fosse preciso falar. Bastava já que aquilo existisse. Bastava que estivesse tão fundamente consolidado em seu pensamento. E de um modo tão vivo, em certos momentos. Bastava que não o pudesse afugentar, quando vinha e se impunha com a força das lembranças mais irresistíveis. Bastava que, naquele instante, por exemplo, a estivesse tiranicamente impedindo de responder, de tranquilizar Padre Luís sobre o futuro da sua existência ao lado de Carlos.

Ao certo, não sabia dizer o momento exato em que as exigências de Carlos tinham começado a scandalizá-la, ferindo-a no seu mais íntimo pudor. Nem queria fixar esses instantes com nitidez. Relembrar, era por demais doloroso. E não tinha vontade, não podia mesmo. Confessava, apenas, que viera ter às mãos de Carlos num estado de quase ignorância e que não tinham sido as revelações da noite nupcial que a tinham chocado. Saíra do colégio de freiras onde fora educada desde a primeira infância sem saber grande coisa do mundo, mas fora por amor que se casara. Aceitara Carlos plenamente. Quisera-o, depois do casamento, com toda a sua alma e com todo o seu corpo. De início, Carlos fora carinhoso e compreensivo. Depois, tinha se tornado cada dia mais exigente, mais egoísta, mais insaciável, mais guloso do seu corpo. Habituará-se a viver uma vida de prazer físico, fácil e extremamente agradável, mas de pura animalidade. Malgrado sua resistência instintiva, fizera-a percorrer toda a gama das sensações humanas. E não parecera sossegado enquanto não a vira familiarizada com o mundo de emoções violentas em que, desde rapaz, mergulhara em cheio. Brincando, no

calor da cama, aprazia-se em dizer que jamais a enganaria porque ela não era sua “esposa” e sim sua “amante”... Ora, uma vez, anos depois, de madrugada, num acesso de ternura (naturalmente, sem saber de nada), Hélios lhe devolvera a frase. Acariciando-a, murmurava que não a considerava, naquele instante, como sua amante e sim como sua verdadeira mulher, pouco se importando com as convenções sociais. Surpreso por vê-la, então, com os olhos cheios de lágrimas, olhara-a transbordante de ternura. “É de reconhecimento, meu bem?”, indagara, não por estupidez intencional, apenas por aquela falta de inteligência que o caracterizava, tornando-o na verdade insuportável ao fim de algum tempo de convivência. Não dissera nada, continuara a chorar e Hélios, felizmente, não insistira. Mas não pudera deixar de pensar em Carlos, nas “pequenas ironias da vida” e nas grandes ironias, naquela em particular, em tudo o que, já então, estava errado, definitiva e irremovivelmente errado em sua pobre vida. Amante quando não devia ser, esposa quando já não o podia... Nessa madrugada — lembrava-se bem e o seu diário fielmente o espelhava —, odiara Carlos, seus sentidos aguçados, desregrados, amaldiçoara tudo o que lhe ensinara, as misérias a que procurara habituá-la, toda aquela sua sede de pecado que se renovaria de quando em quando. Tornara-se, depois, mais razoável, mais compreensiva. Podia atribuir alguma parte de culpa a Carlos na loucura que fizera? Padre Luís provavelmente acharia que sim. E era por isso, talvez, que lhe faltava coragem para contar-lhe aquelas tristezas. Mas, ela também? Honestamente, podia descarregar sobre os ombros de alguém uma parcela daquilo que, nela, fora apenas loucura momentânea, gesto sem fundamento, vendaval passando e carregando com tudo o que acaso estivesse diante dele? Na noite anterior, e na outra que a antecederia, ainda pensava realmente assim. Nenhuma culpa. Os responsáveis tinham sido ela e Hélios, exclusivamente. Agora, porém, no silêncio daquela capela tão próxima da paz de Deus, ante aquele sacerdote que continuava imóvel, rezando mentalmente, esperando em silêncio a resposta à pergunta que fizera, agora, começava a duvidar da completa isenção de culpa de Carlos... Revia cenas, pensava em momentos tenebrosos. Por mais que os quisesse afastar da lembrança, certos gestos, certas palavras voltavam, falando, acusando. Carlos estava por trás de todos eles, mestre, revelador, verdadeiro ferro em brasa a lhe marcar o corpo com os mais indelévels sinais. Devia ter uma parcela qualquer de responsabilidade. A menina ignorante que largara a saia das freiras apenas com vagas noções científicas e com duas ou três malícias como única bagagem em matéria de “conhecimento do mundo”, jamais seria capaz de fugir de casa, deixando o marido e o filho, abandonando o lar para seguir o futuro amante. Essa era a verdade — a irretorquível verdade... Havia um pulo grande demais. Havia um abismo mesmo. Normalmente, a “experiência” necessária para tão grande e louco passo

não cabia naquele espaço de tempo, gritava contra a tranquilidade da sua vida de durante os primeiros anos de casada. Alguma coisa de muito estranho, de anormal mesmo, devia ter sucedido. Alguma coisa acontecera realmente: Carlos. Nada mais do que isso: Carlos. Por que Carlos não vinha, não falava, não explicava?... Carlos, porém, não passava de um pobre ser quebrado, fulminado pela desgraça. Carlos se lastimava. Carlos chorava a mulher perdida. Carlos devia ter descoberto que nenhuma amante era capaz de substituir a “amante” infiel. Carlos só pensava em tê-la de novo, em recomeçar a aventura interrompida.

Agora, talvez estivesse sendo injusta, cruel demais para com a criatura que a amara tanto e que, ainda naquela manhã, lhe dera prova tão indiscutível de que continuava a amá-la. Talvez. Mas, seu sentimento era aquele e não tinha natureza para abaixar os olhos diante daquilo que reconhecia como verdadeiro. Que Deus a julgasse e condenasse, se estivesse sendo injusta. Naquele instante, não podia absolver Carlos inteiramente.

Era por isso, sem dúvida, que temia, no mais profundo de si mesma, a volta para junto dele. Reconhecia-o como marido, sabia que era junto dele que devia acabar seus dias. Contudo, por mais que se esforçasse em contrário, a ideia de tornar a coabitar com ele, sendo dele como fora antes e como tinha de continuar a ser, inspirava-lhe verdadeiro pânico. Padre Luís poderia lhe repetir mais uma vez que tal era o seu dever de esposa cristã. Sua própria razão podia aconselhá-la nesse sentido, recomendando-lhe aceitação, resignação total. Como sons de além-túmulo, porém, as imagens do passado falavam e eram mais fortes. Vinham e dominavam, aterradoras. Carlos surgia como um amante. Carlos se confundia com Hélio. Carlos ou Hélio, que diferença fazia? Só que Hélio era mais terno, mais ingênuo. E não precisava de sua escravidão: tinha outras, vivia num mundo onde ela não era a única. Não chorava de saudade, de ausência, de dor do corpo gritando, gritando de sede, gritando de fome...

•

— O que foi que Carlos me fez? — tornou a repetir Ângela.

— Nada, padre. Pelo contrário, fui eu quem fez tudo. O senhor sabe... Ao ouvi-la falar, Padre Luís tornou acolaroouvidonagradedoconfessionário. Tinha recuado um pouco para se recolher melhor, enquanto rezava para que Deus inspirasse aquela penitente na resposta que devia dar à pergunta difícil que tivera de lhe fazer. Agora, voltava a ouvi-la. Diante da evasiva, insistiu:

— Então, não compreendo seu temor.

— Temor? — indagou Ângela surpresa com a expressão.

— Seu escrúpulo... Sua indecisão, digamos assim... Ângela pareceu mais tranquila e explicou:

— Não é temor, não é escrúpulo, muito menos indecisão entre Carlos e Hélio. É que Carlos... o senhor sabe, padre, tudo o que houve entre nós, o peso do passado, das coisas acontecidas e que ele não pode ter esquecido... o futuro que será preciso viver juntos...

— Minha filha, seu dever é claro.

— Eu bem sei — interrompeu Ângela com vivacidade.

— Eu bem sei.

Apenas, pergunto: terei forças? Saberei? Conseguirei? Era a dúvida. Era, mais uma vez, a voz do tentador. “O rugir do leão”, pensou Padre Luís, lembrando-se logo do aviso de São Pedro na sua primeira Epístola: “Vigiai porque o demônio, vosso adversário, anda ao redor de vós, como um leão que ruge, buscando a quem possa tragar”. Talvez não fossem aqueles os termos exatos, mas o sentido do trecho o era. E convinha transmiti-lo a Ângela para que não se deixasse “tragar”... Desgraçadamente, porém, o caminho para atingi-la naquele instante já não era mais aquele. Desorientado pelos próprios termos de que Ângela se servira, o padre se lançou pela falsa pista de querer forçá-la a revelar seus verdadeiros escrúpulos em relação a Carlos. E nada conseguiu. Em pouco, a confissão se tornava inútil, a não ser para evidenciar quanto os sentimentos de Ângela haviam mudado desde a última conversa que tinham tido, na antevéspera. O silêncio do constrangimento se formou sem demora e não restou a Padre Luís senão dar alguns conselhos de ordem mais ou menos geral e pronunciar, em seguida, a absolvição.

A penitência dada foi pequena: três Padre Nosso e três Ave Maria. Mesmo assim, Ângela se esqueceu de rezá-la. Diante do altar da Virgem, não se lembrou de mais nada a não ser do seu caso íntimo, do mundo de sentimentos confusos e contraditórios em que vinha se debatendo há vários dias, fazendo com que desejasse uma coisa ardentemente e, ao mesmo tempo, não a quisesse mais, assim vislumbrava a possibilidade de obtê-la...

•

A aula de aritmética que Padre Luís ministrou, logo em seguida à confissão de Ângela, aos alunos do Complementar b, foi uma das piores

que conseguiu dar esse padre, já de comum tão pouco dotado para o magistério. Assim, por menores que fossem ou por mais distraídos que estivessem ou quisessem estar, os alunos perceberam perfeitamente sua confusão, fartando-se de comentá-la no recreio, a ponto do fato chegar aos ouvidos de Padre Maurício que cuidava particularmente da turma e era grande amigo de todos.

Ninguém falara por mal: em geral, Padre Luís era muito estimado pelos alunos do Colégio. Apenas, sua atrapalhão, suas frequentes interrupções, como se alguma coisa o estivesse preocupando, dois ou três erros elementares de cálculo que fizera como um escolar qualquer, tinham chamado particularmente a atenção dos meninos. E depois, na liberdade do recreio, não tinham sabido calar a estranheza que lhes causara aquela anomalia. Falavam por falar, como de costume.

Ora, também como de costume, lá estava o ouvido curioso de Padre Maurício querendo saber de tudo — sabendo realmente de tudo que se passava, e isso não só no Colégio como nas próprias casas dos alunos. Apesar de recém-chegado, o reitor já lhe chamara a atenção para essa sua desmedida curiosidade.

Padre Maurício parecia, porém, absolutamente incurável e seu defeito já era, entre os outros padres, um motivo de constantes brincadeiras, aliás, sem maior maldade. Grande admirador de Padre Ladário, fora ele quem o indicara ao reitor para a substituição de Padre Leonardi no seu impedimento temporário de prosseguir o curso de latim nos anos ginasiais. O reitor aceitara logo a sugestão e Padre Maurício, desde então, sentira-se de certo modo responsável pelo sucesso de Padre Ladário no Colégio São Luís de Gonzaga. Esse fato aumentara consideravelmente sua amizade pelo latinista eminente, cujos defeitos, sinceramente, não via. Em oposição, a imotivada hostilidade de Padre Luís para com o novo professor parecera-lhe suspeita, eivada de parcialismo, talvez mesmo de inveja. Deixara de lhe dedicar a admiração de antes. Passara a lhe descobrir defeitos, acompanhando suas pequenas faltas diárias no cumprimento dos deveres pedagógicos como culpas graves que atingissem em cheio a ordem e a disciplina do Colégio. No íntimo, censurava-o por dar mau exemplo aos demais padres, incitando até certo ponto os alunos à negligência, ao descuido, à arrogância pessoal, multiplicando neles germens perigosos de individualismo e espírito de revolta. Tanta displicência no cumprimento de certos deveres, por mais maçantes fossem eles, não podia deixar de ser uma fonte de escândalo. Tal era, aliás, a abalizada opinião de Padre Ladário. Tal era a sua, insignificante, porém sincera e insuspeita. Ainda naquele episódio do Complementar b, que se verificava, senão isso? Que motivo podia justificar uma aula dada naquelas condições de desinteresse e

imperfeição?... Padre Luís bem o sabia: era de balde que tentava fixar sua atenção naqueles problemas de aritmética. Outras questões o monopolizavam, bem mais importantes, bem mais urgentes. Por que era obrigado a permanecer ali, diante daqueles alunos desinteressados, incapazes de compreender coisa alguma antes da terceira ou da quarta repetição? Devia ter mais coragem e largá-los logo para ir cuidar do que era realmente sério: procurar Carlos Soares, falar-lhe com urgência. Depois então, voltaria, e poderia dar quantas aulas fossem necessárias.

Convinha se apressar e conversar com Carlos Soares. Sobretudo agora que assumira, frente a Ângela, a responsabilidade de ter ficado calado, não lhe revelando a verdadeira situação em que se achava. Se silenciara o destempero de Eliodora, sua irredutível hostilidade, se nada dissera do covarde recuo de Dona Leonor, da dubiedade da posição de Carlos, é que contava solucionar o caso do melhor modo, evitando-lhe o contato imediato com todas aquelas misérias. Isto é: tinha certeza que sua entrevista com Carlos alteraria o sentido dos acontecimentos mais recentes, orientando-os francamente a favor de Ângela. Só havia portanto um caminho a seguir, o de procurar Carlos quanto antes e abrir-lhe os olhos para a responsabilidade que estava assumindo. E, assumindo levianamente, posto que não o fazia por determinação própria e, sim, por influência da irmã, a quem só o ódio e o ressentimento moviam. Talvez tivesse de ser severo em suas palavras. Tivessem paciência. Não era mais tempo de recuar ou de falar por subterfúgios. Além disso, com temperamentos como o de Carlos, uma certa rispidez de tom não deixava de ser aconselhável.

Conhecia Carlos e confiava nele. Podia ser fraco, como mais ou menos todos os homens da família Soares o eram. Contudo, tinha coração bom e espírito bem formado, pela educação recebida. Malgrado a vida dissipada que levara, não deixara de guardar certo respeito pelas coisas da religião. E sofrera. Sofrera muito com a fuga de Ângela, com o escândalo, com a morte do pai, com a situação do filho quase órfão, com a ausência da mulher, com o desejo de que estivesse de novo ao seu lado... Teria, portanto, todas as razões para compreender e perdoar. Não apenas de boca, teoricamente, mas na realidade, isto é: estendendo a mão a Ângela, refazendo o lar, restituindo ao pequeno Mário a mãe que Deus lhe dera e que ninguém lhe podia tomar. Talvez lhe faltassem forças para empreender, sozinho, e contra a vontade de Eliodora, tão dura tarefa. Talvez os obstáculos a vencer fossem árduos demais para a textura do seu caráter. Para que estava ele ali, porém, ele, padre, que não temia o julgamento desfavorável de ninguém quando agia com a certeza de estar trabalhando para a vitória do bem, para a maior glória de Deus? Podia confiar. Seria o seu sustentáculo, seria a fonte onde poderia vir buscar, diariamente se o quisesse, a energia necessária para

enfrentar a resistência de Eliodora.

Quanto a Dona Leonor, quanto a trazê-la definitivamente para o lado de Ângela, disso, ele próprio se incumbiria no momento oportuno. Tudo mais correria a contento, se Carlos tivesse coragem de dar o passo inicial que era dizer um franco e leal sim ao pedido de perdão de Ângela. Um sim que equivalesse a abrir todas as portas para um futuro feliz. Um sim que fosse o ponto de partida de uma série de outros sim, não um ponto final, como Dona Leonor imaginara para estabelecer um compromisso cômodo com o rancor de Eliodora e ele, Carlos, se apressara em concretizar naquele triste bilhete que tão inexplicavelmente enganara o ceticismo de Ângela. Em resumo, um sim que fosse como um convite dirigido a Deus para abençoar sua vida e participar da felicidade que queria começar a fruir cristãmente.

•

Tudo isso Padre Luís disse a Carlos naquela tarde, evitando, naturalmente, suscetibilizá-lo. Sabia que uma palavra qualquer mais franca a propósito da fraqueza da sua vontade iria magoá-lo. Era preferível tomar outro caminho, tanto mais quanto demonstrara grande boa vontade em atendê-lo, marcando a entrevista solicitada para o mesmo dia, no escritório, depois de terminada a hora do expediente.

Era uma sala ampla, no sétimo andar de um edifício recentemente construído, mobiliada sem luxo, mas com todos os requisitos do conforto. Da larga janela que dava para a rua principal, via-se ao longe o mar, toda a entrada da barra, as montanhas acinzentadas e irregulares. O sol começava a cair acentuadamente e o azul do céu, naquela tarde esplendorosa, era um descanso para os olhos. Antes de principiar a falar, comodamente sentado numa poltrona, Padre Luís o olhara durante longos instantes como quem busca uma inspiração sabendo que não poderá deixar de encontrá-la. Fora como se o interrogasse e ouvisse em resposta uma música de acordes suaves, toda uma gama de sons agradáveis que exprimiam, sob formas diferentes, as mesmas ideias: calma, confiança, vitória.

Talvez por isso, tivera coragem para ir diretamente ao assunto. O próprio Carlos facilitara seu esforço, aceitando logo de início e como a coisa mais natural do mundo que lhe viesse falar naquela questão tão íntima. Antes de vê-lo, antes de estar ali afundado naquela poltrona banhada de luz pura da tarde, reudara por momentos que Carlos tivesse algum rompante igual ao da irmã e exprobrasse sua “intromissão” num assunto particular à família, “a nós, Soares”... Cedo porém compreendera que não corria tal risco. Carlos aceitava sua participação

como alguma coisa de perfeitamente normal. Parecia mesmo estar esperando pela sua visita. E não seria um louco, quem sabe, aquele que afirmasse que já estava estranhando sua demora em vir procurá-lo.

De um modo ou de outro, o inegável é que o ambiente era de franca simpatia. Carlos tomara precauções para que não fossem interrompidos e, desde o primeiro minuto, aceitara o tom que Padre Luís quisera imprimir à conversa. Sentara-se numa poltrona vizinha àquela em que o padre se acomodara. Depois, acendera vagarosamente o cachimbo que trazia sempre consigo, mas só costumava usar em casa, à noite, quando se recolhia ao quarto e, o sono custando a chegar, abria ao acaso um livro da biblioteca do velho Benedito Soares. Deixara Padre Luís falar, interrompendo-o apenas de quando em quando para uma retificação julgada imprescindível. Era visível, porém: além de um certo sentimento de inferioridade e vergonha, a preguiça de tirar o cachimbo da boca influía em seu ânimo de discutir. Se o problema do padre fosse dobrá-lo à sua vontade, conquistá-lo apenas, a presa seria fácil. A tarefa real aparecia, no entanto, diferente, e bem clara: era necessário obrigá-lo a reagir, a tomar posição, a resistir, escapando por entre as malhas da rede que fora estendida sobre ele.

Foi certamente para evitar esse perigo — e em parte também para fazer face a uma objeção concreta de Carlos — que Padre Luís, em determinado momento da conversa, se sentiu na obrigação de precisar:

— Não haja equívocos: bem conheço esses problemas de família, graves, espinhosos. Sei perfeitamente o que significam. E como é indispensável atendê-los com o máximo cuidado. Por outro lado, ninguém preza mais do que eu esse “sentimento de família” a que estamos nos referindo. Apenas, há momentos, momentos sérios, decisivos, em que o indivíduo, em sua vida, nisso que se pode chamar sua vida total, real, sua verdadeira vida enfim, se põe em franco choque com esse sentimento...

— Em choque? — interrompeu Carlos como se não tivesse compreendido.

— Sim, em que é preciso escolher, em que um interesse tem que passar na frente do outro, porque um prejudica, impede o outro.

Com um gesto de mão, Carlos tornou a atalhar:

— Mas eu não compreendo como se dá esse choque, onde...

— É simples — prosseguiu logo Padre Luís —, é bem simples de compreender: há o seu dever de indivíduo a cumprir... e há um certo sentimento de família que intervém, que o impede de agir, como se fosse

a coisa primordial, o dever fundamental.

— Não é bem isso...

— Mais ou menos. Em essência, todavia, é. Você continua a gostar de sua mulher (estou mentindo? Não. Você mesmo diz que não...), julga que ela pode merecer seu perdão, acredita que, futuramente, ela possa voltar a ocupar dignamente o lugar que é dela em seu lar. (Continuo falando a verdade, não?). Acha isso e acha certo, como, aliás, Dona Leonor também acha. Não obstante, por um vaidoso e tolo orgulho de família, para não contrariar o ponto de vista errôneo e anticristão de sua irmã, não cede, teima. Está certo? Está de acordo com sua consciência de cristão? E seus deveres pessoais, onde ficam? Esmagados pela força primitiva, cega, inumana, anticatólica, de um orgulho de família exacerbado, absurdo, pecaminoso?... Carlos pareceu abalado com a severidade daquele tom. No entanto, ensaiou uma palavra de resistência:

— É muito duro, padre, por minha causa, infligir à minha família uma humilhação dessas. Se minha mãe não a sente tão vivamente, ou tem bastante coragem para disfarçá-la, minha irmã que ainda é moça sente e não pode curvar a cabeça. Posso ignorar o fato, posso fazer como se não existisse?

— Em hipótese alguma. Ignorar, como? Ouça: sua irmã ser moça, vibrante, não tem importância, mas, o fato dela se opor, esse, tem. E muita. Contudo, isso não quer dizer que sua oposição se justifique. Trata-se apenas de convencê-la, e, não, de se inclinar diante da sua vontade.

— Convencer Eliodora! — exclamou Carlos entre o sarcasmo e o desespero

— Como se fosse possível!...

— Tente, pelo menos — objetou Padre Luís sem demora.

— Se não conseguir, então, paciência. Faça o que sua consciência manda. E nunca a vontade cega, apaixonada, de sua irmã.

Carlos suspirou, fixando o chão:

— São coisas fáceis de dizer, difíceis de executar...

— Não importa! O que deve ser feito, a gente faz. Se custa um pouco, muito mesmo, paciência. É mérito que estamos acumulando aos olhos de Deus.

Diante do tom que a conversa estava tomando, Carlos teve um sobressalto de rebeldia e insinuou:

— Mas, por ora, não era mais prudente deixarmos tudo nesse pé... nesse estado de perdão, de entendimento à distância? Antes de responder, Padre Luís refletiu um momento. Duvidava que Carlos fosse pessoa para segui-lo até o último limite do que ia dizer. No entanto, bastava que o acompanhasse até metade do caminho e, sobretudo, que não o compreendesse mal. Mediu as palavras e falou:

— Meu filho, há acontecimentos, há coisas, que uma vez começadas (seria melhor dizer: desencadeadas...), não podem ser paradas no meio. Nesse nosso caso, se me empenhei tão a fundo, se o vim procurar até aqui, depois de ter insistido tanto com Dona Leonor, é que sei que estamos diante de um problema dessa natureza. Sério, grave, de consequências possivelmente desastrosas para todos.

— Mas, Ângela... — tentou interromper Carlos.

— Espere — prosseguiu logo Padre Luís.

— Deixe eu falar até o fim. Ouça bem. Num caso desses, soluções parciais não interessam. Não resolvem nada, absolutamente nada. Há que dizer sim ou não, nos termos da palavra sagrada que você certamente conhece. Se a oposição partisse de você, seria diferente: haveria o que discutir — a validade dos seus sentimentos, por exemplo. Não partindo, tudo muda de aspecto e seu dever se torna claro. Impossível hesitar. Sua mulher está viva, arrependida e, por outro lado, longe de casa, desamparada, à beira do desespero.

— Do suicídio? — tentou saber Carlos sem conseguir deter o raciocínio do padre.

— Da mesma forma, seu filho está sem mãe, precisando dos seus cuidados, quando ela existe e quer voltar para junto dele. É incrível... Afinal, que pensa você? Que não tem deveres para com os outros? Que as palavras de Deus não o atingem, não incluem os Soares? Por que esse privilégio?... A criança está crescendo, crescendo, e precisa de cuidados maternos. Com que direito você a priva deles? Você, esposo, responsável, tem que aparecer diante de Deus trazendo pela mão a esposa que lhe foi entregue, um dia, para amar e defender, para salvar, mesmo se ela por acaso tiver se desviado por um momento, trilhando o mau caminho. Ora, você a abandona, agora que ela necessita de você mais que de qualquer outra coisa no mundo. Com que justificativa?... Carlos mantinha a cabeça baixa, o cachimbo entortado no canto da boca. Qualquer um adivinharia que já tinha capitulado, prestes a fazer o que Padre Luís mandasse. Sofria. Era evidente que sofria muito. Todo o seu amor por Ângela, todo o seu desejo de revê-la, de tê-la de novo junto a si, de ouvir-lhe a voz macia, de afagar aquele corpo morno e

misterioso de que jamais conseguira se esquecer (por um dia que fosse!...), afluía naquele instante ao seu coração angustiado. De há muito, teria interrompido, teria gritado que por ele, faria o que fosse necessário. Contudo, a vergonha de ceder, de mais uma vez se deixar levar pela força de argumentos alheios, fazia-o se manter calado, como que à espera de revelações de importância. Assim, Padre Luís pôde ir mais longe sem encontrar obstáculo:

— Afinal, que representava Ângela para você? Apenas uma mulher, um corpo colocado pelas leis humanas à sua disposição? Uma criatura unicamente destinada a lhe dar um filho, um herdeiro para o nome dos Soares? Que pensa você que o casamento é para nós, católicos? Um sacramento, meu filho! Sabe o que isso quer dizer? O que condiciona? Para nós não há divórcio, só a morte separa aqueles que nós, sacerdotes, abençoamos no altar em nome de Deus. Por isso é que o casamento é, para nós, católicos, essa coisa séria, grande, dramática, terrível, sagrada! Entre dois seres, ele é tudo, tudo! Relação primordial, essência da vida de um e de outro: união total e indissolúvel. Isso quer dizer: unidade, responsabilidade mútua. Os que Deus une, meu filho, ninguém, ninguém pode separar! Serão dois numa carne só, conforme o mais antigo ensino bíblico. Você compreende, agora, a responsabilidade que você assume não fazendo com que esse lar desfeito se refaça? Compreende?... Sim, Carlos compreende, compreende perfeitamente. E já então o padre não tem mais a menor dificuldade em levá-lo a assumir o mais positivo dos compromissos: dentro de algumas semanas, Ângela voltará para casa. Durante esse período, todos os esforços serão desenvolvidos para convencer Eliodora do seu erro. Caso, porém, sua irredutibilidade se mantenha, passará por cima da sua vontade, assumindo a plena responsabilidade do seu ato.

Prometendo tudo isso — tudo isso que os fatos irão contrariar de um modo tão flagrante logo nos dias subsequentes —, Carlos é perfeitamente sincero. Sente-se mesmo aliviado, quando percebe que tomou uma resolução grave, pejada de consequências. Abraça comovidamente o padre ao se despedir e volta para casa animado, decidido a falar com Dona Leonor naquela noite mesmo, assegurando desde logo seu precioso concurso. Afinal, quanto mais aliados tenha, melhor. Mais facilmente triunfará sobre Eliodora. E, pensando assim, pensa bem, e sinceramente, sem nem sequer perceber que já foi de medo e incerteza o seu primeiro movimento na nova direção tomada...

entrevista fora marcada por Padre Ladário e estava se realizando, sem que disso Padre Luís tivesse tido conhecimento, na reitoria do Colégio, à tarde. Fazia dois dias que procurara Carlos. Nesse intervalo, muito se discutira no solar da Rua São Justino. Padre Luís, porém, de nada sabia. Estava mesmo muito longe de supor que Eliodora resolvera procurar o reitor para se queixar dele, da sua indevida intromissão na “questão de família”, que preocupava os Soares.

Eliodora decidira lançar mão de Padre Ladário e fora uma intuição feliz, a sua. Encontrara-o dias antes na portaria do Colégio, sabia que estava lecionando lá, a convite do novo reitor, e conhecia-o como um padre esclarecido, de “ideias avançadas”, como muitos diziam. Instintivamente, descobrira nele um bom aliado e não precisara contar muitos detalhes para que se manifestasse integralmente do seu lado, prontificando-se a levá-la à presença do reitor, a fim de que lhe expusesse o caso e pedisse providências eficientes. Não se oferecia para falar ele próprio porque, no momento, uma pequena divergência com Padre Luís, numa questão de ordem interna do Colégio, colocava-o em posição difícil. Todavia, julgava do seu dever acompanhá-la. Poderia facilitar-lhe a conversa com Padre Martinho, homem de extraordinária bondade, talvez mesmo com grande experiência da vida, mas de certo modo obstinado em seus pontos de vista e ainda muito dominado pela auréola exagerada de que encontrara rodeada a cabeça de Padre Luís.

A impressão de Eliodora, ao se ver defronte de Padre Martinho, foi ruim. Aquele velho podia ser um santo. Ou um sábio. Não era, porém, o homem capaz de agir do modo que queria. Ia ter de resolver ela própria o problema. Quando muito, dali poderia advir um pequeno auxílio, uma vaga colaboração. Não bastava.

Padre Martinho a recebeu com a melhor das disposições. E não foram necessárias muitas palavras para que compreendesse de que se tratava. Apesar de Padre Luís nunca ter mencionado nomes próprios, reconheceu logo o caso que tanto o preocupava naqueles dias. A princípio, nada deixou transparecer de sua emoção. À medida, no entanto, que Eliodora ia revelando aspectos novos da atividade desenvolvida pelo padre, foi se inquietando mais e mais e, sem querer, deixou perceber que já conhecia alguns detalhes do episódio. Habilmente inquirido por um aparte de Padre Ladário, confessou simplesmente que sabia de alguma coisa e até mesmo que fora consultado àquele propósito em mais de uma ocasião — naturalmente, com a devida discrição. Contudo, ignorava o desenvolvimento dos últimos dias e era totalmente estranho àquilo que Eliodora fazia questão de chamar de “intromissões inoportunas”, “coações morais”, “explorações das fraquezas de pessoas já idosas” e outras expressões parecidas. Aprovava certas iniciativas. Não estava a

par das outras. Para tudo, havia limites. Em certos assuntos, particularmente delicados, era mesmo indispensável saber não transgredi-los...

— Principalmente um sacerdote — acrescentou então Padre Ladário, dirigindo-se mais a Eliodora do que ao reitor.

— Nós, sacerdotes, temos que cuidar do prestígio da batina que usamos. Nada de escândalos; pois, conforme São Paulo diz, o nosso ministério não deve ser “objeto de censura”. Não o podemos comprometer com gestos levianos, atos que só poderiam ser bem definidos como de criança por demais mimada.

O ataque era evidente e Padre Martinho o sentiu quase como uma censura pessoal. Procurou explicar:

— No caso em apreço não se dá isso, felizmente. Creio conhecer bem, apesar de estar há pouco tempo na função de reitor, a mola real do que está sucedendo com Padre Luís. Pode crer, minha senhora: é excesso de zelo, ardor de jovem... Eliodora sacudiu os ombros sem a menor delicadeza e comentou:

— Não duvido. Nem me interessa particularmente tirar a limpo os motivos reais que fazem esse padre agir tão desastrosamente. Teimosia de criança? Excesso de zelo? Cabe aos senhores, seus superiores, decidir e, então, conforme o veredicto, puni-lo ou não. O meu problema é outro. Bem diverso. É a existência do fato em si, incômodo, insuportável, inqualificável mesmo. A razão de ser da minha presença aqui fica portanto bem clara: pedir providências ao senhor para que tal abuso cesse imediatamente.

Eliodora começara a falar sem raiva, ainda que o tom fosse francamente impertinente. No entanto, já nas últimas frases parecia ter perdido a calma e Padre Martinho achou prudente objetar logo:

— Por certo, minha senhora. Descanse, eu lhe prometo examinar a situação com Padre Luís e, iluminados pela graça divina, juntos haveremos de chegar a uma solução que satisfaça a todos.

— Não creio — apressou-se em declarar Eliodora.

— O ponto de vista de Padre Luís é absolutamente contrário ao nosso.

— Juntos — insistiu o reitor como se Eliodora não houvesse falado —, estabeleceremos os justos limites de nossa ação. Porque, minha senhora, nós, sacerdotes, temos muito nitidamente delimitadas essas nossas normas de conduta. Se não devemos ultrapassá-las, “intrometendo-nos” na vida das famílias, também temos deveres aos quais não podemos nos

furtar...

— Claro. Somos pastores — acrescentou Padre Ladário com um sorriso de cumplicidade dirigido para Eliodora.

— O domínio das consciências... Padre Martinho não foi adiante em sua frase. Eliodora o interrompeu com rispidez:

— Perfeito! Não ignoro nada disso, nem discuto o direito que os senhores se reconhecem sobre a direção das almas que se entregam à sua orientação. O meu protesto é apenas contra o exagero, a deturpação de tudo isso. Fato aliás muito comum, se o senhor me permite essa franqueza. Nem é outro o motivo pelo qual os padres aparecem tão mal aquinhoados nos romances, no teatro, por toda parte onde se conta a vida das sociedades... Padre Ladário sorriu, mais uma vez cúmplice, já agora satisfeito por ver a conversa tomar um certo ar literário, menos grave e embaraçoso. Resolveu tentar uma frase acomodatória:

— Se me permite, vou apostar que a senhora andou lendo romances proibidos. Sinto um certo odor balzaquiano na sua acusação. Ou foram excursões, bem mais graves, sem dúvida, pela obra do nosso Eça de Queiroz?... Apesar do esforço de Padre Ladário, nem Eliodora nem Padre Martinho sorriram. A primeira porque continuasse irritada, sempre à espera de uma resposta positiva para seu pedido de providências imediatas. O segundo porque não tivesse gostado das palavras de Eliodora e continuasse à procura de um meio de censurá-la com delicadeza. Por fim, falou:

— Minha senhora. Deus nos concedeu, a nós sacerdotes, a graça de nos confiar uma tarefa muito difícil, muito árdua, muito perigosa. Frequentemente, temos de agir como se não existíssemos. Nem nós, nem nossos interesses pessoais, nem o nosso bom conceito junto aos homens. Sacrificamo-nos e, naturalmente, somos mal julgados. O mundo tem de pensar mal de nós, mas essa é a nossa missão e é, também, a nossa glória. Erramos. Muitas vezes. Contudo, é sempre a maior glória de Deus que temos em vista.

— Ainda bem que o senhor reconhece — objetou Eliodora com ar de triunfo — que muitas vezes erram...

— Sem dúvida. Nesse caso de que estamos tratando, pode ser mesmo que Padre Luís tenha errado...

— Seguramente! — afirmou Padre Ladário, assustado com o tom que a conversa estava tomando.

— ...é minha intenção, creia a senhora, tomar as providências ao meu alcance para que ele reconsidere a questão e a recoloque nos seus justos

termos. A paz da sua família será preservada, fique tranquila.

— É o que eu exijo — retrucou Eliodora sem a menor simpatia.

Padre Martinho não tinha, porém, terminado de falar. Acrescentou ainda:

— Fique certa, no entanto, de que há pontos sobre os quais nós, na nossa religião, não podemos transigir. Principalmente nós, sacerdotes, quando se trata de orientar e corrigir em exercício de nossa missão de pastores de almas. Nosso Senhor morreu para dizer a verdade aos homens. Não seremos nós que iremos escondê-la, não seremos nós a traí-lo.

— Nessas circunstâncias...

— Confie em mim. Saberei esclarecer Padre Luís.

A conversa parecia ter chegado a um impasse. Padre Ladário achou conveniente intervir. No dia seguinte, ou em outra ocasião propícia, voltaria a falar com o reitor. Daquela vez, bastava. Eliodora não conseguiria nada além daquela promessa vaga, dúbia mesmo. Não fora hábil no modo de conduzir a conversa. Agora, era tarde. Valia a pena se despedir amavelmente e voltar à carga de outra feita. Dessa vez, então, só ele falaria, usando de mais prudência, evitando tocar em pontos de ordem geral e ficando apenas nos desatinos que Padre Luís cometia querendo aplicar certos preceitos às cegas ou sem atender à experiência dos mais esclarecidos. Assim, dirigindo-se a Eliodora, concordou com a sugestão do reitor:

— Claro que saberá. Confiemos em Padre Martinho que ninguém melhor do que ele poderá resolver esse caso.

— Então, fica em suas mãos — declarou Eliodora, fixando o reitor e se levantando para ir embora.

A despedida foi rápida e quase desprovida de cordialidade. Padre Ladário se encarregou de transmitir oportunamente a Eliodora as providências tomadas ou as conclusões a que o reitor tivesse chegado e ela se retirou sem demonstrar se ficara satisfeita ou não com o resultado da entrevista. No íntimo, porém, seus sentimentos eram bastante nítidos. E tal era sua certeza de que por aquele caminho não conseguiria o que desejava, pelo menos nada de imediato, de prático, que naquela noite mesmo, com o auxílio indiferente e quase silencioso do marido, deu os primeiros passos para a execução do plano miserável que concebera dias antes, mas ainda não tivera coragem nem mesmo para aceitar plenamente no íntimo do seu coração.

Padre Martinho pensava compreender bem o que se passara: Padre Luís fora longe demais. Como sempre. Apesar de estar há pouco tempo na direção do colégio, já tivera ocasião de verificar o que tantas vezes lhe tinham dito sobre aquele padre: impulsivo, temperamento de apóstolo, de missionário, não sabia se conter, ultrapassando frequentemente os limites da prudência. Naquele caso, como em outros — em diversos que conhecia: o dos alunos do quinto ano ginásial, por exemplo. Ou ainda, aquele do jovem suicida cujo arrependimento *in extremis* fora tentar obter e onde, pelo que ele próprio contara, não soubera se refrear, travando-se de razões com o médico da família, chegando mesmo a sacudir de leve o moribundo ante o olhar estupefato do homem de ciência... Por certo ele, Padre Martinho, vinha de longe. Conhecera meio mundo, estivera em contato com os meios mais civilizados e percorrera, durante semanas e semanas, regiões desertas em busca de índios para a catequese. Jamais encontrara uma alma tão ardente, tão viva para os trabalhos de Deus, tão obcecada em cotejar os caminhos que a Providência seguia nos seus misteriosos desígnios. Ainda era moço e isso explicava, sem dúvida, muita coisa, muito entusiasmo desmedido. Moços, no entanto, encontrara muitos entre os que se dedicavam ao serviço de Deus. Nenhum assim. Nenhum tão claramente chamado para uma missão especial, absolutamente excepcional. Tinha certeza de não se enganar. Era um velho, lera bastante, corréra mundo: não se iludia facilmente em questões daquela natureza. Se o sinal da eleição era reconhecível, então, estava ali, bem evidente. Não o visse quem não quisesse. Ele, Padre Martinho, não podia deixar de vê-lo e, em consequência, não podia se furtar a ter pelo padre tão discutido, e já agora perseguido, uma consideração toda particular.

Se via tudo isso a favor, não podia negar o resto: seu contato era difícil, sua presença possivelmente perigosa e, dada sua natureza ardente, excessiva, corréra os maiores riscos espirituais. Temia muito por ele. Não só pelo sofrimento que o esperava, qualquer que fosse o caminho que tomasse, mas, sobretudo, pelo que arriscava de não chegar ao fim, de se perder no desespero, ou, quem sabe, na revolta antes de chegar às primeiras grandes curvas de sua missão. Não sabia se preservar. Não parecia ter a menor consciência de que a sua missão exigia sacrifícios especiais, medidas de prudência e moderação, humilhantes sem dúvida para a sua natureza, essenciais no entanto para poder chegar ao fim proposto. Era, ainda, de uma pureza impressionante. As exigências da “experiência” pareciam-lhe apenas covardias, capitulações indecorosas. Se não tivesse fé, se não fosse visceralmente um homem de Deus e a serviço de Deus, seria um revolucionário. E um revolucionário inutilizável pelos partidos políticos porque inadaptável, insensível à

necessidade dos compromissos oportunos, enfim: um intratável da natureza de certos pensadores e santos católicos que, aliás, tanto admirava, relendo-os sempre. (A seu respeito, Padre Leonardi lhe dissera mesmo: “Lê pouco, mas lê sempre os mesmos autores. É um apaixonado, quase um fanático, não um estudioso”. Compreendera e acrescentara: “Sim, mas eu nada receio porque entre esses livros, e sem dúvida entre os mais lidos, estão os Santos Evangelhos”. E falara bem: ainda naquele momento, diria a mesma coisa).

Urgia portanto advertir Padre Luís de um modo claro, eficaz, violento mesmo, se necessário. Já lhe chamara a atenção discretamente, como que cauteloso diante da possibilidade de assustá-lo no cumprimento de sua missão. Dias antes, a propósito do incidente entre Padre Ladário e os alunos do quinto ano, avisara-o já com mais força. Sentira que fora até um pouco ríspido, ferindo-o em pontos profundos de sua sensibilidade certamente por demais aguçada em consequência daquela e de outras crises que estavam tendo lugar, paralelamente. De nenhum proveito parecia ter sido a advertência. Continuava a se arriscar, a se lançar de corpo inteiro na luta, como se só existisse aquilo em todo o universo e como se coubesse a ele resolvê-lo pessoalmente. Naquele caso, por exemplo, deixara de ser o confessor, o orientador de almas que vinham pedir o perdão dos seus pecados para querer ser o conselheiro de família, o pároco de aldeia que se deixa envolver em questões domésticas. Ainda que otimamente intencionado, ainda que visando apenas interesses espirituais, resvalara para a discussão de problemas terrenos, onde o máximo que devia fazer era dar bons conselhos e deixar a cada consciência a liberdade de segui-los ou não. Fora longe demais. Assumira uma posição que não podia ocupar. Se os Soares não o tinham chamado, não o queriam reconhecer como mediador naquele episódio, não passava de advogado de uma das causas. Ora, por mais justa que pudesse ser essa causa, tratava-se de um interesse limitado, humano, terrestre. Não tinha razão para se apaixonar àquele ponto, arrastando consigo o prestígio da função de que tinha sido investido. Sem querer, estava comprometendo a Igreja, ali onde a Igreja não podia assumir tão grande responsabilidade.

Essas considerações e muitas outras que as reforçavam, girando todas em torno da necessidade de defendê-lo das ameaças que via pesar sobre seu destino, o reitor as fez na manhã seguinte, antes do início das aulas, ao próprio Padre Luís. Este ouviu tudo em silêncio, de olhos baixos, o coração pesado de uma indescritível aflição. No que escutava, tudo o surpreendia. E, talvez mais ainda, o angustiava. Nada tanto, porém, como a revelação do completo insucesso da sua tentativa junto a Carlos.

Passara aqueles dois dias completamente iludido, certo de que tudo

marchava às mil maravilhas. O próprio silêncio dos interessados era interpretado como um sinal de que a boa semente, lançada em Carlos, estava seguindo seu caminho. Bastava esperar, o fruto viria. Ângela continuava em seu quarto da pensão, numa espécie de retiro que ele próprio aconselhara, tendo em vista as vantagens de uma meditação mais descansada, longe de quaisquer problemas perturbadores.

Agora, porém, ali estava a irremediável desilusão. Eliodora parecia ter vencido. E de um modo arrasador. Pelo que Padre Martinho dizia, conseguira varrer para longe as veleidades conciliatórias de Dona Leonor, esmagando os desejos de começar uma vida nova, por parte de Carlos. Solidarizara os irmãos e o marido com o seu ponto de vista e assumira definitivamente a função de chefe da família Soares. Devia ter agido com habilidade e rapidez, devia ter se desdobrado em busca de argumentos persuasivos. Não importava que Carlos lhe tivesse prometido, em termos bastante claros, que nada o demoveria da sua promessa. Naturalmente, mais uma vez cedera.

Padre Luís sofria. Sofria por ouvir o reitor falar em termos que não esperava. Sofria por Carlos que parecia ter perdido de todo a autonomia em suas decisões. Sofria por Dona Leonor, cuja consciência facilmente se adaptava às soluções mais cômodas. Sofria por Eliodora que ordenava sua vida em função do ressentimento e do orgulho e parecia ignorar completamente que Jesus Cristo morrera por todos, igualmente pelos justos e pelos pecadores. E sofria sobretudo, por Ângela, cuja pobre causa julgava perdida, pelo menos temporariamente. E eis que ele ainda fora piorar tudo, permitindo que conservasse esperanças, incentivando-as mesmo, quando tudo já parecia comprometido. Então, custasse o que custasse, devia ter falado, ter contado o que sabia. Evitaria que a decepção fosse maior, agora.

Quando o reitor terminou de falar, Padre Luís pouco disse. Sentiu-se tão abalado pelo que acabara de ouvir que não teve coragem para responder, para refletir sequer sobre o que devia pensar de tudo aquilo. Preferiu apelar para a bondade e para a compreensão de Padre Martinho: agradecia de coração as observações, os conselhos, mas, no momento, sentia-se por demais perturbado, incapaz de concatenar suas ideias. Seria esforço vão, leviandade até, querer responder, explicar seu ponto de vista, dizer sim ou dizer não ao que ouvira. Pedira algumas horas, tempo para meditar sobre aqueles problemas, depois de ter rezado um pouco, a fim de implorar a Deus que o iluminasse e esclarecesse.

O reitor concordou sem dificuldade. Refletisse bem, tomasse o tempo que quisesse. Rezasse sobretudo, que era o mais importante — aquilo

sem o que a sua meditação seria inútil. Uma coisa, porém, pedia como um favor especial: não tornasse a tocar no assunto com ninguém, sem primeiro conversar com ele. Prometera a Eliodora, e julgava medida da mais elementar prudência. Em qualquer caso, procurasse-o antes e com toda a confiança. Estava ali para ajudá-lo e para colaborar em tudo quanto redundasse na maior glória de Deus e da sua Santa Igreja.

Naturalmente, Padre Luís prometeu. Prometeu, com toda a sinceridade. Prometeu, certo de que não tardaria muito a vir procurá-lo para discutir com ele o modo pelo qual devia continuar a agir. Prometeu, repito, em absoluta sinceridade. Nem o poderia fazer de outro modo, dada sua natureza. Apenas, por mais clarividente que fosse, não poderia prever a sequência dos acontecimentos, o modo acelerado pelo qual iriam vir a ele, envolvendo-o, tornando-o centro de tudo, forçando-o a agir precipitadamente, quase sem pensar na promessa feita e, muito menos, na importância que sua intervenção iria ter no destino de todos.

•

Mais ou menos à mesma hora em que essa conversa tinha lugar, Dona Leonor procurava Ângela. Levada pela premência da situação, resolvera surpreendê-la em seu próprio quarto, pela manhã mesmo. Ainda que não estivesse acordada, certamente estaria em casa. À tarde, poderia haver algum desencontro e urgia que tivesse com a nora um entendimento definitivo.

Ângela já estava de pé, passando a ferro o vestido que deveria pôr para ir visitar o pai, à tarde. Era o único que tinha em condições e não podia adiar por mais tempo o encontro combinado há vários dias e sempre protelado. Estava sem um vintém e a dona da pensão começava a se inquietar com seus repetidos pedidos de dinheiro emprestado.

Contudo, o que a preocupava, naquela manhã, não era essa dificuldade. Para solucioná-la, seu pai era capaz até mesmo de roubar. E, por seu lado, Dona Margarida podia esperar mais um pouco. Não era má pessoa e compreendia bem aquelas contingências da vida, vivendo ela própria em constante luta com seus inúmeros credores.

Não, o que afligia Ângela naquele momento não se relacionava em absoluto com dinheiro. Tratava-se apenas de que, mais uma vez, chegara à conclusão de que não podia continuar a viver no ambiente daquela pensão. Por mais que se isolasse, sempre tinha que entrar em contato com os outros pensionistas e não cessava de ser importunada. Sua posição toda especial de mulher separada do marido (inexplicavelmente descoberta, desde os primeiros dias) designava-a como presa fácil para o

desejo dos homens que a rodeavam. Uns casados, outros solteiros, uns mais, outros menos, todos a assediavam. Longe de desacoroçoá-los, sua insofismável recusa parecia lhes dar sempre novas esperanças. Tinha de se esquivar, de se fechar num silêncio quase hostil — o menor sorriso sendo interpretado, naquele meio devorado de malícia, como o mais convidativo dos sinais. O resultado era que as outras mulheres, legítimas ou não, viviam prevenidas contra ela, acusando-a de fingimento, descobrindo provocações dissimuladas ali onde havia apenas fuga e isolamento. A própria inveja não era estranha à má vontade com que a viam. Poucas podiam compreender e perdoar a atração que exercia, independentemente da sua vontade.

Assim, sua existência se tornara realmente impossível naquela pensão cheia de mesquinhez. Felizmente — pensava Ângela naquela manhã de esperança —, tudo aquilo estava por acabar e a volta para a casa dos Soares era apenas uma questão de tempo. Mesmo receando muito o ambiente do solar da Rua São Justino, mesmo cheia de dúvidas quanto às possibilidades de uma renovação da sua vida em comum com Carlos, não devia, não podia hesitar.

Aliás, tudo seria preferível à sua eternização naquele mundo turvo e deprimente em que vivia há alguns meses, quase sem respirar, praticamente aprisionada no apertado de um quarto sem vista e sem conforto, onde lhe chegava a cada instante, como um som morto e obsedante, o ruído abafado do arfar de corpos devorados de egoísmo e sordidez. Por pior que se apresentasse, a atmosfera da casa dos Soares não poderia ser tão asfixiante. Prisão por prisão, na Rua São Justino, pelo menos, teria Mário para lhe fazer companhia, para aceitar seu carinho maternal e viver de sua dedicação, de seu amor. Teria um jardim, grande, ensombrado, cheio de recantos amigos, protetores, onde poderia esconder sua tristeza — se sua tristeza persistisse, o sorriso de Mário não tendo conseguido dissipá-la... Na pior hipótese, tudo fracassado, reconhecido o erro do passo dado, ainda restava a solução de tornar a partir. Dessa vez, claramente, à luz do dia, e sendo do pleno conhecimento de todos. Portanto, não havia como hesitar. Era ir se preparando aos poucos para a nova vida e ter um pouco mais de paciência com os hóspedes de Dona Margarida. Questão apenas de coragem, de confiança em Deus que lhe estava fazendo uma graça tão grande.

Esses raciocínios tinham levado Ângela a um estado de violenta agitação. E já era seu pensamento ver se conseguia, numa igreja, um pouco de tranquilidade, quando Dona Leonor surgiu frente a ela. Com as primeiras palavras de esclarecimento, desabaram todos os seus sonhos e percebeu que laborava em erro há dois dias, e do modo mais absoluto.

Fora enganada, primeiro pelo bilhete de Carlos, depois pelas palavras de esperança do próprio Padre Luís.

O silêncio cúmplice que se estabelecera à sua volta, naqueles dias, acabara de completar a obra de confusão e engano.

Dona Leonor restabelecera a verdade com a mais rigorosa honestidade. Explicara-lhe o sentido exato do bilhete e o da sua conversa com Padre Luís. Com visível simpatia, tentara reconstituir os raciocínios do padre quando lhe silenciara o que sabia, mantendo-a na sua ilusão a propósito do sentido real do movimento de Carlos. A prova estava na entrevista que tivera com Carlos à tarde, no tom desusado em que falara, exortando-o de todas as formas a procurá-la para recomeçarem juntos a vida. Levado pela sua boa vontade, Padre Luís enganara ingenuamente a todos, provocando a reação exagerada de Eliodora. Esta, impulsiva ao extremo, pusera a casa inteira de pernas para o ar, forçara cada um a tomar uma posição nítida e definitiva e não descansara enquanto não procurara, ela própria, o reitor a fim de lhe pedir que tomasse providências para que o fato não se repetisse. Em resumo: a situação na Rua São Justino se tornara de tal modo tensa que ela, Dona Leonor, resolvera vir procurá-la naquela manhã com o fim exclusivo de apelar para a sua boa vontade no sentido de solucionar de uma vez por todas aquela situação angustiante.

Dona Leonor ainda não tinha acabado de falar, já Ângela explodira. Estavam todos muito enganados. Ninguém receasse nada de sua parte. Não queria ser uma intrusa, nem estava pedindo esmolas. Por Deus, que não sabia nada do real sentimento dos Soares em relação a ela! A princípio, bem que desconfiara de alguma coisa. Padre Luís a convencera, porém, do contrário. Ela própria, Dona Leonor, no encontro havido na sala de espera do cinema, deixara que entreviesse novos e bem esperançosos horizontes. Depois, tinham sido todos aqueles mal-entendidos, aqueles enganos propositados de que somente momentos antes tivera conhecimento. Agora, no entanto, que via tudo sob o seu verdadeiro aspecto, sabia perfeitamente o que tinha de fazer. Os Soares podiam dormir descansados. Não seria ela, filha de Tadeu do Amaral, a ir bater no portão da “fortaleza”, do “castelo medieval” da Rua São Justino. Queria rever o filho, sim. Queria viver bem, feliz, tranquila. Contudo, não seria ela a entrar se esgueirando pelo portão, como uma mendiga. Admitia que perdera o direito de entrar de olhar erguido. Se Carlos não queria lhe devolver essa prerrogativa — e só ele o podia fazer —, de cabeça baixa, como uma culpada, é que não entraria. Podiam ficar tranquilos. Não só não tentaria se introduzir às escondidas, como não insistiria mais em entrar em contato com Carlos. Tomaria mesmo as providências necessárias para que Padre Luís cessasse suas

importunas tentativas. Proibi-lo-ia, se preciso. Quanto ao perdão recebido, guardá-lo-ia apenas porque não queria mais ofender nem magoar ninguém. Não sabia, porém, o que fazer dele, uma vez que, concedido daquele modo, em nada a podia interessar.

Nesse momento, já Ângela tinha os olhos cheios de lágrimas, e Dona Leonor pressentiu a crise do choro bem próxima. Não fosse isso, teria ficado mais tempo, teria procurado consolá-la. Teria chegado mesmo a falar-lhe de possibilidades melhores num futuro distante, como pensara em fazer quando descobrira que não fora posta a par da situação real por Padre Luís e não estava “agindo mal” como Eliodora pensava e não se cansava de dizer (...no que ela, aliás, não deixara de acompanhá-la...). As lágrimas de Ângela, a crise iminente, decidiram-na, no entanto, a abreviar a entrevista, limitando-se a fazer promessas vagas de “melhores dias”. Não era do seu temperamento ver sofrer, ver chorar. E, muito menos, ter de consolar, sobretudo não se sentindo à vontade para isso.

Assim, apressou-se em se despedir. Todavia, na porta do quarto, ainda insistiu em saber se podia garantir aos filhos que o assunto estava definitivamente encerrado. Queria tranquilizá-los em plena consciência do que estava fazendo.

Antes da lacônica resposta afirmativa, o olhar de Ângela veio como uma censura viva, um raio de fogo iluminando a insensibilidade de Dona Leonor. No entanto, se abaixou o olhar e saiu de cabeça baixa, quase perturbada, não foi sem pensar, cheia de alívio e de satisfação: “Bem, agora, pelo menos Eliodora vai ficar contente e desistir dessa ideia louca que se apoderou dela... Deus seja bendito!”.

•

Assim se viu só, o primeiro movimento de Ângela foi correr para junto de Padre Luís: grito de socorro, pedido de amparo, necessidade de encontrar alguém junto de quem pudesse extravasar suas mágoas, e muitos outros sentimentos que confusamente agasalhou em si naqueles instantes. Mas, eis que, de súbito, refletindo enfim, se lembrou: Padre Luís a enganara, Padre Luís faltara à confiança cega que nele depositara.

Sabia bem que a intenção fora boa, a melhor possível, talvez. Apenas, que importava isso? Em que alterava o fato fundamental, a saber: para ela tudo estava perdido, ninguém podia fazer mais nada em seu favor?... Padre Luís não podia, também ele. Ora, para mantê-la mais alguns dias sob a doce ilusão de que as circunstâncias tinham mudado no sentido dos seus interesses, mentira como um simples homem, enganando-a no ilimitado de sua confiança. Triste engano.

Depositara uma fé excessiva naquele padre. Era uma criatura à parte, despida de egoísmo, bom, muito bom, tão bom quanto um ser humano o podia ser, puro, abnegado, dedicado até o sacrifício, tudo enfim que se quisesse. Mas, também, era um fraco, um ser que não podia nada contra a maldade e o egoísmo dos outros, destinado ao insucesso em tudo o que tentasse, em virtude dos próprios meios de que lançava mão. Queria vencer pela bondade, pela persuasão, pela sinceridade. E, naturalmente, fracassava. Tinha de fracassar. Eliodora é que estava certa. Os meios de que se servia é que eram os legítimos. Somente quem os empregava é que saía vencedor nas batalhas. Os outros podiam ficar com a consciência tranquila, podiam ser modelos de virtude — viviam sempre derrotados... E o prejuízo ainda era maior do que se ficassem quietos, conformados com a própria impotência. Por que se agitavam tanto, por que queriam modificar o mundo, salvar as pessoas, se não podiam nada, se eram incapazes de lograr o menor resultado? Seria que se sentiam obrigados a agir para justificar a função que exerciam? Ou não tinham consciência da própria fraqueza? Nesse caso, era indispensável que alguém lhes dissesse. Não ela, a Padre Luís, que não queria magoá-lo, devendo, apesar de tudo, ser-lhe grata pelo seu esforço. Outros, porém, outros que deviam ter interesse em evitar, no próprio bem da Igreja, mal-entendidos e desastres daquela natureza.

Sentia-se injusta, dominada por um ressentimento que nada tinha de nobre. Sentia, também, que não podia agir de outro modo. Naquele momento, aquilo era nela uma necessidade absoluta. Sofria muito e sabia que estava à beira de padecimentos muito maiores ainda. Previam dias de desânimo, de caminhadas ao acaso, noites de insônia, intermináveis e desoladas horas de desalento e abandono. E compreendia que precisava se defender, lutar de qualquer forma, mesmo que fosse à custa de injustiças, de covardias como aquela de responsabilizar Padre Luís pelo sucedido. Não podia ter outra atitude e o próprio acusado certamente a entenderia, se lhe pudesse expor a situação, naquele instante. Era como se tivesse de ser aparentemente insincera nas palavras usadas para ser realmente sincera no seu movimento interior. Era como se tivesse de se defender, provocando mil males menores, de um mal maior, sério, gravíssimo. Imaginava que se debatia à beira de um abismo e que tudo à sua volta era perigo de morte. Lutava com a consciência desse perigo e, por isso, fazia-o desesperadamente. Padre Luís não a poderia censurar, agora, porque fora dele mesmo que ouvira, em tempos, a afirmação de que não tinha nenhum dever maior, nem mais urgente, do que o de se defender do perigo que a ameaçava. Ou também a enganara naquele ponto? Com que fim, dessa vez? Estaria querendo ainda encobrir algum fracasso pessoal? Procurando apenas ganhar tempo? Nesse caso, porém, ela não

existiria, não contava, não passava de um simples fantoche em suas mãos inexperientes? Por Deus do céu, que não o permitiria! Aquela comédia precisava acabar. E, quanto antes! Iria procurar Padre Luís. Iria pôr um ponto final naquela série de lamentáveis equívocos. Agradeceria seus esforços e diria: “Muito bem, agora terminou tudo. Passe bem, seja feliz, mas esqueça que eu existo. Para me atormentar, basto eu mesma, bastam meus erros, basta minha situação atual, basta a vida miserável que vou ter de levar nesta pensão. Procure outra alma, mais dócil, melhor dotada para o palco. Eu não sirvo porque detesto ser enganada, mesmo se se tem em vista o meu bem pessoal. Deus o inspire melhor da próxima vez”.

Diria aquilo tudo. E muita coisa ainda, se fosse necessário. Tinha coragem para muito mais. Não fugira de casa, deixando o filho pequeno, para seguir um rapazola inexperiente? Coragem não lhe faltava. E, além do mais, precisava falar, desabafar. Iria, sim. Iria logo. Iria antes que lhe tivesse passado aquele ímpeto, antes que o raciocínio voltasse e lhe falasse palavras ajuizadas, cômodas, eivadas de covardia disfarçada, como tantas vezes já lhe acontecera em seguida a acessos de entusiasmo semelhantes àquele. Iria, imediatamente, sem pensar mais, iria seguindo o mesmo impulso cego que uma vez a impelira para fora de casa em plena noite, totalmente alucinada pelo desejo, pela loucura...

•

O raciocínio a atingiu, porém, em pleno caminho do Colégio São Luís de Gonzaga. De modo que a explicação com Padre Luís foi morna, completamente desprovida da rudeza com que fora ideada. Aliás, os dez ou quinze minutos que tivera de esperar, antes de ser atendida, muito tinham contribuído para acalmá-la.

Quando chegara, o padre estava dando aula e, como faltava pouco para terminar, mandara lhe pedir que esperasse um momento, caso não se tratasse de assunto de grande urgência. E continuara com a aula, pensando consigo mesmo se devia ou não pedir licença ao reitor para atendê-la sem ter conversado com ele, antes.

Decidiu fazê-lo e, assim a sineta tocou, foi procurá-lo. Pelo Irmão Gaspar soube que Padre Martinho saíra, chamado pelo reitor do Colégio Santo André. Assunto importante e urgente. Não dissera quando voltaria. Involuntariamente, Padre Luís se deu conta de que ficara contente com a notícia, como se temesse falar a Padre Martinho ou receasse ouvir de sua boca uma interdição formal para aquela entrevista. Apressou-se pois, raciocinando que já perdera muito tempo em buscas inúteis, enquanto Ângela esperava, talvez ansiosa de revelar-

lhe qualquer fato novo. Teria sabido de tudo?... Foi o que percebeu de relance, assim a avistou na saleta da Capela. O mesmo vestido preto, velho e sem um enfeite, dos dias graves. O mesmo ar, desnorteado e miserável, das horas de pânico. Talvez já a tivesse visto mais mal cuidada, mais abandonada, mais desesperada. Por certo, porém, ainda não erguera sobre ele aqueles olhos de desânimo, de derrota, de confissão de que o irremediável estava enfim realizado, concretizado. Esperara-o na saleta contígua à reitoria, sentada numa cadeira baixa, o busto curvado para a frente, as mãos postas sobre os joelhos como alguém que tentasse minorar pela posição especial uma grande dor física. Ao ver Padre Luís, ergueu-se de uma vez só e, antes que ele pudesse falar, foi logo dizendo:

— Padre Luís, de nada adianta mais o senhor tentar me poupar. Sei de tudo. Agradeço muito seu esforço. Venho, porém, dar tudo por terminado. Os Soares podem ficar tranquilos. Não serão mais incomodados. Nem precisarão vir fazer queixas suas ao padre reitor.

Padre Luís teve um gesto de protesto e, depois, indagou com serenidade no tom:

— Quem lhe falou? Em poucas palavras, Ângela o inteirou da sua conversa com Dona Leonor, da promessa que lhe fizera e da resolução tomada. Terminou repetindo:

— Eu agradeço seu esforço, mas peço encarecidamente que não insista.

Nem no meu nome, nem no seu. Estou farta de tudo isso.

— Não se trata de estar ou de não estar farta! — interrompeu Padre Luís com energia.

— Talvez não seja bem o termo a empregar...

— Também não se trata de uma questão de termos exatos!

— Quis dizer: estou farta, não posso mais. Sinto-me exausta, enojada. Não quero mais nada desses Soares! Não os suporto mais, não aguentaria viver de novo no meio deles! Ainda uma vez, o padre tentou interromper Ângela para lembrar-lhe que não se tratava de uma questão de querer ou de gostar e, sim, de dever. Debalde, porém. Ângela continuou falando, levada pelo desejo que lhe acometera de se queixar dos Soares, de acusá-los de mil coisas. Orgulho desmedido, egoísmo intratável, insensibilidade, frieza, teimosia, rigorismo arcaico, incompreensão da vida, todos os defeitos da família, coletivos ou peculiares apenas a alguns dos seus membros, passaram pelo crivo de seu julgamento desnorteado. Foi áspera, foi dura, mas Padre Luís sabia

o que havia de irritação momentânea naqueles excessos. Assim, deixou-a falar, certo de que, se tentasse contradizê-la, seria muito pior. Conhecia bem aquela criatura. Sabia que, horas depois, ou no dia seguinte, ela própria viria se penitenciar daquelas palavras impensadas — não obstante haver nelas, inegavelmente, uma grande parcela de verdade. Tratava-se de uma crise, de um pouquinho de histeria. Leve, passageira. Convinha, portanto, esperar um pouco e não dar maior importância àqueles arroubos liberatórios. Tudo passaria dentro de alguns minutos.

Com efeito, Ângela não tardou a serenar. Padre Luís fez então com que se sentasse e, tomando posição numa cadeira vizinha, começou a falar por sua vez. Compreendia perfeitamente sua situação angustiosa, mas não a podia aprovar. Por que desistia, por que se entregava? Por que considerava tudo perdido? Estava descrendo da força de Deus? Que papel reservava à Providência naquilo tudo?...

— Eu não acredito em mais nada! — gemeu Ângela.

— Não acredita?! Não diga isso, minha filha! Não acredita ou não quer mais acreditar? É fácil, é cômodo, mas é fugir à luta, é covardia, inqualificável covardia... covardia demoníaca! Ângela estremeceu, como se aquelas últimas palavras a tivessem tocado no mais profundo de si mesma. Limitou-se a murmurar:

— Acaboutudo, padre. Nãoqueromaisnada, não suportonovasdecepções!... Para Padre Luís, essa última confissão foi providencial. Inexplicavelmente, sentiu como se tivesse chegado o momento do triunfo e avançou:

— Ah, isso sim! Novas decepções, novos sofrimentos!... Sim, sei bem que, agora, chegou o momento mais difícil, mais penoso. Agora é que é preciso coragem, firmeza de ânimo para suportar a dureza da prova. E é, agora, que você quer fugir, desertar! Como se se tratasse de um capricho, de um prazer, de uma coisa a que lhe fosse dado dizer não, sem mais, no momento em que deixasse de lhe convir, em que começasse a fazê-la sofrer de verdade! Como se fosse um brinquedo, um divertimento, um passatempo, uma futilidade de salão... de salão do solar da Rua São Justino! Falava com energia, visivelmente irritado com o modo pelo qual Ângela fugira à luta. E, na verdade, o estava, bem mais ainda do que deixava transparecer. Era curioso, era incrível mesmo: hoje uns, amanhã outros, todos naquele caso tinham abandonado suas posições iniciais. Só ele permanecera, como se estivesse defendendo interesses pessoais. Já não falava de Dona Leonor, nem muito menos de Carlos, de cuja natureza incerta, dúbia, bem pouco se poderia esperar num momento de perigo. E nem mesmo de Padre Martinho que, certamente, devia estar mal informado a respeito do caso, pois não era

compreensível que, depois de tê-lo apoiado tanto de início, pudesse desaprová-lo, agora, só porque ouvira uma mulher rancorosa e desprovida de espírito cristão gritar durante meia hora os direitos da sua família a não ser incomodada na sua tranquilidade burguesa.

Não falava de nenhum desses. Falava de Ângela, cujo recuo, cuja “traição” o exasperava. Ela que desencadeara tudo, ela a interessada, ela a vítima de uma situação anticristã que podia acarretar a morte de sua alma, ela cedia, ela fugia, ela se acovardava como o mais triste e pusilânime dos seres humanos. A promessa que acabara de fazer a Dona Leonor não era uma promessa, era uma demissão. Podia fazê-la? Tinha direito, uma vez que aquilo equivalia à aceitação do fracasso, do desespero em que vivia antes? Aquela luta em que se empenhara não era uma luta qualquer de que pudesse desistir ao sabor das conveniências do momento. Era uma batalha de vida e morte, pois o que defendia era sua própria vida ameaçada pelo desespero último. Podia ceder? Podia desistir? Nada disso escondeu de Ângela. No entanto, suas observações a encontravam fria, quase inerte, como que de antemão decidida à capitulação definitiva. E, mais uma vez, pensou nos anjos de pedra de que falara ao reitor, tempos antes. Era inútil, já não conseguia mais atingi-la, despertá-la, emocioná-la, por pouco que fosse. Suas palavras batiam de encontro aos eternos muros de pedra. Sentiu-se só, perdido no mundo, tendo por único apoio um Deus que parecia inclinado a lhe faltar em todas as ocasiões fundamentais. Ainda uma vez o deixava frente a frente com seu fracasso. Tinha o coração pesado, cheio de uma aflição a que não sabia dar nome e que não podia ser comunicada a nenhum outro ser humano. Que era aquilo? Uma provação? Mais uma provação? Aceitava-a, sem dúvida. Queria contudo saber, compreender. Queria pelo menos poder agir com consciência do que estava fazendo, de que não se tratava, apenas, de um sinal de maldição apostado ao destino de certas criaturas. Aquela meditação intempestiva o afastou um pouco do problema imediato. Logo, porém, voltou a ele. Corajoso, obcecado. Insistiu, teimou. E de tanto falar, acabou por arrancar de Ângela a confissão de que tivera a impressão — vaga, todavia — que Dona Leonor saíra sem ter acreditado muito na sua promessa de dar tudo por terminado.

Foi por essa pequena porta entreaberta que a esperança voltou a Padre Luís. Refletindo um momento e, esquecendo tudo quanto prometera ao reitor, perguntou:

— E se eu, por deliberação própria, isto é: independentemente de sua vontade, procurar Dona Leonor e conseguir que ela a desligue da promessa feita? Ângela compreendeu e pensou alguns segundos, para objetar em seguida:

— Eu prometi não só que não insistiria, como que não permitiria que o senhor o fizesse.

— E se a resolução for minha, tomada sem atender ao seu desejo expresso? Ângela sorriu, como que denunciando a possível fraude. Padre Luís percebeu e refutou:

— Seu desejo, seu pedido... nunca sua ordem. Sou sacerdote, tenho portanto meus deveres, não recebo ordens senão dos meus superiores... no cumprimento da missão divina de que fui encarregado.

Nesse momento, o impulso adquirido pelo padre sofreu ligeira interrupção. Viu Padre Martinho diante dele, falando, falando, dizendo-lhe que não continuasse a agir antes de conversar com ele. Fora uma ordem? Estaria desrespeitando-a? Contudo, agora, não era mais possível parar e o reitor não estava no Colégio para ser consultado. O queurgia, era agir, era salvar, era preservar as possibilidades. Depois, então, viria a repreensão, se tivesse de vir. Estava disposto a se aventurar. Na sua função, o risco era sempre enorme, como era da própria essência da vida cristã. E não havia perigo que não corresse, sacrifício que não fizesse, para salvar aquela pobre alma, agora mais ameaçada do que nunca.

— Claro! — confirmou Ângela

— Nem eu nunca pensei em lhe dar ordens.

— Portanto — explicou Padre Luís com segurança —, eu posso ir a Dona Leonor, como sacerdote, como amigo de todos, e pedir que a dispense de cumprir o que prometeu.

— Mas eu não quero insistir mais!

— Por ora. Seja. Por ora, eu mesmo reconheço que é inútil, talvez prejudicial.

— Nesse caso, que adianta falar?... É inútil, inteiramente inútil.

— Adianta imensamente! É coisa diversa. É a possibilidade de recomençar tudo, quando o momento for oportuno...

— E se nós esperarmos para falar nesse momento? — ...É não perder o direito de esperar! Sem atender mais para o que tinha perguntado, Ângela repetiu em tom melancólico: — ...É não perder o direito de esperar! Padre Luís entendeu a repetição da frase como a aquiescência desejada. Sentiu-se alegre, confiante. Pelo menos aquilo, ele conseguiria! Iria a Dona Leonor e obteria. Restituiria assim a Ângela a liberdade de esperar, se não a própria esperança. Poderia ficar parada, vendo passar

os dias. Manhãs sucederiam a manhãs, viriam noites e noites e mais noites, mas, enfim, poderia raiar um dia de sol, de luz, de vitória. Longe de ter por único horizonte o desespero, venceria, voltaria para junto do filho e do marido.

Despedindo-se de Ângela pouco depois, pronto já para procurar Dona Leonor, sem se importar com os aborrecimentos que isso pudesse lhe ocasionar, Padre Luís ainda insistiu na ideia de pouco antes:

— Seja como for, minha filha, é preciso não barrar o caminho da esperança... Parada, sem ousar dizer nada, Ângela ficou pensando na tremenda candura daquele padre que parecia não conhecer o mundo. A maldade das criaturas não o desanimava. E, sem que nada pudesse fazer para impedi-lo, sentiu que no fundo do coração, bem protegida, bem escondida, das cinzas de pouco antes, uma qualquer coisa renascia que não estava longe de se confundir com a esperança, por mais tênue e dissimulada que fosse...

VI

essa tarde, a conversa de Padre Luís com Dona Leonor precedeu apenas de pouco a cena em casa dos Soares que iria determinar tão catastroficamente o destino daquelas pessoas, produzindo em Padre Luís uma impressão de presença demoníaca até então jamais igualada em sua existência. Em menos de duas horas, Eliodora preparou tudo e o sucesso do plano excedeu de tal modo sua expectativa que, de início, a surpresa não a deixou gozar plenamente seu triunfo.

Assim Ângela saiu, Padre Luís resolveu procurar Dona Leonor. Não ignorava que estava cometendo um gesto imprudente, dada a advertência do reitor, na véspera. Se estava ausente naquele momento, o certo era aguardar sua chegada. Não podia demorar. E, mesmo que demorasse, convinha esperar. Já fora muito longe na conversa com Ângela, comprometendo-se demais.

Tudo isso era lógico, perfeito. Sentia-se, porém, totalmente incapaz de ficar parado, esperando. Era como se uma força irracional o estivesse impelindo. Precisava agir enquanto ainda estava em tempo. No dia seguinte, talvez já fosse tarde. Ora, como tinha quase certeza de que Padre Martinho, quando soubesse de tudo, iria ficar de acordo com o seu ponto de vista, não havia motivo para não tentar, para não arriscar.

Fora fácil conseguir a entrevista com Dona Leonor à revelia de Eliodora, mas a conversa transcorreria penosa, cheia de reticências. Era evidente que “a velha Soares”, provavelmente com o espírito prevenido contra ele em virtude dos últimos acontecimentos, ouvia-o com grande desconfiança.

Mesmo assim, falara e falara muito, com toda a coragem. Se não podia dizer a Ângela que tivera sua missão coroada de êxito, pelo menos conseguira alguma coisa e isso o alegrava bastante: Dona Leonor prometera pensar sobre o assunto, conversar com Padre Mansueto, seu confessor habitual, e tornar a procurar Ângela, mais tarde, para desmanchar um pouco a cruel impressão deixada. Prometera ainda, se bem que vagamente: em momento oportuno, falaria com Eliodora, visando levá-la a ver a situação de modo realmente cristão e a nutrir sentimentos mais humanos em relação a Ângela.

Se essas concessões não equivaliam à dispensa da promessa feita, representavam pelo menos uma possível esperança para futuro não muito longínquo. Já era alguma coisa. Deixava de existir a porta trancada e selada, de horas antes. O caminho cessava de estar barrado à esperança.

Assim, voltou ao Colégio mais satisfeito, quase confiante. Agora, era dar graças a Deus pelo resultado conseguido e, depois, procurar o reitor, contar-lhe tudo, pedir-lhe desculpas pela involuntária quebra da palavra. E esperar. Deus seria magnânimo, abreviando o novo intervalo.

Com surpresa, soube da boca do Irmão Gaspar que Padre Martinho ainda não voltara. O reitor do Colégio Santo André retivera-o, ultimando um trabalho de urgência e só devia chegar pela tardinha. A notícia trouxe-lhe alívio. Afinal, podia pensar melhor sobre o que devia dizer a Padre Martinho.

Não foi longa a meditação. Um chamado urgente de Dona Leonor levou-o ao telefone: ser-lhe-ia possível comparecer à casa dos Soares, às cinco horas da tarde, para uma conversa de importância sobre o assunto que tinham acabado de discutir? Era urgente. Eliodora também estaria presente... Padre Luís concordou sem demora. Iria com a maior boa-vontade. A presença de Eliodora só podia ser útil à finalidade que tinham em vista. Estaria no solar da Rua São Justino pontualmente, isto é: daí a uma hora. E lá estava, à hora exata. Sem prevenções, sem receio, sem a mínima ideia de que estivesse caindo numa armadilha, em uma das mais sórdidas e tristes ciladas que mão de mulher má jamais armou. Não levava nem a mais leve desconfiança. Apenas, a dúvida sobre se Eliodora soubera da sua conversa com Dona Leonor, horas antes. E,

também, a enorme ingenuidade de pensar que ia ser tratado como um amigo da família...

•

Foi das mais estranhas sua impressão ao penetrar na sala de entrada da casa dos Soares. Todos eles ali estavam, solenes, quase com a aparência de conhecidos que estivessem de visita. Até o marido de Eliodora, na sua flagrante inutilidade de “príncipe consorte”, fora convocado para a reunião. Eram ao todo seis pessoas: Dona Leonor, Eliodora e Pedro, e os três filhos homens do casal Soares: Carlos, Camilo e Tomás.

Padre Luís lançou um rápido olhar de reconhecimento e apertou a mão de todos, ansioso agora por saber de que se iria tratar ali. Era evidente que nada de bom podia esperar daquele ambiente carregado, quem sabe hostil, de qualquer modo dominado por Eliodora. Devia ter sido ela quem resolvera tudo. Não havia como não ver: exceto o marido, todos estavam ali contrariados, como que a contragosto. Carlos mantinha os olhos abaixados, envergonhado com alguma coisa que também perturbava Dona Leonor. A essa, porém, bem menos, pois constantemente corria os olhos pela sala, dizendo em tom amável uma ou outra palavra sobre o tempo, as notícias do dia, a necessidade de matricular o pequeno Mário no Colégio São Luís de Gonzaga, no ano seguinte. Também Camilo e Tomás não se sentiam à vontade. E, se Camilo se mantinha imperturbavelmente sentado numa poltrona, os polegares metidos nas cavas do colete, acentuando desse modo a sua cada dia mais pronunciada tendência à obesidade, Tomás emigrava de uma janela para outra, apoiando durante alguns momentos sobre elas seu corpo esguio — vivo contraste tipológico do de Camilo. De qualquer maneira, ambos pareciam só nutrir uma preocupação: se ver livre daquela maçante reunião de família.

Não durou mais de alguns minutos a conversa geral. Como que cansada de ver os personagens secundários ocuparem o proscênio, Eliodora resolveu sair do seu mutismo. Conservara-se até então totalmente calada, presente apenas pelo olhar que dirigia incessantemente sobre todos e sempre com o mesmo brilho, a mesma violência contida. Dir-se-ia que seu empenho era lembrar, a cada momento, que aquele silêncio nada significava senão espera inteligente do instante oportuno para mostrar a cada um que o chefe ali era ela, tudo indo depender agora da sua vontade de ferro. O busto arrogantemente erguido, a severidade de expressão, as mãos coladas nos braços da alta cadeira de jacarandá onde se sentara, davam-lhe um ar solene e ameaçador, fazendo-a muito mais idosa do que realmente era. Fato estranho, esse envelhecimento que, de comum, tê-la-ia irritado, não

era, naquele momento, senão um motivo de orgulho, uma fonte de força. Sentia-se exatamente na posição de um chefe e disso tirava coragem para fazer o que planejava, depois da longa luta para convencer a família, principalmente Carlos e Dona Leonor, cujos escrúpulos ainda persistiam, torturando-os a olhos vistos.

Na primeira pausa um pouco mais longa, Eliodora tomou a palavra e dirigiu-se ao padre para explicar o motivo daquela reunião e a razão de ser de ele ter sido chamado assim tão de súbito. De um modo geral, e voltando atrás sobre palavras inconsideradas proferidas em outro local, queria agradecer em nome da família Soares tudo o que ele, certamente movido pelos seus altos sentimentos de caridade cristã, tinha querido fazer para restabelecer o lar de Carlos, tão desgraçadamente desfeito, por um gesto louco e, segundo o ponto de vista da família, absolutamente irreparável. Assim, falando agora por si, esperava que não lhe guardasse rancor. Agira com boa intenção, mas não soubera se conter e fora longe demais, só depois tendo caído em si. A tempo, porém, de perceber quanto se excedera, quanto fora injusta na apreciação dos motivos que o impulsionavam.

Apesar das palavras de paz, Padre Luís não se enganou nem um momento. Devia se preparar para o pior. Eliodora Soares Moreno falando naquele tom, pedindo desculpas daquele modo, não podia ser um bom sinal. Tinha de ser mesmo qualquer coisa de anormal, de terrível. O mais provável é que aquele exórdio fosse apenas disfarce, simulação, preparação para qualquer coisa de muito diferente. Conservou-se calado, julgando que não podia de forma alguma aceitar aquelas desculpas quando fazia tantas restrições à sinceridade que as ditava. Tanto mais quanto todos na sala se mantinham em difícil silêncio, visivelmente contrafeitos... Suas dúvidas não tardaram a se concretizar. Firmando o tom que a princípio fora indeciso, Eliodora declarou, ao fim de alguns instantes:

— De um exame atento dos fatos, concluímos, todos de comum acordo, que a principal razão dos acontecimentos terem tomado a má orientação que tomaram residiu no seguinte: tudo foi conduzido sem método, mais ou menos ao acaso, ao sabor de caprichos momentâneos...

— No que me diz respeito... — tentou em vão protestar Padre Luís.

— Da parte de todos. E sem querer culpar ninguém... Por isso, resolvemos, sempre de comum acordo, tomar uma atitude firme, definitiva, irrevogável, tendente a regularizar de uma vez por todas essa difícil e penosa situação.

À medida que Eliodora ia falando, parecia aumentar nos presentes,

sobretudo em Carlos e em Dona Leonor, um incontrollável mal-estar. Já agora, porém, Padre Luís compreendia bem por quê: Eliodora caminhava para comunicar-lhe uma decisão que tomara, depois de ter forçado a família a concordar com seu ponto de vista. E essa decisão não devia ser nada mais nada menos do que o rompimento definitivo com Ângela, talvez como complemento último do vago perdão concedido por Carlos e por Dona Leonor.

Sem se deter mais do que um segundo, Eliodora começou:

— E fizemos questão de chamá-lo aqui, com urgência, para que o senhor fosse inteirado de tudo e colaborasse conosco, na medida do possível, dada sua reconhecida autoridade e capacidade de compreender as almas, de agir sobre elas com eficácia.

Pelo rápido olhar que Carlos ergueu sobre ele, Padre Luís percebeu o receio com que todos estavam de que protestasse desde logo. Era evidente que aquela participação, tal como Eliodora a concebera, ele não a podia dar. Carlos o olhara esperando uma reação imediata. Preferira, porém, ficar calado. Já não falara claro a todos ou quase todos ali, já não estabelecera os limites dentro dos quais tinha de se mover? Deviam saber qual ia ser sua reação. Nem tinham direito de esperar outra. Podia pois permanecer em silêncio, sem escrúpulos de estar enganando ninguém.

Aliás, Eliodora não lhe teria dado tempo para falar, mesmo que o quisesse.

Interessada em chegar ao fim de sua comunicação, prosseguiu:

— Assim, resolvemos dar por terminada a desgraceira que foi o casamento de Carlos, fazendo como se Ângela tivesse morrido.

— Morrido! — exclamou o padre sem se poder conter e correndo os olhos pelos circunstantes como se procurasse um apoio em alguém.

— É a melhor solução. Dá liberdade a todos. A nós e a ela. Sobretudo, permite resolver de uma vez por todas a questão da criança, de Mário...

— Mas, como assim? — perguntou Padre Luís, levado de surpresa em surpresa.

— Como o senhor deve saber, Mário pensa que a mãe está no estrangeiro, cuidando do pai que por lá adoeceu no decurso de uma viagem e não pode voltar. Como a fuga de Ângela se verificou há uns dois anos e pouco, Mário mal se recorda dela. Devia ter, então, menos de cinco anos. Poucas vezes se referiu a ela, a não ser no princípio.

— Mas então, agora... A frase começada, Padre Luís não a pôde concluir. Falara devagar, estarrecido ante a conspiração diabólica em que o tinham envolvido. Parara, porém, porque essa ideia lhe viera de súbito e não tivera coragem de lhe dar uma resposta: seria que aquela mulher, além de tudo aquilo, estava em seu juízo perfeito? E aqueles seres que a rodeavam teriam perfeita consciência do papel miserável que desempenhavam? No entanto, eles é que eram os “bons”, as pessoas de bem... Os bons? Mas, por que seria que, no mundo, os bons, os virtuosos, não agiam sempre com dignidade, generosamente e, sim, pareciam tão empenhados em tornar difícil, ingrata, contraproducente mesmo em muitos casos, a tarefa de defendê-los, de preservar, por detrás deles, os princípios que encarnavam? Felizmente, os Soares não eram todas as famílias existentes. Havia outras, havia muitas diferentes, onde o ressentimento e a amargura não dominavam... Como o padre se detivesse pensando, sentindo, sofrendo por tudo o que já adivinhava, Eliodora foi adiante:

— Resolvemos que Mário seja notificado hoje, aqui, de um acontecimento doloroso: teríamos recebido uma carta do estrangeiro, comunicando que Ângela adoecera subitamente há uns seis meses atrás e falecera em seguida...

— Meu Deus! Isso é uma monstruosidade!

— Pelo contrário, Padre Luís. É mais humano do que deixar as coisas correrem e ter, um dia, de contar a verdade a Mário...

— Mais humano! Mais humano! — gemeu Padre Luís sem saber o que dizer de diferente e sem ter coragem de apelar para ninguém.

— Claro! Mário nem pensa mais na mãe. Se chorar — e eu duvido... —, será no primeiro momento.

— Meu Deus! — tomou a gemer Padre Luís.

— Isso é inconcebível! Dona Leonor, por favor, que pensa a senhora disso?... Antes que Dona Leonor respondesse, evidentemente ciosa de não permitir a menor tentativa de enternecimento por parte dos presentes, Eliodora retomou a palavra:

— Estamos todos de acordo, Padre Luís. Resolvemos de uma vez por todas. Estou falando em nome dos Soares e não no meu apenas... como já tive ocasião de lhe dizer.

Padre Luís não se deu por achado. Voltando-se para Carlos, interpelou-o com firmeza:

— Não, num momento desses, parece-me absolutamente

imprescindível a palavra direta, clara, inequívoca, do mais interessado na questão, do cabeça do casal. É de Carlos que se trata. Carlos, essa decisão... Antes que o padre fosse adiante, Carlos teve um rápido movimento de irritação, traduzido numa sacudidela de ombros, e exclamou:

— Evidentemente, Padre Luís! Se não, não deixaria Eliodora falar em meu nome... Depois, como que arrependido do gesto pouco cortês e daquelas palavras onde havia muito de covardia, de temor de se explicar com serenidade sobre sua atitude, falou em tom calmo, medindo as expressões:

— Tudo o que Eliodora vai fazer é a expressão da nossa vontade. Da minha, da de minha mãe, da nossa. Pensamos muito e verificamos que, afinal, era mesmo a melhor solução.

— Mas é incrível! — insistiu Padre Luís.

— De modo que já estão resolvidos a agir?...

— Claro que sim! E já — declarou Eliodora retomando a direção dos acontecimentos.

Levantou-se em seguida e, indo até à mesa, tirou de dentro de um livro uma carta. Mostrando-a ao padre, explicou:

— Dentro de alguns minutos chamaremos o menino aqui e diremos que, nesta carta, está tudo narrado.

— Na minha presença?! — não pôde deixar de gritar Padre Luís como se o tivessem apunhalado.

— Justamente. Sua presença é indispensável. A criança não terá nunca a menor dúvida: um padre estava presente... E Ângela compreenderá que fizemos tudo a sério, sem possibilidade de voltar atrás.

Padre Luís se ergueu, vermelho, o olhar fuzilando:

— Minha senhora, eu jamais esperei ser tratado dessa maneira! Caí numa cilada, mas a senhora, por certo, está enganada se pensa que sou capaz de me prestar a uma miséria dessas!... O mal-estar aumentou imediatamente. Tomás se agitou, encostado à janela. Em menos de um minuto, Camilo tirou duas vezes o relógio do bolso. Dona Leonor olhou alternativamente para Padre Luís e para Eliodora, sem ter coragem de fixar nem um nem outro. E Carlos, depois de ter levantado os olhos no momento em que o padre se erguera, abaixou-os mais uma vez, a cada segundo mais contrafeito.

— Não sei por quê! — retorquiu Eliodora, aceitando o desafio.

— É o meio mais prático, mais humano.

— Humano?! É um crime, é uma desumanidade! Nem se deve discutir um sacrilégio desses. Querer a cumplicidade de um padre, de um representante de Nosso Senhor Jesus Cristo, para uma mentira dessas!...

— A mentira...

— Nem eu devia permanecer aqui por mais tempo!... Eliodora sentiu que a raiva a invadia aos poucos. Aquele padre!... Conseguiu, porém, dominar-se. Valia a pena contemporizar, lançar mão de todos os trunfos. Assim, explicou:

— Padre Luís, nós não temos outra alternativa. Resolvemos agir, porque não queremos ficar mais à mercê das maquinações dessa mulher... De modo que vamos tomar nossas providências, quer o senhor queira, quer não.

— Não compreendo como...

— Vai compreender. Se precisamos da sua colaboração, é para fazer as coisas de um modo mais... humano. Compreende? Usando a morte como um anteparo, um meio de evitar, de não ter de dizer diretamente... Padre Luís estava de pé. Ao ouvir as palavras de Eliodora, deixou-se cair pesadamente na cadeira e pôde apenas murmurar:

— Mas, a senhora não vai dizer o que aconteceu a essa criança?!...

— É a alternativa em que o senhor nos coloca.

— Eu?!

— Recusando seu concurso! Nós o consideramos indispensável para evitar essa... crueldade.

— Crueldade! A senhora não podia usar melhor palavra!

— Bem sei. Todos nós sabemos... E lastimamos, lastimamos muito, lastimamos muito mais mesmo do que o senhor pode imaginar. Apenas, não há outro recurso.

— Tem de haver! — murmurou fracamente o padre, já vencido pela alternativa colocada.

— É inútil discutir, padre. Chegamos a um acordo, nós, aqui em casa. Temos de agir logo. Se o senhor se recusar a nos ajudar... A palavra “chantagem” ocorreu violentamente a Padre Luís. Reteve-se, porém, e exclamou:

- Isso não é situação em que se coloque ninguém!
- O senhor decida...
- Preciso pensar, refletir, consultar um superior...
- Infelizmente...
- Não vim preparado para resolver um problema desses.
- O seu reitor está de inteiro acordo conosco.
- Impossível!
- Não nesse caso particular, que não o consultei a esse respeito, mas no espírito que anima minha orientação em toda essa questão.
- É diferente...
- Seja. Não discuto. De qualquer modo, o senhor tem de se decidir.
- Não decido nada! Não posso, não tenho autorização para resolver. Eu me retiro, simplesmente.

Estava de novo de pé, pronto para tomar o caminho da porta. Eliodora se postou, porém, em sua frente e declarou:

— Para nós, é a mesma coisa do que o senhor dizer não, tomar partido contra nós. Escute: vou chamar o menino agora mesmo e vou comunicar a notícia. Se o senhor estiver presente, calado, falarei em morte... e prometo que a memória da “morta” será respeitada por Mário a vida inteira, no que depende de nós.

— Do contrário?

— Já pensei no que temos a dizer. Talvez Mário não compreenda tudo, hoje... Padre Luís ergueu os braços para o alto, como que chamando o céu a testemunho, e exclamou:

— A senhora seria capaz de cometer semelhante pecado?!

— Pecado?! Pecado, por quê?... A responsável pela morte de meu pai, pela ruína do lar de meu irmão, merece tudo, tudo!

— E o menino, esse pobre menino?!...

— Também ele precisa ser salvo das garras dessa intrigante, dessa miserável cadela!

— Minha senhora! — protestou o padre, caindo novamente sentado na cadeira.

— Que Deus lhe perdoe tanto ódio no coração, tanta maldade! Em lugar de responder, Eliodora lançou um rápido olhar sobre os circunstantes. Carlos continuava de cabeça baixa, concordante. De tão contrafeita, Dona Leonor nem parecia estar ali. E Padre Luís era apenas um vencido, um afogado que só iria voltar a si minutos mais tarde, num primeiro movimento de remorso que seria o sinal precursor de um tormento que o iria consumir de dúvidas e angústias, anos depois. Com grande ligeireza, Eliodora foi até a porta que dava para o corredor, abriu-a, chamou o criado, deu-lhe uma ordem em voz baixa e voltou tranquilamente para o meio da sala. Camilo e Tomás continuavam impacientes, ansiosos por ver terminada aquela cena que julgavam inútil, insuportavelmente teatral. Carlos ainda não erguera o olhar, Dona Leonor não sabia onde pôr as mãos. De olhos fechados, as feições contraídas, lívido, Padre Luís tinha um ar de morto.

Não havia como se enganar — pensava Eliodora —, a partida estava ganha, definitivamente ganha.

•

Minutos depois, Mário sabia de tudo. Evidentemente apalermado com a notícia, confuso com o ambiente encontrado e, mais ainda, com a presença daquele padre que não se lembrava de ter visto, o menino olhou para todos os lados com espanto e dos seus olhos não saiu uma só lágrima. Depois, como que descobrindo subitamente a avó numa das poltronas, correu para ela e escondeu no seu colo a face enrubescida pela encabulação e pela surpresa. Dona Leonor desatou a chorar e não tardou a se levantar, levando consigo a criança que, ao passar, não teve coragem de olhar para ninguém.

Com exceção de Padre Luís, os restantes se entreolharam, atrapalhados. Vieram palavras à boca de alguns. Contudo, ninguém ousou falar. Eliodora, antes tão loquaz, parecia agora muda, de tal modo a rapidez fulminante do sucesso esgotara suas forças.

Da cadeira onde permanecera imóvel, assistindo ao desenrolar da cena como um mero espectador, Padre Luís contemplava, abismado, o quadro daquela família. Invencivelmente, a ideia de tantas outras ocasiões lhe voltou naquele momento: todos mortos ali, todos, menos Eliodora. Uma galeria de seres petrificados: Carlos assistindo calado, Dona Leonor assistindo calada, Pedro, Camilo, Tomás assistindo calados, todos complacentes, inexistentes. Quem eram, afinal, se não existiam? E que mundo era aquele que permitia esse gênero de vidas, nulas daquela forma, a bem dizer: mortas? Não era, ainda uma vez, o velho problema dos seres que julgavam estar vivendo “dramas” e que, na verdade, cada

dia se abismavam mais na “tragédia”, na irreparável tragédia de morrer antes do dia marcado pelo livro da chamada divina? Existiam todos eles num mundo perdido, privado do essencial, privado de coração, privado de sangue, privado de vida. Mundo falso, irreal, mundo de fantoches que consentiam no mal por fraqueza, por hábito, por falta de coragem de reagir, de se levantar um dia e, então, viver livre, realmente. Nem sequer admitiam a hipótese de que estavam mortos, talvez definitiva e irremediavelmente mortos. Nem mesmo suspeitavam que pudesse haver uma diferença essencial entre eles e aquela mulher demoníaca que urdira todo o plano, executando-o depois com uma impassibilidade inacreditável, diferente de tudo quanto já assistira até então. Aquela, sim, não era um mero duende, executando cegamente um plano bem traçado. O ódio a possuía, o ódio a dominava da cabeça aos pés, o ódio a fazia viver. Sentia-se que existia intensamente. Toda ela inclinada sobre as fontes do mal, ainda não capitulara.

Para o bem como para o mal, suas forças ainda podiam ser captadas. Agia desatinadamente, como se alguém, vivendo nela, dirigisse seus passos sempre num mesmo sentido. Contudo, não estava morta e, talvez, ainda pudesse ser libertada daquela presença envenenadora, daquele Estranho que visivelmente habitava nela. Aquela maldade era grande demais para ser, simplesmente, a maldade de uma mulher má. Era uma presença nela, era um poder alheio a ela. Devia ser o próprio demônio, o Grande visitador, numa das suas moradas temporárias. E, quem sabe, a única resposta para tudo aquilo que sucedera ali, e para o resto que ainda deveria vir, fosse simplesmente o gesto heroico do exorcizador, a bênção daquele corpo possuído... De súbito, porém, no silêncio da sala, a voz de Eliodora ecoou. Recordando-se de alguma coisa esquecida, voltava à cena com a mesma participação ardente de antes:

— Dessa comunicação que acabamos de fazer, Ângela saberá hoje mesmo, por meu intermédio. Naturalmente, se o senhor quiser falar...

— Eu?! — exclamou o padre, ofendido.

— Escreverei contando tudo, isto é: o essencial. Creio que ela compreenderá, enfim, quanto foi errado ter insistido tanto.

— Ela?! — tornou a exclamar Padre Luís com o máximo de desafio no tom.

— Não há aqui quem ignore: a obstinação foi minha, não dela. Se há um culpado... Tinha se levantado, evidentemente com a intenção de se retirar. Todos se ergueram, enquanto ele completou a frase começada: — ...esse culpado sou eu. Mas — e isso, minha senhora, isso eu lhe digo

com a minha autoridade de sacerdote —, se há um pecado capaz de ofender a Deus, de medir, pelo seu perdão, a extensão da misericórdia divina, esse pecado é o seu! Eliodora empinou o busto num gesto de desafio e balbuciou:

— Paciência.

— Seu pecado — continuou logo Padre Luís — me parece mesmo tão grande que não quero sair daqui sem lhe dizer que fico no meu confessionário à sua espera... ou que há, em outros confessionários, outros padres que estarão à sua disposição. Que por intermédio de um deles, eu ou outro, Deus lhe perdoe um dia, minha filha! Padre Luís estava na porta e fora aos poucos se despedindo de todos com gestos de cabeça. Antes de sair, ainda falou:

— Enquanto isso não acontece, permita que eu lhe deixe um sinal da minha passagem por aqui — um sinal, aliás, de que todos os demais terão necessidade, porque também eles participaram do pecado cometido. Eu os abençoo, a todos, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Fez o gesto de abençoar, largo e grande, abrangendo a todos, mas, querendo atingir Eliodora em especial. E, logo em seguida, curvando a cabeça, retirou-se apressadamente sem querer ver ou ouvir mais nada. Segundos depois, nas alamedas do parque, seus passos eram tão apressados que parecia estar correndo. Receio? Receio de que o chamassem gritando para que acesse a ver Eliodora se debatendo numa crise de nervos, presa de gestos de possessa? A ideia era forte, perigosa. Não vingou, no momento, porque Padre Luís já se sentia dominado por outras preocupações, bem mais penosas, tirânicas. Contudo, voltaria com os dias, com o abrandamento progressivo da crise mais imediata. Voltaria quando a consciência do fracasso individual cedesse ante a suspeita crescente da sua incapacidade de agir...

•

Nesse mesmo fim de tarde, ao voltar ao Colégio, o reitor notou a expressão aflita, constrangedora, de Padre Luís. Percebeu que alguma coisa de grave acontecera na sua ausência, mas a verdade é que se sentia tão cansado, tão esgotado pelo esforço mental despendido durante o dia, que julgou mais prudente deixar a conversa para o dia seguinte. Avaliava sua provável extensão e não se enganava sobre a importância das palavras a serem ditas. Pela manhã, logo cedo, procuraria o padre e falaria longamente, no sossego do pátio.

No entanto, na manhã seguinte, uma sucessão de afazeres imprevistos o obrigou a adiar o entendimento para a tarde. E então, antes de ter feito compreender que queria lhe falar, viu-o entrar quase correndo pela reitoria e atirar-se aos seus pés, pedindo-lhe perdão e consolo. Trazia uma carta presa entre os dedos... Dos passos hesitantes e descontrolados de Padre Luís durante o intervalo que decorreu entre o fim da reunião em casa dos Soares e esse momento, pouco há que contar. Quem não o reconstrói, na sua inquietação, no seu desânimo, na revolta surda que os anima? Quem não os acompanha em imaginação — por menos dotado que tenha sido dessa condição básica do sofrimento humano? Praticamente enclausurado nos muros do Colégio, sem coragem de ir se abrir com o reitor, e, por outro lado, incapaz, tal o seu desassossego, de encontrar na oração o bálsamo de sempre, agitou-se em vão para cá e para lá, remoendo mil ideias absurdas, inconscientemente à espera de que sucedesse alguma coisa que o viesse tirar daquela situação miserável.

Quanto tempo teria permanecido nesse estado, sem a intervenção da desconcertante carta de Ângela, não sei calcular. As ideias iam e vinham em sua cabeça, emaranhando-se, perdendo-se, e parecia impossível que viessem a se ordenar algum dia. Agira bem? Agira mal? Desobedecera a Padre Martinho? Fora vítima de uma cilada? Atirara-se nela? Prejudicara Ângela? Atraiçoara-a? Agira corretamente? Fora covarde? Excedera-se nas palavras finais? Devia ter saído logo da sala? Devia ter protestado na presença da criança? Devia ter ido procurar Ângela? Ou Padre Martinho? Devia escrever? Falar? Assumir a penitência de um silêncio sem explicações? Mas, então, era culpado? Culpado de quê? Faltara à confiança que Ângela depositara nele? Causara-lhe decepção grande demais? Torturava-o, acima de tudo, a possibilidade do suicídio de Ângela. Com o caminho definitivamente barrado à esperança, que seria dela? Seu esforço pessoal de nada teria valido. Pelo contrário, teria lançado a pobrezinha num desespero maior ainda do que aquele em que vivia. E, agora, não haveria mais nenhuma palavra mágica a lhe dizer. Que consolo valeria depois de tudo aquilo? Quem fora vítima daquela desumanidade, ainda poderia “compreender” alguma coisa? Com a esperança esmigalhada daquele jeito (assim renascida, assim ensaiando os primeiros passos para f lorescer de novo...), não era possível confiar em mais nada, em ninguém. Deus e a vida se tornavam suspeitos. O desespero triunfava, ganhando terreno a cada instante. Em consequência, a ideia de acabar de uma vez com a existência não voltaria mais com a antiga força, e, sim, muito mais poderosa, absoluta provavelmente.

Era essa lógica implacável — inexplicável, no entanto, num homem de fé, pois excluía ou parecia excluir a intervenção de Deus como elemento normal à ordem humana — que mais aturdia o espírito desorientado de

Padre Luís. Sem ousar apelar diretamente para o milagre, talvez por medo inconsciente de ver repetida a incerteza da morte de Armando, apavorava-se com a perspectiva que o raciocínio abria ante seus olhos castigados pelo espetáculo da condição humana. Já previa o desenlace trágico em todos os seus horripilantes detalhes, como que se comprazendo em seguir, uma a uma, as acusações que se poderiam levantar contra ele, evidentemente o grande responsável pelo malogro daquela tentativa. Via Ângela morta e, sobre sua testa lívida, uma frase gravada em pequenas letras de fogo que ninguém deixaria de ler: morreu porque um padre inábil precipitou uma situação que, por si, nada tinha de perdida. E também reconhecia, aos pés da morta, um menino de sete anos cujo olhar esgazeado só lhe gritava uma coisa: “Você é o culpado de eu ter me tornado órfão...”.



Para melhor ou para pior, para o menor ou para o maior sofrimento de Padre Luís, mas, de qualquer modo, com uma crueldade dilacerante, a carta de Ângela se encarregou de desmanchar todos esses ingênuos receios. A ideia de suicídio podia ser posta de lado, pelo menos temporariamente.

Padre Luís abriu o envelope com sofreguidão e sem se enganar sobre a ansiedade em que estava de se inteirar do seu conteúdo. Nervosa, tremulamente, foi tomando conhecimento do que Ângela mandava lhe dizer.

— Antes de mais nada, ficasse bem claro que aquela era a última vez que se dirigia a ele, fosse por carta, fosse procurando-o pessoalmente. E, também, que não levaria em consideração nenhuma resposta sua. Da mesma forma, ignoraria qualquer recado que lhe enviasse. Também sob pretexto algum o receberia, caso viesse procurá-la. Lastimava ter de tomar decisão tão rigorosa e incivil. Tratava-se da mais elementar das medidas de defesa. De certo modo, agradecia tudo quanto fizera ou tentara fazer por ela. Contudo, desde o momento em que tivera diante dos olhos a narração da reunião da véspera, em casa dos Soares, ou, para dizer melhor, da infame pantomima a que ele prestara seu dignificante concurso (ainda que recalcitrante, “voto vencido”...), vira-se forçada a dar por findos os entendimentos havidos. Felizmente, aliás, estava tudo encerrado, sob todos os aspectos. Os Soares poderiam continuar no seu dourado e inabordável castelo, admiravelmente bem guardado pelo dragão que tanto pânico infundia a todos. Ele, Padre Luís, agora “amigo da família”, não teria mais de incorrer nas censuras hipócritas do reitor do seu Colégio. E ela, por si, no que isso lhe interessasse saber, tinha também seu caminho traçado. Rezasse por ela,

se quisesse, se achasse necessário, mas soubesse que ia para junto de alguém que realmente a queria, que não se “humilharia” recebendo-a em sua companhia. Em menos de meio minuto, obtivera o perdão da sua fuga para longe dele, de suas leviandades de procurar reconquistar o “trono” perdido. Sim, felizmente ainda existiam no mundo, naquele mundo “pecaminoso” contra o qual tanto se deblaterava, criaturas que sabiam “fechar os olhos”, que não procuravam negociar, pelo preço de um perdão degradante, porque falso e hipócrita, uma tranquilidade burguesa, farisaica, miserável. Por certo, Hélio não lhe poderia dar seu nome, nem uma posição de respeito aos olhos dos homens. Seria, porém, consolo, esquecimento. Seria carinho para seu corpo — para aquele seu corpo que o “legítimo dono” — soubesse ele — só quisera, em tempos, como objeto de prazer. E soubesse também que, se ela descia àqueles detalhes sórdidos, era apenas para que não imaginasse que ia se atirar por desespero num lamaçal, numa “senda de pecado e vergonha”. Muito tempo se iludira — e bem grande era a parte dele naquele seu triste engano —, mas, agora, sabia, achara enfim o verdadeiro caminho. Ninguém a desnortearia mais tentando lhe roubar a pequena, insignificante parcela de felicidade que lhe era reservada na terra. Que ele ficasse com as suas orações e os “pitos” e sermões do reitor, que os Soares guardassem o solar deles, com o parque deles, com o nome deles, com o orgulho deles, com tudo o que quisessem, mesmo com Mário... que, na verdade, era dela, era metade seu, e com quem eles só ficavam por furto... e por generosidade sua. Ela ficaria com Hélio, com o carinho de Hélio, com o amor de Hélio, com a felicidade que Hélio podia lhe dar. E, era muito. E não queria mais nada, senão isso.

•

Agora ajoelhado diante de Padre Martinho, a cabeça mergulhada em seu colo, Padre Luís chorava. Viera correndo para junto do reitor e tinha entre os dedos, dobrada, a carta que acabara de ler, e ainda não compreendera perfeitamente em toda a sua significação.

Padre Martinho não se surpreendeu demasiadamente. De certo modo, previa de há muito aquela crise. Na véspera, assim vira a expressão transtornada de Padre Luís, compreendera que estava próxima. Na sua ausência, alguma coisa de muito grave devia ter ocorrido.

Evitando no momento qualquer censura pelo fato do padre ter agido sem o consultar, tratou de fazer com que se erguesse e recuperasse a calma. Fê-lo sentar-se e pediu que contasse com vagar o que sucedera. Descansasse. Fosse o que fosse, acabariam descobrindo um remédio para o mal. Foi mesmo explícito:

— Não importa o que tenha acontecido, com a ajuda de Deus, nada pode estar perdido.

Padre Luís não pensou, como seria de supor, que aquele padre velho e bom, acima de tudo, era um homem de fé. Pensou, tristemente, humanamente, que o reitor ignorava ainda os acontecimentos e por isso falava daquele modo. Seguindo essa ordem de ideias, apressou-se em contar-lhe tudo, dando-lhe em seguida para ler a carta de Ângela. A narração foi confusa e cheia de idas e vindas. Ora Padre Luís esquecia uma palavra essencial, e voltava atrás para recolocá-la na conversa, ora avançava, referindo-se a termos da carta, a incidentes que só iriam ter lugar muito depois. Perdia-se em detalhes inúteis, contava episódios que o reitor já estava farto de conhecer. De qualquer modo, porém, Padre Martinho pôde seguir a marcha geral dos acontecimentos. Aliás, a carta de Ângela, que leu atentamente, era por si só bastante para esclarecê-lo. Recolheu-se por fim num misto de meditação e oração e, depois de alguns minutos, falou:

— Meu filho, eu compreendo seu sofrimento e muito me compadeço dele. Mentiria mesmo se não dissesse que reconheço plenamente a nobreza e a boa intenção de seus movimentos nessa causa, infelizmente tão ingrata. Mas... Padre Martinho se deteve por alguns segundos ao notar o súbito interesse de Padre Luís quando entrara no terreno das restrições. Hesitou um pouco, porém compreendeu sem demora que chegara o momento de falar e nenhuma consideração por sofrimentos possíveis devia detê-lo. Prosseguiu pois: — ...se seu castigo é grande, é que seu pecado também o é.

Padre Luís curvou a cabeça e continuou a ouvir sem levantar os olhos do chão:

— Realmente, sua falta de confiança em Deus me alarma, me preocupa de um modo muito vivo. Não queria ser obrigado a lhe falar nisso, creia. Sinto-me porém forçado porque, de um certo tempo para cá, venho observando o progresso dessa doença no seu espírito.

— Doença?! — protestou Padre Luís, sem compreender bem.

— Sim. Que se passa?

— Mas, que doença, padre reitor?...

— Essa que o acometeu, essa a que me referi: a falta de confiança em Deus. Padre Luís pôs as mãos na cabeça e tornou a reclamar:

— Falta de confiança em Deus?! Nunca! Nunca! Minha fé é a mesma de sempre. Deus me livre, não estou passando por nenhuma crise de fé.

— Que você saiba, sinta, não!...

— Se julgar necessário, o senhor pode me ouvir em confissão, neste minuto mesmo.

— Eu sei. Sua crise não é como as de outros, como as que você imagina, simples, ingênuas. “Deus não existe!”, gritam esses doentes, doentes benignos a meu ver... Sua crise é outra, é pior. Você proclama: “Deus existe!”, mas não o vê, não o está vendo realmente, pelo menos nos momentos fundamentais de sua vida. Você o quer encontrar “agindo” em determinados casos. E, como não encontra, põe-se a sofrer, a se desesperar, exatamente como se Ele não existisse. Isso é fé? Isso é ter confiança em Deus?... Padre Martinho falava com animação, visivelmente convicto do que estava dizendo. E Padre Luís não o ousava interromper, sentindo perfeitamente a força do raciocínio do seu superior hierárquico. A mesma voz firme continuou a falar:

— Veja, por exemplo, neste nosso caso. Você mesmo diz que todo o seu receio, depois da reunião de ontem, era que, impelida pelas circunstâncias adversas, essa pobre mulher chegasse ao abismo do desespero e se suicidasse. Seria tremendo. Seria a pior de todas as coisas que lhe poderiam acontecer. E havia grandes possibilidades de que isso se desse. Você mesmo, na sua falta de confiança, julgava provável essa solução trágica, irremediável. Pois bem, sucede que tudo se processa de modo diferente, imprevisto... Adivinhando o pensamento do reitor, Padre Luís não se pôde conter e perguntou com evidente desaprovação no tom:

— Mas, o senhor acha que essa solução foi melhor... que é uma solução?

— Melhor do que a outra? Certamente! Quanto a ser uma solução, é evidente que não. É um desastre, é um grande pecado cometido contra Deus. Longe de mim a menor ideia de querer atenuar a gravidade de uma falta dessa natureza!...

— Então...

— Apenas, meu filho, não é o irremediável... e, sobretudo, não pode ser recebida por nós, homens de fé, como o irremediável.

Padre Luís levantou sobre o reitor olhos af litos, sequiosos de uma promessa. Padre Martinho não demorou a recomençar:

— Seu erro está aí: em considerar como irremediável, como definitivamente perdido, aquilo que é, que foi, apenas, um insucesso momentâneo, o fracasso de uma obra que você tentou e não pôde realizar.

— Contudo, por que esse fracasso?

— Por quê? Porque não era a vontade de Deus. Porque não era o momento. Porque, talvez, não vá caber a você, especialmente, a tarefa de salvar essa mulher.

— Alguém a salvará, nesse caminho que vai seguir?...

— Qualquer um. Qualquer um pode. Os caminhos de Deus, meu filho, são muitos, são infinitos. E são, às vezes, irreconhecíveis, paradoxais, diferentes do que imaginamos — desses caminhos da vida onde fracasso e sucesso têm sentidos positivos, nítidos... Quem a pode salvar, nessa estrada de perdição que seguiu? Qualquer um, repito. O próprio homem para junto de quem ela foi.

— Padre reitor!

— Claro, meu filho. Agora, é sua ingenuidade que me espanta. Que tem essa ideia de extraordinário? Você não está farto de saber que não há nada de impossível a Deus? Você não sabe que tudo, na Criação, pode servir para render glória a Deus? Que por qualquer estrada se pode chegar a Ele, o mal podendo ser veículo para o bem tanto quanto o bem veículo para o mal? Padre Luís hesitou durante alguns segundos, como se fosse dizer alguma coisa muito importante, depois murmurou:

— Sei. Certamente que sei. Mas...

— Mas, o quê?

— É que eu não posso imaginar... é mais forte do que minhas forças permitem. Esse caminho, um caminho de salvação?... Padre Martinho teve um rápido movimento de impaciência. No entanto, procurando abrandar uma possível má impressão causada, usou um tom mais brando para responder:

— E por que não? Quem nos diz que não virá a ser, mais tarde? Não é possível garantir, está claro, mas é forçoso esperar.

— Que saia alguma coisa de bom dessa volta ao pecado, desse chafurdamento intencional no mais intencional adultério?!...

— Quem nos diz que isso durará... mais do que... alguns minutos? Isso, se realmente acontecer...

— Durar alguns minutos apenas, padre reitor?! E o entusiasmo da carta, aquele prazer de gritar que vai viver a vida da carne, enfim... Padre Martinho teve um gesto seco de interrupção vendo o caminho por onde Padre Luís enveredava. O silêncio se estabeleceu, como se uma repreensão qualquer pairasse no ar. Foi, porém, em tom suave que o

reitor indagou:

— Meu filho, que se passa com você? Não o reconheço. Por que esse medo, esse pavor diante das forças do mal? Nenhuma carne é gloriosa, meu filho. Nenhuma carne sustenta a luz do dia. Não há o que temer. Nossos corpos, que são, como São Paulo diz: “Membros do Cristo”, reconhecerão que são feitos “para o Senhor” e não “para a fornicção”. Você tem lido os Santos Livros, como lhe recomendei tantas vezes? Padre Luís nada respondeu. Manteve a cabeça baixa, imóvel. Que dizer? Que responder, senão que tinha, e muito, e muito, e que de nada lhe adiantara, pelo menos sob aquele aspecto? Que responder, senão que, por vezes, os Santos Livros lhe pareciam mudos, irremediavelmente mudos? Naquilo consistiria a sua “crise”, aquela “falta de confiança em Deus” a que o reitor aludira pouco antes? Estaria realmente doente na sua fé? Doente àquele ponto? Sem esperar pela resposta pedida, o reitor prosseguiu:

— Leia, leia, leia sem cessar! Mesmo que, às vezes, não os compreenda bem ou não se sinta interiormente tocado por eles. Se tal acontecer, é porque está doente e precisa justamente lê-los, para se curar. Leia, aprenda, faça com que cada palavra se torne seu sangue, seu corpo, seu espírito, sua própria existência! Leia São Paulo

— é doutrina, é vida. Leia os Evangelhos — neles está tudo, a resposta para todos os problemas, para os grandes, as doenças do espírito e do coração, e para os pequenos que a vida coloca diante de nós a cada instante.

— Para esse caso de hoje, também?...

— Claro que sim, meu filho. Nem precisamos procurar muito. Lembre-se, mais ou menos ao acaso: “Não julgueis e não sereis julgados”, “Eu sou o caminho e a ressurreição e a vida”, “Vai, mulher, eu também te perdoo”, “O que eu faço, tu não o sabes agora, mas sabê-lo-ás depois”.

Padre Luís levantou os olhos, estranhando o texto. Percebendo-lhe a surpresa, o reitor perguntou:

— Não se recorda da passagem?

— Não... — concedeu Padre Luís com hesitação e vergonha no tom.

— Não é o que eu digo? Pouca “presença” dos Santos Evangelhos!

— Eu os leio sempre, sempre...

— Lê, mas tem pouco “presentes” em sua memória, em sua vida. A passagem é das mais conhecidas: Jesus lava os pés aos discípulos na Última Ceia.

— ...E fala a Pedro — acrescentou Padre Luís, subitamente se recordando.

— Isso mesmo. Um trecho, uma palavra entre muitas outras que falam de esperança, de ressurreição, de vida eterna. Todo o sentido profundo da palavra nova que Jesus trouxe ao mundo, dessa palavra que é fé, esperança, e não tristeza, desespero. Jesus é a luz do mundo. Não brilhará também para uma pobre mulher que não soube resistir à tentação e que, depois, se revoltou contra a pequenez dos preconceitos humanos, contra a falta de caridade de alguns corações, e resolveu pecar, pecar com o ardor de quem, no íntimo, lá no mais profundo de si mesmo, sabe bem que é a si mesmo que está fazendo mal, ferindo-se, batendo-se contra grades que nenhum poder humano consegue romper? Não haverá luz somente nesse calabouço? Por quê? Por que essa predestinação, esse excesso de dramaticidade? E por que, em você, meu filho, essa preocupação exagerada com o que é apenas um caso individual, um elo da grande cadeia? Se Deus “transformou em loucura a sabedoria do mundo”, como ensina São Paulo, por que tanto raciocínio a propósito de um simples acontecimento? Sabe você ao certo o que ele significa, o que pode significar frente ao grande mistério da solidariedade humana? Aqui mesmo, ao alcance de minhas mãos, tenho um trecho, traduzido e copiado por mim, de um grande pensador católico, se não me engano um dos que você mesmo mais admira. Escute e veja como se aplica ao seu caso, explicando bem tudo o que você não compreende nessa “loucura” que se deu... Estendendo o braço, Padre Martinho procurou em cima da sua secretária o trecho a que se referira. Leu-o depois com voz firme: “Nossa liberdade é solidária do equilíbrio do mundo e é isso que é preciso compreender para não se ficar espantado com o profundo mistério da reversibilidade que é a designação filosófica do grande dogma da Comunhão dos Santos. Todo homem que produz um ato livre projeta sua personalidade no infinito. Se dá de má vontade um vintém a um pobre, esse vintém fura a mão do pobre, cai, fura a terra, rompe os sóis, atravessa o firmamento e ameaça o universo. Se comete um ato impuro, obscurece talvez milhares de corações que não conhece, que correspondem misteriosamente a ele e que têm necessidade de que esse homem seja puro, como um viajante que morre de sede tem necessidade do copo de água do Evangelho. Um ato caridoso, um movimento de piedade verdadeira, canta em seu favor os louvores divinos, desde Adão até o fim dos séculos, cura os doentes, consola os desesperados, apazígua as tempestades, resgata os cativos, converte os infiéis, protege o gênero humano”.

Ao terminar a leitura da citação, Padre Martinho se sentia vivamente emocionado e sabia que Padre Luís não o estava menos. (Quantas vezes não devia ter lido e admirado aquele trecho em suas meditações

noturnas!...). Antes que Padre Luís o comentasse de algum modo, o reitor recomeçou:

— Compreendeu, meu filho? O que lhe quis dizer foi isso: quem pode explicar a razão de ser ontológica do gesto pecaminoso dessa pobre infeliz? De onde vem? A que vai levar? Que encadeamento de fatos o condiciona? Representará a salvação de quantas outras almas — quem sabe quantas e em que condições desesperadas?... Você já terá talvez pensado na possibilidade daquele pobre rapaz suicida ter se salvo, no último instante, pelo preço do sofrimento dessa mulher durante anos e anos, até o momento de sua redenção? A “loucura da Cruz”, meu filho!... E em milhões de outras possíveis combinações que escapam, que têm de escapar à nossa razão, à nossa pobre, paupérrima razãozinha humana, mas que, por isso, não deixam de ser, de *existir*? Se ainda não meditou sobre isso, precisa meditar. Reflita, torne a refletir e peça a Deus, por meio da oração, da oração constante, incessante, que o esclareça, que o faça se esquecer um pouco de si mesmo, de seu esforço pessoal, seja ele bem ou mal sucedido. Vamos, para seu próprio bem, esqueça esse caso individual, não pense mais nele a não ser quando não for possível fazer de outro modo. Esqueça esses Soares que, diante de Deus, são simples almas iguais às outras, e pense apenas na Comunhão dos Santos, no Sacrifício de Jesus para nos salvar, a todos nós. Esqueça o fracasso do seu esforço e se abandone por inteiro nas mãos de Deus. Ele conhece os caminhos da vida melhor do que nós. Pois não é ele quem sustenta as aves do céu “que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros”? Pois não é ele quem veste os lírios dos campos que “não trabalham nem fiam”?...

•

Padre Luís está de joelhos, a cabeça caída no colo do reitor, chorando, incapaz de se defender, de falar coisa alguma. Vejo-o assim desde o instante em que Padre Martinho começou a falar sobre a necessidade de esquecer aquele caso, a sua participação pessoal nele. Foi então que principiou a compreender o imenso perigo que correra e que, naturalmente, ainda estava correndo. Vejo-o soluçante agora, desorientado de arrependimento, de sentimento de culpa. E sinto a minha fé ainda muito pequena para acompanhá-lo nesses momentos de aflição que sei serem apenas o começo de vigílias e vigílias de sofrimento, de luta, de batalha contra as mais atrozes dúvidas. Minha solidariedade com seu esforço cego, por demais humano, me parece tal que, por mais que compreenda e justifique as palavras inspiradas do reitor, não as consigo sentir em mim, a não ser como um testemunho trazido contra a minha própria causa. Fogem de tal modo de mim, instantes de revolta contra a aceitação, que não posso fazer outra coisa senão deixar que

ecoem nos ouvidos feridos de Padre Luís e exerçam sobre ele essa ação da Graça que só posso acompanhar de longe, os pés sangrando e geladas as mãos, suando cada dia mais angustiadamente o suor frio da privação e da distância.

Oh, se pudésseis suportar de minha parte um pouco de loucura!...

— 2Cor 11, 1

parte iii | O espírito da terra

I

súbito adoecimento de Padre Leonardi, ocorrido em princípios desse mesmo ano de 1935, foi de consequências bem graves para os alunos do quinto ano ginásial do Colégio São Luís de Gonzaga. Não que o ensino de latim que lhes ministrava fosse grandemente apreciado pela turma ou por qualquer dos rapazes em particular. Muito pelo contrário, a aula era enfadonha e as dificuldades da matéria lecionada não trabalhavam muito a favor de Padre Leonardi.

Conhecedor de inúmeras línguas, bom latinista, didata por natureza, Padre Leonardi não era um professor exigente, consciencioso ao extremo. Nem por isso, porém, se sentia especialmente estimado pelos alunos, todos eles meninos para os quais a disciplina ensinada não passava de uma sobrecarga inútil, sobretudo num momento em que, segundo a voz geral, o mundo, sob todos os seus aspectos, “caminhava velozmente para a frente”, deixando para trás todos os “pesos mortos”... Assim, manda a verdade que se diga que a crise acarretada pela doença de Padre Leonardi não se originou propriamente de nenhuma qualidade intrínseca desse padre. E sim, simples e integralmente, das más qualidades do substituto que lhe foi dado: Padre Ladário. Desse modo, frisemos desde logo: o ensino do latim, em si, nada teve a ver com a série de desentendimentos e revoltas que assoberbaram a vida do quinto ano naqueles dias, repercutindo tão tragicamente na vida de Padre Luís e de Sílvio Iberê.

Professor de diversos colégios da cidade, latinista afamado, homem culto e moderado de opiniões, um “esclarecido” no dizer de muitos anticlericais, Padre Ladário gozava de grande reputação nos meios do ensino secundário do país. Tomara parte em muitos congressos educacionais, fora escolhido para fazer parte de diversas comissões formadas pelo Ministério da Educação, estivera mesmo na França e na Itália em importante missão oficial. E por certo não teria nenhuma hora vaga para atender à súbita necessidade do Colégio São Luís de Gonzaga, não fosse o desentendimento surgido poucos dias antes entre ele e o

Professor Veloso, diretor do Liceu Paulista — colégio onde Padre Ladário lecionava há vários anos.

Sabedor do fato, Padre Maurício procurara Padre Martinho e sugerira que tentassem conquistar sua preciosa colaboração. Já tendo ouvido falar dele, dos seus talentos, de sua cultura, o reitor não hesitara em procurá-lo, ainda que quase certo de nada conseguir. Avaliava que chegaria tarde, outros colégios já se tendo antecipado ao seu. Ou então, Padre Ladário se escusaria, alegando (e sem faltar em nada à verdade) excesso de trabalho ou necessidade de descansar um pouco por algum tempo. Era sabido que vivia sobrecarregado, não sendo poucos os convites, alguns altamente honrosos, que fora forçado a recusar.

Contrariando essas previsões, Padre Ladário aceitara a oferta. Não criara nenhuma dificuldade. Pelo contrário, mostrara-se grandemente satisfeito, não escondendo a alegria que sentia “de fazer parte do corpo docente de tão ilustre e respeitado estabelecimento de ensino”. O reitor também ficara muito contente, mas, se alguém exultara com a notícia, fora Padre Maurício.

De um modo geral, todos os padres e professores do Colégio São Luís de Gonzaga tinham se rejubilado com a nova aquisição que só podia aumentar ainda mais o prestígio do Colégio. Todos, menos, sem dúvida, Padre Luís para quem a personalidade de Padre Ladário nada tinha de simpática. Ouvira falar muito de suas qualidades, e ouvira por diversas pessoas. Algumas, já de idade, que o tinham tido por conselheiro em momentos graves ou que o tinham conhecido de perto. Outros, moços, de quem fora professor, como Branco Barros, por exemplo. E de uns e de outros colhera afirmações mais ou menos positivas, informações diversas de cuja autenticidade não podia duvidar, graças, frases esparsas, opiniões, uma série de traços pessoais que não engrandeciam em nada, aos seus olhos, a figura de Padre Ladário. Naturalmente, não dava atenção às calúnias dos invejosos. Muito menos, às invenções vulgares dos detratores sistemáticos dos seres trajados de batina, nem tampouco a má vontade, ao quase ódio com que Branco se referia ao seu antigo mestre do Liceu Paulista. Atendia unicamente ao mais razoável, ao quase absolutamente certo. E ainda assim, em sã consciência, não podia absolver Padre Ladário.

Não que o quisesse julgar. Sabia que não o podia, nem devia. Apenas, por que aquele mal-estar em sua presença ou sempre que se falava dele? Fazia-lhe mal ouvir aquele padre ser elogiado por pessoas que detestavam cordialmente a Igreja, a religião, os padres e tudo que a eles se referia, justamente porque não era tão “padre” como os outros, porque era mais “inteligente” do que quase todos e “não acreditava”

nas “tolices e superstições” em que se compraziam. Que tolices, que superstições eram aquelas? Em que é que Padre Ladário “não acreditava”? Não podia ser em Deus, nos dogmas, em questões de fé, nos mandamentos da Igreja. Em que, então? Em certos milagres? Nos duvidosos, apenas? Ou em todos, no milagre em si? Era impossível. Em que, então? Em bobagens, insignificâncias que não podiam afetar sua ortodoxia? Nesse caso, porém, como explicar a admiração dos “esclarecidos”, dos céticos, dos anticlericais, por aquela “mentalidade”, como diziam, por aquele homem “tão honesto, tão culto e tão inteligente que nem parecia um padre”, como certa vez afirmara o diretor do Liceu Paulista, segundo o testemunho de Branco?... Não queria fazer mau juízo, mas aqueles fatos falavam contra Padre Ladário. E fato algum falava contra Padre Leonardi — igualmente culto, igualmente inteligente. Pressentia, adivinhava qualquer coisa de transigência, de concessão indevida, quase mesmo de traição, na fama do “esclarecido”. Se o inimigo o louvava tanto, silenciando sobre Padre Leonardi, sobre tantos outros sacerdotes dignos e cultos, alguma coisa devia haver de errado na mentalidade do “grande latinista”. Então, nesses momentos de dúvida, por mais que se esforçasse, Padre Luís não podia deixar de pensar na verdadeira blasfêmia que Branco proferira um dia, pouco depois da morte de Carlos Eduardo: “Eu juro que há dias em que Padre Ladário sente vergonha de ser padre!...”. Falara com raiva, a boca visivelmente cheia de fel, o coração amargurado por dolorosas recordações. Censurara-o pela violência e pela falta de caridade do conceito. Sim, em “vergonha” era evidente que não se podia falar... Mas — que Deus lhe perdoasse agora, a ele Padre Luís, o pecado que acaso estivesse cometendo —, em certos dias, por exemplo numa reunião de pedagogos ou de escritores leigos, não era impossível que Padre Ladário pensasse na liberdade que teria para discutir e brilhar mais intensamente, se não vestisse aquela batina preta. Ainda que muito benfeita e trazida com a maior elegância, não deixava, jamais deixaria de ser uma batina, uma coisa que inspirava desprezo a muitas pessoas “de inteligência e comprovada capacidade”... Disso, não duvidava. E essa fraqueza de caráter o vexava, humilhando-o quase como uma traição perpetrada contra a dignidade do sacerdócio.

•

Bem diversos dos de Padre Luís, foram os motivos que incompatibilizaram o quinto ano com Padre Ladário, logo nos primeiros dias de aula. Habitados ao tratamento delicado, à quase displicência de Padre Leonardi, os alunos estranharam a rudeza do tom com o qual, desde as primeiras aulas, Padre Ladário lhes exprobrou a “completa ignorância das mais elementares noções de língua latina”. Afirmava que

era impossível, totalmente impossível, que tivessem tido, “algum dia”, um professor de latim. Não o dizia brincando e, sim, zangado, visivelmente irritado por ter de ensinar, ele, um grande latinista, um cultor de línguas clássicas, um homem notável, a criaturas tão ignorantes, tão primárias. Assegurava mesmo com naturalidade: “Não sou professor de rudimentos, mas de sutilezas da língua latina. Os senhores são analfabetos, pelo menos no que diz respeito ao idioma em questão. Aprendam a ‘ler’, primeiro. Depois, venham à minha aula. Ensino latim, e não declinações ou tempos de verbos irregulares”.

As reclamações do padre não estavam longe de ser justas. Havia de sua parte, não resta a menor dúvida, uma parcela enorme de vaidade ferida, de amor-próprio de quem se julga diminuído pela função modesta que é obrigado a exercer. Esperara encontrar uma turma à altura de apreciar sua cultura: encontrava uma coleção de ignorantes, incapazes de traduzir o mais simples período de Cícero, a mais fácil das fábulas de Fedro. Ora, para ensinar a esses principiantes, para levá-los até à beira de qualquer banca examinadora, displicente ou indulgente, não era necessário ir buscá-lo, arrancá-lo dos seus afazeres, todos eles sérios, de real interesse... Os alunos do Liceu Paulista não eram grandes latinistas, está claro, mas ele os vinha guiando há vários anos. Graças a Deus, chegavam ao quinto ano em estado de entender alguma coisa do que liam. Eram alunos. Enquanto ali, no Colégio São Luís de Gonzaga, só havia idiotas, analfabetos. Naturalmente, por culpa dos péssimos professores que os tinham orientado. Mais uma vez se confirmava sua suspeita: a fama daquele Padre Leonardi, em quem uma meia dúzia de levianos teimava em ver um rival seu, fora sempre muito exagerada pela incompetência geral e pelo partidarismo de muitos.

Contudo, se a vaidade de Padre Ladário deformava um pouco sua perspectiva, não deixava de ser verdade que a ignorância dos alunos do quinto ano em matéria de latim (como, aliás, de quase todas as disciplinas), era alarmante. Várias vezes Padre Leonardi se referira a esse fato, assegurando que, se não estudassem mais, seria impossível passar nos exames. Falara, insistira. Cedo, porém, compreendera que era inútil lutar. Faltava base, àqueles meninos. Porque, em latim como em tantas outras matérias, em consequência de desorientação reinante no estudo secundário, os alunos chegavam ao ano do exame final sem a menor base. Obrigados a enfrentar um programa em geral enorme, nada conseguiam aprender. Então, para o efeito de passar, quando a “cola” não era julgada possível ou suficiente, decoravam um ou dois nomes, duas ou três fórmulas. Assim — pensava Padre Leonardi — era inútil tentar “ensinar-lhes” latim. Pouco enérgico por natureza, sempre preocupado com estudos de linguística, curvara-se diante dos fatos. Como exigir que aqueles alunos (aliás, pessoalmente, ótimas criaturas,

podia assegurar) traduzissem Horácio ou Virgílio, se ainda gaguejavam nas declinações? Era um esforço vão. E assim, fora procurando fazer face às dificuldades, à medida que surgiam, sem se preocupar com mais nada. Satisfeitos com a orientação, também os meninos tinham deixado “correr o barco”. Padre Ladário os encontrara nesse estado de espírito.

Os primeiros gritos, certas palavras intencionalmente agressivas, tinham causado espanto, quase assombro. Depois, viera a irritação. Não estavam habituados àquele tratamento. Padre Leonardi era amável, distante, incapaz de elevar a voz. Os professores leigos, sobretudo o de história natural, João Mendes, e o de química, Professor Sazatti, de uma delicadeza a toda prova. E tanto Padre Lemonier como Padre Luís ou o reitor primavam pela suavidade com que se dirigiam aos alunos.

Especialmente unida, como todos no Colégio sabiam, a turma do quinto ano fizera frente à rispidez e ao desprezo de Padre Ladário. Daí tinham surgido vários pequenos choques, prontamente resolvidos, ora pela intervenção direta da autoridade do reitor, ora pela ação diplomática de Padre Luís, grande amigo dos rapazes e, mais particularmente ainda, de Heitor Torres, menino inteligente e vivo que assumira aos poucos uma espécie de chefia da turma.

Não era provável que esse falso equilíbrio perdurasse. No entanto, antes que se desfizesse por si, uma medida injusta de Padre Ladário e um gesto ousado de Heitor com o qual o resto da turma logo se solidarizara, tinham produzido a primeira crise séria, para cujo debelamento o reitor se julgara na obrigação de tomar providências severas, sobretudo em relação a Heitor Torres, considerado cabeça da “conspiração permanente” contra Padre Ladário.

O encadeamento dos fatos fora o seguinte: para remediar a falta de base dos alunos, a quem queria poder ministrar um verdadeiro ensino de latim, Padre Ladário resolvera condensar em algumas aulas suplementares o que eles deviam ter aprendido ao longo de vários anos, exigindo que as seguissem com atenção religiosa, gravando na memória tudo o que saísse de sua boca, apresentando, um por um, todos os numerosos exercícios que lhes dava como tarefa “para as folgas de casa”. Era um plano violento, bem traçado sem dúvida, rico de resultados imediatos, mas para o qual os alunos não estavam em absoluto preparados. Talvez, se arquitetado ou sugerido por Padre Luís, ou por Padre Magalhães, apresentasse alguma possibilidade de êxito. Exigido por Padre Ladário, no tom autoritário de costume, não podia vingar nem deixar de provocar constantes atritos.

Sob pretexto de falta de tempo, de solicitações imediatas de outros

estudos, os exercícios começaram a não ser apresentados. Desconfiando de má vontade, querendo manter de qualquer modo o prestígio da sua tentativa, Padre Ladário começou a abaixar a média semanal dos faltosos. A cada trabalho não entregue, correspondia agora um zero, impiedosamente acrescentado às notas de aula.

Esse regime de punições exacerbou os ânimos. Nenhuma desculpa era considerada válida. Os melhores alunos se viram nivelados aos piores. A intervenção de Padre Luís, solicitada por Heitor em nome da turma, só fez piorar a situação. Irritado com aquela “intromissão”, Padre Ladário redobrou de rigor, passando a olhar os alunos do quinto ano como um bando de conspiradores, quase como uma malta de vagabundos que, sob a orientação de dois ou três “dissimulados”, entre os quais sobressaía Heitor, só tinham em mente um fito: intrigá-lo com o reitor do Colégio, de modo a se verem livres de suas aulas. Descansassem, porém. Na primeira ocasião propícia, saberia puni-los convenientemente. Sobre tudo, aos cabeças da resistência.

A ocasião não tardara. Depois de três dias de ausência, logo ao chegar ao Colégio, Sílvio Iberê apresentara ao reitor o cartão de justificação de sua ausência. Fora escrito pelo próprio avô, Sezefredo Iberê, responsável por ele desde que ficara órfão de pai e mãe. Sílvio estivera com uma pequena gripe e, dado o mau tempo, julgara de bom alvitre retê-lo em casa até seu completo restabelecimento.

O reitor não fizera objeção, mandando abonar as faltas de Sílvio. Acontecia porém que, naquele dia, na aula de latim, devia ser entregue um exercício passado na antevéspera. Assim rezada a oração de costume, Sílvio pedira licença e explicara a Padre Ladário que estivera ausente no dia em que o exercício fora passado. Em consequência, não o trouxera. Padre Ladário objetara que não aceitava desculpas daquela natureza. “Mas o reitor já abonou minhas faltas...”, murmurara Sílvio com timidez. “O senhor sabe que eu não sou o reitor deste Colégio e, sim, professor de latim. Se também eu fosse ouvir todas as desculpas dos senhores!...”. Padre Ladário alteara a voz no fim da frase e um zunzum de espanto e protesto correria a aula. Sílvio insistira: “O cartão é do meu avô, explicando que eu estive doente...”. Padre Ladário o fixara um instante com um sorriso de dúvida estampado na fisionomia. Depois, perguntara: “Doente? Que espécie de doença?”. “Gripe”, respondera Sílvio com esperança de ver afastada a perspectiva de um zero a mais na sua já tão abundante coleção de notas más. Padre Ladário tornara a sorrir com incredulidade. “Gripe!”, pronunciara com desprezo, logo indagando: “De cama?... Olhe aqui, diga com sinceridade: durante esses dias, o senhor não se comunicou com nenhum dos seus colegas?”. Sílvio hesitara. Padre Ladário triunfara: “Seja sincero. Jure que não!...”. Sílvio

cedera: “Com mais de um, padre”. “Pelo telefone?”, indagara Padre Ladário já vitorioso. “Isso, ontem. Antes, por visita...”, murmurara fracamente seu interlocutor. Padre Ladário exultara: “Vejam! Recebe os colegas, conversa com eles, ontem já pôde ir ao telefone. Tempo, disposição para tudo. Só o exercício de latim é que não existe. Meus parabéns pelo seu interesse! Mas, cada um como entende. Naturalmente, não o posso forçar a perguntar aos seus amigos se há trabalho passado. Muito menos a entregá-lo. Posso é dar, agora, a nota correspondente ao seu esforço, ao seu interesse, à sua aplicação... aliás, costumeira... Zero!”. Sílvio curvara a cabeça, sem dizer nada. O julgamento estava proferido. Tranquilamente, voltara para o seu lugar.

O incidente em si era insignificante. No entanto, fora excessivo para a tensão da aula. Como que tocada em cheio no seu ponto mais sensível, a grande amizade (absolutamente sincera, mas fortemente tingida de proteção e domínio) que unia Heitor a Sílvio, transbordara num gesto rápido, incontido. Levantando-se antes mesmo de Sílvio ter chegado ao seu lugar, Heitor se aproximara, sem pedir licença, da mesa de Padre Ladário com o exercício na mão. A um passo, parara de súbito e, mostrando o papel, dissera: “O meu exercício”. Ao mesmo tempo, num movimento brusco, rasgara-o em dois, deixando cair os pedaços no chão. “Apanhe!”, gritara imediatamente Padre Ladário compreendendo o sentido do gesto e apontando para o assoalho. Heitor, no entanto, virara as costas, dirigindo-se para sua carteira como se nada tivesse havido.

Ao se sentar, deparara com Padre Ladário de pé, o rosto incendiado de raiva. A mão direita estendida, tensa, sanguínea, apontava-lhe a porta. “Saia!”, gritara fora de si, batendo com o punho esquerdo desajeitadamente sobre a mesa. Não discutira. Saíra devagar, sem bater a porta. Padre Ladário ainda gritara: “Espere para ver o que o reitor vai achar de tudo isso!” — mas, já não ouvira mais ou, pelo menos, fingira não ouvir. Sem querer comentar o incidente, Padre Ladário se voltara para os alunos e, em tom quase calmo, dissera: “Vamos recolher os exercícios...”.

Da chamada, depois de Heitor, o primeiro era Cândido Andrade Souza. Se se tratasse de outro

— Lauro Amaral, Nélio Taderovski, ou mesmo Domingos de Assis Cintra ou Antônio Antunes —, talvez não tivesse acontecido nada. Mas, para Cândido, para Cândido Andrade Souza (um Andrade Souza!) ficar atrás de Heitor, de Heitor Torres (um Torres, um Torres qualquer, afinal de contas... não obstante a grande amizade que nutria por Heitor), era coisa inconcebível, incrivelmente vexatória. Sobretudo, em se cogitando

de um gesto de solidariedade, de uma “questão de honra”. Erguera-se à chamada e, sem a menor hesitação, anunciara: “Não trouxe”. “O senhor não trouxe?”, indagara Padre Ladário como se não pudesse acreditar ou ainda não tivesse percebido o sentido do novo desacato. “Não”, limitara-se a responder Cândido sentando-se logo em seguida para evitar qualquer forma de explicação.

O zero que Padre Ladário escrevera então no caderno de notas, fora um mero rabisco. Nervoso, violento, mal podia ser reconhecido como um zero por quem não tivesse assistido à cena. “Jônatas Larotti”, chamara em seguida. Jônatas hesitara. Sabia perfeitamente que Cândido fizera o exercício. E estava solidário com o movimento. Contudo, afrontar Padre Ladário lhe parecia uma ousadia acima das forças de qualquer ser humano. Desejara não estar ali, fugir, ter morrido de há muito. Receoso, porém, de fazer figura feia, tomara coragem para falar: “Não pude trazer, padre...”. O grande latinista correria os olhos pelos alunos e sentira a conspiração vitoriosa. Tivera medo de perder a calma e estourar, mas logo se refizera. “Alguém trouxe o exercício?”, perguntara, esforçando-se por parecer calmo. Como ninguém respondesse, ao cabo de alguns segundos se erguera e, pronunciando um “Está bem” que valia pela mais tremenda das ameaças, fora até a porta da aula. Chamara então o Irmão Gaspar, que passeava pelo corredor, encarregara-o da vigilância da turma e, sem acrescentar mais nada, saíra em direção ao gabinete do reitor.

•

Se Padre Luís esperava e receava a crise, jamais pensara na possibilidade de um desenlace tão rápido e brusco e, sobretudo, tão pouco hábil por parte dos alunos do quinto ano. Dera-lhes apoio porque os conhecia bem e percebia quanto Padre Ladário estava sendo desastrado e injusto no modo de tratá-los. Dentre as turmas que tinham passado pelas suas mãos, era a menos indicada para ser levada daquele modo. A menos que o programa de Padre Ladário fosse irritá-la, pô-la fora de si, empurrá-la pelo caminho da indisciplina e da revolta até a expulsão do Colégio. E tal não era, não podia ser, sua intenção.

Consciente de tudo isso, resolvera não regatear esforços para evitar a crise. Ainda que julgasse os métodos de Padre Ladário absolutamente reprováveis, contraproducentes ao mais alto grau, ninguém ouviu de sua boca uma só palavra que pudesse contribuir para o envenenamento da situação. Pelo contrário, tentativas diversas de interpretar os atos e as palavras de Padre Ladário do melhor modo possível comprometeram ligeiramente seu prestígio junto aos alunos.

A que teria chegado com a continuação da sua política, não sabia. A crise íntima que começava a atravessar então, deixava-lhe pouco tempo para cuidar dos assuntos sem gravidade imediata e, entre eles, não estava longe de incluir o caso do quinto ano com Padre Ladário. A turma começava a preocupá-lo, mas, certamente, não era por aquele motivo. De uma forma ou de outra, aquele caso acabaria se resolvendo satisfatoriamente.

Pensando assim, deixara correr o tempo. E podia dizer que tinha sido surpreendido pelo escândalo provocado por Heitor. Brutalmente surpreso mesmo, porque, no momento, em pleno dia seguinte da agonia de Armando e em pleno desencadeamento do caso de Ângela, não estava preparado para tão violento golpe. Além disso, no terreno prático, contrariava-o a ideia de que Heitor e os demais alunos tivessem tido a ingenuidade de aceitar batalha contra Padre Ladário em campo aberto, fazendo finca-pé numa posição absolutamente ingrata que comprometia de início as possibilidades de sucesso acaso existentes.

A surpresa e o aborrecimento não o tinham imobilizado no entanto. Tanto quanto lhe fora possível, empenhara-se junto ao reitor no decorrer de uma conversa longa e difícil. Nada conseguira. Influenciado pelas palavras de Padre Ladário, receoso de incentivar o “espírito revolucionário” que tantos denunciavam, e ele próprio julgava reconhecer, na turma do quinto ano, o reitor resolvera ser tão rigoroso quanto o exigiam a disciplina do Colégio e o interesse de cada aluno em particular. Obstinara-se e, quase como uma medida disciplinar para o interesse, sob certo aspecto parcial, que Padre Luís lhe parecia ter tomado no caso, encarregara-o de comunicar aos alunos as penas que resolvera aplicar: Heitor ficaria suspenso por quinze dias, devendo trazer uma cópia de quatro mil linhas de textos do Novo Testamento; os outros sofreriam apenas uma semana de suspensão e teriam uma tarefa de cópia de duas mil linhas. Se nenhum deles era expulso do Colégio, podia agradecê-lo à sua boa conduta anterior. Padre Ladário permaneceria, cada vez mais prestigiado e autorizado, agora, a usar da máxima energia na repressão de qualquer “conspiração” que contra ele viesse a se formar.

A decepção de Padre Luís fora enorme. O rigor excessivo do reitor, o modo pelo qual insistia em encarar o problema, recusando-se a reconhecer a parte de razão que, indiscutivelmente, os alunos tinham, seus aparentes projetos de dar mão forte, no futuro, quase que incondicionalmente, a Padre Ladário, encheram-no de espanto e tristeza. Então, Padre Martinho, que compreendia tudo, que era bom tanto quanto se podia ser, que às vezes lhe parecia um santo perdido entre os homens, então aquele exemplo de boa vontade e boa-fé não imaginava

que aqueles meninos deviam ser tratados de outro modo, precisavam mesmo que alguém confiasse neles e lhes permitisse caminhar um pouco mais para lá da vereda comum? Quantas vezes não parecera concordar com sua afirmação de que eram diferentes, inexplicavelmente diferentes? Esquecera? Mudara de opinião? Os argumentos de Padre Ladário tinham sido assim tão fortes, tão convincentes?... Fosse pelo que fosse, o resultado ali estava e era doloroso. Sofria-o, incapaz de compreendê-lo. Um desastre. Pelo menos para quem, como ele, pensava compreender aqueles meninos, o espírito daquela turma particularmente unida e orgulhosa das suas inegáveis qualidades. Levada daquele modo, onde iria parar? Nem sabia mesmo como lhe comunicar a decisão do reitor. Logo ele! Era evidente, porém, que Padre Martinho não o escolhera ao acaso ou pelo simples fato de estar envolvido na questão. Escolhera-o, porque se tratava dele, Padre Luís. Escolhera-o porque o julgava até um certo ponto responsável. Escolhera-o porque aquela turma, ele a estimava particularmente, tendo-a elogiado em sua frente inúmeras vezes. Escolhera-o porque, a propósito dessa turma, em mais de uma ocasião o devia ter ouvido falar em “espírito da terra”. E nunca depreciativamente...

•

Sim, certamente não era uma turma igual às outras, aquela que terminava o curso ginasial, naquele ano, no Colégio São Luís de Gonzaga. Padre Luís, que a seguia de há muito e conhecia de perto a maioria dos rapazes que a compunham, podia afirmá-lo sem medo de errar.

Erraria, no entanto, quem, a julgar pelo seu entusiasmo, concluísse que se tratava de uma turma de tendências religiosas. Se a admirava, por certo não era pela fé que a animava. Na verdade mesmo, o único senão que encontrava naqueles meninos e que, em tempos, tanto lastimara, provinha do fato de quase todos eles já terem perdido a fé.

Isso sucedera um ou dois anos antes, quando os atuais alunos do quinto ano cursavam ainda o terceiro ou começavam o quarto. Então, muito lutara para defendê-los. Tudo mais ou menos em vão. Dois ou três, Cândido Andrade Souza, Maurício Amarante, José Bernardes Gomes, tinham sido os únicos a resistir. Os outros haviam se afastado pouco a pouco dos sacramentos, caindo numa indiferença religiosa quase total. Custavam a resolver se acreditavam ou não na existência de Deus. Alguns nem sabiam responder. É que aquilo não era problema para eles, mil outras coisas tendo o dom de interessá-los muito mais. Em Deus, Heitor Torres não acreditava, mas achava a ideia em si muito bonita e muito útil, essencial mesmo. Sílvio Iberê concordava, apoiava,

levado, naturalmente, pela cegueira da sua amizade por Heitor. Jônatas Larotti era contra, invocando motivos sociais: a religião fora sempre e continuava a ser o ópio do povo. Antônio Antunes vivia oscilando, sempre brincando. A maioria, porém, passava ao largo do problema, desinteressada, indiferente.

Ora, Padre Luís tinha presente na memória outras turmas em que a crença religiosa bem cedo fora morta no espírito dos alunos. E não esquecia o desastre que tinham sido aqueles ambientes sem fé, mesmo olhando-os do ponto de vista dos interesses humanos. Eram turmas que não valiam nada, que já saíam do Colégio marcadas pela fraqueza moral, pelo deboche sistemático, pela deliquescência do caráter. Céticos — mas, céticos não apenas em relação às coisas de Deus e, sim, em tudo quanto se relacionava com dignidade, honra, respeito de si mesmo e dos compromissos assumidos. Não valiam mais nada, não passavam de um amontoado de indivíduos de antemão condenados ao fracasso, às concessões humilhantes, a todas as traições, à fuga, à miséria, à prostituição da honra ao longo da existência.

Aquela turma, inegavelmente, era diferente, era melhor. Em nenhuma das que até então conhecera, tivera ocasião de encontrar tantas qualidades, tão boas disposições para a luta a ser travada com a vida. Em muitas mesmo onde o espírito religioso lograva se manter vivo (não obstante uma ou outra defecção individual), honestamente não podia dizer que tivesse encontrado qualidades tão aproveitáveis. Pelo menos, careciam daquele espírito forte, sadio, honesto, que dava unidade e como que uma orientação consciente à turma do quinto ano ginasial.

O que lhe faltava era, sem a menor dúvida, essencial, porque era a fé, sem a qual tudo mais não passava de inutilidade. No entanto — pensava Padre Luís —, aquela privação devia ser apenas temporária. A idade traria inevitavelmente a reflexão, a volta às realidades da infância. Pelo menos nos rapazes mais inteligentes como Heitor Torres ou Sílvio Iberê. A crise momentânea não tinha portanto maior importância.

O que tinha importância, o que valia a pena constatar era que, apesar dessa privação, aqueles rapazes pareciam ter escapado ao desmoronamento moral que comumente arrasava as outras turmas. Onde, neles, a crise da vontade, de caráter, da aceitação honesta da vida? Tudo se passava como se, querendo compensar o vazio oriundo da falta de fé, Deus os tivesse contemplado com armas especiais para a batalha da existência. Talvez não fossem melhores, como indivíduos, mas pareciam dispor de recursos diferentes, superiores. Bastava olhá-los, vê-los falar das coisas da vida, para poder profetizar à beira de que misérias se deteriam, incapazes de ir mais além, por um simples

imperativo da natureza de cada um. Mesmo se todos, todos, não fossem exatamente assim, havia pelo menos um número suficientemente grande deles que justificava a lei geral formulada.

Era a existência dessa qualquer coisa de excepcional, comum a toda a turma, a essa harmonia de compreensão do verdadeiro sentido da vida, que Padre Luís gostava de chamar de “espírito da terra”. Um simples nome, talvez um pouco berrante demais, tendo-se em vista a limitação do fenômeno focalizado. Convém não esquecer porém que, para Padre Luís, “espírito da terra” se opunha a “espírito de Deus” e que, desse ponto de vista, todos os acontecimentos imagináveis se equivalem, tendo mais ou menos a mesma importância: relativa, puramente simbólica. Se a turma em apreço possuía ao mais alto grau o “espírito da terra”, faltava-lhe o “espírito de Deus”. Ora, aos seus olhos, só esse último predicado tinha valor essencial, só ele realmente importava. Portanto, se admirava tanto os alunos que possuíam aquele “espírito da terra”, era por uma razão muito simples: via em suas almas puras, quase intactas, o terreno ideal para o desenvolvimento do “espírito de Deus”. Ainda não contaminados pelo mundo, valiam como um campo virgem para a germinação da palavra. Era só saber semeá-la. Era só não se deixar enganar pelas aparências e confiar na sua eficácia, nas promessas feitas pelo Redentor.

Compreendida dessa forma, a confiança no “espírito da terra” não apresentava nada que pudesse escandalizar. Certa vez, a propósito da expressão usada, Padre Martinho falara em “reminiscências de leituras perigosas”... Não passava, na verdade, de um termo cômodo — um mero símbolo de um novo caminho que se abria ante ele. Quem sabe, dali ainda viriam para seu coração consolo, novas esperanças... Se um ser religioso, fervoroso como Sérgio Vilar, vivia com os olhos perdidos no mundo negro do pecado, do quase-incesto, por que não admirar, não confiar na retidão moral de Heitor Torres? Então, não haveria mais esperança para os homens — nem de um modo, nem de outro? Então, o mundo estaria amaldiçoado? Então, o “espírito da terra” seria só fraqueza, traição, miséria, pecado, novamente pecado, eternamente pecado?...

II

erro de Padre Luís em relação aos alunos do quinto ano provinha, essencialmente, de um fato: ali onde ele via o espírito de uma turma,

havia apenas o domínio momentâneo de uma personalidade marcada. Heitor Torres nascera para o comando, para a chefia de grupos ou multidões, e só acontecimentos de transcendência o impediriam de ocupar, um dia, uma posição pública de grande destaque. À espera de que esse momento chegasse, era em relação aos colegas que exercia, mais ou menos inconscientemente, suas tendências autoritárias.

Nascera de pais ricos e educados, unidos, felizes sob todos os pontos de vista. Maria da Glória Sá casara cedo com Octávio Torres, quatro anos mais velho que ela, e logo no ano seguinte nascera Heitor. Mônica viera apenas com um ano de diferença e, depois, com o intervalo de dois anos, Glória e Gaspar. Os meninos tinham crescido em perfeita harmonia, fortes e bem-educados.

Desde cedo, Heitor assumira para com os irmãos a atitude de chefe que sua primogenitura lhe conferia e não era contestada por ninguém, nem mesmo por Mônica, cujo jeito independente e rebelde não tardara a se manifestar.

Heitor crescera com a plena consciência do seu próprio valor. Em casa, fazia mais ou menos tudo quanto queria. E como na sua natureza não havia nada que tendesse para o exagero, só muito raramente precisava ser advertido pela autoridade paterna. De mais a mais, o entusiasmo de Octávio Torres pelo filho mais velho era uma coisa tão gritante que ninguém esperava vê-lo usar de severidade para com a criança, mesmo quando, saindo fora do natural, incorria em qualquer falta.

Do domínio em casa, Heitor passara quase que naturalmente para a tirania sobre os moleques da rua onde os Torres moravam e, pouco depois, para a chefia de sua turma no Colégio São Luís de Gonzaga. Entrara tarde para esse estabelecimento de ensino, cursando o primeiro ano ginasial. Nesse momento, a turma ainda era grande, cheia de pequenos chefes, mas um fato decidiu logo da sua incontestável superioridade sobre os outros.

Certa vez, mais ou menos no princípio do ano letivo, tendo um feriado caído numa sexta-feira, na tarde desse mesmo dia os cabeças da turma resolveram “enforcar” o sábado. Os telefones funcionaram rapidamente. E em menos de uma hora tudo estava combinado. Dos trinta e dois alunos do curso, apenas três ou quatro deixaram de ser avisados. E como Lauro Amaral lembrasse a Ângelo Borbonatti, um dos organizadores da greve (aliás, um dos expulsos do Colégio, meses depois, em consequência de uma questão delicada de maus costumes), que Heitor ainda não fora avisado, Ângelo fizera um muxoxo, respondendo: “Não precisa. Na hora se avisa. Heitor vai com os

outros...”. Em vão Lauro objetara que não tinha muita certeza daquilo. Tudo ficara no vago.

No dia seguinte, à hora de entrar no Colégio, Heitor fora acostado, a alguns metros do portão, por um grupo incumbido de deter os alunos que não tinham sido avisados e os possíveis recalcitrantes de última hora. Todos já estavam de acordo, só restando ele, Heitor, a aderir. Iriam passar a manhã no bilhar do Café Estrela, próximo ao Colégio.

A negativa de Heitor espantara a todos. Então, Lauro Amaral se apressara em contar a conversa da véspera, para se eximir de qualquer culpa. Heitor reafirmara ainda mais seu ponto de vista: se tinham achado que não era preciso avisá-lo, julgando-o um maria-vai-com-as-outras, estavam redondamente enganados! E iam ver! Naquele dia, nem com metralhadora na porta deixaria de entrar no Colégio. Da próxima vez, tivessem o cuidado de procurá-lo antes, como tinham feito com os outros, porque não era nenhum cachorro. Daquela vez, a “parede” estava “furada”... A discussão se estabelecera logo, violenta. Ângelo e alguns outros tinham-no acusado de “chaleira”, ameaçando-o de pancada. Heitor rira, desafiara qualquer um a vir brigar e blasonara: para mostrar que não se tratava de “chaleirice” aos padres, sairia durante o primeiro recreio sem pedir licença e não voltaria para as aulas da tarde. A solução não agradara a Ângelo, que se pusera em sua frente como a querer lhe barrar o caminho. Heitor o afastara com um gesto violento e Ângelo não ousara detê-lo. Eram mais ou menos da mesma força, mas o receio de escândalo imobilizara Ângelo. Heitor entrara no Colégio sem maiores incidentes.

A parede “furada”, longe de indispor-lo com o resto da turma, tornara-o respeitado, quase temido. Se sobre ele pesasse, mesmo vagamente, a suspeita de “chaleirice”, seu gesto teria sido mal julgado, provocando a animosidade dos colegas. Entretanto, como ninguém nutria tal desconfiança, o que sobrevivera fora, apenas, a coragem que tivera de enfrentar a decisão geral, as ameaças de Ângelo e, sobretudo, sua afirmação de que, no futuro, quando a turma quisesse tomar alguma decisão coletiva, seria indispensável ouvir sua opinião. O próprio Ângelo Borbonatti curvara a cabeça e, ainda que lhe guardando rancor, passara a respeitá-lo, tratando-o de igual para igual.

Heitor compreendera bem: vencido, não teria senão o desprezo da turma. Não passaria de um “chaleira”, de um traidor. Vencedor, como fora, podia se ufanar do seu gesto, falando alto, como bem entendesse. O juízo sobre ele estava formado: não tinha medo de ninguém, podia-se confiar nele.

Seu prestígio aumentara ainda muito quando pudera evidenciar suas qualidades de jogador de futebol. Poucos meses antes de entrar para o Colégio, quebrara uma perna num bate-bola de fundo de avenida. Tivera de ficar muito tempo privado de exercício. Quando, enfim, recebera permissão para jogar de novo, preferira experimentar primeiro em casa, receoso de ter “perdido o jogo” e de fazer figura feia junto aos colegas, aos quais dissera que “não era de todo ruim”. Como demorasse a “reaparecer”, alguém, de brincadeira, aventara a hipótese de ele estar com medo de tornar a jogar, dado o acidente que sofrera. Indignado, explicara que não se tratava absolutamente disso, tanto assim que dentro de uma semana contava estreiar no Colégio. “Estou me pondo em forma...”, declarara. Lauro Amaral e outros tinham insistido na desconfiança, já agora não podendo acreditar que tivesse força de vontade para seguir um regime de treinamento tão longo e rigoroso. Heitor não se alterara, nem transigira. Somente no dia prefixado aparecera de chuteiras.

Fora uma sensação. Na sua posição de centromédio, dominara facilmente o campo e, terminado o jogo, a opinião geral era de que ninguém ali no primeiro ano, nem mesmo Maurício Amarante, goleiro de apregoadas possibilidades, possuía tanta “classe” prometendo ir tão longe. Dias depois, era escolhido para capitão do time e o seu jogo se tornara uma das atrações esportivas do Colégio. Com os anos imediatos, só fizera progredir, a ponto de seu concurso vir a ser disputado para o quadro de juvenis de dois dos maiores clubes da cidade.

A saída de Ângelo Borbonatti, no fim do primeiro ano do curso ginásial, e a aparição de Sílvio Iberê nas fileiras do segundo ano aumentaram ainda enormemente o prestígio de Heitor. Ângelo lhe guardara rancor pelo episódio da “parede” e tinha inveja de suas qualidades pessoais. Também com propensão para chefiar, sentia nele o rival, e sobretudo, o rival superior, marcado pelo sinal da vitória. Se não o hostilizava claramente, era porque não tinha suficiente confiança em sua força pessoal e não queria arriscar seu crédito numa cartada incerta. Sua expulsão do Colégio, motivada por uma aventura confusa, que nunca ninguém conseguira esclarecer totalmente, deixara a Heitor o campo livre para a ampliação do seu pequeno reino. Até que ponto este se desenvolveu, Heitor só o pôde verificar meses depois por ocasião do aparecimento de Sílvio Iberê em sua vida colegial...

•

Sílvio Iberê era um menino estranho, bisonho tanto quanto é possível ser bisonho. Não me recordo de o ter sido mais que ele, eu que o fui muito nessa minha infância tão vaga, tão irreal, tão perdida já num

passado que em vão tento esquecer em cada tentativa de recomeçar a existência como se ele não existisse. Sílvio era um mundo fechado e absolutamente triste, um mundo à parte onde o sol evidentemente não penetrava. “*Queer bird!*”, chamou-me uma vez, anos atrás, uma voz estrangeira, de mulher, ao falar de uma cidade que eu não conhecia e muito queria conhecer. “*Queer bird!*”, repetiu vendo quanto eu estava fascinado pelo que ela dizia, seguindo-a atentamente sem, no entanto, entender grande coisa daquelas frases rápidas, quase aladas. Hoje, relembrando esses momentos de sonho, é a imagem de Sílvio Iberê que me vem à mente, vivendo em mim naquele instante a sua infância tão triste, tão privada de luz, de natureza, de alegria... a sua infância tão diferente da minha.

Se pensei, então, em Sílvio Iberê, não sei... ou, talvez, não o queira dizer aqui. Sei que o pássaro estranho que a mulher de além-oceano viu em mim naquele segundo de geração espiritual já devia ser ele, vivendo nos meus olhos um momento de exaltação, de esquecimento, da infância sombria: descansando, repousando alguns instantes porque a caminhada tinha de ser longa e cheia de sofrimentos.

Dagmar Miranda Iberê morreria tragicamente ao dar à luz a um filho homem, Sílvio, como se sua única função na vida fosse continuar a linhagem dos Iberês que vinha de longe na vida aristocrática da gente de São Paulo. O marido, Jaime Iberê, não se conformara com a sorte e, sem a força de ânimo do pai e dos antepassados, amaldiçoara a criança que lhe custara a vida de um ente único entre todos os outros. Ao cabo de alguns meses de existência desordenada e rumorosa, desaparecera da crônica da cidade para se perder numa inexplicável aventura de desbravamento de sertões. Meses depois, chegara a notícia de que morreria à margem de um rio qualquer cujo nome nunca ninguém conseguiu precisar. Diversas pessoas afirmavam que o velho Sezefredo Iberê, apesar das buscas que alardeara ter mandado empreender, sabia perfeitamente a verdade: o desespero que levava Jaime a tantos desatinos no Rio, impelira-o bastante mais longe ainda, até regiões onde ninguém havia que pudesse testemunhar do modo pelo qual a morte o encontrara. Enfim: uma mentira piedosa, aquele suicídio cuidadosamente transformado em febre infecciosa... De um modo ou de outro, o fato é que Sezefredo Iberê, nesse momento viúvo há já muitos anos, se vira de um dia para outro com uma criança de menos de um ano para criar e educar. Todos os seus parentes vivos moravam em São Paulo e ele já se aproximava insistentemente dos sessenta anos. O problema era sério e realmente não saberia o que fazer, se no mundo não existisse a criatura chamada Mercedes, que viu no acontecimento inesperado uma solução para suas dificuldades pessoais, bastante graves no momento.

O velho Sezefredo Iberê enviuvara há mais de vinte anos, quando seu filho único, Jaime, contava apenas treze anos. Conhecera Mercedes dois anos depois, ele tendo trinta e sete, ela vinte e um. Filha de espanhóis imigrados, trabalhava num modesto teatro de revistas. O deslumbramento de Sezefredo Iberê fora completo e Mercedes, pouco depois, já podia se considerar dona do seu destino. Com os anos porém, e talvez graças à constante oposição de Jaime, Mercedes fora deixando de significar tudo em sua vida. Com o noivado e o casamento de Jaime, o afastamento se tornara mais iminente. Mercedes passara dias apreensivos. Entrava ela, então, na casa dos quarenta e não sabia verdadeiramente como se arranjar se Sezefredo Iberê a abandonasse. Isso, mesmo se ele a deixasse amparada para o resto da existência, como prometera fazer. Por certo, cumpriria com sua palavra. Mas, e ela, que iria fazer da sua vida? O nascimento de Sílvio e as desgraças que se seguiram abriram-lhe novas perspectivas. Apesar de detestar cordialmente Jaime, tinha afeição pelo velho Sezefredo. Podia, pois, cuidar de Sílvio, filho de um, neto do outro, podia até procurar amá-lo como a um filho. Já que a vida complicada, os “preconceitos” de um homem sempre lhe tinham recusado o direito e as alegrias da maternidade, estava pronta para aceitar aquela compensação atabalhoadamente trazida pelo destino: teria em Sílvio um filho para amar e educar. Sezefredo não a quisera por mulher. Sezefredo não a considerava digna da linhagem dos Iberês. Ali estava o castigo: teria de recorrer ao seu cuidado, ao seu carinho, para corrigir os rigores da sorte, dando uma nova mãe à criança, amenizando-lhe um pouco a infância ensombrada.

O velho Sezefredo aceitara a combinação. Mercedes assumira em casa o papel de uma governanta que gozasse de todos os privilégios decorrentes de um amasiamento quase confessado. À sua sombra, Sílvio crescera e se educara. Só um louco, contudo, ousaria falar em “nova mãe” ou pensar que a sua função fosse a de “amenizar” a infância do menino. Não que o maltratasse ou que, conscientemente, fizesse qualquer coisa contra ele. Pelo contrário (ao menos no início...), esforçava-se, lutava mesmo para vencer em si o desinteresse, o aborrecimento, quem sabe mesmo a aversão que lhe inspirava aquela criança murcha e apática, feia e sem o menor encanto, que era o filho de Jaime Iberê. Fora tudo em vão. Para o menino, jamais passara de uma simples governanta. Sentia-se seca, dura, antipática, madrasta sem o ser de fato, e parecia que Sílvio, em resposta, lhe recusava até mesmo o mais corriqueiro dos sorrisos.

Por seu lado, o velho Sezefredo, por mais que gostasse do neto, não parecia disposto a se lançar seriamente numa tentativa de compreensão de sua infância. Aliás, nesses anos em que Sílvio crescia, cada hora que

passava o afastava mais do mundo onde continuavam a viver os seres humanos, seus semelhantes.

Homem inteligente, brilhante, com uma instrução fora do comum, otimamente relacionado, nada fizera na vida. Nada deixaria de seu. O desencanto de tudo e de todos levava-o pela existência afora e as mortes ingratas da nora e do filho ainda vieram agravar mais esse seu ceticismo. Falava na mulher, em Jaime e em Dagmar como em seres irreais ou que tivesse conhecido há milênios, talvez numa outra encarnação, se acaso fosse possível admitir tal ilusão ao seu espírito “clarividente”... Sim, detestava “ilusões, religiões, bruxarias, explorações, chantagens”, confundindo tudo propositadamente para marcar bem seu ponto de vista antirreligioso e anticlerical.

Enfim, à medida que Sílvio crescia, fora pouco a pouco se alheando de tudo o que preocupava seus contemporâneos, a ponto de não sair mais de casa ou ler jornais. Cessara qualquer contato com alguns raros amigos de mocidade que ainda tinha, limitando suas relações sociais a uma meia dúzia de telegramas de boas-festas por ocasião da passagem de cada Ano Novo. E, como se nada mais existisse senão isso, mergulhara no mundo da música. Vendo-se, imerso, subjugado, esquecido de tudo, dir-se-ia sem hesitação que se tratava de um viajante que, depois de lutar a existência inteira, singrando mares desconhecidos e hostis, enfim encontrara o porto desejado.

Em relação ao avô, a imagem que Sílvio trazia consigo era essa: na sala, sentado numa poltrona baixa, quase ao nível do chão, um velho de cabelos brancos muito finos, trajando um longo paletó de veludo preto ou de alpaca (conforme a temperatura), ouvia música, repetida, interminavelmente. Como o apartamento onde moravam era pequeno e mal construído, não adiantava fechar as portas: o som inundava os aposentos, penetrando as pessoas, marcando-as com sua presença. A ordem, dada por Mercedes (para ele: dona Mercedes, sobretudo agora, graças aos seus sessenta anos quase por fazer...) era peremptória: “Silêncio! Seu avô está ouvindo música...”.

Ouvindo música! Parecia que o velho estava fazendo qualquer coisa de excepcional! Qualquer coisa que pudesse ter fim, mesmo se esperasse durante algumas horas!... Fazia outra coisa do que ouvir música? Da manhã à noite, tinha outra diversão, outro pensamento? Fora aquela vitrola, supersagrada, inabordável por quaisquer outras mãos que não as suas, existia algum outro ser vivo a seus olhos, alguma realidade que merecesse atenção? Espichado na poltrona, protegido pelo silêncio, Sezefredo Iberê afundava na música, no refúgio inviolável do som. Ouvia sinfonias inteiras, longas missas solenes, sonatas e concertos,

oratórios e trechos de óperas, recolhido, sem dizer palavra, quase sem se mexer. Levantava-se apenas para mudar os discos no dispositivo automático da vitrola e logo voltava para a poltrona onde se deixava cair, novamente ausente de tudo. E eram horas e horas a fio desse enclausuramento. Por mais sério que fosse o motivo, ninguém ousava interrompê-lo. Se acaso eram forçados a fazê-lo, ficava furioso, punha-se a deblaterar contra a sua má sorte e a ingratidão dos que o rodeavam. “Deixem-me morrer em paz! Já sofri bastante...”, gritava, fora de si de raiva. Naturalmente, sendo Sílvio o perturbador do seu silêncio, ainda era mais violenta a reação. “Menino selvagem!”, vociferava. “Não respeita nada, nada, nem a música!...”. Então, sem querer atender a nenhuma consideração, expulsava-o da sala, ameaçando-o até corporalmente.

Restabelecida a calma, tornava a se embrenhar na música e eram novas horas de alheamento. Perdia-se, esquecia tudo. Que mundos surgiam diante dele? Em que profundidade de sentimentos vividos afundava nessas ocasiões? Que recordações, dolorosas ou alegres, afloravam em sua mente cansada? Evocaria a mocidade passada, cheia de aventuras ruidosas, de promessas de um futuro excepcionalmente brilhante? Lastimaria não ter sabido conquistá-lo? Revia a esposa, graciosa e fina como fora, como todos diziam que tinha sido aquela Deolinda dos Passos Pacheco de Araújo, que desposara quase ainda uma menina? Pensaria na nora, muito querida, no silêncio sepulcral que se seguira aos últimos gritos do parto infeliz? Ou acompanharia o filho, primeiro pelos bordéis e pelos bares da cidade, depois pelo sertão adentro, desesperado, sujo, perdido de febres, talvez desatinado de dor e saudade nos últimos instantes de lucidez?... Não interessa dizer. Basta confessar que o pequeno Sílvio, feio, magrinho, olhando pela porta entreaberta, espreitando-o, não o compreendia e não o podia compreender. Aquele mundo de sons, em geral triste, sombrio, era uma prisão para ele. Nada dizia ao seu ouvido pouco afeito às grandes harmonias. E, como já era triste por natureza, preferiria, muito antes, ligar o rádio e ouvir qualquer programa de evidente interesse: teatro, sambas, marchas alegres, divertidas. O temor do avô impedia-o, porém, até mesmo de pensar nisso. De uma vez por todas, ficara estabelecido que não existia música, apenas barbaria ou insanidade mental da pior espécie, em tudo o que se chamava: foxes, sambas, tangos, rumbas ou coisas parecidas. Música, realmente, só existia no que tinham deixado escrito alguns poucos gênios: Beethoven, Bach, Mozart, Brahms, Chopin e outros, cujos nomes, naturalmente, o pequeno Sílvio não guardava. Tudo mais era “barulho”, incômodo e pernicioso, fruto da confusão, da decadência do gosto, da dissolução reinante.

Foi nesse ambiente que Sílvio cresceu e se educou. O enclausuramento e as manias do avô, a aversão provocada desde cedo pela falta de simpatia de dona Mercedes, só fizeram reforçar sua tendência natural à tristeza e ao sofrimento. Sem amigos, sem afeições, cresceu uma infância apertada, nublada, como se realmente a maldição proferida pelo pai tivesse vingado. Não se sentia diferente, em nada melhor do que os outros. Pelo contrário, dava frequentemente a impressão de que se julgava pior, mais fraco, menos inteligente.

Tudo o que fazia esbarrava, quase invariavelmente, na condenação de dona Mercedes. O olhar do avô, cansado, superior, reprovativo, perseguia-o até mesmo em sonho. Via-se maltratado, batido, chicoteado e acordava aos gritos, molhado de suor frio, doentio. Leopoldo Graça, amigo do velho Sezefredo e médico da família Iberê desde antes do nascimento de Sílvio, tinha receitado exercício, futebol, praia, mas o menino era refratário à prática de qualquer esporte e muito tímido para enfrentar o mar. Chorava de medo, correndo pela areia para junto da amurada. Nas rodas de outros garotos, da vizinhança ou de um pequeno colégio que frequentara alguns meses, zombavam do seu feitio estranho, do seu evidente nervosismo, de alguns tiques que tinha, como o de roer incessantemente as unhas e o de piscar o olho esquerdo. Procurava-os, no entanto, porque precisava da companhia deles. Em consequência, sofria bastante, não sabendo se defender das picardias e dos deboches de que era vítima.

Não era, em hipótese alguma, um ser voltado para si mesmo, fechado, hostil. Precisava do barulho da vida, do contato diário com outras criaturas, que queria conhecer de perto, amar mesmo. Procurava fazer amizades, não fugia ao convívio de meninas que conhecia através dos colegas ou dos vizinhos. Apenas, sua natureza difícil, incerta, caprichosa, tornava-o um companheiro sem maiores atrativos. E, como era mais fácil caçoar dele do que suportá-lo ou ter-lhe afeição real, em geral não conseguia senão desinteresse ou escárnio. Invariavelmente, acabava sempre se incompatibilizando com um ou dois dos mais indispensáveis componentes dos grupos que frequentava. Então, quando passava por eles, não era raro que ouvisse dizer: “Lá vai o maluquinho!...”.

De uma vez, parara, brigara. Os resultados tinham sido tão desastrosos para o seu amor-próprio que preferira, nas ocasiões seguintes, fingir que não ouvia. Naturalmente, disso resultara um sentimento de humilhação, de inferioridade física que não podia contribuir senão negativamente para seu desenvolvimento moral.

Estivera em diversos colégios, sempre por pouco tempo. Depois, estudara durante mais de um ano em casa, sob a vigilância direta de dona Mercedes. Todavia, como seu adiantamento fosse considerado muito lento, o velho Sezefredo resolvera tentar mais uma vez a estrada comum. Ouvira falar muito bem do Colégio São Luís de Gonzaga, do seu regime, não excessivamente severo mas, de qualquer modo, satisfatório. Assim, não obstante se tratar de um estabelecimento de padres, decidira renovar a experiência. Estava avisado, porém, não adiantava recorrer a estratagemas, simular incompatibilidades: se tivesse de tirá-lo daquele colégio, desistiria de lhe dar educação secundária, deixando-o com as fracas letras que possuía... Mesmo levando em conta a ameaça do avô, bastante ponderável a seus olhos, não sei se Sílvio teria aguentado os primeiros choques sérios com os alunos do segundo ano do Colégio São Luís de Gonzaga, não fosse a intervenção quase miraculosa de Heitor Torres. Cuido mesmo que, sem ela, um belo dia não teria tido mais coragem para aparecer no Colégio à hora da abertura das aulas. Então, sem ânimo para confessar o fracasso em casa, teria ficado andando ao léu até o limite das suas forças físicas. E não estranharia que alguém, algum notívago como Branco ou como eu, o fôssemos avistar, já adiantada a madrugada, esquecido num banco qualquer de um passeio público, talvez chorando...

•

Dos trinta e dois alunos do primeiro ano, só vinte e seis tinham voltado para cursar o segundo ano. Ângelo Borbonatti fora expulso, dois outros tinham sido forçados a repetir o ano e os três restantes, malsucedidos nos estudos ante os olhos paternos, tinham ido procurar, em outros colégios, o adiantamento que o São Luís de Gonzaga não lograra lhes dar. Manda a verdade que se diga desde cedo que, desses seis elementos, apenas um era indesejável, Ângelo Borbonatti. Apesar do expurgo, outros permaneciam, só fazendo prejudicar o bom nome da turma. Entre eles, pior talvez que Ângelo, Hélio Marcondes se tomou de antipatia por Sílvio assim o viu, logo no primeiro dia de aula. Sem demora, conseguiu comunicá-la a Jerônimo Pimentel, que também não valia grande coisa. Os dois, naquele início do ano letivo, morno e apático, não encontraram outro divertimento senão o de perseguir Sílvio sistematicamente. Como, por outro lado, o recém-vindo, tímido e desajeitado, não despertara a menor simpatia entre os outros colegas — e para isso, é forçoso confessar, não fizera grande esforço —, sua situação foi se tornando cada dia mais intolerável.

Nesse momento, Heitor Torres ainda não regressara ao Colégio. Poucos dias antes da abertura das aulas, seu pai recebera um telegrama de Minas: o velho Torres, muito doente, queria ver o filho e os netos

ainda uma vez, acreditando próxima sua morte. Silvino Torres residia há vários anos em Belo Horizonte, onde enviuvara, tendo ficado só desde que o filho tivera de se estabelecer no Rio e ele não o quisera acompanhar.

Assim recebera a notícia, Octávio Torres partira imediatamente com toda a família. E, como a agonia do velho se prolongasse por alguns dias, foi se deixando ficar. Os meninos estavam se dando bem com o clima de Belo Horizonte, engordando. Heitor podia bem perder um mês de aulas, sobretudo se tratando do primeiro do ano letivo, durante o qual, geralmente, não se ensinava grande coisa.

Silvino Torres morreu pouco depois e a família ainda se demorou uma semana. Assim, Heitor só voltou ao Colégio no meado do segundo mês, exatamente quando a situação de Sílvio parecia mais desesperadora.

Lauro Amaral o prevenira pelo telefone, logo na primeira conversa que tinham tido: “Há um novato, muito casmurro, de quem ninguém na aula gosta. Hélio e Jerônimo vivem judiando dele. É antipático e você não vai gostar dele”. “Por que não?...”, respondera Heitor, que viera de fora com a cabeça cheia de ideias generosas. Desde esse minuto, sentira secretas simpatias pelo menino “antipático”, de quem ninguém gostava. Um pouco por necessidade de contrariar a voz geral, afirmando sua opinião própria; um pouco porque o fato de Hélio e Jerônimo estarem “judiando” do recém-chegado fazia com que intimamente se sentisse obrigado a protegê-lo. Pessoalmente, nada tinha contra Hélio ou contra Jerônimo, mas eles eram “do outro lado”, pertenciam a um grupo diferente do seu. Se perseguiram o novato, a questão não era mais de pessoas e, sim, de grupos. Portanto, saberia fazer com que aceitassem o “antipático”.

Ao entrar na classe, já iniciada a aula de Padre Hauser, viu que havia uma carteira vazia ao lado da ocupada por um menino desconhecido em quem logo identificou Sílvio. Não hesitou. Escolheu-a num gesto rápido, de quem não admite discussão, e Padre Maurício, que o acompanhava no momento, não se opôs. Da carteira vizinha, Lauro cochichou: “Junto de Antônio, também há uma...”. Heitor sorriu e reafirmou: “Fico aqui mesmo”. Foi então que, pela primeira vez, encarou Sílvio, notando que o menino desviara logo o olhar, antes fixo nele com evidente simpatia. Não se enganara: simpatizaria com Sílvio, seria seu defensor contra quaisquer perseguições, partissem de quem partissem.

Durante a aula, falou-lhe várias vezes, perguntando uma coisa e outra, e desafiando a reprovação de Padre Hauser que, por fim, exclamara, dirigindo-se mais a Sílvio do que a Heitor, talvez em virtude desse último

ser recém-chegado: “Se os senhores estão tão saudosos que não podem deixar de conversar na minha aula, vão para o corredor, conversem logo tudo que quiserem e voltem!”.

Era evidente que Padre Hauser não se lembrava de que Sílvio era novato no Colégio. Pensara que se tratasse de velhos conhecidos que, provavelmente, não se viam desde o fim do ano anterior, Heitor só naquele dia tendo voltado para o Colégio. Como olhasse logo para o outro lado da aula, continuando a interrogar Jônatas Larotti, Heitor olhou para Sílvio e sorriu da confusão do padre. Sílvio também sorriu amigavelmente e os dois resolveram guardar um prudente silêncio. Padre Hauser era bom, mas bastante genioso, perfeitamente capaz de expulsá-los se os pegasse de novo falando, depois da sua advertência. No entanto, Heitor não conseguiu ficar calado por muito tempo e Sílvio, ainda que a medo, quase imperceptivelmente, não o deixou sem resposta. Padre Hauser não os surpreendeu, ou fingiu nada ver e as trocas de observações ainda se repetiram. Como aliás iriam se renovar na aula seguinte, e quase que com tanta insistência.

No recreio, Sílvio e Heitor não conversaram. Heitor mal teve tempo para falar com os conhecidos, trocando mil impressões de férias, da viagem a Belo Horizonte, do luto recente que ainda lhe aumentava o prestígio. Ao voltar à aula, os murmúrios começaram do mesmo modo e tornou-se claro então que havia entre os dois um entendimento profundo que nada mais conseguiria desfazer. Heitor simpatizara com o “antipático”, Heitor o adotara. O imprevisível se dera, não havia como se recuar ao fato consumado. Lauro explicava que se tratava de simples teimosia — fora o seu “aviso” pelo telefone que determinara a atitude de Heitor. E, como pretendia conhecê-lo bem, afirmava peremptoriamente: “Agora não há mais nada a fazer. Heitor não desistirá de ‘proteger’ Sílvio...”.

Realmente, Heitor não desistiu. Não só pelo motivo apontado por Lauro, mas, sobretudo, por isso que, na verdade, simpatizara com o novato e não vira motivo algum para que o perseguissem. Era um ato puramente gratuito, estúpido, com o qual não podia concordar. Depois de alguns dias de hesitação, de meias-palavras e confissões vagas, Sílvio lhe contou sua situação em casa, a tentação que tivera, dias antes de sua chegada, de fugir do Colégio e desaparecer, não sabia bem para onde. Dramatizando um pouco, Heitor se imaginou salvador, providencial: Sílvio estivera à beira do suicídio, decidido a se matar se não conseguisse mais suportar a perseguição dos seus algozes. Isso o indignou a tal ponto que, desde então, não teve maiores adversários do que Jerônimo e Hélio. Nem pensou em outra coisa, senão em compensar, por uma amizade perfeita, as inúmeras injustiças que Sílvio sofrera.

Naturalmente, não se contentou com sua atitude pessoal. Mobilizou o próprio Padre Luís para a cruzada de justiça e compensação, conseguindo dele, aliás sem a menor dificuldade, que se interessasse de maneira a Sílvia ser tratado pelos “poderes superiores” do Colégio com mais compreensão e simpatia. Foi mais longe ainda: empenhou-se com a irmã para que fosse afável com o menino e, de todos os colegas que considerava “seus”, exigiu que mudassem de atitude em relação ao “antipático”. E tantas fez que, em pouco tempo, ele e Sílvia se tornaram companheiros inseparáveis, não demorando muito que seus amigos se tornassem amigos de Sílvia...

•

Se a amizade de Heitor por Sílvia foi grande, nada foi em comparação com a que ele próprio despertou no coração amargurado do “maluquinho”. Não se tratava somente do “primeiro amigo”, como tantos pensavam, como o próprio Heitor julgava. Tratava-se, acima de tudo, do “primeiro ser” a tomar conhecimento de sua existência real, do primeiro movimento de interesse e carinho que uma criatura humana tinha para com ele. Os que não sentiram isso, os que nunca tiveram esses momentos embriagadores de “descoberta do mundo amigo”, esses não me podem compreender e talvez estejam lendo e vão ler inutilmente páginas e páginas de verdadeiros hieróglifos de chave completamente desconhecida por eles.

Sílvia exultava, não sabia como o mundo podia ser tão grande. O movimento de Heitor em relação a ele era completo de simpatia, de compreensão, de amizade. Heitor o ouvia falar, Heitor se interessava por ele, Heitor perguntava mil coisas, Heitor exigia que ele se interessasse por sua vida, participasse dela, conhecesse os seus, se sentisse à vontade entre eles, fizesse camaradagem com Mônica, sua irmã mais moça apenas um ano. Heitor abria diante de seus olhos uma perspectiva com que sonhava frequentemente, mas que, antes, não julgava possível ver realizada. Heitor fazia com que frequentemente se esquecesse de quem era na realidade, do destino adverso que trazia consigo. Heitor o lançava num universo novo, num verdadeiro sonho, e parecia convencido de que bastava ele querer para não precisar jamais despertar. Heitor dava um sentido absolutamente ímpar à sua existência.

Com o desenvolvimento da amizade entre os dois, as modificações no temperamento de Sílvia foram tão visíveis que até em casa notaram. O velho Sezefredo não pôde deixar de se rejubilar abertamente, atribuindo a mudança ao Colégio, “ao ótimo colégio” que, enfim, descobrira para o neto. Só havia uma coisa a estranhar — cochichava a Leopoldo Graça e a dona Mercedes —, era que se tratasse de um colégio de padres... Até

mesmo fisicamente Sílvio melhorou, no decorrer daquele ano. Por ocasião das férias, parecia outro: mais decidido e confiante em si mesmo, risonho, cuidadoso no modo de trajar, sempre disposto a sair e se divertir, o oposto quase do “maluquinho” de anos antes.

Se a amizade de Heitor foi a grande força propulsora de toda essa modificação, não convém esquecer que, nos últimos tempos, um outro fator veio agir poderosamente, não cessando de aumentar em importância, desde então. Refiro-me a Mônica.

Recuso-me a falar de amor a esse propósito. Sei bem que o amor não tardaria a se declarar em Sílvio e que não é possível demarcar um limite exato adiante do qual o novo sentimento tivesse começado a existir. De qualquer modo, porém, acho falso falar de amor ao aludir ao encanto que Sílvio encontrava em Mônica nesse fim de ano ou no que se seguiu. Então, muito mais apropriadamente se daria esse nome ao sentimento que unia Sílvio a Heitor, ainda que não houvesse em jogo o menor elemento sexual.

Em Mônica, Sílvio fora achar a camaradagem que Heitor lhe prometera e que Mônica oferecera de coração aberto, sem nenhuma segunda intenção. Submissa e fiel ao irmão, não lhe iria recusar aquele pedido de estender a mão ao seu novo amigo, sofredor, perseguido por maus colegas, por uma quase-madrasta e um avô maníaco. Sílvio era inteligente, às vezes mesmo agradável. Mônica simpatizou com ele, aceitou-o como amigo, tornando-o logo confidente da sua vaguíssima vida sentimental.

O primeiro segredo que Mônica exigiu fosse guardado por ele em relação a Heitor foi ocasião de um tremendo drama de consciência. O fato, em si, não tinha a menor importância. No entanto, a simples ideia de que, para não faltar à palavra dada a Mônica, estava traindo o amigo, enchia-o de desespero. Afinal, era amigo de quem — de Mônica ou de Heitor? Mas, momentaneamente esquecido da existência de Heitor, não jurara a Mônica que jamais contaria a pessoa alguma o que ia ouvir de seus lábios? Entre os dois abismos de traição, Sílvio sofreu horas sem saber absolutamente o que decidir.

Mônica o salvou do trágico dilema e Sílvio jamais pôde esquecer aquele gesto admirável. A par da alternativa em que se via, resolveu destruir ela própria o segredo. Contou-o a Heitor, sem dizer que Sílvio já o conhecia. O sacrifício não lhe custou muito, dado que o fato, em si, era de uma insignificância pasmosa, mas a emoção e a gratidão de Sílvio teriam compensado amplamente qualquer humilhação pela qual tivesse tido de passar. Foi então que Mônica começou a cuidar que a amizade de Sílvio

por ela talvez estivesse vivendo acompanhada por um sentimento mais profundo e não tão facilmente proclamável. Ora, ao pensar nisso, sentiu com surpresa que a perspectiva entrevista não lhe era de todo indiferente...

•

Como se a animosidade de Heitor lhes tivesse trazido má sorte, nem Hélio nem Jerônimo conseguiram passar do segundo para o terceiro ano. Aliás, não foram eles os únicos. A turma, que era de vinte e sete alunos no início do segundo ano, entrou apenas com dezenove no terceiro. É verdade que, dias depois, surgia um vigésimo aluno e que esse recém-vindo não era outro do que Cândido de Andrade Souza... Os Andrade Souza vinham de longe na história do país. Contudo, pareciam vir de muito mais longe ainda, e da própria história do mundo. A ouvi-los falar, todos os outros Andrade eram ramos afastados e quase apagados da família cujo tronco eles constituíam. Consideravam-se nobres e não havia como não reconhecer no porte de um Júlio de Andrade Souza, avô de Cândido, ou mesmo no de um Antônio de Andrade Souza, pai de Cândido, um ar de fidalguia que impressionava sem jamais irritar. Conservavam a linhagem e só se casavam em famílias que julgavam de sua categoria: Júlio desposara uma Teles, Heloísa, e Antônio uma Mendes, Camila, mãe de Cândido. Só frequentavam meios escolhidos, famílias de posição social muito elevada, como os Soares, os Barros, os Santos Vilela, e algumas outras, cada dia menos numerosas, segundo o julgamento rigoroso de que tanto se envaideciam.

Cândido não era diferente do pai e do avô, mas tinha sobre eles a vantagem de uma enorme simpatia, de um encanto pessoal que raros seres no mundo possuíam. Desde criança, ouvira falar no seu “charme”, herdado provavelmente da mãe, dessa Camila Mendes que fora o maior enfeite dos salões da cidade logo ao terminar a Primeira Grande Guerra e que Antônio de Andrade Souza merecera, derrotando sem dificuldade quatro ou cinco competidores de razoáveis qualidades pessoais. Cândido herdara essa atração misteriosa e não o ignorava. Todavia, a consciência desse poder de sedução não o tornava convencido, antipático. Bom menino, bem formado e bem-educado, sabia se fazer querido. Se não escondia de ninguém o alto conceito em que tinha a família, procurava fazer com que todos compreendessem que seu ideal na vida não era se vangloriar ou simplesmente se valer desse nome como de um capital a dilapidar. E, sim, tornar-se pessoalmente digno dele, engrandecê-lo, alteá-lo ainda mais, tanto quanto pudesse. Seu problema não era gastá-lo, e sim dobrá-lo, multiplicá-lo se possível, por um trabalho consciente, honesto, proveitoso a todos, sobretudo ao país que queria amar e servir acima de tudo, como seus antepassados sempre tinham feito.

Com essas tendências, teria sido, segundo todas as probabilidades, um rival de Heitor Torres no Colégio, não fosse a grande amizade que se estabeleceu entre eles desde os primeiros dias de convivência. O contato inicial foi fácil, sem arranhões. A princípio, Sílvio se sentiu um pouco atingido pela nova amizade de Heitor. Cândido se mostrou, porém, tão interessado por ele, tão próximo, que não soube resistir à “nova amizade”. Assim, os três passaram a andar juntos, tornando-se tão inseparáveis quanto Heitor e Sílvio o eram, no ano anterior.

Estavam então todos três com a mesma idade: quatorze anos já feitos há alguns meses e, senão todos, pelo menos dois deles possuíam em abundância tudo o que a vida costuma acumular de melhor sobre cabeças dessa idade. Embriagavam-se de planos, de projetos grandiosos, forjando-se futuros brilhantes, salvando a nação das garras da anarquia, redimindo a sociedade, reequilibrando-a, estabelecendo a justiça, a sonhada igualdade. De longe, Sílvio os seguia nesses devaneios: mais por cegueira de amizade do que por temperamento ou convicção real.

•

Também a Cândido, Heitor abriu sem restrições as portas de sua casa; também a Cândido, Mônica foi apresentada como a possível camarada ou amiga. No entanto, o desinteresse afetivo de Cândido por aquela magricela um ano mais moça do que ele só encontrou paralelo digno no entusiasmo que se apoderou de Mônica ao vê-lo. Com o desajeitamento de sempre, o destino começava a atrapalhar as linhas, impedindo coincidências felizes, provocando choques inúteis. Já por essa época, Sílvio principiava a pisar firmemente o terreno da ternura, do encanto, como o presságio alegre da dolorosa realidade que seria, tempos depois, a região do amor, do alheamento a tudo quanto não fosse Mônica, o rosto de Mônica, as mãos de Mônica, o olhar de Mônica, a voz de Mônica, o perfume que Mônica deixava ao passar, a imagem de Mônica que ficava nos seus olhos quando, chegada a hora da separação, tudo mais acabava para ele, a evocação de Mônica que, de quando em quando vinha até ele, principalmente quando se distraía escutando de longe a música que o avô continuava a ouvir imperturbavelmente, como se, nesse intervalo, nada tivesse sucedido ao mundo e, muito menos, a seu pobre e apaixonado neto.

Amigos inseparáveis, os três passavam as tardes no porão da casa dos Torres, no quarto de Heitor. Assim terminava o Colégio, vinham correndo, juntos, felizes, brincando pelas ruas. Naturalmente, o pretexto era o estudo em comum das lições do dia seguinte. Na realidade, o que mais havia era conversa, o comentário animado das notícias do dia ou dos acontecimentos colegiais, a elaboração de novas táticas para os

próximos jogos de futebol (e Sílvio os ouvia com um interesse apaixonado, como se também jogasse ou gostasse de assistir às partidas), a discussão de mil planos que, no mais das vezes, não tinham dia seguinte, nem podiam ter, mas que, nem por isso, deixavam de ser estudados com o maior cuidado, desenvolvidos até o mais insignificante dos detalhes.

Muitas vezes, à hora do jantar, a reunião não estava terminada. Nem ninguém parecia com a menor vontade de ir embora. Heitor convidava então os amigos para jantar e o motivo invocado era, invariavelmente, que os exercícios tinham exigido muito trabalho e ainda não estavam terminados. Cândido gostava, sobretudo porque tinha certeza de brilhar, durante a refeição, no convívio alegre e simpático dos Torres. E Sílvio mais ainda, porque iria ver Mônica durante longo tempo, face a face, conversando a sós com ela depois do jantar, por alguns minutos, enquanto estivessem fazendo a digestão, antes de voltarem para o porão.

Nesses serões, pouco demoravam, porque nem Sílvio nem Cândido tinham permissão para entrar tarde em casa. Era quando, em geral, cuidavam das lições do dia seguinte. Mesmo então, Sílvio não concedia grande atenção, qualquer colocação na aula satisfazendo-o amplamente, contanto que não fosse a de primeiro aluno — muito custosa, em horas de estudo, e muito em evidência para seu temperamento —, nem a de último, excessivamente vergonhosa aos olhos do avô que o ameaçara de severo castigo, se algum dia se visse relegado a essa posição.

Ao contrário, Heitor aprendia tudo com uma extraordinária facilidade, pouco tempo lhe sendo necessário para dar conta dos mais trabalhosos exercícios. Desincumbia-se sempre tão bem de suas tarefas que, desde o início do segundo ano, fora o primeiro da classe. Já Cândido custava bem mais a brilhar e não se conformava em não o fazer. Tendo verificado em pouco tempo que seria difícil sobrepujar Heitor, resolveu se firmar logo abaixo dele e passou a viver em constante disputa com Jônatas Larotti por causa do segundo lugar. Seu esforço, porém, era grande. O parco estudo noturno levado a efeito em casa de Heitor compensava-o fartamente na manhã seguinte. Acordava cedo e sem vacilar, deixando de lado tudo mais, entregava-se de corpo e alma ao estudo. À hora do colégio, estava preparado, certo de que não faria figura feia.

Essas mesmas horas matinais, Sílvio passava dorminhocando ou remancheando pelo quarto, lendo livros de mistério ou parado a um canto, pensando em Mônica, refazendo conversas tidas com ela ou com Heitor. Cândido o interessava bem menos e, se o aceitava de coração livre, era essencialmente por causa de Heitor. Todavia, se a amizade de

Heitor por Cândido agia nesse sentido, o mesmo não era possível dizer do interesse que Mônica não sabia esconder em relação a Cândido. Como Heitor, como todos os mais em casa dos Torres, Sílvio o percebia, sem se poder conformar com o fato.

Muitos estarão inclinados a pensar que foi a aparição de Cândido e o entusiasmo de Mônica por ele que determinaram em Sílvio a eclosão do amor. Tudo indica, porém, que esse sentimento, a caminho desde o momento em que conhecera Mônica, teria de aflorar à luz do dia mais cedo ou mais tarde. O destino de certas naturezas é o sofrimento. Inevitavelmente, o sofrimento. E Sílvio jamais conseguiria escapar à sina de amar perdidamente todos os seres que dele se aproximassem com simpatia e compreensão. Mônica e Heitor, seres superiores em relação à sua natureza de perseguido, de oprimido pela sorte, teriam fatalmente de se transformar em objetos de amor e de amizade, de paixão em uma palavra e, portanto, em fontes de sofrimento, de eterna dúvida e eterno desengano. Criaturas como Cândido, em si boas e generosas, pareciam só existir como instrumentos de tortura. Deles, malgrado toda a boa vontade manifestada, só lhe podiam advir contrariedades, aborrecimentos de toda espécie. E, em síntese, tudo se passava como se existisse um mecanismo de ações e reações cegas, independentes da vontade de cada um e unicamente resumíveis nessa realidade tremenda, superior a todos os raciocínios, a todos os imperativos do interesse humano: o verdadeiro amor não é para todos, certos seres não o merecem...

•

Na passagem do terceiro para o quarto ano, a turma ainda perdeu mais cinco alunos — dois por terem de ir para fora com os pais, três condenados a repetir o ano. Foi, porém, a última diminuição que sofreu. Desde então, manteve a mesma constituição e, no decorrer desse quarto ano, foi que adquiriu a fisionomia definida que tanto impressionou Padre Luís.

Reduzida a quinze rapazes, quase todos de boas qualidades pessoais, conseguiu se salientar sem dificuldade em relação às outras turmas e, sobretudo, ante o olhar aguçado e clarividente de Padre Luís. Com eles, não havia problemas graves, tudo corria mais ou menos normalmente. Parecia que sabiam muito bem o que queriam. Não viviam estudando, mas nenhum deles facilitava nos exames. E até Sílvio Iberê, Teodoro Faria e Oto Magalhães conseguiam passar, no fim do ano. Zelavam pelos seus interesses e sabiam reclamar quando tinham razão. Faziam suas reuniões e, quando chegavam a um acordo, tomavam uma decisão firme, inabalável. Às vezes, davam a impressão de ser muito mais velhos

do que realmente eram. Bastava, porém, vê-los no recreio, nas conversas livres, na disputa de um jogo de campeonato, para sentir que nada havia neles de anormal.

Para tudo o que o Colégio precisava, estavam prontos. Aliás, de comum, era a eles que recorria, preferindo-os à displicente e antipática turma do então quinto ano. Se havia uma festa escolar, eram Heitor Torres ou Jônatas Larotti que se viam chamados para fazer os discursos ou redigir as composições a serem lidas. O Cardeal ou algum prelado ilustre visitando o Colégio nesse ano, quem lhe iria dar as boas-vindas em nome dos alunos seria um quartanista, jamais um quintanista. Para a seleção de futebol a tomar parte no campeonato intercolegial, o quarto ano dera seis elementos contra quatro do quinto e um do terceiro e, ainda por cima, todos os reservas que tinham acompanhado o time pertenciam ao quarto ano. Ora, esse escrete vencera o campeonato apenas com uma derrota, sobrevinda justamente num dia em que Heitor não pudera jogar, em virtude de uma distensão muscular, e fora substituído por um elemento do último ano... Assim, não era de estranhar que, ao fim daquele ano letivo, a turma do quarto ano se sentisse numa posição de verdadeira primazia em relação às outras. O então reitor, Padre Anselmo, não se fartava de elogiá-la. E a turma tinha consciência dessa superioridade, tanto mais quanto ninguém podia acoimá-la de “chaleira”, nem a nenhum dos seus componentes em particular.

Unidos entre si, faziam frente tanto aos padres como aos professores leigos sempre que se julgavam com esse direito. Nesses momentos, era a Heitor Torres, primeiro aluno da classe, que incumbia a missão de procurar o reitor ou o padre ou professor indicado. A solidariedade era total e Heitor sabia que tudo quanto dissesse seria considerado certo pelos seus quatorze colegas.

Nessa época, o prestígio de Heitor era absoluto. Diminuindo de mais de metade, ao longo daqueles quatro anos, a turma como que se consolidara em torno dele. Tinham ficado pelo caminho os que o hostilizavam ou não queriam aceitá-lo, os que uma natureza má ou invejosa predispunha a lutar contra ele. Livre deles, pudera estabelecer mais suavemente seu domínio. Não só porque já agora eram menos numerosos, como também porque, de melhor índole, tendiam todos para o fim comum. De mais a mais, a amizade incondicional de Cândido, fiel até a morte, afastava de seu caminho o único verdadeiro temperamento de chefe existente entre os colegas. Sem falar de Sílvio, que não passava de um escravo seu, faltava coragem a Jônatas Larotti e inteligência a Maurício Amarante.

Portanto, o campo estava livre. Só ele conseguia dar unidade, expressão ao quarto ano, à sua turma. A isso dedicaria todos os seus esforços. Saberia ser digno da missão que lhe era conferida. Faria com que a turma, continuando no quinto ano sua trajetória brilhante, única, deixasse nos anais do Colégio São Luís de Gonzaga uma tradição imorredoura.

•

Durante as férias que vieram então, deu-se um fato que modificou fundamentalmente as relações entre Sílvio e Heitor. Ator principal do drama, Heitor o sentiu no entanto bem menos vivamente do que Sílvio. Por estranho que pareça, a natureza particular de cada um facilmente explica o fenômeno e para compreendê-lo basta acompanhar os acontecimentos sem precipitação.

Foi no decorrer desse período de férias que Heitor conheceu mulher. Sucedeu que Sílvio, instado a acompanhá-lo, recusou-se sem querer dar explicações, encerrando-se mesmo durante vários dias num mutismo que lembrou a muitos os tempos do “antipático”. “São arrufos de namorados...”, brincava Cândido, dirigindo-se aos dois. Heitor ria e tripudiava: “Esses amuos passam. Saem nas urinas...”. Sílvio todavia não parecia disposto a agradecer: olhava os dois, sério e se perguntava como é que não compreendiam, não adivinhavam o que tinha se passado entre eles.

Da aula, Heitor e Sílvio eram os últimos que restavam. Todos os mais já tinham passado pela experiência e, se Heitor ainda hesitava, é que a persistência de certos pontos de vista religiosos o tinham detido no decorrer daquele último ano. Agora, porém, refletindo melhor, tornando-se coerente com seus sentimentos e atendendo a certas necessidades orgânicas que dia a dia se tornavam mais imperiosas, resolvera não adiar por mais tempo sua iniciação. Lembrando-se então de Sílvio, cujo caso era semelhante ao seu, sem que, no entanto, tivesse motivos religiosos a prendê-lo, pensou que convinha convidá-lo para a mesma aventura. E o fez, radiante, num grande movimento de amizade, imaginando, além disso, que iria prestar um grande serviço à timidez do outro, àquele invencível acanhamento que certamente devia estar na base da sua tão inexplicável abstinência.

Certa vez, mais ou menos uns quatro meses depois de Sílvio ter entrado para o Colégio, os dois tinham conversado longamente sobre aquele assunto. A amizade entre eles atingia, então, um dos seus momentos mais intensos e Mônica ainda não representava nada para Sílvio a não ser uma simpatia vaga. Da vida, nenhum dos dois conhecia grande coisa,

apesar de Heitor estar a léguas de distância da humildade de uma confissão dessa natureza. Termos grandiloquentes tinham sido o dinheiro miúdo da conversa. Promessas e juramentos haviam cruzado os ares. O essencial, porém, aos olhos de Sílvio, fora que a troca de ideias terminara por um compromisso tomado por ambos e selado no altar da amizade: nenhuma mulher os separaria; por mais formosa ou sedutora que fosse, boa ou má, rica ou pobre, princesa ou escrava. Contudo, como o fantasma do casamento se projetasse nesse momento sobre as fisionomias dos dois meninos, e como nem um nem outro duvidasse, nem por um instante que fosse, da santidade daquela instituição, o compromisso inicial se vira substituído por juramento solene: nem um nem outro conheceria mulher antes da noite nupcial.

Desse voto, Heitor nem mais tinha lembrança ao fim de alguns meses. Enquanto Sílvio o guardava vivo, cada dia mais presente à sua sensibilidade. Assim, por ocasião da proposta de Heitor, sentiu-se ferido no mais profundo de si mesmo. Devorado de recordações, silenciou. Cavou-se entre eles um abismo, o primeiro — pensou Sílvio mergulhado numa sombria meditação. Pequenos afastamentos, a amizade por Cândido, desinteresses momentâneos, nada disso contava, nada disso podia contar. Mas, aquele esquecimento ou aquela traição à palavra dada (não sabia com que hipótese ficar...), aquilo já era alguma coisa, aquilo pressagiava mil outros desentendimentos.

No seu amor por Mônica não havia sombra de traição ou de fuga ao antigo compromisso. O que a irmã de Heitor representava para ele era amor, noivado, casamento. Ora, a amizade por Heitor não passava, evidentemente, por nenhum daqueles caminhos. Amando Mônica, estava estritamente dentro do juramento feito: não conheceria mulher antes do dia de seu casamento. Por outro lado, aquele sentimento elevado, dignificante, não podia separá-lo de Heitor e, sim, aproximá-lo — aproximá-los, cada dia mais. De certo modo, Mônica era Heitor e Heitor era Mônica. Amar Mônica, amar meninas como Mônica, não era, não podia ser como se um deles conhecesse carnalmente uma mulher qualquer. Daí, sim, poderia vir, viria fatalmente afastamento, divisão, talvez mesmo separação. Daí, sim, viria perigo, ameaça para a amizade existente. Daí, viria fuga ao compromisso, rompimento da promessa.

Das duas hipóteses: esquecimento ou quebra intencional do juramento, Sílvio não sabia o que preferir. De qualquer modo, uma coisa não podia perdoar ou compreender em Heitor: a sua insistência em querer que ele, Sílvio, o acompanhasse na sua experiência. Que fosse, ele! Que esquecesse tudo quanto, juntos, tinham sonhado como ideal de vida! Que se arriscasse aos perigos de uma separação, da perda de uma

amizade como a dele! Mas, que não o procurasse arrastar, a ele que não se esquecia tão facilmente das coisas, a ele que não falava simplesmente por falar! Que recorresse àquele meio, fácil, vulgar, mas que não perdesse o respeito pelo sentimento que não ignorava que ele nutria por Mônica, incompatível com aquelas levandades, com aquelas possíveis e prováveis misérias! Que traísse enquanto quisesse, mas que não procurasse tirar dele sua fidelidade, seu maior bem! Foram dias amargos, os que Sílvio viveu então. A insistência de Heitor o feria quase tanto quanto o silêncio zangado, hostil, que fazia suceder às suas respostas negativas, peçadas de desprezo, de recusa feroz de qualquer explicação. Podia fazer de outro modo? Podia explicar, se Heitor não compreendia, não parecia querer compreender? Podia lembrar o voto esquecido? Ou falar em Mônica, na incompatibilidade que via entre as duas direções? Podia dizer alguma coisa sem se ferir ainda mais, sem arriscar comprometer para sempre suas relações de amizade com Heitor? De volta de sua primeira experiência, Heitor nada disse que pudesse melhorar a situação criada. A frieza com que julgou o ato em si deixou Sílvio desiludido, atônito. Esperara uma reação violenta, um impulso decidido para trás, no sentido do regresso aos bons tempos, ou então, catastroficamente, um mergulho insensato no abismo aberto a seus pés. Não aquele raciocínio calmo, senhor de si, de pessoas que conhecem os limites inevitáveis dentro dos quais sua experiência foi vivida. Heitor falava de mil coisas, menos do que sentira no momento de transpor a grande fronteira desconhecida. Mesmo assim, aconselhava-o a imitá-lo, insistia para que também traísse.

Os dias passaram. A ferida no coração de Sílvio não cicatrizou, a mágoa perdurando como uma chaga viva. E foi justamente num desses dias que o velho Sezefredo, erguendo-se de súbito da sua poltrona, o surpreendeu colado à porta, ouvindo, ouvindo... É que, ao passar pela sala, parecera-lhe de repente que, na música que o avô escutava, estavam falando de seu sentimento, de sua mágoa secreta, tão secreta que ninguém, ninguém a conhecia... (Jamais esqueceria aquela revelação. A música o possuía, a música o possuiria um dia, como já possuía ao avô... um dia, muito mais tarde, quando reencontrasse Mônica, Heitor e os dias da adolescência dolorosa e inesquecível...).

Parara e ouvira. Que era aquilo? Que mistério era aquele? Então, não era somente Deus quem conhecia os irrevelados segredos do coração humano? Também a música?... Se não, como é que estavam contando tudo aquilo, tudo aquilo que era ele, o mais profundo dele próprio, seu penar silencioso, a história de dias e dias de amargura escondida, condensada, devorada na escuridão do quarto, do coração inviolável? Ao vê-lo, porém, os olhos do velho avô se tinham enchido de lágrimas. Aproximara-se com rapidez e, como se o compreendesse, se adivinhasse

a sua dor, murmurara: “Pobre homem! Pobre gênio surdo! Os dedos correm no teclado, mas é o coração, desatinado de dor, que está sangrando... sangrando em todos nós...”. Sílvio tivera vontade de pedir explicações. De quem falava? De que dor? E em “todos nós”, por quê? A vergonha o detivera, no entanto. Abaixando os olhos, caminhara sem dizer palavra.

•

Dias depois, iniciava-se o novo ano letivo e a turma tornava a se encontrar, unida, forte, cada vez mais confiante em si. E assim aparecia aos olhos de Padre Luís nesses dias que tinham precedido de pouco os primeiros sinais da crise com Padre Ladário.

Naturalmente, tudo o que nela era indício de luta e de decomposição jazia ainda escondido, agasalhado em cada coração. O momento do desgoverno ainda não tinha chegado e Padre Luís podia se enganar sem que isso implicasse em fracasso seu como conhecedor de almas. Heitor e Sílvio viviam longe do Colégio suas vidas privadas, difíceis de serem adivinhadas. Cândido não o inquietava muito e o confessor de Maurício Amarante não era ele e, sim, Padre Godo. O resto da turma aparentava os mesmos sinais de unidade e perfeita saúde moral que o tinham levado a falar em “espírito da terra”. Tudo indicava bons tempos, mares calmos... Assim, como não confiar? Como não esperar que aqueles rapazes mantivessem a mesma conduta de sempre? Era, sem dúvida, forçoso confessar que apresentavam sintomas de exagerada confiança em si mesmos, parecendo julgar, às vezes, que lhes era permitido fazer muitas coisas que, na verdade, não pediam ser toleradas. Tudo, porém, simples questão de melhor orientação, de um pequeno reajustamento de pontos de vista deformados, tarefa que ele próprio, conforme prometera ao novo reitor, se incumbiria de levar a efeito, em momento oportuno.

Também não deixava de ser verdade que Heitor assumira, um pouco excessivamente, a posição de chefe da turma. Isso o levava a uma certa arrogância, sobretudo em determinados dias de domínio menos completo de si mesmo. Concomitantemente, podia-se seguir o aparecimento na turma de uma leve tendência à indisciplina, um apelo excessivo às resoluções coletivas. Padre Martinho, que, como recém-chegado no Colégio, não podia estar inteirado de tudo e, muito menos, das sutilezas psicológicas de cada turma, chegara a falar em “espírito de indisciplina e revolta” ao se referir a essas pequenas desorientações. Tivera de tranquilizá-lo, prometendo-lhe agir, graças aos seus conhecimentos pessoais, no sentido de sanar todas aquelas perigosas irregularidades.

Assim via Padre Luís o problema nas vésperas da primeira crise, originada na inabilidade de Padre Ladário. Olhar amigo, olhar entusiasmado, olhar quase cego. A rispidez do professor de latim foi sem dúvida decisiva, mas qualquer outro incidente teria, cedo ou tarde, desencadeado o que estava apenas dormitando e tinha de vir à luz. Pequenas paixões, surdos rancores, contrariedades, amarguras, vaidades pisadas, espírito de rebeldia, vagabundagem natural, tudo o que é tristemente humano e a nossa vida desorientada de hoje só tende a aumentar irromperia um dia como se tivesse sido longa e tiranicamente represado. E, mais uma vez, pelas mãos de Padre Luís, predestinadas ao sofrimento, passaria essa onda de lodo e sangue que é o homem vivendo a lei dos seus membros — essa lei do pecado que o Apóstolo denunciou...

III

Logo no seu início, junho trouxe de volta ao Colégio São Luís de Gonzaga os alunos suspensos do quinto ano ginasial. Padre Luís, que passara os três últimos dias de maio ainda inteiramente derreado pelo insucesso da sua ação junto a Ângela e à família Soares e pela crise de consciência que logo o dominara, voltou então à plena atividade. E, com mais uma semana de lindíssimas manhãs e tardes sem nuvens, junho devolveu Heitor Torres aos bancos escolares. Só um cego, porém, deixaria de ver que esse restabelecimento de equilíbrio era de uma instabilidade gritante. No horizonte real do Colégio, havia uma série de nuvens negras que nenhuma habilidade humana conseguiria afastar.

De um modo geral, a suspensão havia causado espanto nas famílias dos alunos, pasmando mesmo a muitas. Tanto assim que, se uma ou outra tinha desaprovado o excessivo rigor de Padre Ladário, nenhuma se furtara a repreender o faltoso, coerentes aliás, nesse ponto, com a recomendação contida no bilhete-circular que o reitor endereçara a cada pai ou responsável pelo aluno.

O eco mais fraco, sem dúvida alguma fora o da casa dos Torres, onde o prestígio de Heitor nem sequer parecera abalado. Em compensação, em casa dos Andrade Souza, e, principalmente, na do velho Iberê, o mar tinha estado dos mais bravios.

Para os Andrade Souza, não havia explicação possível que anulasse esse fato: um Andrade Souza ser suspenso por uma semana por um ato

de indisciplina! Justa ou injustamente aplicada, a pena era degradante. Um Andrade Souza não podia se sujeitar a essas contingências, devendo mesmo evitar religiosamente a mais leve das suspeitas desonrosas. É verdade que, vendo como Cândido recebia a punição — grave, dolorosamente —, a indignação familiar abrandara bastante. E, em pouco, o castigo passava a ser considerado por todos como uma espécie de desgraça coletiva, não importando mais saber quem tinha sido o causador.

Se Cândido se beneficiara desse particularíssimo espírito de família, o mesmo não sucedera a Sílvio, que encontrara, por parte do velho Sezefredo, a mais hostil das reprovações. Fora uma atitude de responsabilização direta, de constante acusação, da qual não desarmara nem um só instante durante o período da suspensão. Para ele, nenhuma atenuante no “gesto” do neto. Quase nada sabia dos detalhes do episódio, dado que Sílvio narrara tudo por alto. Mesmo assim, soubera o bastante para perceber que fora ele o desencadeador do movimento de rebelião. Ligando esses fatos com a vadiagem habitual de Sílvio, e com sua antiga dificuldade em se dar bem nos colégios para onde ia, concluiu pela má-fé do neto e não se furtou a declará-lo. Os protestos de Sílvio, suas tentativas de explicar o que realmente sucedera, tinham esbarrado na ideia já formada pelo velho e que dona Mercedes reforçava sempre que se tocava no assunto.

Sílvio abaixara a cabeça e não tivera outro recurso senão evitar o contato do avô. Assim mesmo, nas horas das refeições

— às quais não podia se esquivar, sob pena de grandes repreensões —, as acusações começavam, terminando sempre pela formulação da mesma ameaça: se fosse expulso do Colégio São Luís de Gonzaga, teria de se empregar. Sabia bem: em matéria de estudos, era a última oportunidade que lhe oferecia. Se recusasse a tábua de salvação, que afundasse. Estava exausto de lhe dar bons conselhos e, em troca, só recebia provas de ingratidão e pouco-caso. Não o vexaria mais. Considerava-se já muito velho para sofrer aquelas humilhações.

Nesses dias, a casa dos Torres representou para Sílvio mais do que um alívio, mais do que o oásis de sempre. Independentemente de Heitor, independentemente de Mônica. Não sabia mesmo como poderia ter suportado o ambiente formado sem aquela tábua de salvação, sem aquele pulmão artificial a lhe aliviar a asfixia doméstica. E não tinham sido poucas as vezes que lá chegara de olhos ainda turvos, para sair, horas depois, com o coração descansado e uma doce imagem de felicidade gravada na retina.

Octávio Torres, em sã consciência, não tinha podido reprovar o gesto do filho. Ainda se lembrava de um acontecimento semelhante em sua vida de estudante. Poucos dias antes de morrer, seu pai o relembrava, acrescentando que o censurara na época, por uma simples questão de disciplina, mas que muito se orgulhara da sua coragem. No caso do filho, Octávio Torres reconhecia o seu próprio gesto e não ousava condená-lo. Heitor fora excessivo, por certo levava o acinte longe demais. Contudo, no episódio todo, como não lhe reconhecer a maior parcela de razão? O padre é que era um descontrolado, uma alma de tirano. Se não fosse pelos outros padres, ótimos educadores, e por certos professores cuja competência muito admirava, tiraria o filho do Colégio. Sendo o aluno que era, um menino exemplar, Heitor não merecia um tratamento daqueles. Lastimava que o antigo reitor tivesse saído. Conhecendo-o bastante, teria ido procurá-lo — se é que, com ele na direção do Colégio, aquele fato algum dia pudesse acontecer... Nada dissera a Heitor, receoso de lhe dar mão-forte contra seus superiores. O que pensava, porém, era evidente e todos em casa sabiam que suas censuras ao filho tinham sido muito leves, puramente protocolares. Assim, o ambiente da família Torres era o mais favorável aos alunos suspensos e não foi só Sílvio quem o procurou como descanso e alívio. Sempre que tinha oportunidade, Cândido ia “esclarecer uma dúvida em casa do Heitor” e até Jônatas Larotti e Domingos de Assis Cintra, que não eram frequentadores habituais do “porão”, por lá apareceram várias vezes no decorrer da semana de suspensão geral e mesmo na seguinte.

O incidente, em si, não foi comentado, a não ser nos primeiros dias. Caiu logo no rol das coisas já de há muito mastigadas, só sendo evocado quando, por acaso, alguém indagava do companheiro de delito: “Quantas linhas você já tem?”... Fora isso, ninguém mais aludia ao fato e as conversas versavam sobre todos os assuntos, em geral completamente alheios ao Colégio e aos estudos. Por certo, havia uma pergunta no ar, vaga: a atitude a adotar em relação a Padre Ladário. Mas essa, ninguém a ousava formular, como se todos suspeitassem que, por mais que se tentasse, não se iria chegar a nenhum acordo. Talvez por isso, a existência de um mal-estar geral era inegável em determinados momentos. Então, só restava mudar de assunto. Como que por encanto, tudo voltava à normalidade e até o próprio Sílvio se sentia bem, seguro de si. O riso crescia, as conversas se desdobravam, as horas passavam como se estivessem em férias...

•

Ao voltar para junto dos colegas, não foi surpresa para Heitor encontrar um ambiente frio, de quase submissão a Padre Ladário. Por

Cândido e por Jônatas, soubera que alguns alunos, diante das repreensões recebidas em casa, tinham resolvido adotar uma atitude de colaboração integral, sob a promessa, feita pelo padre em diversas conversas particulares, de que todo o passado ficaria esquecido, começando um novo regime de mútuo auxílio. Não se sabia ao certo o número dos que tinham capitulado ante a pressão do adversário. Quanto a três deles: Nélio Taderovski, Abdias Fontoura e Lauro Amaral, havia certeza. Não era mais possível contar com eles.

Dessas três “traições”, a única realmente grave era a de Lauro Amaral, bom camarada e aluno brilhante, capaz de arrastar consigo alguns outros. Não gozava da fama de ter caráter muito seguro, mas antes, ninguém o julgava capaz de uma capitulação daquela natureza. Ora, como Nélio nem Abdias contavam muito na turma, foi a ele que Heitor se dirigiu diretamente, assim começou o primeiro recreio.

Em poucos minutos, a discussão estava fervendo. Íntimo de Lauro desde o primeiro ano, Heitor foi duro nos termos e Lauro se defendeu como pôde. Logo se formou um grupo em torno deles e cedo, dos alunos do quinto ano, só Nélio e Abdias ficaram afastados, deliberadamente não querendo tomar parte na conversa. Diante do auditório atento e quase que unanimemente reprovador em relação a ele, Lauro positivou:

— Pois é. Eu resolvi isso mesmo: não vou receber punição em casa por causa dessas besteiras de vocês. Cada um que se arranje.

— Punição de quê? — indagou Heitor, apesar de já saber mais ou menos de que se tratava.

— Meu pai me ameaçou de cortar a mesada...

— Se você tornar a ser suspenso?

— Suspenso ou o que quer que seja! Qualquer reclamação que venha daqui do Colégio, pronto! Os meninos se entreolharam. Sentindo que a posição de Heitor tinha ficado enfraquecida depois da declaração de Lauro, Sílvio murmurou:

— De ameaças, eu também ando cheio em casa. Não vai ser por isso...

— Isso é com você! — atalhou Lauro.

— Eu cá é que sei da minha vida.

— Pois é justamente o que eu estava pensando — observou Heitor.

— Você é egoísta, besta, pensa que só você existe.

— E você? — desafiou Lauro.

— Eu? Egoísta por quê?... Evidentemente, Heitor tentava dominar a situação. Lauro parecia, contudo, possuído por um espírito de rebelião que ninguém lhe conhecia antes. Fazendo frente a Heitor, respondeu:

— Você quer é mandar, decidir pelos outros. Que a gente seja suspenso, passe o diabo em casa, leve mais um ou dez zeros na média semanal, isso não importa...

— Eu também não levei zero, não fui suspenso, e até o dobro do tempo?

— Você é primeiro da aula, tem costas largas!... — lembrou Lauro sorrindo.

— Que é que tem isso?

— Tem que você tem cotação em casa... e isso é tudo! Seus pais não ligaram, ligaram?...

— Quem disse a você?

— Ninguém. Mas todos sabem.

— Todos, é conversa sua! Quem foi que disse isso? Lauro não hesitou. Fixando Sílvio, que seguia o bate-boca sem o menor receio, declarou:

— Foi Sílvio. Não foi, Sílvio?... Sílvio estremeceu e, rapidamente, lembrou-se: no dia em que tinham voltado ao Colégio, a conversa entre ele e Lauro recaíra sobre o modo pelo qual as famílias haviam recebido as suspensões. Referindo-se a Heitor, dissera o que via, o que todos mais ou menos sabiam, e ele jamais suspeitara que pudesse constituir matéria de segredo. Agora, diante da intimação, não compreendia mais nada. No entanto, como não podia negar o que dissera, confirmou:

— Foi. Realmente eu disse... Também o olhar de raiva de Heitor, Sílvio não o compreendeu. Que fizera de mal? Queria Heitor que ele mentisse, que se desdisse? E com que fito, se tudo aquilo não passava de uma insignificância, de uma tolice? Heitor, contudo, sentia-se desautorado, quase traído. Sílvio o irritara com sua simplicidade, sua mania de dizer a verdade às cegas. Sem dar tempo a Lauro de falar, fulminou:

— Sílvio não sou eu. Sílvio não sabe o que diz... ou não sabe o que se passa em minha casa.

Heitor falou sem olhar para Sílvio. Cândido, no entanto, não tirou nem um instante o olhar de cima dele e pôde observar o espanto, a mágoa que as palavras de Heitor produziram no amigo. Sua fisionomia traiu logo o que começava a sentir, tudo aquilo por que iria passar no

decorrer das horas subsequentes. Talvez por isso, ou porque julgasse a posição de Heitor fraca no momento, Cândido atalhou:

— Isso não interessa. Vocês estão discutindo à toa.

— À toa por quê? — perguntou Heitor num tom de semiagressão.

— Porque sim. Você não vê que Lauro resolveu aderir ao bloco dos “chaleiras”?... Lauro sacudiu os ombros, sem maior irritação. Depois, resmungou — e resmungou muito. Aquilo era fácil de dizer. Ele sabia por que agia daquele modo. Começava a ficar cansado daquela mania de Heitor de querer dirigir todo mundo, de saber tudo. Afinal, cada um ali naquela aula já estava bastante grande para se governar pela própria cabeça. Heitor que percebesse, que começasse a se conformar! Continuasse a mandar em Sílvio, em Jônatas, em Domingos, em quem quisesse se manter escravo. Nele, não! Bastava. Aquela discussão tinha sido utilíssima. Dera-lhe ensejo para dizer a Heitor, diante de toda a turma, certas verdades que precisava ouvir. Quanto a Cândido, com todo o “andrade-souzismo” dele, era suficiente um simples sacudir de ombros.

Dito tudo isso, Lauro achou prudente se afastar do grupo. Antes, ainda se voltou para Heitor e avisou:

— Pois é. Fui franco, não? Comigo ninguém conte para fazer “bagunça” na aula de Padre Ladário. Não estou disposto a andar pedindo dinheiro emprestado aos outros... Heitor fez um muxoxo e concordou:

— Cada um como entende. Você é livre, faz o que quer.

Lauro se afastou, sacudindo os ombros. Logo em seguida, o grupo se dissolveu. Cada um comentava a seu modo o gesto e as palavras de Lauro.

Heitor e Cândido se distanciaram, discutindo, falando mal do “traidor”, prevendo dificuldades próximas. A alguns passos, Sílvio os acompanhou por algum tempo, sozinho. Depois, parou e sentiu uma imensa vontade de chorar. Seria que Heitor estava zangado com ele? Ou nem sequer teria percebido que o ofendera, que o desprezara diante de todos?...

•

No porão, horas depois, Heitor interpelou Sílvio a respeito da sua atitude na discussão com Lauro. Durante todo o dia não se tinham falado, como se estivessem brigados. Heitor, todavia, nem parecera dar

por isso. Na saída do Colégio, Sílvio o acompanhara, como de costume, enquanto Cândido fora cortar o cabelo, pois tinha de jantar fora com os pais e não se achava bem, tal como estava. Passaria, depois, pelo porão.

Tinham caminhado em silêncio, Heitor visivelmente preocupado com o que sucedera de manhã, Sílvio amargurado, ferido até o âmago pelo alheamento do amigo, cujo pedido de desculpas esperara o dia inteiro e continuava a esperar inutilmente. As aulas tinham transcorrido sem nenhuma palavra do amigo e, agora, os minutos do percurso até em casa seguiam pelo mesmo caminho. Seria que Heitor não ia se explicar? Seria que não se arrependia do que dissera diante de todos? Ao entrar no porão, Heitor largou os livros em cima da mesa e como se aquele fosse o sinal combinado, indagou logo, sem contudo encarar Sílvio:

— Você também vai debandar, como Lauro?

— Eu?! Eu por quê? — exclamou Sílvio tomado por incontrolável surpresa.

Como se hesitasse, apesar da frase já estar e há muito preparada, Heitor explicou:

— Foi a impressão que tive, de manhã, quando você tomou o partido de Lauro contra mim.

— Eu?! — protestou Sílvio, atônito.

— Você não o apoiou, não deu razão a ele, diante do pessoal todo?... A injustiça da acusação era tão flagrante que Sílvio não soube, nos primeiros momentos, o que responder. Evidentemente Heitor estava falando sério, estava sentido com ele. Se fosse pela sua indiscrição, por ter contado o que ouvira em sua casa, ainda compreenderia. Mas, pelas razões alegadas, era incrível, era até ridículo. Principalmente comparando aqueles motivos imaginários com os que ele, Sílvio, podia invocar... Não compreendia. Sentia-se mesmo abismado com tanta injustiça. É que ainda não aprendera que na vida é sempre assim. Nas discussões em que nos empenhamos, não temos jamais a razão inteira a nosso favor. Há sempre uma pequena parcela contra nós, por ínfima que seja. E é o que basta, aos que nos ofenderam, às vezes funda, grave, mortalmente, para se sentirem com direito de vir contra nós, responsabilizando-nos como os maiores, senão os únicos culpados. Pecamos venialmente e, contra nós, pecaram um pecado capital; pecamos por desatenção momentânea ou acidente qualquer alheio à nossa vontade, e contra nós pecaram por inconcebível falta de amor ou de amizade — e somos nós, no entanto, quem saímos acusados, culposos, a cabeça baixa, os olhos lacrimejando, uma dura penitência a

rezar... Ignorando ainda quase que por completo essa como outras dramáticas leis que regem a incompreensão humana, Sílvio não cabia em si de indignação e surpresa. Por fim, percebendo que, de qualquer modo, precisava falar, balbuciou:

— Não dei razão nenhuma a Lauro! Confirmei apenas uma coisa que realmente tinha dito e não podia negar.

— No momento em que foi, era a mesma coisa... a mesma coisa do que tomar partido contra mim. Lauro estava me atacando firmado nisso... Desorientado com a argumentação, Sílvio voltou a insistir em seu argumento básico:

— Mas eu podia negar uma coisa que tinha dito, podia?...

— Não sei. Isso é lá com você! O fato é que, confirmando, você tomou partido contra mim.

— Não sei por quê!

— Porque tomou. Pública, gritantemente! Foi, aliás, o que todos acharam. Sílvio pulou:

— Todos quem? Que intrigante foi esse? Heitor sorriu e brincou:

— Intrigante nenhum. Não se trata disso, seu bobo, e, sim, da opinião geral, da impressão geral...

— Que impressão foi essa?

— Ora, que você tinha tomado o lado dele contra o meu! Sílvio se sentiu completamente desnortado. Então, o culpado, naquilo tudo, era mesmo ele? Ainda uma vez ele, e não Heitor? Sempre ele, o responsável! Embora em dose menor, também em relação a Cândido, sucedia a mesma coisa. Sempre ele! Que havia de errado em seu modo de sentir, de agir, de se exprimir? Por que provocava constantemente aquele gênero de equívocos? Tão grande falta de sorte não era concebível. Devia haver qualquer explicação que não conhecia...

— Mas é incrível, Heitor! — terminou por protestar Sílvio.

— Essa falta de confiança é impossível. Eu estou do seu lado, sempre estive. Só porque digo uma coisa à toa, que não tem nada a ver com estar do seu lado ou não estar...

— No momento, tinha! — interrompeu Heitor com violência.

Sílvio olhou o amigo com aflição. Seria que Heitor não compreendia? Ou não queria compreender? Preferiu indagar, procurando se colocar no ponto de vista do outro:

— Mas, afinal, o que é que você acha que eu devia ter feito? Era onde Heitor queria chegar. Fulminou logo:

— Em primeiro lugar, nunca ter andado falando com aquela besta coisas íntimas, coisas que você ouviu ou percebeu... na mesa cá de casa!

— Heitor! — protestou Sílvio tocado pela censura do amigo que o atingia precisamente no seu ponto mais sensível.

Heitor percebeu logo quanto fora longe. Cuidou mesmo descobrir certo embaciamento nos olhos de Sílvio. Não era, contudo, da sua natureza, quem sabe mesmo da sua idade, parar no meio do caminho. No fundo, também (não o convém esconder ou disfarçar aqui), sentiu certo prazer em saber que Sílvio sofria por sua causa, por gostar dele enormemente, por reconhecer que pecara contra ele, traindo sua confiança, falhando em sua grande e, até então, perfeita amizade. Continuou portanto com a crueldade dos seus dezesseis anos mal completos:

— Você ache o que quiser, mas não gostei que tivesse falado, contado a Lauro, a outros provavelmente, coisas ouvidas na mesa cá de casa, na nossa intimidade, frases de papai que não eram para ser repetidas...

— Eu não repeti frase alguma de seu pai! — protestou Sílvio, já agora com os olhos cheios de lágrimas.

— ...que o podiam comprometer mesmo — prosseguiu Heitor sem aceitar a correção do outro —, se chegassem aos ouvidos do padre reitor ou de Padre Ladário.

— Eu não contei nada disso! — tornou a asseverar Sílvio.

— Falei apenas aquilo a que Lauro se referiu.

Heitor se deteve um momento, sentindo que estava se precipitando, exagerando demais a falta do amigo. Pouco faltava para Sílvio chorar. Ora, não era isso o que queria. Contudo, alguma coisa de cruel que o habitava, ainda o levou a insistir:

— E você acha que foi pouco?

— Não sei. Não me interessa!

— Ah, não?... Pois a mim, interessa!

— Melhor para você!

— Seja! Está certo.

Nesse momento, Sílvio ia dizer que Heitor podia ficar descansado, pois

jamais tornaria a se referir a nada que se relacionasse com coisas ouvidas em sua casa, uma vez que não tencionava jantar mais ali nem forçar a intimidade, a confiança de ninguém. Foi quando bateram à porta, pedindo licença para entrar. Era Mônica.

Vinha de branco, saltitante, quase correndo, as faces rosadas — realmente rosadas porque só lhe permitiam se pintar nos dias de saída. Assim mesmo, muito pouco, só para dar a impressão de estar corada. Ainda uma menina. No corpo, no vestido, nos modos, em tudo confessava a idade que tinha. Os traços finos, delicados. Dois olhos claros numa tez quase morena, não muito longe do início dos terrenos onde imperam as esquisitices fisionômicas. O nariz reto, pequeno, de narinas sempre fremindo. A boca também diminuta, muito calma, como se ainda fosse esperar mil anos antes de começar a vibrar aos apelos do mundo. Já o pescoço, continuando a instabilidade dos traços de menina, a desarmonia que ainda dominava aquele corpo em evolução, descia, comprido e nervoso, perdendo-se enfim nas regiões onde o vestido afogado ocultava à vista seus desdobramentos naturais.

Mônica viera correndo, assim percebera que o irmão e Sílvio tinham chegado. Trazia um recado de dona Maria da Glória, que saíra para fazer uma visita, mas mandara convidar Sílvio para jantar, pois havia pato com maçã e era sabido que se tratava do seu prato predileto. O convite também se estendia a Cândido, ainda que visasse a Sílvio particularmente.

Mônica falara depressa, sem notar o mal-estar que se formara entre Sílvio e Heitor assim ela entrara. Os próprios olhos marejados de Sílvio, Mônica não os viu. É verdade que a luz ainda não fora acesa e a tarde já ia caindo aceleradamente, fria e triste.

Surpreendido pelo convite, Sílvio hesitava. Dado o que acabara de acontecer, não devia aceitá-lo. Se Heitor não tinha mais confiança nele, se nutria dúvidas sobre sua lealdade, acusando-o abertamente de ir contar o que ouvia a estranhos e adversários, quase como um espião, não devia, não podia aceitar. A não ser que Heitor, reforçando o convite, insistindo de algum modo, indicasse que tinha voltado atrás em relação ao que dissera pouco antes. Uma palavra bastava. Sem ela, porém, decentemente, não podia ficar.

Por outro lado, não ficar era triste, era duro demais. Recusar? Sobretudo, o convite tendo sido transmitido por Mônica, e daquele modo? E o pato com maçã, especialidade da Benedita, também não contava? Trocá-lo pela sopa de repolho que o velho Sezefredo não se cansava de tomar — do mesmo modo como não se fartava de ouvir suas

intermináveis sinfonias?... Deixar de jantar na mesa dos Torres, vendo Mônica defronte dele todo o tempo, para levar a refeição inteira a correr os olhos do rosto murcho do avô para a fisionomia antipática de dona Mercedes, escutando as intermináveis pequenas brigas que tinham entre si e que cada dia tornavam mais provável um rompimento definitivo? Não, para recusar aquele convite era preciso muita coragem e verdadeiramente não sabia onde ir buscá-la.

Contudo, como Heitor não dissesse nada e Mônica continuasse a esperar pela sua resposta (é verdade que sem nem sequer admitir a hipótese de ser negativa), achou-se na obrigação de dizer:

— É pena, Mônica! Logo hoje que tenho de jantar em casa! Heitor o olhou, surpreso. Sabia que estava mentindo. Por certo, se tivesse de jantar em casa, tê-lo-ia dito, antes, quando Cândido se separara para cortar o cabelo, aludindo ao compromisso daquela noite. Era evidente: inventara a desculpa ali mesmo. Magoado com o que lhe dissera, resolvera sacrificar o jantar. Ou, quem sabe, esperava apenas por uma palavra sua para voltar atrás.

Mônica não levou a sério a afirmação de Sílvio. Insistiu:

— Ora, Sílvio. Que jantar em casa, que nada! Telefona...

— Não posso. Vovô faz questão.

— É dia de aniversário?

— Não, mas...

— Então! Telefona logo! Sílvio sacudia a cabeça, esperando. A palavra não vinha. Heitor não dizia nada, Heitor nem parecia estar ouvindo. Já teria esquecido tudo o que de desagradável lhe dissera, momentos antes? Ou não iria acrescentar nada?... Realmente, Heitor não dizia palavra. Nem iria dizer. Sílvio que resolvesse. O que ele dissera, estava dito. Não voltava atrás. Não fazia concessões daquele gênero a ninguém. Lastimava que Sílvio fosse perder o jantar, o pato com maçã de que tanto gostava, mas, já que não podia ser de outro modo, paciência. Aquilo lhe seria útil. Teria mais cuidado com a língua, saberia avaliar melhor as provas de amizade e confiança que acaso recebesse. Não tornaria a repetir o que ouvisse na intimidade de uma família que o tratava como um filho.

Diante da insistência de Mônica, Sílvio teve de positivar:

— Eu gostaria muito, você bem sabe, mas não posso não. Fica para outro dia. Vovô anda furioso porque tenho jantado muito fora de casa e ainda hoje ele me recomendou que chegasse cedo.

— Mentiroso! — brincou Mônica, mas convencida de que o outro estava falando a verdade.

Sílvio enrubesceu. Graças à falta de luz, porém, Mônica não desconfiou.

Assim, pôde continuar:

— É sério. Sinto muito. Você, por favor, agradece por mim a dona Maria da Glória.

— Ora, Sílvio! — ainda protestou Mônica, sinceramente contrariada.

Foi tudo em vão. Para Sílvio, desde que Heitor se abstinha de intervir, a decisão estava tomada. Portanto, o melhor ainda era sair dali quanto antes, evitar nova conversa com Heitor, a sós os dois. Aproveitando a presença de Mônica, pretextou:

— Eu, até, já estou atrasado. Fiquei de conversa e fui me esquecendo da hora, à espera de Cândido que não chega nunca.

— Cândido ainda vem? — indagou Mônica, afetando indiferença no tom.

— Vem — declarou Heitor que já começava a não poder suportar o próprio silêncio.

— Ele foi cortar o cabelo e já vem — acrescentou Sílvio.

— Vai jantar fora com os pais...

— Vai? — exclamou Mônica contrariada.

— Então, também ele não pode jantar conosco?

— Você vai ter de comer o pato sozinha! — brincou Sílvio apanhando os livros e estendendo de passagem a mão a Heitor.

— Se vou! Todinho! Vocês vão ver se sobra alguma coisa... Sílvio se despediu de Mônica com um sorriso nos lábios e se apressou em sair. A mão que Heitor lhe estendera fora fria, indiferente. Tudo parecia terminado. Estavam brigados, irremediavelmente brigados. Jamais tornaria a jantar em casa dos Torres. Não voltaria ao porão. Perdera a confiança de Heitor que não o considerava mais seu amigo. Entre eles estava tudo acabado. Definitivamente acabado. E sentia que tinha o coração despedaçado, pouco faltando para que irrompesse em pranto, ali mesmo, na rua cheia de gente. Sofria. Como sofria! Se ao menos fosse possível morrer!...

Ao chegar em casa, naquele fim de tarde, encontrou tudo em polvorosa. O avô estivera na iminência de ter uma congestão cerebral e, ainda que agora parecesse inteiramente fora de perigo, tinha sido grande o susto pelo qual dona Mercedes passara.

Leopoldo Graça, chamado às pressas, ainda estava à cabeceira do amigo, tentando convencer o doente rebelde a ficar tranquilamente deitado, em absoluto repouso. Seu esforço, porém, parecia vão. A cada minuto, o velho Sezefredo se mostrava mais irrequieto, procurando pretextos para brigar com dona Mercedes, falando em se levantar, em desobedecer, uma por uma, a todas as ordens do “doutor”... Leopoldo Graça era médico dos Iberê há muitos anos. Não fora outro o parteiro que trouxera Sílvio ao mundo. Nessa época, ainda exercia essa especialidade e começava apenas a sonhar com a carreira brilhante que se iria firmar, anos depois, tornando-o um dos mais afamados clínicos da cidade. A mãe de Sílvio figurava mesmo entre os últimos partos a que atendera. Colegas invejosos diziam, à socapa, que fora o triste desenlace desse caso que o afastara definitivamente da ginecologia. Hoje, quando se aludia a essas maledicências, o grande clínico sorria, superior. A verdade, porém, era que a mudança de especialidade coincidira mais ou menos com a morte de Dagmar Iberê, como se tivesse ficado desgostoso com o desenlace catastrófico que não pudera evitar.

Naturalmente, ninguém que se prezasse, pensava em responsabilizá-lo. O próprio marido de Dagmar, que amaldiçoara o filho, jamais o quisera culpar. No momento, Leopoldo Graça lhe explicara que tentara salvar a mãe, de preferência ao filho, mas que fora em vão. Jaime Iberê aceitara o esforço honesto do médico, só se rebelando contra o egoísmo cego do recém-nascido. Do mesmo modo, o velho Iberê mantivera no amigo de casa a mesma confiança de antes. Jamais quisera ser tratado por outro médico.

Especialmente carinhoso para com Sílvio, de quem afirmava se compadecer muito em virtude da sua má sorte e das ameaças que via sempre pesando sobre sua constituição física, deficiente, excessivamente nervosa, Leopoldo Graça não via seu sentimento retribuído. Sílvio o evitava sempre que podia, ou então, tratava-o friamente. Quando menino, procurava fugir dos seus amplexos quase paternos que lhe pareciam exagerados, desagradáveis. (Pressentiria de algum modo, nesses momentos, o que só muito, muito mais tarde, viria a saber em relação à morte de sua mãe?...). O médico protestava contra sua “selvageria”, lastimando sempre que seu filho João fosse cinco, quase seis anos mais velho do que ele. Não existisse essa diferença tão grande e

faria dos dois grandes amigos. E, enquanto o velho Sezefredo ria, complacente, ele acrescentava, convicto: seria então, para ambos em conjunto, o pai extremoso que queria ser para cada um deles em separado.

Ainda naquele fim de tarde, ao ver Sílvio parado na porta do quarto do avô, os olhos como que pulando do rosto magro e pálido, uma expressão de pavor estampada na fisionomia, Leopoldo Graça se apressou em abraçá-lo ternamente, tranquilizando-o:

— Não é nada, não é nada, felizmente. Apenas, seu avô nos pregou um grande susto... e podia ter nos deixado seriamente atrapalhados! — ... Indo embora logo de uma vez! — comentou o velho Sezefredo, num súbito movimento de bom humor.

— Não digo tanto!... — protestou o Doutor Graça sorrindo, porém, no íntimo, pensando que o velho tinha bem razão de falar daquele modo. E insistiu:

— Não digo tanto. Todavia, podia ter ficado muito doente, aí em cima dessa cama por vários meses...

— Paralítico? — indagou Sílvio sem poder refrear o movimento de curiosidade.

— Não falemos mais nisso! Agora, passou o perigo... o perigo imediato. É só descanso, cuidado. Nada de imprudências, seu Sezefredo!... E aqui está o nosso Sílvio para vigiá-lo.

Sezefredo Iberê olhou o neto de soslaio, franziu o sobrolho, e, por fim, balbuciou:

— Pelo muito que ele vai ficar aqui ao meu lado!...

— Como não?! — exclamou Leopoldo Graça com segurança.

— É questão de uma noite, duas no máximo, até o senhor se sentir de novo inteiramente bem.

— Quanto a isso!...

— Não. Não. Fique em repouso... ouvindo seus discos, se quiser... mas, pouco. Uma meia hora no máximo.

— Daqui? — indagou o velho Sezefredo como se tivesse forças para se levantar naquele momento.

— Claro que sim! — respondeu Leopoldo Graça sem vacilar

— Sílvio mudará os discos, conforme suas indicações.

— E me quebrará a vitrola... tanto mais quanto o dispositivo automático não está funcionando.

— Qual nada! Então o Sílvio não sabe fazer funcioná-la? Sílvio sacudiu a cabeça em sinal afirmativo. O avô, porém, preferiu ranzinzar:

— Deus me livre! Lá quero ver meus discos quebrados?!... Imediatamente, Sílvio pensou: “Não se trata de nada disso. É que ele tem quem ponha os discos...”. No entanto, quando o jantar terminou e Sílvio reapareceu na porta do quarto, o velho Sezefredo não teve um instante de vacilação. Falando baixo, como se não quisesse que ninguém mais a não ser ele ouvisse suas palavras, murmurou:

— Vamos ver se o “senhor” é capaz de me fazer ouvir a ix Sinfonia de Beethoven inteira, sem arranhar nenhum dos discos...

•

Sílvio levou longo tempo pondo e tirando discos para o avô. Longe de aborrecê-lo, porém, aquilo foi uma espécie de alívio. Só assim retardaria o momento de pensar no que sucedera naquele dia entre ele e Heitor. Preocupado em não deixar cair ou arranhar os discos, em mudá-los no momento exato, também não prestava grande atenção à música em si. Aliás, não lhe poderia dizer grande coisa. Naquela noite, o avô escolhera aquela peça sinfônica que não falava senão de muito longe ao seu estado de espírito. Além disso, ao mesmo tempo que vigiava os discos, fora obrigado a passar os olhos numa lição que tinha para o dia seguinte, devendo ser ele o primeiro chamado e sabendo bem que, de manhã, ao acordar, não teria coragem.

Assim, logo que o avô, atendendo à insistência de dona Mercedes, concordara em dar por terminada a sessão musical, correria para a cama, disposto a dormir. Não só estava com sono, como, acima de tudo, queria evitar de pensar nos acontecimentos do Colégio e do “porão” que, até aquele instante, tinham ficado na sombra.

Então, o fato mil vezes repetido na vida de cada um de nós, sucedeu mais uma vez. Batido pela vivacidade das recordações, o sono fugiu, assim que Sílvio se deitou. Como se estivessem contidas, reprimidas, as tristes lembranças daquele dia irromperam no instante mesmo em que pôs a cabeça no travesseiro, cuidando que ia dormir. Momentos depois, sentia-se insone, capaz de passar a noite toda acordado.

Primeiro, foi a recordação dos fatos sucedidos, das palavras ásperas de

Heitor no recreio, da injustiça desnorteante da conversa que tinham tido, do silêncio hostil de Heitor quando aguardava de sua parte uma palavra reforçando o convite para jantar e apagando, por um gesto discreto de reconciliação, todo o passado ingrato daquele dia.

Não tardara a passar dessas lembranças imediatas para outras, mais longínquas e não menos dolorosas. Era evidente, impossível deixar de ver: Heitor se afastava dele a olhos vistos. Uma amizade em declínio, enquanto a sua só fazia aumentar com os dias, com o contato dos Torres, com seu amor por Mônica. Heitor se desinteressava dele, não o tinha mais como um dos eixos de sua vida. Desde o episódio da iniciação sexual, meses antes, aquele processo de afastamento vinha se intensificando, exatamente como se já estivessem se realizando seus secretos temores de abandono e separação. Não existia, sem dúvida, mulher alguma na vida de Heitor: apenas conhecidas de ocasião a que ele próprio não dava a menor importância, meras estações de parada numa viagem de extensão provavelmente muito longa. Mesmo assim, pareciam já ter influído em sua vida, na exclusividade das amizades que dedicava a ele, a Cândido, aos seus em geral, a Mônica em particular.

Aliás, pensava Sílvio a contragosto, Heitor começava a surgir diante de todos diferente do que sempre fora. Muitos já o tinham notado. O próprio Cândido conversara com ele àquele respeito. No momento, por questões de solidariedade, sentira-se na obrigação de discordar. Raciocinando porém, avaliara bem a justeza dos reparos do amigo e lastimara por Heitor, como se as modificações apontadas fossem de grande importância, quem sabe mesmo de natureza a diminuí-lo no seu conceito.

Agora, era ele próprio quem fazia as observações. E seu sofrimento, naturalmente, crescia com isso. Heitor evoluía, perdia certas características, algumas das quais podiam ser consideradas essenciais na determinação de sua personalidade. A rebelião de Lauro, aflorada naquela manhã, estava latente em muitos que não ousavam falar ou esperavam apenas por um sinal. O domínio exercido deixara de ser espontâneo, leve. Cedendo à tentação de apoiar demais, sobretudo em ocasiões delicadas, quando um maior tato se impunha, comprometia seu prestígio, arriscando mesmo se tornar antipático, tirânico. Se o vento político do momento tendia em geral nesse sentido, não seria nunca entre os alunos do quinto ano ginasial do Colégio São Luís de Gonzaga que uma orientação assim, gritantemente autoritária, poderia encontrar clima favorável. A oposição ainda não se formara, mas ele, Sílvio, para quem o cuidado por Heitor era uma preocupação constante, já a sentia medrando na sombra há várias semanas.

Infelizmente, não era possível abrir os olhos do amigo. Cego de confiança em si mesmo, acreditando todos os colegas tão devotados a ele quanto Cândido ou ele, Sílvio, não via nada do que estava sucedendo. Nem permitia que ninguém lhe abrisse os olhos. O caso daquela manhã fora concludente: considerava como uma traição seu depoimento, insignificante e honesto, menosprezando-o diante de todos e, ainda por cúmulo, ficando magoado, como se tivesse sido ele o ofendido. Fora mais longe: sem nem sequer admitir a possibilidade de ele ter suas razões próprias, pessoais, censurara-lhe o procedimento usando palavras cruéis, destratando-o em sua própria casa.

Em seguida, como se não percebesse nada do que fizera ou não nutrisse mais o menor sentimento positivo em relação a ele, deixara-o sair sem uma palavra de amizade, de simples camaradagem... O procedimento de Heitor deixara-o perplexo. Afinal, que se passava com ele? Teria realmente sentido tanto o gesto de revolta, as recriminações de Lauro? Então, por que não o dissera, no porão, por que não se explicara cabalmente? Julgaria inútil, por ter certeza de sua fidelidade incondicional, daquilo que Abdias Fontoura ousara chamar sua “subserviência de cão manso”? Heitor falara: “Sílvio não sou eu”... Queria dizer que não tinha mais nada a ver com ele, que não se considerava mais solidário, amigo? Falara também: “Sílvio não sabe o que diz... ou não sabe o que se passa em minha casa”... Se ele não sabia o que dizia, é que não valia mais grande coisa a seus olhos, é que não tinha nenhuma importância, é que as afirmações de pessoas subservientes como cães mansos não tinham interesse algum. Heitor o tratara mal, não havia como negar. O próprio Cândido, ao intervir na conversa para desviar-lhe o rumo, fizera-o como quem defende uma criança dos golpes de um brutamontes. Tivera pena do “cão manso” que levava um pontapé na sua frente e não ousara reagir por “subserviência”? Não teria chegado a compreender que, realmente, fora por amizade que calara? Sílvio sofria, sangrava àquelas recordações. Não esperara aquilo de Heitor. Era como se tivesse sido traído, irremediavelmente traído por alguém em quem depositara confiança ilimitada. De outro qualquer, talvez ainda aceitasse. De Heitor, não. Era mesmo uma ideia com a qual sentia que não podia viver.

Antes de conhecê-lo, não esperava grande coisa de ninguém. Não confiava em nenhuma das pessoas que conhecia, a não ser, talvez, no avô que, apesar de duro e maníaco, tinha coração grande e o estimava muito, a seu modo. No mais, todos lhe eram indiferentes. Ora, o encontro de Heitor transformara da noite para o dia todo o mundo em que vivia, dando-lhe uma nova realidade. Passara a confiar em Heitor e em sua amizade com uma tal cegueira que por seu intermédio penetrara, quase sem o sentir e poder explicar, no reino do amor, até então

totalmente vedado a seus passos. Fizera novas amizades, começara a compreender por toda parte e, principalmente, em sua própria casa, uma série de coisas que antes não compreendia. Sorrira, crescera, amara. Olhara para as pessoas com simpatia redobrada, sentira prazer em viver, em participar da comunhão dos seres criados.

De todo esse mundo novo, Heitor era a chave e o centro. Sem ele, sem sua amizade, certa e segura, esclarecida e orientadora, nada tinha sentido, não havendo mais finalidade em ato algum que praticasse. A própria Mônica, que um dia seria inteiramente independente em sua afeição, absorvendo-o por completo, então ainda existia em função do irmão. Heitor era tudo. Dedicar-se a ele, compartilhar de sua amizade, acompanhá-lo incondicionalmente em todos os seus passos, defendê-lo se necessário, não era uma obrigação que se impunha e, sim, o maior e o mais puro dos prazeres.

Sempre notara desigualdade entre sua amizade e a de Heitor. Nada de estranhável nisso... De uma vez por todas, decidira que não se tratava de uma diferença de qualidade de amizades, apenas de natureza das pessoas. Heitor era um, ele era outro, fundamentalmente diverso. Tudo o que nele seria egoísmo, em Heitor era feitio natural. Se para ele amizade exigia exclusivismo, com o outro se dava fenômeno quase absolutamente oposto. Fora por isso, talvez, que Cândido não aparecera a seus olhos como um rival, mas como um amigo indispensável de Heitor. Sofrera apenas no início. Logo o aceitara. Acabara sentindo por ele uma afeição sincera que podia chamar, sem mentir, de amizade. E Heitor pudera ter diversas outras amizades sem que pusesse em dúvida a legitimidade do sentimento do amigo.

A crise viera com o episódio da iniciação sexual que reavivara pequenas dúvidas e explodira num movimento de dor absolutamente em desproporção com o incidente em si. Esquecendo o juramento feito, insistindo mesmo para que o acompanhasse no caminho de renegação do ideal proposto, Heitor só fizera evidenciar quanto o tinha em pouca conta, como estava se distanciando dele. Não pensava nele, muito menos no que lhe dizia. Conversavam à toa. Heitor só fazia o que passava pela cabeça, senhor absoluto, juiz único de suas ações.

Não falavam de outra forma fatos subsequentes, de importância sem dúvida diminuta, mas, assim mesmo, significativos. Não falavam noutro sentido — e dessa vez irretorquivelmente — os incidentes daquela manhã e daquela tarde, a primeira briga séria que tinham tido. Tudo aquilo reunido trazia a Sílvia uma certeza, seguramente a mais triste das que poderiam acometê-lo: não era correspondido em sua amizade.

Por certo, Heitor era seu amigo. Não podia dizer que não. Entre sua amizade e a de Heitor descobrira, porém, um tal abismo que não se conformava mais em empregar a mesma palavra para designar coisas tão dessemelhantes. Pelo uso do termo comum, tinha a impressão de estar degradando, traindo seu sentimento. Não era possível equipará-lo ao de Heitor.

Pensando bem, eram coisas totalmente diferentes. Heitor o estimava, Heitor o defendia, Heitor era capaz de fazer sacrifícios por ele. Contudo, não vivia com o pensamento nele, não precisava de sua presença como se precisa de luz e de ar, não sofria por sua causa sempre que o via triste ou contrariado, não o procurava seguir em seus pensamentos, em suas pequenas manias e esquisitices. Em uma palavra: Heitor não procurava viver sua vida, como ele tentava fazer em relação à vida de Heitor.

Lembrava-se bem: devia a Heitor o que poucos seres humanos já deveram a outro ser humano. O amigo, como que o levando pela mão, carinhoso como o seria com um cego ou com uma criança, tirara-o de um túnel tenebroso para inundá-lo de sol, da luz clara das manhãs da vida. Dera-lhe quase tudo o que tinha naquele instante: dera-lhe a amizade que tinha por ele, Heitor, dera-lhe o amor por Mônica. A verdade mandava, porém, que reconhecesse: dera tudo isso sem se dar a si próprio. Ficara. Não se lançara no turbilhão. Não o acompanhara no seu movimento irrestrito de afeição e amizade. Como se não quisesse se arriscar, parara, deixara-o caminhar sozinho pelas planícies ensolaradas. Não percebera que o julgava ao seu lado, caminhando em silêncio? Tivera medo de falar, de perturbar o amadurecimento do fruto que ele próprio provocara? Ou calara por egoísmo, pela certeza de que aquela amizade jamais seria renegada? Fosse pelo que fosse, o fato é que ficara caminhando só e agora não podia esconder a triste realidade: tinham se distanciado demais um do outro. E ele estava a muitos milhares de quilômetros de Heitor, perdido numa região sem acesso ao comum dos mortais — uma região de onde, tal como iria constatar com o decorrer dos dias, não havia regresso senão pelo mais miserável dos caminhos: a negra estrada da renegação. As aparências podiam iludir, ainda. Já não tinha mais no entanto a menor dúvida, sua amizade não fora, não era, não seria jamais correspondida.

•

Sílvio está deitado de bruços, a cara mergulhada no travesseiro, inteiramente insone. A cabeça arde, em fogo, e nenhuma ideia o pode aliviar. Pobre Sílvio Iberê, pobre menino de mal completos dezesseis anos em quem a vida deixa hoje, nesse batismo da amizade que se reconhece incorrespondida, sua primeira marca indelével, talvez uma das

mais dolorosas que tenham saído de sua irrefreável imaginação. Pobre Sílvio Iberê, pobre “*queer bird*” do mundo de lá, sinto que temos tanto em comum, sinto que poderia dizer para teu alívio momentâneo tantas palavras que são de minha própria vida, da vida de tantos de nós... Minha voz seria um consolo para tua dor tão aguda, tão íntima de outras que senti e deixei doer em mim até a exaustão. Minha confissão, meus pequenos amargores, minha experiência, mesmo a mais insignificante palavra que proferisse a teus ouvidos, serviriam, seriam um amparo para o desalento deste teu instante. Vejo teu rosto, feio e triste, se erguendo, agradecido, e não vejo mais rolarem em tua face as lágrimas de há alguns segundos. Vejo que tuas mãos se unem para me pedir um conselho e não vejo mais na tua expressão o ricto de desespero apaixonado que tanto amargura os confessores de adolescentes. Vejo teus lábios se movendo para a súplica das palavras que te ajudem a fugir da escravidão, do martírio em que te envolveram e aprisionaram a honestidade dos teus sentimentos de menino ainda intocado pela impureza da vida e não vejo mais, em mim, nenhuma força viva que se oponha a essa conversa entre irmãos condenados.

Contudo, não. Meus lábios não se descerrarão ante a tua virgindade de intratável. Nem serei em relação a ti esse “matador de cisnes” em que os homens da nossa civilização foram aos poucos se transformando como uma preparação para a fase da agonia... Separa teus lábios, solta tuas mãos, mergulha de novo teu rosto no travesseiro, e sofre. Sofre teu destino, tua maldição sem igual. Não te estenderei a mão cúmplice, não te direi a palavra do compromisso, da fuga e da traição. Sofre a amizade, sofre o que te foi reservado pelo amor daquele que é só Amor. Não te virá de mim o alívio, a evasão. Somos dois em um, e não serei eu a te abandonar neste instante de cumprimento do destino, de salvação ou de danação eterna. Caminha na sombra, caminha na dor: sofre a amizade. Não te virá de mim a fuga, por mim a traição não conseguirá chegar até junto de ti. Caminha como um homem, caminha envolto no sofrimento: não renega a amizade. Não te virá de mim a covarde libertação. São as alegrias, são as glórias do mundo que te oferecem em troca de tua renúncia: sê, porém, fiel, respeita teu coração, sofre a amizade, caminha em silêncio. E eu estarei contigo até o fim, seguindo de joelhos as tuas pegadas, uma a uma beijadas porque muitas delas são minhas e, em mim, nada é mais forte do que a recordação de tê-las deixado pelo caminho.

Pequeno e humilde Sílvio Iberê, rola a noite inteira em tua cama intranquila, amarfanha os lençóis, verte todas as lágrimas que teu coração sincero puder verter, sofre, sofre, suporta enquanto puder suportar a tua capacidade de ser homem. Tua vida insignificante não terá momento mais elevado, teu destino pequeno jamais se cumprirá

melhor. À tua volta ou longe de ti, os homens construirão ruidosamente suas existências, edificando lares, destruindo lares, formando fortunas, extinguindo fortunas, levantando cidades, arrasando cidades, fazendo barulho, agitando questões, pronunciando palavras altas e sonoras, grandiloquentes e vazias. Junto deles, não terás lugar porque não te quererão ouvir. Mal olharão para teu rosto mesquinho, para teu vulto escasso. Dar-te-ão o desprezo que aos olhos deles merece tua posição, teu vago esforço, inútil e comprometido por uma má vontade social quase sistemática. Dirão que tua vida é a de um ser falhado, e nenhum deles terá mentido. Dirão muitas coisas contra ti e, ainda aí, a razão estará com eles. Abaixa então a cabeça, e aceita. Sofre. Sofre porque tua grandeza está desde o início em ti mesmo, nessa imensidade escondida do olhar contaminado dos homens, nessa amostra de divindade que te leva a chorar neste instante, o corpo contraído, a cabeça mergulhada no travesseiro, inteiramente insone, talvez não muito longe de cair de joelhos diante daquele que, para o amor como para a amizade, veste o nome de Amor...

IV

os dias subsequentes, quando veio a saber que Sílvio e Heitor estavam ressentidos um com o outro e que, apesar das tentativas de Cândido para reaproximá-los, continuavam afastados, mal se falando na presença de terceiros, Padre Luís se entristeceu fundamente, como se descobrisse naquele fato, aparentemente sem a menor importância, o sinal de toda uma desorganização, o prenúncio de uma derrocada que nunca esperara ver. Mais alguns dias — previu então num dos seus habituais assomos de pessimismo — e a crise estaria desencadeada. A batalha que tanto procurara impedir, nada mais podia evitá-la. Seria que não bastara a decepção proporcionada por Ângela, dias antes? Teria de assistir também à derrocada daquela amizade, isto é: ao desmoronamento das bases sobre as quais fundara suas esperanças de reconquistar Sílvio e Heitor (e outros, através deles...) para o reino de Deus? Assim, o “espírito da terra” no qual tanto confiava, de que teria servido? E ele, Padre Luís, ainda naquele caso, iria novamente fracassar?...

•

Sílvio Iberê, Padre Luís o conhecia bem. Apiedava-se dele. Ultimamente mesmo, em poucas almas daquele Colégio pensava tanto quanto na dele. Estranha, inabordável. Por intermédio de Heitor, fora posto a par da sua

triste sorte. Adivinhara o ambiente hostil e incompreensível em que vivia, tudo o que havia de defesa instintiva em suas esquisitices. Entendera perfeitamente sua sede de amizade e devotamento, admirara a grandeza pouco comum de seu coração de menino sensível, diferente.

No contato direto com ele — contato forçado, lento, pois a resistência do aluno do segundo e do terceiro ano fora enorme, uma vez que via nele apenas o padre que o queria levar para as grades do confessionário —, só fizera reforçar essa impressão favorável, quase entusiástica em relação à sua natureza. Aprendera a estimá-lo, a procurá-lo. O outro viera vindo aos poucos, mesmo assim com reservas, sobretudo mentais. Acima de tudo, considerava-o sacerdote, e Padre Luís sabia que nisso o neto do velho Sezefredo Iberê era clarividente, pois, realmente, ele nunca perdia de vista a possibilidade de conquistar aquela alma desorientada, ainda que essencialmente disponível.

Pensava e dizia “conquistar” porque, na verdade, não era possível falar de reconquistar, como na maioria dos casos semelhantes. Reconquistar Heitor, reconquistar Jônatas, reconquistar vários outros, sim. Mas, Sílvio? Não era possível dizer que jamais tivesse sido coisa alguma, crente ou ateu. Já entrara para o Colégio sem fé. Fizera sua Primeira Comunhão muito menino, por determinação de dona Mercedes, que também lhe ensinara as poucas orações de que ainda se lembrava. Em matéria de educação religiosa, fora tudo. No Colégio, não quisera ouvir falar em nada que se relacionasse com práticas religiosas. Concedia que acreditava em Deus, mas era só. E explicava singelamente que preferia se arriscar a um castigo no outro mundo do que aparentar sentimentos que não tinha. Não era nenhum hipócrita, jamais o seria.

Assim, pensava Padre Luís, não se podia falar em conquistá-lo, apenas em conquistá-lo. Sua vida religiosa, além de particularmente exígua, fora sempre convencional. Tão superficial mesmo que se podia dizer que nunca existira. Para ele, somente os valores da terra tinham sentido. Se só as coisas muito elevadas o tocavam, era sempre no plano do puramente humano. De fato, se havia um ser, ali naquela turma, no qual “o espírito da terra” vivia em exclusividade, era ele.

Nascia daí, justamente, a dificuldade de conquistá-lo. Por mais que se esforçasse por interessá-lo, por despertar ao menos sua curiosidade — em geral tão aguçada para as questões dignas de atenção —, sentia que fracassava lamentavelmente. O menino desconfiado e indócil como que escapava por entre suas mãos, sempre que o procurava tocar num ponto vulnerável. Dir-se-ia que temia ouvir certas palavras, como se fossem fortes demais para seus ouvidos. Recearia realmente ver sua inconsciência perturbada ou apenas não se interessava de modo algum

por nada que não fosse a realidade imediata? A ojeriza de Sílvio pela música não o preocupava. Conhecia ou pensava conhecer sua razão de ser: a mania do avô, a atmosfera sem ar em que vivia envolvido, praticamente asfxiado. Disso provinha a aversão, nunca do pretensão materialismo da sua natureza, proclamado pelas pessoas de casa e no qual tantos acreditavam piamente, inclusive o ex-reitor que, no entanto, por outro lado, gostava muito de Sílvio e muito fizera por ele.

De qualquer forma, Sílvio era muito diferente do que em geral se pensava. Talvez por isso Padre Luís o lastimasse tanto. Nascera para sofrer. Jamais poderia fugir a essa marca. Sem dúvida, todos os homens tinham na terra, por destinação — ele o sabia bem —, sua parte de dor. Era da lei humana, da “lei dos membros”. Algumas criaturas, porém, vinham ao mundo especialmente marcadas para o sofrimento. Sílvio era, evidentemente, uma delas. Fizesse o que fizesse, jamais escaparia a esse sinal tão misteriosamente apostado a seu ser pelas mãos misericordiosas da Providência, por aquelas mãos divinas que tinham provavelmente sobre ele algum desígnio particular. Teria de sofrer até que fosse chegada a hora da libertação. Teria de suportar a incompreensão, o egoísmo, a falta de amizade dos homens. Teria de padecer muito, de atravessar desertos crudelíssimos, areais desesperadores, até que o horizonte clareasse um pouco e a vida se dignasse lhe sorrir. Teria de viver sua pequena Paixão, como era o destino de quase todas as naturezas privilegiadas.

Fora por prever esse fadário, que Padre Luís se alegrara tanto com a amizade surgida entre Sílvio e Heitor assim se tinham conhecido e que, com os dias, só tinha feito se solidificar. A mudança produzida em Sílvio, sensível a todos, não poderia ter passado despercebida a Padre Luís. E, se sua admiração por Heitor crescera tanto no decorrer desses meses, forçoso era reconhecer que o benefício por ele prestado ao novo amigo entrara como um dos fatores preponderantes.

A capacidade revelada por Heitor de compreender Sílvio e sua natureza cheia de estranhezas, de conquistar sua confiança e oferecer terreno sadio para o desenvolvimento de uma grande amizade, tinham-no alteado enormemente no conceito do padre. Se o rapaz, além das outras qualidades que já lhe conhecia, era capaz de uma amizade daquelas, é que valia mais ainda do que pensava. Subestimara-o, apesar da restrição não ter sido consciente.

De qualquer modo, a amizade entre os dois, posta à prova no correr dos meses imediatos, tranquilizara-o muito em relação a Sílvio e à sua tendência ao sofrimento. Por outro lado, como Cândido lhe tivesse falado na existência de Mônica e no evidente sentimento de Sílvio por

ela, ainda mais se rejubilara. Não obstante tivesse sabido, depois, pelo próprio Heitor, que a irmã não parecia corresponder ao amigo, tendo por ele, apenas, uma grande e fraternal amizade, mantivera sua esperança. “Coisas ainda por se decidir”, pensava Padre Luís sem dizer nada. “Coisas que, em meninos dessa idade, felizmente, estão apenas em início de desenvolvimento...”.

Tempos depois, vira a primeira sombra sobre a amizade entre Sílvio e Heitor e, inexplicavelmente, não a reconheceu. Por uma indiscrição de Maurício Amarante, soubera da iniciação sexual de Heitor e de uma suposta briga que entre ele e Sílvio teria havido, dada a recusa de Sílvio em acompanhá-lo.

Inquieto, conversara com Heitor a esse respeito, disposto a pedir-lhe que, mesmo que pretendesse prosseguir naquele caminho de pecado, não insistisse mais com Sílvio. O outro logo o tranquilizara: não houvera briga alguma, eram mexericos e mais nada. Ele e Sílvio continuavam se encontrando, na melhor das harmonias. Apenas, ele tinha seus pontos de vista, Sílvio os dele.

Heitor falara com toda a sinceridade — na ignorância em que estava da mágoa guardada pelo amigo. E a conversa não fora adiante. Padre Luís saíra um pouco mais confiante no futuro. Pura ilusão, todavia: a crise já vinha a caminho. Vira a sombra sem a reconhecer e só por isso conseguira ficar descansado. Tanto assim que quando, na manhã do dia da morte de Armando Paiva, sentira de repente que em qualquer parte da cidade havia alguém que, naquele instante, estava em desespero, precisando dele, de sua palavra de redenção, pensara num grande número de almas conhecidas, mas nem uma só vez em Sílvio. Quando muito, evocando as criaturas desorientadas que recorriam ao seu confessor ou que dele se tinham afastado, tivera momentos de inquietação ao pensar na turma do “espírito da terra”, tão diferente das outras e, no entanto, já começando a dar sinais de desagradáveis transformações. Mesmo assim, insistiu, cuidara na turma em geral, não nele, Sílvio. Evidentemente repousava, confiante, seguro. Heitor Torres, chefe por natureza, amigo por eleição, não estava velando por ele, pronto a lhe estender a mão sempre que necessitasse?... Agora, a triste verdade aparecia ante seus olhos. Juntava fatos, ligava recordações, pequenas indicações soltas e insignificantes, ouvia considerações de Cândido, de Jônatas, de uns e de outros, interrogava Heitor, interrogava Sílvio, e de tudo isso só podia concluir que, apesar dos fatos recentes serem mínimos, quase nulos em si, a crise vinha se processando de há muito, correspondendo a realidades interiores da vida de cada um que não podiam ser desprezadas nem contornadas. Enquanto ele, Padre Luís, ficara assistindo ao desenrolar de acontecimentos puramente exteriores,

muita coisa se modificara no íntimo de Heitor. Era doloroso de reconhecer, sem dúvida. E para Sílvio seria talvez a morte ou, pelo menos, o fim do mais belo sonho de sua vida. Todavia, como continuar a esconder, a disfarçar? Como, se à própria consciência de Heitor já aflorara essa triste, essa insuportável verdade: por mais que quisesse, não podia corresponder à amizade de Sílvio?...

•

A esse respeito, na explicação que tiveram, Heitor foi absolutamente sincero com Padre Luís, se esquecendo quase totalmente da diferença de idade e de condição que os separava.

— Padre Luís — disse Heitor lá pelo meio de uma conversa que começara difícil, arrastada e já agora corria livremente —, o senhor sabe bem que ninguém é mais amigo de Sílvio do que eu. O que ele fez comigo, não se faz, mas não tem importância, já passou... O que há, é outra história. O senhor compreende, são duas coisas impossíveis: ser amigo de Sílvio e viver...

— Viver?! — exclamou sobressaltado Padre Luís, lembrando-se de súbito de ecos de discussões passadas, mais ou menos distantes: Ivo, Roberto, Branco, Antônio, Sérgio Vilar, quantos outros!...

— Viver, cuidar de outras coisas que não ele, Sílvio — positivou Heitor chamando Padre Luís à realidade.

— O senhor compreende: Sílvio quer limitar a vida à nossa amizade e isso não é possível. Há outras coisas, há outras pessoas... Padre Luís sorriu, compreensivo. Sim, sabia bem, a tragédia da amizade era aquilo, nada havendo de mais cruel no mundo: os olhos de um deixam de ver o que antes ambos viam, os olhos do outro passam a ver o que antes nenhum dos dois via. Discussões, queixas, reclamações, o vaivém dos direitos pessoais que cada um começa a reclamar... e acontece que, ao longo do desenvolvimento desses desencontros, a amizade morre sem que se o perceba.

Diante do silêncio meditativo de Padre Luís, Heitor prosseguiu:

— O senhor não sabe o que são as exigências de Sílvio!

— Exigências?...

— Aparentemente, nada. Sílvio é dócil, aceita tudo o que eu e Cândido queremos fazer. No entanto, chegue-se mais perto para ver. É uma vigilância sobre mim, um controle dos meus atos, dos meus sentimentos, até mesmo dos meus pensamentos... que não é possível suportar! O senhor creia, tentei, aguentei muito tempo, meses, anos até. Sílvio ao

meu lado, Sílvio atrás de mim, Sílvio defronte de mim, Sílvio por perto, era sempre, sempre a mesma coisa: Sílvio exigindo amizade, cobrando amizade, dando amizade, vivendo só de amizade e querendo que eu também vivesse só de amizade!... Sem se poder conter — talvez sem refletir que, para tudo aquilo ocorrer à mente de um adolescente como Heitor, era forçoso que se estivesse passando com aqueles dois rapazes alguma coisa de muito estranho, de absolutamente incomum —, Padre Luís exclamou:

— Mas isso é tão bonito, Heitor!

— Bonito?

— Você não acha?

— Bonito? — tornou a repetir o outro sacudindo os ombros.

— Bonito, sim. Mas não é tudo, não. Há uma multidão de outras coisas que também são bonitas, que valem a pena... que me interessam! Que eu quero ter!...

— Serão tão bonitas quanto? Heitor hesitou, tentado. Evidentemente, porém, alguma coisa nele falou mais alto do que o desejo de ser sublime, de produzir uma impressão favorável. Sorrindo, respondeu:

— Pelo menos, são mais fáceis, mais agradáveis, não põem a gente nesse estado de excitação, de constante crise em que Sílvio tanto gosta de viver...

— Heitor!

— Mas não é, padre? Parece que Sílvio gosta, procura. Ele, ultimamente, sofria quando nossas relações estavam correndo perfeitamente bem. Era como se estivesse sentindo falta de alguma coisa.

— Quem sabe... — tentou em vão comentar Padre Luís.

— Essa coisa... não era eu. — prosseguiu logo Heitor.

— Era, sabe o senhor o quê? Uma pequena briga, um motivo de queixa... por mais insignificante... imaginário, às vezes... Irritado com a frieza com que Heitor falava, pondo a nu diante dele, sem o menor escrúpulo, a alma dolorida do amigo, Padre Luís o interrompeu com decisão:

— Essa coisa de que Sílvio sentia falta... não terá sido, antes, sua amizade? Heitor curvou a cabeça com naturalidade, como se aquela ideia já lhe tivesse ocorrido. Limitou-se a acrescentar:

— Talvez...

— Por que “talvez”?

— Porque eu continuo a me considerar amigo dele.

— Amigo? Claro!...

— Amigo ao meu modo, padre! Não ao dele, que é absurdo, impossível...

— Mas você certamente não achava o mesmo há um ano atrás... há seis, há três meses! Heitor hesitou. Padre Luís falara em um ano, depois em seis, em três meses, como se fosse a mesma coisa. Ora, tudo mudara tanto naqueles últimos tempos! Como tinha mudado, santo Deus! Há um ano? Há dois?... Que é que era a vida, afinal, se as pessoas se transformavam daquele jeito em tão pouco tempo? E como é que Sílvio não via aquilo, não sentia, não compreendia que uma amizade de meninice, de primeira adolescência, tinha de ser diferente de uma amizade de plena adolescência, de mocidade? Podia-se ser ingênuo àquele ponto? Até um ano antes, ainda se entendia. Mas agora, já com dezesseis anos? Que é que a vida lhe ensinara, afinal de contas?... A conversa ainda se prolongou um pouco, mas Heitor não disse mais nada que o padre já não soubesse. O caso lhe parecia julgado. Tristemente julgado. Restava apiedar-se de Sílvio, restava procurá-lo para, com jeito e ao longo de dias e dias de uma preparação cuidadosa, levá-lo a olhar a realidade face a face, aceitando-a com resignação.

•

Foram vãs as tentativas de Padre Luís de arrastar Sílvio, no decorrer daqueles dias, para uma conversa mais íntima a respeito da sua amizade com Heitor e da orientação catastrófica por ela recentemente tomada. Com Heitor, tinha sido fácil falar e, logo às primeiras palavras, todas as queixas haviam irrompido. A intimidade fora absoluta e nada ficara por dizer.

Já com Sílvio, sucedeu coisa inteiramente diversa. Não se recusou à conversa, nem foi impolido. Pelo contrário, agradeceu mais de uma vez o interesse denotado. Falou mesmo como se estivesse muito reconhecido, inclinado de coração a dizer tudo o que achava. Era impossível, porém, deixar de perceber quanto e como fugia, sempre que ele parecia rumar para algum ponto essencial, alegando que nada houvera entre ele e Heitor, a não ser uma rusga de momento, gerada por um movimento de amor-próprio ferido. Heitor se sentira magoado, reagira violentamente. Ele, Sílvio, não tinha culpa alguma no caso. Não iria ser ele, portanto, a pedir desculpas. Nem muito menos, a dar os passos de praxe para a reaproximação. Heitor que decidisse por si. Não fora quem inventara

tudo? Aliás não acreditava na duração daquela tolice. Nem lhe atribuía a menor importância. Dentro de alguns dias, estaria tudo resolvido.

Essas últimas afirmações, Heitor também as fizera a Padre Luís. No entanto, enquanto Heitor falava com sinceridade, Sílvio mentia conscientemente. Ora, ainda que nem por um momento se deixasse enganar, o padre não sabia o que dizer, como fazê-lo chegar a uma confissão honesta do seu estado de espírito.

O que se passava com Sílvio, a razão do seu disfarce, não era difícil de compreender. Padre Luís o percebia tão bem mesmo que lhe faltava coragem para denunciar aquela mistificação. Aquele menino estava sofrendo tanto que nem mesmo suportava que mãos amigas lhe tocassem na ferida. Confessar que percebera o movimento de recuo de Heitor, discutir-lhe os sintomas mais do que evidentes, queixar-se a terceiros, eram coisas impossíveis à sensibilidade de Sílvio. Quem sabe mesmo receava que a conversa com um homem como Padre Luís, conhecedor de tantas intimidades da vida de ambos, o levasse a acusar Heitor, a responsabilizá-lo pelo desenvolvimento desastroso que a amizade entre eles começava a tomar. Diante desses perigos, só havia uma atitude a adotar: o silêncio, o mais rigoroso silêncio a propósito de tudo que dissesse respeito a questões essenciais. Não gostava de agir desse modo com aquele padre que sempre fora de uma lealdade a toda prova em relação a ele, mas não era possível fazer de outra forma.

Tudo isso Padre Luís o compreendeu ao longo de duas conversas demoradas. Se não o tivesse percebido pelas palavras ditas, pelas numerosas reticências, por tudo quanto adivinhara durante determinados silêncios ou no fundo de certos olhares, bastaria o alívio que Sílvio estampara na fisionomia assim falara em ir embora. Estava tentando forçar o natural do rapaz. Era evidente. Também, não se enganava, nem agia ao acaso. Pensara muito antes de tomar aquela iniciativa e só se abalançara à empresa depois de medir todos os prós e contras.

Não só refletira longamente, como recorrera à oração, pedindo a Deus que o inspirasse naquele momento difícil. Chegara à conclusão de que devia falar com Sílvio, abrir-lhe os olhos sobre a situação, evitando que o abismo recentemente cavado entre ele e Heitor se aprofundasse ainda mais. Era no interesse de ambos que ia agir. Mesmo forçando um pouco a natureza suscetível de Sílvio, convinha tentar. O próprio interesse da turma do quinto ano estava em jogo.

Como sabemos, Sílvio não se deixou forçar. Padre Luís teve de se contentar com alguns conselhos vagos, aplicáveis a situações cujas

probabilidades de existência futura eram contestadas. E transcorreram alguns dias, vazios, monótonos, antes de se produzir qualquer alteração nas relações entre os dois amigos.

•

Foi Mônica quem promoveu as pazes temporárias entre Sílvio e Heitor. A par de tudo por intermédio de Cândido, insistira com o irmão para que procurasse Sílvio e desfizesse o “mal-entendido”. Heitor se recusara, alegando que nada houvera entre eles que assim se pudesse chamar. O que havia era, apenas, confusão, tolice e exagero por parte de Sílvio. Quando cansasse de “representar” de ofendido, viesse procurá-lo. Continuava sendo o mesmo de sempre.

Desistindo de conseguir qualquer coisa por esse caminho (aliás, conhecia bem a teimosia e o orgulho do irmão), Mônica resolvera tentar pelo lado de Sílvio. Também era teimoso, mas ela sabia como manejá-lo.

Uma tarde, depois de Heitor e Cândido terem chegado do Colégio, telefonara para Sílvio dizendo que precisava lhe falar um momento, com urgência, e o esperava no portão de casa. Sílvio, se não adivinhou tudo, pelo menos percebeu que Mônica queria abordar o assunto perigoso. Em um dia comum, talvez tivesse recusado. Naquela tarde, porém, sentia-se tão abandonado, tão ferido, que por mais que quisesse não poderia se recusar ao movimento de Mônica. Aquilo equivalia a um carinho e a um carinho, naquele momento, como mais tarde, ao longo de toda a sua vida, jamais conseguiria ficar indiferente. Resistir como? Sua existência até então fora outra coisa do que uma sede de carinhos, de movimentos sinceros de interesse? Os que sabem o que um vazio desses significa para certas naturezas especialmente talhadas para sofrer o amor ou a amizade, os que já atravessaram essa sucessão de desertos, poderão compreender sem dificuldade que Sílvio tenha ido quase correndo para casa de Mônica. E não se armarão de severidade para condená-lo pelo fato de ele saber mais ou menos que o que a menina ia lhe pedir representava uma capitulação, um desencadear de futuros novos sofrimentos.

Quando chegou à casa dos Torres, Mônica já o estava esperando no portão. Toda de cor-de-rosa, os cabelos esvoaçando, muito linda. E, antes que tivesse tempo de respirar, foi lhe dizendo que tinha um pedido para fazer, um pedido irrecusável...

— Depende... — respondeu Sílvio, percebendo sem dificuldade onde ela queria chegar.

Mônica riu, mas não se deu por achada:

— Não quero com “dependes”... Quero certo, promessa sagrada.

— Se eu puder... claro que sim.

— Você pode. É só querer.

— Mesmo assim... Enfim, vamos ver. Diz o que é. Riram ambos, já de acordo. Mônica insistiu:

— Promete primeiro.

— Seja.

— Então, está prometido? Você não volta atrás? Sílvia sorriu, sem querer positivar mais do que já fizera. Mônica explicou:

— Eu quero que você faça as pazes com Heitor.

— Nós não estamos brigados — objetou Sílvia com rapidez, como se estivesse se defendendo de uma acusação.

— Ora, Sílvia...

— Não há nada entre nós. Que eu saiba, pelo menos.

— Então, por que você não fala com ele como falava, não vem aqui de tarde como vinha?... Sílvia tornou a sorrir, capitulando. Mônica lembrou:

— Você prometeu, agora tem de cumprir.

— Ora, Mônica... mas...

— Não tem “mas”, nem “ora” — interrompeu Mônica com autoridade.

— Prometido é devido.

Sílvia lastimou o compromisso assumido, exatamente como se, no momento da promessa, já não soubesse que estava se arriscando àquilo mesmo. Ainda tentou escapar:

— Bem, prometido é devido. Amanhã ou depois, eu procuro Heitor.

— Não! — exclamou Mônica afetando indignação.

— Nada de escapatórias, seu engraçado! É agora que tem de ser. Heitor e Cândido estão estudando no porão... Sílvia teve um sobressalto, como se não esperasse por aquilo, e perguntou:

— No porão? Heitor e Cândido?...

— É. O que é que tem?

— Nada. Apenas, como é que vou chegar lá agora, assim? Afinal...

— O que é que tem? Você não costumava vir sempre?

— Vinha. Mas agora, desse modo, não dá jeito nenhum, compreende?... Mônica hesitou. Depois, seguindo seu instinto, que a enganou então como a iria enganar em tantas e tantas outras ocasiões importantes, resolveu mentir para facilitar a reaproximação entre os dois amigos. Sorrindo para tomar o ar de quem conta alguma coisa que não deve, confessou:

— Heitor já sabe de tudo. Eu falei a ele que ia chamar você.

— Foi? Na pergunta de Sílvio, não havia sombra de dúvida. Apenas, necessidade de confirmação. Sua fisionomia irradiava contentamento e por um instante Mônica temeu que o desenlace da aventura fosse evidenciar sua pequena impostura. No entanto, como não podia mais recuar e sua idade não lhe permitisse um maior discernimento das contrariedades que poderiam advir dali, confirmou.

— Ambos estão esperando. Parece que o exercício de amanhã para o tal padre de latim é muito difícil, não? Vocês fazem juntos.

Sílvio concordou. O fato, em si, era realmente verdadeiro. Mônica o ouvira da boca de Cândido, como um pedido de desculpas para a pressa com que se dirigia ao porão, em companhia de Heitor. Apenas, repetindo-o daquele modo, Mônica o transformava, conscientemente, numa espécie de convite que Heitor e Cândido tivessem dirigido a Sílvio.

Tanto assim que o rapaz, ao entrar no porão momentos depois, ainda sem jeito e mais tímido do que nunca, foi logo perguntando:

— Vocês vão entregar o exercício de latim? No rosto de Heitor, Sílvio não leu surpresa. Na verdade, o amigo ouvira passos na escada momentos antes e, pela porta entreaberta, avistara-o antes dele ter entrado. Estava portanto preparado e prevenira Cândido. Respondeu:

— Quem não vai?...

— Ouvi Domingos falar qualquer coisa... — murmurou Sílvio.

— Deve ser conversa fiada — objetou Cândido.

— E você?

— Acho que não vou entregar.

— Não? — perguntou Heitor com vivacidade.

— Por quê?

— É muito difícil... e tenho pouco tempo.

— A gente faz junto — sugeriu Cândido, solícito.

— Não adianta. É muito difícil. Só copiando de vocês... e o raio do padre percebe. Não adianta não.

A insistência de Cândido de nada valeu para convencer Sílvio. Serviu, porém, para estabelecer entre os três amigos um clima de entendimento, exatamente como se a intimidade antiga tivesse voltado de repente. A presença de Cândido evitou qualquer conversa direta entre Heitor e Sílvio e o estratagema de Mônica não foi percebido por ninguém.

Sem dúvida, Heitor estranhou a aparição de Sílvio. Julgava-o mais resistente, mais obstinado, incapaz de depor as armas daquele modo. Já que o fazia, porém, e de boa vontade, tanto melhor porque também ele estava saudoso e, sobretudo, cansado daquela birra inútil. A companhia de Cândido não lhe bastava. Acostumara-se à presença permanente, ao interesse, à verdadeira devoção de Sílvio. Precisava dele, gostava dele. Era esplêndido, portanto, que o amigo tivesse tido aquele movimento de humildade, de reconhecimento do próprio erro, porque, assim, resolvera o impasse do melhor modo possível.

O silêncio de Mônica selou o equívoco. Não fossem os acontecimentos que, desde o dia seguinte, se precipitaram calamitosamente, era bem provável que jamais a verdade fosse restabelecida...

•

Na manhã seguinte, ao chegar à aula de latim, primeira do horário, Sílvio se aproximou de Padre Ladário e explicou a meia-voz que não tinha tido tempo de fazer o exercício passado. Não falou como quem pede clemência, apenas comunica uma resolução, já inexoravelmente tomada.

Padre Ladário não respondeu nem uma só palavra. Mediu Sílvio de alto a baixo com olhar de desprezo e, com o dedo retesado, indicou-lhe a carteira para que se sentasse. Durante a chamada para a entrega dos exercícios, não pulou o nome de Sílvio. Apenas, assim o pronunciou, passou logo adiante, como se não estivesse presente, rabiscando um zero ao lado das suas outras notas.

Sílvio não deu maior importância ao fato. Estava satisfeito, disposto a

não se amolar à toa. No entanto, quando, no fim da chamada, viu Padre Ladário o fitar com a sua expressão de pior zanga, começando a falar em sua direção, pressentiu que podia esperar pelas mais sérias complicações. Vontade de sair correndo não lhe faltou. Conteve-se, no entanto, e escutou Padre Ladário dizer:

— Dessa vez, senhor Iberê, sua “conspiraçãozinha” falhou. Como viu, todos os seus colegas, sem exceção, entregaram o exercício. E com bons modos... Na aula, todos se tinham entreolhado, constrangidos. Sílvio abaixou os olhos, encabulado, sem saber se devia responder ou não. Padre Ladário, porém, não esperou pela sua resposta, continuando a falar:

— É bom que o senhor veja e não se esqueça: os tempos mudaram, acabou a época das “conspiratas”... Irritado com o termo, Sílvio não pôde deixar de protestar:

— Eu não quis fazer nenhuma conspiração, não senhor!...

— Cale-se! — bramiu Padre Ladário, a quem o tom de Sílvio irritara.

— Cale-se e ouça, se não quer sair da aula: provavelmente o senhor quis tentar uma reedição daquele episódio burlesco de outro dia... mas, saiu-se mal. E, se pensa que foi por ter ensaiado pouco, ou por o dia estar úmido, ou por qualquer outro motivo semelhante, engana-se. E eu vou lhe dizer o verdadeiro motivo... Houve um momento de suspensão. Todos adivinhavam mais ou menos a que Padre Ladário ia se referir. Mesmo assim, a ansiedade era grande. Sem querer perder o efeito preparado, Padre Ladário prosseguiu no mesmo tom de voz excessivamente elevado:

— É que, como já lhe disse, os tempos mudaram, ninguém mais nessa aula se arrisca a fingir de valentão. Ninguém! A última lição valeu. Todos compreenderam. Todos! Todos — menos o senhor, naturalmente, porque pelo que vejo por mim e pelo que me dizem outros professores, nunca compreende bem as coisas que vê ou que lê nos livros... Sílvio continuava de cabeça baixa, incapaz de tomar qualquer iniciativa. Sentia-se mais nervoso do que nunca, com imensa vontade de fugir. Era evidente que estava sendo insultado, injusta, absurdamente, mas não realizava bem como nem por quê. Esperava, prosseguia esperando, adivinhando fixos nele os olhos dos colegas. Depois de uma pequena pausa, Padre Ladário recomeçou, procurando encarar alguém:

— Todos compreenderam, todos? Ou houve alguém que não compreendesse? Sei me fazer respeitar, sei fazer respeitar as funções que me são atribuídas. Outros não sabem e, provavelmente, também se divertem brincando com os senhores de

“conspirar”... ainda que bem de longe! A alusão a Padre Luís pareceu clara a cinco ou seis alunos apenas. A maioria continuou imóvel, petrificada ante aquela saraivada de palavras ameaçadoras:

— Agora, porém, tudo é diferente. O reitor está inteirado de tudo e é dele que tenho carta branca para punir os senhores, todos ou qualquer um em particular. Basta uma palavra minha e zás!... é a expulsão.

A ameaça caiu com um peso tremendo sobre os alunos amedrontados. Inevencivelmente, todos voltaram os olhos para Sílvio. O mais elementar bom senso seria suficiente para tranquilizá-los em relação à possibilidade do faltoso ser expulso do Colégio somente por não ter entregue um exercício de latim. No entanto, o momento era de pânico: dá-se fé à mais inverossímil das notícias, temem-se sombras como se fossem apavorantes realidades. O próprio Sílvio, ao ouvir a palavra fatal, sentira um calafrio lhe correr pelo corpo.

Padre Ladário não tardou a concretizar seu ponto de vista, clareando involuntariamente o horizonte:

— Não receio, portanto, que nenhum dos senhores volte a incidir no erro de outro dia. Na hora, podia ser divertido. Agora, o preço se tornou por demais caro. Nenhum dos senhores ousará pagá-lo. Aliás, já estão muito velhos para criaçadas e todo o tempo é pouco para aprenderem alguma coisa... que não sabem nada, nada! Vamos pois à lição de hoje. Antes, todavia... Padre Ladário se deteve um instante fixando Sílvio, querendo falar-lhe diretamente. O menino continuava de olhos baixos, aguardando o fim da procela, sem acreditar no íntimo que fosse se ver livre tão facilmente daquelas ameaças.

— Sílvio Iberê! — terminou por exclamar Padre Ladário.

Sílvio ergueu os olhos e ia maquinalmente dizer que estava presente quando ouviu o padre continuar:

— Quanto ao senhor, muito cuidado... um cuidado especial. Estou de olho aberto, ouviu? E, como castigo dessa sua tentativa de reeditar cenas de indisciplina, traga-me amanhã, copiados em letra e sem nem um erro de vírgula, os duzentos primeiros versos de *Eneida*.

Houve um zunzum de espanto bem característico e Sílvio não pode deixar de pedir confirmação:

— Duzentos?...

— Sim, duzentos. E, como não sei se poderei vir aqui amanhã, quando entrar entregue a cópia ao padre reitor, a quem vou informar da punição

que lhe dei... para seu próprio bem.

Houve novo zunzum na turma. Dessa vez, Sílvio não perguntou nada. Olhou mais uma vez para o chão, desnorteadado. Ia pensar em qualquer coisa, num meio de evitar a ida ao gabinete do reitor, quando percebeu que Padre Ladário se dirigia novamente a ele:

— E agora, vamos ver se o senhor já melhorou um pouco nos seus conhecimentos de língua latina. Ficamos de travar conhecimento hoje com as *Catilinárias*. Vamos a elas!... Invencivelmente, Sílvio pensou: “Esse ‘vamos a elas!’ parece grito de homem atrás de mulher...”. Depois, refletindo que se tratava de um padre, sua delicadeza de sentimentos se sentiu tocada. Afastou a ideia com violência e, com o simples exercício de pronúncia a que foi submetido então, um novo pequeno martírio teve início...

•

No primeiro recreio, assim a fila debandou, Sílvio se viu rodeado, assediado de perguntas sobre o que ia fazer, se pretendia entregar a cópia, se não estava com vontade de mudar de colégio e outras questões do mesmo jaez. Antes que pudesse responder, já Heitor começara a falar para o grupo que se formara:

— O que interessa não é saber o que ele vai fazer, mas, sim, o que *nós* vamos fazer...

— Nós? Nós como? — indagou Jônatas.

— Nós por quê? — sincronizou Maurício.

Outros também falaram. Sem demora, Heitor esclareceu seu ponto de vista:

— Eu quero saber é se nós vamos ficar calados, esperando, suportando... Esse padre é um cretino, um estúpido, um boçal que pensa que está tratando com escravos ou carroceiros. Sei lá o que ele pensa!...

— Fosse comigo!... — insinuou Cândido, sem pensar que podia magoar Sílvio com o paralelo estabelecido.

Sem grande jeito, Heitor protestou pelo amigo:

— Não, Sílvio fez bem. No momento, não podia fazer de outro modo.

— Expulsariam você daqui do Colégio, se você protestasse... — comentou Domingos, tocando de leve no braço de Sílvio que

permanecera imóvel desde que Heitor começara a falar.

— Expulsariam nada! — gritou Cândido, julgando-se na obrigação de sustentar seu ponto de vista inicial.

— Então, estamos onde para se ser expulso de um colégio no meio do último ano só porque não se fez um exercício de latim?!... Todos aprovaram a tese com gestos e pequenos comentários, mas Heitor preferiu voltar à sua pedra de toque:

— Isso é o que eu digo! Esse padre está se fazendo de idiota, abusando demais. Nós não vamos aguentá-lo indefinidamente. Do contrário, cada dia vai ficando pior e acaba nos xingando com nomes ou cuspiendo na cara da gente para mostrar que está com carta branca do reitor.

— Mas, terá mesmo carta branca?... — inquiriu Jônatas, com dúvida no tom.

— É o que parece... — comentou Domingos.

— Senão, não falava daquele jeito, nem ousava passar “linhas” para a gente.

— No quinto ano! — vociferou Cândido, protestando com toda a sinceridade e veemência de que era capaz.

Heitor deixou passar a onda de indignação e voltou a insistir no que lhe parecia essencial:

— Se esse padre tem ou não tem carta branca do reitor, não sei. Ninguém sabe, mas será que custa a gente verificar?...

— De novo? — perguntou Nélio Taderovski, visivelmente querendo iniciar as hostilidades contra qualquer tentativa de reedição da aventura de dias antes.

— Já sabem: comigo não contem! — positivou Lauro Amaral que ouvira tudo em silêncio, sorrindo.

— Com você ninguém conta mais mesmo! — fulminou Heitor, irritado.

— Também eu estou fora — lembrou Abdias.

— Claro! — contra-atacou Cândido.

— E você, Domício?... Domício Boaventura e José Bernardes Gomes (naquele dia casualmente ausente do Colégio) eram as mais recentes aquisições da “oposição”. Desde o dia em que Lauro discutira com Heitor, a chamada “oposição” tinha vindo se constituindo, a ponto de já

ter existência reconhecida, comentada por todos e sabida até de pessoas estranhas à turma do quinto ano, como Padre Luís. Agora, ali naquele momento, parecia estar disposto a receber seu batismo de fogo. Domício Boaventura não faltou ao chamado:

— Eu, por mim, nem por nada me meto em nova suspensão!...

— Mas quem é que está falando nisso?! — pulou Heitor como se o estivessem insultando.

— Não se trata de fazer nenhum distúrbio ou conspiração...

— De que, então? — desafiou Nélio.

— Simplesmente, de ir falar com o padre reitor, de explicar, pedir uma providência qualquer... Lauro riu ostensivamente e zombou:

— Vai nos adiantar muito! Vamos ter uma bonita recepção: “Os senhores vieram falar mal do meu querido Padre Ladário? Oh, não façam cerimônia... E agora tudo daqui para fora, já, senão eu expulso tudo de uma vez, seus vagabundos, seus...!”.

Entusiasmado, Lauro pôs uns dois ou três palavrões na boca do reitor e, satisfeito com a brincadeira, parou, olhando o efeito produzido. Com exceção de Sílvio, Cândido e Heitor, todos riam. Heitor não se deu por vencido:

— Não sei o que é que Padre Martinho vai dizer. Sei é que é preciso ir, falar. Quanto antes! Ou então...

— Então o quê? — perguntou Cândido interessado.

— Vamos tentar por intermédio de Padre Luís.

— Dá no mesmo! — objetou Jônatas.

— É o que resta ver — corrigiu Heitor.

— O problema não é esse — tentou conciliar Domingos.

— O problema é que Padre Luís e Padre Ladário estando de ponta, como vocês viram (e isso um pouco por nossa causa...), o reitor não vai dar ouvidos ao que Padre Luís disser.

— Se ele disser alguma coisa!... — insinuou Nélio, para quem Padre Luís nunca passara de um hipócrita, tendo agido com incrível dubiedade no episódio das suspensões.

Heitor sacudiu os ombros e dirigindo-se apenas a Domingos,

respondeu:

— Mas, não vale a pena tentar, pelo menos?... Durante alguns segundos, houve silêncio. Ninguém ousava participar da responsabilidade de um novo movimento contra Padre Ladário. Heitor se sentiu enfraquecido, quase desprestigiado. Era evidente que a “oposição” engordava. Além dos cinco elementos que já a compunham, havia outros seduzidos, inclinados. Ia dizer que, se fosse preciso, iria sozinho, assumindo o risco da aventura, quando Cândido, vendo Padre Maurício se aproximar, advertiu:

— Bem, aí vem Dom Curioso. Vamos deixar a decisão para o outro recreio.

Cada um pode pensar bem...

— Eu, por mim, já pensei — garantiu Nélio.

— Eu também! — confirmou Domício.

A chegada de Padre Maurício impediu que outros se manifestassem. Era evidente que toda a “oposição” estava firmemente decidida a não se arriscar a outra suspensão ou a alguma pena mais séria. E, como ela, pensavam também, ainda que não o ousassem dizer, tanto Jônatas Larotti como Oto Magalhães.

•

Sílvio assistiu à discussão em silêncio, disposto a não se manifestar senão em caso de absoluta necessidade. Antes de mais nada, receava envolver a turma, por sua causa, numa nova dificuldade. Já bastava a outra que tinha saído tão cara a todos. Uma nova “conspiração” podia ser fatal, principalmente para Heitor e para ele que tinha contra si a má vontade de todos, no Colégio (exceção feita para Padre Luís) e em casa, onde sua situação, desde o dia da suspensão, ainda não melhorara.

De mais a mais, lastimava que Heitor tivesse querido se lançar numa aventura tão ingrata para seu prestígio pessoal junto aos colegas. Pela primeira vez, desde que o conhecia, vira-o fracassar. A intervenção de Cândido, propondo que se deixasse a discussão para mais tarde, de modo a cada um poder pensar melhor no que queria fazer, só viera evidenciar a fraqueza da posição de Heitor. Se se obstinasse, se quisesse fazer finca-pé naquela “conspiração”, de antemão malograda, era capaz de comprometer seriamente seu prestígio. Ora, para Heitor, sabia bem, nada seria mais doloroso, mais humilhante.

Assim — pensava Sílvio ao se dirigir de novo para a aula —, não podia

aceitar que tudo aquilo se produzisse por sua causa, como protesto contra um castigo imerecido que recebera. Não queria, não devia admitir. Podia ser muito generoso por parte de Heitor e dos colegas que o acompanhassem, podia ser muito bonito e mesmo útil à turma, mas não estava disposto a se tornar credor de tão grande sacrifício. Mesmo julgando-o proveitoso à coletividade, era excessivo, talvez até humilhante para ele, Sílvio. Procuraria Heitor, logo no início do segundo recreio, e pediria que se abstivesse de qualquer atitude, deixando-o resolver sozinho o problema. Afinal, duzentos versos latinos a copiar não era tarefa de matar ninguém. Quanto à humilhação de ter de entregá-los pessoalmente ao reitor, saberia se arranjar. Não era a primeira vez que tinha de passar por um mau momento... O que não compreendia — pensava agora Sílvio com amargor — era o porquê daquela insistência das coisas e das pessoas em persegui-lo, colocando-o em posições as mais difíceis. (Ainda naquele momento, em relação a Heitor que, provavelmente, iria ficar magoado com suas palavras...). Que havia contra ele? Que existia de visceralmente errado nele que provocava aquelas reações hostis, aquela espécie de encarniçamento dos fatos contra sua pobre e apagada pessoa? Não fazia nada por isso, procurava se esconder o mais possível. Justamente em consequência dessa atitude, ficaria mais exposto aos golpes, como se a vulnerabilidade aumentasse na razão direta da falta de coragem? Não se considerava covarde, mas tinha consciência de que fugia deliberadamente a certas responsabilidades. Na verdade, tinha medo de sofrer e agia procurando evitar certos perigos. Seria que aquelas fugas constantes contribuíam para entregá-lo ainda mais desarmado ao rigor da sorte adversa? Fosse pelo que fosse, o fato era que tudo aquilo em que se metia dava sistematicamente errado. Em casa, suas opiniões sempre desgostavam seu avô ou dona Mercedes, como se falasse de propósito para contrariá-los, mostrando-lhes a cada palavra quanto era diferente, alheio a eles e à vida que levavam. No Colégio, com os padres, o que se dava não era muito diferente, feita uma única exceção para Padre Luís que sempre o tratara de um modo especial, cheio de compreensão. Entre os colegas, fora Heitor, não havia um só a quem pudesse realmente chamar de amigo. O próprio Cândido, companheiro de tantas horas, inseparável mesmo, não merecia o título de amigo. (Aliás, aos seus olhos, só muito dificilmente um título desses podia ser concedido). E agora, com o próprio Heitor, os mal-entendidos se sucediam. Da última vez, por ocasião da discussão com Lauro, Heitor o compreendera errado, tão errado como qualquer outro, ouvindo-o com a mesma má disposição com que Padre Godo, Nélio ou dona Mercedes costumavam ouvi-lo. Tinham feito as pazes, as relações entre eles estavam ótimas. Contudo, não podia esquecer que Heitor o julgara mal, que Heitor já não era mais o amigo de antes.

Assim, tudo o que fazia esbarrava na incompreensão, no desinteresse, no egoísmo dos outros. De um modo ou de outro, não dava certo. Seus atos, bons ou ruins, acabavam se voltando contra ele, castigando-o sem a menor razão de ser. A pausa luminosa representada pelo período de amizade correspondida por parte de Heitor só viera aguçar sua sede de carinho e compreensão, tornando mais doloroso ainda o prosseguir do seu caminho de isolamento e adversidade. Fora glorioso, entontecedor... Agora, porém, que queria que aquilo continuasse indefinidamente e via não ser mais possível, doía-lhe muito, doía-lhe como sabe doer a ausência de certas coisas únicas, essenciais que nos são dadas a provar uma vez só, mas que ficam no nosso desejo de todos os instantes. E a própria recordação desses paraísos perdidos não é senão tristeza de não possuir mais a única realidade autêntica que se teve, amargura de continuar a existir num mundo em que não há mais nada, absolutamente nada.

V

a conversa entre Heitor e Sílvio, no recreio seguinte, só resultaram contrariedades e decepções para Sílvio. Assim começou a falar, expondo seu ponto de vista, Heitor o interrompeu:

— Mas Sílvio, não se trata disso. Não é por sua causa que nós queremos reagir.

Diante do espanto que Sílvio não soube esconder, Heitor corrigiu:

— Pelo menos, não é somente por você. É por nós todos. Sílvio protestou, incontinenti:

— A cópia só foi passada para mim.

— Que é que tem isso?...

— Fica parecendo que vocês estão tomando a minha defesa...

— Mas é mesmo. E não há nenhum mal nisso.

Era evidente: para Heitor, ele, Sílvio, seus problemas particulares, seu amor-próprio, eram coisas que não existiam. Existia a turma, isto é: ele, ele que a queria dirigir, e dirigia. Não pensava em mais nada, a não ser nisso. Resolvia o que os colegas deviam fazer e nem indagava se a decisão o prejudicava, ferindo-o num ponto qualquer... Contristado com

a constatação, decidiu que não podia deixar de resistir e explicou:

— Mal, não há. Apenas, eu fico numa posição aborrecida, humilhante até...

— Não sei por quê! Heitor fora peremptório. Irritado, o amigo reclamou:

— Sei eu!

— Bem, só se você tem medo que isso o prejudique.

— Medo, não. Escuta, Heitor... é desagradável. Parece...

— Não parece nada! — interrompeu Heitor com veemência, sem poder compreender o ponto de vista do outro.

Sílvio o olhou com surpresa, estranhando a vivacidade do tom. Por nada no mundo queria brigar de novo. Procurou portanto outro caminho:

— É muito mais simples deixar passar, dessa vez... Eu copio os versos e pronto!

— Para você talvez seja mais simples!

— Talvez mesmo... e eu acho que é o meu ponto de vista que deve interessar, em primeiro lugar.

Heitor sacudiu os ombros com desprezo:

— Claro! Você é livre de fazer o que bem entender. Ninguém está pedindo favores...

— Eu sei, Heitor. Nem foi isso que quis dizer. Apenas, que não me interessa, que não me fica bem.

— Então, corre e entrega logo os versos!

— Mas não é melhor?...

— Claro que é! Você pode até ficar sendo aluno do peito de Padre Ladário!...

— Heitor! — tentou interromper Sílvio inutilmente.

— Pode “desbancar” Nélio, Lauro, Abdias, todos os outros! Pode. À vontade... Que é que eu tenho com isso, não é?

— Heitor, por favor, não vamos baralhar as coisas inutilmente. Não se trata de nada disso. O que eu quero é evitar barulho, novas suspensões... sabe Deus lá o quê! Heitor tornou a sacudir os ombros e, sem esconder

sua irritação, comentou: — ...E ficar escravo para o resto do ano, não?... Sílvio permaneceu sem saber o que dizer. Em parte, o amigo tinha razão. No entanto, a decepção que sofrera ao ver que Heitor não pensara nem um só momento em defendê-lo, apenas em pôr em prática um plano de defesa geral da turma, ainda estava muito viva nele para que renunciasse a se opor à ideia proposta. Hesitou durante alguns segundos. Depois, para ganhar tempo, perguntou:

— Sim, mas como é que eu posso deixar de entregar os versos?

— Ora!

— Eles me expulsam logo...

— Expulsam nada! Olhe aqui: não estou querendo que você se atire às cegas, dizendo, gritando aos sete ventos que não vai obedecer a Padre Ladário. O que proponho é que você tome parte numa ação conjunta nossa, da turma — compreende?... Se não de toda a turma, pelo menos dos elementos que contam. Não se trata de você se sacrificar...

— Eu sei que não é isso.

Ainda que sem irritação, Heitor protestou logo:

— Não parece! Olha: de você, o que se quer é que você aja de acordo, representando sua parte... e mais nada!

— E essa parte, qual é?

— Não entregar os versos.

— Dizendo que não quis fazer?

— Não, bobo! Isso seria a expulsão, sei lá o quê... uma suspensão, pelo menos.

— Então?

— Fica doente, não vem amanhã ao Colégio. Depois de pensar alguns instantes, Sílvio lembrou:

— E isso adianta alguma coisa? No primeiro dia que eu vier à aula...

— Até lá — assegurou Heitor com convicção —, já teremos agido, falado com Padre Luís, com o reitor... com quem for preciso! Medindo perfeitamente a inanidade do plano de Heitor, Sílvio sacudiu os ombros, limitando-se a responder:

— Falar com o reitor ou não falar é a mesma coisa.

— Nesse caso!

— E não é?...

— Por que você não diz, simplesmente, que é contra a ideia? Domício teve coragem...

— Ora, Heitor!

— Lauro, Nélcio, Domício, Abdias e José já estão contra mim. Você será o sexto... e será muito bem-vindo entre eles! Sílvia se sentiu irritado com tanta má-fé. Heitor estaria querendo reeditar a cena de dias antes? Decidido a evitá-la de qualquer forma, exclamou com violência:

— Não se trata disso! Eu estou com vocês, sempre estive, sempre estarei... qualquer coisa que vocês decidam!

— Não — interrompeu Heitor suscetibilizado pela reação excessiva de Sílvia —, não se quer sacrifício seu. Você é o mais interessado no momento, o que mais arrisca.

— Ora, Heitor!...

— Se você pensa desse modo... acabou-se! Nem se fala mais nisso. E, por agora, basta. Tenho de jogar bola! O recreio ia adiantado, dois times jogavam no pátio central há já alguns minutos. Havia uma partida de importância para o selecionado do Colégio em perspectiva e Heitor queria treinar um pouco na sua posição de centromédio, da qual se afastara momentaneamente para cobrir um claro na linha de ataque. Acompanhando-o até o limite do campo, Sílvia indagou:

— E vocês?...

— Isso te interessa?

— Claro, Heitor! Vamos falar tudo isso direito, depois, com mais calma.

— É, mais tarde a gente discute... Heitor entrou então no campo e se entregou ao jogo com afinco, esquecendo qualquer outra preocupação. O recreio terminou, as aulas vieram e a hora da saída chegou sem que se falasse em mais nada. No momento de transpor o portão do Colégio, Sílvia se viu chamado pelo reitor e nada pôde combinar com os amigos. Por seu lado, como a coisa mais natural do mundo, a turma se dispersou sem que se tivesse discutido o projeto de Heitor, cujo exame, por proposta de Cândido, fora adiado do primeiro recreio para o segundo.

•

No gabinete do reitor, Sílvia recebeu uma advertência curta e enérgica. Padre Martinho falou com simpatia, mas não escondeu seu

descontentamento, a preocupação em que estava sobre a possibilidade de sua permanência no Colégio. Padre Ladário o informara do sucedido. Acreditava que sua intenção não fosse a de promover uma nova onda de insubordinação. Devia ter agido impensadamente. Precisava, porém, ser mais atento, mais cuidadoso, mudar seu modo de proceder. Ou estaria querendo sair do Colégio? Não estava satisfeito? Queria dar mais um desgosto ao seu velho avô com quem a vida fora tão cruel e que se desvelava tanto por ele? Sílvio saiu contristado, sem dizer nada. Aceitara a reprimenda do reitor quase com indiferença, pensando todo o tempo: “Agora, que fazer? Agora, que fazer?”. Só então percebera que estava decidido a não entregar a cópia, exatamente como se, na conversa entre ele e Heitor, durante o segundo recreio, tivesse ficado resolvida a política de resistência. Ora, o chamado ao gabinete do reitor, suas palavras positivas no sentido de uma possível expulsão do Colégio, seu apoio incondicional à orientação de Padre Ladário, tinham na verdade transformado inteiramente o problema. Já não via mais meio algum de se furtar a entregar os duzentos versos da cópia.

Ao sair do Colégio, rumou logo para a casa de Heitor. Ia quase correndo, de tal modo se sentia com pressa de falar com o amigo. Estava um pouco desorientado, consciente de que, por si só, não chegaria nunca a tomar uma decisão.

No momento, esperava por tudo, menos não encontrar Heitor em casa. Quando Mônica lhe disse que o irmão e Cândido tinham vindo até o porão, deixado os livros e saído logo, sem querer dizer para onde iam, teve a impressão de que o solo ia faltar sob seus pés. Se não fosse Mônica a dizer, a garantir, não acreditaria. Numa situação daquelas, quando era urgente conversar e, sobretudo, quando ele precisava tanto do auxílio de Heitor!... Aonde os dois poderiam ter ido? Uma suspeita assaltou Sílvio. Já na véspera, Heitor falara a Cândido, na sua frente, em ir procurar uma certa mulher que morava por perto e prometera recebê-los à tarde, depois do Colégio... tudo muito discretamente. Cândido relutara, acabando por adiar a visita. Iriam num outro dia, na tarde seguinte se quisesse: naquela, tinha de fazer o exercício de latim e, à noite, queria ver se consertava o rádio de casa.

Era provável, quase certo mesmo que “lá” estivessem, naquele momento. Só um interesse daqueles podia explicar que tivessem se esquecido dele, do seu “caso”, de que precisavam conversar com urgência. Ou, quem sabe, teriam ido jogar sinuca, nova mania que se apoderara de Cândido? De qualquer modo, pensava Sílvio com amargura, o fato era que não estavam ali, nem tão cedo voltariam. Incrível! Não tinham esperado por ele! Como se não houvesse nada, como se se tratasse de um dia comum! Sob um pretexto qualquer,

tinham-no abandonado e deviam estar se divertindo muito, fosse no quarto da mulher, fosse no bilhar, fosse em qualquer outro lugar. Ouvia-os rir, farta, interminavelmente. Ouvia Heitor falando alto, contente da vida, triunfante como sempre. Ouvia-o lembrar que ele, Sílvio, ficara no Colégio, no gabinete do reitor, “escutando sermões”, e, por certo, garantia que “a essas horas, deve andar nos procurando...”. Ouvia Cândido rir às gargalhadas, respondendo de brincadeira que sim ou que não, pouco importava.

Apesar do convite de Mônica para que ficasse esperando pela volta dos amigos, despediu-se e saiu apressadamente. Pela rua, ia pensando que nunca na vida se sentira tão abandonado. Mais uma vez constatava: a amizade de Heitor por ele era uma sombra do que fora. Não podia, não tinha como se enganar. Em um dia como aquele, depois de lhe ter dito tantas coisas desagradáveis, afastava-se sem deixar recado algum. Desaparecia, como se não existisse ou não lhe conviesse encontrá-lo. Aquilo era mais do que podia suportar. Era até ofensivo. Ou então, Heitor ficara zangado com sua atitude, resolvera brigar, não o ver mais até que impusesse sua vontade... Nisso, porém, se enganava: não estava disposto a obedecer cegamente. Tudo combinado, discutido de amigo para amigo, sim. Daquele modo arbitrário, tirânico, não. Talvez ainda preferisse romper relações a ser tratado assim. E Heitor sabia bem disso. Não podia portanto duvidar que, no dia seguinte, fosse entregar a cópia passada por Padre Ladário. Se não quisesse vê-lo agir dessa forma, não teria tomado ele próprio a atitude que tomara. Estaria esperando no porão ou teria deixado um recado marcando um encontro para mais tarde. Ou telefonaria, explicando sua ausência.

Em casa, pôs-se logo a copiar os versos do primeiro canto da *Eneida*. À noite, antes de se deitar, a tarefa estava terminada. Heitor não telefonara. Nem Cândido viera procurá-lo. Já cansado de ansiar pelo telefonema de Heitor, agarrara-se a essa última tábua de salvação. Inutilmente. Cândido também não aparecera. Assim, tudo estava resolvido e, caso nada de novo sucedesse até o momento de chegar ao Colégio, só restava entregar a cópia ao reitor.

Na manhã seguinte, porém, o velho Sezefredo Iberê foi acordado por uma comunicação de dona Mercedes: Sílvio amanhecera com dor de cabeça, dizendo-se gripado. Sentia o corpo cansado, doído nas cadeiras, e pedia para não ir ao Colégio. De mau humor por terem vindo acordá-lo mais cedo que de costume, gritou: “Esse menino já tem idade para saber o que deve fazer! Pois que não vá!”. Dona Mercedes transmitiu a resposta sem alterar uma só palavra e, assim, Sílvio deixou de ir ao Colégio naquele dia.

Tendo acordado cedo, ainda levantara da cama com as ideias da véspera. No entanto, ao chegar ao lavatório e, ao ver sua imagem refletida no espelho, lembrou-se súbita e inexplicavelmente de Heitor e de que não o devia trair em caso algum. Percebeu logo que aquele sentimento era mais forte que tudo, de nada adiantando raciocinar sobre ele. Sim, entregar a cópia era trair Heitor! Não sabia se o amigo confiava nele, nem o que pretendia fazer. Sabia porém que, depois da conversa que tinham tido, qualquer atitude que não a da mais irrestrita solidariedade seria trair Heitor, renegar o sentimento que sempre os unira. Heitor precisava dele, e precisava muito. Isso bastava. O resto seria explicado depois.

Tomada a decisão, apanhou a cópia em cima da mesa e rasgou-a num gesto só, atirando o todo no cesto de papéis. Depois, voltou para a cama e ficou à espera de dona Mercedes.

•

Nesse dia, a certeza da ausência de Sílvio, quando terminaram as primeiras aulas, provocou em Heitor uma desorientação que não lhe era habitual. Na véspera, quando se separara do amigo, estava zangado e acreditara que também tivesse ficado magoado por algumas das coisas que lhe dissera. Considerara então sua tentativa de reação contra Padre Ladário como definitivamente fracassada. À tarde, depois da saída do Colégio, já conversara com Cândido como se tivesse desistido completamente da ideia. Falara de Sílvio com irritação, responsabilizando-o pelo insucesso do plano. Nem sequer aludira à sugestão que lhe fizera de não comparecer ao Colégio, no dia seguinte, como meio de ganhar tempo. Por seu lado, também Cândido verberara a fraqueza de Sílvio e o assunto fora dado por encerrado. Tinham com que se ocupar: realmente, a “visita” que não tivera lugar na véspera seria realizada naquela tarde... À noite, cansados da aventura, nenhum dos dois pensaram em procurar Sílvio. De mais a mais, Heitor continuava aborrecido com o amigo, a cada momento mais inclinado a considerá-lo como o maior responsável pelo malogro de sua ideia. Era bom tratá-lo mal durante alguns dias. Pouco aprendera no decorrer do período que tinham levado brigados. Necessitava de mais algum tempo daquela escola... Foi com essa disposição que Heitor se deitou e, na manhã seguinte, entrou no Colégio. A ausência de Sílvio despertou nele mil suspeitas. Não viria? Não viria, por quê? Doença? Doença real? Ou, apenas, porque assim o sugerira ele na conversa da véspera? Nesse caso, porém, Sílvio deveria ter avisado. Tinha de ter avisado. Como é que ele, Heitor, podia adivinhar? Na conversa do recreio, tudo ficara no ar, ainda por discutir, por combinar. Sílvio se manifestara contra a ideia. Não tinham até quase brigado por isso? Como é que se esquecia de

repente de tudo e agia por si, como se só fosse ele a existir no mundo? Ou ainda viria e entregaria a cópia ao reitor? Quem sabe mesmo, o atraso provinha disso, da tarefa ainda por terminar? Quando a ausência de Sílvio se evidenciou, Heitor se sentiu nervoso, quase trêmulo. Que faria, agora? Contudo, não se reconhecia culpado. Toda a confusão vinha de Sílvio. De qualquer forma, estava aflito, perplexo. Ainda que vagamente, percebia que se metera numa tremenda barafunda. Seria difícil deter o mecanismo desencadeado. Um mal-entendido se estabelecera. A precipitação do amigo dera então início a uma aventura que podia levá-los longe. Ninguém desconfiava, mas a maioria ali já não estava mais em terra firme e, sim, embarcada numa viagem incerta e perigosa. Sem esperar por ninguém, sem combinar nada, Sílvio partira... Até que ponto era obrigado a acompanhá-lo, não sabia. Sem dúvida, agira ao acaso, levemente. Agira, porém, sob inspiração sua, seguindo um plano que lhe propusera, horas antes. Assim sendo, a verdadeira questão, agora, era descobrir até que ponto esse plano ainda era exequível. No recreio, no fragor da luta contra a fraqueza de Sílvio, julgara-o ótimo, de êxito seguro. Logo depois, já o via com menos entusiasmo. À tarde, se acaso tivesse falado com Sílvio, por certo teria voltado atrás em muitos pontos fundamentais. Quisera a má sorte de ambos que não se encontrassem. O resultado ali estava: uma tempestade desencadeada e eles num péssimo barco, navegando em direção aos mais traiçoeiros recifes.

“Como deter essa onda?”, pensou Heitor desalentado. Sílvio era um maluco, um idiota, um impulsivo, um inconsciente, um doente mental! Tomara aquela decisão, por quê? Não se manifestara contra ela? A ela não se opusera com todas as suas forças? Por que, então? Só para provar sua amizade? Certamente devia ser para isso! Era a sua mania. Era amigo! Com dez mil diabos, fosse para o inferno, ele e sua amizade! Justamente quando não convinha, quando estava sem trunfos na mão (o próprio Cândido o achava, e não o escondera na conversa da véspera, na saída do Colégio), é que aquele paspalhão achava de puxar às cegas a alavanca de um dispositivo que não estava nem sequer estudado. Ninguém ainda conversara direito. Nem se tinha procurado Padre Luís para saber sua opinião. Por que se precipitara? Só para dar uma prova da sua amizade incondicional?... Essas duas perguntas — e uma na verdade respondia perfeitamente à outra — perseguiram Heitor durante todo aquele dia. Sem coragem de falar a ninguém àquele respeito, esperando talvez que lhe viesse à cabeça uma solução qualquer, permaneceu na aflição, vendo as horas passarem sem que se verificasse a mais leve melhoria em seu estado de espírito.

Foi só depois de ter saído do Colégio que Heitor pôde conversar com Cândido. Falava receoso, indeciso sobre o caminho a seguir. O outro nunca o vira assim. Aconselhara-o a procurar Sílvio imediatamente para ver se por acaso não estava realmente doente e não era possível deter a marcha dos acontecimentos. Só lastimava não poder acompanhá-lo. Tinha de ir à cidade experimentar uma roupa de que precisava para o dia seguinte. Telefonaria, mais tarde.

No apartamento do velho Sezefredo, Heitor encontrou Sílvio de cama. Não precisou indagar para descobrir que a doença do amigo era puramente imaginária. Sorriu e, quando ia falar, Sílvio lhe fez sinal que se calasse, indicando com o dedo a direção da sala, de onde vinha o som da vitrola, como se o avô pudesse ouvir o que acaso dissessem.

Esperava pela visita de Heitor com ansiedade. Contava vê-lo sorridente, satisfeito com a iniciativa que tomara. Não fora mais uma prova de incondicional amizade? Vendo, todavia, o ar do amigo, não teve a menor dúvida de que não estava contente, ou que, pelo menos, as coisas no Colégio não tinham corrido bem. Antes de mais nada, perguntou:

— Cândido não vem?

— Não. Ele teve de ir experimentar uma roupa. É amanhã o tal jantar de aniversário de casamento dos velhos dele... e, você sabe, um Andrade Souza não pode comparecer a uma solenidade dessas de roupa velha!... Houve um momento de silêncio. Sílvio sorriu amarelo. O mal-estar era visível. Heitor acabou tendo de perguntar:

— Você não tem nada, não é?

— Claro que não. Por quê?

— Porque foi isso mesmo que eu pensei...

— E então?

— Então, é que eu acho que, sem querer, você foi arranjar uma trapalhada dos diabos!

— Eu?! Como? Heitor hesitou. Sílvio compreendeu mais ou menos o que estava acontecendo e falou logo:

— Não foi o que nós combinamos?

— Nós não chegamos a combinar nada!

— O que você planejou, pelo menos...

— Mas, você não se opôs?

— Foi sim. Eu não achava o plano bom... Isso não queria dizer, porém, que eu fosse me opor à realização... do plano.

— Foi o que eu entendi...

— Ora, Heitor! Eu não disse que estava com você, com vocês, em qualquer caso? Heitor sacudiu os ombros com impaciência e murmurou:

— Não se tratava disso.

— De que, então?

— Ninguém queria forçar você a nada. Nem eu, nem ninguém!

— Forçar? Mas se eu próprio declarei que estava incondicionalmente com vocês... Heitor teve novo movimento de impaciência. Tudo se processara como imaginara. Sílvio complicara tudo, definitivamente. Agora, não havia mais salvação possível. Lembrou:

— As coisas ainda estavam dependendo de combinações, de conversas...

— Que você ia ter.

— Mas que não tive... — interrompeu logo Heitor.

— Por quê? — perguntou Sílvio com inocência.

— Sei lá! Porque não foi possível. Ninguém estava querendo ouvir falar do assunto e, sim, discutir o time para o jogo de domingo.

Dessa vez, foi Sílvio quem sacudiu os ombros, como a dizer que aquilo ele não podia adivinhar. Avaliando o que aquela ressalva englobava, Heitor se irritou e acabou atacando:

— Em qualquer caso, você não devia ter agido sem saber, antes, o que nós tínhamos decidido.

— Eu procurei você...

— Eu tive de sair — apressou-se em responder Heitor, sorrindo.

— Teve de sair! — exclamou Sílvio sem esconder a censura que punha nas suas palavras.

— Tive... ou quis! É da sua conta?

— Em absoluto! Não tenho nada com o que você faz, mesmo... Sílvio parou, sentindo que não podia continuar. A não ser que quisesse pôr em cena velhas queixas, toda a questão do juramento esquecido. E isso,

jamais... Corrigiu com presteza: — ...Mas isso explica que eu não tenha me comunicado com você. E, como você também não me telefonou nada, concluí que tudo o que você me tinha dito continuava de pé.

— Por que você não me telefonou, à noite?

— E você, a mim?...

— Eu não tinha novidade alguma a contar. Você, porém... que ia tomar a decisão, é que devia falar.

Sílvio não teve coragem de responder logo. Diria? Confessaria que só se resolvera a não entregar a cópia naquele dia, pela manhã, depois de levantado, exatamente no momento em que vira sua face refletida no espelho? E como explicaria a mudança? Heitor entenderia? Cansado de hesitar, declarou:

— Ontem, eu ainda não tinha decidido nada...

— Ainda não?

— Não.

— Quando foi? Hoje de manhã?

— Sim.

— E a cópia?

— Estava feita. Tinha copiado os versos para entregar... Mudei de ideia.

Pela cabeça de Heitor, passou, rápida, a hipótese de Sílvio não estar dizendo a verdade. Brincou:

— Onde estão os versos copiados?

— Rasguei.

— Rasgou? Na nova pergunta de Heitor, já não havia dúvida alguma. Apenas espanto, lástima por ver queimada a ponte que, por alguns instantes, julgara uma possível tábua de salvação.

— Rasguei, quando decidi não ir ao Colégio. Você quer ver? Ainda estão ali... Falando assim, apontava para a cesta de papéis onde se via um maço de páginas rasgadas. Olhando-as, Heitor teve subitamente uma ideia. Levantou-se da cadeira onde estava sentado e aproximou-se do cesto, dizendo:

— Não dá para aproveitar, ainda?... Sílvio teve um sobressalto:

— Em hipótese alguma! Rasguei ao meio, todas!

— Louco!

— Louco por quê? — indagou Sílvio sem esconder a contrariedade que se apossara dele assim descobrira o pensamento do amigo.

— Porque, agora, você vai ter de fazer outras, para amanhã.

— Eu?! O protesto de Sílvio foi tão veemente que Heitor tornou a se sentar, espantado, quase vencido. Ainda murmurou:

— Não vejo outro jeito, Sílvio...

— Escrever de novo? Chegar na aula com a cópia na mão? Era o que faltava, agora!

— Não há outra solução. Não se combinou nada... Não se falou com ninguém... Chega amanhã, você aparece sem a cópia... e que é que acontece? As palavras “expulsão”, “suspensão” brilharam mais uma vez diante do olhar apavorado de Sílvio. Recuar, porém, naquele instante, parecia-lhe uma indignidade. Não compreendia Heitor, não podia aprovar sua atitude. Se estava naquela situação, não fora para atender a um pedido, a uma exigência sua? Como é que agora não havia mais nada de pé? Que ideia fazia dele, para tratá-lo como uma bola de borracha que se atira para lá e para cá? Dava uma prova de amizade daquelas e a reação de Heitor era apenas aquele desinteresse, aquela indiferença irritante? Refizesse a cópia! Refizesse a cópia, porque não tinha havido tempo para pensar no seu caso! Tivesse paciência, todo o tempo fora pouco para discutir o time a entrar em campo, no domingo! Compreendesse a situação, ele e Cândido tinham ido fazer imoralidades na casa de uma mulher ordinária! Mudasse seus planos, outros eram os desejos da turma e não se podia contrariá-los! Não, por nada do mundo representaria aquele papel! Preferia antes um castigo sério, uma nova suspensão. Arranjar-se-ia sozinho, não precisava mais de ninguém... Com os olhos vidrados, falou:

— Deixa, Heitor. Fica bem assim mesmo. Eu me entendo com o padre reitor.

— Você se entende, como?...

— Digo que não pude fazer a cópia.

— Por causa da doença?

— É.

— Ele não acreditará...

— Paciência! — ...Manda você apresentar a cópia no dia seguinte.

— Não manda não.

— Então, não manda!...

— Não manda mesmo.

— Pois está bem — não manda! Se o que você quer é teimar... Dessa vez, Sílvia não retorquiu. Sua obstinação era, porém, visível. Ficara suscetibilizado, resolvera enfrentar sozinho o inimigo. Para Heitor, nenhuma solução podia ser mais desagradável, mais humilhante. Protestou:

— Não, Sílvia, isto não é solução nem aqui nem na China!

— Deixa comigo...

— Não, não deixo não! Você está querendo “banciar” o herói, o sacrificado... e isso não interessa. Quem é que você pensa que eu sou? Tocado em ponto sensível, Sílvia reagiu logo:

— Você não disse que eu me precipitei, que agi fora da combinação?

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Como não? Tem muita. Agora, a mim é que cabe aguentar as consequências. Eu, e não vocês que não têm nada com a história...

— Sílvia, isso é orgulho, orgulho besta!

— Besta ou não... Essa última recusa exasperou Heitor. Sem se poder conter, exclamou:

— Pensei que você tivesse aprendido, desistido desses movimentos tolos de orgulho de criança... Sílvia estranhou o tom. Se havia alusões ali, ele não as compreendia.

Indagou:

— Aprendido? Desistido? Afinal, que é que você está querendo dizer?

— O quê? Isso mesmo que você está pensando.

— Não estou pensando nada. Nem sei que “movimentos tolos de orgulho de criança” são esses.

O tom era tão irritante que, de novo, Heitor não se conteve:

— Pois olhe, anteontem, vendo você chegar lá no porão, pensei que tivesse aprendido... e desistido! O arrependimento de Heitor veio tarde.

Sílvio já tinha pulado, replicando:

— Você bem sabe por que eu fui à sua casa. Mônica me chamou pelo telefone, dizendo que precisava falar comigo.

— Mônica?! — exclamou Heitor começando a compreender tudo. Sílvio não se deteve em confirmar a informação. Prosseguiu logo:

— E sabe também por que eu apareci no porão? Mônica me pediu que fosse, me disse que você sabia que ela tinha me chamado.

— Mentira! Mentira de Mônica! Eu nem suspeitava! Vi você, segundos antes de você surgir na porta, e só por isso pude disfarçar meu espanto. Incrível! Mônica não devia ter feito isso!... Tanto um como outro estavam perplexos, inteiramente desorientados com a atitude de Mônica. Naturalmente, não sabiam o que pensar das relações que tinham se estabelecido entre eles graças ao equívoco forjado. Mais rápido nos julgamentos, mais leviano, Heitor falou:

— Você não devia ter ido ao porão!

— Você não iria? — indagou Sílvio com ingenuidade.

— Nunca! — positivou o outro sem um segundo de hesitação.

— Nesse caso... Sílvio ia continuar, ia propor que fizessem como se nada tivesse acontecido na tarde da antevéspera, quando Cândido foi introduzido no quarto por dona Mercedes. Terminara de experimentar a roupa mais cedo do que esperava e viera correndo para ainda ter tempo de conversar com os amigos.

A presença do recém-chegado alterou totalmente o ambiente. Não só a ruptura que estava para estourar ficou em suspenso, como o assunto da entrega da cópia voltou à baila. Os raciocínios de Cândido eram semelhantes aos de Heitor, talvez mais convincentes, mas a obstinação de Sílvio só fizera crescer depois da descoberta do estratagema de Mônica. Agora mesmo é que não queria saber de combinações com mais ninguém! Por certo, não proclamava o novo motivo. Porém Heitor o identificava sem dificuldade.

Cândido insistiu em vão na sua proposta: Sílvio permaneceria mais um ou dois dias em casa, “doente”, e durante esses dias eles, no Colégio, veriam o que Padre Luís e, talvez, o próprio reitor, podiam fazer em seu favor. Não obstante, Sílvio teimara, alegando diversas razões para prosseguir na sua atitude, entre as quais essa: seu avô não se deixaria enganar. Já declarara, durante o dia, que ele não tinha nada, devendo unicamente ao fato dele ter dormido demais de manhã aquela “gazeta”

absurda. Se não estivesse então com tanto sono, teria vindo ver com os próprios olhos, teria posto um termômetro no “doente”, teria descoberto que não tinha nada que o impedisse de ir ao Colégio. Só mesmo uma mulher, e pouco inteligente como dona Mercedes, poderia ter se enganado daquele modo. Gripe! Dor de cabeça! Fora dona Mercedes, quem mais poderia ter acreditado naquilo? A não ser que o tivesse feito intencionalmente — e não era impossível... Apesar da resistência de Sílvio, Cândido insistiu, sugerindo estratégias para enganar o velho Sezefredo. Simulasse dores, subisse a temperatura do termômetro aproximando-o disfarçadamente de uma lâmpada, fizesse isso, fizesse aquilo... Tudo inutilmente: a decisão de Sílvio parecia inabalável.

Por fim, já nas proximidades da hora do jantar, Sílvio resolveu dar algumas esperanças a Cândido. Estava ansioso por se ver livre daquela teimosia. Queria ficar só, pensar no que sucedera entre ele e Heitor, no que fatalmente ainda viria. Precisava, além disso, descobrir um meio de, no dia seguinte, escapar ao rigor da punição anunciada. Portanto, para se ver livre de Cândido, o melhor era dar a impressão de que estava ligeiramente abalado nos seus pontos de vista. Assim, prometeu pensar, refletir durante a noite, simulando desde já, para o caso de ser necessário utilizá-la, uma leve piora em sua gripe...

•

No dia seguinte, logo cedo, Heitor telefonou para saber o que Sílvio resolvera. Relutara em falar. A ansiedade em que estava acabara vencendo. E a resposta ao telefonema fora que Sílvio ainda dormia, não tendo passado bem a noite, com febre alta.

A surpresa de Heitor não foi maior que sua dúvida: aquilo seria mesmo verdade ou apenas um meio de evitar qualquer conversa com ele? Essa última suposição não poderia resistir, é evidente, a um exame rigoroso. Convenhamos que Heitor, seguindo o impulso da sua idade, não a sujeitou sequer à mais leve das verificações. Telefonou logo para Cândido, contou-lhe o que sabia, pedindo que experimentasse falar com Sílvio.

Minutos depois, Cândido confirmava tudo. Ouvira de dona Mercedes que Sílvio tivera muita febre durante a noite, com grandes dores de cabeça. Tinham chamado o médico logo cedo, receosos. Este, no entanto, tranquilizara-os: tratava-se de uma febre puramente nervosa, sem maiores consequências. Nem sombra de gripe. Um ou dois dias de repouso e o menino estaria pronto para voltar às atividades escolares. No dia seguinte, se quisessem, os colegas poderiam vir visitá-lo.

Naquele, porém, o médico aconselhara repouso absoluto.

Cândido acompanhou o relatório de dona Mercedes com sua opinião pessoal: Sílvio ficara abalado com a decisão a tomar e, muito nervoso por natureza, perdera a calma. Daí a febre, as dores de cabeça. Nada de grave.

Heitor concordou logo. Não deixou, contudo, de ficar mortificado com a ideia de poder ter sido ele o causador direto da crise noturna de Sílvio. Contara vagamente a Cândido que Sílvio e ele tinham descoberto e posto a nu o estratagema de Mônica. Não lhe dissera, porém, que estavam já a caminho do rompimento no instante em que chegara. Ora, essa ameaça devia ter agido tremendamente sobre o espírito de Sílvio. No momento, ficara desorientado. E, durante o resto da conversa, permanecera alheado, evidentemente já fora de si. A crise devia ter sobrevivido depois, quando ficara só.

Assim, Heitor se sentia de certo modo responsável. Não o ousava dizer a Cândido, mas percebia que o amigo também tinha a mesma impressão, embora não soubesse de tudo. Isso aumentava ainda mais sua irritação contra Sílvio. Contudo, não era o momento de analisar os inúmeros defeitos de Sílvio e sim de, aproveitando o acaso favorável, ver se ainda era possível fazer alguma coisa para evitar o desastre iminente. Aquela gripe simulada que se transformava, exatamente no instante crítico, numa crise nervosa real, e ainda mais sem nenhuma gravidade, parecia um bom augúrio, um sinal de que nada estava perdido. Com jeito e prudência, ainda eram capazes de se sair bem da aventura. Sílvio não seria castigado com severidade — e ele recobriria em pouco tempo o antigo prestígio.

•

Heitor podia esperar tudo isso, mas a verdade era que, desde a véspera, Sílvio se sentia expulso do Colégio São Luís de Gonzaga. Aquilo lhe viera como uma certeza inabalável no momento em que vira Heitor e Cândido saírem de seu quarto. Estava perdido. Faltavam-lhe forças para reagir. Não tinha mais nada por que lutar.

Antes, podia se enganar enquanto quisesse. Podia falar em reagir sozinho, em enfrentar Padre Ladário, o reitor, todos. Agora, agora que aquela conversa tinha lhe tirado as últimas esperanças de poder ver em Heitor um verdadeiro amigo, não sentia mais em si nem a mais vaga sombra de reserva de força para empregar em não importa que tarefa. Lutar como? Lutar para quê? Lutar até quando? Já não podia acreditar na amizade de Heitor. Na de Heitor, na de outros, na de todos... Já devia

estar cansado de se iludir. Para que mais? Para que ser levado a novas e cruéis constatações? Hoje, Heitor era muito mais amigo de Cândido do que seu. Se é que era possível dizer que fosse amigo de alguém, a não ser de si próprio. Dele, em todo caso, não era. Amigo seu, depois daquela atitude, daquelas palavras amargas, envenenadas? Amigo seu, quem o abandonava numa situação difícil, quase sem saída? Amigo seu, quem nem sequer sabia apreciar a prova de amizade que lhe dera, não indo ao Colégio, não entregando a cópia? Amigo seu, quem o reprovava por ter ido procurá-lo no porão, dois dias antes, enganado por um estratagema inocente? Amigo seu, quem, para corrigir esse equívoco, queria voltar atrás, recomeçando a briga desfeita?... Nesse momento, já tinha os olhos cheios de lágrimas. A cabeça começara a doer como se os males que inventara de manhã tivessem feito questão de acorrer, à noite, à guisa de castigo. Mandara apagar a luz e mergulhara a cabeça no travesseiro com uma fúria de assustar — até mesmo à indiferença de dona Mercedes. Fora então que o velho Sezefredo, por alguns quartos de hora separado das suas músicas e a caminho da mesa do jantar, viera ver como o neto ia. Olhara-o um instante e murmurara: “Não adianta. Amanhã vai ao Colégio de qualquer jeito”. Em seguida, fora jantar. Sílvio ficara só, imerso em seu sofrimento crescente.

Nenhum pensamento, nenhuma perspectiva o aliviava. Quanto mais procurava, melhor sentia que tudo estava acabado para ele. O que perdera não tinha preço. E perdera-o para sempre. Recomeçar, impassível. Imitar, ridículo. Esquecer, inútil. Que fazer então, senão chorar, chorar, chorar até não poder mais? Era o que estava fazendo, era o que, provavelmente, ainda iria fazer durante muito tempo. Com que finalidade, porém? Acaso aliviava? Acaso permitia esperar um clarear de horizonte? Tremia, o corpo percorrido de calafrio. As dores aumentavam. Já não sabia para que lado virar, onde pôr a cabeça, que pesava e doía tremendamente ao menor movimento. Sentia os olhos arderem. Os lábios, secos, pediam água. No entanto, nem pensava em se levantar para beber um gole, de tal modo receava mover a cabeça. Muito menos, em gritar por alguém. Seria humilhante, pois, na certa, acenderiam a luz, verificando então que estava chorando, que vinha chorando de há muito. Antes esperar, antes deixar os minutos correrem, antes continuar a sofrer em silêncio, devorando as lágrimas, devorando a amargura, devorando aquele isolamento forçado e inevitável — eterno para certos seres... Pobre e pequeno Sílvio Iberê, que noite, a tua! Sinto teu sangue morno e triste batendo em minhas têmporas, sinto teus olhos molhados imersos em meus olhos exacerbados por não terem chorado, sinto teu corpo trêmulo recostado ao meu e, mais uma vez, pedindo conselho e auxílio, talvez piedade. Pressinto que seja tarde para que me incline sobre o teu destino já todo ele banhado de sangue, de frio, de

grandes e intermináveis agonias, e me ponho a sofrer, também, humilhado, ferido em mim mesmo pela incompreensão do mundo.

VI

aquela manhã, Heitor chegara mais cedo ao Colégio para poder falar com Padre Luís. A sós, os dois. Viera nervoso, inseguro sobre o que devia dizer. Como teve a sorte de encontrar o padre desocupado, justamente saindo da Capela, onde acabara de atender a alguns penitentes, contou-lhe em poucas palavras o episódio da cópia dada por Padre Ladário e a doença de Sílvio, omitindo apenas as passagens relativas às suas relações pessoais com o menino.

Padre Luís não se deixou enganar. Pelo modo de Heitor falar, por duas ou três reações de Sílvio, na antevéspera, que não conseguira compreender, concluiu que Heitor estava escondendo qualquer coisa. Por isso, depois de ter lastimado, como a pior de todas, a orientação que os acontecimentos tinham tomado, fez uma pausa e perguntou com interesse, sem esconder que já tinha suas suspeitas formadas:

— E em que pé estão suas relações com Sílvio?... A hesitação de Heitor bastou para dar a Padre Luís a certeza de que não se enganara. Havia realmente alguma coisa. As “pazes” que Cândido tão triunfalmente lhe anunciara não deviam ter sido muito duradouras... Não sabendo o que responder, indeciso entre positivar a evidente suspeita do padre ou negá-la com cinismo, Heitor murmurou:

— Mais ou menos...

— Mais ou menos, como? — indagou o padre firmemente decidido a saber a verdade.

— Tinham me dito, isto é: Cândido me disse que vocês haviam feito as pazes.

— Quando ele lhe disse isso?

— Ontem, creio. Ontem pela manhã... Não era verdade? Por um momento passou pela cabeça de Heitor dizer que Cândido, mal informado, exagerara. Repugnou-lhe, porém, a ideia de estar mentindo, encobrindo coisas que não precisavam ser escondidas. Assim, contou

tudo o que se passara, no porão de sua casa, entre ele, Sílvio e Mônica. No fim, a inevitável pergunta de Padre Luís veio surpreendê-lo:

— E como é que você soube de tudo isso?

— Conversando. Por acaso... O senhor sabe, uma coisa puxa outra... Padre Luís pensou: “É evidente, nisso deve estar consistindo o maior sofrimento de Sílvio...”. Quis ir mais adiante, antes de falar sobre o caso todo. Indagou:

— E você, que disse?

— Eu?

— É. Depois de desfeito o equívoco, como ficaram as relações entre vocês? Você disse o quê? Heitor estremeceu. Com aquele padre, era impossível guardar uma parcela de segredo, por menor que fosse. Quando se começava a falar diante dele, tinha-se de ir até o fim. Confessou:

— Eu disse que no caso dele, mesmo depois da conversa com Mônica, não teria ido falar comigo...

— Você disse?!

— Disse. Fiz mal em dizer? Padre Luís não respondeu à pergunta. Insistiu, apenas, em saber como a explicação se processara, palavra por palavra, e quais as reações finais de Sílvio. Heitor contou tudo aquilo de que ainda se lembrava e ficou à espera do julgamento do padre. Mais do que nunca, sentia-se culpado, responsável pela febre que acometera Sílvio.

Depois de alguns instantes de reflexão, o padre falou:

— Heitor, nós estamos diante não de um, mas de vários problemas diferentes. Em relação a um, o mais grave de todos a meu ver, só você pode resolver — porque só você sabe o que realmente quer.

— Como assim, padre?...

— Esse problema a que me refiro é o da sua amizade com Sílvio. A decisão está em suas mãos.

— Mas, não é isso... — protestou molemente Heitor, compreendendo onde o padre queria chegar.

— Eu sei — interrompeu Padre Luís com firmeza no tom.

— Eu sei que você não pôde agir de modo diferente. Não me esqueci ainda de nossa última conversa. Apenas... Padre Luís se deteve, sem

ousar ir mais longe. Receava, falando, precipitar acontecimentos que talvez fosse possível conter por algum tempo ainda. No entanto, Heitor insistiu:

— Apenas?...

— Dada sua idade, eu me pergunto — declarou o padre, mudando um pouco a orientação do seu pensamento — se você está perfeitamente consciente do que está fazendo...

— O que é que eu estou fazendo? — perguntou Heitor, quase ofendido.

— Fazendo... ou deixando que se faça em você. Pouco importa.

— Mas, o que é que está se fazendo em mim, padre?

— Meu filho, não se atira fora um amizade assim!... Indignado, Heitor se exaltou:

— Eu não estou atirando fora amizade alguma! O senhor não pode dizer isso!

— Calma, rapaz! Estamos conversando, não?...

— Desculpe, padre. Desculpe, mas achei que o senhor tinha sido injusto.

E não pude reprimir meu protesto! Padre Luís sorriu da veemência com que Heitor falava, mesmo pedindo desculpas e explicou:

— Seu engano vem de pensar que o estou atacando, culpando. Meu fito é, apenas, tentar avisá-lo de uma transformação que está se verificando em você, sem você mesmo perceber...

— Transformação?

— Sim. Você veio mudando muito nesses últimos tempos... Sabe disso?

— Já sei que foi para pior... Padre Luís tornou a sorrir e bateu no ombro de Heitor amigavelmente:

— Não garanto. São coisas difíceis de dizer. Em certos pontos, sim. Em outros, não. No que se refere à sua capacidade de amizade, foi para pior.

— Mas eu não mudei!

— Quem mudou então? Sílvio?... Diante da impossibilidade de achar que Sílvio mudara, Heitor pensou que Padre Luís devia ter alguma parcela de razão. Sim, não havia como não ver que evoluíra muito em relação ao ano anterior. Para melhor, julgava ele. Se o padre achava o contrário, então, paciência. Tentou explicar:

— Padre, eu faço o que posso... e, mesmo assim, isso me custa muito.

É difícil ser amigo de Sílvio! Padre Luís teve um movimento de triunfo e logo concordou:

— Deve ser! Nem é por outro motivo, meu filho, que vale a pena ser amigo de Sílvio!

— Custa muito!... — insistiu Heitor, suspirando.

— Paga, porém! É uma amizade, não uma simples camaradagem, um sentimento a passar com os anos... O que você se arrisca a perder é alguma coisa de sério, de grave, de sublime, alguma coisa que pode durar toda a sua vida... e, também, já que é preciso considerar os diversos aspectos do problema, que lhe pode ser útil em momento de grande dificuldade, nesses instantes em que uma amizade sincera é a coisa mais próxima da divindade que se pode encontrar na terra!

— Eu sei, eu sei de tudo isso — murmurou Heitor intimamente abalado.

— Mas, o que é que eu posso fazer? Eu me esforço... Agora: insincero, hipócrita, não posso ser! Padre Luís sorriu, sem responder nada. Aquele mesmo raciocínio (àquele ou a outros propósitos), quantas vezes não o vira formulado por meninos daquela idade? Principalmente quando se tratava de questões de fé, de obediência aos mandamentos da Igreja. Entre outros, não fora o caso de Ivo? E o de Roberto? E o de Antônio? A mesma luta de sempre, toda vez que se defrontavam o bem e o mal, o sublime e o vulgar, a pureza dos movimentos de amizade (ou de amor) e a cegueira do incontrollável egoísmo dos homens!... Precisando responder a Heitor com palavras que o atingissem fundamente, mas não estando preparado no momento, o padre procurou um caminho diferente, de modo a ganhar tempo:

— Você tem de escolher, Heitor: de um lado, a amizade de Sílvio, sincera, grande... — ...grande demais! — brincou Heitor.

— De outro — prosseguiu o padre, como se não o tivesse ouvido —, uns pequenos sacrifícios... Não é coisa muito custosa. Apenas, questão de habilidade, de jeito: procurar não ferir tanto Sílvio, não o provocar...

— Mas, padre — interrompeu Heitor com indignação —, eu não provooco nada! O senhor não vê, nesse último caso? Sílvio diz que não aceita o meu plano, vai embora, não me diz coisa alguma e, no dia seguinte, age como se tivesse combinado tudo comigo, conosco...

— Movimento de amizade, meu filho!

— Ou de loucura? Parece até idiota! Dessa vez, Padre Luís não sorriu. Era triste ver Heitor julgar daquele modo o gesto de Sílvio — ainda que esse gesto fosse, em si, errado e perigoso pelo germe de indisciplina que continha. Inegavelmente, criara uma situação difícil. E, por pensar nela, convinha olhá-la de frente. A hora do início das aulas estava chegando e não havia tempo a perder. Lembrou a Heitor a existência daquele problema imediato e sugeriu:

— Hoje mesmo, vou conversar com o padre reitor a respeito de Sílvio. Procurarei atrair a atenção dele para a situação de vocês. Se tudo correr como espero, amanhã pela manhã irei visitar Sílvio, caso ele já possa receber visitas.

— O senhor acha que vai conseguir que ele recomece a cópia? — indagou Heitor timidamente.

— Pelo menos, vou tentar. Tudo dependerá do estado de espírito de Sílvio.

Se ele não se recusar a uma conversa franca, íntima... Heitor pensou consigo mesmo que Padre Luís ia apenas perder tempo.

Não disse nada, porém. Limitou-se a perguntar:

— E, caso não consiga nada?

— Então...

— Então? — insistiu Heitor com visível ansiedade.

— Então, voltarei a falar com o reitor, com o próprio Padre Ladário, se for necessário... Apesar de tudo, a resposta do padre não satisfaz a Heitor. Ainda insistiu:

— E se, mesmo assim, não conseguir nada? Padre Luís fixou Heitor com curiosidade. Onde queria chegar? Sacudiu os ombros e respondeu num tom vago:

— Então, será como Deus quiser... Veremos, quando chegar o momento. A nova resposta tranquilizou Heitor menos ainda do que a anterior. Padre Luís ficou calado, sem ter o que dizer. Ao fim de alguns instantes, não podendo mais se conter, Heitor perguntou:

— E então, padre, o senhor acha que nós, isto é: que eu, Cândido e outros seremos obrigados a acompanhar Sílvio no que ele resolver fazer?

— Obrigados?!... — exclamou o padre sem esconder seu constrangimento.

— Se devemos acompanhá-lo... é o que eu quero saber — corrigiu logo Heitor.

Padre Luís hesitou alguns segundos. Depois, medindo as palavras, sentenciou:

— Isso é uma questão em que é muito difícil aconselhar. Depende da consciência de cada um. Se você tivesse um confessor e expusesse o caso, ele lhe diria, exatamente, o que você podia e o que não podia fazer...

— Mas, e o senhor?

— Eu não sou seu confessor, meu filho! Infelizmente, você não tem nenhum. Eu só poderia falar como amigo.

— E, como amigo?... Não foi sem relutância que Padre Luís declarou:

— Isso, eu já lhe disse: sua amizade por Sílvio deve passar antes de tudo mais.

— Mas, isso não resolve o caso! — gemeu Heitor com raiva.

— Ou, se resolve, é negativamente.

— Então...

— Mas padre, o pessoal que vai dizer de mim, se eu abandonar Sílvio desse modo?... Padre Luís estremeceu. No decorrer das últimas réplicas, todo o tempo temera ver a conversa tomar aquele rumo. Protestou logo:

— Heitor, qualquer atitude sua, baseada nessa consideração, estará errada. Será insincera, artificial, unicamente determinada pela opinião dos outros!...

— Nesse caso, não vejo solução.

— Vamos esperar. Quando chegar o momento, conversaremos de novo.

Por enquanto, vamos ver se conseguimos evitar a crise. Agora, vou aproveitar para falar um minuto com o padre reitor a respeito da doença de Sílvio. Será útil.

— Tanto mais quanto já estão chegando colegas meus... — murmurou Heitor se afastando.

Realmente, pouco a pouco, enquanto os dois conversavam, os alunos tinham começado a chegar e já enchiam o pátio com a algazarra de sempre. Os meninos dos primeiros anos apareciam mais cedo, afoitos, ansiosos por encontrar os colegas, por reencetar as conversas da véspera,

os jogos interrompidos. Depois, mais devagar, displicentes, iam surgindo, um a um, os alunos dos últimos anos, quase todos com outras ideias na cabeça, na maior parte desinteressados da vida colegial, alguns mesmo já completamente envolvidos pelo mundo de fora que começava a lhes oferecer um sem número de seduções. E, no meio deles, Heitor vira chegar alguns dos seus colegas: Jônatas, de cabeça baixa, meditando qualquer coisa; Nélio, assobiando o último samba, como sempre um pouquinho fora do tom; Oto, indiferente, alheio; Domingos, Lauro, Domício, enfim Cândido para junto de quem logo correu a fim de contar em detalhe a parte da conversa com Padre Luís que estava disposto a não manter em segredo.

•

Pouco depois, ao entrar na aula, Padre Ladário já sabia, pelo reitor, da doença de Sílvio. Padre Martinho lhe dissera que o menino não viera na véspera, não tendo podido, portanto, apresentar a cópia.

Naturalmente, Padre Ladário não acreditava na “doença”. Mais uma vez Sílvio enganara, mentira. Irritado com o estratagema, fora para a aula resolvido a pôr por terra o golpe “tão torpemente premeditado”.

Rezada a oração de praxe, correu os olhos pela turma, como a querer se certificar que Sílvio realmente não viera. Olhando então mais ou menos em direção a Heitor, falou, sem esconder que estava querendo ser irônico:

— O padre reitor me informou que o nosso Sílvio Iberê está doente. Esqueceu-se, porém, de me dizer de quê... Algum dos senhores saberá, por acaso? Houve um momento de indecisão. Instintivamente, todos os olhares convergiram para Heitor. Imóvel, sem saber o que responder, Heitor permaneceu calado, esperando. Nervoso com aquele silêncio de expectativa, com todas aquelas atenções fixadas em Heitor, muitas delas sem a menor simpatia, Cândido se precipitou e, levantando-se, contou:

— Eu soube, hoje de manhã, que ele passou a noite mal...

— Mal? — indagou Padre Ladário, por um momento assustado.

— Parece que teve muita dor de cabeça e febre alta. Mas, agora de manhã, quando telefonei, já estava melhor.

Padre Ladário sorriu, tranquilizado, de novo descrente de tudo, naquela “doença”. Resolveu atacar:

— Mas, afinal, o que é que ele tem? Que doença é essa?

— Disse que foi uma febre nervosa...

— Febre nervosa?! Que nova invenção é essa?! — exclamou Padre Ladário com estardalhaço.

Atrapalhado com as dúvidas manifestadas pelo professor, Cândido quis relatar tudo o que sabia para se tornar mais verossímilante:

— Foi isso o que a governanta da casa dele disse, hoje, pelo telefone. Ontem, quando nós estivemos lá...

— Nós, quem? — interrompeu Padre Ladário com visível curiosidade no tom.

— Eu e Heitor...

— Bem, você e Heitor... — sublinhou Padre Ladário, olhando fixamente para Heitor, como se lhe pedisse para confirmar a informação.

— Continue: quando vocês estiveram lá... — ...Sílvia estava de cama, gripado.

— Gripado?! Padre Ladário sorriu, sacudiu os ombros, fez com as mãos um gesto de quem está satisfeito com o que acabou de ouvir e triunfou:

— Ora, essa é boa! Um dia temos gripe, no outro febre nervosa!... Essa doença, na minha terra, tem um nome. O senhor sabe qual é? Cândido baixou a cabeça, já arrependido de ter falado. Tanto mais quanto, no olhar de Heitor, que se encontrou então com o seu, cuidou descobrir uma censura qualquer pela sua tagarelice.

Sem esperar pela resposta de Cândido, Padre Ladário gritou:

— Preguicite! Houve riso na aula. Heitor fuzilou com o olhar os que estavam rindo, identificando apenas Nélio e Domício. Padre Ladário prosseguiu logo, dirigindo-se a Cândido.

— Escute, que não quero mais perder meu tempo com essa “doença” absurda. O senhor mesmo vai ficar encarregado de dizer ao Sílvia que, aqui nessa aula, ele não me entra sem a cópia. Se realmente está doente, faça quando ficar bom. Ao padre reitor, ele pode enganar. A mim, não! Cândido trocou um rápido olhar de cumplicidade com Heitor, e logo se sentou. Nos olhos do outro, cada um lera a mesma coisa: dessa, Sílvia não escapa. Mais cedo ou mais tarde, será a expulsão.

•

Tendo sabido por Heitor, no decorrer do primeiro recreio, do novo aspecto sob o qual a situação de Sílvia se apresentava, Padre Luís não

teve descanso naquela tarde enquanto não conseguiu do reitor uma meia hora de conversa particular. Somente depois do fim das aulas, Padre Martinho teve tempo livre. E, assim mesmo, só pôde dispor de uns quinze ou vinte minutos, pois era obrigado a sair, naquela tarde.

Para Padre Luís, a tarefa de que se encarregara era difficílissima. Da última vez que abordara aquele assunto com o reitor, saíra fragorosamente derrotado. Pior ainda, saíra sob suspeição, não só de ter levado os alunos do quinto ano à beira da rebelião, como de estar agindo movido, ainda que inconscientemente, pela má vontade que dedicava a Padre Ladário. Aceitara a repreensão, curvara a cabeça humildemente. Sofrera, porém, com a solução dada ao caso. E, se não lhe dera maior atenção no momento, fora porque o desenvolvimento do episódio de Ângela o preocupava de tal modo que não podia pensar em mais nada senão naquilo e, naturalmente, em seus deveres religiosos. Agora, porém, tudo vinha à tona. E não era de coração tranquilo que reaparecia diante de Padre Martinho para defender os alunos do quinto ano da tirania de Padre Ladário.

Com a mesma calma de sempre, o reitor o ouviu até o fim, interrompendo-o apenas para pedir esclarecimentos ou confirmar suposições que ia fazendo ao longo da narração. Depois, resumindo o que entendera, falou:

— Se compreendi bem suas palavras, estamos diante de dois casos, um de ordem geral, outro de ordem particular: o da turma do quinto ano ginásial e o de Sílvio Iberê.

— Um por se verificar, o outro já verificado — acrescentou Padre Luís, abanando afirmativamente a cabeça.

— Ainda há, porém, o perigo de que se unam num caso só, em si bastante grave.

— Compreendo. Mas, vamos examinar cada caso de per si. Primeiro o geral, como é de bom método. Pelo que entendi, meu filho, você acha que a essa turma (salvo a uns dois ou três...), de nada serviu a lição recebida há dias, e que o sistema disciplinar de Padre Ladário está precipitando uma nova crise. Não é bem isso?

— A crise é mesmo iminente — confirmou Padre Luís.

— Admitamos. Admitamos mesmo que esses métodos autoritários de que o nosso latinista se serve, usados aliás em diversos estabelecimentos de ensino...

— Não duvido! — interrompeu Padre Luís sem se poder conter.

— ...sejam um pouco rudes — continuou o reitor sem atender à interrupção.

— Nós, aqui, não costumamos nos utilizar deles, você sabe...

— Felizmente! — tornou a atalhar Padre Luís.

— Escute!... Nós não nos utilizamos deles, mas não me parece que possamos proibi-los. Padre Ladário só acredita nesses meios para manter a disciplina. Temos de ser cordatos, temos de contemporizar. Para o ano, Padre Leonardi já estará em condições de retomar o curso...

— Padre reitor — protestou Padre Luís com vivacidade —, para o ano é para o ano, ainda está muito longe. O nosso problema é imediato!

— Temos de resolvê-lo, portanto, como um problema que surge em nosso caminho e que devemos enfrentar com calma, segurança e espírito de justiça. Nada de precipitações, meu filho! Então, vamos tirar a autoridade de um professor... só para evitar que os alunos venham a se rebelar contra ele?...

— E se ele os persegue, se os humilha, se os leva à revolta usando desses métodos?!...

— Nosso Colégio se transformaria numa Babel, num antro de desordeiros! A rebeldia se tornaria geral, seriam os alunos a nos ditar regras! De um extremo — desse excessivo rigor de Padre Ladário —, passaríamos a outro — a essa tendência à indisciplina que me parece estar teimosamente escondida no fundo do seu coração e que o torna o advogado nato dessas causas semirrevoltosas... Padre Luís nada objetou. Parecia-lhe estar ouvindo, palavra por palavra, a admoestação de um mês antes, quando da primeira crise séria entre Padre Ladário e o quinto ano. Aparentemente, não adiantava insistir: a opinião de Padre Martinho sobre o quinto ano e suas tendências dava a impressão de ser absolutamente irremovível. Doía-lhe, porém, constatar mais uma vez a suspeita com que o reitor apreciava seu esforço em distinguir entre o que era justo e injusto nas reclamações daquela turma. Pois, se chegava a acusá-lo de “indisciplina”, se descobria nele um “advogado nato” das causas “semirrevoltosas” que surgiam no Colégio!... Vendo-o contristado e julgando difícil, no momento, tranquilizá-lo, o reitor resolveu passar bruscamente para o segundo ponto que tinham a examinar:

— Quanto ao Sílvio Iberê, a solução do caso dele não me parece muito difícil. No dia em que tiver licença médica para frequentar de novo as aulas, ou no dia seguinte, deverá trazer a cópia. Falarei eu mesmo com Padre Ladário e, estou certo, ele concordará. Um dia a mais ou a menos,

não importa. O que é indispensável é a punição não ficar inaplicada, é o rapaz trazer a cópia... Padre Luís sorriu, desalentado. Via bem que, ainda ali, estava esbarrando lamentavelmente. Contudo, objetou sem perda de tempo:

— É justamente esse o ponto...

— Que ponto?

— O ponto nevrálgico. Creio que já lhe disse...

— Talvez não tenha entendido bem o que me explicou a esse respeito, meu filho. Por que é que ele não quer fazer a cópia? Rebeldia? Amor-próprio?... Padre Luís sentiu que o momento era decisivo. Parecia-lhe ter na mão, dependendo de sua habilidade, de sua perícia na escolha das palavras a empregar, o destino imediato de Sílvio. Conseguiria evitar sua suspensão, sua expulsão? Conseguiria impedir que um possível, provável desmoração de sua existência viesse por aquele caminho ingrato — e viesse tão cedo, antes dele ter armas próprias para se defender? Tomando coragem, tentou explicar:

— Padre reitor, o senhor sabe: nos colégios, entre amigos, há certas situações que se formam que é preciso respeitar. Criam-se obrigações, pontos de honra. Não se podem, não se devem exigir delações, traições...

— Claro! Mas, em que é que “traições” e “delações” têm a ver com o problema que estamos examinando?

— Nada. Apenas quis dizer: há situações entre amigos que é preciso respeitar, não romper.

— Sim.

— Entre Sílvio Iberê e Heitor Torres...

— Já me tardava não ver este último metido na história!... — interrompeu Padre Martinho rindo, sem má vontade.

— ...formou-se uma situação dessa natureza. Por uma série de mal-entendidos que só dispondo de mais tempo eu poderia lhe explicar, Sílvio se julga na obrigação de não entregar a cópia.

— Por isso? Apenas por isso?

— Creio que sim. Unicamente.

— Mas então, meu filho, uma vez desfeitos os mal-entendidos, ele poderá entregar a cópia, não?

— É diferente, padre reitor. O senhor sabe, nessas questões de amizade, tudo se passa de um modo especial, delicado, complexo... Padre Martinho não sabia. Para ele, amizade era um sentimento claro e simples, sem a mais leve sombra. Nada de choques, nada de crises. Não entendia aquelas complicações, aqueles sentimentos turvos, excessivos. Da sua longa experiência, trazia mesmo a convicção de que, em geral, havia nesses casos qualquer coisa de doentio, muitas vezes até de pecaminoso. Padre Luís podia não perceber, porque ainda era moço e muito ardente em seus entusiasmos. A carne, porém, costumava rondar aquelas presas fáceis, transformando, quase sempre à traição, amizades dramáticas em ligações tempestuosas e, muitas vezes, infames. Naquele caso, podia não haver o menor elemento sexual de permeio — e não nutria nenhuma suspeita nesse sentido, podia assegurar —, mas, nunca era bom facilitar. De mais a mais, não havia uma só gota de bom senso em tudo aquilo. Amizades, Padre Luís podia acreditar, ele as tivera em moço, diversas, e as sacrificara, todas de uma vez só, um dia, quando resolvera corresponder ao apelo daquele que era, na verdade, o único Amigo... Afinal, que é que Padre Luís queria? Que esperava que ele fizesse? Mais por curiosidade do que por qualquer outro motivo, indagou:

— A admitir que estivesse de acordo com essas infantilidades, que é que você acha, meu filho, que eu poderia fazer por esse menino?

— Tudo, padre reitor! — respondeu prontamente Padre Luís, os olhos brilhantes de emoção.

— Como assim?

— Pedindo, conseguindo de Padre Ladário a suspensão da pena. Padre Martinho riu com indulgência, antes de lembrar:

— Meu filho, escute: não foi você mesmo quem veio me trazer a prova de quanto Padre Ladário atribui importância a essa cópia, como medida disciplinar?

— Se o senhor falasse, padre reitor... invocando a doença!

— Se eu falasse, estou certo de que não adiantaria nada... apenas, a questão é que eu não posso falar.

— Não pode?

— Porque julgo que não devo. Compreende? Assim como você acha que os motivos que levam esse menino a agir desse modo são nobres, dignos, acho eu que a disciplina do Colégio é mais importante, passa antes, precisa ser mantida, ainda que à custa de alguns pequenos sacrifícios. Se formos abrir exceções para casos assim, se for desautorar

os nossos professores...

— Não se trata de desautorar!

— Equivale a isso. Depois de um gesto desses, você me diga, que confiança poderá ter Padre Ladário para continuar com o regime que preconiza? Seria preferível dispensar os serviços dele... e isso, você compreende, não nos convém em absoluto. No momento, seria mesmo uma loucura! Houve uma pausa, longa. Como Padre Luís nada replicasse, o reitor foi mais longe, revelando todo o seu pensamento.

— Raciocinemos. Mesmo que esse caso que estamos estudando implique numa escolha forçada para o nosso Colégio entre o agente da punição e o punido, não há dúvida que o sacrificado tem de ser o punido. É o normal, meu filho. E, no caso, me parece, também, ser o certo. Assim, você compreende bem como o seu pedido tem de me parecer absurdo. Leviano, até. Sei que o movimento do seu coração foi bom, como sempre é. Mas, agora, você sabe que ele equivale a um pedido de dispensa dos serviços de Padre Ladário... Realmente, Padre Luís não pensara nesse aspecto lógico do problema. Por um momento, porém, foi imensa nele a tentação de dizer que era aquilo mesmo o que tinha vindo pedir, só tendo lhe faltado coragem para fazê-lo. A mentira lhe repugnou, no entanto. Curvou a cabeça, e confessou com humildade:

— Não foi esse o meu pensamento, procurando-o.

— Creio bem! Mas, e agora... é? A intuição luminosa de Padre Martinho desarmou seu interlocutor. Erguendo os olhos sobre o rosto sereno do reitor, Padre Luís murmurou:

— Eu mentiria, se dissesse que não.

Padre Martinho riu com indulgência e comentou:

— Bem. Deixe a mim resolver esses problemas. Esses e outros, que são muitos, e relacionados entre si. Precisamos agir com prudência. Entregue a naturezas apaixonadas como a sua, minha cidade arderia em poucos dias. Vamos refletir melhor, vamos rezar um pouco para ver se Deus nos inspira uma solução qualquer.

Padre Luís curvou de novo a cabeça, à espera da sentença. O reitor prosseguiu:

— Por hoje, já conversamos bastante. Não posso chegar atrasado na Nunciatura. Falaremos depois. Enquanto isso, faça uma coisa que talvez seja muito útil: procure o rapaz, convença-o a entregar a cópia. Obediente, humildemente...

— Eu já tinha decidido ir visitá-lo, amanhã cedo.

— Então, vá mesmo. E tire da sua, e da cabeça dele, essas outras ideias — bonitas em si, porém tolas, quando vêm esbarrar nos princípios intangíveis da obediência e da disciplina.

Padre Luís ergueu os olhos, procurando compreender, na expressão do reitor, o sentido exato daquela recomendação final. Padre Martinho já estava, todavia, de costas para ele, pronto para ir embora. Acompanhando-o pelo corredor, a alguns passos de distância, Padre Luís ia pensando: “Procurar Sílvio, impedir que ele seja expulso. Sim, porque, apesar de toda a sua bondade, Padre Martinho o expulsará, se eu não o fizer mudar de ideia, amanhã, na conversa que vamos ter”. E, andando, começava a compreender: mais uma vez, estava diante de uma tarefa acima de suas forças. Ainda não viera à tona, do último mergulho (continuava sem notícias de Ângela...), e já arranjava um novo naufrágio. Podia duvidar que aquilo fosse nele uma predestinação? Podia deixar de sentir, em todos aqueles casos, a marca singular, aquela que não podia se confundir com nenhuma outra?... E a esse apelo estranho, constante, irrefreável, podia se recusar sem trair, sem compactuar com o grande inimigo? Pelo contrário, devia esquecer os últimos fracassos, todos aqueles episódios que o tinham deixado tão ferido. Devia confiar. Devia esperar. Não pudera impedir que o desespero tomasse conta, pelo menos provisoriamente, da alma de Ângela. Isso não era, porém, razão para que também Sílvio sucumbisse. Devia confiar. Devia tentar. Devia trabalhar sem esmorecer, até alcançar o fim proposto.

•

No dia seguinte, ao entrar em casa dos Iberê, por volta de onze horas da manhã, a primeira coisa que Padre Luís estranhou foi a transformação operada em Sezefredo Iberê. Vira-o meses antes, na festa de fim de ano do Colégio. Lembrava-se que ainda o achara bem conservado, mais ou menos como no verão anterior. Agora, a diferença era enorme. Parecia outra pessoa. Não só pelo repentino envelhecimento, como pelo ar estranho, alheio a tudo. Dir-se-ia o habitante de um outro mundo, um ser que, pelo menos, nada tivesse a ver com os seres no meio dos quais vivia. Deixava mesmo transparecer, no olhar, um certo ar alucinado que nunca lhe notara. No entanto, falara com ele corretamente, quase com simpatia. Assim o introduzira no quarto de Sílvio, fora para a sala e abriu a famosa vitrola. Por Heitor, por Cândido, pelo próprio Sílvio, tinha conhecimento de sua mania. Jamais julgara, porém, que fosse tão forte, tão envolvente, começando assim de manhã e se prolongando pelo dia todo. Afinal,

devia ser bem difícil viver naquela ininterrupta atmosfera musical. Sílvio ainda tinha a escola, os colegas, o “porão”, para aliviar. Mas, aquela governanta, cujo papel naquela casa ninguém ignorava, devia pagar bem caro seu pecado de mocidade.

Aquela tranquilidade burguesa em que vivia, a preço de uma verdadeira reclusão, de um sepultamento num mundo de sons e sublimidades para o qual não parecia ter a menor inclinação, era simplesmente trágica, não podia inspirar outra coisa do que uma profunda comiseração. Principalmente agora que, como se começava a propalar, o velho Sezefredo não escondia seu desejo de se ver livre dela, falando mesmo em “despedi-la”, sempre que entre os dois tinha lugar uma discussão qualquer.

No quarto do doente, Padre Luís teve nova surpresa. Pelo que sabia — notícias dadas por Heitor —, pelo que imaginava — conhecimento pessoal de Sílvio —, não esperava encontrar um doente propriamente dito e, sim, uma criatura sofredora, aperreada, magoada a ponto de não ter coragem para se levantar da cama e recomeçar a luta em base nova. Acreditava vagamente na existência da febre nervosa. Na verdade, porém, o que julgava que Sílvio tinha era uma séria crise de desilusão.

Agora, ao vê-lo deitado, olhando-o do fundo de dois olhos apertados e sem brilho, estendendo-lhe uma mão sem calor e sem energia, não tinha dúvida de que o menino estava realmente doente. Dona Mercedes lhe dissera que, na véspera, o médico só lhe dera licença para ir ao Colégio dois dias mais tarde e, assim mesmo, caso quisesse, caso estivesse com disposição. Era evidente, no entanto, que Sílvio não teria vontade nem de se levantar da cama. Assim, Padre Luís foi logo declarando diante de dona Mercedes que concedia mais três dias de descanso a Sílvio, em nome do reitor.

Dona Mercedes se retirou, em seguida, estranhando a liberalidade da dispensa. Padre Luís se aproximou de Sílvio, sentando-se na cadeira próxima à cama. E, de novo, fitou-o. E, de novo, permaneceu perplexo ante o olhar que lhe foi lançado. Não conhecia aquela expressão de cansaço, aquele mudo pedido de misericórdia, proferido antes mesmo da ameaça se desenhar. Que tinha? Que surdo desespero o roía? Até que limites não o levara aquele seu sofrimento calado, em cima daquela cama, no decorrer daqueles dias?... As primeiras tentativas de conversa esbarraram no obstáculo de sempre, o retraimento de Sílvio. Esquivava-se, fugia, como que todo ele encurvado sobre si mesmo. Dir-se-ia que seu problema, no momento, era se defender de alguém. A todo instante parecia temer que o fossem ferir com palavras duras ou violar seu silêncio com perguntas indiscretas. Guardava medrosamente seus

segredos, pronto a pular, se o encostassem à parede para consegui-los. E, até afirmações as mais banais saíam tímidas, quase gaguejadas... Quando Padre Luís abordou francamente o assunto da cópia passada por Padre Ladário, explicando-lhe que nada conseguira na sua intercessão junto ao reitor, por se tratar de uma questão disciplinar considerada essencial, Sílvio se animou por alguns minutos, o bastante para dizer:

— Eu lhe agradeço muito, padre, sua intervenção. Mas, quero lhe dizer uma coisa com toda a sinceridade: aconteça o que acontecer, não vou mais entregar essa cópia... Padre Luís sorriu, tristemente. Olhando-o, encontrando pela primeira vez naquele dia um pouco de animação em seus olhos, compreendeu que a resolução tomada era inabalável. Sua visita, completamente inútil. Todo o rancor de Sílvio, sua desilusão em relação a Heitor (aos colegas, talvez), viera assumir aquela forma heroica, absurdamente heroica: não entregar a cópia, oferecer-se aos golpes impiedosos da fúria disciplinar de Padre Ladário, sofrer tudo o que fosse preciso sofrer para aplacar seu desespero.

Sem se dar por vencido, explicou logo:

— É pena, Sílvio. Vim justamente para lhe pedir isso, esse favor: entregar a cópia...

— Padre, tudo, menos isso!

— Ouça, Sílvio: não lhe custa nada. E é um favor que você me faz. Não lhe mereço nada, um sacrifício como esse?

— Padre, eu lhe garanto: o senhor me merece muito, tudo mesmo. Isso, porém, é impossível! Sílvio falara com rara decisão. Padre Luís compreendeu que, por aquele caminho, não conseguiria nada. Resolveu tentar outra coisa, e confidenciou:

— Meu filho, você diz que é impossível, mas não diz por quê... Será que vou ser indiscreto se tocar nesse assunto? Seja franco, porque só vim aqui pensando em seu bem.

Sílvio se mostrou emocionado, inquieto. Como resposta, balbuciou:

— Indiscreto, não. Apenas padre... o senhor sabe... como é impossível!

— Impossível por quê?... Como esperasse alguns momentos e não obtivesse resposta, Padre Luís ousou:

— Meu filho, confie em mim. Esqueça por momento que sou a criatura que você conhece do Colégio e pense que recebi de Alguém poderes especiais para suavizar as dores dos que sofrem nessa terra... O espanto estampado na fisionomia de Sílvio atemorizou Padre Luís. Era evidente

que não esperava por aquelas palavras. Podiam impressioná-lo, fraco, doente como estava. Não teria ido um pouco longe demais? De qualquer modo, não era mau que aquela semente boa tivesse sido lançada num terreno propício.

Resolveu recuar um pouco, prometendo a si mesmo voltar ao assunto, ou mais adiante ou na próxima visita. Continuou a falar, enquanto Sílvio mantinha, fixos nele, seus olhos pequenos, cheios de espanto:

— Confie em mim, diga o que sente: isso o aliviará. Eu sei, meu filho, sei o que se passa com você...

— Não sei como é que o senhor pode saber... — protestou Sílvio molemente, no íntimo compenetrado de que o padre sabia de tudo.

Depois de uma pequena hesitação, o padre achou melhor confessar:

— Heitor e eu conversamos ontem, longamente, a seu respeito... e a respeito de tudo isso que vem sucedendo.

Apesar de já esperar pela revelação, Sílvio teve um sobressalto. E, aumentando o volume da voz, perguntou:

— Foi ele quem lhe pediu para vir me visitar?

— Não. Eu vim por mim mesmo.

— Também pediu para o senhor conseguir de mim que eu entregue a cópia?!... Excitado, Sílvio tornara a aumentar o tom da voz. Sentindo que fora longe demais, o padre tentou acalmá-lo:

— Sílvio, por favor, não grite! Você está doente... Garanto-lhe que não houve nada disso.

— Pois o senhor pode dizer a ele que eu não entrego!

— Sílvio...

— Agora, nem que ele venha me pedir de joelhos! Nem que me expulsem do Colégio! Até onde aquela excitação teria levado Sílvio, Padre Luís não sabia. Sua imprudência fora grande, os resultados estavam sendo catastróficos. E, provavelmente, o seriam muito mais ainda, se dona Mercedes não tivesse surgido, então, acompanhada pelo médico que chegara, naquele momento, para fazer a visita prometida com o fito exclusivo de tranquilizar a inquietação do velho Sezefredo.

Padre Luís não teve dificuldade em reconhecê-lo. Tratava-se de Leopoldo Graça, do mesmo Leopoldo Graça que encontrara, cerca de um mês antes, junto ao leito de Armando agonizante. Não manifestou

espanto. Ao contrário do médico, que não pôde esconder o seu, exclamando:

— O senhor por aqui? Prazer em vê-lo tão bem ocupado... Padre Luís se levantou para apertar-lhe a mão, sem contudo tirar os olhos de Sílvio, cuja agitação ainda era visível. Constatando-a, Leopoldo Graça franziu o sobrolho em sinal de contrariedade, teve uma hesitação de alguns segundos e, depois, com um leve sorriso a lhe pender dos lábios indagou do padre:

— O Sílvio é seu aluno?

— É. Ele estuda lá no nosso Colégio... — respondeu, com visível constrangimento.

Leopoldo Graça apoiou um pouco mais no sorriso e, em tom de caçoada, lembrou:

— Padre, esse menino é aluno fraco, eu sei. Nesse momento, porém, não devemos censurá-lo por faltas ou pela sua má aplicação. Não tem mais nada, mas necessita repouso. Não convém exigir muito dele, até que se restabeleça inteiramente.

Padre Luís compreendeu o que o médico estava querendo insinuar e se julgou na obrigação de dizer:

— Tem toda razão, doutor. Tanto assim que vim lhe trazer a recomendação do nosso reitor para que descanse mais três dias, antes de voltar às aulas.

“Bem sei que estou mentindo!”, pensou Padre Luís contrariado. “Mas, contarei tudo ao padre reitor, assim chegue ao Colégio. Para lutar contra esse homem, qualquer arma é boa, até mesmo a mentira...”, tornou a dizer consigo mesmo, corando logo em seguida.

Não se deixando vencer pela manobra do padre, Leopoldo Graça reagiu. Batendo as mãos em sinal de regozijo, voltou-se para Sílvio, absolutamente inconsciente, e exultou:

— Muito bem! Ótimo, não, seu Sílvio? Já vejo agora por que você estava tão excitado quando cheguei... Depois, como se não pudesse haver a menor relação entre as duas coisas, voltou-se para Padre Luís e perguntou:

— O senhor já estava aqui há muito tempo?... Padre Luís tornou a corar e o próprio Sílvio, compreendendo a indireta, achou-se na obrigação de intervir:

— Não! Padre Luís chegou há pouco... e vai ficar mais um pouco, não?

Eu estava contando a ele, justamente quando o senhor chegou, uma história curiosa que li ontem... Padre Luís trocou com Sílvio um olhar cheio de simpatia e conivência.

Contudo, julgou-se na obrigação de positivar:

— Impossível, meu filho!... Justamente já estava me parecendo que a hora ia avançada e eu precisava ir embora. Amanhã ou depois, eu volto...

— Volte! — aconselhou Leopoldo Graça.

— Volte quando puder, para entreter o nosso Sílvio que vive muito triste aqui, só com o avô... e com todos esses músicos! Apenas, não deixe ele se excitar muito, sim?

— Eu não tenho mais nada — garantiu Sílvio.

— Também acho — certificou o médico.

— Convém, todavia, evitar conversas sérias, que deixem a cabeça preocupada. Para a salvação da alma, no seu caso, há tempo... Padre Luís teve vontade de responder, de dizer a Leopoldo Graça que não falara em salvação de alma a Sílvio. Pensou, porém, que ia mentir de novo e mentir num ponto que talvez fosse prejudicar Sílvio. Calou, levando consigo a indireta. Despediu-se, rapidamente, e saiu de cabeça baixa, humilhado. Fracassara em quase tudo o que viera fazer. Por fim, de acréscimo, ainda tivera de suportar aquele encontro desagradável, aqueles traços de mordacidade proferidos intencionalmente. É verdade que tinham sido eles que lhe haviam trazido o gesto de solidariedade de Sílvio. E talvez isso valesse mais do que um sucesso imediato qualquer... Padre Luís caminhava de cabeça baixa, derrotado, mas, no fundo das cinzas, já a esperança renascia...

•

Ao contrário do que Leopoldo Graça supôs, a visita de Padre Luís não prejudicou o estado de saúde de Sílvio. Mostrou-se, até, mais animado, mais alegre e, à tarde, quando Cândido e Jônatas o vieram visitar, conversou acaloradamente durante mais de uma hora, só não se prolongando a tagarelice porque dona Mercedes veio lembrar que o médico lhe prescrevera repouso absoluto.

À noite, porém, sentiu-se cansado e o sono lhe fugiu logo às primeiras tentativas de conciliá-lo. Esforçara-se por não pensar em nada. No entanto, a todo momento lhe voltavam à memória trechos da conversa com Cândido e com Jônatas, ou olhares cheios de compreensão e

simpatia trazidos por Padre Luís à sua solidão.

A visita da tarde ocupou menos espaço em suas recordações. Foi relativamente sem importância, a presença de Jônatas impedindo que ele e Cândido abordassem livremente certos assuntos, principalmente os relativos a Heitor. Contudo, guardou duas impressões nítidas, talvez bem fortes. A primeira foi sua decepção quando viu que Heitor não acompanhava Cândido e Jônatas e soube que não viria, nem mesmo mais tarde, por ter de ir a uma festinha em casa de Ruth, uma amiga de Mônica. No momento, sentiu como se estivesse esperando pelo amigo, como se, pela conversa da antevéspera, não fosse evidente que, por si, não tornaria a procurá-lo... Aliás, durante todo o resto da tarde não tirou os olhos da porta do quarto, na mais inútil e desarrazoada das esperas. Olhou, teimoso, inabalável — tanto é verdade que nossos olhos, mais irracionais que nosso próprio coração, mesmo quando a razão afirma a impossibilidade de certas presenças, não renunciam a ver surgir a pessoa pela qual esperam... A segunda impressão decorreu de um pequeno detalhe que Cândido e Jônatas lhe forneceram, ao narrar a advertência de Padre Ladário no dia anterior. Falando ora um, ora outro, Jônatas e Cândido lhe contaram, palavra por palavra, o que sucedera na aula de latim, desde a pergunta inicial pela sua saúde, até a ameaça final, feita em ar triunfante. Ouviu-os com interesse, mas não os deteve em momento algum. Já não sabia mais ou menos de tudo aquilo? Depois, agora, que importância tinha? Um único fato conseguiu feri-lo fundamentalmente. Cândido passou rapidamente sobre ele, talvez desejoso de escondê-lo. Jônatas, porém, insistiu. Assim, pôde tirar tudo a limpo sem ter de perguntar nada. Quando Padre Ladário, “qual um antigo inquisidor” — no dizer de Jônatas —, perguntara se havia alguém na aula que pudesse informar com segurança sobre a “doença” do “nosso Sílvio Iberê”, todos os olhares tinham convergido para Heitor, mas fora Cândido quem se levantara e falara. Heitor permanecera calado, na expectativa... O fato, em si, era insignificante. Nesses instantes, contudo, que importa a insignificância dos fatos? No tormento incessante da amizade que sentimos morrer, tudo é confirmação, tudo reforça a certeza cruel. E os fatos menos convincentes — esse silêncio casual, aquela palavra vaga — têm a mesma importância dos mais decisivos... Sílvio sabia bem: Jônatas não contara por mal, mas a verdade era que Cândido (amigo de Heitor antes do que seu...) tentara encobrir que os olhares de todos se tinham voltado para Heitor, aguardando, de sua parte, uma reação que não viera. Podia não dar atenção a um sintoma desses? Mesmo com todas as possíveis atenuantes? Honestamente, podia?... A seus olhos, tudo o que sucedera à tarde, repensado agora, no frio da insônia, só fazia realçar o gesto de simpatia de Padre Luís. Surpreendera-o. Chegara a desnorteá-lo na hora, levando-o até a se servir de palavras

duras, mal-agra-de-cidas. Agora, porém, o movimento do padre surgia diante dele em toda a sua amplidão. Era evidente que agira espontaneamente. Não só não era pessoa capaz de desempenhar um papel dúbio, como, também, Heitor não teria coragem nem interesse suficientes para ir solicitar sua intervenção. De manhã, talvez na cegueira da sua amizade, julgara o padre mal. E Heitor, bem demais. Fora ingrato, e pouco esperto. Ingênuo, como sempre... Ainda por cima, sujeitara Padre Luís às observações críticas do médico que, provavelmente, não devia gostar dele, pois já se conheciam. Estava na obrigação de lhe pedir desculpas, na primeira ocasião em que o visse. Ou, aborrecido, pensando que perdera inteiramente seu tempo, e temendo, por outro lado, incorrer novamente nas censuras profissionais do Doutor Graça, não tornaria a aparecer? A ideia preocupava, contrariava Sílvia. No extremo desânimo em que estava, um auxílio como aquele podia significar muito. Aquela mão inesperadamente estendida em plena noite da aflição e do abandono era mais do que uma mão estendida. Era um aviso, era um sinal. Não sabia bem de que, nem vindo de onde. Pressentia, entretanto, qualquer coisa de novo, de estranho, qualquer coisa que o atingia no mais profundo de si mesmo e que o podia revolver todo, quando o momento fosse chegado, paralisando ou atirando no abismo, elevando ou salvando... Era cedo, porém, reconhecia. Nele, naquele instante, não havia lugar para nada que se relacionasse com a Esperança. O que resolvera fazer, aquilo que cegamente decidira levar a cabo de modo que ninguém pudesse ter dúvidas sobre sua eterna amizade por Heitor e sobre seu valor pessoal como amigo e homem de caráter, aquele gesto de indisciplina que todos julgavam loucura e só ele sabia o que realmente significava (“só ele?... Padre Luís, também não saberia?”), pensava Sílvia às vezes), aquele gesto o arrastaria certamente para as mais difíceis e tristes situações. Nem as queria imaginar, por enquanto, de tal modo temia não ter coragem, depois, para enfrentá-las. Contudo, adivinhava que eram mundos de aflição, de sofrimento, mundos onde, provavelmente, a esperança não tinha direito de penetrar. A não ser que mãos mágicas, mãos mais do que humanas, conseguissem introduzi-la sub-repticiamente. Não via como, porém. Nem se sentia com ânimo para aceitar a misteriosa colaboração. Preferia ir andando às cegas, apenas com a consciência de estar caminhando na direção certa.

VII

o domingo, o desastre do selecionado do Colégio São Luís de Gonzaga frente ao Liceu Anglo-Português trouxe um abalo decisivo ao prestígio de Heitor, já em séria crise. Não tanto pela sua infeliz atuação como centromédio pois o time inteiro jogara mal, irreconhecível na opinião dos entendidos, como pelo seu desempenho na função de capitão da equipe, que há muito vinha exercendo por escolha do Padre Magalhães.

O jogo começou mal. Logo aos primeiros minutos, uma bola chutada de longe e sem maior força encontrou o goleiro descolocado, “dormindo” no canto oposto ao em que entrara. Dada a saída, os adversários, encorajados pelo tento tão facilmente conseguido, vieram novamente ao ataque e um tiro rasteiro de um lateral, num momento de confusão, passou bem junto aos pés do goleiro que, com a visão cortada, nada pôde fazer para detê-lo. Ainda não foi o desânimo. Entretanto, uns dez minutos depois, um novo gol, conquistado este por flagrante imperícia do guardião, estabeleceu o pânico no time inteiro.

O escore não se alterou até o fim do primeiro tempo. No intervalo, no vestiário, as discussões ferveram. Alegando que todos estavam jogando mal e que, portanto, ninguém individualmente podia ser considerado responsável, Heitor se opôs tenazmente a que se fizesse qualquer alteração no conjunto. Eram os melhores elementos que podiam reunir e os adversários — assegurava ele —, mais fracos em técnica, não resistiriam no segundo tempo. Voltariam a campo para a reabilitação e, pelo menos de 4 a 3, ganhariam o jogo.

Naturalmente, chocaram-se diversos pontos de vista. Predominava a tendência à substituição do goleiro, cuja atuação era abertamente considerada por Nélio e outros como calamitosa. Muitos ainda queriam que Heitor trocasse sua posição de centromédio, na qual não vinha jogando já há algum tempo, pela de meia-direita, onde brilhara nos últimos jogos e estava sendo ocupada por um elemento do terceiro ano que apresentava um padrão técnico sem dúvida bom, mas que, visivelmente, se deixara intimidar pelo tamanho dos adversários.

Heitor teimou e saiu vencedor das discussões, responsabilizando-se ante Padre Magalhães pelo resultado final. Tinha absoluta confiança no goleiro, de comum um ótimo elemento. Sabia que, pessoalmente, ia trabalhar melhor na sua posição de sempre. Tivessem fé e veriam. Que cada um guardasse suas críticas para depois do jogo. Se descontentes ainda houvesse, ele ali estaria para enfrentá-los e confundi-los.

Era provável que Heitor tivesse plena razão e pudesse provar sua tese pelo resultado final, se não tivesse verificado um fato que contrariaria radicalmente todos os seus prognósticos: impressionado com tudo o que

ouviria durante o intervalo, a respeito da sua atuação, o goleiro ficara num estado de nervos lastimável e se incumbira de tirar ele próprio as últimas esperanças dos companheiros, deixando passar, seguidas, as duas únicas bolas que os adversários conseguiram chutar em gol no segundo tempo da partida. Nesse momento, ninguém estava jogando bem, mas o time do Liceu, realmente muito mais fraco, cedera visivelmente ante a pressão exercida. E já a torcida do Colégio parecia reanimada, esperando o primeiro gol a cada instante, quando teve de fazer face a essa triste contingência: o quarto tento da tarde fora conquistado. Logo em seguida, quase da mesma forma, viera o quinto. Para os torcedores do Liceu, não era só a vitória, que por um momento parecera ameaçada. Era a certeza do “banho”, da humilhação sobre um conjunto considerado mais forte e que não escondia suas pretensões a primeiro quadro colegial da cidade... Viu-se então que o “frangueiro” se dirigia a Heitor, pedindo sua substituição. Já estava sendo apupado pelos próprios torcedores do Colégio. Não havia como resistir. Heitor cedeu, mas não fez nenhuma outra alteração no time, não obstante os repetidos protestos de Nélio e de Domício, de fora do campo, e da opinião manifestada em contrário por dois ou três elementos do próprio quadro.

O jogo continuou sem novidade, a equipe vencedora jogando melhor, e terminou em festa no meio do campo, torcedores e jogadores do Liceu confraternizando, enquanto os elementos do Colégio se retiravam, já entregues a discussões e recriminações. Naqueles últimos anos, nunca o Colégio São Luís de Gonzaga sofrera tão grave derrota. O vexame era tanto maior quanto a capacidade técnica do selecionado do Liceu Anglo-Português não era tida em grande conta. Uma verdadeira humilhação, afirmavam todos, até mesmo os padres que tinham acompanhado o time e que, em geral, costumavam amenizar os efeitos deprimentes dos reveses sofridos com palavras de consolo e repetidos apelos ao espírito esportivo que “não exigia sempre a vitória, mas a consciência de tudo ter feito para merecê-la”... De um modo geral, Heitor era apontado como o grande responsável pelo desastre. Já no caminho de volta para o Colégio, Nélio encetou a campanha que o levou, dias depois, a pedir a Padre Magalhães dispensa de capitão do selecionado. A “oposição” cerrou fileiras em torno de Nélio e as discussões se multiplicaram como se não fossem nunca mais ter fim. A partida do domingo foi analisada de todos os modos. Foram apresentadas vinte táticas superiores à usada, mil erros apontados, indicadas substituições que eram julgadas essenciais e que teriam, inevitavelmente, transformado o desenvolvimento do jogo. Nessa babel de acusações, avultavam, está claro, as recriminações iniciais: manutenção do goleiro e persistência de Heitor no centro da linha média.

Heitor se defendeu mal. A consciência de não estar inteiramente com a razão, de ter “teimado” em prejuízo dos companheiros e da reputação esportiva do Colégio, de não ter substituído o goleiro só porque Nélio o exigia em altos brados, fez com que se sentisse constrangido ao enfrentar as diversas críticas formuladas. Faltou-lhe calma, faltou-lhe, sobretudo, uma linha de conduta firme. Ora proclamava que tinha agido bem, que fizera exatamente o que qualquer capitão sensato e clarividente teria feito, ora reconhecia que errara não substituindo o guardião, mas que podia do mesmo modo ter acertado (nesse caso, todos o estariam elogiando naquele momento...). De qualquer forma, insistia, nada salvaria o selecionado de uma derrota naquele dia de azar e de descontrole geral. Nessas idas e vindas, perdia a serenidade, gritava, xingava, jurando que jamais tornaria a assumir qualquer responsabilidade em campo, exprobrando o procedimento de uns, lembrando faltas semelhantes cometidas por outros, ou mesmo por técnicos de renome, irritando, provando enfim de todos os modos que não sentia a consciência tranquila e começava a duvidar de si mesmo.

De tal maneira se tornou transparente essa sua fraqueza e dela tão bem se soube aproveitar a “oposição”, dirigida às claras por Nélio e às escondidas por Lauro, que se sentiu na obrigação de renunciar ao lugar de capitão do time. Numa das últimas discussões verificadas na segunda-feira, tivera ocasião de constatar que, de toda a turma do quinto ano, só tinham ficado do seu lado: Cândido, Antônio, Domingos e Jônatas. Assim mesmo, Jônatas fizera restrições, insistindo talvez demais no fato de não se interessar nem entender nada de futebol. Aquilo lhe parecera um compromisso, uma tentativa de estabelecer o equilíbrio dos pratos da balança.

De qualquer modo, tinha a impressão de ter sido abandonado pela turma. Apenas três ou quatro ficavam nitidamente com ele num total de treze (excluídos, dos quinze, ele e Sílvio que ainda não voltara ao Colégio). Era, portanto, a minoria. Era a derrota. Nélio falava em desafiar o selecionado do Liceu para a “revanche”, como se fosse certo que, então, estivesse a seu encargo a orientação do quadro. Prometia surras, placares esmagadores, como quem tem absoluta certeza do que diz e só pede que lhe deem ocasião de prová-lo.

Assim, Heitor começou a se sentir em posição difícil, como alguém que estivesse retendo um objeto que não lhe pertencesse. E não resistiu à tentação de provar a todos que não fazia questão daquele título tão cobiçado. Procurou Padre Magalhães, pedindo-lhe que o dispensasse, pelo menos provisoriamente, daquela ingrata tarefa.

Mal impressionado com o revés e, por outro lado, não simpatizando

muito com seu temperamento autoritário e orgulhoso, Padre Magalhães pouca resistência opôs ao pedido. Fez-lhe ver que aquilo poderia parecer a muitos uma punição pelo insucesso do domingo. Ora, essa interpretação não era do agrado da direção do Colégio que fazia questão de distinguir entre merecimento e sucesso. Diante, porém, da sua obstinação, resolveu ceder, ficando de conversar com o reitor e com Padre Maurício a respeito do seu possível substituto.

Como um favor especial, Heitor pensou em pedir que não fosse Nélio o escolhido. No momento de falar, sentiu-se envergonhado e calou. Também, era mesmo melhor assim: não queria ter mais nada a ver com o selecionado. Pediria até dispensa de integrá-lo, se acaso ainda pensassem nele para o preenchimento de qualquer posição...

•

Foi nesse ambiente saturado de lutas, desconfianças e recriminações que Sílvio voltou ao Colégio, numa quarta-feira, logo no início de julho. Fazia três dias que Padre Luís estivera à sua cabeceira. Durante esse intervalo, não fora visitado por ninguém, a não ser por Cândido, que lhe viera contar, na terça-feira, o desastre do jogo de domingo e sua repercussão no Colégio. Não lhe escondera as dificuldades da posição de Heitor, nem sua relativa culpabilidade.

Sílvio ouviu tudo com diminuto interesse, só despertando com a desculpa dada por Cândido do amigo não o ter acompanhado naquela visita: fora conversar com Padre Magalhães para pedir-lhe que o dispensasse de continuar como capitão do time. Sílvio lastimou a situação de Heitor, imaginando bem quanto devia estar sofrendo com tudo aquilo e quanto devia ter lhe custado a renúncia que Cândido lhe anunciava quase com lágrimas nos olhos. Durante todo o tempo, porém, não pôde parar de pensar que, de qualquer modo, Heitor bem podia ter arranjado um quarto de hora para vir visitá-lo, para perguntar de viva voz se continuava firme em sua decisão de enfrentar Padre Ladário. Padre Luís, pelo menos, telefonara para saber como ia passando e para dizer que estava por demais gripado para sair do Colégio e cumprir sua promessa. Aliás, Cândido confirmara: Padre Luís não pudera assistir ao famoso jogo de domingo porque passara o dia de cama, com febre. Tinham chegado até a chamar o Doutor Bêje, médico habitual dos padres do Colégio. Só aguentava de pé, confessando e lecionando, porque era muito resistente e, realmente, pouco dócil aos conselhos do reitor. Com a saúde fraca que tinha e as ameaças que, cada dia mais insistentemente, pareciam pesar sobre ela, era uma temeridade que não se podia compreender em quem devia querer ser, para todos no Colégio, um exemplo de submissão e de prudência cristãs... Assim, quando Sílvio

voltou às aulas, não tinha modificado seu ponto de vista fundamental. Vinha preocupado, cabisbaixo, decidido a tudo. No entanto, não sabia absolutamente o que devia dizer quando se visse frente a frente com Padre Ladário. Por mais firme que fosse, no fundo do coração, a resolução tomada, exteriormente só aparentava indecisão e covardia.

Como a primeira aula do dia era justamente a de latim, preferiu chegar atrasado uns cinco minutos. Evitaria assim conversas inoportunas com os colegas e só precisaria procurar o reitor, para apresentar a justificação de suas faltas, no primeiro recreio. Então, a cartada já estaria jogada e, pelo menos, não teria de responder a perguntas difíceis, ao verdadeiro martírio de cada um querer saber o que é que ele tencionava fazer.

Quando entrou na aula, houve espanto. Apesar de ser o dia em que era esperado, ninguém mais contava que aparecesse. Atrasado? Na aula de Padre Ladário? E justamente ele, Sílvio? Só se era para irritar o padre, para exasperá-lo, forçando-o a ser ainda mais severo do que de costume... Heitor e Cândido, que já esperavam pelo arrebentar da bomba, mas que o haviam julgado adiado quando não tinham visto Sílvio chegar à hora habitual, compreenderam logo. Vinha disposto a tudo. Não havia mais nada de favorável a aguardar. O melhor ainda era desejar que tudo acabasse logo, e com o mínimo de perdas possíveis.

De início, Padre Ladário não pareceu dar grande atenção ao recém-chegado. Continuou a falar sobre o desleixo dos trabalhos recolhidos na aula anterior, mas era evidente que estava se apressando, ansioso por liquidar aquele assunto. Assim o conseguiu, fez uma pausa longa, deslizou os olhos pelos alunos e chamou Sílvio.

Correu um zunzum pela aula. Heitor abaixou a cabeça. A fisionomia pálida e cansada de Sílvio atestava doença recente, ainda que não muito grave. Parado, à espera de que o padre falasse, traía, pelas mãos inquietas, o nervoso que ia em todo o seu ser.

Depois de demorar intencionalmente alguns momentos examinando-o de alto a baixo, Padre Ladário perguntou:

— O senhor trouxe a cópia que lhe passei?

— Estive doente — respondeu Sílvio firmando a voz e encarando o interlocutor.

— Não lhe deram o meu recado?...

— Deram.

— Então?

— Estive doente — tornou a responder Sílvio.

Por um momento, Padre Ladário vacilou no caminho a seguir. Aquele menino, ou era idiota ou estava zombando dele. Não teria entendido? Ou não queria entender? Alteou o tom e retrucou:

— Então, o senhor não trouxe a cópia?! Ao fazer essa pergunta, a intenção do padre era, quando Sílvio tornasse a responder negativamente, dizer-lhe, sem mais, que se retirasse da aula e só aparecesse quando tivesse feito a cópia. Teria sido simples e, provavelmente, o incidente não teria ido mais longe. Pelo menos, no momento. No entanto, diante da terceira afirmação de Sílvio de que não trouxera a cópia por motivo de doença, atestada pelo avô em cartão ao reitor, uma onda de curiosidade assaltou Padre Ladário e ele insistiu:

— Mas, o senhor não foi informado de que essa desculpa, aliás muito esfarrapada, não serviria para mim?...

— Fui.

— Então?

— Então, é que eu estive doente e, doente, não podia fazer a cópia... Houve risos na aula. Padre Ladário ficou irritado e bateu na mesa com relativa força:

— O senhor não sabe dizer outra coisa? Doente! Doente!... Será que está pensando que eu acredito nessas bobagens, nessas invenções? Sílvio sacudiu os ombros ostensivamente e houve novos risos, apesar da tensão do ambiente. Sem hesitar, Sílvio declarou: — “Invenções” ou não, vêm atestadas por meu avô, que é o responsável por mim. É quanto basta!

— Não seja insolente, menino! — exclamou Padre Ladário com raiva.

— Com quem você julga que está falando? Sílvio não respondeu. Ostentou, no entanto, um sacudir de ombros que acabou de pôr o padre fora de si.

— Eu conheço esses cartões de casa! Uma maravilha, um achado!... O estudante finge uma gripezinha qualquer, sei lá que “febre nervosa” e o “responsável” vai logo assinando... E nós, nós os “responsáveis” pelo ensino, é que temos de engolir tudo! Padre Ladário falara com raiva, erguendo-se da cadeira e inclinando-se ameaçadoramente sobre os alunos. Sílvio não se intimidou. Assim o padre falara em fingir, preparara sua resposta. Não demorou em proferi-la:

— Se o senhor, no seu tempo, “fingia” desse modo, posso lhe garantir que não sei fazer essas sujeiras! O tom aumentava ainda o atrevimento já grande das palavras. Padre Ladário empalideceu e só teve presença de

espírito para desafiar:

— Que é que o senhor está dizendo?...

— Que nem sempre dá certo julgar os outros por si mesmo! — exclamou Sílvio perdendo a calma e indo muito mais longe do que de início pretendia. O soco do padre na mesa fez estremecer as carteiras e atraiu a atenção das classes próximas. No quinto ano, a atmosfera era de pânico. Ninguém ousava pensar em mais nada, seguindo todos, apenas, os acontecimentos que se precipitavam diante deles.

Logo após o soco, Padre Ladário gritou:

— Insolente! Cale-se! Vá para fora da aula! Sílvio teve o movimento de se retirar logo, como se não quisesse ouvir duas vezes a mesma ordem. No entanto, ao passar pela mesa, parou e tirou do bolso interior do casaco um envelope que estendeu na direção de Padre Ladário:

— Ir, eu vou. Mas antes o senhor vai ler na frente de todos minha justificativa, escrita pelo próprio punho do meu avô. Se quiser dizer que é mentira, meu avô virá aqui para obrigá-lo a engolir o que tiver dito.

De pasmo em pasmo, os alunos não sabiam mais o que pensar. Agora, tudo podia acontecer, até mesmo uma luta corporal. Sílvio estava junto à mesa e Padre Ladário se inclinava sobre ele, vermelho de raiva, prestes a agredi-lo:

— Como?! Como?! O que é que você disse, seu canalha, seu crapulzinho?!... Já na porta, chamados pelo barulho do bate-boca, o reitor e Padre Luís olhavam boquiabertos, na iminência de entrar e intervir, ainda que por um momento paralisados ante o espetáculo jamais presenciado.

Ouvindo o insulto, Sílvio reagiu logo:

— Canalha? Canalha é você, padre sem-vergonha!

— O quê?! O movimento de Padre Ladário foi para agarrar Sílvio pelas abas do casaco. Todavia, a mão do menino, mais ágil, rodou no ar e a bofetada veio estalar na face vermelha do padre com verdadeiro estouro.

Os alunos se levantaram como se se tratasse de um homem só. Padre Ladário recuou, deixando-se cair na cadeira. O reitor abriu violentamente a porta e entrou, seguido por Padre Luís. Naturalmente, Sílvio não notou nada disso. Diante dele tudo era confuso, infixável. Só tinha consciência de ter tido um violento movimento de raiva e de ter feito alguma coisa que não devia fazer. Estava começando a chegar de volta dessa viagem ao desconhecido, mas ainda sentia imprecisas, vagas,

as figuras que o cercavam. Imóvel, esperou. Cortaram o ar frases soltas, pedidos de explicação do reitor a Padre Ladário, comentários dos colegas tentando prestar esclarecimentos. Nada preciso, compreensível. Todos ali pareciam ignorar sua presença, como se não fosse dele que estivessem falando, nem sua a sorte que estavam decidindo. Passaram-se mais alguns segundos e, de repente, notou que o reitor se dirigia a ele, severo, indignado. Não compreendeu, contudo, o que lhe estava dizendo. Olhou Padre Ladário como a lhe pedir a chave do enigma, mas a face esbofetada se voltou para outra direção, esquivando-se a tomar qualquer atitude.

Então, Sílvio se sentiu culpado. Sentiu-se culpado como se o gênero humano todo inteiro o estivesse responsabilizando por aquele crime, apontando-o à reprovação de todos. Pobre e pequeno Sílvio Iberê, a nossa solidariedade nesse instante de desforra e justiça, ele não a sentiu. Que nos tivesse vingado dos maus sacerdotes que acaso a vida nos fez encontrar ou de quem tivemos notícia por informações insuspeitas, nem lhe passou pela cabeça. Que sua bofetada valesse pelas que mais de uma vez tivemos vontade que fossem dadas em padres que trouxeram conscientemente o escândalo ao mundo, quando à sua volta tudo era respeito e consideração por eles, nem sequer imaginou. Por certo, como eu na minha vida de colégio, só ouvira falar desses desvios por terceiros e jamais presenciara qualquer coisa que o pudesse predispor contra os homens de Deus. Padre Ladário era o primeiro que lhe trazia o escândalo ao espírito. Diante dele, agora, esquecido de tudo mais que não fosse o seu caráter de sacerdote, sentia-se contrafeito, culpado, merecendo a censura geral. Só tinha uma ideia: fugir de diante daqueles juízes que o olhavam tão impiedosamente.

No tumulto reinante, a primeira frase clara que conseguiu ouvir foi a de Padre Luís que tentava intervir a seu favor:

— Padre reitor, esse menino esteve doente dos nervos, continua doente.

Devemos ter cuidado, evitar uma possível recaída... Imóvel, Padre Ladário nada dizia, como se, depois do incidente de momentos antes, sua dignidade só lhe permitisse aquela atitude de silêncio e absoluta imobilidade. Seus olhos, no entanto, fuzilavam Padre Luís cuja participação naquele episódio jamais esqueceria.

Como o reitor permanecesse inativo, parecendo indeciso, Padre Luís resolveu tomar a si a iniciativa de agir. Aproximando-se de Sílvio, tocou-lhe de leve no braço:

— Vá para a sala da reitoria. Padre Martinho e eu iremos ter lá, dentro em pouco... Sílvio consultou o reitor com o olhar. Contristado com o

sucedido e com a penalidade que iria ter de aplicar, Padre Martinho desviou os olhos, limitando-se a sacudir a cabeça como confirmação das palavras de Padre Luís. Sílvio saiu em silêncio, de cabeça baixa. Os alunos tiveram ordem para se sentar, Padre Ladário e o reitor trocaram algumas palavras em aparte. Padre Luís se afastou para ir ter com Sílvio e logo em seguida os dois outros padres se retiraram. O quinto ano ficou sozinho, nervoso, fervilhante. Imediatamente os comentários cruzaram o ar. Alguns riram, rejubilando-se com a bofetada. A maioria porém e, sobretudo, os que realmente simpatizavam com Sílvio estavam tristes, já saudosos do colega que tinham acabado de perder.

•

A reação de Heitor era no entanto bem diferente da dos outros. Sentia-se constrangido, humilhado, pensando consigo mesmo que, apesar de tudo, precisava brigar com Sílvio. Durante o incidente, nem uma só vez seu nome fora pronunciado, ninguém o olhara, mas, todo o tempo, tivera a impressão de que Sílvio só agia daquele modo desesperado por sua causa, pelo desgosto que estava em seu coração.

Ora, isso não era justo. Não era mesmo tolerável. Sílvio podia sentir o que bem entendesse. Não tinha nada a ver com isso. Trazer, porém, sua ferida para o meio da rua, exibi-la com aquele impudor ante os olhares de todos, dar aquela exibição à sua custa — e justamente num momento em que quase todos se tinham covardemente virado contra ele, escolhendo-o para “bode expiatório” de uma derrota esportiva —, era o que não podia aceitar, merecendo uma resposta enérgica de sua parte.

Precisava falar urgentemente com Sílvio. Se não para brigar — na verdade, o momento não era propício, as coisas estando ainda piores para o amigo do que para ele próprio —, pelo menos, para chamar aquele louco à razão, fazendo-o ver que aquelas exibições sentimentais não podiam continuar. Afinal, que iam pensar dele, Heitor, se suportava tudo aquilo sem dizer nada? Qualquer um se julgaria com o direito de imaginar mil coisas... Assim,urgia conversar para evitar que fosse mais longe na série de disparates que vinha sendo a sua conduta daqueles últimos tempos. Já o devia ter feito, de há muito. Ouvira demais Padre Luís e suas considerações caritativas. O resultado ali estava: as coisas tinham ido excessivamente longe e, agora, o máximo acabava de ter sido atingido com a expulsão de Sílvio — medida que, no início do primeiro recreio daquele dia, já ninguém ignorava no Colégio.

Por intermédio de Cândido, que o ouvira de Padre Luís, Heitor soube que Sílvio ficara um pouco perturbado com o incidente e a sentença final, tendo sido necessário deixá-lo descansar um pouco antes de ir para

casa. Aproveitaria o recreio para apanhar na aula seus livros e cadernos, evitando assim qualquer contato com os colegas naquele momento particularmente difícil. Recusara o oferecimento de Padre Luís para acompanhá-lo até em casa, preferindo enfrentar sozinho a zanga do avô.

Querendo aproveitar a ocasião, Heitor arranjou um jeito de desaparecer do pátio sem ser notado. Ficou esperando do lado de fora do Colégio, a alguns passos do portão. O recreio não terminaria sem Sílvio sair e, então, seria fácil falar-lhe.

Não se enganou. Mais cedo mesmo do que esperava, Sílvio surgiu, os livros debaixo do braço, o passo apressado de quem tem medo de ser seguido ou chamado. Ao avistá-lo, vacilou em continuar, mas a firmeza com que lhe fez sinal desarmou-o. Parou a alguns metros e ficou esperando que se aproximasse.

— Você vai para casa? — indagou Heitor, como se tivesse alguma dúvida àquele respeito.

— Vou.

— Suspenso?...

— Expulso.

A voz de Sílvio estava firme, calma. Contudo, o olhar então lançado sobre Heitor faiscou, evidentemente incendiado de indignação. Não era possível acusar ninguém mais claramente. Parecia gritar: “Traidor! Traidor!...”. E o outro o percebeu tão bem que protestou logo:

— Sílvio, nisso tudo, não tenho culpa alguma...

— Quem é que está dizendo que você tem? — replicou Sílvio em tom acre, rejeitando a explicação que o amigo tão desajeitadamente tentava oferecer. Essa recusa sumária, hostil, irritou Heitor. Não era assim que se respondia a uma afirmação daquelas. Vinha disposto a harmonizar a situação, perdendo e esquecendo tudo que fosse possível, e eis que Sílvio pulava com quatro pedras na mão, como se quisesse lutar. Não lhe bastara a expulsão? Fazia questão, também, de brigar com ele? E para quê? Só para ter mais motivo de queixa, de desespero? Era demais. Reagiu prontamente:

— É o que parece, dada sua atitude...

— Não sei em quê!

— Não sabe? Pois eu vou lhe dizer: você não diz nada, generoso, displicente — mas, age como se eu fosse o culpado... Sílvio compreendeu

onde Heitor queria chegar. Enrubescou. Evidentemente, havia uma qualquer base de razão naquele raciocínio e isso o feria fundo. Protestou com violência:

— Nada disso me interessa! Cada um age por si, não?

— Claro...

— Eu fiz o que achei certo fazer.

— Foi o que todo mundo viu.

— ...E não me interessa saber, agora, o que os outros acham... ou fazem.

O desafio final acabou de pôr Heitor fora de si. A primeira coisa que lhe veio à mente, falou-a sem hesitação:

— Pois me espanta muito que você tenha mudado tão depressa de pontos de vista!... Aquela alusão a certas conversas passadas, nas quais sempre defendera tese oposta à que acabava de sustentar, exacerbou Sílvio de tal modo que não se podendo conter, lembrou:

— Isso de mudar de pontos de vista, é coisa comum!...

— Você está dizendo isso para mim?... Sílvio pensou, incontinenti: “Heitor vai achar que falei por causa da ‘conspiração falhada’ contra Padre Ladário, e não é. Vai me julgar mal, vai responder, vai triunfar. Não será melhor explicar?...”. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, já Heitor tinha declarado:

— Eu não mudei de ponto de vista. Você é que se precipitou e, depois, não quis recuar. Infantilidade! Heitor falara com raiva, ferido. A única interpretação que vira, para as palavras de Sílvio, magoara-o muito, levando-o a reagir com mais aspereza do que realmente queria. Continuou logo:

— Dos seus nervosismos, não tenho culpa. Não sou obrigado a acompanhar esses seus gestos histéricos...

— Eu não quis aludir a nada disso... quando falei em mudar de opinião — declarou Sílvio com dignidade, por demais machucado pelas últimas expressões de Heitor para poder lhes dar resposta direta.

Heitor teve um movimento de ombros e murmurou:

— Agora, é fácil dizer que não.

— Juro!

— Ora!...

— É? Pois ouça...

— Guarde para você!

— Ouça! Quis aludir a outras coisas... a juramentos!

— Juramentos?!

— Será que nem assim você se lembra?

— Você não está doido? Que juramentos? Que história é essa? O diálogo fora rápido, decisivo. E Sílvio sabia bem que não era mais possível recuar. Tinha de falar, tinha de dizer tudo o que estava há tanto tempo pesando sobre seu coração. Com a mesma determinação cega, com o mesmo desespero frio e implacável com que, horas antes, marchara para a expulsão do Colégio, caminhou então para o rompimento com Heitor.

Tudo, não disse. Tudo, não teve nem tempo, nem calma, nem coragem para dizer. Bastou, aliás, a simples referência ao juramento que tinham feito, anos antes, de jamais conhecer mulher, a não ser no leito nupcial, para incendiar todo o território próximo... Tomado de surpresa — pois já nem mais se recordava daquele compromisso assumido mais ou menos ao acaso e que não mais lhe viera à lembrança, uma vez passado o rápido momento do entusiasmo e da exaltação sentimental —, Heitor se pôs a rir desabridamente e, já vivendo os primeiros repentes da surda irritação que o iria dominar em seguida, começou a caçoar do sentimento invocado. Tinha graça! Brincadeiras de criança! Nenhum dos dois tinha mais idade para levar a sério bobagens daquela espécie! Entre homens, entre rapazes, não se falava daquele modo. Ou então, era doença, era anormalidade que devia ser escondida e, não, transformada em bandeira, em motivo de exaltação. Se não sentia em si aquele apelo do corpo, do sangue fervendo, aquela necessidade de mulher que representava o que havia de melhor no mundo, devia calar, devia esconder, de modo a evitar que se pensasse mal, que se caçoasse dele nas rodas de rapazes. Deixasse de tolices, de sentimentalismos. Aquilo não era amizade, era tolice, era nervosismo. Era doença. Só podia ser doença. E, tão mais aborrecida, quanto prejudicava todos — ele próprio, na sua reputação, na sua saúde, e os outros, pela série de casos criados, pelas contrariedades que acarretava. Tivesse mais controle de si: não havia quem não passasse por decepções, quem não tivesse suas queixas... Heitor falou sem parar e, durante todo esse tempo, Sílvio manteve o olhar abaixado, imóvel. Cedo seus olhos começaram a marejar e as faces se cobriram de um invencível rubor. Quis correr. Quis fugir. Não pôde. As palavras de Heitor queimavam-no por dentro de tal

modo que não podia se mexer, estarrecido. Jamais pensara na possibilidade de ouvir aquelas monstruosidades.

Nem sequer imaginava o que poderia dizer, em resposta. Ouvia, ouvia, esperando apenas que aquilo acabasse, que se visse livre do pesadelo. Jamais teria fim aquele martelar, aquele metralhar de fogo? De repente, como se houvesse um limite além do qual não suportasse mais nada, virou-se e, sem nada dizer, deixou Heitor. Ia devagar, evidentemente não receando que o outro fosse em seu encalço. Nesse momento, Cândido apontou no portão, à procura de Heitor, cujo desaparecimento notara pouco antes, tendo logo pressentido o destino que tomara... Avistando Cândido, Heitor se aproximou rapidamente de Sílvio, desejoso de dizer ainda uma última coisa de que se lembrara. A alguns passos, chamou-o:

— Sílvio, escuta! Sílvio se voltou. Fixou Heitor, reconheceu Cândido que ficara parado perto do portão e, com a voz molhada das lágrimas que já corriam pela face, falou:

— Você quer me deixar em paz? Eu não tenho mais nada com você, ouviu?

— Ah, não?...

— Não.

— Então, está bem! Heitor voltou ao portão do Colégio. Estava decidido. Se Sílvio queria cortar relações ali, daquele modo, muito bem. Não iria ser ele a discutir ou a não aceitar. Dirigindo-se a Cândido explicou:

— Sílvio está nervoso. É melhor deixar ele ir...

— Não, eu vou com ele.

— Para quê? Ele precisa é de descanso.

— Não. Eu vou levar ele em casa, e volto logo.

Sentindo que Cândido estava realmente resolvido a acompanhar Sílvio, Heitor desistiu de insistir. Cuidara mesmo descobrir certa irritação no olhar do amigo, quando lhe aconselhara a renúncia ao seu intento. Seria que Cândido censurava alguma coisa no seu procedimento? Seria que até Cândido o ia abandonar?...

•

Momentos depois, Sílvio e Cândido andavam lado a lado pela rua, em silêncio. As tentativas de Cândido para entabular conversa tinham até

então fracassado, todas elas. Sílvia se mantivera no mais absoluto mutismo, respondendo apenas por gestos de mão e sinais de cabeça às perguntas do companheiro. Aliás, o tempo fora pouco para que secassem em seus olhos as lágrimas que pareciam não querer parar de correr.

Caminharam assim mais alguns cem metros quando, de súbito, a voz de Sílvia se fez ouvir:

— Cândido, você quer me fazer um favor?

— Pois não. Que é? Apesar da iniciativa de falar ter sido sua, Sílvia hesitou. Cândido achou bom insistir, a mil quilômetros de imaginar de que realmente se tratava:

— Faço. Pode dizer... Vencendo, então, sua timidez natural, Sílvia murmurou quase ininteligivelmente:

— Você sabe, aquela mulher... no quarto de quem você e Heitor foram... outro dia.

Parou, novamente hesitante frente à surpresa de Cândido. Logo, porém, prosseguiu, já com a voz mais firme:

— Eu queria ir até lá... queria que você me levasse lá.

— Mas, agora?! — indagou Cândido, não tanto por julgar a hora imprópria, como por não ter outra coisa para dizer, dada a confusão em que aquele pedido inesperado o lançara.

— É. O que é que tem?

— Nada. Apenas, não sei se, a essa hora, a Babette está... se pode receber!

— Pode-se tentar, não?

— Pode-se. Mas, escuta uma coisa: você não pode esperar até de tarde, até a hora da saída do Colégio? Responder que não, Sílvia não ousou. Era tão evidente, todavia, que seu pensamento era esse que Cândido, desorientado, perplexo, não encontrou outro caminho senão o de tentar brincar?

— Seja... Agora você me diz: que novidade é essa, assim de repente? Que foi que te deu na cabeça?

— Nada. Eu preciso, apenas.

— Precisa?

— É. Preciso.

Cândido não sabia mais o que dizer, nem o que pensar. Sílvia nunca cuidara naquilo. Pelo contrário, sempre se recusara a acompanhá-los naquele gênero de aventuras. De repente, em uma manhã só, dava uma bofetada em Padre Ladário (e com que força, e com quanta razão!...), era expulso, ficava chorando na porta do Colégio (ou brigando com Heitor?...) e vinha lhe pedir para levá-lo, sem perda de tempo, ao quarto de uma mulher à toa... Aquilo tinha sentido, aquilo possuía alguma explicação lógica? Talvez Heitor conseguisse descobri-la. Ou já a conhecesse. Por si, renunciava, preferindo aceder, simplesmente, ao pedido do amigo.

Segurando Sílvia pelo braço, limitou-se a acrescentar:

— Então, vamos...

— Mas como é que você vai fazer, no Colégio?

— Depois me arranjo com Padre Luís. Digo que fui levar você em casa... Sílvia baixou o olhar, encabulado com a inesperada alusão a Padre Luís.

Se ele soubesse!... Mas também, se pudesse avaliar quanto lhe custara tomar aquela decisão!... Não foi adiante, porém. A pergunta de Cândido o chamou logo à realidade:

— E o dinheiro? Você tem?

— Tenho. Não são vinte mangos?

— São. Ué! como você sabe? A surpresa de Cândido era tola, inoportuna, refletindo apenas seu ponto de vista inicial de que Sílvia não se interessava por “aquelas coisas”. A explicação veio sem tardança:

— Ouvi você e Heitor conversando...

— Então, vamos logo. E seus livros? Era um novo problema. Sílvia o resolveu, como resolveria mil outras dificuldades que surgissem naquele momento. Ao constatá-lo, Cândido ainda mais se abismou com a modificação operada naquelas poucas horas, pois sempre o conhecera como um desanimado que capitulava diante do primeiro obstáculo sério com que deparava. Não, decididamente, tudo estava alterado, incrivelmente diferente. Convinha esperar pelas informações de Heitor antes de formar qualquer juízo sobre o caso...

•

Quando, uma meia hora depois, Sílvia saiu de casa de Babette,

Cândido já tinha compreendido mais ou menos a razão de ser de seu gesto súbito. Faltava-lhe detalhe, pois Heitor falara com ele no intervalo de duas aulas, enquanto estavam à espera do professor de física, mas sabia o essencial. E podia garantir que percebia, agora, o motivo secreto do movimento de Sílvio.

O que não podia dizer é que conhecesse, é que tivesse a menor ideia do estado de espírito com que Sílvio deixou Babette. Não que tivesse tido maior decepção. Afora pequenas humilhações que sua condição de menino inexperiente condicionava, pouco vibrou, pouco sentiu. A não ser, talvez, que era envolvido por um mecanismo exterior a ele, composto de gestos lascivos e palavras ternas, e acompanhado do mesmo pequeno prazer desesperadoramente curto que já não o satisfazia quando, no silêncio do quarto de dormir, cedia ante a atração do desejo.

No momento, nem pensou em renovar o ato. E agora, ali estava, de novo a caminho de casa — ainda sofrendo, expulso do Colégio. Era homem, porém. Era normal, como todos. Contra ele, Heitor poderia arguir tudo, menos aquilo. Se não o fizera antes, não fora por não poder ou não querer, nem por “doença”. Apenas, para não quebrar o juramento... Agora, todavia, que entre eles dois não havia mais nada, nada senão a caçada desenfreada que Heitor fizera do seu sentimento, da fidelidade que guardara ao compromisso assumido anos antes, agora que tudo lhe era indiferente, vazio, nulo, não lhe custava apresentar aquela prova de virilidade, de normalidade sexual. Conhecera mulher, era homem. Conhecera mulher, tivera prazer nisso, dera prazer a alguém. (Não o jurara ela? Podia duvidar da sinceridade daqueles gemidos?...). Era homem. Não havia mais como pôr o fato em discussão. Se Heitor continuasse a falar, estaria falando à toa. Era homem: Cândido sabia disso, Cândido ele próprio contaria a Heitor, aos outros, a não importa quem duvidasse da sua virilidade ou tivesse a crapulice de pensar que, no seu sentimento por Heitor, entrava um pouco, por menos que fosse, de atração sexual! Provara que não! Provara que era homem como qualquer outro! Nele, nesse momento, já ameaçava desabar alguma coisa do equilíbrio tão artificialmente mantido desde o incidente com Padre Ladário. A conversa com Heitor, a briga que se seguira, tinham excluído as últimas possibilidades de resistir ao golpe sem maiores sofrimentos. A decisão de ir ao quarto de Babette dera-lhe ânimo, por alguns momentos. A demonstração de que era igual a qualquer outro, portanto, a prova a exhibir diante de Heitor, de modo a calar-lhe a boca, enchera-o de arrogância pelo espaço de alguns quartos de hora. Agora, porém, tudo isso passara, sumira na voragem provocada pelos dois fatos fundamentais: a expulsão do Colégio e a briga com Heitor. A exaltação passara, ficara apenas a consciência de ter se agitado inutilmente, praticando um ato que nada tinha a ver com seus

problemas reais. Ainda não caíra em si, ainda não sentira as profundidades do abismo em que fora atirado. Contudo, já era como o balão que, súbita e violentamente, se desenche e cai: tudo nele anunciava a borracha murcha que tanta piedade iria inspirar horas depois.

•

Quando Sílvio entrou em casa, o desespero já o envolvia por completo. Ficara andando pelas ruas, como se não tivesse nada que fazer, mas, na verdade, retardando apenas o momento de voltar para casa e entregar ao avô o bilhete no qual o reitor lhe comunicava sua expulsão, provavelmente com os motivos que o tinham obrigado a tomar medida tão extrema.

Em casa, sua situação, já de comum tão difícil, agravara-se consideravelmente com os dias passados em convalescença. Três ou quatro, apenas. Contudo, pelo acúmulo de pequenos choques e indiretas amargas, tinham sido mais do que suficientes para envenenar definitivamente suas relações com dona Mercedes. Cada vez mais obcecado pela música, Sezefredo Iberê pouco se preocupou com o neto. Deixou-o inteiramente aos cuidados de dona Mercedes, só intervindo de quando em quando, sobretudo nas horas das refeições, para ameaçá-lo com medidas drásticas. Valendo-se dessas intervenções, e apesar das suas relações com o velho Sezefredo se terem tornado extremamente tensas, cada dia dona Mercedes se mostrara mais despótica e antipática. Sílvio, por sua vez, não perdia vaza de contrariá-la, enfrentando-a em todos os terrenos com visível e fria intenção de magoá-la. Os ânimos estavam exacerbados. Na manhã mesmo daquele dia, antes de Sílvio sair para o Colégio a discussão fora acre, contundente para ambas as partes.

O que iria ser, agora, quando tivesse de dizer que fora expulso do Colégio por ter dado uma bofetada em Padre Ladário, não o imaginava. Perambulando pelas ruas da vizinhança de casa ou sentado em cafés próximos, várias vezes o perguntou a si mesmo. A luz dessa realidade imediata, toda a precariedade da sua situação se tornou consciente, palpável quase. A certeza de estar só para enfrentar a zanga do avô, as recriminações envenenadas de dona Mercedes e o seu próprio desespero quando se visse sozinho no quarto, encheram-no de pânico. Que iria dizer? De que modo lograria atenuar indignação dos seus e diminuir o número de minutos cruéis a passar sob o fogo de um interrogatório que tinha medo de não conseguir suportar, se se prolongasse muito? Foi então que a tristeza decorrente do ato cometido pouco antes, com Babette, assaltou-o com uma incrível covardia. Já não se sentia apenas só, abandonado por todos. Ele próprio se abandonara. Ele próprio traía sua amizade por Heitor. Traía a última coisa que trazia em si, a

única que ainda o podia sustentar, auxiliando-o a atravessar a tempestade desencadeada.

Que fizera, afinal? Que fora buscar no quarto sórdido daquela mulher desconhecida que o tratara como provavelmente uma enfermeira trataria um doente mental de quem não devesse rir, por maior que fosse a vontade? Sabia bem que era assim que colegas inexperientes eram “levados”, por ocasião das suas primeiras aventuras. Podiam lhe assegurar que aquilo não tinha nenhuma importância: da segunda vez, seria diferente; dentro de alguns meses, nem mais se recordaria daquelas bagatelas iniciais... Podia ter lido em romances vinte iniciações semelhantes à sua — iniciações cujas marcas eram sempre desfeitas pela repetição, pelas variações da vida. Podia pensar mesmo que, um dia, tornaria a bater à porta de Babette, ou à de outra semelhante. (Porque, na verdade, gostara da sensação em si, achando-a mais suave, mais completa do que aquelas a que estava habituado...). No entanto, a amargura que lhe vinha à boca ao pensar que fizera tudo aquilo em resposta às palavras de Heitor, quebrando por seu lado o juramento feito, quem a tiraria da sua memória?... Sem dúvida, traíra. Também ele traíra. De mágoa, de raiva, de desespero!

— Nada disso, porém, era desculpa. Como se houvesse justificativa possível! Como se, depois do que dissera a Heitor e do que sempre pensara, pudesse haver escusa suficiente! Traíra. Apenas isso: traíra. Era tão culpado quanto Heitor, descera ao mesmo nível de indiferença, de deslealdade, de sem-vergonhice. Não suportara as palavras sarcásticas, o deboche do amigo. Temera que o suspeitasse de alguma coisa de ruim, temera sobretudo que, fazendo mau juízo seu, falasse aos outros, a Cândido principalmente. Fraquejara por vaidade, por amor-próprio ferido. De qualquer modo, traíra! Não tinha perdão. Nada podia invocar em sua defesa. A não ser, talvez, que ficara um pouco desnorteado com as palavras de Heitor e que Cândido, tendo surgido a seu lado, aflorara nele, de repente, a ideia de dar a Heitor e aos outros todos aquela prova concludente da sua normalidade sexual. Não obstante a explicação, o pecado contra a amizade continuava a existir. Levado por isso ou por aquilo, por um impulso de momento ou por uma decisão longamente moída e remoída, traíra.

Essa acusação o perseguiu por ruas e ruas, durante quartos de hora e quartos de hora, até que, sem saber mais o que pensar ou fazer, quase sem raciocinar sobre onde o estavam levando suas pernas, na verdade muito justamente cansadas de andar ao acaso, abriu a porta de casa e entrou. Estava disposto a enfrentar todas as cóleras do mundo, contanto que, no fim, o deixassem quieto, livre para se atirar em sua cama e devorar no silêncio do quarto a amargura que sentia borbulhando em

seu coração.

•

Ainda não tinha acabado de fechar a porta do apartamento, e já parara, surpreso, estupefato. Como de costume, o avô ouvia música na saleta, mas agora, exatamente como sucedera uma vez antes, a música parecia estar se dirigindo diretamente a ele. Imóvel, esperou — atento, a respiração suspensa... Era aquilo mesmo. A música corria, no disco, e dir-se-ia que estava falando dele, de sua mágoa, de seu tormento, de tudo aquilo em que viera pensando pela rua. Uma linguagem estranha, talvez incompreensível, se se tomasse cada palavra de per si, mas cujo sentido geral de tristeza e desgraça percebia perfeitamente. Aqueles lamentos, aqueles quase gemidos, eram os seus. Não havia como se enganar. E isso, atestava-o sobejamente o próprio pulsar acelerado do coração e aquelas lágrimas que pouco a pouco vinham incoercivelmente lhe chegando aos olhos... Ficou parado durante alguns segundos. De repente, lembrando-se que precisava interromper tudo aquilo para falar com o avô, sentiu-se perdido e, numa rápida carreira, foi para o quarto, atirou-se na cama e pôs-se a chorar. Numa sucessão incontável, palavras lhe vieram à boca e ele as pronunciou em murmúrio, como se estivesse conversando com o próprio travesseiro: “Que vergonha! Que vergonha! Que vergonha! Tenho dezesseis anos e estou chorando como uma criança! Que vergonha! Também, minha vida é uma miséria! Não valho coisa alguma! Não vou continuar a estudar — fui expulso do Colégio... como fui expulso de todos os outros colégios. Não tenho nenhum amigo! Briguei com Heitor! Traí minha amizade por ele! Nenhum outro amigo me interessa! Ninguém me quer, ninguém me tolera! Meu avô não é pai para mim! Essa mulher que toma conta de mim não presta e, além disso, me detesta mais que a tudo no mundo! Ninguém está do meu lado! Padre Luís ele próprio nada quis, nada pôde fazer por mim! Conhecer mulher não me adiantou nada! Pelo contrário! Tudo o que tento sai contra mim! Não valho nada, absolutamente nada! Nunca servirei para coisa alguma! A não ser para chorar, para ter crises de nervos, como agora! Que vergonha! Que vergonha!”.

Foi nesse momento que dona Mercedes, pé ante pé, penetrou no quarto. Vinha surpreendê-lo. Não o vira entrar, mas esperava-o desde que soubera, pela empregada, que deixara os livros na portaria, hora antes, tendo saído, em seguida, em companhia do amigo que o acompanhava. Pressupondo uma “gazeta”, vinha censurá-lo, nada tendo falado ainda com o velho Sezefredo para não o perturbar no seu recolhimento musical.

Ao deparar com a face de Sílvia banhada de lágrimas, e constatando a

estranheza de sua expressão, compreendeu que acontecera alguma coisa de anormal e foi imediatamente perguntando:

— O que foi que houve?

— Nada — respondeu Sílvio, surpreso com a intromissão inesperada e procurando disfarçar o mais possível.

— Nada, como? Você está nesse estado e não sucedeu nada?... Sílvio secou as últimas lágrimas e declarou:

— Nada, não. Só que eu voltei um pouco cansado do Colégio.

— Agora?

— Foi.

— Só agora?

— Foi... Dona Mercedes triunfou logo:

— Você só chegou agora... e seus livros estão em casa desde depois do almoço?! Engraçado!... Sílvio se esquecera por completo de que ele e Cândido, antes de irem para junto de Babette, tinham deixado os livros na portaria do edifício. Sentiu-se descoberto, desmascarado. Paciência! Sua intenção era falar primeiro com o avô. Entretanto, já que dona Mercedes fora meter o nariz onde não era chamada, que soubesse logo de tudo! Confessou:

— Pois é. Fui expulso do Colégio...

— Expulso?! — exclamou dona Mercedes, estupefata com a notícia que deixava longe suas previsões, mesmo as mais ousadas.

— Foi.

— Mas... expulso?!

— Já disse que sim.

— Mas, expulso por quê?

— Porque briguei com um padre...

— Brigou?

— Briguei.

— Mas, brigou como?

— Ora essa, brigando! Se quer saber: dei uma bofetada. Está satisfeita, agora?... Dona Mercedes pôs a mão na cabeça:

— Meu Deus, não é possível! Não acredito!

— Pois não acredite!

— Isso é brincadeira... na certa, mais uma das suas estúpidas brincadeiras!... Irritado com tanta obstinação e tão fingida incredulidade, Sílvio tirou do bolso o cartão que o reitor enviara a seu avô e disse:

— Pois então, espere para ver o que o reitor manda dizer a vovô.

— Deixe ver! Dona Mercedes estendera a mão para apanhar o cartão, mas Sílvio recuara a tempo. Em tom de desafio, explicou:

— É para meu avô...

— Deixe ver!

— Você não se chama Sezefredo Iberê, chama?

— Deixe ver logo! — ...nem... Senhora Sezefredo Iberê... O tom era desaforado, a indireta evidente. Dona Mercedes, contudo, não se deu por achada e insistiu:

— Deixeverlogo. Talvez, lendo, possapouparaseuavôalgumaborrecimento, minorando um pouco o sofrimento incrível que ele vai ter com essa sua... canalhice!

— Canalhice?

— Claro! Que outra palavra você quer que eu empregue? É uma ordinarice sua, uma verdadeira patada que você dá nele. Um homem velho, cansado, já à beira da morte... doente como tem andado esses últimos tempos!... Sílvio ouvia, imóvel. Aquelas palavras o feriam tão fundamente que nem tinha forças para reagir. Esperara tudo, menos aquela acusação desleal, covarde. E aquela miserável não parecia satisfeita com o que já dissera, com as novas lágrimas que lhe trouxera aos olhos, com todo o sangue que corria secretamente do seu coração. Insaciável, prosseguia:

— Diga, o que é que você quer com essas suas invenções diabólicas? Matar esse pobre velho?...

— Estúpida! — gritou Sílvio sem se conter mais.

— Se eu sou estúpida — retrucou logo dona Mercedes —, o que é que você é? Sem coração, ingrato, cruel, criminoso! Você está matando seu avô!

— Sua besta! — protestou Sílvio, ainda mais alto do que antes.

— Matando sim! Não sei com que fito... Interesse?

— Cale a boca, sua vaca! — ...Mas, está matando! Matando como já matou sua mãe... e desgraçou seu pai! Sílvio pulou da cama, os olhos fuzilando, o corpo convulsionado. Tremia de tal modo que lhe era impossível agredir dona Mercedes, em conformidade com seu desejo íntimo. Pôde apenas vociferar:

— Sua vaca, sua... O palavrão cortou o ar justo no momento em que o velho Sezefredo, cuja atenção fora despertada pelo barulho da discussão num momento de mudança de discos, chegava à porta do quarto. De costas, excitada como estava, dona Mercedes não o viu, nem pressentiu. Devorando o insulto em silêncio, certa de estar ferindo mais fundo do que se reagisse diretamente e usasse não importa que outra arma, prosseguiu, descontrolada:

— Também, não espanta que seu pai tenha tido o fim que teve: uma bala nos miolos!... Ainda por sua causa, ainda por desgosto de todos os males que você trouxe a ele, a sua mãe, a seu avô, a todos em casa! E não foi por outro motivo, saiba você, que antes dele fugir, amaldiçoou você... Um amaldiçoado pelo próprio pai, causador da morte da própria mãe, carrasco do avô a vida inteira... eis o que você é, seu miserável! E ainda ousa insultar os outros! Sílvio ouvira tudo estarelecido. E como ele, Sezefredo Iberê, que nem sequer se movera do lugar onde parara. Jamais supusera tanta audácia e tanta crueldade naquela mulher, de comum calma e fria, calculada, incapaz de um rompante daqueles. Era, tinha de ser uma crise de nervos. Por certo, a discussão, as acusações veladas, o palavrão empregado por Sílvio, tinham-na desnortado — pensava o velho Sezefredo. Descontrolada, esquecera tudo, delicadeza, bondade, quinze anos de segredo guardado a propósito da atitude desesperada de Jaime Iberê. Perdendo a compostura, ferira aquela criança doente e indefesa com o ferro em brasa da maldição paterna, da responsabilidade involuntária na série das desgraças familiares. Era uma megera, era um monstro, nunca uma mulher. Pouco importava saber o que Sílvio dissera, ou fizera. Por mais culpa que tivesse, não se justificava tanta estupidez, revelações tão criminosas. Aquilo era ir longe demais, era violar todas as leis da caridade. Era torturar um recém-nascido. Era não ter sentimento algum, nem coração, nem sexo, nem vislumbre algum de possível maternidade. Era ultrapassar os limites imagináveis da crueldade humana.

O olhar parado de Sílvio, fixando, agora, o avô imóvel e vermelho de raiva, fez com que dona Mercedes se voltasse ao fim de alguns instantes. Compreendendo que fora ouvida, caiu em si e teve, instintivamente, um movimento de lástima e recuo. Imaginando com rapidez que só uma violenta ofensiva podia salvá-la das consequências da indignação que via

estampada na fisionomia de Sezefredo Iberê, resolveu atacar logo:

— Eu não posso aturar mais os desaforos desse menino! Chamou-me de tudo, palavrões incríveis!...

— Saia daqui! — exclamou com dignidade o velho Sezefredo, apontando a porta para dona Mercedes.

De início tomada de surpresa, logo em seguida possuída de medo, a mulher recuou um passo e tentou ainda:

— O que ele fez comigo, fez no Colégio! Até esbofeteou um padre... e foi expulso!

— Saia e não pise nunca mais nessa casa! — tornou a gritar Sezefredo Iberê, trêmulo, sem compreender bem o que acabava de ouvir.

Dona Mercedes lançou sobre o velho um olhar de raiva e percebeu, num relance, que o melhor era se afastar, pelo menos enquanto tudo não voltasse à calma habitual. Num movimento de ódio, lembrando quanto tempo vivera ali entre aqueles dois “doentes”, quanto se dedicara a ambos, aturando-os, a eles e a todas as suas “manias”, dirigiu-se para a porta e, ao sair, ainda lançou essa perfídia em tom de grande desprezo:

— Felizmente, felizmente que estou livre dessa casa de doidos... de malucos de hospício! Sezefredo Iberê não se voltou para responder-lhe. Toda a sua atenção se concentrava agora sobre o neto que começava a tremer convulsivamente. Na face afogueada desenhavam-se contrações. Nenhuma lágrima, porém. E era, provavelmente, o que lhe estava fazendo mal. Precisava chorar. E não podia. Do mesmo modo, não conseguia falar ou se mexer, correr para junto do avô ou se atirar na cama. Alguma coisa o retinha, o corpo agitado por tremores sucessivos. A crise de nervos de dias antes não podia tardar, muito mais violenta dessa vez.

Igualmente trêmulo e incerto quanto ao que devia fazer, Sezefredo Iberê se aproximou do neto e tomou-o nos braços. Por um momento, neto e avô se confundiram num corpo só, solidários na desgraça que há tanto tempo os vinha unindo à distância. Depois, aquecido ao calor daquele corpo que começava a se findar, mas que ainda conservava o pulsar da vida intensa que sempre o caracterizava, Sílvio começou a chorar. “Enfim, as lágrimas!...”, pensou o velho Sezefredo, sentindo o pescoço se umedecer. “Enfim, as lágrimas da libertação, do sofrimento suportável, da divina música das coisas vividas!...”.

No mesmo instante, ao contato daquele corpo que viera a ele para

consolá-lo e ampará-lo, Sílvio pensou: “Se não fosse verdade tudo o que aquela miserável disse sobre meu pai, sobre meu amaldiçoamento, ele não estaria esquecendo minha expulsão, os palavrões ditos, tudo o que fiz... Nem estaria me abraçando desse modo... Um amaldiçoado! Um amaldiçoado! Isso explica todo o resto, tudo o que nunca pude compreender! Como é que Heitor podia ser meu amigo — o amigo de um amaldiçoado?!...”.

VIII

Ílvio adoeceu gravemente e uma tarde, no decorrer desses dias de inquietação geral, o espírito do velho Sezefredo não voltou do mundo de sons em que costumava mergulhar cada dia, e em que continuara a viver mesmo durante a crise que acamou o neto. Nessa tarde, como se tivesse perdido o caminho de regresso ao mundo real, deixou-se ficar vagando pelas estradas encantadas, acompanhando o vento em seus rodopios ao cair de tardes em agonia, perseguindo sombras incertas e nuvens se desmanchando pelos céus, correndo com crianças em campinas cheias de flores, ouvindo pássaros misteriosos, soluçando em procissões de mortos que atravessavam vagarosamente os caminhos assim a noite caía, perdido na contemplação da lua a entrar e a sair de densas nuvens, vendo o coração humano sangrar as grossas gotas do sangue da desgraça, chorando, gritando, rindo, sentindo a felicidade passar ao alcance de suas mãos e não a podendo reter, falando, gesticulando, esperando, esperando sempre, esperando não sabia o quê, a chuva, o sol, a felicidade, o repouso ou, talvez, um qualquer sinal de Deus... Foi nesse louco vaguear que se perdeu, jamais tendo voltado ao mundo dos outros homens, à realidade de que fugira pouco antes, sentado na mesma poltrona baixa de sempre. Mais uma vez quisera ouvir música, se evadir um pouco do ambiente triste em que vivia enclausurado há tantos anos, sedento de liberdade, de luz, de vida plena. E começara para ele então uma nova existência, mansa e calma, suave até: anos e anos de alguma coisa que os médicos insistiam em chamar de loucura, mas a que os próximos não ousavam dar nome algum, de tal modo parecia feliz, tendo, enfim, encontrado seu verdadeiro universo, aquele para o qual se diria que sua natureza poderosa e atormentada tinha sido talhada.

•

Durante esses dias, ainda atento, ainda surpreso e angustiado com o novo estado do avô e com o desaparecimento de dona Mercedes, a qual,

de conformidade com a vontade de Sezefredo Iberê, se afastara para sempre de casa, Sílvio convalesceu dificilmente. O abalo nervoso fora forte. Por dois ou três dias, Leopoldo Graça receara um pouco, mas a natureza do menino acabara triunfando, talvez como se desde já quisesse assegurar a todos que estava reservado para sofrimentos ainda maiores. Não haveria de ser sob o peso daqueles que iria vergar... Era, contudo, evidente que o novo ser que germinava nele não encontrava a menor alegria em viver. Quem sabe mesmo, se lhe fosse dado escolher, preferisse morrer. Por certo, não pensava nisso. Longe dele decisão tão violenta que se chocava, aliás, com a absoluta apatia em que estava imerso. Não havia como não ver, porém, que permanecia em estado bem próximo da morte. O próprio médico declarara que as condições do doente não satisfaziam, faltando-lhe interesse pela vida, coisa que, numa natureza como a sua, era absolutamente essencial.

Sílvio tomava conhecimento dessas considerações sem se alterar. Do mesmo modo, não se perturbara com as visitas dos colegas, mesmo no dia em que Heitor acompanhara Cândido e Jônatas. É bem verdade que se tratara de uma visita meramente formal, durante a qual se tinha falado de tudo, menos daquilo que podia interessá-lo. Ficara, aliás, mais ou menos indiferente ao que sucedera à sua volta, Mônica não passando, durante esses dias, de uma sombra que ameaçava se perder no vago. Uma única exceção devia ser apontada: a presença de Padre Luís animava-o; interessava-se pela sua conversa, pedia-lhe que tornasse a aparecer, que o procurasse sempre que pudesse.

Se o padre não o vinha ver mais amiúdo, não era que não encontrasse tempo ou quefares de maior importância o requeressem em outro lugar. No momento, teria largado quaisquer obrigações para acorrer ao chamado daquela alma hesitante que talvez ainda não tivesse forças para recorrer a Deus como ao verdadeiro apoio, ao único Amigo possível, mas que parecia já se orientar naquele sentido, mercê de todo o sofrimento por que passara.

Assim, confessemos logo, se não o procurava com mais frequência, era que mais uma vez a sombra de Leopoldo Graça se interpusera entre ele e a obra de salvação empreendida. Com a doença de Sílvio e, em seguida, com o enlouquecimento de Sezefredo Iberê, Leopoldo Graça assumira ditatorialmente o governo daquela casa abandonada, instalara uma enfermeira de confiança, no lugar de dona Mercedes, e providenciara a vinda imediata dos parentes mais próximos para a realização de uma espécie de conselho de família, no qual deveria ser decidido o destino de Sílvio.

Na expectativa de que essa reunião tivesse enfim lugar, resolveu dirigir

a vida dos dois Iberês, significando claramente a Padre Luís que julgava sua presença junto a Sílvio, senão nociva, pelo menos perigosa para a saúde do menino. Não era o momento de persegui-lo com tentativas de conversão. Abalado por todos aqueles choques, necessitava de repouso. Nem lhe parecia remédio indicado a presença constante de padres junto dele, sobretudo de um padre que era justamente do estabelecimento de onde fora expulso.

Leopoldo Graça insistira: realmente, sua presença só podia reavivar em Sílvio a lembrança do incidente — daquele desgraçado incidente que acreditava ter sido fundamental na determinação da crise nervosa pela qual passara. Aliás, não se cansava de lastimar: tivessem falado com ele a tempo e nada daquilo teria sucedido. Amigo íntimo de Padre Ladário, conhecendo Sílvio desde o berço, teria sido um mediador ideal. Ao padre, informaria sobre as condições nevropáticas do aluno. Ao aluno, falaria a linguagem da razão que o padre talvez tivesse fracassado em exprimir. O mal-entendido não se teria produzido — o incidente jamais vindo à luz do dia. Já era tarde, porém, para agir, quando soubera do escândalo provocado. E, agora, só restava uma coisa a fazer: remediar, evitar maiores prejuízos à saúde debilitada do menino.

A luta fora grande e longa. Leopoldo Graça tinha quase todos os trunfos na mão, e foi necessário a Padre Luís recuar para uma posição mais discreta, velada, quase secreta. Mesmo assim, a vigilância do médico e as informações da enfermeira tornaram inúteis suas pequenas dissimulações. O conflito se estabeleceu, as visitas tiveram que se espaçar... A primeira saída de Sílvio foi para se avistar com Padre Luís nas proximidades do Colégio, mas Leopoldo Graça não tardou a desconfiar do encontro clandestino. Reacendeu-se a disputa. E de tal modo que, na manhã seguinte, antes de ir para o consultório, Leopoldo Graça, intencionalmente acompanhado por Padre Ladário, foi procurar Padre Martinho na reitoria do Colégio São Luís de Gonzaga.

•

Nessa mesma manhã, Padre Luís saíra do Colégio assim acabara de celebrar sua missa habitual. Na véspera, à noite, Sílvio o chamara pelo telefone, pedindo-lhe que o encontrasse no dia seguinte, logo cedo, pois tinha um assunto urgentíssimo a tratar. Aproveitando o sono matinal da enfermeira, sairia sem que ninguém percebesse. Não receasse. Sentia-se bem, e não se cansaria. Bastar-lhe-iam alguns minutos de conversa, prometendo voltar logo depois para casa.

Não pudera recusar. O rapaz parecia dar grande importância ao encontro e ele, por seu lado, não sabia bem por quê, passara a esperar

muito daquela entrevista. Quem sabe, dali poderia advir, num futuro próximo, o grito de fé pelo qual tanto ansiava.

A caminho do edifício onde Sílvio morava, esse otimismo inicial foi aos poucos se desfazendo. Tanto assim que, daquele triste caso isolado, Padre Luís acabou passando para o da turma do quinto ano globalmente considerada. Mais uma vez, naqueles dias, lastimou fundamente o sentido que os acontecimentos tinham tomado. Em certos momentos, ainda tentava se iludir. Contudo, depois das últimas conversas com Sílvio, Heitor e Cândido, não podia mais fechar os olhos.

Ainda uma vez se enganara, deixando-se levar pelas aparências. A turma em que depositara tanta confiança não passava de uma turma igual às outras na qual se destacavam, apenas, dois ou três elementos, de personalidade mais marcada. O resto era uma massa vaga e desinteressante, movida pelo mesmo egoísmo e pela mesma vaidade de sempre. O “espírito da terra” que descobrira nela era idêntico ao de mil outros grupos, dos quais pouco ou quase nada se podia aproveitar. Não eram diferentes. Não eram melhores. Formara sua opinião observando-os num momento de transição, quando ainda não se haviam definido neles certas tendências básicas. Confiara demais. Confiara demais. Confiara em areias movediças, na forma sedutora que o vento lhes imprimira. Esperara demais. Esperara louca, inexplicavelmente, como em tantas outras ocasiões, como se as experiências de Ângela e de Armando ainda não estivessem presentes, quentes na memória. Podia observar o resultado. O “espírito da terra” ali estava: mediocridade, pequenez de sentimentos, luta vulgar de egoísmos secos e vaidades ridículas.

Ante seus olhos, em menos de dois ou três meses, desfizera-se toda a força daquele quinto ano, do qual esperara tanto. Ruíra por terra sua unidade, sua coesão. Por quê? Que vento soprara, que terrível tufão? Era inútil procurar identificá-lo: tratava-se de um vento à toa, de uma insignificância que, por si, não tinha capacidade para derrubar coisa alguma. A não ser, naturalmente, castelos de cartas.

Castelo de cartas, na verdade, aquele “espírito da terra” que admirara tanto nos alunos do quinto ano! Castelo de cartas, aquela boa disposição para a vida que pensara poder utilizar um dia, de modo a trazê-los, todos, ao caminho da Verdade, à boa compreensão e aceitação da doutrina cristã! Tudo apoiado no vazio. Nada resistira a um leve atrito, a um sopro contrário, a dois ou três miseráveis incidentes de disciplina escolar. A vaidade, a covardia, o comodismo tinham aparecido logo, reclamando seus direitos, tão longamente velados. Sob a pressão dos acontecimentos, amizades de superfície tinham surgido sob seu

verdadeiro aspecto, fraquezas orgânicas estourado em crises nevróticas. Responsabilidades haviam sido apontadas. Depois, acusações covardes, recriminações amargas. A turma quase se cindira: formara-se uma oposição e rivalidades sérias começavam a se desenhar. Fora necessário distribuir castigos, expulsar um aluno — sem dúvida o melhor de todos eles, pelas suas qualidades de coração e caráter. A força do quinto ano se esboroara. Não passava, agora, de uma boa turma, igual a muitas outras. Onde a existência do “espírito da terra” que julgara, tempos antes, que a animasse? Para Padre Luís, a constatação era dolorosa. A decepção que sofrera fora grande. (E isso, tanto com a turma em geral, como com certos elementos em particular, principalmente com Heitor, em quem depositara tantas esperanças, chegando mesmo a compará-lo com Branco, e que não passava, agora, de um pequeno chefe derrotado, desanimado, praticamente aniquilado...). Bem maior ainda do que essa desilusão era a tristeza que o acometia quando, a esse propósito, mais uma vez era levado a pensar que todos os meninos daquela idade eram mais ou menos iguais, passando pelas mesmas crises mortais. Seu pessimismo de sempre é que estava certo. Assim, aquela turma não era exceção, por uma razão muito simples: é que nenhuma turma era exceção, é que todas aquelas criaturas viviam marcadas por um destino semelhante. Se se agitavam um pouco, se conseguiam, umas, ir um pouco mais longe do que outras, era sempre à sombra do Senhor do mundo que se moviam, era a ele que iam render o maior tributo, como se seu altar já não tivesse bastantes oferendas e ainda precisasse daquela glória sem par: o grito mais alto da mocidade em f lor... Como outros, de turmas que acompanhara, de grupos que conhecera, os alunos do atual quinto ano ginásial perdiam-se, capitulavam ante o mundo, aceitavam suas misérias sem fim a troco de fugazes instantes de prazer ou do incenso efêmero de alguns elogios, imerecidos ou insinceros. Renunciavam ao “espírito da terra” para ingressar no grande rebanho comum, onde o supremo inimigo, ao longo da vida, costumava escolher suas vítimas de cada dia. Todos cediam, todos.

Foi então que pensou em Sérgio Vilar, em seu caso, a cada hora mais angustiante. Não pôde, todavia, ir adiante em seu cuidado porque já perto dele, a alguns passos apenas, Sílvio se aproximava. Vendo-o com os olhos brilhantes, as faces afogueadas, caminhando rapidamente em sua direção, compreendeu logo que alguma coisa de muito grave sucedera. Talvez, a morte do avô. Quem sabe mesmo, um fato inesperado que teria transformado sua vida. E, de súbito, um pedido de perdão a Deus lhe veio à boca porque acabara de compreender que a Esperança não morava no seu coração...

Foi nessa mesma manhã, um pouco mais tarde, que Padre Martinho recebeu a visita de Leopoldo Graça, acompanhado por Padre Ladário. O grande clínico estava de cinza claro, muito bem cuidado, como quem, sempre se vestindo muito bem, ainda se esmerara mais, dada a importância que atribuía àquela sua iniciativa. E o latinista famoso que o secundava em sua missão não desmerecia de sua elegância, de tal modo lhe ia bem a batina de alpaca de seda, recentemente talhada por um dos melhores alfaiates da cidade.

Sentado entre os dois, no sofá da sala da reitoria, Padre Martinho se sentiu acanhado, quase impropriamente trajado. Seus cabelos estavam penteados, suas mãos perfeitamente limpas, mas a batina era velha, surrada, e não seria preciso procurar muito para lhe descobrir algumas manchas. Na véspera, rasgara sua sotaina nova e não tivera tempo ainda de costurá-la. Fora, assim, forçado a receber Leopoldo Graça daquele modo impróprio que receava muito fosse interpretado pelo médico como uma ostentação de displicência, de excessivo desinteresse pelas obrigações do mundo.

Para remediar a essa possível impressão, Padre Martinho procurou ser o mais amável que pôde. Ainda não conhecia Leopoldo Graça, apesar de já ter ouvido falar bastante dele, de sua fama sempre crescente, de sua qualidade de católico eminente. É verdade, também, que outras pessoas de responsabilidade lhe tinham denunciado sua vida irregular (principalmente depois que a fama o bafejara...) e o caráter puramente formal do seu catolicismo. O próprio Padre Luís, ao lhe narrar a agonia de Armando Paiva, referira-se a ele em termos amargos, intencionalmente contrários aos preceitos da caridade cristã.

Fosse como fosse — pensava Padre Martinho —, seu dever de reitor era ser amável com aquele homem tão polido e cordial, cujo filho deixara tão bom nome nos bancos daquele Colégio. Aliás, sua função não consistia em julgar ninguém. Ali estava, apenas, para atender ao médico que, trazido por Padre Ladário, declarava ter “assuntos importantes e de urgência” para tratar.

Assim, foi com a maior afabilidade que o recebeu e ouviu os preâmbulos com que quis anteceder sua denúncia das atividades nocivas de Padre Luís. Perderam algum tempo com isso, mas, quando o clínico ilustre entrou diretamente no assunto que o interessava, já estava estabelecido o tom da conversa e Padre Martinho não teve maiores surpresas com as acusações posteriores.

Leopoldo Graça explicou: não vinha denunciar os trabalhos apostólicos de um padre que, sob muitos aspectos, admirava e julgava

bem intencionado. Apenas, na sua qualidade de médico, avisar, chamar a atenção do reitor. Informado de tudo, poderia tomar as providências que julgasse necessárias para evitar males maiores, possíveis desastros que esses, sim, exigiriam denúncias, intervenção de autoridades superiores e mil outras contrariedades. Desculpasse, portanto, sua intromissão num terreno que não era o seu. Só o ousava porque uma consciência escrupulosa a isso o impelia, tendo em vista, não só o seu próprio, como o interesse de todos.

Em seguida, historiou, apoiando-se todo o tempo no silêncio aprobatório de Padre Ladário: em menos de três meses, os seguintes fatos se tinham passado, de que ele e Padre Ladário tinham sido testemunhas mais ou menos diretas — e de que ele próprio, Padre Martinho, devia certamente ter conhecimento, senão completo, pelo menos parcial. Inicialmente, o caso de Armando Paiva, moribundo junto do qual Padre Luís penetrara quase à força, quando seu estado de inconsciência tornava inútil qualquer intervenção no sentido de obter um gesto de arrependimento, a renegação do suicídio tentado. Aproveitando-se dos escrúpulos familiares, levava de vencida seus esforços para detê-lo e se isolara com o doente, tentando despertar-lhe a consciência de todos os modos, com evidente prejuízo de seu estado físico, bastante precário. Ele próprio, Leopoldo Graça, e sob a fé da sua palavra de médico, surpreendera-o curvado, colado ao moribundo, sacudindo-o para arrancar-lhe uma resposta que jamais poderia dar. Minutos depois, Armando falecia. Não podia assegurar que a ação “física” do padre tivesse apressado sua morte. Não era impossível, porém. De qualquer modo, o que pensar de um sacerdote cujo fanatismo o impelia a tais exageros?... Tempos depois, um novo caso viera evidenciar o excesso de zelo do jovem padre. Desse episódio, tivera conhecimento apenas indiretamente. O informante, porém, ali estava e podia atestar o que ia dizer. Aliás, pelo que Padre Ladário lhe dissera, o reitor também estava a par do acontecido: pudera, portanto, julgar por si mesmo quanto Padre Luís arriscara e, de certo modo, comprometera o bom nome da Igreja, o alto conceito em que o sacerdócio era tido. Pois, não pusera sua exagerada sensibilidade ao serviço de uma causa detestável, qual a pretensão de Ângela Soares de voltar a ocupar, no seio da família do marido, o lugar que tão pecaminosamente abandonara, tempos antes, para viver uma vida de devassidão e pecado?... Leopoldo Graça não pôde ir adiante, na análise do episódio, porque Padre Martinho o interrompeu, certificando-o de que sabia de tudo perfeitamente, não sendo necessário rememorar ali acontecimentos tão tristes. Diante da firme decisão do reitor de não tornar a ouvir aqueles fatos (originada, não só nos motivos alegados, mas, sobretudo, na irritação que o tom do médico lhe inspirara), Leopoldo Graça passou ao

terceiro e último dos casos que se propusera focalizar.

Tratava-se, naturalmente, da crise nervosa do pequeno Sílvio Iberê, que Leopoldo Graça atribuía, decisivamente, à intervenção inoportuna de Padre Luís. E, como Padre Martinho manifestasse espanto, quase indignação, olhando amiúde para Padre Ladário, como a indagar se também estava de acordo com aquelas graves acusações, o médico positivara: não falava ao acaso, acompanhara todo o episódio, desde a primeira crise de Sílvio, até o momento do desencadear da catástrofe, quando fora expulso do Colégio. Os fatos concretos: escândalo provocado, punição, expulsão, podiam ser apontados pelo vulgar como motivos determinantes. No entanto, para quem, como ele, conhecia de perto, e de há muitos anos, a natureza extremamente nervosa, doentia mesmo, do menino Iberê, outros fatores deviam ser levados em conta. Acima de todos, aquela influência nociva que se exercera sobre ele, instigando-o, excitando-o, atirando-o de dúvida em dúvida, de choque em choque, sempre na perseguição do mesmo fito — elevado, porém, no caso, extremamente perigoso —: convertê-lo, trazê-lo de volta à fé perdida.

Dois dias depois da primeira crise de Sílvio, surpreendera-o à cabeceira do menino, em momento em que sua visita não era esperada: falava, falava e o doente respondia atropeladamente, numa agitação, num descontrolo de quase louco. Tivera de repreendê-lo com discrição. Com que resultado, porém?... Queria saber? Logo em seguida ao transe decisivo, quando ainda havia perigo sério, viera visitá-lo e, ao que tudo indicava, aproveitara um momento em que ficara a sós com Sílvio para falar-lhe na possibilidade trágica de ele morrer de repente e ir para o inferno... Apesar de muito perturbado com os fatos que o médico estava narrando, tão prováveis, tão verossímeis, Padre Martinho não pôde deixar de protestar quanto àquele último detalhe. Conhecia bem Padre Luís: jamais recorreria ao pavor do inferno para tentar converter um menino doente, principalmente esse menino sendo Sílvio, cujo estado de nervos não lhe era desconhecido.

Leopoldo Graça não fez finca-pé na questão. Apenas, sublinhou que a fonte da informação parecia-lhe mais ou menos segura: de acordo com o relatório da enfermeira, durante a noite, na agitação do seu sono de doente nervoso, Sílvio se referira claramente a uma conversa com Padre Luís que tudo indicava se tivesse passado de dia e onde se destacavam frases soltas sobre o inferno. De qualquer modo, renunciava àquele argumento, não lhe faltando outros, convincentes, indiscutíveis.

Do próprio Sílvio, em conversa, soubera o gênero de assuntos sobre que falavam. Tanto assim que, receando pelo estado de saúde do seu

paciente, fora forçado a “proibir” Padre Luís de tornar a “perseguir” Sílvio com seus sermões. Julgava Padre Martinho que tinha sido atendido, dessa vez?... Enganava-se: os encontros haviam passado a ser secretos e tinham se multiplicado depois que Sílvio recebera autorização para passear, em bem da sua própria saúde. Padre Luís insistira em sua ação apostólica. Que o menino, impressionável ao extremo, com antecedentes de insanidade mental na família e convalescente de uma séria crise nervosa, pudesse enlouquecer, não lhe importava, não entrava sequer em suas cogitações. Não era “padre”? Não estava a serviço de um Senhor que podia tudo, inclusive curar os loucos, ressuscitar os mortos?... A essa altura, Padre Martinho julgou de sua obrigação interromper Leopoldo Graça. O que mais o impressionava, agora, era que Padre Ladário pudesse ter acompanhado o médico naquelas frases finais, visivelmente impregnadas de sarcasmo — aliás, de um sarcasmo que não podia compreender num homem que se dizia católico... Entretanto, não era o momento de cuidar de nada daquilo. As acusações que Leopoldo Graça estava formulando contra Padre Luís pareciam-lhe sérias, ainda que fosse evidente o ponto de vista excessivamente humano e profissional que as condicionava. Não podia ainda fazer uma ideia nítida sobre a atitude do padre naquele caso (ainda uma vez, agira mais ou menos à sua revelia, merecendo por isso, oportunamente, novas admoestações...), mas, de qualquer forma, o núcleo daquelas reclamações devia ser exato, como o fora em relação aos episódios de Armando e de Ângela. Convinha, pois, responder desde logo ao grande clínico, aquietando-o na medida do possível, evitando que levasse para fora das paredes daquela sala uma questão tão delicada.

Assim interrompendo Leopoldo Graça no momento em que suas ironias intencionais começavam a desvirtuar o sentido da conversa, Padre Martinho garantiu:

— Tranquiline-se, Doutor Graça, eu tomarei as medidas necessárias. O senhor sabe, muitas vezes, no exercício da missão que lhe foi conferida, levado por um zelo realmente notável, Padre Luís vai um pouco longe demais. Então, é preciso que alguém, mais experimentado, alguém que a vida tornou menos ardoroso ou mais covarde, alguém cujos cabelos, por exemplo, tenham encanecido ao contato dos homens, dos sofrimentos e dos invencíveis compromissos que o mundo exige (como é o meu caso), venha lhe chamar a atenção, mostrando-lhe cuidadosamente que se desviou do verdadeiro caminho...

— Sim, mas o senhor acha que isso pode dar algum resultado? — indagou Leopoldo Graça, sem esconder sua desconfiança e olhando para Padre Ladário com ar significativo.

— Creia o senhor — prosseguiu o reitor —, mais de uma vez já me vi

obrigado a fazer dessas observações a Padre Luís. Nos dois primeiros casos a que o senhor se referiu...

— Resultado: o terceiro caso! — atalhou Leopoldo Graça, rindo e triunfando secretamente em sua conversa de olhares irônicos com Padre Ladário.

Padre Martinho ficou ligeiramente desorientado com a interrupção. Sentindo-se criticado pelo entendimento velado dos dois visitantes, julgou melhor explicar:

— Doutor Graça, o senhor é católico, como me disse, e deve, portanto, compreender certas coisas: a esse padre, cujas atividades vejo tão acremente condenadas, foram dadas, ou, pelo menos, tudo indica que tenham sido dadas graças especiais...

— As de perturbar e sacudir os meus doentes?... — indagou Leopoldo Graça num repente, em tom já mais sério que o anterior.

— De educador e conselheiro, em todo caso não foi! — lembrou Padre Ladário, com ressentimento no tom, acrescentando logo:

— Seu exemplo, entre os alunos, é péssimo!

— Padre Ladário! — exclamou o reitor como quem pede clemência.

— Não, padre reitor. Meu dever é falar e, somente porque meu amigo, Doutor Leopoldo Graça, não está na intimidade dos nossos pequenos segredos escolares, não vou esconder aqui o que já tive ocasião de lhe dizer outro dia: considero Padre Luís responsável pela expulsão de Sílvio Iberê!

— Padre Ladário! Por favor!...

— Foi o insuflador de tudo... Da pequena conspiração anterior, como do episódio que terminou pela expulsão e pela doença do menino! Evidentemente, Leopoldo Graça, agora calado, ausente, triunfava com a intervenção de Padre Ladário, em reforço da sua tese. Julgou, porém, útil apoiá-lo por seu lado, ao fim de alguns segundos de silêncio:

— Um péssimo educador! Um fomentador de rebeliões!... Padre Martinho sorriu, pensou que, em bem do próprio Padre Luís, iria ter de chamar sua atenção para a série de obstáculos que estava criando em seu caminho. Outra coisa, porém, era permitir que aquelas censuras perdurassem, sobretudo tendo partido de um padre. Dirigindo-se a Leopoldo Graça apenas, como se o argumento originariamente fosse seu, declarou:

— É preciso não esquecer, Doutor Graça, que antes de sermos

educadores, bons ou maus, nós, sacerdotes, temos uma outra missão, que é a fundamental: exercer o culto divino, lutar pela salvação das almas. Salvar a alma vem antes do que educar o espírito... ou cuidar do corpo. Os senhores, médicos, velam pelo corpo. Nós, pela alma. Primordialmente a alma, depois o espírito. Isso não quer dizer, é claro, que devemos prejudicar ou descuidar do corpo ou que possamos nos permitir o pecado de educar mal, de dar mau exemplo, ou o escândalo de incitar alguém à insubordinação, à revolta contra seus superiores.

— Apenas... — tentou inutilmente falar Leopoldo Graça.

— Longe de mim aprovar tal disparate — prosseguiu o reitor com decisão.

— Estou, porém, tão certo que Padre Luís não incorreu nesse pecado, como de eu estar aqui e o senhor aí, bem defronte de mim. Padre Luís, Doutor Graça, eu o conheço bem: ardoroso, excessivo, talvez um pouco orgulhoso... Mas, capaz dessas más intenções, desses desvios, não! Nunca! Padre Luís, o senhor o devia procurar conhecer melhor. Minha vida foi longa, meus cabelos já estão brancos, viajei muito, dirigi inúmeros colégios que a nossa Ordem mantém pelo mundo. Pois bem, até hoje, creia o senhor, nenhum sacerdote com quem me foi dado entrar em contato me deixou impressão tão forte, tão estranha: no momento em que o vou censurar, convencido de estar com a razão, alguma coisa me diz, súbita e inexplicavelmente, que, apesar de tudo, quem está errado sou eu e que, portanto, ao invés de censurá-lo, devia cair de joelhos ante ele e pedir que me abençoasse...

— Um santo, então?! — escarneceu Leopoldo Graça, sem esconder sua indignação.

— Longe disso, creio eu... — respondeu o reitor com convicção.

— Mas, quem nos diz que não é alguém que está no caminho que leva a essas paragens tão desconhecidas por nós, tão insuspeitadas pela nossa mesquinha materialidade? A vontade de Deus é imperscrutável. Como ela, os caminhos da santidade... Que sabemos nós deles? Quando foi que alguém os conseguiu identificar, seja em sua própria existência, seja na dos seus semelhantes? Não ignoramos, é certo, que são semeados de perigos, de insondáveis abismos. Nem que surgem e desaparecem ante os pés dos homens como o recorte do mar na areia da praia. Nem que a vida de uma criatura humana é muito curta para conceber o clarão que ilumina interiormente o predestinado que os percorre. Contudo, nada disso importa, nada disso auxilia a distinguir os eleitos daqueles que não o são. Tudo é mistério, expectativa, nesse mundo da santidade. Nosso dever se transforma, assim, em colaborar com as possibilidades que se

desenham, em não matá-las dentro do nosso próprio coração... Diante dessas afirmações finais, Leopoldo Graça teve um movimento de mau humor tão evidente que o reitor sorriu, logo acompanhado por Padre Ladário. Irritado e constrangido, o médico ilustre se levantou do sofá, segurou o *pince-nez* entre os dedos e declarou, procurando ser amável:

— Bem, padre reitor, muito lhe agradeço a atenção que me deu, mas não quero roubar mais seu tempo que sei quanto é precioso... Lastimo apenas que não tenhamos conseguido chegar a um acordo.

Tanto o reitor como Padre Ladário manifestaram surpresa. O primeiro protestou logo:

— Doutor Graça, sua expressão não terá sido um pouco exagerada como registro da diferença dos nossos pontos de vista?...

— Eu disse que lastimava que não tivéssemos chegado a um acordo — repetiu Leopoldo Graça, sorrindo e recolocando o *pince-nez*.

— Sobre o quê, doutor?

— Sobre o quê? Sobre a atividade de Padre Luís!...

— Doutor Graça, eu creio ter lhe dito que iria tomar as providências necessárias... — ...para que ele continue em sua “função essencial”: salvar almas? — completou o médico em tom de desafio.

— O senhor quereria que eu o proibisse de “salvar almas”?

— Em hipótese alguma! Eu não me meto senão com a minha profissão! Padre Ladário sorriu, achando finíssima a resposta do amigo. O reitor apenas murmurou:

— Feliz profissão, a sua... Feliz a profissão cujos limites são tão nítidos, tão simples, tão pequenos!...

— É o que muitos pensam! — julgou-se Leopoldo Graça na obrigação de retrucar.

Já então, Padre Ladário também se levantara. Era evidente que a entrevista estava terminada, nada mais havendo a dizer por parte dos visitantes. No entanto, querendo ver se ainda conseguia tranquilizar Leopoldo Graça, que receava ter escandalizado quase tanto quanto Padre Luís o fizera, com suas tentativas de conversão, o reitor ainda acrescentou:

— O senhor pode ir descansado, Doutor Graça. A primeira coisa que vou fazer, agora, é conversar com Padre Luís, fazer-lhe ver certas contingências, recomendar-lhe prudência em casos como estes a que o

senhor se referiu, principalmente o último.

— Nesse caso... — balbuciou Leopoldo Graça se despedindo.

— Farei com que compreenda a situação. E me obedeça. A nossa ação, bem compreendida e executada, não interfere na dos senhores.

— *Mens sana*... — lembrou Padre Ladário.

— Perfeitamente — concordou o médico.

— É o que eu sempre digo: *in corpore sano*... O reitor franziu o sobrolho e pensou no muito que havia a dizer àquele respeito. Preferiu se calar, porém. Já estava farto daqueles dois homens ilustres, de seus pontos de vista irritantes. O que queria, agora, era ir ao encontro de Padre Luís e obrigá-lo a confessar, no seu próprio interesse, o que realmente dissera ou fizera no caso de Sílvio Iberê. Convinha chamá-lo à ordem, dizer-lhe algumas verdades que estava tremendamente necessitado de ouvir. E, talvez mesmo, para evitar maior escândalo, proibi-lo terminantemente de retomar, sob qualquer pretexto, sua ação apostólica sobre o menino doente...

•

A sinceridade do reitor, ao fazer tenção de censurar Padre Luís assim o encontrasse, era absoluta. Sobre isso não deve restar a ninguém a menor dúvida. Os fatos viram contrariar cabalmente seus planos, mas a verdade é que, sabendo que Padre Luís saíra logo cedo, adivinhou onde devia ter ido e ficou à sua espera, mais enérgico, mais decidido ainda do que antes.

Meia hora mais tarde, Padre Luís surgiu diante do reitor. Vinha quase correndo e sua alegria era tal que as palavras já como lhe fugiam da boca, muito antes de pronunciadas. Vinha fervendo, explodindo de contentamento. O rosto magro e fino irradiava felicidade, os olhos faiscavam, um leve suor escorria pela testa. Assim avistou o superior, foi gritando:

— Padre, padre, Deus seja louvado! Deus seja bendito! Acabo de assistir o pequeno Sílvio Iberê se confessar e, em seguida, receber a Santa Comunhão! Que Deus seja louvado por toda a eternidade! Foi um milagre, um grande milagre do Santo Cura d'Ars, a quem entreguei especialmente esse caso... O reitor ainda não caíra em si da notícia inesperada que tão estranhamente vinha se inserir nos acontecimentos daquela manhã, e já estava sorrindo. Sorria, não só pelo sucesso em si, tão brilhante, tão agradável, como pela alegria de Padre Luís,

absolutamente incontrolável, infantil. Sentia-se feliz por ele, tranquilo, por um momento, quanto àquele seu destino de possível predestinado que ainda o inquietava tanto, momentos antes. Para Padre Luís, aquela conversão era tudo, era a luz, era a esperança, era a tranquilidade, era a vida. E, enquanto o fixava, assim alegre, expandindo-se, contando os detalhes da ação miraculosa que se concretizara naquela manhã de um modo tão imprevisto e imprevisível, Padre Martinho pensava numa outra época, muito distante, em que pastores atravessavam a noite, felizes por poderem anunciar a Boa Nova, cantando, gritando, proclamando a todos os que ainda não sabiam: “Correi a Belém, ide ver: em Israel nasceu um Menino...”.

•

Agora, Padre Luís está de joelhos defronte do reitor, a cabeça colada contra sua batina, chorando. À alegria de instantes antes, sucederam lágrimas, que são também alegria, confissão de que foi superado o pecado de tantas ocasiões: a falta de confiança nos desígnios da Providência.

De fato, no momento mesmo em que mais alto se elevavam os ecos da sua lamúria pelo fracasso da turma na qual depositara toda a sua fé, no instante em que mais uma vez constatava que a perdição era a lei inexorável daquele mundo a que lhe era dado assistir e tentar guiar, no segundo exato em que seu pensamento se voltava desarvoradamente para a progressiva exacerbação do caso monstruoso de Sérgio Vilar com a menina Reni, eis que já vinha a ele pela rua, tocado pela Graça, o pequeno Sílvio, talvez a melhor de todas aquelas criaturas que evoluíam à sua volta. Alegre, transfigurado, parecia um ser inteiramente novo, enfim livre dos complexos que o agrilhoavam.

Abandonado por todos no momento do maior perigo, tendo renegado intimamente tudo, até mesmo sua amizade por Heitor, descendo à sordidez de praticar o ato sexual por desdém e desafio, esquecendo Mônica (pelo menos, momentaneamente...) e a fidelidade que lhe vinha mantendo, consciente do seu destino adverso, da maldição pronunciada contra ele pelo próprio pai, ferido mortalmente em seu amor-próprio, doente até no corpo, enfim abrisse os olhos e conseguira ver o essencial. E, em menos de um segundo, o mundo se transfigurara ante ele... Sim, não podia ser o amaldiçoado e o abandonado, se um Deus morrera por ele. Ele, por si, podia não valer nada, mas, sua alma, que preço não tinha? Se Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus e homem, viera à terra para salvá-lo, para beijar-lhe as feridas e secar as lágrimas dos seus olhos, ele, ele pobre órfão do mundo, ele perseguido e enjeitado, não podia ficar surdo ao grande apelo. Por mais triste e nu que estivesse, respondia ao

chamado, carregando consigo a única coisa pura que ainda lhe restava: seu coração chagado. Nada temia: as grandes Chagas se fariam irmãs das pequenas chagas, e novos dias raiariam.

Padre Luís está falando, contando, chorando, parando a cada instante, a fim de relembrar detalhes omitidos por acaso. Recomeça, agora. Ri, feliz, criança. Sua fé no reitor, um momento abalada por ocasião da crise disciplinar do quinto ano, volta inteiramente. Como, também, renasce de súbito, e vertiginosamente, sua confiança no despertar dos anjos de pedra junto aos quais está batendo ou lhe pareceu ter batido em vão. Quem sabe se Armando... E Ângela, por que não estará de volta, um dia daqueles, quando menos esperar? E Sérgio Vilar, não poderá ele se deter ainda? E os outros todos?... Por que não? Por que não, se aquele anjo de pedra subitamente despertou e se tornou sensível ao grande, ao único apelo? Por que não, se o milagre existe, se o milagre pode visitar, a qualquer momento, a vida de não importa que mortal? Padre Luís fala e o reitor o ouve, esquecido de tudo mais, exatamente como se o resto do universo não existisse. Agora, escutando, ref letindo, recordando, pronto para começar a avisá-lo e a tentar defendê-lo, Padre Martinho treme. Naquilo tudo, o que mais o impressiona é a intensidade e a rapidez com que os acontecimentos se sucedem, se precipitam. Pobre Padre Luís! Como não ver o “caso” em que já se constituiu? Só fechando os olhos... Sua experiência das almas, suas leituras lhe ensinam, e ele não sabe se enganar: sempre que uma natureza predestinada recebe o chamado para os grandes voos, é assim, é exatamente assim que acontece: o milagre real e o aparente milagre, a Graça e a negação da Graça, tornam-se a quotidianidade da vida que se é forçado a viver. Pressentindo o preço da alma que está sendo separada da miséria da condição humana, o demônio ronda incessantemente a presa possível e não há máscara ou disfarce de que não saiba se servir para tentar apagar as pegadas do Crucificado nas areias do mundo... Receio ser por demais cruel ao ter de escrever, agora, essas linhas conclusivas. Receio ser obrigado a desiludir e entristecer almas simples, seres aos olhos dos quais, talvez, minha pobre palavra, trêmula e constrangida, vá se assemelhar a um movimento de descrença ou desespero, ou, pior ainda, de perseguição contra Padre Luís e sua celebração apressada, prematura, do triunfo conseguido. Receio sofrer demais, eu próprio, ao confessar o que há tanto me pesa sobre o coração.

Como não contar, porém? Como esconder, como não penetrar no coração ulcerado desse menino que conheceu a Verdade, mas que ainda não morreu ao sofrimento — ao sofrimento humano, puramente humano? Como calar num instante em que tudo está em jogo, para mim como para ele, como não dizer, mesmo balbuciando, que, no momento supremo, quando, com toda a unção, recebia das mãos do sacerdote a

Santa Eucaristia, seus olhos velados de lágrimas, correndo sobre o inri da pequena cruz do altar, nada conseguiam ler senão um simples nome humano que nenhuma renegação lograra afastar do seu espírito? Falar, insinuar aqui um embuste do demônio, seria apenas trair. Seria mentir. Não serei eu a fazê-lo. Perdoem-me uns, compreendam-me outros. O pequeno Sílvio Iberê, pobre “*queer bird*” do meu mundo e do mundo de lá, sofrerá ainda muito. Poderá, portanto, explicar muita tergiversação, defender-se à vontade de quantas acusações lhe queiram fazer. Quanto a mim, por que não confessar que, nessa nossa natureza decaída — contudo, “feita à imagem e semelhança divina” —, meus olhos veem subsistir, lado a lado com a extrema miséria, a extrema grandeza, não sendo raros os momentos em que o simplesmente humano, em sua pureza, se aproxima de muito perto do divino, do eterno?

Ó homem, quem és tu para discutires com Deus?

Porventura o vaso de barro diz ao oleiro: “Por que me fizeste assim?”. Acaso não tem poder o oleiro sobre a sua argila para fazer de uma mesma massa um vaso de glória e um outro de ignomínia?

— Rm 9, 20–21

parte iv | Sérgio e Reni

I

e a família Vilar dispusesse de uma dose de espírito de observação um pouco maior e se, por outro lado, não fosse tão boa, tão bem formada, tão destituída de malícia, teria certamente notado qualquer coisa de fundamentalmente errado, de ruim mesmo, nos primeiros movimentos conscientes da pequena Reni. Mas os Vilar sempre tinham vivido sem que a ideia de desconfiar de algum deles lhes ocorresse. Uma suspeita dessas nem sequer podia lhes passar pela cabeça. Reni desenvolveria em paz todas as suas más tendências: avô e avó, tios e primos, todos saberiam encontrar explicações plausíveis e absolutórias para não importa qual dos seus atos: brinquedos estupidamente quebrados, animais domésticos perseguidos com afinco, dissimulações inúteis e teimosas, intriguinhas insignificantes. Não era a orfãzinha que todos mimavam? Não era a vítima da sorte a quem qualquer pequena falha devia ser perdoada? E, se havia alguém cujos caprichos podiam ser satisfeitos sem maior pecado, não era ela, a doce e irrequieta pequena Reni?... Assim pensavam os Vilar. E o que os Vilar pensavam tinha força de lei para a maioria dos seus íntimos e conhecidos. Sobretudo, se a opinião vinha com o aval do velho Leopoldo Vilar, cujos setenta anos perfeitamente bem vividos eram para muitos um padrão de dignidade e elevação moral. Álvaro Barros, avô de Branco, chegara mesmo a assegurar que não conhecera homem mais honrado em todo o decorrer de sua vida.

Filho único de um senador do Império que trazia o mesmo nome e cuja retidão de costumes fora proverbial, Leopoldo Vilar fizera carreira no comércio, prosperando rapidamente com o começo da República. Monarquista e conservador como o pai, jamais quisera se imiscuir em política, não obstante as constantes solicitações dos amigos. Ainda

moço, aos vinte e sete anos, casara com Sara Bontoni, uma linda menina de dezenove anos, companheira admirável de uma existência bastante longa e que a desgraça visitara frequentes vezes, ceifando alguns dos membros mais queridos da família.

Leopoldo e Sara tinham tido quatro filhos. Bruno fora o mais velho. Depois viera Manuel, a quem se tinham seguido, igualmente com dois anos de diferença um do outro, Antonieta e Marcos. No momento, somente Manuel e Marcos existiam, ambos solteiros, ambos já tendo passado da casa dos quarenta. Aos vinte e dois anos, Bruno casara com Ana Bernardes, tendo três filhos: Sérgio, Vera e Clara. Seis anos depois do nascimento de Clara, Sérgio estando então com dez, Bruno morrera, vitimado pela tuberculose.

Essa desgraça não fora a primeira da série a que nos referimos. A doença impiedosa perseguia obstinadamente os Vilar. Já cinco anos antes, Antonieta morrera do mesmo mal. E provavelmente fora ela quem contaminara o marido, um fazendeiro do Paraná, André Palevski, que não lhe sobrevivera senão três anos, ficando então a pequena Reni, filha única do casal, órfã de pai e mãe aos seis anos de idade.

Mesmo antes da morte de André, Ana Bernardes Vilar tomara a si o cuidado de Reni. E o fizera como se a natureza lhe tivesse dado realmente mais aquele rebento. Assim, quando, anos depois, André e Bruno morreram, só havia uma família em casa dos Vilar, a mais unida de quantas existiam. Ana era o seu centro, verdadeiro eixo em torno do qual giravam os Vilar. Cuidava das quatro crianças, Sérgio, Vera, Clara e Reni, sem diferenciar a sobrinha dos filhos. Nesse trabalho, a que se entregava de corpo e alma, era assistida pelos dois cunhados, Manuel e Marcos, e pelos sogros, na realidade verdadeiros pais, de tal modo tinham conseguido tomar, junto a ela, o lugar dos velhos Bernardes, de há muito falecidos.

A união da família, a cordialidade existente, espantava a muitos. Ninguém se lembrava de ter ouvido falar num desentendimento, numa discussão mais violenta, mesmo a propósito dos problemas da educação dos meninos ou de questões econômicas, muito embora a situação dos Vilar não fosse das mais brilhantes, principalmente nos anos mais recentes. Diziam mesmo os íntimos de casa que, como compensação dos sofrimentos imerecidos, representados pelas mortes de Bruno, Antonieta e André, Deus concedera aos Vilar a harmonia e a paz de espírito que, em geral, nem duas ou três famílias reunidas logravam possuir. Se Deus os recompensara desse modo, manda a verdade que se diga que em poucas casas se lhe prestava um culto tão grande e tão sincero. Do velho Leopoldo Vilar, que cumprira rigorosamente seus deveres religiosos ao

longo de uma existência inteira, até a pequena Clara, com seus quinze anos incompletos, todos respeitavam e amavam a Deus. O próprio Manuel, se não praticava a religião com assiduidade, não estava longe de poder se considerar católico, de tal modo tinha vivo no coração o sentimento de culpa decorrente de suas fraquezas e descuidos.

Digamos logo: a tudo isso, fazia exceção a pequena Reni. E, naturalmente, através dela, por via indireta, Sérgio se transformaria num contraste vivo à tradição dos Vilar...

•

Ao certo quem era Reni? Ou melhor, como se explica que no seio de uma família tão boa, no segredo de um lar tão calmo e tão espontaneamente inclinado ao culto de Deus, tivesse podido crescer, dissimulada, despercebida de todos e a tal ponto venenosa, semelhante flor de pecado, semelhante ser de tentação e maldade? Pobre e pequena Reni, doentia Reni, que triste destino trouxe para teu sangue, originariamente bom e generoso, essa estranha peçonha capaz de destruir a serenidade de toda uma família, de ensombrar a velhice pura e digna de quem julgava já ter passado por todas as provas? Reni, tormentosa Reni, minha mão ainda treme ao escrever teu nome, ao pensar nas noites de agonia que teu corpo trará à fraqueza de vontade do pobre e vacilante Sérgio, teu primo, teu quase-irmão. Muitos anos se passarão, muitas e muitas noites me inclinarei, triste e humilhado, sobre teu destino miserável de menina-perdida. O sono fugirá de mim, as mãos estarão crispadas. Pensarei em Ângela, em Renata e em outras que são fracas, mas não são más, não são perdidas no mais íntimo de si mesmas. E a madrugada virá, e o sol iluminará o quarto, antes que me seja dado descobrir o mistério de tua natureza. O demônio? Simplesmente a presença permanente e habilmente dissimulada do grande inimigo? Mas como, então, tanta graça, tanta feminilidade, tanta sedução nesse teu ser fraco e triste, destinado a uma morte próxima, já marcado por todas as debilidades de uma constituição física eminentemente humana, eminentemente em processo acelerado de aniquilamento? Não sei. Renuncio a compreender Reni. E me ponho a cismar nos antecedentes de André Palevski, tão mal conhecidos. O pai, Igor, imigrante, era russo. A mãe, Dália, brasileira, filha de fazendeiros paulistas. Ambos bem conceituados, bem nascidos. Mas, quem sabe lá o que não abrigavam aqueles corações, a ardência daqueles sangues? Ou, uma geração antes, quem eram os bisavós paternos de Reni, lá na longínqua Rússia imperial? Algum sangue mau teria se infiltrado então e, retido, concentrado, só teria vindo irromper três quartos de século depois, naquele pequeno corpo irrequieto e doente?... Do pai, diretamente, é que não viera. Do pai, Reni recebera a fraqueza orgânica, aquele corpo

predisposto para o mesmo mal que o iria levar, deixando-a órfã em plena infância. E mais nada. (A não ser aqueles olhos verdes, tão claros, tão tranquilos, motivo da admiração de todos os que buscavam em sua fisionomia, agradável, mas desprovida de verdadeira beleza, um detalhe a destacar e elogiar...). Aliás, um ótimo homem, aquele André Palevski. Bom, generoso, um verdadeiro cavalheiro. Ótimo marido, viúvo inconsolável, o mais extremoso dos pais. Podia ser ele a origem, a verdadeira fonte da maldade de Reni? Essa fonte, muito menos facilmente poderia ser encontrada em Antonieta Vilar. Quem se lembrava de alguma coisa que pudesse ser aduzida contra ela? Existira para outra coisa do que para dar bom exemplo, consolo aos pais, felicidade ao marido, carinho à filhinha? Assim, resultam infrutíferas nossas buscas. O problema colocado pela existência de Reni permanece irresolvido, e só nos resta acompanhar, passo a passo, e piedosamente trêmulos, o desenvolvimento do ser estranho que temos diante de nós como um desses casos anômalos de que só Deus possui a explicação última.

•

Perfeitamente confundida com os filhos de Ana, Reni cresceu sob o signo da fraqueza, da piedade e do carinho. De uma constituição fragilíssima, já reclamaria só por isso cuidados especiais. Aos dez anos, tivera uma pleurisia. Desde então, a ameaça que pesava sobre sua cabeça exacerbava a atenção de todos. Não havia precaução que não fosse tomada, quando acaso se sentia indisposta. Um espirro, um resfriado, uma dor qualquer, eram motivos para mil temores.

Os cuidados e os regimes tinham sido quase inteiramente inúteis, pois Reni, aos dezesseis, aos dezessete anos, não era mais forte do que aos cinco ou aos dez. Não obstante o corpo gritantemente feminino, os seios rígidos e pulados, a expressão experiente, não parecia ter mais de treze, quatorze anos. Não se podia dizer que fosse bonita, apesar dos olhos, muito claros, e da boca, pequena e bem traçada, serem nela elementos de indiscutível sedução. Faltava-lhe, fundamentalmente, uma certa harmonia nos traços.

Na família Vilar, sua condição de órfã e a fraqueza da sua saúde tinham-na transformado, desde cedo, num pequeno ídolo. Dos velhos avós até Vera e Clara, todos viviam procurando agradá-la, adivinhando-lhe os desejos. Como Reni soubera não se prevalecer excessivamente dessa situação de privilégio, crescera em perfeita paz com todos. Confundira-se com os primos, irmãos em tudo, inclusive no modo pelo qual se tratavam.

Perguntar até que idade Sérgio só viu em Reni a irmã que o capricho da sorte viera ajuntar às que Deus lhe dera, parece-me uma colocação má do problema. O bom caminho é determinar quando e como Reni o foi arrancar do seu sono de absoluta insensibilidade para trazê-lo, pouco a pouco, à cruel revelação do desejo quase incestuoso que seu coração abrigava. Porque, na verdade, nunca uma criatura foi mais provocada, mais insistentemente arrastada, do que Sérgio durante os quase dois anos que durou o movimento envolvente da pequena Reni.

É triste ter de dedilhar aqui a trama de tão humilhantes acontecimentos. Dificilmente, porém, se poderá compreender e julgar a natureza de Sérgio, sem baixar a esses detalhes. Aceitemo-los, pois.

Sérgio não era um caráter forte, bem sei. De nada mesmo se poderia dizer que estivesse tão longe — exatamente como se a natureza tivesse querido estabelecer nele um contraste violento entre o moral e o físico. Ainda que houvesse nascido fraco como Reni, desde cedo se fortalecera e, já aos três, quatro anos, era um exemplo de robustez. Anos depois, o adolescente impressionava não só pela sua saúde gritante como pela elegância do seu corpo de atleta. Aliás, parecia ser um dom de família. A seu lado, Clara e Vera cresciam com a mesma exuberância, lindas e fortes meninas cujo esplendor ainda mais empalidecia a pobreza física da pequena Reni — a quem, naturalmente, nenhum desses detalhes passava despercebido.

Exceto no que dizia respeito à força de vontade, Sérgio era um menino esplendidamente bem dotado. Não lhe faltavam qualidades de inteligência. Boa memória, facilidade para os estudos, especialmente no que se relacionava com línguas e números. Filho mais velho, particularmente mimado, sobretudo em vida do pai, não se deixara marcar pela situação de primogênito. Fora um ótimo menino e, mais tarde, no Colégio São Luís de Gonzaga, um aluno exemplar. Cursava agora a Escola de Direito, estudando no segundo ano, é verdade que sem outro interesse, a não ser o de se formar numa escola superior.

Atravessara o tempo dos bancos escolares sem precisar recorrer ao confessionário de Padre Luís. Sua vida, absolutamente calma, não apresentava crise alguma que necessitasse o cuidado de um diretor especial. Aceitava o padre que estivesse no confessionário quando, antes da missa dos domingos, procurava se pôr em estado de graça. É verdade que, nos dois últimos anos de colégio, suas comunhões se tinham espaçado bastante, sem contudo desaparecer. Apesar de não ter podido passar sem mulher desde o dia em que conhecera a primeira (uma mulata que encontrara ao acaso, perto do portão de casa, numa noite de vagabundagem...), continuara a ter sua vida religiosa, conciliando, à

custa de subterfúgios que sua idade facilmente lhe concedia, a rigidez do mandamento com a regularidade do pecado. E, provavelmente, jamais teria recorrido a Padre Luís, não fosse o desenvolvimento anormal das suas relações com Reni.

Sempre vira em Reni a irmã. Uma irmã, tão irmã quanto Vera ou Clara. Dizer mesmo que a olhara como prima seria a mais escandalosa mentira. Tanto assim que sua reação, ante os primeiros gestos inequívocos de Reni, foi a que se tem em face da possibilidade do ato incestuoso. A ideia lhe inspirou um horror tão visível, tão gritante, que a menina recuou, confusa, um momento indecisa sobre a legitimidade de seu sentimento.

Na natureza de Reni, completamente destituída de noções morais, uma dúvida dessas não podia deixar de ser um episódio passageiro, sem maior relação com sua vida real a se processar. Vencida a hesitação inicial, sua insistência redobrou e os escrúpulos inconfessados de Sérgio passaram a ser o motivo predileto das caçadas de seu olhar cheio de vivacidade e malícia... Sérgio resistiu bem mais tempo do que seria de esperar dada a debilidade habitual de sua vontade. De início, foram apenas os olhos que capitularam. Com uma obstinação diabólica, Reni se esmerou em multiplicar diante dele as ocasiões de tentação. Valendo-se da intimidade em que sempre tinham vivido, aparecia em sua frente apenas com a camisola com que dormia e deixava-se ficar nas poses as mais relaxadas, como se ignorasse a avidez com que, no fim de certo tempo, os olhos de Sérgio iam descobrir, através da transparência da cambraia de linho, as manchas que correspondiam aos pequenos seios recentemente formados ou as linhas divisórias constituídas pelos limites da calça de Reni. Nesses momentos, não era raro que, aproveitando a presença de Clara ou de Vera como um álibi, beijasse Sérgio demoradamente, deixando seu pequeno corpo quente e rico em insuspeitadas meiguices se amoldar às formas do rapaz, numa pressão aparentemente sem outra intenção a não ser a de um carinho fraternal.

Sérgio ficava completamente desatinado. No princípio, ele próprio punha fim ao contato, ainda firmemente decidido a evitar qualquer prosseguimento daquela loucura. Cedo, porém, chegou o dia em que Reni percebeu que teria de partir dela a iniciativa, pois o primo, se não tinha coragem de procurá-la diretamente, perdia completamente a cabeça quando a sentia de encontro a si. Deixava-se beijar, deixava-se enlaçar, agarrava-se ele próprio ao corpo cheio de desejo de Reni e não pensava mais senão em eternizar a situação.

Quando viam alguns desses beijos — em geral os mais leves —, Clara e Vera brincavam, sem malícia, mas já então Sérgio começava a ficar tão

escravo da vontade de Reni que, para disfarçar, se punha a beijar e abraçar longamente as irmãs, dando-lhes assim a impressão de que não havia nada demais naquilo. Como Reni, por seu lado, e seguindo nisso apenas sua tendência natural à expansão e ao carinho, vivia beijando e fazendo festas, não só a Clara e a Vera, mas também a Ana e aos avós, ninguém tinha motivo para desconfiar do seu modo de tratar Sérgio. Acobertado por essa cega complacência geral, o mal se desenvolvera, seguro e forte.

Fora nessa época, quando tudo nele ainda era esforço e vontade de resistir, que Sérgio procurara Padre Luís. Durante o curso, sempre se dera muito bem com ele e ouvira constantemente o elogio das suas excepcionais qualidades de diretor de consciências. Diante do problema que se criara em sua vida, resolvera ouvi-lo. Não era impossível que tivesse uma palavra nova para lhe dizer, arrancando-o do mundo de aflição em que evoluía.

Não houvera como negar: a ação de Padre Luís fora muito mais eficaz do que seria de esperar, dado o estado quase catastrófico do seu caso. Se não conseguira lhe incutir forças para pôr um termo à aventura, retardara consideravelmente seu desenvolvimento, abrindo-lhe os olhos para os perigos reais a que estava sujeito. De qualquer modo, o certo é que seu sentimento religioso, tão gravemente atingido com o desenvolvimento do episódio, longe de ceder ante a pressão do desejo culpado, como que recrudescera, tornando a situação ainda mais dramática.

Já então, suas relações com Reni tinham se agravado muito. Da simples aceitação passiva dos beijos e dos carinhos da menina, passara quase insensivelmente a uma atitude positiva, procurando ele próprio, nos momentos de maior descontrole, o contato do corpo desejado.

Contatos rápidos e fugazes, sem dúvida. Contudo, em que estado não deixavam a natureza ardente de Sérgio?... As criaturas que conhecera até então, todas possuídas de passagem ou, no mais das vezes, a troco de dinheiro, não lhe tinham dado, a bem dizer, uma verdadeira experiência do que o corpo de uma mulher pode representar na vida de um homem, mesmo antes de ele poder considerá-la sua. Ao penetrar em sua existência, ainda que de esguelha, Reni o envolvera de tal forma que não podia mais conceber a vida sem ela, sem aquela sua presença diária, incessante, sem aquele olhar cúmplice, aquele sorriso compreensivo, velhaco, aquele corpo dócil, secreto... Odiava-a, porém, em certos momentos. Era, principalmente, quando ela o obrigava a enganar as irmãs ou Ana, acumpliciando-o em algum plano destinado a lhes fornecer uma ocasião mais propícia ou mais demorada de se verem a

sós. A humilhação o enchia de uma cólera surda, capaz de destruir Reni em alguns segundos. Faltava-lhe, no entanto, coragem para se recusar à combinação. O mais que fazia era, assim se viam sós, acusar Reni acremente. Esta se punha então a rir, recriminando-o pela sua covardia de não aceitar a responsabilidade que lhe cabia, aconselhando-o com intencional desprezo a ir se sentar no banco dos meninos bem-comportados ou a entrar para um convento. Irritado, desatinado, agarrava-a então, apertando-a contra si como se a quisesse espremer, beijando-a no rosto ou, por cima do vestido, nos seios ofegantes, no ventre pequenino e estufado, ansioso.

Eram, por certo, os momentos de maior desatino. Percebia que dia a dia aumentava o perigo de uma perda de controle que o levasse longe demais. Reni ria desses seus temores, assegurando que sabia perfeitamente até onde queria ir e que ninguém a faria dar um passo mais adiante do limite fixado.

Nesses instantes, era verdadeiramente horrível ouvi-la falar. Aqueles dezessete anos excessivos, anormais, tratando friamente assuntos em que muitas mulheres levariam a vida inteira com escrúpulos de pensar, inspiravam mais pena do que indignação ou repugnância. Quem, que estranho demônio, te possuía então, ó minha pequenina e pobre Reni? Outras mulheres pecaram aos meus olhos, eu sei. Em outras meninas se levantou muitas vezes essa onda de mal que nenhuma força conseguiu deter.

— Mas, por que tão violenta e tão baixa nesse teu ser marcado, talvez predestinado? E por que esse prazer satânico em arrastar Sérgio para a sordidez de um sentimento a que só podia se entregar com o desespero de quem sabe que está descendo aos mais rasos níveis, de quem sente que mergulhou em pleno terreno da loucura?...

•

Naquela tarde do segundo dia do mês de agosto, Sérgio resolveu procurar Padre Luís, a quem já não recorria havia algum tempo. O episódio da véspera lhe parecera decisivo. Por outro lado, apavorado com a perspectiva da noite que se anunciava, decidira apelar para a única força em que ainda confiava. Depois do almoço, rumara às escondidas para a Capela do Colégio São Luís de Gonzaga.

Já encontrara alguns penitentes à espera de Padre Luís, que estava acabando de dar sua última aula do dia. Incapaz de rezar, sentara-se na fila do banco correspondente ao confessionário do padre. Como de outras vezes, mergulhara no exame dos seus casos íntimos, principalmente de certas particularidades que, desde a véspera, se

tinham transformado na mais angustiante das realidades imediatas.

A casa onde os Vilar moravam era velha e feia, mas confortável e espaçosa, o segundo pavimento bem dividido em numerosos e arejados quartos. Vera, Clara, Reni, Sérgio, Manuel, Marcos, sem falar em dona Ana e nos velhos Vilar, cada um tinha seu aposento particular. O de Reni, intermediário entre os de Clara e Vera, ficava bem defronte do de Sérgio, separados apenas pelo corredor que, partindo da escada, dividia o segundo andar em duas partes simétricas e ia dar numa pequena saleta de estar.

Na noite anterior, tendo dormido como de costume com a porta apenas encostada, Sérgio despertara ouvindo a voz de Reni que, no escuro do quarto, murmurava seu nome bem junto da cama. Pulara sobressaltado, mas ela, tapando-lhe a boca, de leve com a mão, sussurrara: “Sou eu, Serginho. Não consegui dormir pensando em você. Deixa eu ficar um pouquinho aqui até vir o sono?...”.

O raciocínio fugira logo. Rápido, o braço envolvera o corpinho delgado. Sentindo-o dócil, cheio de desejo, fizera-o entrar para dentro dos lençóis. Pensara duas vezes seguidas com incrível violência: “Eu estou com uma mulher na cama e essa mulher é Reni!...”, mas não fora mais longe, consumido de desejo. Os corpos, colados, confundiam-se num todo só. E os lábios de um e de outro pareciam não ter limite no beijo em que se tinham perdido.

Um incidente inesperado pusera fim à situação, segundos mais tarde. Do quarto vizinho, viera um barulho que só Reni percebera. Assustada, pulara da cama, receosa de que Manuel tivesse acordado e ouvido qualquer ruído comprometedor. Tinham ficado os dois à escuta e, como o barulho se renovasse, Reni balbuciara ao seu ouvido: “Eu volto depois”. Sem esperar pela resposta, saíra pé ante pé e fora para seu quarto.

Tinham se passado alguns segundos de cruel expectativa. Os ruídos não tinham se renovado. A casa imergira de novo no mais completo silêncio. Apenas, aqueles rápidos momentos de separação haviam sido suficientes para fazê-lo cair em si e compreender o perigo, a loucura que começara a se processar naquela cama onde jazia agora, à espera de que Reni voltasse.

Que Reni ia voltar, não tinha a menor dúvida. Era criatura para recuar diante da alguma coisa, por mais insensata ou perigosa que fosse? Quem viera uma vez, quem se entregara com aquele abandono ao furor dos seus lábios, à ousadia das suas mãos, é porque estava disposto a tudo e

nada receava. Não iria se amedrontar com a vaga ameaça de dois ou três ruídos num quarto vizinho... Sim, Reni voltaria. E voltaria logo. Entraria devagar, cautelosamente, mas, assim que se visse de novo debaixo daqueles lençóis, esqueceria tudo e iria tão longe quanto ele quisesse. Ilusão, imaginar o contrário. Ou que ela pudesse lhe opor a barreira intransponível de que tanto se vangloriava. E, muito menos ainda: que ele tivesse forças para resistir nos instantes decisivos.

Ao pensar nessa hipótese, o pânico se apoderara de Sérgio. Sentira que as pernas já tremiam, como se estivesse com medo físico de alguém ou de alguma coisa. E verificara que estava suando frio. De um pulo, correria até a porta e, num gesto rápido, quase inconsciente, dera duas voltas na chave, como se uma só não fosse suficiente para deter o ímpeto de Reni.

Depois, ainda trêmulo, mas no íntimo já mais tranquilo, voltara para a cama e esperara. Minutos tinham transcorrido. Reni não tardara a voltar. Girara lentamente a maçaneta, era evidente que ficara surpresa com a resistência, tentara empurrar docemente a porta, demorara mais alguns segundos esperando, novamente tentara a empresa anterior, tornara a esperar, batera de leve com dois dedos, mais uma vez quedara na expectativa de sua reação. Só depois se convencera da realidade, afastando-se lentamente na ponta dos pés e voltando para seu quarto.

Ainda continuara suando frio e tremendo durante algum tempo. Depois, lembrando-se de tudo o que perdera em virtude daquela atitude “estúpida e covarde”, pensara em ir procurar Reni. Faltara-lhe, porém, coragem e se deixara ficar por muito tempo pensando e repensando as mesmas coisas. De uma delas, tinha certeza: se Reni tornasse a vir ver se a porta estava aberta, pularia da cama, iria ao seu encontro, pedindo perdão de joelhos pela tolice de momentos antes... Custara tanto a dormir que, no dia seguinte, aparecera de olheiras na mesa do almoço, com expressão cansada na fisionomia. Como Reni mal respondesse ao seu bom-dia, aguardara. Aproveitara mais tarde um momento de isolamento após a refeição para pedir-lhe desculpas, invocando a seu favor, unicamente, o medo que tivera dela ser surpreendida em seu quarto. Reni não hesitara na resposta. “Covarde!”, gritara com todas as forças, com risco de ser ouvida por dona Ana que não estava muito longe. E acrescentara em seguida, já em tom mais baixo: “O que você é, é um covarde, um ‘carola’! Então eu não te conheço?”... Ele corara, acusando a pontaria certa do tiro. Confuso, lembrara, cheio de ternura na voz: “Depois, eu esperei que você voltasse...”. “Era o que faltava!”, opôs Reni, antes que ele concluísse, mentindo: “A porta estava de novo aberta. Eu abri...”. Reni ia falar, provavelmente começar a estabelecer bases para um novo encontro na noite daquele dia, quando

Ana Vilar entrara, tornando impossível a continuação da conversa.

Não se haviam falado mais, depois disso, mas, pelo olhar de Reni, adquirira a certeza: estava perdoado, à noite tudo poderia recomeçar... Ora, fora essa convicção que o alarmara a ponto de sugerir-lhe a ideia de procurar Padre Luís. Hesitara por mais de uma hora. Depois, evitando qualquer possível discussão com Reni, viera ter àquela Capela onde estava agora, à espera de uma palavra, de um conselho que o salvasse.

O que não podia era se entregar com aquela cegueira à vontade perversa de Reni. Aquilo era o mesmo que ver o abismo e se despenhar nele, por fraqueza, por incapacidade de resistir. Aquilo não era ser homem, era muito antes ser criança, de tal maneira se sentia levado pela vontade, pelo capricho de Reni. Então, bastava ela querer, ela vir se oferecer? E ele, que sabia aquilo uma loucura, verdadeiro crime, que sempre considerava aquela atração como um legítimo impulso incestuoso, ele obedecia, ele capitulava, ele se entregava de corpo e alma? Não podia ser. Devia haver um remédio qualquer para o seu caso. Se o desejo desatinado da noite anterior lhe alterara o raciocínio a ponto de se ver na iminência de cometer tão grande insanidade, aquele padre devia ter força suficiente para chamá-lo à razão, para ensinar-lhe um meio de evitar a calamidade em perspectiva. Ou então, não era o orientador compreensivo e rico em recursos persuasivos que todos apontavam nele. Ainda não o pusera suficientemente à prova. Contudo, o pouco que conhecia falava bem alto a favor da sua habilidade. Dissera-lhe coisas impressionantes. Saíra diversas vezes do confessionário emocionado, disposto a dar um novo rumo à sua vida. Se não o fizera, a culpa não podia ser atribuída ao padre e sim, exclusivamente, à sua fraqueza pessoal, à triste imundície que era aquela sua natureza pecadora... Foi nesse momento da meditação de Sérgio que Padre Luís entrou na Capela. Depois de rezar alguns minutos diante do altar-mor, dirigiu-se apressadamente para o confessionário e começou a atender os penitentes que o esperavam.

Olhando-o à passagem, Sérgio o achou diferente da última vez em que o vira, estranhamente agitado. Por certo lhe sucedera, naquele intervalo, alguma coisa de novo, de invulgar. O que, porém? Que se passara no decorrer daqueles dias?... Para Sérgio, que ignorava o episódio da conversão de Sílvio Iberê e a desilusão relativa ao “espírito da terra”, a excitação anormal espelhada na fisionomia de Padre Luís devia mesmo impressionar fundamente. Aliás, não era de estranhar que assim lhe acontecesse: também naquela tarde, Padre Maurício e o Irmão Gaspar procurariam o reitor para pedir-lhe que usasse da sua autoridade sobre Padre Luís, obrigando-o a se cuidar, a se poupar mais. Definhava a olhos

vistos e, como ninguém ignorava, não tinha grandes reservas de saúde. O Doutor Bêje não se cansava de recomendar-lhe prudência. Inutilmente, porém. Não haveria um meio de acalmá-lo, de restituir-lhe a paz que parecia lhe ter sido roubada?

•

Depois de ouvir todas as considerações de Padre Luís, Sérgio terminou por dizer:

— Sim, padre, mas o meu problema não é bem esse. Tudo isso que o senhor está dizendo é certo, certíssimo mesmo. Minha dificuldade, porém, é outra...

— Outra, como?

— É diferente, é precisamente o seguinte: hoje à noite, em determinado momento, ela irá até a porta do meu quarto, experimentará para ver se eu a deixei aberta...

— A porta não estará aberta! — interrompeu Padre Luís com autoridade no tom.

— Esse é que é o ponto... — continuou logo Sérgio.

— Haverá um momento em que eu estarei diante do trinco com a mão na chave. Hesitarei, eu sei. Mas onde arranjar forças para dar a volta na chave... ou para conservá-la trancada, depois?

— Você não deve, você não pode...

— Eu sei, padre. Agora, aqui, *não devo, não posso*. Eu sei, estou plenamente de acordo. Mas, também sei que na hora, lá no quarto, é diferente, vai ser totalmente diferente... Ou o senhor pensa que eu sou de ferro?

— Não se trata de ser de ferro... — objetou Padre Luís fracamente.

— ...Ou que tenho alguma força de vontade?

— Isso, é preciso ter! Isso todo mundo pode ter nessas ocasiões!

— A questão é querer... — lembrou Sérgio.

— É — limitou-se a responder o outro.

— Mas não é justamente o problema, *querer*?...

— É diferente, meu filho. Querer ter força de vontade, num caso desses, já é muita coisa. Dá para trancar a porta.

— E para a destrancar, depois?

— Quem sabe? Por que não tentar?... Pela primeira vez, Sérgio recuou por detrás da palhinha do confessional. Dir-se-ia que Padre Luís, depois de longo e penoso corpo a corpo, lograra enfim obter uma pequena vantagem no difícil terreno em que lutavam. A hesitação durou pouco tempo. Sérgio voltou a colar a cara na grade e explicou:

— Tentar, claro que é o que vou fazer. Mas, que adianta? Já não sei perfeitamente que não vou resistir?

— E a noite passada?...

— Foi a primeira. E me arrependi, quase chorei de raiva quando ela hoje me chamou de covarde!...

— Sérgio! — protestou Padre Luís batendo com a mão na palhinha.

— Mas é a verdade, padre! Devo mentir, devo dizer que não me arrependi, que não tive desejo?...

— Não, não — interrompeu logo o confessor —, não se trata de escamotear os fatos. Trata-se de combatê-los, de rejeitá-los. De ter coragem! De reiniciar o ato de coragem de ontem, de repeti-lo sempre, ainda que lastimando, ainda que com o coração cheio de desejo.

— Repetir? E por quanto tempo?

— Enquanto for necessário!

— O senhor acha que se eu resistir hoje, amanhã, depois, depois... (admitindo que isso me seja possível) vou vencer, vou me livrar dessa tentação?

— Por que não? Os dias, às vezes, são tão, tão diferentes uns dos outros!...

— Qual, o senhor não conhece Reni! De novo, Sérgio recuou. E, acompanhando seu movimento, também Padre Luís afastou o corpo. A reação de Sérgio fora tão violenta, tão sincera que o padre não sabia, agora, o que responder. Será que não conhecia mesmo Reni? Era bem possível que não. Seres assim, será que alguém os pode conhecer à distância, sem ter travado diretamente com eles a grande batalha do bem e do mal? Seres assim, será que se entregam à compreensão dos outros, mesmo nos instantes fundamentais da confissão irrestrita ou do paroxismo sexual? Seres assim, será que renunciam, por um instante que seja, à dissimulação íntima, orgânica, que os informa de um modo absolutamente invencível? Seres assim, será que o próprio Deus, cansado, humilhado de segui-los tão de perto em suas turvas

maquinações, não os deixa de quando em quando de lado, livres para levarem adiante suas trajetórias desatinadas?... Reni, Padre Luís mal a conhecia. Apesar de já ter conhecimento da sua existência há muito tempo, só a identificara meses antes, num domingo, quando a vira parada à porta da Capela. Ninguém lhe dissera que era ela. No entanto, depois das últimas confissões do primo, como não a reconhecer? A cena era, aliás, digna de admiração. Sérgio dava o braço a sua mãe. Esta, Padre Luís a conhecia de há muito. Uma senhora alta e bonita, de uma dignidade impressionante, aquela Ana Bernardes Vilar cuja piedade podia servir de modelo a tanta gente. Ela e Sérgio, juntos, ali na porta da Capela, formavam um lindo par, um exemplo vivo. Atrás dos dois vinham as três meninas. Duas fortes e bonitas, evidentemente as irmãs de Sérgio. Entre elas, quase escondida sob sua falsa humildade, uma garota magra e pequena, de olhos verdes muito claros, que só podia ser Reni.

Lembrava-se do grupo com nitidez, porque não pudera deixar de fixá-lo longamente. Tivera mesmo um momento de impaciência e deixara que seu coração ficasse possuído de irritação, pecando friamente contra a caridade. Fora quando vira Reni entre Clara e Vera, de cabeça baixa, na mais humilde e cristã das atitudes. A aparência das duas irmãs era arrogante, enquanto a sua revelava discrição, apagamento. Dissimulação, isso sim — pensara Padre Luís. Deus que o perdoasse e tivesse pena da sua alma, mas, no momento, a vontade que tinha era de ir denunciar a Ana todo o embuste daquela criatura pervertida, destruidora. Olhara firmemente para aquele corpo franzino que escondia as piores intenções e imaginara tudo o que havia por detrás daquela fraqueza que inspirava tanta compaixão. Durante o espaço de alguns segundos, quisera não estar preso pelo segredo confessional. Diria frente a frente de Ana Bernardes: “Minha Senhora, é preciso afastar seu filho dessa viborazinha!...”. “Viborazinha?”, protestaria a outra, indignada. “Quem? Reni, coitadinha?!...”. “Sim, sim, Reni, ela mesmo... um monstrozinho de dissimulação e maldade!”. O diálogo prosseguiria e dona Ana seria informada de tudo. O impulso durara poucos segundos. Caíra em si, medira o oceano de falta de caridade em que mergulhara e fora quase correndo para a sala contígua à Capela ajoelhar-se diante da imagem do Crucificado. Vinha pedir perdão. Também ele virara juiz, cedendo à tentação da maioria dos homens! Esquecera sua missão de amar e perdoar para se arrogar o direito de distribuir justiça! Padre delator, padre traidor, eis o que seria, se cedesse àquela tentação! Penitenciara-se muito pelo movimento falho de caridade. Não lograra, contudo, esquecer o quadro estranho, o contraste chocante entre a arrogância, talvez até antipática, das irmãs de Sérgio e a humildade intencional, falsa, doentia, de Reni.

Ainda a revia, agora que Sérgio afirmava com tanta segurança que ele não a conhecia — certamente querendo dizer que era incapaz de imaginar até onde a menina iria para levar a bom termo seu triste designio. Pequena e falsa, doente e hipócrita. Que força a impulsionava para tão baixo, para tão longe? Que mau impulso, senão aquele mesmo que, em tantas ocasiões diferentes, evidenciava que o mundo aceitava um outro senhor que não o seu legítimo, Aquele que o criara uma vez para amá-lo e glorificá-lo?... Em certos momentos, parecia-lhe mentira, produto de imaginações fantasmagóricas, um ser assim tão inclinado sobre as fontes do mal. Ou então, era vício, era a mais baixa dissolução, numa garota de dezesseis ou dezessete anos, com os melhores antecedentes e vivendo no mais puro dos meios. Normalmente, só devia tender a ser um anjo de pureza. A seu favor, tivera até mesmo a natureza boa e profundamente religiosa do parceiro de miséria que escolhera: Sérgio.

Era fraco, era homem, mas tinha grandes qualidades. Sobretudo, não se tratava de uma criatura egoísta, capaz de se aproveitar torpemente de uma ocasião favorável. Bastava lembrar quanto estava resistindo às investidas, aos verdadeiros assaltos de Reni.

A situação era inversa das situações comuns: ali, a menina exercia o papel de sedutor e o rapaz se esforçava em resistir. Não estranhava pois que a posição deste último fosse de uma terrível precariedade. Menino ainda, inexperiente como a maioria dos rapazes daquela idade, temia naturalmente o mau juízo que se pudesse fazer, senão sobre sua virilidade, que não parecia poder ser posta em dúvida, pelo menos sobre sua esperteza e coragem para o risco de aventuras perigosas. E isso era tão mais evidente quanto a palavra infamante de que a habilidade de Reni se servira fora “covarde” e não uma outra qualquer. Sabia onde o feria. Sabia que, desse golpe, um rapaz como Sérgio, talvez vaidoso e certamente com pouca força de vontade, dificilmente se levantaria. Conhecia o poder da arma que manejava, aparentemente como se estivesse se servindo de não importa que outra... Sim, sabia tudo isso, sabia perfeitamente, mas — pensava Padre Luís, aterrado —, quem lhe ensinara aquelas misérias? Quem lhe abrira os olhos para os pontos vulneráveis da natureza do primo, do quase-irmão? Que estranho instinto lhe soprara aquela palavra “covarde” em vez de outras que o teriam deixado indiferente ou que, talvez, tivessem provocado uma reação excessivamente violenta, capaz até mesmo de produzir um afastamento, uma briga momentânea? Depois de uma pequena pausa, Padre Luís voltou a falar. Sérgio ficara afastado da grade, envolvido por involuntárias recordações. Tanto assim que só voltou a se aproximar quando ouviu a voz do confessor dizer:

— Meu filho, vamos admitir por um momento (apenas para podermos discutir a questão sob todos os seus aspectos...) que você realmente não tenha força para resistir e que, hoje ou amanhã, vá deixar a porta aberta, vá capitular ante a vontade dessa menina...

— Eu não quero... — tentou interromper Sérgio.

— Admitamos pois: do lado de lá da porta, ela não pode ficar. Seja — admitamos... Mas você já pensou se ela *pode* ficar do lado de cá da porta?! Sérgio teve um momento de hesitação, depois confessou:

— Não compreendo bem...

— Escute, é fácil dizer: eu não posso resistir, é impossível! Apenas, não é igualmente impossível ceder, não resistir?...

— Padre, eu continuo a não perceber o que o senhor está querendo dizer.

— Então, me responda: você *pode* deixar essa menina entrar no seu quarto, ir para sua cama, se deitar com você?

— Que eu não devo...

— Não se trata de dever! Claro que você *não deve*! É evidente. Nem eu estaria perdendo tempo com isso...

— Então...

— Você *pode*? Eis o que pergunto.

— Me parece que sim. Pelo menos...

— E as consequências, meu filho? E o quase inevitável que uma loucura dessas condiciona? Você *pode* suportar tudo isso? Não é mais difícil, mais penoso, mais “impossível” do que dizer *não* antes, do que manter a porta fechada, um, dois, dez, cem, quantos dias forem necessários? Sérgio enfim compreendera. Ele próprio, quantas vezes não pensara naquilo? Com que lucro, porém? Para chegar a quê? Respondeu, sem demora:

— Tudo isso é certo, padre, mas... vem depois. O problema imediato é o que pesa mais.

— Em absoluto! As duas coisas não estão separadas, não são *separáveis*. Ou você quer se enganar? Fazer uma coisa é fazer a outra. Abrir a porta...

— Isso, nunca!

— Mas meu filho, é isso mesmo! Você é um rapaz, um homem. Eu não

estou falando a uma criança. Você deve saber o que está fazendo. Se uma coisa é consequência inevitável da outra, querer uma é querer a outra, não?

— Sim... mas a consequência... é assim tão inevitável? Padre Luís teve um movimento de impaciência. Sérgio, pobre criança!... E pobre também dele, Padre Luís, que tinha de responder àquela triste ingenuidade.

— Sérgio — perguntou depois de alguma hesitação —, seus olhos estão abertos?

— Claro que estão.

— Então, você deve estar vendo nisso tudo muito melhor do que eu. Para que tentar se enganar?

— Não é, padre. Apenas...

— Se não fosse assim, meu filho, por que essa sua resistência, todo esse sofrimento de semanas e semanas?

— Eu sei... mas...

— Se se tratasse de uma coisa comum, de um desses atos miseráveis de libertinagem, tantas vezes infelizmente existentes entre pessoas da idade de vocês dois, será que sua angústia assumiria essas proporções? Responda, sinceramente.

Sérgio recuou, incapaz de falar. Depois de alguns segundos de reflexão, declarou:

— Talvez... por se tratar de Reni.

— Sérgio, não procure se iludir!

— Padre, ela é quase minha irmã...

— Razão demais!

— Padre, eu sempre me habituei a considerá-la como irmã... olhava para ela como olhava para Clara ou para Vera...

— E eu não sei disso? Você mesmo, quantas vezes já não me falou nessas circunstâncias, nessas tristes agravantes? Portanto, se falo como falo, é porque já pensei em tudo isso e estou mais adiante...

— Existe “mais adiante”, padre?! A surpresa de Sérgio era tão sincera que Padre Luís hesitou em responder logo. Estaria medindo realmente o perigo que corria? Saberia o que significava receber à noite, no calor do próprio leito, uma criatura desatinada, perdida de desejos maus, como

Reni estava? Teria alguma ideia do que era o estourar das comportas de uma represa? Ou, inconscientemente, estaria já tão escravo que não poderia deixar de ir até os limites últimos daquela experiência miserável? Reunindo todas as suas forças, replicou:

— Existe “mais adiante”, sim. Existe o abismo desse quase-incesto que tanto o apavora!

— Mas, padre — protestou logo Sérgio com indignação —, eu jamais chegaria até lá! Pelo tom de Sérgio, Padre Luís percebeu logo: mais uma vez, a ilusão de tantas vezes... a parada imaginária no meio do plano inclinado. Como outros, como Ivo, como Antônio, como Oscarzinho, como Matilde, como tantos, Sérgio se refugiava por detrás daquela quimera. Saberria parar a tempo? Saberria não ir até o fundo do abismo? Não adiantava falar, lembrar toda a experiência humana testemunhando em contrário. A obstinação do pecador convencido de sua hipotética capacidade de governar a própria vontade e dirigir os acontecimentos, eis uma das poucas coisas realmente invencíveis no mundo. Se não se tratar, de fato, de uma das máscaras preferidas do demônio, então confessarei humildemente que a confusão penetrou em mim e que não compreendo mais nada em relação ao mecanismo desse universo onde teriam sido desterradas criaturas inconsequentes, perfeitamente loucas... A obstinação de Sérgio não arrefeceu Padre Luís. Apenas suas palavras não conseguiram convencer o rapaz. Pensar naquela possibilidade sinistra, criminosa mesmo aos seus olhos, quando ainda estava tão distante da concessão inicial, quando ainda se tratava de resolver o problema de abrir ou não abrir a porta do quarto naquela noite, parecia-lhe um verdadeiro absurdo, uma inconcebível precipitação por parte de Padre Luís. E não houve argumento que não julgasse bom para certificá-lo de que não estava correndo em absoluto o perigo que imaginava.

Não obstante, o padre não se enganou. Ao vê-lo sair da Capela, estava perfeitamente certo de que de sua atitude naquela noite, deixando a porta aberta ou fechada, dependeria seu destino junto a Reni. De um nada, aparentemente: a chave para cá ou para lá... Tudo, no entanto. Tudo, porque seria o primeiro de uma série de passos que terminariam no mais triste dos lamaçais humanos. E o mais cruel era que, apesar das promessas de Sérgio, nada era possível vaticinar. Aquela porta, aquela porta sinistra — verdadeira porta de inferno —, ficaria trancada, ou mãos débeis e covardes a viriam abrir para que por ela entrassem o desatino, a febre de loucuras, a angústia diária, o gosto do crime, a miséria sexual revestida de todas as aparências enganosas do prazer?

Durante o resto da tarde e no decorrer da refeição, Padre Luís não tornou a pensar naquele caso. À noite, porém, uma vez feitas as orações de costume e assim compreendeu que só muito dificilmente poderia conciliar o sono, o cuidado com Sérgio voltou e se impôs como a mais séria de todas as suas preocupações. Desde o momento da confissão, muitas horas tinham passado. Agora, com o caminhar da noite, devia ter enfim chegado o momento supremo. Que teria feito Sérgio? Que força teria triunfado nele? Em poucos segundos, a angústia se apoderou de Padre Luís. Já passava de meia-noite. Que teria sucedido em casa dos Vilar? O rapaz teria cumprido sua promessa? Teria tido forças para não abrir a porta do quarto, quando pressentira os passos da pequena Reni no corredor, quando adivinhara que sua mão estava roçando a maçaneta para girá-la? Ou nem sequer tentara resistir e esperara a noite toda, ansioso, ofegante, trêmulo de medo e desejo?... Antes que o Príncipe sempre atento oferecesse a Padre Luís a imagem lasciva, já ele tivera um movimento violento de recusa e fuga. Não era possível! Sérgio não seria tão fraco! Nem a criaturinha insensata levaria tão longe sua audácia, sua falta de pudor! Ir oferecer-se assim, cega, animalmente, e, ainda mais, forçando os escrúpulos do primo, em quem também ela devia ver um quase-irmão, era positivamente demais! Não podia ser devassidão, maldade natural. Devia se tratar de caso de desgoverno mental, de uma loucura passageira, de qualquer anomalia que tivesse destruído nela até mesmo a faculdade de raciocinar. Só o perigo a que se expunha!... Vivendo em casa como uma santinha, dissimulando sempre seus sentimentos, iria se arriscar a ser pegada na cama de Sérgio, em plena noite? Ainda se fosse o contrário, como seria menos anormal de acontecer! Nada disso, porém. Era ela que saía do quarto, que forçava a entrada, que ia se atirar nos braços do rapaz. Senhor, aquilo era uma loucura da espécie, não era uma menina, uma mulher!... Sim, mulheres más de natureza, perdidas por culpa própria, já conhecera muitas no decorrer da sua apenas incipiente carreira sacerdotal. Quantas mesmo não tinham vindo chorar no seu confessionário as lágrimas do arrependimento sincero, total? Contudo, jamais vira um caso semelhante àquele: não se tratava de uma menina, de uma moça, de uma mulher, boa ou má, forte ou fraca, decente ou indecente. Sob a aparência da fragilidade feminina e da fraqueza física, aquilo era um animalzinho voluntarioso, obcecado, cego, feroz quando estava em jogo conseguir o que queria. Até onde não seria capaz de ir? Se sabia que, para a natureza de Sérgio, aquilo representava um verdadeiro incesto, e não recuava, indo até forçá-lo no seu último reduto de rapazola que não pode suportar que se duvide da sua coragem, da sua virilidade, que outra barreira respeitaria? Pretenderia ficar apenas na miséria das imundícies que se praticam sem maiores consequências? Ou levaria o crime até o fim e se entregaria a Sérgio, seguindo o pendor natural do seu ser

voltado para o mal?

•

Durante muito tempo ainda, Padre Luís pensa em Sérgio e em Reni e em tudo o que entre os dois possa estar se passando. O otimismo não habita seu coração nesses momentos. Afinal, não é natural que a vontade de ferro leve de vencida a vontade fraca, que a obstinação e a teimosia convençam a fraqueza e a pusilanimidade? Assim, a cada minuto se sente mais acordado, mais inquieto, mais longe do repouso de que tanto necessita. Em franco ato de deserção, seu sono parece solidário de um outro sono, igualmente rebelado e fugidio em uma outra cama, onde um adolescente espera, com a porta do quarto apenas encostada, por uma visita que, por mais desejada que seja, até aquele instante ainda não se verificou...

II

a noite se passara sem que Reni aparecesse. A princípio certo de que ela viria, depois inquieto, receoso, Sérgio esperara horas a fio até que, desiludido, exausto, adormecera pesadamente. Só viera a despertar depois do meio-dia e, assim mesmo, fora preciso que Clara e Vera o fossem tirar da cama, alegando que o almoço já estava na mesa.

Ao vê-las, a primeira coisa que pensara fora: “Clara, Vera... falta Reni. Por que não veio? Ontem também não veio, apesar de a porta ter ficado aberta...”.

O mau humor que essa constatação lhe trouxe, fez com que resmungasse um desaforo para as irmãs e virasse para o outro lado da cama. Como insistissem, gritou um: “Já vou! Não amola!” de ensurdecer qualquer pessoa e continuou com a cabeça mergulhada no travesseiro. Clara saiu logo. Vera ficou alguns segundos contemplando o irmão, com uma vaga inquietação no olhar meigo e tranquilo. Depois, acompanhou a irmã mais moça, sem se apressar.

Assim se viu só, Sérgio tornou a virar de lado na cama, como se a posição tomada fosse incômoda ou um simples refúgio diante da insistência das irmãs. E novamente o pensamento lhe ocorreu: “Assim como ontem à noite, Reni também não veio hoje. Que terá acontecido? Estará doente?”.

Baniu logo a suposição. Seria a primeira coisa a que Vera e Clara teriam aludido. Como de outras vezes, Clara logo teria dito: “Sabe, Serginho, Reni não passou bem a noite”. E Vera explicaria: “Teve febre”; ou: “Tossiu muito”... Ora, nem Clara nem Vera haviam dito nada. Pelo contrário, tinham falado como se tudo estivesse transcorrendo normalmente e apenas ele, Sérgio, constituísse um obstáculo à boa ordem da vida familiar.

Aliás, por que aquela ideia tola? Somente porque Reni não aparecera e estava mais magra e bastante pálida naqueles últimos dias? Não era necessário recorrer àquela explicação. Reni não viera, simplesmente isso. E não viera porque não quisera vir. Não viera porque, na noite anterior, ao voltar, encontrara a porta fechada e ficara sentida, magoada. De manhã, quando lhe falara, ainda não se mostrava no mesmo estado? De dia, ou de noite, dera alguma prova de tê-lo perdoado inteiramente? As ocasiões tinham faltado, sem dúvida. Mesmo assim, se quisesse, se realmente tivesse esquecido, teria descoberto um jeito qualquer de fazer com que o sentisse. Não o fizera, porém. Mas ele, tolamente, dera ao seu silêncio o sentido de um perdão. Como se Reni fosse pessoa de esquecer assim com tanta facilidade, do dia para a noite e sem mil pedidos formais de desculpas! Estava era zangada, ressentida com ele! Teria descoberto que fora procurar Padre Luís, buscar apoio em seu confessorário para lutar contra a atração que sentia por ela? Não era provável. Não dissera nada a ninguém e não acreditava ter sido visto por pessoas conhecidas. Assim, o único motivo plausível era mesmo o da mágoa. Para quem, como ele, conhecia bem o gênio de Reni, nada de mais verossímil.

À noite enquanto esperava e ansiava pela sua vinda, é que não pensara nisso. Desde o momento em que, vencendo definitivamente os escrúpulos com que viera do confessorário, resolvera deixar a porta do quarto aberta, não cuidara de mais nada senão de ouvir Reni entrar e vir para junto dele. Fora preciso que transcorressem horas para que, de repente, compreendesse que esperava em vão.

Não capitulara em dificuldade ante a ideia de recebê-la no quarto. Entretanto, desde o instante em que o fizera, exatamente como se as exigências e os conselhos de Padre Luís tivessem exacerbado seu desejo, passara a querer a vinda de Reni com ardor desmedido. Chegara mesmo a identificar a privação da sua presença naquela noite com uma quase-morte. Daí, a imensidade da sua desilusão quando percebera o engano em que incorrera.

Ainda agora, virando-se de lado para outro da cama, sem coragem para se levantar, era com uma intensidade inexplicável que tornava a

sentir a desilusão da véspera. Reni imaginaria quanto e quanto ansiara por ela? Faria uma ideia, por mais pálida que fosse, do que já representava em sua vida? Se lhe contasse o que sofrera, por ela não ter vindo, acreditaria? Ou continuaria a julgar tudo pelo episódio da antevéspera? Essa última hipótese devia ser a boa. A zanga, as acusações de covardia e carolismo, a não-vinda ao seu quarto à noite, a ausência intencional quando, momentos antes, Clara e Vera tinham vindo acordá-lo, tudo indicava que estivesse iludida quanto ao vigor e à seriedade do seu sentimento. Ou então, estaria de pirraça, castigando-o friamente pela sua tentativa de resistência... Não acreditava, porém. Apesar de não ser de natureza franca, Reni era incapaz daquilo. Jamais representaria papel tão falso, tão vulgar. Devia estar gravemente ofendida, ferida até o âmago. Ora, como a culpa fora toda sua, como não tivera nem mesmo a delicadeza de lhe pedir desculpas, tinha obrigação agora de ir procurá-la para ver se ainda conseguia merecer seu perdão. E era o que tinha de fazer imediatamente, não devendo protelá-lo nem por um minuto.

A súbita decisão fez com que Sérgio pulasse da cama. Convinha se apressar. Apesar da hora avançada, talvez ainda desse tempo de conversar com Reni antes do almoço. A não ser, naturalmente, que, mais zangada ainda do que parecia, criasse dificuldades para lhe falar a sós. Nada de impossível nisso, aliás. Quem conhecia Reni, seu gênio dissimulado e impulsivo, a irritação em que as más condições de sua saúde costumavam pô-la, não podia desprezar aquela eventualidade. De qualquer modo, o que se impunha era tentar a explicação imediata, total. Outros raciocínios ficariam para mais tarde.

•

Não foi fácil a Sérgio conseguir isolar Reni das demais pessoas de casa. Era evidente que criava obstáculos, dando assim mais uma prova de estar aborrecida. Se acontecia Clara e Vera ameaçarem se ausentar da sala, deixando-a a sós com Sérgio, reclamava, exigia a presença das primas como se não pudesse ficar sem elas nem um segundo. Seguia dona Ana pela casa inteira, demorava-se em conversas com a avó.

A persistência de Sérgio terminou por triunfar do capricho de Reni. À tarde, quando chegou a hora das duas irmãs estudarem piano, longe de se trancar no quarto, como Sérgio tanto temia, Reni se deixou ficar na sala de jantar, onde tinham acabado de tomar chá, um livro aberto nas mãos como um mero pretexto.

Exceto as irmãs e os criados, Sérgio sabia que não havia mais ninguém em casa. Os avós e Ana Vilar tinham saído para fazer visitas. O momento não podia ser melhor para uma boa e completa explicação.

Durante alguns minutos, conservou-se calado, andando de um lado para outro da casa, como se não quisesse nada. Hesitava em começar. Reni estaria realmente lendo? Os olhos pareciam fixos no livro, um volume de Conan Doyle. O mistério, porém, não dava a impressão de interessá-la muito. Seu alheamento parecia evidente, e Sérgio sabia; era para conversar com ele que estava ali. Assim, por que retardar mais? Seguindo a sugestão, foi se sentar na cadeira ao lado da de Reni, aproximou-a um pouco e, sem grande naturalidade, pegou a mão da prima. Como se não esperasse o gesto, a menina manifestou espanto e olhou-o à espera de que falasse alguma coisa. Sérgio sorriu com timidez e murmurou:

— Eu esperei por você... você não veio!

— Quando? A pergunta não tinha a menor razão de ser. Era mais do que evidente que Reni sabia a que espera Sérgio queria se referir. Falara apenas para se sentir mais à vontade, e ganhar tempo.

Tendo em vista hipotéticos auditores, pois as irmãs continuavam estudando piano, Sérgio respondeu, em tom de voz abafada:

— Ontem à noite...

— Ontem?... Eu não combinei nada. Que ideia é essa?

— Reni! — foi a única resposta que encontrou para traduzir seu movimento de protesto.

Afetando surpresa diante da exclamação do primo, Reni indagou:

— Por que é que eu haveria de aparecer?

— Eu esperei... como, anteontem, você...

— Para quê? — interrompeu Reni alteando um pouco o tom.

— Para encontrar a porta fechada?

— Reni! — tornou a protestar Sérgio com a mesma voz soturna de pouco antes.

— Mas não é? — insistiu Reni sem abaixar o tom.

— Ou será que você pensa que eu quero matar alguém de medo?

— Não foi medo, Reni!

— Eu sei, foi receio... Reni riu da brincadeira e Sérgio sorriu amarelo, contrariado com a feição que a conversa ia tomando. Naquele ritmo, certamente não iriam muito longe. Explicou:

— Eu não esperava. A surpresa foi que fez tudo.

— Nunca vi surpresa trancar porta!

— Foi instintivo. Eu corri e dei duas voltas na chave. Não refleti, nem sei direito o que quis fazer. Se houve medo, Reni, foi por sua causa...

— Por minha causa? Tem graça!

— Você podia ser encontrada...

— E você? A culpa recairia só sobre mim? — atalhou logo Reni com irritação. Sérgio corou. De olhos baixos, a voz sempre velada, murmurou:

— Na hora, nem pensei nisso...

— Naturalmente. Você só pensou em se proteger. Eu é que podia ser apanhada no corredor, tentando entrar, tentando forçar a porta!...

— Reni, por favor!

— Mas não é, Serginho?... O diminutivo empregado deu ânimo a Sérgio. As coisas não podiam andar tão mal, se Reni o chamava de “Serginho”. Procurou explicar, melhorando a posição que julgava ter conquistado:

— Ontem, de dia, quis pedir desculpas, conversar. Faltou ocasião, como você viu.

— Eu não vi nada — apressou-se em responder Reni.

— Mas Reni, durante o dia inteiro, procurei um momento para falar a sós com você... e não foi possível. Tinha sempre alguém, Clara, Vera, mamãe...

— Se você quisesse realmente!...

— Eu queria! Eu queria! Mas não foi possível, não foi!

— Como é que hoje foi? Como é que nós estamos aqui? Questão de querer.

Unicamente.

— Reni! Renizinha!...

— Ontem, você não queria. Isto é: ainda não queria. Você esperava que eu aparecesse de noite. E, assim, não precisaria falar, se explicar...

— Mas Reni, como é possível você me julgar assim?

— Então eu não conheço você, Serginho? Sérgio não respondeu nada. Aquilo sim, era verdade. Reni o conhecia, conhecia-o como poucos.

Bem. Bem demais! Justamente por isso, fazia dele o que queria. Aliás, não deixava de ter razão no que dissera: se não forcara uma explicação na véspera, fora por dois motivos: primeiro, suas veleidades de resistir à tentação; depois, a certeza íntima que morara nele o dia todo e perdurara até o último minuto de espera: como na véspera, Reni voltaria naquela noite... Antes de Sérgio reunir coragem para retrucar, Reni prosseguiu:

— Aliás, não sei para que é que nós estamos conversando tudo isso. O que passou, passou...

— É o que eu não quero, meu bem.

— Como se adiantasse você não querer!...

— Por quê? Só porque você quer?

— Porque eu quero, sim. O que passou, passou. Acabou.

— Mas Reni — protestou Sérgio levantando inconscientemente a voz —, será que não posso merecer seu perdão? Eu peço, eu imploro. De joelhos, se for preciso.

— Não se trata disso, Serginho...

— Trata-se de que, então?

— De que, agora, não dá mais certo! É inútil...

— Por que, Reni?

— Porque sim.

— Mas, por quê? Não compreendo.

— Também não. Sei lá por quê!... Eu perdi a confiança que tinha em você.

— Só por causa daquilo?...

— Você acha pouco? Sérgio hesitou em responder. Reni pensou durante alguns segundos, depois declarou:

— Eu acho que nós não podemos nos entender direito. Nunca! Nunca! Serginho, nós somos de jeito muito diferente. Você é muito honesto, muito religioso, muito cheio de preconceitos...

— Reni, por favor! — interrompeu Sérgio, aflito e contrariado.

— É sim! E eu não sou nada disso — insistiu Reni com uma obstinação mesclada de raiva e desprezo.

— Felizmente não!

— Escuta, Reni: não é você, sou eu que estou pedindo para você me perdoar... para recomeçar tudo!

— Não importa. Você é covarde por natureza, nunca aceitará uma coisa assim... É melhor nós não irmos mais adiante.

— Reni, por Deus do céu!...

— Vamos deixar Deus quieto? Guarda esses juramentos para quando você for se confessar...

— Reni!

— Que é que tem? Havia desafio no tom de Reni. Sérgio abaixou a cabeça e pensou: “Será que Reni descobriu que eu fui ontem procurar Padre Luís? Terá sabido? Ou desconfiará, apenas?”.

Irritada com o tom que a conversa ameaçava tomar, Reni continuou quase em murmúrio:

— Eu, por mim, você sabe: o que me interessa é não perder meu tempo... que não vai ser muito, por certo.

— Reni, Renizinha! — tornou a protestar Sérgio emocionado.

— E não há de ser por falta de namorados que eu vou minguar... Sérgio se levantou bruscamente e ficou parado, contemplando Reni. O primeiro movimento foi de raiva. Por pouco não a agarrou pelo pescoço. Depois, veio o medo, a angústia de poder perdê-la. Sim, sim, teria tantos namorados quantos quisesse! A morte a rondava, mas os homens também, prontos para ceder a não importa qual de seus caprichos. E ele? Que teria, se continuasse com todos aqueles escrúpulos? Nada? Absolutamente nada? A essa perspectiva, caiu de joelhos junto à cadeira de Reni e murmurou:

— Me perdoa, Renizinha! Por amor de Deus, esquece!

— Levanta, Serginho! — apressou-se em responder Reni.

— Alguém pode entrar de repente...

— Então, perdoa.

— Deixa de tolice, Serginho. Levanta logo! Reni falara em tom autoritário e Sérgio não tardou a obedecer. Ergueu-se devagar, tornou a sentar-se na cadeira e balbuciou:

— Você me perdoa, perdoa? Como Reni não respondesse, insistiu:

— Hoje à noite, você vem?...

— Deixa de tolice, Serginho.

— Promete que vem?...

— Serginho... Reni não foi adiante com a frase começada porque o telefone tocou e os dois estremeceram como se tivessem sido pegados em flagrante. Entreolharam-se na expectativa de qualquer coisa e Sérgio falou, abaixando ainda mais o tom:

— A porta fica aberta... e eu fico esperando você a noite toda.

— Não.

— Ou, se você preferir... eu vou ao seu quarto.

— Nunca! — protestou Reni com decisão.

— Vera tem o sono muito leve, pode acordar...

— Então, você vem? — perguntou novamente Sérgio, valendo-se da pequena vantagem obtida.

A resposta não veio. Instantes depois, ouviram-se passos no corredor e Joaquim, copeiro da casa, foi à sala chamar Clara para falar no telefone. Sérgio se levantou, distanciou-se de Reni. Segundos mais tarde Clara saiu da sala e tomou o caminho do telefone, acompanhada pelo criado. Então, Sérgio tornou a se aproximar de Reni e perguntou:

— Você vai? Promete que vai?

— Fica quieto, Serginho. Clara pode desconfiar...

— Então, responde.

— Vai embora. Depois nós conversamos.

— Então diz. Você promete?

— Vai logo. Olha que Vera pode sair da sala... ou Clara voltar logo. Com as mãos de Reni entre as suas, Sérgio perdeu a noção de prudência.

Curvou-se, levou-as aos lábios, beijando-as com ardor. Como pretendesse ir mais longe, Reni o afastou com um violento movimento de ombros e positivou:

— Se você for embora agora... eu vou.

— Promete?

— Prometo.

— Jura?

— Juro.

Momentos depois, quando Clara voltou do telefone e entrou na sala para contar a Reni que Magda prometera vir visitá-las no dia seguinte, Sérgio já estava na janela, olhando indiferentemente para o jardim, como se nada houvesse. Reni tinha os olhos fixos no livro de mistério e seria difícil desconfiar da cena que se passara entre os dois. Sua promessa tranquilizara Sérgio momentaneamente.

No entanto, a confiança de Reni na promessa de Sérgio de ir embora não era muito grande. Assim Clara lhe comunicou a novidade, preparando-se para voltar ao estudo, declarou:

— Antes Magda viesse hoje. Esse livro está cacete que dói!

— Você não estava gostando tanto? — lembrou Clara.

— Estava, mas, de repente, ficou tão cacete!... Eu ainda prefiro ir ouvir vocês maltratarem o piano...

— Então, vem — convidou Clara radiante com a ouvinte que, de comum, se recusava a acompanhá-las até a sala de estudo, nada no mundo a aborrecendo tanto como a música.

— É o que eu vou fazer mesmo. Você não vem, Serginho?... Sérgio compreendera. Tudo aquilo não passava de um pretexto para não tornar a ficar só com ele. Irritado, resmungou:

— Eu detesto solfejo!

— Mas não é solfejo! — protestou Clara.

— Eu sei. Mas não vou não. Eu vou sair.

— Sair?... — indagou Reni, como se aquilo fosse a mais absurda das coisas imagináveis.

— Que é que tem? Vou dar um giro e volto para jantar.

Como Clara já tivesse deixado a sala, Reni esperou que Sérgio se aproximasse da porta para dizer:

— Se você for à igreja, dê lembranças a Padre Luís... que eu mando! Antes de Sérgio pensar em responder, já Reni saíra da sala e, apressando o passo para não poder ser retida, alcançara Clara.

Sérgio ficou imóvel, paralisado. Anos depois, ainda não podia dizer ao certo a espécie de sentimento que as palavras de Reni tinham despertado nele, naquele instante. Compreendeu apenas, vagamente, numa espécie de intuição privilegiada, que o momento era decisivo, pois a salvação da sua alma corria o mais tremendo, o mais dissimulado, o mais insidioso dos perigos.

•

A insinuação sarcástica de Reni não foi suficientemente ferina para determinar Sérgio a procurar Padre Luís. Não se sentia com disposição. Não era o clima do momento, do estado revoltado e revoltado de sua alma. Tanto assim que, mal deu dois passos na rua, já só pensava em voltar para casa, para junto de Reni. Quem sabe, ainda conseguiria, antes do jantar, conversar com ela, obter uma confirmação mais tranquilizadora da promessa feita pouco antes. Assim como estava, naquela indecisão, naquela ansiedade gritante, é que não podia permanecer. Teria de tornar a ouvir Reni dizer, e bem claramente, sem a sombra de um possível subterfúgio, que não o deixaria esperar em vão, daquela vez. Precisava de uma prova. Bastava um beijo, por mais rápido que fosse. Ou o abandono das mãos, ternas e confiantes, entre as suas, ardentes e senhoras. Ou mesmo a leve e dissimulada pressão do corpo contra o corpo como sinal de perdão, como premissa de um aconchego maior. De qualquer modo, não podia esperar até a noite, a plena e interminável noite, sem ter certeza de que a promessa feita não fora apenas roubada, arrancada.

Baldadas foram as esperanças de Sérgio. A noite caminhou, pesada, implacável em sua lentidão, e Reni não arredou o pé de junto de Clara e de Vera nem um só segundo. Como Sérgio não saísse para encontrar os amigos, todos estranharam e Vera propôs que fossem jogar um pouco antes de dormir. Contrariado com a sugestão, que não lhe oferecia nenhuma perspectiva favorável, declarou que estava com dor de cabeça e preferia ir se deitar. O olhar de surpresa irônica que Reni lhe lançou irritou-o ainda mais. E seu mau humor só fez piorar quando a ouviu replicar que não fazia mal: jogariam as três uma bisca de nove.

No quarto, Sérgio vestiu o pijama, apagou a luz e se deitou logo. Parecia-lhe que assim apressaria mais o momento esperado. Enquanto isso, ficaria a imaginar, a sonhar o que iria ser o instante em que sentisse o primeiro contato do pequeno corpo morno e macio de Reni.

Nesse ambiente de calor e sonho, não tardou a adormecer. Estava exausto da tensão nervosa daquele dia inteiro de ansiedade. De mais a mais, pessimamente dormido, pois a noite anterior fora quase de vigília.

Logo acordou, sobressaltado. Que horas seriam? Teria dormido demais? Reni já teria vindo e ido embora, ofendida por ele ter pegado no sono? Prestou atenção e verificou que ainda havia barulho em casa. Deviam ser, no entanto, os últimos retardatários. Somente de quando em quando se escutava qualquer coisa e, assim mesmo, muito distante — rumores abafados. Provavelmente, Vera que costumava ser a última a se deitar. Ou sua avó que ficava remancheando pelo quarto, enquanto o marido já de há muito dormia a sono solto. Assim, não havia o que temer: Reni ainda não teria podido vir... Por outro lado, fora bom: dormira um pouco, descansara. Estaria mais calmo, quando Reni viesse. Poderia se controlar melhor, evitar mais facilmente o perigo de certos excessos.

Depois, cessaram de todo os barulhos e a casa mergulhou no mais absoluto silêncio. No quarto ao lado, do meio de um sono profundo, entrecortado de roncoss, Manuel tossiu uma vez e tornou a tossir uma meia hora mais tarde. Uma interminável hora sucedeu a outra interminável hora sem que o mais leve ruído denotasse a existência de vida naquela casa. Quase absolutamente imóvel, a respiração ofegante, o olhar fixo no teto do quarto imerso na mais completa obscuridade, Sérgio esperava. Já era mais do que tempo de Reni ter vindo. Aguardando um momento oportuno, teria, como ele, adormecido sem querer e ainda não teria despertado? Ou não viria? Rejeitou a possibilidade com horror. Os minutos continuaram a passar sem que surgisse. E de novo, e várias vezes ainda, a hipótese negra reapareceu. Por mais força que fizesse, não conseguia afastá-la. À medida que os minutos se iam, tomava mais força. Enquanto isso, a outra hipótese, o sono involuntário de Reni, a cada momento se tornava menos plausível. Podia ter adormecido, sim. Como ele adormecera. Mas, também como o seu, aquele sono seria intranquilo, leve, incapaz de se prolongar. Dormiria alguns minutos, alguns quartos de hora no máximo. Logo despertaria, assustada, inquieta. Então, consultando o silêncio da casa, veria que chegara o momento. Esperaria mais alguns instantes e viria. Já estaria ali junto dele há muito tempo, há bem mais de uma hora... A dubiedade da situação angustiou Sérgio de tal modo que por fim, não resistindo mais, resolveu se levantar e ir ver se descobria alguma coisa por si mesmo. Pé ante pé, tomando as maiores precauções para não fazer o mais leve barulho e sem acender luz alguma, saiu do quarto, atravessou o corredor e parou junto à porta do aposento de Reni. Deteve-se alguns segundos e, como não ouvisse ruídos significativos, pôs a mão na maçaneta e girou-a lenta, quase imperceptivelmente. Depois, tentou empurrar de leve a porta. Estava trancada.

Num gesto brusco, de evidente mau humor, largou a maçaneta. Reni teria tomado aquela deliberação temendo sua insistência? Simultaneamente com esse pensamento, ocorreu-lhe a ideia de que talvez

a prima tivesse realmente adormecido. E sem se poder conter, bateu com o dedo indicador dobrado na porta: uma pancada seca e rápida que certamente despertaria Reni se estivesse dormindo com o espírito prevenido. Em seguida, receoso de ter feito barulho demasiado, afastou-se pé ante pé e voltou para a cama. Todo o tempo ia pensando, não no perigo que correra de ser surpreendido, apenas na possibilidade de Reni, tendo enfim acordado, ainda vir para junto dele... De novo em febril expectativa, passou novos e dolorosos quartos de hora. O mesmo silêncio de antes, a mesma ausência de Reni. Não adiantava mais aguardar, confiar. Reni não viria. Devia estar dormindo a sono solto.

Com certeza, várias horas antes, resolvera não vir. Provavelmente mesmo, desde de tarde, desde o momento da promessa. Quem sabe até, só a fizera para ganhar tempo, para solucionar uma situação difícil.

Estendido na cama, insone, começou a sofrer. Era um sentimento novo para ele. Jamais tivera ciúmes de alguém e eis que agora só lhe vinham à mente palavras e frases de Reni que lhe traziam intranquilidade ao coração. Não falara em procurar outros rapazes? Não declarara que não faltava quem a quisesse? Por certo, não dissera brincando. Conhecia Reni. Será que existia mesmo alguém? Quem, então? Clara e Vera tinham namorados, sabia. Conhecia mesmo o de Clara, Mário, um ótimo rapaz. Reni, porém, não tinha nenhum, como era do conhecimento de todos. Quando acompanhava as primas às festas (o que não era comum, devido ao seu estado de saúde), brincava com uns e com outros, sem dar muita atenção a ninguém. Não parecia se sentir à vontade no meio daquela gente cheia de viço e, aparentemente pelo menos, destinada a uma longa existência. Talvez por isso, não era muito apreciada. Consideravam-na tímida, arisca, e os que adivinhavam sua dissimulação, geralmente se afastavam não querendo se arriscar por uma recompensa que não se lhes afigurava das maiores.

Tudo isso, Sérgio sabia. Naquele momento, porém, assaltado pela dúvida, pelo mais desarrazoado ciúme, toda a tranquilidade que pudesse acaso lhe advir dessas constatações desapareceu para dar lugar à recordação das ameaças feitas à tarde e à evocação de imagens vagas guardadas na memória: o corpo de Reni por demais agarrado ao seu par — o rosto de Reni colado, certa vez, durante uma dança, ao de Pedro Borges —, alguns sorrisos trocados, meses antes, numa festa de caridade, entre Reni e Severino Gonçalves — a expressão de Reni, uma tarde, durante um telefonema misterioso que jamais quisera explicar, nem mesmo a Clara e a Vera —, enfim, toda uma série de recordações desagradáveis a que, até então, não dera maior atenção. Voltavam, agora, em verdadeiro tropel, dando uma nova e tremenda coloração aos acontecimentos mais recentes.

Como não vira? Como não compreendera? Na vida de Reni, não podia haver somente ele. Deviam existir outros. Ele é que não os conhecia, ela é que não falava neles. Dissimulada como era, receando queixas, zanga ou uma possível vigilância, silenciara. Quem? Quem? Pedro Borges? Reni o conhecera na noite da dança — não lhe constava que o tivesse tornado a ver. Antes Severino Gonçalves, amigo da família, frequentador assíduo de casa. Ou Orlando Costa que, não tendo conseguido interessar Vera, bem podia ter desviado sua maçante insistência para Reni. E por que não outros que não conhecia, como, por exemplo, o interlocutor do telefonema misterioso?... Fosse quem fosse, devia existir alguém. A atitude de Reni já agora só se explicava a seus olhos desse modo. A noite caminhara muito e cada vez se sentia mais longe do repouso, da tranquilidade. Loucura até pensar em sono. A única coisa que podia fazer era ficar pensando, pensando. Ou então, pular da cama e ir bater na porta de Reni até ela abrir e confessar tudo. Como não tinha coragem para o escândalo e nem mesmo ousava formular as frases de que teria de se servir, ficaria ali mesmo deitado, esperando o sono vir. No dia seguinte então falaria com Reni, exigiria que lhe desse explicações.

Quanto tempo ainda ficou nesse penar, mexendo, remexendo, escavando, lembrando, não sei dizer. Os que já passaram por torturas semelhantes, sobretudo nessa idade em que a ausência de uma verdadeira experiência faz com que tudo ecoe em nós gritante, desordenada e catastroficamente, esses bem sabem que o tempo real não conta nos momentos de vida psicológica disforme, monstruosamente agigantada. Assim, de nada adiantaria determinar, aqui, o número de minutos ou de horas que Sérgio passou acordado nessa noite. Direi apenas que, levado pela força de uma paixão nascente envolvida em sombras, amarguras, maus pressentimentos e pontadas de remorso, caminhou muito, caminhou desatinada e inapelavelmente para o centro do labirinto de onde Padre Luís o tentara em vão afastar na antevéspera. Barreiras e represas se desfizeram, varridas pela onda de um ciúme mais forte que todos os sentimentos, mais penetrante que qualquer raciocínio de prudência ou de dignidade, de temor ou de decência. Sem sentir, sem saber como, constituiu-se prisioneiro de um mundo de onde não havia saída. Rodeado de pantanais, enclausurado no seu desejo pecaminoso e doentio, mergulhou fundo no abismo. A madrugada o encontrou ainda acordado, o corpo se agitando de um lado para outro como um desesperado a quem tivesse acometido, de súbito, uma sede insaciável...

•

No dia seguinte, durante o almoço, Sérgio e Reni não se encararam nem uma só vez. Ora um olhava, ora o outro, desconfiados, receosos. E

se acontecia um surpreender o outro, logo afastava o olhar, envergonhado, exatamente como se tivesse sido agarrado em flagrante de um crime vexatório.

Sérgio acordara mais tarde ainda do que no dia anterior e chegara à mesa já o almoço começado. A uma observação de dona Ana, muito moderada, e a que, comumente, teria sorrido, pedindo desculpas, respondera de tal modo que não restara dúvida a ninguém de que estava de péssimo humor, não querendo conversa com pessoa alguma. Passara o resto da refeição calado, furioso por sentir dirigidos sobre ele todos os olhares, inclusive o de Reni. Este último detalhe o aborrecia tanto mais quanto tinha certeza que a prima não ignorava os motivos de sua zanga. Os outros podiam estranhar, indagar acerca do que havia com olhares compreensivos e, por vezes, não muito discretos. Mas, ela? Ou seria que o estava provocando, querendo ver até onde era capaz de ir? Ao contrário da véspera, não custou muito a Sérgio descobrir um meio de falar com Reni, os dois a sós. Logo depois do almoço, por esperarem a visita de Magda à tarde, Clara e Vera foram estudar piano. Ana Vilar quis ajudar dona Sara a examinar uma mala de fazendas velhas cujo estado de conservação parecia duvidoso. Leopoldo Vilar saiu a passeio, pelas ruas da vizinhança, no seu passo vagaroso de setuagenário desinteressado da vida que o rodeia. Sérgio e Reni ficaram sós na saleta de estar do segundo pavimento.

Temendo que Reni aproveitasse um pretexto qualquer para sair dali, Sérgio foi logo diretamente ao assunto:

— Eu esperei a noite toda, Reni... Como se já estivesse aguardando o ataque, a menina replicou logo:

— Foi?... Mas você não disse que estava com muita dor de cabeça e ia se deitar?...

— Eu?! Mas, que é que tinha uma coisa a ver com a outra? Eu falei, mas era pretexto!

— Pois eu pensei... Você simulou tão bem!

— Reni! Por favor, não brinca! Fora apenas a surpresa que fizera Sérgio levar a sério a desculpa dada. Agora que caíra em si e raciocinara um pouco, via o absurdo da situação. Não devia ter respondido, nada tinha a explicar. Da frase que dissera na véspera, vaga, insignificante, pronunciada mais ou menos ao acaso, quase nem mais se lembrava.

Diante do protesto indignado de Sérgio, Reni riu e, no mais anódino dos tons, declarou:

— Era muito perigoso, Serginho...

— Reni!

— Podia alguém acordar. Vera tem o sono tão leve!...

— Estavam todos dormindo, um silêncio absoluto, sepulcral!

— Eu sei... mas...

— Como é que você sabe?

— Eu acordei uma vez... e prestei atenção.

— Você não quis foi ir! — exclamou de repente Sérgio fora de si.

Reni tornou a rir, procurando levar para o lado da brincadeira o acesso de raiva que sentia iminente em Sérgio. Tornou a lembrar:

— Era muito perigoso. Uma vez... já foi loucura bastante! Não é preciso repetir.

— Não vale a pena, não é?

— Não é isso, Serginho! Compreende, por favor.

— Mas Reni, por que essa ideia, hoje? Ontem não havia nada disso.

Anteontem também... Uma nova risada de Reni, intencionalmente exagerada, irritou Sérgio sobremaneira. Contudo, não disse nada e esperou pela explicação que não tardou a vir:

— É que só ontem à noite refleti no perigo que tinha corrido...

— Só ontem à noite? Quando? Dormindo?

— Não, Serginho! Antes de dormir, ao me deitar.

— E foi por isso que você não foi?

— Parece, não?...

— E foi por isso também que você trancou a porta?

— Quem te disse?

— Então, você não me ouviu bater?

— Você? Deus meu! Você “ousou”?... Sérgio não teve mais a menor dúvida: Reni o ouvira chegar até a porta, tentar abri-la, bater com o dedo. Seguiu tudo. E continuara imóvel, fingindo estar dormindo, simulando então como simulava naquele momento. Que queria, afinal? Torturá-lo? Enlouquecê-lo? Sem poder se conter, correu para junto da menina e procurou segurá-la pelos ombros. Ágil, Reni se esquivou, deixando a mesa de permeio entre eles. Com voz autoritária, observou:

— Você está doido, Serginho? Olhe que pode vir alguém!

— Pois, hoje, eu vou de novo. E se você tiver trancado a porta, não me importo: meto o ombro e entro!

— Deixa de bobagem, Serginho! — exclamou Reni sem refletir muito no que estava dizendo.

— Você duvida? Pois vai ver...

— Não duvido não. É que não é necessário nada disso.

— Como não é?

— Porque, hoje, eu vou...

— Vai? Vai?...

— Vou. Já que você faz tanta questão assim!...

— Renizinha! Em menos de meio minuto a expressão de Sérgio mudara completamente. Dir-se-ia uma criança e a observação não escapou a Reni. A zanga desaparecera, o olhar se tornara manso, tranquilo. A exclamação de gratidão e prazer saíra da sua boca com a mais absoluta naturalidade. Agora, voltava a falar para saber:

— Você vai mesmo? Promete?

— Prometo.

— De verdade?

— Se você faz tanta questão!...

— Mas Reni, será que ontem você achava que eu não fazia?

— Mais ou menos...

— Reni, por favor!

— Bem, não vamos discutir mais, Serginho. Sim?

— Se você quiser, meu bem... Instintivamente Sérgio contornara a mesa. Reni deixou que ele se aproximasse. Ao chegar perto, enlaçou-a com cuidado, receoso de que alguém os surpreendesse. Evidentemente, não era o local indicado para aquelas demonstrações. Não havendo outro, porém, e depois da discussão que tinham tido, não havia como resistir à tentação. À pressão dos corpos, seguiram-se beijos, mas um rumor próximo veio logo interrompê-los. Vinda do quarto de dona Sara, uma voz chamou Reni. Era dona Ana que precisava de alguém para ajudá-la a tirar as fazendas do fundo da mala.

Reni não teve outro remédio senão deixar Sérgio só. Ao sair, repetiu-lhe, baixo, a promessa. Dessa vez, estava disposta a cumpri-la, por mais arriscado que fosse. À noite, atravessaria o corredor e iria para o quarto de Sérgio.

•

Com o aproximar da meia-noite, quando todos foram para seus quartos e o silêncio reinou em casa dos Vilar, a indecisão e o medo penetraram no coração de Reni. Sabia que Sérgio já a estava esperando, ofegante, devorado pelo receio de que não cumprisse sua promessa. Durante o dia não tivera um momento de hesitação e por mais de uma vez confirmara ao rapaz a natureza inabalável de sua intenção. Agora, porém, tudo fora posto de novo em jogo, em virtude de um estranho temor que a assaltara no momento de abrir a porta e sair.

Nenhum escrúpulo. Nenhuma consideração de ordem moral ou sentimental. Apenas, um medo esquisito, físico até certo ponto. Era como se receasse, ao passar pelo corredor, levar uma pancada desferida no escuro por um braço invisível — um golpe que a atingisse nas costas, na nuca ou na cabeça, justamente no momento em que estivesse chegando à porta do quarto de Sérgio. Alguém escondido?... Não chegava a precisar. Não se tratava de simples medo de ladrão e não chegava a ser temor de um castigo emanado de uma força superior. A casa dormia perfeitamente bem fechada (como tantas outras velhas, sua avó, antes de dormir, revistava portas e janelas com o maior cuidado...), e, por outro lado, não acreditava em nada que não fosse perfeitamente visível, tocável por aqueles seus dedos finos e magros que, em dias provavelmente próximos, estariam sendo entregues à terra para o “banquete dos vermes”, como todos diziam e pareciam gostar tanto de dizer. O que a apavorava era qualquer coisa de diferente, qualquer coisa que não conseguia explicar bem, mas que sentia perfeitamente. E era tão positivo, tão real, que se via impossibilitada de andar, como que paralisada junto à porta.

Até então, jamais tivera medo. Medo? Medo de coisa alguma! Mesmo duas noites antes, quando fora tão imprudentemente ao quarto de Sérgio, ia calma, segura de si. Quando muito, o coração batia um pouco mais depressa do que de costume. A razão disso, aliás, era simples: ansiava por estar junto do primo, por sentir contra o seu aquele corpo em que tanto pensava e que tantas e tantas vezes lhe tirara o sono pela sua ausência, pela vontade que sentia de tê-lo ali junto ao seu, pela impossibilidade em que se via então de esquecer a impressão enlouquecedora de certos contatos mais vivos tidos durante o dia ou em dias anteriores.

Por certo, não era natureza inclinada a medos e receios inúteis. Sabia que não tinha “preconceitos”. Detestava mesmo os que via tão respeitadas em casa e, se não o dizia, escondendo seu verdadeiro pensamento até de Vera e de Clara, era que não queria se chocar com ninguém, escandalizar pessoas das quais dependia. Apesar de tudo, apesar de sempre a tratarem com o maior carinho, quem era ela senão uma pobre órfã a quem a doença não dera uma folga desde a mais tenra idade? Sabia bem: o que todos sentiam por ela, era pena, uma imensa e indiscutível pena. Tinha pais vivos? Tinha dinheiro? Tinha saúde? Tinha condições de vida longa? Tinha beleza? Tinha inteligência? Tinha alguma coisa? Podia inspirar admiração, amor, inveja a alguém? Podia provocar ciúmes? Só piedade. Piedade e unicamente piedade. E isso, ela o detestava. Não podia tolerar uma dádiva tão grande, tão despropositada, tão humilhante. Ora, como sabia que não tinha coragem para manifestar essa sua aversão, via-se obrigada a dissimular.

Em consequência, procurava se esconder do interesse das pessoas, passar despercebida. Convinha se proteger o mais possível de movimentos de generosidade e simpatia. Duvidava de que fossem espontâneos, atribuindo-os, fundamentalmente, à obediência a certos princípios de vida cristã que desde cedo verificara não amar (não encontrando o menor eco na sua natureza), e que mais tarde, com os primeiros raciocínios frios, passara a desprezar em segredo.

Não sabia dizer como nem quando perdera a fé. Não se lembrava de ter realmente acreditado em nada do que lhe tinham ensinado. Aprendera tudo mecanicamente. Com o aparecimento dos primeiros raciocínios próprios, envolvera tudo

— Deus, os santos, Papai Noel, preceitos morais, castigos — num mesmo rol de coisas ilusórias de que as “pessoas grandes” se serviam na dissimulada e constante luta que travavam contra ela, contra suas vontades, seus prazeres, sua liberdade. Covarde e prudente por natureza, silenciara suas descobertas — guardando apenas “superstições”, como dizia se referindo ao seu vago culto à Virgem... Para que falar, explicar? Ninguém a podia compreender, ali. Até Clara e Vera faziam parte do mundo hostil, perseguidor. Podiam aprovar sua revolta? Podiam tomar seu partido, elas que eram fortes e bonitas, elas que “vendiam saúde”, no dizer de todos? Por mais que quisessem se aproximar, que lhe confiassem os mais delicados segredos dos seus pequenos e ridículos “casos de amor”, não podia esquecer nunca a barreira que as separava. Sim, Clara e Vera não eram órfãs de pai e mãe, não eram tratadas “tão bem como se fossem filhas”... Muitas vezes até, dona Ana era ríspida, injusta para com as filhas. Naturalmente, isso jamais acontecera em relação a ela, Reni. Não era a sobrinha órfã e doentinha, a condenada a

não viver muito? Não era a desprotegida da sorte a quem tudo devia ser perdoado? “Minha Renizinha...”, chamavam-na a toda hora, mimando-a. Podia ter defeitos. Podia errar. Todos se esforçavam por não ver, por desculpar. Não já lhe bastava a má sorte natural? Quem merecia mais indulgência do que ela? A mesma revolta que a fizera reunir num todo odioso: generosidade, simpatia, comiseração e até os mais sinceros e insuspeitáveis movimentos de afeição, levantara-a desde cedo contra os preceitos da moral e da religião. Neste terreno, levara a dissimulação tão longe que sua frequência ao confessionário não sofrera solução de continuidade. Ainda que se limitasse ao mínimo exigido, perdurara. Da mesma maneira como Vera, Clara e Sérgio, fazia sua Páscoa anual ante os olhos tranquilos da família Vilar.

Não a cumpria sem repugnância, mas preferia o sacrilégio à confissão do seu estado de incredulidade e revolta. Religiosos por natureza, os Vilar constataavam sua frieza, rezando muito a Deus e a Nossa Senhora das Graças para que lhe dessem mais fé e mais saúde. Contudo, não a importunavam com perguntas indiscretas ou exigências excessivas. De um modo geral explicavam essa imperfeição como explicavam qualquer das suas outras pequenas falhas: estado de saúde precário, constituição fraca, doentia. Todas as concessões lhe deviam ser feitas. (Tudo lhe seria perdoado, um dia?...).

Se Reni não fosse quem era, se não tivesse aquela natureza tremendamente sexual, talvez os transtornos decorrentes desse ponto de partida falso, errado e desleal não tivessem atingido proporções tão catastróficas. Acontecia que, vibrátil, nervosa ao extremo, desde os primeiros albores da adolescência se entregara sem restrições às pequenas e miseráveis inclinações que sentia no mais íntimo de si mesma. Mais tarde, quando compreendera que pesava sobre ela, como a mais invencível das fatalidades, a ameaça de ver sua vida cortada de um momento para outro por uma doença que caminhava secreta e inexoravelmente, só fizera se abismar mais e mais no mundo turvo e pecaminoso em que vivia no segredo de seu pensamento e na miséria de seu quarto. Se não acreditava em outra vida, e se aquela existente podia não ser longa, ameaçando acabar a qualquer instante, por que se privar daquilo que mais queria no mundo: prazer, sensação, paroxismos, chispas de verdadeiro enlouquecimento? Clara e Vera podiam lutar contra os desejos que, também elas, tinham e confessavam ter, ainda que em grau muito menor — pelo menos, ao que conseguira apurar. Podiam lutar contra esses anseios secretos porque os condenavam. E se talvez não fossem inteiramente sinceras nesse ponto, como às vezes desconfiava, estavam convencidas de que o eram e isso bastava. Além do que, tanto Vera quanto Clara não precisavam se apressar para ganhar dos homens o prazer que lhes tinham em depósito, reservado para lhes

dispensar. Sabiam que esse tempo chegaria. Bonitas e cheias de saúde, teriam namorados, teriam noivos, teriam maridos. Era só esperar um pouco, deixar que a vida amadurecesse à volta delas e viesse o momento da colheita. Segundo todas as probabilidades, ninguém lhes furtaria suas noites de núpcias, seus primeiros dias de casadas, ou, quem sabe, os prazeres proibidos que possíveis amantes ou os próprios maridos lhes iriam proporcionar, ao longo da existência. Podiam portanto aguardar, contentando-se com as pequenas e diluídas sensações que lhes traziam seus namoros decentes e enfadonhos. Podiam confiar na vida. Podiam se dar ao luxo de ser bem-comportadas e sensatas... e, até mesmo, religiosas.

Seu caso, porém, era diferente. As pessoas da casa, apoiadas em médicos antiquados e idiotas — “homeopatas”!... —, podiam estar tranquilas sobre seu estado. E ela continuaria a tomar as “aguinhas” que lhe davam. (Quando adoecia, deixava-se tratar pela homeopatia, verdadeiro dogma familiar entre os Vilar, como em tantas outras famílias da época imperial e do princípio da República). Por que não? Que adiantava discutir? Sabia bem que, medicada de um modo ou de outro, não iria muito longe. Tinha a mais firme intuição: a morte já estava nela. Portanto, nenhuma medicina, nenhum tratamento, nada alteraria seu destino. Acompanharia os pais, acompanharia o tio, pai de Sérgio, acompanharia os que na família Vilar sempre haviam sido fiéis servidores daquele mal impiedoso.

Assim, precisava aproveitar o tempo que lhe fosse concedido para viver. E aproveitá-lo como se cada dia fosse o último que tivesse diante de si. Tirar da existência tudo possível e, quanto mais depressa, melhor! Consequentemente, nada havia que não lhe fosse lícito fazer. Pois não pesava sobre seus ombros a mais terrível das ameaças? Quem lhe assegurava que fosse chegar aos dezoito anos, que algum dia tivesse um noivo, que se casasse? Ora, no mais profundo de si, alguma coisa exigia que não morresse sem ter conhecido plenamente tudo aquilo que a seus olhos constituía a maior ventura, a melhor coisa que podia existir sobre a terra.

Como o meio em que vivia era rigoroso e restrito, Sérgio se impôs como a única solução aceitável para seu anseio. De início, não pensou nele com má intenção. Considerava-o como irmão, tão bem quanto ele a ela. Apenas, como era moço e o único rapaz com quem estava constantemente em contato, o sentimento foi surgindo e aos poucos dominou sem dificuldade seus projetos de resistência. Os escrúpulos de Sérgio, suas tentativas desajeitadas de se defender de uma tentação por demais forte, o prazer de pôr em choque suas ideias religiosas, tornaram a aventura ainda mais atraente a seus olhos. Enquanto não o viu

submisso, louco de desejo, incapaz de recuar, não descansou.

Por si, Sérgio não lhe dizia grande coisa. Teria preferido outros, se tivesse podido escolher. Pedro Borges, por exemplo. Ou o chofer da casa vizinha. Inegavelmente porém, Sérgio era um bonito rapaz, atraente, carinhoso, capaz de lhe dar tudo o que, na situação em que estava, podia esperar de um homem. Talvez não lhe conviesse, se o tivesse procurado como amante ou como marido. Então, teria posto seu cuidado em outro, teria esperado, quem sabe... Mas, como não podia pensar em casar com Sérgio, nem em se tornar sua amante, estava bem, convinha. Para o que queria, para a cegueira quase indistinta de certos beijos, de certos carinhos inconfessáveis e incontroláveis, servia, como teria servido qualquer outro rapaz, sadio e forte, terno e discreto. Sem dúvida, faltava-lhe decisão, coragem, mais liberdade em relação a certos preconceitos, mas talvez isso mesmo fosse bom: nos momentos culminantes, quando as exigências se tornassem excessivas, saberia como agir, para que forças apelar. Antes tímido, um “carola” como Sérgio, do que um cínico, incontrolável, um louco como Pedro Borges se lhe revelara na única e inesquecível conversa que certa vez tinham tido... Sérgio estava em suas mãos. Desde dias antes, sobretudo desde a véspera e a antevéspera, adquirira a certeza de que o tinha escravizado. Sentia-o tão dócil a seus desejos quanto a suas ordens. Soubera se fazer valer, depois do episódio da porta trancada. Deixara-o esperando toda uma noite e vira depois, nas olheiras, na expressão cansada, desfeita, a força do desejo que despertara nele. E, enfim, o momento chegara de tê-lo à sua disposição. Sim, ia “usá-lo” como se usa um objeto, um animal. Era, aliás, o que a maioria dos homens fazia em relação às mulheres. Não tinha o menor escrúpulo em agir do mesmo modo. Ainda mais: sabia que não iria ter remorsos. Apenas... Apenas, no instante decisivo, viera-lhe aquele medo absurdo, aquela verdadeira paralisia da vontade quando ficara parada junto à porta do seu quarto, sem abri-la, pensando, pensando, enquanto Sérgio esperava, provavelmente já desesperado, certo de que naquela noite, como na anterior, ela iria faltar à palavra dada. E os minutos continuavam a passar e revia anos e anos de sua vida, episódios insignificantes e sensações entontecedoras, aventuras sonhadas e realidades mesquinhas, sem que lhe viessem forças para levar adiante a resolução tomada. Iria voltar para a cama? Quanto tempo ainda permaneceria ali, naquela posição ridícula, incompatível com os imperativos da sua natureza decidida e coerente consigo mesma? Pobre e pequena Reni, vejo-a confusa e humilhada nesses supremos instantes em que sua inconsciência imagina que se esteja decidindo apenas o seu destino. Que sarabanda de fantasmas, de vivos e de mortos, se agita nesse momento à sua volta, naturalmente não o pode conceber. Atriz única de um drama em que talvez nem sua própria sorte

esteja em jogo, ilude-se e nos ilude. E, se se detém e não pode mais caminhar, não é tanto porque receio estranho a retenha. É que está cega, é que está embrutecida de há muito e precisa de olhos que vejam por ela, guiando-a, levando-a pé ante pé até o quarto de Sérgio.

Começo a vê-la se mover neste momento, ainda hesitante, trêmula, incerta, diferente de si mesma. Pobre e pequena Reni, pobre vítima indefesa, quem é esse que já está vivendo em ti, quem é esse que caminha com teus passos, quem é esse que neste instante está se servindo da tua mão débil e já marcada pela rigidez definitiva para abrir a porta do quarto de Sérgio, quem é esse que se lança com o teu corpo morno, quase febril, de encontro a outro corpo que se consumiu durante horas e horas na mais angustiada das esperas?...

•

III

adre Luís estava de joelhos diante do altar da Virgem, rezando. Era de tarde e fazia justo uma semana que Sérgio o procurara. Desde então, não tivera mais notícias suas. Se encontrara coragem para resistir à tentação que Reni representava ou se cedera na noite mesma do dia em que estivera no confessionário, não sabia.

Não tirara no entanto o pensamento do seu caso. E dias antes, no domingo, quando notara a ausência de Sérgio entre os Vilar, na missa de costume, um mau pressentimento o assaltara. Lá estava Reni, mais magra e pálida do que nunca, encolhida, discreta, dissimulada como sempre. Sérgio não viera. Por que não teria vindo? Alguma coisa devia ter sucedido. Doença, quem sabe?... Acercara-se dos Vilar à saída da missa e, depois de ter falado com todos, perguntara a dona Ana por Sérgio. A indagação era perfeitamente natural e a resposta não tardara. Todavia, não passara despercebido a Padre Luís que Vera baixara os olhos pouco precipitadamente e Reni tivera um leve movimento de impaciência que, de comum, jamais acusaria. Simples impressão? Estaria predisposto a interpretar tudo naquele sentido? O fato é que a resposta de Ana Vilar fora perfeitamente tranquilizadora: tendo ido a uma festinha na véspera, Sérgio deitara tarde. Como não dormira bem, resolvera ir à missa do meio-dia. E ainda rira, ao acrescentar: “Preguiça, sem dúvida. Mas uma preguiça até certo ponto justificável num rapaz da idade de Sérgio. Não se deve querer exigir demais. O senhor não acha?”. Padre Luís sorria e não tivera outro recurso senão concordar.

Sim, quem dera que aquilo fosse verdade! Quem dera que os pecados de Sérgio naquele momento pudessem se reduzir àquele acesso de preguiça depois de uma noite mal dormida por causa de uma “festinha”!... Bastava olhar Reni, bastava o desassossego de Vera, para compreender que havia mais alguma coisa. Tinha quase certeza: Sérgio não viera para não encontrá-lo, para não ter de lhe estender a mão, de fitá-lo face a face. Talvez mesmo ainda fosse pior: com o coração cheio de pecado e, por outro lado, incapaz da habilidade simulatória de Reni,

decidira não vir à igreja, evitar qualquer situação equívoca, humilhante. Teria resolvido nunca mais voltar a uma igreja? A perspectiva o assustara de tal modo que perdera momentaneamente contato com a realidade, deixando de seguir o fio da conversa. Ana Vilar sorria, repetindo sua observação sobre a beleza das rosas brancas que enfeitavam o altar-mor naquele dia e não tardara a se despedir. Ao apertar as mãos das meninas, ainda pudera constatar diferenças significativas: Clara calma, imperturbável, expansiva como de costume; Vera nervosa, afoita — nunca a vira assim; Reni fria, insensível, ausente como se estivesse estendendo a mão a um desconhecido ou a um morto. Portanto, não podia subsistir dúvida: sucedera alguma coisa a Sérgio desde o dia da última confissão. Teria capitulado inteiramente? O domingo passara, viera a segunda-feira, repleta de trabalhos e preocupações, mas não pudera esquecer aquele caso, a triste aventura que Sérgio devia estar vivendo. E ainda agora, ali estava diante do altar da Virgem, rezando por ele, rezando com um fervor poucas vezes igualado no decorrer de sua vida religiosa.

Rezara todos os dias, rezara várias vezes por dia. Pedira a Deus, pedira à Virgem, pedira a todos os santos. Fizera muitas mortificações em sua intenção. No entanto, jamais tivera, durante aquela semana, um momento de tão viva intuição sobre o perigo que o rapaz estava correndo. Pressentindo sua fraqueza, seu destino, o abismo em que mergulhava cada vez mais, caíra de joelhos diante da Virgem, implorando-lhe uma misericórdia especial para aquela pobre alma pecadora. Mais do que ninguém, precisava de seu amparo, daquele socorro extraterreno sem o qual se perderia fatalmente.

Seus conselhos de padre, de diretor de consciências, e até mesmo de amigo, tinham falhado. Sérgio não voltara a procurá-lo, como lhe aconselhara, como chegara a lhe implorar. Certamente se deixara levar pela corrente e ficara atolado no pântano, no lodaçal daquele quarto de menina perdida. E já se afastara até mesmo da Missa Dominical em companhia da família — daquilo que, mais do que uma manifestação religiosa individual, era, nos Vilar, hábito de piedade e virtude coletivas. Em pouco tempo teria percorrido o ciclo inteiro, perdendo a fé por completo, renegando tudo.

Era, na verdade, uma triste situação. Pessoalmente, nada podia fazer para arrancá-lo daquele charco, a não ser rezar, rezar constante, ininterruptamente, implorando misericórdia a Deus, à Virgem, a Jesus crucificado. Era muito, era tudo sem dúvida, mas também, não havia como não reconhecer: era cruel esperar, ficar dias e dias aguardando sinal qualquer de que sua súplica fora atendida... Naquela tarde, justo nesse momento de sua meditação, talvez como uma resposta à sua quase

declarada crise de falta de confiança na Providência, alguém, parado a um passo dele, chamou-o pelo seu nome em tom abafado. Olhou, surpreso. E ainda mais espantado se mostrou ao ver quem o procurava. Vera estava diante dele, as mãos caídas ao longo do corpo, de olhos baixos, visivelmente encabulada.

Antes de mais nada, foi se desculpando de ter perturbado sua oração. Precisava se confessar com urgência. Como não dispunha de muito tempo, indagava dele se seria possível atendê-la naquele momento.

Talvez relacionando os olhos baixos de agora com o abaixar do olhar no domingo, talvez porque, mais uma vez, sua extraordinária intuição de almas o tivesse feito ler no pensamento da menina, nem por um momento Padre Luís se enganou: era de Sérgio e Reni que vinha lhe falar. Teria descoberto? A prima teria lhe contado alguma coisa? Ou Sérgio, desarvorado, desiludido de encontrar auxílio no confessor, teria ido pedir amparo à irmã mais velha, à preferida? Sem hesitar um segundo e sem dizer palavra, tomou o caminho do confessionário. Vera o acompanhava de perto, trêmula, já ofegante só com o pensar nas palavras que ia ter de empregar para contar ao padre o que sabia.

•

A confissão correu sem maiores acidentes até o momento em que o “É tudo?” de Padre Luís obrigou Vera a falar naquilo que determinara sua vinda ao confessor. Por várias vezes estivera a pique de tocar no assunto. Recuara, porém, como que amedrontada. Dir-se-ia que as palavras iam lhe queimar a boca ou que preferia deixá-las para mais tarde, quando tivesse confessado minuciosamente um por um dos seus pequenos pecados.

Padre Luís a ouviu com atenção, sem querer forçá-la, evitando precipitar o instante inevitável da expansão. Entretanto, como Vera se calasse, esperando pela absolvição, ou talvez sem ânimo para ir mais longe, resolveu indagar: “É tudo?” num tom de quem sabe perfeitamente que ainda restam coisas por dizer, às quais não se refere diretamente só por uma questão de delicadeza e discrição.

Auxiliada pela pergunta do padre, Vera explicou, depois de algumas hesitações: pecado, não havia mais nenhum de que se lembrasse. O que havia, era um conselho que desejava pedir. Estava em dúvida. Não sabia nem mesmo se podia se referir a um determinado fato sem ser indiscreta, leviana, sem estar se intrometendo na vida alheia. Não pensaria em fazê-lo, é verdade, se não fosse a perturbação que ocasionara em sua vida, o desassossego em que ficara desde o momento em que surpreendera certo

acontecimento, três dias antes. Pensara muito, deixara passar as horas. Todavia, como não vislumbrava nenhuma solução, nem a inquietação diminuía, chegando mesmo a roubar-lhe o sono durante as últimas noites, resolvera vir procurá-lo, saber dele o que devia fazer. Devia falar? Devia lhe contar tudo? O segredo confessional atingia casos como aquele? Se não, preferia calar. Refletiria mais um pouco, veria... Tranquilizada quanto àqueles escrúpulos, não tardou a contar o que queria. Três dias antes, pouco depois de ter adormecido, despertara subitamente e se lembrara que o sono a surpreendera antes de ter terminado suas orações. Quanto tempo dormira, não sabia. A casa estava envolta no mais completo silêncio e tivera preguiça de se levantar para acender a luz e ver as horas. Assim mesmo como estava, deitada, pusera-se a rezar, terminando logo as orações interrompidas. Depois, como o sono custasse a voltar, ficara pensando numa coisa e noutra, ao acaso. No quarto vizinho, ouvira barulho: Reni se remexia na cama, provavelmente durante o sono. Depois, tossira uma vez: aquela tosse seca, teimosa, que todos em casa conheciam, sem lhe dar maior importância. Um novo silêncio e escutara Reni se levantar da cama. Estaria sentindo alguma coisa? Antes que fosse mais adiante em sua indagação, distinguira os passos da prima em direção à porta. Levantara-se também e, para não acordar mais ninguém, pé ante pé, fora à porta, disposta a abri-la e perguntar a Reni se estava precisando de alguma coisa ou sentindo qualquer dor. No momento de girar a maçaneta, estacara: acabara de ouvir passos de Reni atravessando o corredor e abrindo a porta do quarto fronteiro ao seu. Esse quarto era o de Sérgio. Nenhuma dúvida a esse respeito. Jamais se enganaria num ponto daqueles... Quisera se mover, mas não pudera. Que teria ido Reni fazer no quarto de Sérgio? Pedir-lhe auxílio? Por que o seu e não o de outras pessoas, dela ou de Clara, por exemplo, que eram vizinhas de quarto? Esperara, ansiosa, sem saber o que fazer ou pensar. Aquele mistério iria ter uma explicação? Quanto tempo a prima iria demorar junto de Sérgio? Ou teria simplesmente se perdido no escuro da casa? Seria sonâmbula, sem que ninguém o soubesse? As ideias se tinham sucedido em sua cabeça durante algum tempo. Depois, de súbito, ouvira, vinda do quarto de Sérgio, a mesma tosse seca de pouco antes. Fora uma vez só e muito abafada. Precisaria de maior evidência? Instintivamente correria para a cama se atirara debaixo dos lençóis. Incontroláveis tremores se apossaram de seu corpo. Sentira medo, pavor de que alguém acordasse, encontrasse Reni no quarto de Sérgio àquela hora e fizesse mau juízo deles. Que estariam fazendo? Como explicar aquela visita noturna às escondidas? Os tremores só faziam aumentar com os minutos que passavam. De repente, tivera vergonha, receio de que a surpreendessem naquele estado. Esticara os lençóis até que lhe cobrissem a cabeça, escondendo-se. E os tremores tinham continuado por muito

tempo ainda.

Durante a narração, várias vezes Padre Luís interrompeu Vera, convidando-a a apressar um pouco mais a relação dos fatos. Certos detalhes — afirmava ele — eram inúteis. Não devia se comprazer tanto neles. Para quê? Bastava o essencial. Falando assim, não o fazia porque lhe faltasse tempo para ouvir o que lhe estava contando. Apenas porque, dada sua impaciência de saber os limites da descoberta feita pela menina, aquelas minúcias lhe pareciam supérfluas, meras complacências de uma narradora por demais meticulosa. Ora, na verdade, o que movia Vera era a necessidade de exibir todas as pequenas razões em que fundara sua suspeita, afastando de início a possibilidade de ser acusada de precipitação.

Apressando um pouco o ritmo, Vera continuou. Não sabia quanto tempo Reni levava junto a Sérgio. Podia assegurar que demorara muito. Uma eternidade para a aflição da sua expectativa. Só sossegara, parando de tremer, quando a ouvira abrir a porta do quarto e tornar a se deitar. Tossira ainda uma vez e depois, ao que imaginava, dormira logo. Isso, Reni. Quanto a ela, Vera, ainda por longo tempo ficara em vigília, agitando-se de um lado para outro da cama, nervosa, insone, exatamente como se a culpada fosse ela.

“Culpada”... A palavra a usar era realmente aquela. Por mais que custasse acreditar, por mais que temesse julgamentos temerários, não havia como fugir à constatação. Aliás, Padre Luís podia acreditar, não fosse ter adquirido aquela certeza, não estaria ali. Ouvisse o resto e dissesse se não tinha razão.

No dia seguinte, durante o almoço, movida pela inquietação e pela curiosidade, armara uma cilada a Sérgio e a Reni. Falara em falta de sono à noite, dizendo que passara várias horas acordada. Reni não dera o menor sinal de interesse. Sérgio, porém, chegara quase a ter um sobressalto e indagara logo a que horas despertara. Replicara instantaneamente que fora já de manhãzinha, acrescentando: “Por quê? Você também teve insônia?”. “Eu não!”, protestara Sérgio com violência. Nesse momento, olhando para Reni, encontrara seus olhos fixos em Sérgio como um vivo protesto contra tanta precipitação. Pareciam gritar: “Por que você não fica calado, como eu?...”. Clara entrara na conversa para testemunhar: “Pois eu, dormi a noite inteira sem acordar uma só vez”. E só então Reni falara, para dizer, displicentemente, como se aquilo não tivesse o menor interesse, o menor significado: “Eu também...”. O olhar com que Sérgio a fitava nesse instante era, todavia, o mais categórico dos desmentidos.

Adquirira, assim, a certeza de que havia alguma coisa entre Sérgio e Reni que eles escondiam de todos e que, pelas aparências, não devia ser nada de recomendável. Angustiada, procurara disfarçar o mais possível sua inquietação, mas não pudera deixar de vigiar Sérgio e Reni o tempo todo. Nesse dia, não podia dizer que observara nada de anormal. Olhares, rápidos contatos de mão que podiam ter explicação inocente e que vinham de muito longe, de épocas de que já perdera a memória. À noite, porém, o episódio da véspera se repetira.

E se os mesmos tremores não a tinham assaltado, ficara igualmente temerosa e inquieta, perdendo o sono e jurando que, no dia seguinte, de qualquer modo, averiguaria o que estava na verdade se passando.

À tarde, a ocasião propícia se apresentara. Clara saíra com Ana Vilar e os avós. Os tios, trabalhando na cidade, como de costume. Em casa tinham ficado apenas ela, Reni e Sérgio. Em determinado momento, pretextara ter de cuidar de uma sobremesa para o jantar e deixara Reni e Sérgio sós, conversando no seu quarto. Pouco depois, voltara pé ante pé e, ainda que com repugnância, olhara pelo buraco da fechadura. Podia ser pecado, mas honestamente o confessava: de tal modo já estava preparada para a revelação que não tivera grande choque quando vira, no meio do quarto, Sérgio e Reni enlaçados, se beijando. Depois Reni se desprendera, dera uma meia-volta. Sérgio a acompanhara e saíra do campo da sua visão. Contudo, suas mãos tinham aparecido de novo, segurando os ombros da prima. Tinham ido descendo pelos ombros, colhendo depois delicadamente os seios. Reni esticara o busto para trás, a cabeça de Sérgio surgira de detrás da sua. Beijara-a na nuca, apertara-a mais contra si. Reni se desprendera e ambos tinham saído do seu campo visual. Então, não resistira mais. Afastara-se rapidamente e, do fundo do corredor, fizera barulho, como se estivesse voltando despreocupadamente. Quando entrara no quarto, Sérgio continuava sentado, no lugar onde o deixara minutos antes e Reni, de pé, folheava displicentemente uma revista, cantarolando. Exatamente como se não tivessem se mexido e ela tivesse sonhado o que vira pelo buraco da fechadura.

Tudo isso se passara na véspera. Depois das luzes apagadas, o mesmo encontro das duas noites anteriores se repetira, dessa vez um pouco menos prolongado. Enquanto isso ela, Vera, atravessava horas angustiosas sem saber o que pensar e, muito menos, o que fazer.

À luz da sua descoberta, revivera durante os momentos de insônia muitos e muitos pequenos fatos anteriores que deixara passar sem lhes atribuir a menor importância. Agora, tudo lhe parecia claro e não podia mais se enganar: de há muito que entre Sérgio e Reni tinham lugar

encontros secretos nos quais se passavam coisas feias, escabrosas, certamente proibidas pela moral. Do fundo da memória, ocorriam-lhe ocasiões suspeitas, frases dúbias, olhares insistentes a que, em sua falta de malícia, não dera sentido; beijos de irmão que tinham lhe parecido por demais prolongados e violentos, mas em que não pensara por mais de um segundo, enfim, toda uma carga de fundadas acusações contra o irmão e a “prima” que, na verdade, considerava tão sua irmã quanto Clara.

Aquilo a desorientara completamente e, depois que vira Reni de volta ao quarto, pusera-se a soluçar incontinentemente. De quando em quando, fazia um esforço para parar um pouco, receosa de estar chorando alto demais. Sentia, porém, que não podia se deter. Era como se aquilo estivesse lhe fazendo bem, como se, após quase três dias de ansiedade e expectativa, precisasse desabafar de qualquer maneira.

Quando a crise cessara, não se sentira mais tranquila. Nem lhe viera logo o sono que esperava, de que necessitava tanto. Perdera-se em conjecturas que julgava inútil repetir ali naquele momento. De um modo geral, raciocinava que se não houvesse pecado, naquele caso, não haveria em Reni e em Sérgio a preocupação de esconder. Por que aqueles encontros misteriosos e a altas horas da noite? Por que tanto disfarce na frente de pessoas que, provavelmente, não teriam nada de grave a opor a um namoro às claras? Por que aqueles beijos escondidos em aposentos fechados, aqueles carinhos ousados que não pressagiavam nada de bom? Não havia como se iludir: o que ligava Sérgio a Reni não era correto, confessável.

Assim, tendo chegado a essa conclusão que ele, Padre Luís, não podia nem parecia ter em mente contestar, indagara de si mesma: que fazer? Devia continuar calada, como se nada soubesse? Devia falar? Se tivesse obrigação de denunciar, preferia incorrer no pecado, não receber a absolvição que tinha vindo pedir. Jamais trairia Sérgio. Jamais trairia Reni. Sobretudo Reni, aquela pobre Reni, tão boa, tão dócil, tão doentinha, e que, seguramente, devia ter sido levada àquela miséria por Sérgio que, por certo, não era mau menino, mas era fraco como todos os homens. Ou, talvez estivesse andando em más companhias... Reni, porém, era um anjo. Ainda que fosse um pouco amarga. É verdade que esse amargor devia decorrer da má sorte que a perseguia. Não merecia aquilo, a pobrezinha! Sérgio não devia ser tão egoísta, tão baixo. Falar com Sérgio? Falar com Reni? Pensara numa e noutra hipótese... Hesitava, ainda. Tinha medo. Não sabia por onde começar, nem de que palavras se servir. Muito menos, a qual dos dois escolher. Falar a ambos? A ambos ao mesmo tempo? Propor um namoro claro, franco — caminhode um noivado? Pedir, implorar de joelhos que pusessem fim

àqueles encontros, àquela loucura?... Até onde teriam ido? Tremia, só de pensar. E não queria resposta. Lembrar-lhes os perigos que corriam, o escândalo que seria, se fossem descobertos? E o desgosto que dona Ana teria? E os avós? E o pecado em que estavam incorrendo? Teriam pensado nisso? Sérgio se confessava de quando em quando... Reni se confessava... Estariam loucos? Ou seria ela que estava, ela que tivera visões, ela que se pusera a fazer julgamentos temerários? Tudo aquilo passava por sua cabeça uma, duas, três, vinte, cem vezes por dia. Não tinha mais sossego. Precisava de conselhos, esclarecimentos. Não suportando mais a tensão nervosa, viera procurá-lo, viera contar tudo o que sabia, viera pedir amparo, viera implorar seu auxílio de guia, de orientador de consciências em crise.

•

Horas depois de Vera ter saído do confessionário, Padre Luís ainda tinha no ouvido o tom aflito da sua voz de menina quase inocente que se vê subitamente envolvida num caso tremendo. E, na realidade, era dos mais tristes e escabrosos episódios passados pelo seu confessionário, no entanto tão fértil em tristezas e misérias terrenas. Por mais que procurasse, não conseguia esquecer aquela voz de angústia para cuidar da correção dos cadernos de aritmética que devia devolver no dia seguinte. Ainda a ouvia, quase chorosa, implorando-lhe um auxílio que, na verdade, não podia, não estava em condições de lhe dar.

Procurara acalmá-la, tranquilizá-la o mais possível. Recomendara, acima de tudo, a mais constante e confiante das orações àquela que tudo podia obter de Deus, a Virgem Maria, mãe de todos os pecadores, imagem de misericórdia para os “degredados filhos de Eva” que a ela bradavam, precisando de perdão divino, de esclarecimento, de luz, de volta ao caminho da virtude. Aconselhara que criasse todas as dificuldades possíveis aos encontros noturnos de Sérgio e Reni, evitando que ficassem a sós por muito tempo. Sugerira uma conversa com Reni em que, mesmo sem se referir a fatos concretos, ousasse insinuar-lhe a necessidade de uma fuga imediata àquele caminho de perdição. Prometera mesmo agir pelo seu lado, junto a Sérgio, ainda que sem deixar perceber de modo algum a fonte que lhe revelara o segredo.

Tudo isso, Padre Luís falara a Vera para tranquilizá-la. Sentira, porém, ter conseguido muito pouco. De tal modo se julgara malsucedido que, por fim, pedira à menina que o viesse procurar dois ou três dias depois. Queria refletir, estudar com calma qual o caminho menos perigoso de seguir. Fosse prudente, não se precipitasse. A Providência velava. Deus não abandonava suas criaturas. Tivesse confiança, rezasse muito. Agisse todavia com o máximo cuidado. O caso era delicado. Acima de tudo,

impunha-se evitar que as duas almas ameaçadas se perdessem.

Agora que Vera se fora, e tinham passado várias horas desde sua partida, ocorriam-lhe outras frases, mais animadoras, mais persuasivas. Inúteis, uma vez que não havia mais ninguém ali para ouvi-lo e Vera devia estar em casa, provavelmente no escuro do quarto, à espera de que chegasse a hora do seu martírio de espectadora angustiada de uma miséria que não parecia mais estar em suas mãos.

E então, para Padre Luís, começaram a se suceder intermináveis momentos de dúvida e ansiedade. Uma questão o inquietava fundamentalmente: até que extremo Sérgio e Reni teriam ido? Era o único ponto que a narração de Vera não esclarecia. Pessoalmente, pelo que sabia, pelo que ouvira da boca de Sérgio, não tinha elementos para uma positivação, em qualquer sentido que fosse. Tudo se tornava possível.

Era indiscutível que a relação entre Sérgio e Reni assumira caráter nitidamente pecaminoso. Se tudo o que Vera contara não falasse suficientemente alto nesse sentido, falariam as palavras de Sérgio em sua última confissão (recordadas e reavivadas agora, à luz das revelações de Vera), seu silêncio subsequente, sua ausência da missa do domingo. Podia conservar dúvidas, ainda. Seria, entretanto, por simples questão de querer, de fuga mais ou menos consciente à realidade... Outro problema, no entanto, era afirmar até que limites a desgraça havia chegado. Certas barreiras podiam ter sido transpostas. Podiam, também, não o ter sido. Não eram muitas as probabilidades nesse sentido, dada a natureza das duas pessoas, vistas as condições especiais em que os encontros se realizavam, mas, enfim, impossível não era. Deus era grande, podia tudo não estar perdido.

Custava a acreditar, porém. Apesar do seu desejo, apesar da sua boa-fé habitual, duvidava de que Sérgio e Reni tivessem forças suficientes para se deter a meio caminho. Amparados em quê? Então, não os conhecia?! Sérgio era mais fraco que qualquer ser fraco. E, em Reni, havia mais malícia do que em não importa que outra criatura de seu conhecimento. Ora, se já de comum a natureza humana era fraca, e enorme a malícia que abrigava, que não sucederia num caso tão marcado de acúmulo e exacerbação?... Por mais que se esforçasse, constantemente a situação se recriava ante seus olhos, tal e qual Sérgio a insinuara durante sua confissão, tal e qual tornara a reconstruí-la horas antes, à medida que a narração de Vera progredia: na mesma cama, no escuro do quarto, tarde da noite, Sérgio e Reni enlaçados durante intermináveis minutos. Era incrível, mas o quadro não variava. Enquanto todos dormiam, ou, pelo menos, os dois presumiam que estivessem dormindo, eles ficavam em

pleno mundo do pecado, vivendo uma aventura abjeta, para a qual nem ao menos podiam invocar, como desculpa, sentimento qualquer mais forte, mais digno, alguma coisa que se parecesse, de longe que fosse, com amor, com paixão... O que prendia aqueles dois seres não passava do mais sórdido desejo, da mais vulgar libertinagem. Conhecia-a bem — ramerrão das confissões de adolescentes... Era a miséria das ruas mal iluminadas, dos portões entreabertos, dos fundos de quintal, dos corredores de cortiço, torpemente transportada para o leito de uma menina de família, no seio do mais honesto e decente dos lares.

Naturalmente, pensava Padre Luís com o coração sangrando, uma aventura daquelas não podia perdurar. Não só porque Sérgio e Reni não tinham naturezas para resistir por muito tempo à tentação que diariamente se apresentava diante deles, mas, sobretudo, porque aquilo não podia permanecer indefinidamente em segredo. Já Vera sabia de tudo. E os tios de Sérgio, um dia ou outro, teriam de perceber qualquer coisa. Mais ou menos ruidoso, o escândalo sobreviria.

Tinha imensa pena de Reni, daria anos de vida para poder demovê-la daquela atitude louca, mas era principalmente em Sérgio que pensava. Para agir daquele modo, esquecendo tanta coisa em tão pouco tempo, passando por cima de escrúpulos tão vivos, tão profunda e firmemente enraizados nele, devia estar sob a ação de uma força muito terrível, monstruosamente tirânica. Devia estar mesmo sofrendo uma espécie de encantamento, de feitiço. E só a vontade de Deus, claramente manifestada, podia libertá-lo, afastando-o, demovendo-o daquela insensatez.

Ele, Padre Luís, não podia fazer nada. Tivera sua oportunidade, uma semana antes. Falara, tentara ser o mais persuasivo possível. Rezara por Sérgio sem medir esforços. Mortificara-se, oferecendo tudo para sua salvação. O resultado fora o triste quadro que Vera desenhara diante dele: fracasso, fracasso absoluto. Mais uma vez... Que lhe restava fazer, portanto, senão continuar a rezar e a esperar? Intervir no caso, agora, não podia. Se Sérgio viesse a ele, sim. Procurá-lo, naquele momento, parecia-lhe perigoso, contraproducente até. Logo de início, havia um obstáculo: o que sabia de positivo, era por intermédio de Vera, através do segredo confessional. Nada mais sagrado, portanto. Assim, teria de procurar o rapaz sem poder se referir a nada daquilo, tendo mesmo de ignorá-lo. A bem dizer: de pés e mãos atados. Se Sérgio resolvesse tomar a atitude de se fechar, como conseguiria abalá-lo? Acossando-o de perto, aos poucos? Violentando-o nos seus segredos, como se estivesse sendo visitado por uma grande intuição? Era um recurso que não podia se permitir, um caminho que jamais seguiria. Havia um respeito à alma humana que não devia ser esquecido em caso algum... Foram essas

constatações que levaram Padre Luís, nessa noite, a um estado de inquietação verdadeiramente anormal, mesmo para quem, como ele, já vivia num clima permanente de agitação e excepcionalidade. Parecia-lhe por demais cruel ver Sérgio se perder daquele modo sem ser possível fazer nada de decisivo a seu favor.

Na realidade, por mais grave e fértil em consequências desastrosas que fosse, não era a aventura em si que o apavorava. Apenas, a certeza adquirida de que aquele mergulho no mundo da sordidez e do pecado carnal estava corrompendo Sérgio, afastando-o irremediavelmente de Deus. A desgraça em si era tremenda. Nada significava em face desse fato: com ela, Sérgio começara sua agonia como homem, como alma humana... Já estaria morto, ou ainda seria tempo de salvá-lo? Já formaria entre os muitos cadáveres ambulantes que superpopulavam o mundo, concretizando mais uma vez o esquema da “tragédia” que os homens da época viviam, burguesamente, certos de estarem apenas no terreno do “drama”? Ou, ainda vivo, ainda quente do sangue cristão que lhe corria nas veias, estaria à espera de que alguém, dotado de forças especiais, privilegiado mesmo embora não o acreditasse em certos momentos de fraqueza e de fuga, o viesse arrancar ao império das forças que o tinham aprisionado às margens do rio dos mortos? Sim, sim — perguntava Padre Luís nesses instantes de exaltação —, estaria com medo de recorrer abertamente ao milagre? Somente porque fracassara aqui e ali? Somente porque Ivo estava longe, porque Jorge parecia cada dia mais distante, porque Ângela não dava sinais de vida, porque a confissão de Roberto continuava inacabada, porque Armando morrera sem um gesto de evidente arrependimento? Mas, não bastava a vitória recente representada pelo caso de Sílvio Iberê?... Permanecia quase sem notícias suas — agora que parentes vindos de São Paulo tinham-no cercado, segregando-o sob pretexto de cuidar da sua “saúde ameaçada” —, mas sua conversão miraculosa não era um sinal suficiente? Não lhe dava direito, a ele, Padre Luís, de insistir no recurso ao milagre? “Pedi e recebereis”... Que limite podia haver para a generosidade do Pai? Se o Filho prometera, por que não aceitar, por que querer ser parcimonioso, equilibrado, “burguês” no pedido, no anseio de Amor? A dádiva era divina: cessassem as considerações humanas, mesquinhas e degradantes.

Sérgio precisava dele. Precisava que recorresse desassombradamente ao milagre. Podia recusar? Podia não se oferecer mais uma vez na totalidade do seu ser espiritual, mesmo desobedecendo conscientemente aos conselhos de Padre Martinho? Agora, Padre Luís está de joelhos diante da imagem do Pai, implorando em nome do Filho. Esqueceu tudo, conselhos, avisos, ordens, intuições, considerações de medida e circunspecção. Uma única ideia o dirige: conseguir a libertação daquela alma em plena escravidão. Depois, pensará em Reni. Por ora, é só Sérgio

quem centraliza seu cuidado. Para salvá-lo, nada é pouco, nenhuma promessa lhe parece excessiva, nenhuma mortificação grande demais. Compromete-se, aceita as consequências — todas as possíveis consequências...

•

Quando no segredo do coração, Padre Luís raciocinava como se Reni já tivesse se entregado a Sérgio, era grande o seu engano. Os fatos falavam de modo diferente. Não obstante a incredulidade com que muitos me acompanharão, preciso relatar aqui o que realmente sucedeu ao invés de confirmar, covarde e convencionalmente, o que a maioria julga inevitável que tenha acontecido.

Acreditem-me os que quiserem, não o façam os outros — mas, na noite em que Reni, depois da promessa vã da véspera, foi se reunir a Sérgio no seu leito, o medo de certas consequências desastrosas tornou-se o fator preponderante na determinação do que entre os dois se passou. E, se Sérgio não conseguiu que Reni se tornasse sua nessa noite, apesar da insistência de seus rogos e juras de eterna fidelidade, não o conseguiu também nos dias subsequentes. Assim, na tarde em que Vera foi ao confessionário de Padre Luís, o “inevitável” ainda estava por suceder.

Era evidente, porém, que a situação não podia se prolongar por muito tempo. Tanto Sérgio como Reni tinham plena consciência disso. Daí, por certo, o verdadeiro pânico que se apossava deles quando, a noite tendo avançado, e o silêncio caído sobre a casa toda, chegava o instante, tão ansiosamente esperado durante o dia, do encontro dos corpos, do primeiro contato livre de dois desejos incontrolláveis.

Imagino bem: vivem-se essas aventuras sem pensar, sem raciocinar mais do que o indispensável para eliminar os obstáculos surgidos pelo caminho. É uma força cega que nos leva, como se a única coisa a considerar fosse a necessidade de percorrer a estrada semeada de perigos e atingir, enfim, o porto salvador. Trôpegos ou não, acordados ou sonâmbulos, calmos ou ofegantes, tranquilos ou com a consciência ulcerada de remorsos, marchamos ao acaso, sem saber ao justo que vontade nos guia. E é provável que, se não fosse assim, não daríamos mais do que alguns passos. Somos covardes: faltar-nos-ia coragem, decisão para empresas tão arriscadas, tão loucas e, no fundo, tão semelhantes a outras que não aparecem gravadas com tão grandes ônus. Renunciá-íamos. Recuaríamos, arrastados pela pusilanimidade da nossa razão quando ela funciona a frio, tendo apenas em mira os imperativos intangíveis da nossa conservação pessoal.

Somos, contudo, levados estrada afora. Cegos, surdos, desgobernados, deixamo-nos dirigir por uma força que vive em nós nesses momentos e que não logramos identificar. Caminhamos, dominados, escravos. Falta-nos tempo e calma para parar e raciocinar. Sentimos a proximidade do abismo, mas não está mais em nós o cálculo a fazer das vantagens e desvantagens. Só conseguimos avançar. Só temos disposição para estender as mãos, ávidas, insensatas, e colher o que um destino quase sempre usurário tem para nos oferecer — também quase sempre como engodo. Só vamos acordar depois, quando tudo está consumado: ficaram recordações, ficaram futuros esfacelados. Só resta então continuar, viver, como subjugado ou mendigo, uma existência que fora sonhada como uma vida de senhor.

É no que penso, os olhos baixos, o coração constrangido, ao ver Reni entrar no quarto de Sérgio e ir se atirar em sua cama para as loucuras inenarráveis das noites que passam juntos. Que força os move, a eles tão inexperientes ainda, tão covardes na quotidianidade da existência, para se lançarem assim numa aventura tão sórdida, tão insensata, tão inevitavelmente destinada ao escândalo e ao desastre? Penso e tremo de pensá-lo: é um estranho destino o que os liga, a esses dois — ele, ainda ingênuo e relativamente puro (lembro-me de Ivo, de Armando, de Matilde...), escrupuloso, marcado até a alma pela sombra da Cruz que o protege; ela, perseguida pela sorte, acuada pelo pressentimento da morte próxima, obcecada pelo sorver desordenado e criminoso dos mais baixos vinhos da vida. Que equilíbrio, que união poderá se estabelecer entre esses dois seres díspares, provavelmente destinados a viver em mundos tão opostos? Um jamais completará o outro, um jamais será alívio para o outro. O que um procurar obter é isso justamente o que fará sofrer o outro. E se um estiver chorando, o outro estará em silêncio, alheio ao sofrimento próximo, em vão procurando compreender...

•

Sim, tinham transcorrido poucos dias desde a noite em que Reni fora procurar Sérgio pela segunda vez, mas já entre os dois a incompreensão e o desacordo se alastravam de um modo assustador. Aos riscos exteriores, representados pela vizinhança dos tios, pelo sono leve de Vera, pelos possíveis descuidos que tivessem na vida de dissimulação que eram obrigados a levar, viera aos poucos se juntar o perigo da discórdia, do desentendimento que entre ambos podia se processar a passos de gigante.

Logo às primeiras tentativas descontroladas de seu desejo de ter Reni irrestritamente, Sérgio deparara com uma vontade firme, aparentemente inabalável. De certos limites jamais passariam — afirmara Reni. Com a

frieza de costume, raciocinara para ele: eram muito moços ainda, mas já perfeitamente em condições de reproduzir. Evitar as consequências de certos atos, ela não sabia. Na ciência dele, não confiava. Como também não, no rigor daqueles métodos de que apenas ouvira falar e sempre com restrições. Assim, não queria se arriscar. Ele, Sérgio, era homem, pouco tinha a perder. Mas, e ela?... Além do mais, não passava de uma pobre órfã, doente, incapaz de ganhar sua vida. Tinha de se sujeitar aos preconceitos do mundo em que vivia. Vamos que fosse levada a brigar com a tia e com os avós? Para onde iria? Quem a sustentaria? Não ia ser ele, simples estudante de direito, habituado a uma existência farta e ociosa. Que seria dela, então? Iria para o meio da rua, viveria de caridade alheia? Ou seu destino seria o das mulheres perdidas, declaradas ou disfarçadas? Essas considerações em que Reni tão cruelmente se comprazia desesperavam Sérgio. Nesses momentos, não a compreendia. Que diabo, enlouquecera?! Acaso era uma estranha? Ou uma inimiga da família? Vivia ali com eles desde que existia, desde que ele e ela se lembravam de qualquer coisa — e sempre tratada como filha, como irmã. Como é que podia falar daquele modo? Algum dia alguém lhe dissera, lhe fizera alguma coisa de mal? Então, quem é que iria brigar com ela, expulsá-la de casa? “Eu própria”, pensava Reni nesses instantes. Preferia replicar que não sabia, que era possível que os acontecimentos, dia após dia, tomassem um tal rumo que só aquela solução lhe restasse. Sérgio contestava, chamava os céus a testemunho. Não raro, a conversa acabava numa rusga que durava alguns minutos. Havia cenas de reconciliação, pedidos de perdão, juras de fidelidade e proteção eternas. Contudo, de um modo ou de outro, a relação essencial perdurava: Reni não cedia, Sérgio não desistia.

De início, é bem possível que o movimento de Sérgio pudesse se reduzir a um simples capricho. Digamos, ao egoísmo irrefreável de um desejo que não queria encontrar barreiras. A verdade manda todavia que se afirme que, para a profundidade do sentimento que Reni fora aos poucos desenvolvendo nele, logo se tornou necessário, imprescindível mesmo, um dom total. Confessemos: esse dom nada mais tinha a ver com os movimentos de libertinagem que estavam na base da aventura, indo buscar suas raízes nesse mundo abismal da paixão em que Sérgio jamais tinha penetrado e de que dificilmente se livraria, agora, sem a mais pesada das contribuições.

O que se dava com Reni era completamente diferente. Tão bem quanto no início, o que Sérgio representava no momento para ela era uma única e mesma coisa: prazer, um parceiro à mão. Seu sentimento pelo rapaz não crescera nem diminuía. Gostava muito dele, era seu primo, quase irmão, mas isso nada tinha a ver com as noites que passavam juntos, com os beijos que trocavam. Esse Sérgio era o mesmo de sempre. Por

que haveria de gostar mais dele? Por que precisaria ser sua? Só porque estivera a seu lado algumas noites, na intimidade de certos contatos, haveria de ficar apaixonada por ele? De mais a mais, a julgar pela sua experiência pessoal, duvidava que alguém sentisse por alguém isso que comumente via chamar de amor. Amar? Gostar? Gostar era querer. Amar era querer. O mais era hipocrisia, disfarce do sentimento real, do desejo físico que havia por detrás de tudo aquilo. Não seria ela a se enganar. Sérgio podia ser bastante ingênuo para pensar que gostava dela acima de tudo no mundo, dizendo-se capaz de dar sua própria vida para salvá-la, e muitas coisas mais, igualmente bonitas e tocantes. E talvez acreditasse mesmo no que proclamava tão alto. Ela, porém, bem imaginava o que restaria, meses depois, de todo aquele amor, daquela devoção cega, caso houvesse caído na tolice de se entregar a ele. Protestos de amor! Como se ela fosse alguma tolinha, alguma Vera ou alguma Clara, para acreditar! Como se tivesse nascido ontem, como se não conhecesse a maldade, o egoísmo natural dos homens!... Assim, Sérgio podia desistir. Se o que ela lhe proporcionava cada noite não era bastante para saciar sua sede, paciência. Não queria ir mais longe. Já se arriscava demais, ela que tinha tudo a perder. Por que Sérgio não se contentava com o que recebia? Era pouco? Precisava de mais? Então, por que não procurava, em outros lugares, mulheres que lhe dessem, a troco de dinheiro, sossego, saciedade? Não teria que temer nem mesmo possíveis ciúmes seus.

Naturalmente — pensava Sérgio então, chocado —, Reni não compreendia. Por mais que tentasse lhe explicar, não percebia a diferença. Falava em “completar” como se o problema fosse esse. E não era. E nem de longe era. O que queria, era ela, Reni. Ela, inteira, total, como todo homem queria e tinha direito de querer a mulher de quem realmente gostava. Ela inteira, e não apenas aquelas partes do seu corpo que lhe oferecia como se fossem simples objetos, caixas de segredos que tivessem o poder mágico de satisfazer momentaneamente seu desejo. Aquilo podia bastar, no instante do furor. Quando tudo terminava e ele caía em si, só fazia avivar sua sensação de não a possuir. Sentia-se roubado, como se tivesse direito a alguma coisa e não a estivesse recebendo. A arca de segredos se transformara em caixa de Pandora... Apesar dessa atitude irredutível, não duvidava de que Reni acabasse cedendo. Afinal, seria sensível aos seus rogos, compreenderia que a situação a que tinham chegado não comportava outra solução. Adquiriria confiança nele. Teria fé em sua palavra, dada, empenhada. Já não podiam se considerar noivos? Dali para o casamento, seria apenas um passo. Ainda era cedo para falar nisso em casa, mas, entre eles, tudo podia ficar desde logo resolvido. Ele não era pessoa de voltar atrás em seus compromissos. Podiam se tornar desde já marido e mulher,

tomando apenas certas precauções, de modo a evitar o que ela sabia... Talvez não fosse muito decente, muito de acordo com a moral. Contudo, era preferível àquela vida de satisfações incompletas que o punham quase louco. Queria tê-la como sua mulher, desde já.

Não obstante a resistência de Reni não ter se alterado, sentia que seus argumentos já não eram rebatidos com tanta força. É que a prima não podia ser de ferro, como em certos momentos parecia. Provavelmente, tocada pelo mesmo desejo que o incendiava, procurava razões para poder capitular sem humilhação. Momento chegaria, porém, em que não teria mais remédio senão concordar com sua vontade, entregar-se totalmente a ele como era natural, dada a atração que sentiam um pelo outro, dada a vida que levavam. O resto não passava de movimentos preliminares, escaramuças mais ou menos intensas que não podiam satisfazer a ninguém. Não fosse o medo de despertar alguém em casa, sobretudo seus dois tios, já teria por certo levado Reni a uma capitulação que, na verdade, ela deveria estar desejando tanto quanto ele. Não se tratava de violentá-la. Apenas, levaria um pouco mais longe certos movimentos de sedução a que não acreditava que Reni pudesse resistir por muito tempo e de que ela invariavelmente triunfava graças às circunstâncias especiais em que se encontravam... De qualquer modo, o momento se aproximava em que não teria mais força para se opor ao seu desejo, para impor aquele regime absurdo de prazeres incompletos e anormais. Então, nada mais se interporia entre ele e a prima. Teria coragem para enfrentar o mundo, e até mesmo a possível desaprovação de casa. Temia, tergiversava muito, mas era agora, porque ainda não tinha Reni. Uma vez unidos para sempre, quem o afastaria dela? Quem se colocaria entre eles?...

IV

ara uma menina inexperiente como Vera, o peso daquele mistério era forte demais. Cedo ou tarde, teria de revelá-lo. Precisava se abrir com alguém.

A confissão não tivera efeito liberativo. Continuara com a mesma opressão, devorada de ansiedade.

Na vida, ainda era cedo para que soubesse guardar o segredo, carregá-lo consigo como uma cruz a mais — dessas que tantas vezes fazem com que, nos momentos de mais aparente felicidade, o nosso sorriso morra

antes de desabrochar. E já era tarde para que tivesse a ingenuidade de acreditar que as relações entre Sérgio e Reni não ultrapassassem certos limites, digamos “veniais”, de leviandade e pecado. Assim, tinha de falar, tinha de buscar junto de alguém um ouvido cúmplice e compreensivo.

Não obstante sua pouca idade, Clara era, naturalmente, a pessoa indicada para receber a confidência. No entanto, um incidente, inesperadamente surgido, mudou o rumo normal dos acontecimentos. Já estava decidida a sondar Clara para ver se não percebera nada (e isso levaria, fatalmente, a uma conversa sem véus entre elas), quando, uma tarde, ao entrar inesperadamente na sala de jantar, deparou com Reni nos braços de Sérgio. Não fizera de propósito para surpreendê-los. Vinha pensando em outra coisa, completamente alheada. Apenas, o tapete abafara seus passos, ou o enlevo em que Sérgio e Reni estavam era tão grande que, perdendo toda noção de prudência, tinham relaxado a vigilância de sempre. Assim, entrara na sala sem que percebessem.

Foi impossível disfarçar. O f lagrante era expressivo demais. E Reni e Sérgio ainda tinham uma coisa a agradecer a Deus: que se tratasse de Vera e não de dona Ana ou dos avós, ou dos tios, ou de um criado qualquer. Surpreendidos numa atitude, transcorreram um pequeno intervalo de tempo antes que assumissem outra. Mesmo que não quisesse, Vera teria visto.

Ao momento de estupefação inicial, sucedeu outro, de absoluto constrangimento. Vera sentiu que tremores semelhantes aos de dias antes se apossavam do seu corpo, exatamente como se fosse ela a culpada e Sérgio e Reni a tivessem pilhado nas mais repreensível das posições. Imediatamente, dos seus olhos negros e grandes começaram a correr lágrimas e teve de se sentar na cadeira mais próxima.

Assustado, também ele trêmulo e sem voz, Sérgio correu para junto de Vera. Confusamente, pensava perceber o que a irmã sentia. Enquanto isso, já tendo recobrado a calma, agora irritada com a má surpresa, Reni passou por junto dos dois e saiu da sala sem dizer palavra, indiferente, superior, como se não tivesse desempenhado no episódio mais do que um papel de espectadora. Finda a cena, eis que se retirava, deixando aos intérpretes reais a liquidação das contas, fossem elas vaias ou aplausos.

Por um instante, Sérgio e Vera seguiram seu vulto pequeno e altivo. Instintivamente, um e outro se perguntaram: “Será que Reni acha que não tem nada com isso? Que não tem que dar satisfações? Que não há nada a explicar?...”. E no mesmo momento, como que tomada de um terrível pressentimento em relação à natureza da prima, Vera teve uma

crise de soluções no ombro de Sérgio.

Desorientado, todo o tempo pensando no que sucederia se alguém entrasse naquele momento e indagasse de Vera o motivo do seu choro, Sérgio tentou acalmá-la, murmurando a seu ouvido:

— Não há nada, meu bem. Nada do que você está pensando... Eu juro! Juro a você que não há! Vera sabia que havia. Sabia que aquelas palavras só tinham por função tranquilizá-la, evitando que continuasse a chorar. Possivelmente, o irmão temia que ela fosse falar, contar... Como se fosse uma delatora! Quis protestar, quis explicar o que a fazia chorar. Contudo, de sua boca saíam apenas palavras de lamúria:

— Sérgio! Sérgio!... Por seu lado, Sérgio só conseguia encontrar para convencê-la as mesmas frases do início:

— Eu juro a você que não houve nada. Juro! Juro por Deus como não há! Você não me acredita? Naturalmente, Vera não acreditava. Podia acreditar? Não vira com os próprios olhos os dois corpos colados, as bocas fundidas numa só, as mãos de um gulosamente segurando o corpo do outro? Precisava de mais algum testemunho? Sérgio podia ficar calado. Para que jurar em falso? E os encontros noturnos? Lembrando-se subitamente deles, Vera não se conteve. Por entre os soluços do choro, a pergunta aflorou:

— E de noite... no quarto?

— De noite, o quê?!

— De noite, no seu quarto... Você também vai jurar que Reni não vai lá?

— Como você sabe?!

— Eu ouço...

— Meu Deus, Vera!... Durante alguns segundos Sérgio não disse nem pensou nada, aterrado. Era como se o tivessem fulminado com uma condenação. Como ainda não pensara nisso? Como não soubera interpretar certos olhares de Vera, estranhos e por demais insistentes, sobretudo naqueles dois ou três últimos dias? E agora? Que fazer? Desorientado, esquecendo por completo a crise de choro de Vera e a possibilidade de alguém os encontrar ali, em plena conversa sobre aquele assunto, perguntou com voz de condenado:

— Só você sabe... ou mais alguém?

— Só eu! — respondeu logo Vera sem sequer se lembrar da existência de Padre Luís.

— E Clara?

— Acho que não.

— Acha, por quê?

— Porque não sei, Sérgio! A mim, não falou nada...

— E você, a ela?

— Já não disse que não?! A ninguém, eu garanto! Só então Vera se lembrou de Padre Luís. Hesitou alguns segundos, depois murmurou:

— Naturalmente, quando me confessei outro dia...

— Vera!... Foi com Padre Luís?

— Foi.

— Meu Deus! Ele não disse que já sabia? O espanto de Vera foi enorme, translúcido. Diante dele, Sérgio enfim se recordou de que, vinculado pelo segredo confessional, Padre Luís não podia ter contado nada. Mas, já Vera perguntara:

— Ele sabia de alguma coisa?

— Do que há realmente entre mim e Reni? Sabia.

— A mim, não disse nada.

— É claro, Vera. Segredo confessional... Sim, agora Vera compreendia. Desde o início da sua confissão, Padre Luís tinha ciência do que havia entre Reni e Sérgio. E não dissera nada. Exigira que falasse, falasse, representando não saber de nada, às vezes mesmo como se jamais fosse entender o que ela estava querendo dizer. Na hora, atribuíra tudo à repugnância, natural, instintiva. E era apenas disfarce. Então, também os padres fingiam? Nem eles podiam ser inteiramente sinceros? Que mundo! Que mundo! Em que miséria as pobres criaturas de Deus eram obrigadas a se debater!... De novo, sua crise de choro se intensificou. Sérgio a cercou novamente de carinhos, e não atinando com o motivo imediato daquela recaída, segredou:

— Eu juro, Vera, juro a você que o que você está imaginando, não existe.

— Sérgio! Serginho!...

— Por Deus, meu bem! Juro diante da Virgem, juro pela vida de mamãe, de vocês todas...

— Serginho, cala a boca!

— Eu juro, meu bem. Juro a você que não há nada... ainda. Você compreende? Compreende o que eu estou querendo dizer? Como Vera se mantivesse calada, sem forças para protestar de novo, mas ao mesmo tempo sem dar sinal de ter se convencido, Sérgio foi mais adiante em sua positivação:

— Eu sei, Vera, você pensa... você imagina que eu e Reni somos... como marido e mulher. Não é? Ainda não houve nada, eu juro!

— Você jura? — perguntou enfim Vera tocada pela sinceridade do tom do irmão.

— Quantas vezes já não jurei?! Pela Virgem, por tudo quanto há de mais sagrado! Escuta: quero que mamãe esteja morta nesse momento, lá em cima no quarto dela, se não for verdade!

— Serginho!...

— Nem assim você acredita?!

— Mas então... de noite, no quarto... Sérgio teve um movimento de impaciência e atalhou logo:

— Isso é outra coisa, Vera. Não vamos falar nisso!

— Vocês se gostam? — indagou Vera com toda a ingenuidade.

— E vamos nos casar! — replicou o outro com entusiasmo. Vera pensou alguns segundos, depois lembrou:

— Se o que há entre vocês não fosse errado, por que é que vocês iriam se esconder assim? Você não viu como Reni saiu da sala? Por que ela não explicou... como você está fazendo? Sérgio hesitou alguns instantes, constrangido. Depois, resolvendo desistir da meia sinceridade em que evoluíra até então, confessou:

— Meu bem, o que há entre nós, não é o que você imaginou... mas, por isso, não deixa de ser... pecado, coisa errada, impossível de ser feita às claras. Você compreendeu agora?

— Mas Serginho...

— Eu sei que nós não devíamos! Eu sei perfeitamente.

— Então?

— Então, é que não há outro jeito...

— Tem de haver. Vocês não podem continuar assim. É um horror! E se mamãe sabe, vê?

— Vera, por favor!...

- Serginho, vocês têm de pensar nisso! Reni também não acha?
- Reni?! Na pergunta de Sérgio havia mais protesto que surpresa. Vera, porém, já estava mais longe:
- Eu vou falar com ela.
- Por Deus, não!
- Não? Por quê?
- Porque não, Vera. Por Deus, não fala a ela, não fala a ninguém. Nem a Clara. Sim? Você promete?
- Se você acha que é melhor...
- Jura que não fala?
- Mas, Serginho...
- Jura?
- Juro, se você prometer que vai mudar... pelo menos acabar os encontros de noite...

— Vou pensar... vou ver... Escuta, você jura mesmo que não fala a ninguém? Vera mal teve tempo de dizer que jurava. Do fundo do corredor, a voz macia de Clara chamou por ela: dona Ana queria lhe mostrar o cretone que comprara para forrar os móveis do quarto de dormir dos velhos Vilar. Ainda fungando, gritou que não demoraria e foi correndo para o banheiro compor a fisionomia. Então, Sérgio se sentou na cadeira que a irmã ocupara e, segurando a cabeça entre as mãos, pôs-se a pensar, desorientadamente.

•

Durante todo o resto daquele dia, sobretudo depois do jantar, reinou intenso nervosismo em casa dos Vilar. Excetuadas três pessoas

— Sérgio, Reni e Vera —, ninguém sabia do que sucedera. No entanto, todos se sentiam sem jeito, contrariados, como se o mau humor dos três tivesse contagiado a família inteira. Depois do jantar, a chegada inesperada de uma visita descarregara um pouco o ambiente, tirando a atenção dos avós e de Ana Vilar da agitação dos meninos. Manuel acabara indo para a sala, enquanto Marcos preferira sair um pouco “para fazer a digestão”.

Todavia, o mal-estar existente só fizera se agravar. Antes do jantar, vendo-a com os olhos vermelhos, Clara perguntara a Vera o que havia. E como Vera insistisse em lhe sonegar a realidade, Clara se ressentira,

magoada pela falta de confiança. Parecia-lhe evidente que acontecera alguma coisa: bastava olhar para a vermelhidão dos olhos da irmã, para o semblante fechado de Reni ou atentar um momento no nervosismo de Sérgio. Nada daquilo era natural.

Tendo fracassado em sua tentativa junto a Vera, Clara ensaiara falar com Sérgio. “O que é que houve, que vocês estão todos assim?...”, indagara num momento em que tinham ficado os dois a sós. “Assim como? Não vejo nada...”, respondeu Sérgio incontinenti. Fora inútil prosseguir: para ele, não havia nada. Os olhos de Vera estavam perfeitamente normais, ele perfeitamente calmo e Reni também em seu estado habitual, sempre de sisudez e pouco riso. Clara se encolhera, suspeitara uma qualquer conspiração contra ela — motivada, naturalmente, pela sua falta de idade para saber das coisas... Ficara calada durante algum tempo. Depois, aborrecida com a situação, fora se trancar no quarto, sob pretexto de ler um pouco.

Reni não tardara a seguir seu exemplo. Desde a cena da tarde, evitava Sérgio, como se se sentisse proibida de falar-lhe ou lhe guardasse rancor pelo que acontecera. No olhar que de quando em quando lhe dirigia, sempre às escondidas, havia mesmo uma certa irritação que o rapaz não podia deixar de perceber, embora não a soubesse explicar. Acusava-o de alguma coisa? Atribuía-lhe qualquer parcela de responsabilidade no súbito aparecimento de Vera na sala de jantar, horas antes? Ou ficara de algum modo magoada com a conversa que ele e Vera tinham tido sem ela estar presente? Acaso suporia que tivessem falado mal dela? Ou teria adivinhado alguma coisa do muito em que pensara quando Vera saíra da sala, deixando-o só consigo mesmo? Estaria pressentindo o estado de espírito em que começava a cair, tudo o que vinha se passando nele desde que prometera a Vera renunciar à loucura daqueles encontros noturnos?... De qualquer forma, um fato era inegável: o ressentimento de que Reni se achava possuída visava-o e a ninguém mais além dele. Pois não se dirigira a Vera várias vezes durante o jantar, como se nada houvesse? Não falara normalmente com todos os outros? Só dele não tomara conhecimento, evitando encontrar seu olhar, fazendo mesmo como se não existisse ou não merecesse atenção. À noite, ou quando se encontrassem a sós, por certo tudo se resolveria, mas, no momento, era evidente que Reni estava zangada com ele, tendo deixado a saleta como quem sai brigada e não como quem está “com vontade de ler um pouco”... Com a saída, quase simultânea, de Clara e de Reni, Sérgio ficou só com Vera. Era, de tudo, o que mais gostaria de evitar naquela noite. Os fatos, porém, se tinham precipitado de tal modo que não lhe foi possível o menor gesto de defesa. E, muito menos, quando se viu só com a irmã, pois logo imediatamente ela se atirou nos seus braços numa nova crise de choro.

Era evidente: para suas forças, contivera-se demais durante aquele fim de tarde, aquele interminável jantar e aquele princípio de noite rico em mal-estar e ameaças vagas. O momento da conversa com Clara fora talvez o mais duro e não sabia a que santo atribuir a habilidade com que se defendera das perguntas solícitas da irmã. Por instantes, estivera à beira de lhe contar tudo. Sentia então que o alívio seria imenso e muito menor a responsabilidade futura. Resistira, pensando em Sérgio, na promessa que lhe fizera. Porventura tinha direito de quebrá-la? Não queria que também ele fosse fiel, cumprisse o combinado? Calara portanto, embora sentisse a carga a lhe pesar demais sobre os ombros, embora soubesse quanto e como seu silêncio estava ferindo Clara. Paciência! Mais tarde tudo se normalizaria e então ela poderia explicar... Tinham sido horas difíceis de passar, aquelas. Principalmente o jantar. Em vários momentos rezeira não poder reter mais o choro que lhe parecia estar vindo até os olhos, pronto a irromper ali mesmo. Rezara inúmeras Ave-Maria para atravessar a provação e, enfim, surgira a visita providencial. Mais adiante, fora se refugiar no quarto, mas, desde o primeiro instante, sentira que não ia aguentar o isolamento. Depois, o receio de que, Clara se afastando por um motivo qualquer, Sérgio e Reni ficassem novamente sós e pudessem recomeçar a se beijar, como à tarde, fizera com que voltasse logo, preferindo o constrangimento das presenças ao martírio da solidão povoada de temores e angústias.

Assim, quando Clara saiu, logo seguida de Reni (que, sem a prima presente, não se sentia garantida em relação a uma possível conversa desagradável e humilhante...), Vera não se conteve. Procurou logo Sérgio para abraçá-lo e pedir-lhe ainda uma vez que cumprisse sua promessa. Todavia, ao sentir seu constrangimento, o nervosismo do seu abraço ao mesmo tempo quente e medroso, amigo e incerto, promissor e dubio, desatou num choro franco, aparentemente incontrolável. Tinha feito o possível. Nem podiam exigir mais de quem não estava habituada a disfarçar seus sentimentos. Agora, só lhe restava desabafar, quem sabe chorar o necessário para poder aguentar um novo período de silêncio e dissimulação.

A crise não durou muito. Com o seu fim, Vera não resistiu a renovar o pedido de horas antes:

— Serginho, você me promete que não vai haver nada?

— Meu bem, eu já prometi! Por que você não acredita em mim?

— Eu tenho medo...

— Medo de que, Vera? Que tolice!

— Serginho, por favor!

— Sossega...

— Por favor! Eu quero dormir, Serginho! O tom de Vera era tão aflitivo que Sérgio sentiu as lágrimas vindo a seus olhos. Beijou a irmã com ternura, e tentou levar para o lado da brincadeira:

— Mas, dorme à vontade, meu bem!

— Não, Serginho. Eu não consigo...

— Consegue sim.

— Não adianta. Já tentei, já fiz tudo. É inútil. Fico pensando, pensando, vigiando, com medo... é um horror!

— Que tolice, meu bem! Sossega, não vai haver nada.

— Não adianta. Se eu souber que você e Reni vão se encontrar, já sei que não vou dormir...

— E minha promessa?

— Você jura que cumpre?

— Já não jurei? Quantas vezes vai ser preciso? Que diabo!... Vera pareceu mais tranquila e, realmente, o tom de Sérgio era de molde a inspirar confiança. Contudo, ainda insistiu:

— Como é que você vai fazer?

— Como é que eu vou fazer?...

— É. Reni já foi para o quarto. Você vai avisar a ela?

— Avisar o quê, Vera?

— Ora!... Avisar que não deve ir!

— Vera!

— Mas, Serginho...

— Meu bem, deixa isso comigo, sim? Eu sei como fazer...

— Eu queria ter certeza.

— Descansa. Eu já prometi. Basta. Vai dormir sem cuidado. Eu fecho a porta.

— À chave?

— Claro.

— E não abre, se ela bater?

— Vera! Vamos deixar essa conversa, sim? Confia em mim. Eu sei o melhor modo de resolver a dificuldade. Dorme descansada.

O tom era perfeitamente tranquilizador. Acalmada, quase confiante, Vera procurou um espelho para recompor a fisionomia. Devia estar de novo com o nariz e os olhos vermelhos. Clara já estava recolhida, amuada, mas tanto sua mãe como os avós podiam surgir a qualquer momento. E não convinha que recolhessem novas provas de que chorara. Se, à tarde, já fora difícil explicar a vermelhidão anormal dos olhos, agora, seria provavelmente impossível. O melhor talvez ainda fosse ir também para o quarto, evitando assim qualquer encontro inoportuno. Tanto mais quanto Sérgio declarara sua intenção de sair para dar uma volta e refrescar um pouco as ideias.

Momentos depois, Vera se fechava no quarto, enquanto Sérgio tomava o caminho da rua, disposto a não voltar para casa antes de ter decidido consigo mesmo a atitude a adotar naquela noite. Sabia bem o que prometera à irmã; quanto lhe era impossível, decentemente falando, faltar à palavra dada. Por outro lado, a ideia de que Reni, ao chegar à sua porta, fosse encontrá-la trancada, feria-o de tal modo que não sabia o que fazer, completamente desarvorado. Talvez o ar livre lhe facilitasse a descoberta de uma solução satisfatória...

•

Umás duas horas depois, quando voltou para casa, ainda nada tinha resolvido. Fora até a cidade, entrara num cinema, tentara prestar atenção ao filme, já começado há algum tempo. Levantara-se logo, sem nem sequer saber de que tratava. Tinha o pensamento em outra coisa. Não conseguia desviá-lo, interessar-se por futilidade daquela espécie.

De mais a mais, sentia-se com remorsos por ter saído de casa. De certo modo, fugira. Evitara o ambiente carregado, o perigo de possíveis conversas desagradáveis. Fora embora, como se tudo estivesse resolvido. No entanto, se Vera tivesse uma nova crise de choro? Ou se resolvesse procurar Reni para fazer-lhe pedido idêntico ao que lhe fizera? Ou se, sem saber de nada, impelida pela curiosidade, Clara entrasse novamente em cena? E se Reni precisasse de seu auxílio?... Sim, não devia ter saído. Fora covardia sua, precipitação talvez. Devia ter ficado, vigiando, criando obstáculos a qualquer conversa indesejável. Depois então, quando todos estivessem acomodados, poderia pensar em dar passeios, em tomar ares... Inútil raciocinar sobre tudo aquilo — pensara Sérgio ao deixar o cinema. Não só era um fato consumado, como sabia bem que força alguma teria conseguido detê-lo quando, depois da segunda

conversa com Vera, sentira necessidade de refletir em liberdade sobre a situação. Na melhor hipótese, teria ido se trancar no quarto, sua presença não se tornando assim de nenhuma utilidade.

De novo na rua, andando ao acaso, refletira muito tempo. Ao voltar para casa, perseguiu-o ainda o mesmo dilema de horas antes: não tinha forças para resistir a Reni — não queria faltar à palavra dada a Vera. E, ora uma solução ora outra triunfavam no seu espírito atormentado e confuso.

No momento, sentia-se profundamente irritado contra Reni, contra a vida de sordidez e dissimulação que o forçava a levar. Não compreendia a dubiedade de sua atitude em casa. Nem sabia como explicar sua zanga em relação a ele, em consequência de Vera os ter surpreendido. Por que aqueles mal-entendidos? E por que aquela dissimulação, aquele mistério? Não seria preferível confessar o sentimento que os unia, estabelecer relações às claras em vez daqueles encontros clandestinos, perigosíssimos, loucos? A reação de Vera o impressionara além de todos os limites. Fora um aviso que felizmente viera a tempo. Reni podia não querer compreendê-lo, mas era preciso que ele, pelo menos, lhe desse atenção. Do contrário, onde iriam parar? Depois do que sucedera, era evidente que aquele segredo não poderia ser guardado por muito tempo. Mesmo que, por um verdadeiro milagre, a irmã não se traísse numa crise de choro ou numa palavra, num olhar, cedo ou tarde Clara, Marcos ou Manuel descobririam por si o que havia. Isso, se já não o tivessem feito. Quem podia garantir que não? Os tios, era provável, quase certo que ainda não. Teriam vindo falar com ele, teriam exigido que pusesse logo um fim àquela aventura. Mas, e Clara?... Não era preciso, porém, esse novo perigo para explicar seu estado de espírito. Não bastava Vera, a crise por que estava passando, o desalento em que ficara? Ainda era uma menina e ele sabia que, apesar da relativa liberdade de que ela e Clara gozavam, muito pouco conheciam da vida tal qual a vida era realmente. Ele que privava com outras meninas, ele que tinha, agora, contato tão estreito com Reni, podia afirmar em perfeito conhecimento de causa: da realidade, pouco ou muito pouco sabiam.

Assim — pensava Sérgio — o choque tremendo pelo qual Vera passara e que exteriorizara sem disfarce, era integralmente sincero. E fora tão mais grave quanto ninguém podia dizer até que extremos a reação provocada ia levá-la. Delicada e sensível, podia adoecer. Ou, pelo menos, passando noites em claro, em vigília e naquela expectativa angustiante, não era nada de mais que emagrecesse a olhos vistos, preocupando todos, levando-os a descobrir paulatinamente a causa de tão súbito e inexplicável mal.

Além disso, não lhe parecia justo fazê-la sofrer daquele modo. Não chegava a justificar seu cuidado, tanta inquietação: seria muito preferível que não se metesse tanto na sua vida e na de Reni. Entretanto, já que inelutavelmente o fazia, não podia deixar de ser sensível ao seu sofrimento. Sempre se preocupara especialmente com ele, Sérgio. Clara, apesar de muito amiga, era menos meiga, mais egoísta. Gostava de se divertir com suas coisas, namoros, escapadas noturnas, reprovações, encrências que acaso houvesse, mas deixava a Vera o encargo de se preocupar com elas... Ora, Vera sofria com o que tão desgraçadamente descobrira. Conhecia-a bastante para não ter a menor dúvida a esse respeito. E podia assegurar: se não se tratasse de Reni, daquela aventura especial, teria tomado imediatamente todas as medidas para acabar de uma vez com aquilo, tranquilizando inteiramente a irmã.

Prometera, sim. Jurara, empenhara a palavra. Apenas, fora para sossegar-lhe momentaneamente, reservando-se o direito de fixar mais tarde sua verdadeira atitude. Porque, por maior que fosse seu desejo de fazer cessar logo aquele tormento, sabia o que representava para ele renunciar a Reni naquele momento. Poderia, mesmo que o quisesse, mesmo que se decidisse a fazê-lo? Não equivaleria a uma perfeita morte? Poderia se afastar, deixá-la querendo-o e jurar-lhe que não a queria mais? Era o certo, era muito bonito, muito nobre. A questão consistia em saber se era possível, se não equivalia a um vão sonhar de pessoa acordada...

•

A madrugada e os primeiros raios do novo sol encontraram Sérgio num estado de espírito já bem diferente. A onda que o iria arrastar durante aquelas horas para só declinar com o fim do dia, quando estivesse de novo na cama, ainda não tinha atingido o seu momento culminante, mas já era possível prever os extremos a que chegaria.

Um fato dominou todo o transcorrer dessa tremenda vigília. Ocultá-lo só faria deturpar o sentido essencial dos acontecimentos posteriores, já agora tão decisivos para o destino, não só de Sérgio e de Reni, mas também da família Vilar. Nessa noite, Reni não foi ao quarto de Sérgio... Se tivesse ido, teria encontrado a porta aberta como de costume? É difícil, é quase impossível afirmar categoricamente. De certo momento em diante, é inegável que a porta estava trancada. Mas é inegável, também, que já então Sérgio não podia esperar pela sua visita, a hora habitual estando ultrapassada de muito. Do período normal, porém, que dizer? Como responder à pergunta, se várias vezes Sérgio tinha se levantado da cama, ora para trancar, ora para abrir a porta? Assim tomava uma decisão e a punha em execução, logo se arrependia, correndo a reparar o “crime” de momentos antes.

Sentia-se um campo aberto onde todos mandavam, onde forças opostas se combatiam. Ora era Reni quem triunfava, ora era Vera, e, com ela, seus próprios escrúpulos. Se trancava a porta, estava ofendendo Reni, estava desprezando seu amor. Se corria a abri-la, logo pensava que estava traindo a confiança de Vera, sua própria palavra, tudo quanto havia de mais sagrado na terra.

Nessa angústia sem fim e sem descanso, atravessou a madrugada. Mas eis que, com a certeza de que Reni não viria (precaução ou zanga, pouco importava...), tudo quanto existia nele trabalhando contra a prima foi aflorando, lenta e seguramente: onda após onda, como se aquele momento tivesse sido longamente preparado e não pudesse deixar de vir.

Agora, a porta estava trancada. Reni podia vir, bater quanto quisesse. Não seria ele a abrir. Nem a inventar desculpas no dia seguinte. Fora muito bom que não tivesse vindo. Não importando mais o motivo. Facilitara. Evitara explicações difíceis. Porque, mesmo que, encontrando a porta aberta, tivesse entrado, não teria ficado por muito tempo. Só o suficiente para a imprescindível explicação. Entre eles, nada haveria naquela noite. Não prometera a Vera? Acaso era pessoa de faltar à sua palavra? Vera tinha razão, toda a razão. Aqueles encontros noturnos precisavam acabar. Reni devia concordar. Ou então, não gostava dele, não queria se casar com ele. Aquilo era absurdo, um contrassenso — o caminho de uma calamidade. Ali na própria casa em que viviam, junto de dona Ana, junto das meninas, junto dos avós? Era incrível! Só mesmo sua inconsciência de rapazola podia aceitar que essa situação miserável se arrastasse por tanto tempo. Mas, e Reni? Como explicar sua atitude? Obstinação? Insensibilidade? Pura teimosia? Ausência completa do senso moral? Durante os minutos que correram então, Reni sofreu, por parte de Sérgio, os mais tremendos e desapiedados ataques. Justos ou injustos, merecidos ou mesquinhos — não importa. Só os que não conhecem o ondular descontrolado e inconsequente da paixão contrariada ou combatida por forças que ainda não renunciaram ao direito de falar alto, poderão estranhar os movimentos de Sérgio. Não me parecem nem mesmo merecer a atenção de um acompanhamento mais minucioso. Lembrarei apenas que caminhou muito, e muito rapidamente, na obra de destruição momentânea do que Reni representava para ele. Tão brusca e violentamente mesmo que os primeiros raios do novo dia o encontraram firmemente resolvido a ter com a prima uma explicação decisiva. Sucedesse o que sucedesse. Tudo seria preferível à prolongação daquele estado de coisas. Tudo, tudo, até mesmo um possível rompimento.

As primeiras palavras de Reni tiraram a Sérgio qualquer ilusão sobre a possibilidade de um entendimento. Encontrara-o só pouco antes do almoço, na varanda da frente de casa e tentara rapidamente narrar as duas conversas com Vera, na véspera.

Reni percebera logo o drama de consciência do primo. Aliás, isso só fazia confirmar suas suspeitas do dia anterior. De péssimo humor, ouvira tudo em silêncio para perguntar secamente no fim, como se aquilo não a interessasse além de um certo limite:

— E você, que resolveu?

— Eu... não resolvi nada — balbuciou Sérgio atônito.

— Não, eu quero saber a quem você vai preferir, a mim... ou a ela?

— Mas, Reni...

— Sérgio, resolve logo.

— Não se trata disso, em absoluto! O que é que eu vou resolver? Vera nada me impôs. Além disso, você está acima de tudo... Sem perceber que falavam nele forças muito mais fortes do que acreditava que existissem pelo mundo afora, Sérgio se sentiu falso, hipócrita. Não levara tanto tempo, antes de dormir, acusando Reni, descobrindo-lhe mil defeitos? Não decidira tratá-la de um modo diferente daquele? Como é que estava cedendo, capitulando?... Reni não lhe deu muito tempo para refletir sobre sua inconsequência.

Sentenciou logo:

— Pois então, diz a Vera ou faz com que ela compreenda. Se você quer continuar, tem de ser, naturalmente, como antes.

— Mas, Reni...

— Resolve. Decide logo.

— E Vera?

— Convince ela. Isso, é com você. Eu, por mim, só vou ter uma atitude: ignoro tudo. Se ela falar, não sei a que está se referindo. O que ela “viu”, o que “ouviu”, sonhou. E pronto. Agora, você, é diferente. Faz como quiser.

— Eu posso fazer de outro modo?

— Sei lá! Vocês! As coisas, os escrúpulos, as carolices de vocês!... Sei lá! Vai perguntar a um padre qualquer! Por que você não procura Padre

Luís? O tom de Reni era inacreditavelmente sarcástico. Sérgio se percebeu irritado, mas conseguiu não perder a calma. Tentou conjurar a tempestade:

— Vamos deixar de brincadeira? O que tem uma coisa a ver com a outra? Vamos ao que importa.

— O que importa, já é sabido. Se interessar a você...

— Claro que me interessa!

— Então...

— Não é isso, Reni! Então você não compreende?

— Que é que você quer, Sérgio? Que eu vá falar com Vera? Pedir desculpas? Prometer que vou me confessar e não recomeçar nunca mais?...

— Não é isso!

— Isso é bom para hipócritas como vocês!

— Vocês, por quê? — interpelou Sérgio com raiva

— Não sei o que é que Vera...

— Eu não quis me referir a ela em especial — interrompeu Reni com firmeza.

— Disse “vocês” me referindo a você e a outros beatos de igreja.

— Reni!

— É sim. Uns carolas e, ainda por cima, uns covardes!

— Covarde por quê? Não vejo em quê!

— Naturalmente que não vê! Você deve mesmo achar muito natural recuar... agora... só porque Vera nos surpreendeu e está nervosa, com escrúpulos de anjinho ofendido no seu pudor...

— Que diabo, Reni, vamos deixar Vera em paz, sim?...

— Se você quiser. Claro que não falo mais nisso! Não me interessa. Você, aliás, escolheu bem. Vera é uma boa menina, não merece ser contrariada em seus caprichos...

— Capricho!

— Então, que é?

— Ora, Reni! Nem vale a pena explicar. Agora começo a compreender que você é incapaz de entender!... Havia tanto desdém no tom de Sérgio

que Reni teve um recuo, como se receasse uma possível agressão. Cerrou os dentes, fechou os dedos das mãos como se fosse dar socos, sentiu a vista meio turva, quis cuspir no chão para mostrar seu desprezo. Contudo, não extravasou a raiva. Consigo mesma, pensou que Sérgio iria pagar caro aquele acesso de medo que revestia agora o aspecto gritante de movimento de coragem e destempero. E limitou-se a repetir:

— Escolha. Tem até de noite para pensar. Se a porta estiver trancada, eu compreendo...

— Não é preciso ir verificar — atalhou Sérgio, ainda fora de si.

— Por mais que eu quisesse, não seria mesmo possível continuar com uma loucura dessas... Vera sabendo!

— Vera não levou sabendo tantos dias... caladinha?!

— Agora é diferente, Reni!

— Covarde!

— Como você quiser chamar... De dentro de casa, a voz de Vera, chamando por Clara, veio até a varanda como uma aviso: “Cuidado, Sérgio e Reni! Olhem que eu estou vindo em direção a vocês”. Ambos ficaram calados, esperando. Vera surgiu, lançou um olhar rápido e perscrutador sobre eles e depois, sem jeito, perguntou:

— Clara não está aí?

— Não — certificou Reni com naturalidade, apesar de não haver a menor necessidade de uma resposta.

— É para o almoço. Está na hora — acrescentou Vera como se o aviso se destinasse apenas a Clara.

Sérgio pensou: “A situação está se tornando absolutamente insuportável.

É preciso fazer qualquer coisa, hoje mesmo”.

— Então vamos entrar que eu estou com fome — declarou Reni com desenvoltura.

— Também eu! — exclamou Vera para não ficar calada.

As duas meninas entraram logo. Sérgio ficou alguns momentos imóvel, demorando antes de acompanhá-las, exatamente como se não quisesse ser visto junto com elas. Todavia, apesar desses instantes terem sido muito poucos, foram suficientes para que tomasse uma decisão que considerava da maior importância e que na realidade iria ter as mais

graves consequências para sua vida: naquela tarde mesmo, procuraria Padre Luís...

•

— Meu filho — disse Padre Luís depois de ter ouvido atentamente tudo o que Sérgio lhe relatou —, muitas vezes coisas como essa sucedem em nossa existência de aparentes desamparados e não somos bastante gratos para saber agradecer a Deus suficientemente: quando tudo parece perdido e as forças do mal já começam a entoar seus hinos de vitória, surge um incidente, de aspecto talvez insignificante, mas, na realidade, tão transcendentalmente importante que logo tudo se transforma e os acontecimentos à nossa volta passam a obedecer a um ritmo completamente diferente. Da noite para o dia, a derrota se transmuda em vitória; o glorioso hino do mal, numa irreconhecível cacofonia. Esse incidente inesperado, você o conhece melhor que ninguém, mas é preciso que medite bem nele: agindo aparentemente ao acaso, sua irmã surpreende a cena a que você se referiu. Não “sucedeu” mais nada, além disso. O fato em si, para o juízo comum e para o bom senso, foi muito pouca coisa, um quase nada... Na verdade, porém, foi muito, foi provavelmente justo aquilo de que você necessitava para o desencadeamento da reação salutar. Bastou isso, bastou o choro sincero e incoercível de uma menina ainda não tocada pela maldade e pela corrupção do mundo. E você, no íntimo da sua alma, não resistiu à força dessa ingenuidade, dessa pureza verdadeiramente cristã, evangélica, do ser que em vez de “julgar” e se pôr a imprecisar contra o pecado, só sabe chorar, participar irmãmente da miséria infinita da criatura que se abandona ao mal. Sim, “sucedeu” isso, apenas isso! E isso se deu com você que, ontem, antes do acontecimento ter tido lugar, provavelmente nem podia admitir a possibilidade de uma reviravolta dessas. Com você, Sérgio, que estava certo, absolutamente certo de que sua fraqueza não lhe permitia nem mesmo pensar em reagir contra a atração do mundo de pecado que o empolgava!... Padre Luís falara com entusiasmo, sem se deter nem uma só vez. Sérgio o ouviu em silêncio, na atitude do mais profundo respeito. Com muita coisa ainda não concordava. Parecia-lhe que o padre ia depressa demais, fazendo ressoar clarins de vitória ali onde havia apenas dúvidas e hesitações, vontade ou, quem sabe, simples veleidade de fazer as ações andarem de par com a consciência. Não obstante, o movimento geral da apóstrofe de Padre Luís tocou-lhe fundo no coração.

Não escondeu, contudo, seus receios. Não viera comunicar uma vitória, apenas pedir-lhe conselhos e, sobretudo, reforços para a luta a

ser travada. Não estaria em seu alcance auxiliá-lo de um modo efetivo, concludente? Sorrindo a essa ideia, Padre Luís indagou:

— A que “reforços” você quer se referir, meu filho?

— Não sei, padre. Forças novas, diferentes de outras que já falharam. Forças reais... forças contra as quais não prevaleçam essas seduções diante das quais vim sucumbindo nesses últimos tempos.

Ainda que mais discretamente, Padre Luís tornou a sorrir, lembrando-se de Ivo, de Antônio, de outros. Ao certo, que estaria Sérgio querendo dizer? Aludia a que forças? Que forças “novas”, “diferentes”, “reais” podiam existir em relação a um caso como aquele? Logo de início, pensou em dissuadi-lo daquela possibilidade. Ocorreu-lhe, porém, a lembrança de que, com isso, poderia tirar as esperanças do rapaz, ferindo-o de morte em seu impulso de revolta e libertação. Não seria pior? Pensou alguns momentos, procurando uma fórmula hábil e, por fim, tomando fôlego, lançou-se numa nova pequena alocução:

— Meu filho, você deve considerar que a súbita e estranha intervenção de sua irmã, com os efeitos salutareos que teve sobre suas disposições, representa um evidente sinal dos céus. Uma nova fase se abre em sua vida. Um caminho se desenha diante dos seus olhos que você não pode deixar de seguir sem pecar gravemente contra a misericórdia de Deus. Ora, que sentido teria esse sinal, se não existissem em você possibilidades de atender às suas exigências? Se você quiser chamar a isso de “forças novas”, chame. Por mim, prefiro acreditar que essas forças sempre existiram em você, apenas adormecidas, paralisadas. Há um esforço da nossa vontade que é indispensável. Sempre. Sempre. E é a essa participação que você agora está obrigado a recorrer. O impulso inicial, necessário, imprescindível — antes julgado impossível por você —, está dado. Sem querer, sua irmã o desencadeou. As energias adormecidas foram postas em movimento. O sangue jorrou: sangue quente, sangue cristão... Prossiga. E cada vez com mais coragem. Pouco a pouco suas forças, ainda encarquilhadas e hesitantes, irão se organizando. Nada o deterá, nada o poderá deter nesse caminho de regeneração. Naturalmente, tudo isto se fará com luta, à custa de um grande esforço. Só se sai de um pântano batalhando, cooperando, aceitando a mão estendida dos que estão de fora procurando nos ajudar. Porque, nesse terreno, não basta ser corajoso. É preciso, também, ser resistente e até mesmo, sob certos pontos de vista, egoísta, cruel. Só existindo um caminho, cumpre ter energia, intrepidez para enfrentar a realidade. Talvez seja um pouco inumano, e em nada poético, mas, afinal, é da salvação de sua alma que se trata. Não há como hesitar. Muitos sacrifícios se farão necessários. Muitas vezes será preciso fechar os olhos e os ouvidos, cerrar os punhos, agarrar-se firmemente ao solo,

fazer calar o coração, tornar-se aparentemente injusto. Apenas, esse sendo o único caminho, nada o deverá deter. Nenhuma consideração, nada, nada!

•

Momentos depois, de joelhos num dos bancos da Capela e já rezada a penitência recebida, Sérgio ainda tem nos ouvidos as palavras de Padre Luís. Poderá esquecê-las algum dia? Não estão gravadas a fogo em sua mente? Um imenso alívio sucedeu à absolvição. Aos poucos, porém, a angústia de ter de resolver em definitivo sua situação foi se apoderando dele. De fato, se seu propósito era um só, romper com Reni, por que ainda hesitava, sentindo o coração pesado à simples ideia de que devia voltar para casa? E, como seria mais fácil se pudesse permanecer ali naquela igreja, indefinidamente! Como preferiria não ter de agir, de solucionar coisa alguma!... Não sabia por onde começar. Não queria nem mesmo ter de pensar naquilo. Estava desorientado e percebia que, aos poucos, a força das palavras de Padre Luís ia desaparecendo. Já não considerava sua decisão tão inabalável como quando saíra do confessionário. Não é que não continuasse disposto a romper com Reni. Apenas, não sabia como fazê-lo, como aceitar em seu sangue e em seu corpo rebelde, o que o espírito já aceitara. A todo momento indagava se iria ter coragem para fazer o que prometera. E cismava: iria mesmo transformar a rusga daquele dia numa briga definitiva, irrevogável? Mais adiante, já tudo vacilava. Sérgio, porém, não queria voltar atrás. Tinha de romper. Urgia se afastar de Reni, sob pena de mil desgraças, não só para ele, para sua alma, com também para Reni, infeliz pecadora que se atravessara no seu caminho. Precisava tentar salvá-la, redimi-la agora que seus destinos estavam tão intimamente ligados. Como Padre Luís tão bem lhe dissera, era necessário separar os corpos para evitar que as almas morressem.

Como conseguir esse verdadeiro milagre — eis o que Sérgio não sabe. Por mais que procure agora, não encontra caminho. Tudo se barafundou ante ele. Onde as forças, novas ou velhas, que o levem para a frente? Onde a coragem para os gestos imprescindíveis? Está de joelhos, meditando, mas seu temor é imenso e pensa em sair correndo dali. Pensa em fugir para muito longe, pensa em nunca mais tornar a ver Reni ou Padre Luís — indiferentemente. Que fazer? Longe de Reni, no silêncio da Capela logo após a confissão, é capaz de tudo. Junto de Reni, à noite, ou mesmo de tarde, será alguma coisa mais do que um pobre escravo? Reni fará dele o que bem entender. Será só chamá-lo, fazer-lhe o mais imperceptível dos sinais. Virá logo, virá correndo, virá esquecendo tudo o que prometeu, tudo o que a uns e a outros jurou fazer, à irmã em pranto, nervosa, insone, exacerbada, e ao padre que confiou em suas

queixas, no grito de piedade e socorro que lançou diante dele. Virá de joelhos, pedindo perdão, beijando o rastro que tiver deixado no caminho. Virá renegando, virá escravo, como era, como nunca poderá deixar de ser... A reação a esse reconhecimento das realidades fundamentais de sua natureza, leva-o, pouco adiante, a extremos opostos de indignação e imprecação contra Reni e contra o estado de sujeição e fraqueza a que o trouxe. E de novo hesita, e de novo se apavora, e de novo confessa sua escravidão, e de novo reage, e de novo luta em pensamentos, e de novo embala mil intenções diversas. Apesar do adiantado da hora, não sabe o que vai fazer quando sair dali e tiver de tomar uma direção única. Só sabe que Reni é a culpada de tudo aquilo. Tudo veio dela, tudo se resume nela. Sem ela, sua vida seria tranquila, normal. Por que Reni no seu caminho, antes tão calmo? Por que aquela pequena e terrível Reni? Fantasma, enigma, demônio, sabe lá o que ela é!... Sabe é que lhe tirou o sono, a vida, a tranquilidade das horas e dos dias. Sabe é que transformou sua existência num inferno. Sabe é que melhor seria que jamais tivesse existido.

De joelhos, completamente desarvorado, pede então a Deus que arranje uma forma qualquer de afastar Reni de seu caminho. Já não pode mais suportá-la, já é excessivo para sua capacidade de resistir. Por que não o deixa em paz? Por que não se agrada de outro? Por que não faz o que bem entender, menos persegui-lo? Por que não morre?... O choque é violento demais. De um salto, Sérgio se ergue como se um ferro em brasa o tivesse tocado. Morrer? Reni morrer?! A pobre, e já tão doentinha Reni, cujos dias devem estar contados num livro à parte — o dos que não têm o bilhete completo, o dos que ficam no meio do caminho? Deus metido naquilo, Deus afastar Reni àquele preço? Padre Luís não pode ter querido se referir a isso, quando lhe recomendou que não se deixasse deter por nada desse mundo, nenhuma consideração! Aquilo não fora nem mesmo um desejo de louco. Fora uma imprecação, uma blasfêmia, um crime! Nem deve tornar a pensar naquela monstruosidade, dita ao acaso, sem ter sido sentida nem querida! Sérgio está em pé na igreja, frente ao altar, vibrante de indignação e protesto. E, de repente sente medo, muito medo, um medo atroz que o faz sair da Capela quase correndo e sem olhar para trás como uma criança que corre no escuro receando um possível perseguidor...

•

Nesse momento, justo nesse instante, Padre Luís está no seu quarto, de joelhos, rezando pelo menino desnorreado que deixou há pouco na Capela. Viu-o chegar, indeciso, viu-o se emocionar, perder a voz, curvar-se ante a verdade de suas palavras, contrito, pronto para a regeneração. Viu-o ajoelhado, rezando em pleno movimento de redenção, de fuga, de

arrependimento total. Como tudo isso aconteceu, não sabe. Foi inesperada a vinda de Sérgio — foi como uma resposta ao seu apelo a Deus... “Pedi e recebereis”... Teria se dado com Sérgio o mesmo que a Sílvia Iberê, dias antes? Sílvia... Sílvia... Os anjos de pedra estavam despertando?... Mas Sérgio, que iria ele fazer, agora? Teria forças, teria coragem para prosseguir? Na Capela, tudo se passara admiravelmente. Fora, porém, como seria? Então, também de repente como sucedera a Sérgio, Padre Luís sente medo. E estremece violentamente como se alguma coisa o advertisse do que está na iminência de acontecer. É quase noite e a janela está aberta sob o céu nublado e triste. Uma rajada de vento entra, percorre o quarto em imprevisíveis direções — dir-se-ia que à procura de alguém... Padre Luís torna a estremeecer e, durante alguns segundos, tem a impressão de estar ouvindo uma risada muito forte de alguém que não conhece. Depois, como se aquele quarto fosse muito pequeno para abrigar duas presenças a um só tempo, sai precipitadamente, batendo a porta com estrépito. E, como esteja chegando ao fim do corredor, depara com Padre Martinho que o fita com estranheza. Antes que o reitor indague o que se passa com ele, já está perguntando, como alguém que conclui uma conversa iniciada antes:

— Padre, padre, onde *não encontrar* o demônio?

— Longe do mundo — responde o reitor sem vacilar, como se adivinhasse a natureza da crise que acaba de atravessar aquela alma perseguida.

V

ão foi necessário a Sérgio tornara ver Reni, ouvir-lhe avozintencionalmente zangada, contemplar-lhe o corpo pequeno — agora esquivo, mas transbordante de secretas promessas —, nem mesmo precisou chegar ao seu quarto e estabelecer de novo contato com o ambiente impregnado de recordações recentes, para reconhecer a precariedade do movimento que o fizera querer se afastar e romper com Reni. A meio caminho, já começava a constatar: por mais intensa que tivesse sido, sua revolta não passava de um episódio. Não tinha fundamentos sólidos, ou, pelo menos, suficientemente sólidos para arrastá-lo todo inteiro consigo.

Não que tivesse sido insincero. Agira segundo o impulso real de seu

coração. E caminhara quanto pudera. Bastara, porém, uma palavra excessiva, um desejo iníquo, (pronunciado pelos lábios muito mais do que formulado pelo coração) e caíra em si, reconhecendo depois gradativamente o absurdo do plano que se traçara. Onde o levaria aquela resolução? Algum dia seria capaz de uma tão grande transformação? E para quê? E por quê? A verdade era que gostava de Reni. Podia julgar mal sua conduta. Podia, em momentos de raiva, acusá-la de mil coisas feias. Podia ter vontade de espancá-la em certos instantes, sobretudo quando timbrava em insultá-lo, em ridicularizá-lo, chamando-o de covarde e de carola. Podia levar mais longe sua raiva e, em plena crise de arrependimento, ainda dominado pelas palavras envolventes de Padre Luís, desejar-lhe mal, pedindo até mesmo que desaparecesse. Mas, tudo isso, que provava? Que provava, senão a existência nele de um sentimento violento e irrefreável, a que não havia outro nome a aplicar a não ser o de amor, o de paixão? Assim — pensava Sérgio horas depois —, toda aquela reviravolta iniciada na véspera, só tinha feito tornar mais evidente sua prisão a Reni. O jantar acabara há pouco e a família se deixara ficar na varanda, apreciando a noite de luar que sucedera a um dia nublado, cheio de chuviscos. Seus tios tinham saído juntos e os avós pouco tempo demoraram, alegando que a noite estava fria e, de certo modo, úmida. Dona Ana sorrira, Clara protestara contra a mania dos dois velhos de descobrir sempre umidade no ar e a conversa caíra num dos mil assuntos usuais.

Deixara-se ficar de pé, encostado à balaustrada, olhando para o grupo que se formara no sofá e nas duas cadeiras de vime que o ladeavam. Na verdade, só fixava Reni que, sentada ao lado de Ana Vilar, no sofá, tinha os olhos dirigidos para o alto, para a lua, como se procurasse por lá a solução de um enigma qualquer. Do outro lado de dona Ana, Clara falava, falava, incansavelmente. Parecia radiante, feliz. Numa das cadeiras, um pouco afastada do grupo, Vera cismava, bastante alheia à conversa. Pensaria no namorado? Que espécie de intimidade teriam?... Para Sérgio, tudo aquilo se assemelhava a um sonho: aquele ambiente de paz e sossego, aquele luar tranquilo e frio, e dentro dele, e dentro de Reni provavelmente, todo aquele tumulto, aquela paixão prestes a irromper, prestes a transtornar o equilíbrio existente. Que significava aquele instante? Apenas um momento de descanso antes de ter início o drama em marcha? Do que ia realmente acontecer, posso assegurar, Sérgio não fazia a menor ideia naquele segundo de meditação quase feliz. Foi-lhe poupada, pelo menos, a intuição do desastre que não tardaria a sobrevir, arruinando a felicidade de tantas pessoas. No entanto, se nenhum mau pressentimento o perturbava, possuía-o a certeza de que, bem cedo, uma modificação profunda teria de se operar nas relações daquelas pessoas ali presentes.

Já então não lhe restava a menor dúvida de que faria as pazes com Reni. Depois da explicação cabal que esperava apresentar, não lhe poderia guardar rancor pelo sucedido. Quanto a ele — por que não confessar? —, não podia mais viver sem a prima. Bastava olhá-la, bastava ouvi-la falar, para compreender quanto a existência sem ela era vazia, completamente despida de interesse. Fora um legítimo acesso de loucura o que tivera prometendo a Vera, garantindo a Padre Luís que se afastaria de Reni. As palavras com que respondera a esta última, na discussão daquela manhã, gostaria de poder engoli-las uma por uma.

Tudo voltaria, porém, à normalidade. O mais difícil seria tranquilizar Vera, conseguir sua cumplicidade. Boa e amiga como era, não poderia faltar à promessa de não dizer nada a ninguém. O problema consistia em saber se conseguiria se conter, se teria forças para guardar o segredo. Quanto ao resto, com um pouquinho de habilidade e, também, de boa vontade por parte de Reni, tudo acabaria se arranjando... Ficar sem Reni, é que não era possível. Precisava dela, do seu carinho. Tinha de possuí-la como mulher. Aquele corpo delicado que ali estava na sombra, encolhido, disfarçado ao lado do vulto matronal de dona Ana e das aparências exuberantes de Clara e de Vera, era um corpo de mulher e era seu, por direito, por escolha. A ele, jamais renunciaria. Antes o escândalo em casa, antes o rompimento com todos. Antes mesmo a condenação eterna. Tudo, menos aquela privação. Já foi bastante louco, admitindo durante alguns quartos de hora essa possibilidade. Agora que estava de volta daquela absurda viagem pelas regiões do irreal e do fictício, podia jurar: entre ele e Reni ninguém mais se interporia. E desafiava os céus: ninguém, nem mesmo a morte...

•

Somente no dia seguinte, naquele fatídico 13 de agosto que ficaria indelevelmente marcado na memória da família Vilar, Sérgio conseguiu falar com Reni, os dois a sós. Antes, porém, tivera com Vera uma conversa que o afligira muito, deixando-o mesmo, em certos momentos, completamente desorientado.

Acordara relativamente cedo, descansado. Depois de várias noites mal dormidas, o sono não custara a chegar e viera denso, prolongado. Levantara sem esforço, ansioso por encontrar Reni. Apanhara uns pontos de direito comercial, de que tinha uma prova à tarde, e fora rodar pela casa, a ver se a prima já saíra do quarto.

Sentado numa poltrona da pequena saleta do andar superior, ficou lendo um pouco, até que dona Ana apareceu. Surpresa por ver o filho acordado àquela hora, perguntou o que havia. Sérgio riu, explicou que

tinha prova parcial à tarde e continuou à espera. O movimento em casa aumentou, Leopoldo Vilar saiu do quarto, fez-lhe a mesma pergunta que a nora. Depois, Clara e Vera vieram até ele, brincando a propósito da sua “madrugada” e da “incrível ideia” de estar estudando para fazer prova... Sérgio riu, notou que todos pareciam de especial bom humor naquele dia e continuou sem se mexer, com os olhos vagamente percorrendo os pontos que tinha diante de si e mais irritado do que nunca com a aridez e a falta de interesse das matérias de que era obrigado a prestar exame. Só inutilidades! Nada daquilo importava. Nada ficava retido na memória. Páginas e mais páginas a ler, a aprender quase de cor. E Reni não aparecia... Antes da prima sair do quarto, Vera aproveitou um momento em que Clara estava tomando banho e se acercou de Sérgio. Revelava estar bastante atrapalhada, querendo falar sem ter coragem para isso. Ora, nada podia ser mais desagradável a Sérgio do que uma conversa com Vera naquele momento. No entanto, como era quase impossível evitá-la, preferiu ficar esperando, confiante em que um acaso qualquer viesse salvá-lo.

Parada diante de Sérgio, Vera hesitou algum tempo. Depois, como se aquilo não tivesse a menor relação com ele, declarou em tom de displicência afetada:

— Há muito tempo que eu não durmo tão bem como essa noite...

— Foi? — indagou Sérgio levantando os olhos com rapidez e sem poder esconder a contrariedade.

Tornou-se então difícil a Vera manter o tom indiferente das primeiras palavras. Abaixando os olhos, pegou a mão de Sérgio e murmurou:

— Eu agradeço muito a você, Serginho...

— A mim?

— Por ter permitido que eu dormisse sossegada.

— Vera!

— Eu sei que fiz bem em ter confiado em você.

A expressão de Sérgio era de tal modo agoniada e sofredora que Vera se sentiu tomada por uma dúvida. Teria realmente feito bem em confiar? Ou teria sucedido alguma coisa de que não tinha conhecimento? Estremeceu e não pôde deixar de perguntar:

— Fiz bem, não?

— Fez. Mas... Sérgio sentiu que ia se trair. Por aquele caminho, acabaria contando tudo. E então, adeus tranquilidade, sigilo, adeus

tudo. Fez força sobre si mesmo e sorriu. Antes de ir adiante, Vera quis saber:

— Mas... o quê? — ...Custou! Custou muito, Vera. Você pode acreditar que...

— Eu sei, Serginho — interrompeu Vera, agora transbordante de reconhecimento e de ternura.

— Você pode acreditar que eu imagino!...

— Você imagina? — foi a pergunta a que não pôde se furtar um Sérgio perturbado e já profundamente irritado com o tom de falsidade que suas palavras tinham tomado.

— Isso não importa. Não é? O que interessa é que eu agora estou descansada.

Sérgio interrompeu a irmã com um gesto rápido e autoritário. Era evidente que não queria mais ouvir falar naquilo. Vera, no entanto, logo se voltou para a porta, como se o gesto do irmão proviesse do receio de que alguém os estivesse ouvindo. O rapaz sorriu, constrangido. E de repente, irrompeu nele a vontade de acabar de uma vez por todas com aquela simulação. Que estava fazendo ali que não confessava ter voltado atrás de sua promessa e estar disposto a agir como se nunca tivesse pensado em fazê-la? Por que não exigia de Vera que o deixasse em paz e se ocupasse com seus próprios casos? Ou continuaria mentindo, como se ainda estivesse com o mesmo estado de espírito da véspera? O impulso foi forte. Mais forte ainda, o egoísmo, o instinto cego de se aproveitar da ocasião favorável. Com Vera tranquila, enganada, seria muito mais fácil tornar a se aproximar de Reni, tê-la de novo nos braços, por um minuto que fosse. Estava numa situação difícil, arriscada. Não podia se dar ao luxo de ser sincero. Primeiro o essencial, primeiro Reni, depois o resto, Vera, a família ou qualquer outra coisa. Que Vera ficasse confiante por alguns dias, mesmo que só fosse por um ou dois. Já bastava quando viesse a descobrir tudo. Então, paciência. Então, haveria tempo e clima para discussões, recriminações. Teria tido uma atitude indecente, sem dúvida, mas... e Reni? Não valia aquele sacrifício? Não valia qualquer sacrifício? Foi durante esses instantes de arrebatamento íntimo que Ana Vilar penetrou na saleta. No dia seguinte, reconstituindo com o coração dilacerado a sequência desastrosa dos acontecimentos, iria se recordar das estranhas expressões de Vera e de Sérgio nesse segundo em que, sem ser pressentida por nenhum dos dois, surpreendera-os mudos e pejados de preocupações de cuja natureza nem de longe podia suspeitar. No momento, sem dar maior importância ao fato, perguntou:

— Céus, em que é que vocês estão pensando, tão absortos?

— Em nada... — apressou-se em afirmar Vera, escondendo a cara com receio de ter corado.

— Em que não sei nada para a prova de hoje! — brincou Sérgio que tivera um sobressalto assim ouvira a voz de dona Ana.

— Então estuda, meu filho. Ainda há tempo, não?

— Tempo tem... Sérgio interrompeu a frase. Não o fez por julgar desnecessário completar o que estava na cabeça tanto de sua mãe como de Vera. Apenas porque, justo nesse momento, avistou Reni, vindo em direção à saleta. Saía do quarto, ainda de chambre. Trazia-o meio aberto na frente e, quando se aproximou mais, Sérgio reconheceu, através da transparência da camisa de cambraia, aquele seu corpo moreno que, agora tinha certeza, ainda no decorrer daquelas vinte e quatro horas, teria colado contra o seu, no calor do leito e na intimidade da total nudez...

•

Antes mesmo do almoço, Sérgio conseguiu conversar a sós com Reni. Não falou muito tempo, nem logrou alcançar o perdão desejado. Apenas, já foi para a mesa convencido de que meio caminho estava andado e que, à tarde, com mais uma pequena explicação, tudo estaria resolvido. À noite, Reni viria ao seu quarto. Para isso, o essencial seria não deixar Vera perceber nada das negociações que estavam se processando.

Na conversa, de início, Reni se mostrou intratável, como se o rompimento fosse um caso já julgado e de há muito encerrado. Não custou muito a Sérgio perceber que, por detrás dessa muralha de inacessibilidade, havia todo um desejo de fazer as pazes e de recomeçar as relações anteriores, ignorando mais ou menos o que sucedera.

Sérgio não se enganava. A necessidade que Reni sentia de voltar às boas era imperiosa. Não fosse a preocupação de não se humilhar ante ele, teria concordado logo em dar o dito pelo não dito. Resistira apenas por uma questão de amor-próprio ferido.

A briga da véspera tivera o efeito de descarregar a irritação que se acumulara. Terminara-a ainda furiosa, maldizendo-o de todas as formas, mas, horas depois, estava calma, já com saudades dele. E à noite, quando o vira na varanda, olhando a lua com ar de condenado e a ela própria com a velha ternura de sempre, tivera vontade de lançar-se ao seu pescoço na primeira ocasião favorável e perdoá-lo integralmente. Não o fizera por orgulho. Na cama, porém, quando sentira que a

solidão estava lhe posando demais, pensara em ir ao quarto de Sérgio. Se o amava, se o queria, por que iria ficar longe dele?... Dessa vez, o que a detivera, fora mais o receio de encontrar a porta trancada do que o amor-próprio ou o temor de que seus passos fossem ouvidos por Vera. Não queria ter aquela decepção. Por outro lado, não estando à sua espera, Sérgio podia ter fechado a porta à chave. Assim sendo, ficaria na dúvida, talvez mais agoniada ainda do que estava. Antes esperar. Antes ver como o primo a iria tratar, no dia seguinte. Depois, por mais que custasse, não devia dar parte de fraca. Quem estava errado era Sérgio: portanto, a ele competia pedir desculpas, instar pelo perdão.

Fora, no entanto, bem grande seu esforço, não procurando o primo. Sentia necessidade dele. Ficara habituada àquele contato diário, ao carinho daquele corpo de homem de que precisava para dormir descansada. No momento nem era possível pensar em substituí-lo pelo de algum outro rapaz, mesmo menos atraente do que ele. O chofer do vizinho a devorava com os olhos e ela talvez não o rejeitasse, em outras condições. Inútil pensar naquela hipótese, inaceitável do ponto de vista prático. Ora, seu problema era imediato. Queria Sérgio para aquela noite, para aquele momento mesmo. Era uma necessidade urgente que precisava ver satisfeita. E não o poder fazer sem humilhação, sem perigo de comprometer sua tranquilidade futura, irritava-a a ponto de lhe roubar o sono.

Assim permanecera longo tempo, mas não cedera. Esperaria pelo dia seguinte, pelo curvar de cabeça que não podia deixar de vir. Não se precipitaria. Nem que tivesse de passar vários dias e várias noites naquela situação cruel de desejo e expectativa. Não seria excessivamente rigorosa, mas resistiria algum tempo. Começaria se mostrando inflexível e só aos poucos, depois de várias conversas, é que iria abrandando. Não capitularia antes de Sérgio ter lhe pedido perdão de um modo insofismável. Por mais menino que ainda fosse, já devia saber o que queria, ao invés de ficar hesitando, deixando-se abalar por um qualquer choro histérico de garota beata com medo do “fogo eterno”... Esse programa, Reni o procurou pôr em execução com toda a firmeza. Contudo, quando veio lhe falar, antes do almoço, Sérgio compreendeu que sua resistência não ultrapassaria um dia. Podia jurar que nem queria ouvir falar nele. Podia olhá-lo com raiva, com desprezo. Podia chamá-lo dos piores nomes que constavam do seu vocabulário reduzido e relativamente ingênuo. Podia gritar, esperar. Mas, desde o momento em que percebeu que ele estava em pleno movimento de volta e arrependimento contrito, desde esse instante não pôde mais esconder: os castigos que tivesse de lhe infligir, antes de conceder o perdão pedido, deviam se suceder ao longo daquele dia. Porque, a noite alta, quando chegasse, iria encontrá-la mais uma vez no quarto do primo...

Antes de sair para a escola, logo após o almoço, Sérgio tornou a conversar com Reni. Foi só à tarde, porém, ao voltar, que o entendimento definitivo teve lugar e as pazes foram feitas, ainda que Reni declarasse peremptoriamente ser até ridículo Sérgio pensar que ela o iria procurar naquela noite. Era o castigo que exigia: ficaria privado dela por vários dias.

Se Sérgio tivesse aceitado a punição, satisfeito já por ter conseguido aquele reatamento que, de início, se tinha apresentado tão difícil, não sei o que teria sido de Reni, nem da noite vazia que teria passado graças à sua representação.

Suponho que, se não conhecesse Sérgio perfeitamente bem, se não o soubesse incapaz de se conformar com aquele veredicto, jamais teria falado como falou. Não arriscaria, por certo.

O fato é que Sérgio nem por um momento aceitou a vitória parcial como um triunfo definitivo ou suficiente. Se calou por alguns quartos de hora, se fingiu estar contente e agradecido, foi apenas porque essa lhe pareceu, no momento, a melhor tática a seguir. Tanto assim que, antes de se separar da prima, na hora do jantar, pediu que lhe facilitasse uma nova conversa, mais tarde, porque ainda tinha muita coisa importante e urgente para discutir.

Durante o jantar, sua fisionomia espelhou a mais absoluta felicidade. E, se Vera não tivesse desde o início caído no erro de interpretar toda aquela alegria como um sinal de contentamento íntimo por ter enfim liquidado o caso com Reni, teria certamente adivinhado o que estava se passando. A seriedade calculada de Reni veio colaborar muito para o seu engano. Sérgio estava alegre porque ficara livre de Reni

— Reni estava triste porque perdera Sérgio... Portanto, ela, Vera, só tinha motivos para se rejubilar com a situação.

Percebendo a confusão da irmã, Sérgio se sentiu culpado, desleal. Não pôde deixar, porém, de constatar que uma imensa satisfação o invadia. A falsa pista que a menina seguia com tanta cegueira e entusiasmo era uma garantia de que ele e Reni poderiam se encontrar despreocupadamente naquela noite. Vera dormiria confiante e tranquila. Dormiria provavelmente de um sono só, e acordaria feliz. Talvez viesse agradecer-lhe de novo. Então, era bem possível que fosse obrigado a falar, a desiludi-la um pouco para evitar possíveis choques ulteriores. Mas, nesse momento, já teria feito pazes completas com Reni e, segundo todas as probabilidades e suas mais secretas esperanças, a nova relação

que se teria estabelecido entre eles dois não seria mais de natureza a poder ser perturbada por conversas sentimentais e crises de choro. Vera teria de se conformar com o já sucedido, devorando em silêncio sua desilusão. Calar-se-ia? Voltaria a pedir conselhos a Padre Luís? Não resistindo, falaria a Clara? Chegaria a ir até sua mãe?... Eram questões graves, sem dúvida. Apenas, questões a encarar somente no dia seguinte. Por enquanto, não o interessavam. O que queria era Reni e, essa, ele a iria ter. De novo em seu quarto, de novo de camisola na sua cama, de novo entre seus braços para o que ele quisesse fazer com ela. Tudo, dessa vez. De fato, não suportava mais a ideia de tê-la apenas parcialmente, como se tem uma menina qualquer a quem não se quer fazer mal por medo das consequências. Queria-a realmente como mulher, toda, irrestrita, futura esposa e futura mãe de seus filhos. Queria a plenitude do ato com Reni. (Não havia de ter sonhado tanto tempo em vão!...). Queria ter certeza de que ela seria sua a vida inteira, ao invés de ficar à espera de que alguém, fisicamente mais atraente do que ele, viesse buscá-la um dia para a união regulamentar. Queria-a já, toda, porque sentia que era o momento ou nunca de tomá-la para si. Não bastara um acidente à toa, uma rusga insignificante, para Reni se afastar e pensar logo em lhe dar um substituto? Quem seria, não imaginava. Não havia, porém, como duvidar: Reni o descobriria, Reni já o devia ter em vista... Assim, urgia assumir posições definitivas. E não era só ele a não suportar a privação do ato total. Era ela, também, muito embora não o percebesse ou não o quisesse confessar. Apesar de muito moça em número de anos, apesar da sua aparência pouco desenvolvida, aquele corpo de mulher fraca precisava conhecer um homem na plenitude de sua força e de sua capacidade de domínio. Precisava desabrochar e talvez — pensava Sérgio com entusiasmo —, talvez isso contribuísse para melhorar seu estado físico, tão precário. Lera livros em que casos como aquele eram estudados do ponto de vista médico. Na época, não os relacionara com a situação de Reni e suspeitara os autores de ideias antirreligiosas, ofensivas à moral. Quando Padre Luís soubera do nome desses autores, caçoara, garantindo-lhe que não se tratava de escritores de qualidade nem de cientistas que merecessem consideração. Indicara-lhe livros mais sérios, onde, segundo ele, essas questões eram estudadas de um ponto de vista realmente científico. Naturalmente, não lera nenhuma dessas obras, nem cuidara mais do problema. Agora, porém, os “maus autores” voltavam à sua memória, e era a eles que se via forçado a dar crédito. Padre Luís podia entender muito de religião, de bons conselhos, de autores sacros. Naquelas questões, não devia passar de um grande ignorante... ou de um fanático. Seguiria portanto o caminho indicado pelos mestres competentes, pelos especialistas.

Embora vagamente, percebia que aqueles argumentos não passavam de

desculpas, simples pretextos. Não queria, contudo, se demorar em analisá-los. Interessava-lhe conseguir Reni, aquela noite. E isso, fosse como fosse. Tudo mais era secundário. O que importava era conversar com Reni, levá-la à promessa de ir vê-lo naquela noite mesmo. Depois, esperar pela sua vinda, quando todos estivessem dormindo e a casa completamente mergulhada no silêncio e na escuridão...

•

A noite avançou. Sérgio espera. Se Reni vai vir ou não, dificilmente poderá dizer. A conversa de depois do jantar fora vaga, incerta. As palavras eram negativas, mas o sorriso, claro, promissor, dizia justamente o contrário. Podia acreditar no que quisesse... Não tinha elementos para afirmar que Reni fugira a uma conversa mais demorada. Fora a ocasião que não se apresentara. Sempre próximas, Vera e Clara tornavam qualquer contato mais prolongado perigoso, se não impossível. Talvez em Vera aquilo fosse proposital. Clara, porém, ia e vinha sem sossego, como se pressentisse o perigo. Ou seria a atitude de Vera determinando a sua, como se estivesse secretamente dirigindo seus passos, impelindo-a sempre para junto deles dois? De qualquer modo, o fato é que era quase em vão que ele e Reni procuravam se isolar. Assim o conseguiam, logo surgia alguém. E a conversa não passava de uma meia dúzia de frases que não resolviam nada. Enfim, numa sucessão de réplicas, parecera-lhe que Reni concordava em procurá-lo à noite. Logo triunfara pelo olhar e Reni, por simples questão de amor-próprio, vira-se na obrigação de assegurar-lhe que se enganara, ela nada tendo prometido. Insistira. Reni rira, brincara e acabara dizendo que ia pensar. Falando assim, olhara-o face a face. E, nesse olhar, dissera de modo quase claro que era provável que não pudesse deixar de vir... Virá, porém? É o que ele espera. Mas é, também, o que o inquieta, aquilo de que não tem certeza. Lembra-se de noites antes, quando esperou assim, em vão. E, então, Reni jurara que viria. Enquanto, dessa vez, nem até à promessa nítida quis chegar. No entanto, desde o momento em que se recolheu ao quarto, no íntimo, alguma coisa lhe assegura que Reni vai vir, que Reni não tardará muito.

Os minutos de espera começam a se acumular, mas não se perturba. Reni virá, Reni já deve estar a caminho. Se demora um pouco, é porque quer ter certeza de que a casa emudeceu completamente e todos estão dormindo a sono solto. Deve estar vigiando o quarto vizinho, receosa de que Vera permaneça acordada, à espreita. Precauções aborrecidas — precauções indispensáveis. É preciso ter paciência. Antes demorar mais um pouco do que comprometer tudo por um gesto precipitado.

Mais alguns minutos de expectativas e a preocupação começa a invadi-

lo. Por que Reni tarda tanto? Afinal, de há muito, muito, que não se ouve nem o mais leve ruído naquela casa. Irá esperar até quando? Até que alguém desperte ou a madrugada chegue? Impossível que tenha adormecido sem querer! No entanto, e se encostou a cabeça no travesseiro para descansar alguns minutos e dormiu?... Ao formular essa possibilidade, recorda-se de novo de noites antes. E sua inquietação aumenta. Então, também formulara aquela hipótese. Será que, de novo, Reni não virá? Será que vai ficar esperando a noite inteira, tola, inutilmente? Será que, no dia seguinte, a menina vai lhe dizer, cara a cara, que nem mesmo pensou em aparecer? Os minutos estão passando e não há o menor sinal acoroçador. Continua a esperar. Começa a se inquietar seriamente. Reni virá, bem o sabe. Mas, por que demora tanto, tanto? Estará sucedendo alguma coisa em qualquer daqueles quartos defronte ao seu e onde dormem suas irmãs e Reni?...

•

Clara dorme profundamente. Também Vera dorme, sem suspeitar de nada. Reni, porém, está acordada, sentada na cama, com os pés nos chinelos de feltro, pronta para se levantar e ir para o quarto de Sérgio.

Se ainda não foi, é que tem medo. Como dias antes, exatamente como dias antes, um estranho receio se apoderou dela, assim julgou chegado o momento de deixar o quarto. Desde então, não teve mais coragem nem para se mexer. Sabe, no entanto, que acabará triunfando daquele pavor tolo, indo para junto de Sérgio como se nada fosse. É só esperar um pouco, reunir forças para dominar os nervos.

Já devia ter saído. Não tem dúvida sobre isso. Apenas, não foi possível ainda. Por outro lado, não se sentiu muito bem no momento em que desceu da cama para calçar os chinelos. Precisou sentar logo. O que foi, não sabe dizer. Cansaço? Falta de ar? Teve vontade de tossir e não conseguiu. Foi quase como uma tonteira. Felizmente, passou logo. E ficou apenas, como explicação para sua inatividade, o medo absurdo que a dominava.

Agora, à medida que os minutos estão se escoando e que, no outro quarto, a angústia cresce em Sérgio, vai se sentindo mais segura de si, mais próxima de se levantar e correr para junto do primo. É questão de minutos. O surto de receio inicial, capaz de detê-la, está debelado. Irá. É só ter um pouquinho de paciência.

Irá porque não pode deixar de ir. Debalde disse a Sérgio que não podia ser, debalde lutou para se convencer que, pelo menos, devia esperar até o dia seguinte. Já não se trata mais de castigar o primo, merecida ou

imerecidamente. Nem de preservar seu amor-próprio. Quem é que ainda tem amor-próprio naquela aventura? Não há de ser Sérgio. Ela, então? Depois de tantos recuos, depois de ter feito as pazes, depois da conversa de após o jantar? Tolices! Idiotices, todas aquelas discussões. Invenções criadas apenas para atrapalhar. E nada mais.

Assim sendo, por que hesitar? Pode ir. Pode procurar Sérgio e passar a seu lado as horas pelas quais anseia. A não ser que já não esteja tão segura de si como antes e receie qualquer fraqueza decisiva, irreparável... Contudo, não. É até ridículo pensar nisso. Sabe perfeitamente o que quer. Conhece os limites que não ultrapassará. Saberá controlar seus impulsos tão bem quanto os de Sérgio. Não o levará longe demais, e tampouco, permitirá que a leve. Ou será que é alguma tolinha, alguma ingênua que vai se deixar “enganar” ou que, contra a vontade, por fatalidade, vai “cair”?... Sim, sabe exatamente o que quer e ninguém a fará dar o passo em falso. Se hesita, se adia um pouco o momento da ida, é que, nela, aquele medo súbito é qualquer coisa de muito forte, de animal, de orgânico

— é como um pressentimento de desgraça que vai vir. Tem de esperar que passe. E que passe todo ele, até o último vestígio. Eliminando esse obstáculo, poderá se erguer e ir ao encontro da ansiedade exacerbada que a aguarda para a maior alegria de sua noite. Atravessará o corredor, surpreenderá Sérgio em plena inquietação, talvez nos momentos máximos de uma angústia de que jamais se há de esquecer. Então, entregará o corpo aos seus carinhos e estará toda ela voltada para o destino a que invencivelmente a impele a voz do seu sangue quente e vivo...

•

Agora, no silêncio da casa dos Vilar adormecidos, os dois corpos estão enlaçados, ardentes de desejo ainda insatisfeito. Mal se viram ou se pressentiram no escuro do quarto, logo se lançaram um ao outro, silenciosos, vorazes em carícias e beijos. Dir-se-iam dias e dias de ausência devorados em poucos instantes. Sérgio traz Reni nos braços, envolve-a, arrasta-a para debaixo dos lençóis. Está triunfante. Ela veio. Vai ser sua, enfim. Nada o deterá. Sabe que não adianta discutir, só havendo um meio de convencer Reni, de demovê-la daquela sua absurda resistência: fingir que não acredita nas palavras que ouve, caminhar para a frente, tomar de assalto a fortaleza cujo desejo secreto deve ser a rendição. A camisola é demais. O pijama é demais. Só os dois corpos existem, só eles queimam, só eles enlouquecem, só eles triunfam das últimas resistências... No silêncio do quarto, no mistério indecifrável daquele leito, a luta continua. Pobre e pequenina Reni, meu ser de

predileção entre os seres perdidos, quem te deu energia para essa resistência desesperada que não está na tua natureza lasciva de animal puro e que vai te tirando, instante após instante, o pouco de força física que restava em ti, reservada para a loucura dessa noite? Pobre e pequenina Reni, no teu destino tão cruel, tudo é miséria e até as sombras e os simulacros da virtude chegam em má hora, envoltos já nas roupagens da desgraça e da morte, tão calamitosos como as mais sinistras flores do vício. Quem te quis assim, pequenina e miserável, criança ensanguentada? Quem te reservou essa hora noturna de prazer para a suprema humilhação e para a suprema infelicidade? A luta continua, difícil, imprevisível nos seus resultados, mas eis que de súbito Sérgio percebe que Reni começa a ceder. Assim, não a beijou em vão, não a teve inutilmente entre os braços ardentes. Agora, será sua. O corpo confessa já, o corpo começa a se abrir todo inteiro para a posse que não pode deixar de vir...

•

De súbito, porém, o destino irrompe naquele festim ainda incompleto. Nos braços de um Sérgio ardente e desatinado, o pequeno corpo ofegante de Reni se agita desesperadamente, como se uma recusa de último instante tivesse lugar. É apenas o ar que falta, a tosse incontrollável que vem, movimentos de pássaro ferido que vai morrer, e, como uma onda de lava que fosse submergir o universo, a primeira golfada de sangue vem banhar o peito, os ombros, a própria cara de Sérgio.

Num segundo as ideias assaltam a mente do rapaz: “É uma hemoptise! É o fim, Deus meu!...”. Antes que raciocine mais, já pulou da cama, já acendeu a lamparina da mesa de cabeceira. No desnorteamento dos primeiros instantes, vê mal, mas já vê qualquer coisa de inenarrável e de inesquecível, todo o inferno subitamente descido à terra, perdido num pobre leito humano. Da boca de Reni, o sangue continua a jorrar aos borbotões e seu corpo está meio fora da cama, caído sobre o travesseiro. Vendo-a então, quase irreconhecível, vendo aqueles lençóis ensanguentados, a parede já salpicada, Sérgio não se contém e grita por socorro.

Do escândalo inevitável, vai se lembrar um segundo depois quando, tomando consciência da própria nudez, protege-a com o pijama, agarrado às pressas à beira da cama. Já então, tendo ocorrido assim que se tornara mais violenta a tosse de Reni, Marcos, Manuel e Vera batem à porta. Como um autômato, Sérgio abre e, sem responder palavra às perguntas descontroladas dos tios, às recriminações de Vera, vai se refugiar a um canto do quarto, o olhar perdido na cama onde Reni

continua a se esvaír em sangue. Estará morrendo? Contempla-a, contempla-a sem ouvir nada do que se diz, do que se grita à sua volta, e só consegue pensar que Reni está ali sofrendo como um pobre pássaro ferido por um pé desastrado: assim, caidinha sobre a cama, irá morrer sem que ninguém possa fazer nada por ela?... Ao entrar no quarto, de relance, Ana Vilar percebe tudo o que acaba de se passar e, em um minuto, domina a situação. Sérgio acompanha de longe seus gestos de mulher experiente e sensível, obedece cegamente ao que lhe ordena. Evidentemente, não está mais ali. Certas frases amargas dos tios, o olhar fixo de Vera, ferino e desesperado, os dentes cerrados e as duas mãos nervosamente crispadas de Leopoldo Vilar, o tremor de sua avó, Sérgio jamais os esquecerá. No momento, passa por tudo isso como em sonho e só tem uma ideia: fugir dali. Já que tudo acabou, já que Reni jaz num leito ensanguentado que deve ser de morte, já que sua mãe e os seus sabem de tudo e jamais poderão compreendê-lo ou perdoá-lo, não tem mais nada a fazer junto deles. Pelo menos, naquele momento. Digam o que quiserem, façam depois o que fizerem, ali não ficará. E, pela última vez antes de sair daquele quarto, lança o olhar sobre Reni:

— Parou de tossir, deixou de vomitar sangue. Na cama toda salpicada, com o corpo reclinado sobre o travesseiro, coberta por uma colcha, ofega como alguma coisa de muito pobre e de muito triste, alguma coisa que está no fim, exangue, miserável, agonizante. E Sérgio não tem mais dúvida: vai morrer agora mesmo, aquele pobre pássaro machucado, espezinhado. Reni! Reni! Renizinha! Pobre, querida Renizinha! Vão tirá-la dele, vão separá-los. Vão levá-la para longe, para sempre... Alguém vai... Quem? Quem? Quem fez aquilo?! Deus? Deus poderia ter querido, ter feito aquilo? E, se Deus o fizera, fizera-o a pedido dele... daquele seu louco desejo vagamente formulado naquela tarde de insanidade, sob a influência das palavras que ouvira da boca de Padre Luís? Seria possível tamanha desgraça, tamanha miséria sobre a terra, tamanho desvario entre os homens?...

VI

s caminhos que Sérgio Vilar percorreu nessa noite de desespero, eu não os sei descrever com exatidão. Vagamente os pressinto, vagamente os adivinho, firmado em experiências, em realidades que não são minhas e de que, espero em Deus, me seja dada sempre a ventura de não compartilhar. Por momentos mesmo, parece-me desleal tentar descrevê-los sem que sinta em mim a probabilidade de trilhá-los. Mas também

creio que não seja humano abandonar Sérgio nessas horas únicas de sua vida. E segui-lo, e participar em sentimento de sua miséria e de seu desnorteamento, não será, de certo modo, uma forma cristã de agradecer o privilégio de se poder honestamente pensar que o mal que atingiu a outros não foi nunca obra nossa? Acompanhem pois essa triste sombra, socorrendo-nos de tudo quanto constitui a nossa experiência comum de homens, o nosso fardo de misérias, para podermos seguir seus passos pela noite adentro.

Como eu caminhei, como tantos outros caminharam, Sérgio caminha ao acaso, o coração roto, a alma esfacelada. Madrugada, apenas, e o vazio indistinto das ruas por onde passa... Nada existe, nada tem sentido para ele. O que o move é o que move a todos nós em situações semelhantes, próximas. É uma força vaga, informe, anterior a todas as diferenciações psicológicas.

— Andar, andar, mexer-se, ir para longe, fugir de qualquer fixação, por menos estável que seja. Tudo o que detém, mesmo por um momento, é perigoso, é inimigo que enfim tirou a máscara. E há máscaras por toda a parte. As pernas se movem e os pensamentos fogem. Mesmo sussurradas, as palavras queimam. Olhar em torno é perder tempo, é sentir mais vivo o sofrimento que não larga a vítima. Tudo é vago, impreciso, incerto como o mar e a areia na praia. Em cada esquina, há um acusador à espera, cada sombra tem um significado que escapa e não volta nunca mais. Há mensagens nas sarjetas, há mundos a forçar por detrás das janelas deixadas entreabertas, há animais gemendo no prazer como seres humanos na dor, há vultos confusamente enlaçados no escuro dos jardins, há murmúrios misteriosos que escapam das persianas baixas, revelando insuspeitados segredos de alcova. Há todo um mundo dormindo ou em vigília — mas, dormindo ou em vigília, é sempre um mundo de acusadores, de consciências, de remorsos... um mundo que monologa, e monologa sempre a mesma palavra que não queremos e não podemos ouvir.

A madrugada avança e Sérgio caminha, devorado de recriminações. Sim, sim, foi ele quem matou Reni. (Já morta, ou morta amanhã, ou num dia próximo, a menina está morta aos seus olhos...). Assim, que importa o resto, a calçada esburacada por onde vai cambaleando, a rua que escolheu, o muro contra o qual foi bater como um ébrio qualquer, o paralelepípedo solto em que esbarrou quase propositadamente? Olhar em torno é constatar que tudo é indiferente, é passado, é coisa esquecida, é pura inutilidade. Se Reni morreu — e morreu por sua culpa, é evidente... —, que lhe interessa o guarda que o observa sem simpatia, ou a preta de lábios pintados que passa por ele ansiosa por uma provocação qualquer, ou os dois adolescentes que cruzaram com ele

discutindo ferozmente sobre o eterno problema da imortalidade da alma? Essas realidades existem? Para ele, significam alguma coisa? Têm qualquer relação com o que acabou de acontecer? Explicam, atalham, consertam o irremediável, o irremovível, o já sucedido? Ou será que o mundo é assim mesmo, esse incontrolável abismo de indiferenças e inconsequências? Um homem causa a desgraça que ele acabou de causar e, à sua volta, as coisas continuam como se nada fosse, como se tudo continuasse no mesmo? Então, ele não existia, não contava no universo em que vivia, de que era uma parte, por menor, por mais insignificante que fosse? Acontecia-lhe tudo aquilo e ninguém participava de sua dor, de seu desespero? Por sua culpa, Reni morria e o castigo não caía sobre sua cabeça, esfacelando-o, aniquilando-o?...

•

Sérgio caminha muito tempo. Por fim, esgotado, morto de desorientação e cansaço, deixa-se cair num banco da praia. Ao longe o mar ruga sem cessar e os primeiros sinais da aurora se espalham pelo céu. Sérgio olha e tudo lhe fala, nesse instante, de Deus. Mar, céu, terra, tudo lhe grita o nome do Misericordioso. No seu coração, porém, só há rancor. A blasfêmia é o clima em que vai viver esses momentos decisivos de sua vida envenenada.

Seu movimento é de renegação completa, de verdadeiro ódio e, no entanto, não há maldade em seu coração. Perdoem-me os que ainda não tiveram vivido bastante para compreender essa estranha indulgência, mas também em mim não há maldade neste instante. Esforço-me apenas por compreender e explicar. E não sei como não perdoar, como não abrir para esse desgraçado o manto irrestrito da absolvição cristã. Os que já perderam o seu amor antes de o ter vivido — ou antes que uma cruel decepção o tenha vindo ceifar —, esses, e só esses, me acompanharão se eu falar no desespero e na revolta de Sérgio sem os rigores do juiz ou do inquisidor. Porque o estado de espírito a que esse pobre rapaz chegou é verdadeiramente único e é supremo, pois é o daquele que sente que, por culpa própria, ou pior, por ter sido atendido num pedido feito, foi roubado justamente naquilo que tinha de mais precioso, naquilo sem o que a existência deixa de ter sentido para ele.

Em Deus, na realidade da sua existência, Sérgio não deixa de acreditar nem um só instante no decorrer dessas horas de desabrida rebelião. Infelizmente. A falta de fé temporária talvez o tivesse salvo ou preservado da dureza do golpe final. No entanto, como não acreditar? Mais do que um passível castigo, a hemoptise de Reni fora a obtenção de uma graça solicitada dias antes. Não implorara que alguma coisa o afastasse irremediavelmente da prima? E seu pedido não fora tomado

em consideração antes que contra ela se consumasse o “atentado” que, em certas horas, tanto desejara evitar? Como duvidar pois? Deus o atendera, Deus o atendera prontamente, sem nem mesmo levar em conta que renunciara ao seu anseio e voltara de corpo e alma à vida pecaminosa de antes, Deus o atendera, sim. A ele e ao ser que estava por detrás das suas ações, guiando seus gestos, modelando seus pensamentos honestos e bem intencionados: Padre Luís... Odiava-os, todos, agora. Gestos, pensamentos, Padre Luís, Vera, o próprio Deus. Fora castigo? Fora vingança? Fora lição? Fora “gesto de magnanimidade”?... Odiava. Odiava. Uma coisa daquelas não tinha perdão.

Nem esquecimento. Era um crime. Um atentado inominável. Do padre, pensaria em se vingar — e seria fácil. De Deus, sabia que só o conseguiria mais dificilmente. Fazendo o quê? Lançando mão de que recursos? De qualquer modo, odiava-o e sabia que era a pior desforra que lhe era dado tirar. Podia se perder com isso. Mas, perdida Reni — e perdida daquele modo —, que interessava o resto? Preferia se perder logo de uma vez, acabar com tudo, renegar religião, moral, fé, tudo, tudo. Levavam-lhe Reni? Que levassem então o que quisessem, contanto que fosse junto com seu ato de renegação, com seu desprezo, com sua náusea por tudo quanto era sagrado, divino. Renegava, profanava, cuspiam maldições sobre o céu. De um Deus assim, só podia ser o inimigo implacável, o detrator sistemático. Falassem-lhe de amor, de misericórdia divina: vomitaria de nojo, de repugnância física. Odiava. Odiava com todas as forças de sua alma. Tinham feito dele um destrutor, um assassino? Pois bem, saberia agora em que trabalhos, em que lutas mortais empregar sua vida. Iria batalhar contra a moral, contra o bem, contra Deus. Seria implacável. Seria cruel como um ser de coração mau. Seria injusto, lançaria mão de todos os meios, recorrendo à mentira, à calúnia, à intriga. Não recuaria diante de nada. Destruiria lares. Perturbaria com palavras envenenadas a infância de seres tranquilos e confiantes. Poderia ser destruído, logo cedo, pela cólera de Deus, mas, antes, teria feito bastante mal. Sabia que não lhe seria recusada liberdade para isso e não hesitaria, ainda que não duvidasse do horror dos castigos que o esperavam, depois, na eternidade. Ousaria tudo. O mal que trouxera a Reni seria nada em comparação do que iria trazer — agora consciente, intencionalmente. Vingaria Reni. E o próprio Deus se arrependeria da perversidade, da vilania que lhe fizera.

Assim gritava, e não julgo necessário repetir aqui, um por um, todos os tristes gemidos e estertores dessa revolta de animal ferido. Os que tiverem coragem de condená-lo, os que fizerem questão de levar a sério essas suas palavras, ditadas pelo desespero e pelo remorso, ou esses propósitos vãos que esbarram no muro do ridículo e da pura infantilidade, que o façam. Por mim, prefiro ficar contemplando-o em

silêncio nesse fim de crise que é apenas a alvorada trágica de uma série de outras crises que não nos será dado seguir senão mais tarde... Dentro de alguns quartos de hora, movido por uma súbita necessidade de saber notícias de Reni, levantar-se-á do banco e partirá em direção a casa. Por enquanto, é apenas um ser alquebrado, tão miserável quanto o pode ser uma criatura humana. Vejo-o caído, inerte, pobre resto de homem que a revolta e o remorso consomem e penso com o coração reconhecido nos seres a quem foi dada a graça de nunca ter trazido conscientemente o mal aos seus semelhantes.

Suas consciências estão tranquilas porque suas mãos não machucaram, não feriram, não furtaram. A experiência da maldade própria, cartilha de quase todas as existências, não foi o território em que foram armados cavaleiros. E sem dúvida é por isso que, pensando no mistério da solidariedade humana, por vezes eles me aparecem como ladrões que hajam furtado o direito de ser puros. E me ponho a tremer então, refletindo que talvez, na cegueira e no orgulho que os impele, tenham violado a ordem do universo pecador — essa ordem inalterável e insubstituível que foi resgatada pelo sangue e pela morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

•

Já a manhã nascida, Sérgio voltou para casa. Pé ante pé, foi até seu quarto já agora desocupado, e deixou-se cair na cama, sem ter coragem de procurar ninguém. Ao passar pelo corredor, fora visto por Clara que saía do quarto de Reni. O silêncio na casa era absoluto e pela expressão da irmã, Sérgio compreendeu que a situação continuava grave. Todos deviam estar ao pé da doente.

Da doente? Da agonizante? Da morta? Foram essas alternativas que o levaram para o quarto sem ter perguntado pelo estado de Reni. Clara o ficou olhando boquiaberta, incapaz de lhe dizer qualquer palavra.

Dona Ananãotardouaaparecer. Agoraque acrisepareciamomentaneamente vencida e outros aspectos da desgraça sucedida começavam a tomar suas verdadeiras proporções, pusera-se a reear pelo filho, temendo que o desespero em que o vira sair, logo após o acidente, o levasse a algum extremo perigoso, tornando a situação ainda mais difícil.

Ao saber por Clara de sua chegada, apressou-se em procurá-lo. Não a movia nenhum pensamento de indulgência, apenas a necessidade de fazer face à situação. Entre crises de choro, Vera lhe contara mais ou menos tudo o que sabia das relações entre Reni e Sérgio. Fora o bastante

para que pudesse formar um julgamento sobre a conduta do filho. Faltava ouvi-lo. Achava difícil que ele e Reni não tivessem transposto certas barreiras e, apesar de não perder completamente as esperanças, queria escutar da própria boca culpada a irrecorrível condenação. Saberla falar-lhe como mãe num momento daqueles, mas também não podia esquecer seus deveres de cristã e a responsabilidade que assumira ao tomar conta de Reni, confundindo-a, na prática diária, com suas próprias filhas. Entre filhos, portanto, não podia ter preferências. Tinha apenas de ser justa e falar a Sérgio a linguagem que se impunha.

Todos esses planos ruíram completamente quando entrou no quarto e viu o filho caído na cama como um ser que se tornou presa do pavor, do remorso e da fraqueza. O rapaz inspirava tanta pena que parecia outra pessoa. Sim, era evidente: o castigo já estava ali, bem retratado naquela expressão de dor e de abandono. Não era necessário mais nada — palavras severas, recriminações, perguntas, avisos. A ferida sangrava, aberta, perfeitamente visível para aqueles olhos de mãe que tinham despertado de um sono feliz e tranquilo para receber uma punhalada de que nunca mais se recobriria.

Os movimentos foram simultâneos. Da cama sem lençóis nem travesseiro, nua como a dor que encurvava todos naquela casa tão fortemente abalada, Sérgio ergueu os braços em direção a dona Ana e ela veio a ele num abandono total de ternura. O choro convulso da criança cruel se mistura com o choro lento e pausado da criatura a quem a ingratidão da vida, depois de tantos outros sofrimentos, reservava aquele, talvez o maior de todos, saturado de vergonha e humilhação, verdadeira prova suprema para aquela alma informada pelos mais humanos e corretos princípios cristãos.

Sinto que as palavras me fogem para a reprodução desses diálogos entrecortados de soluços e lamentações, de dramáticas autoacusações que só o amor materno e o sofrimento humano podem harmonizar. E vejo, ao fim de algum tempo, as forças do perdão e da compreensão triunfando sobre os impulsos do desespero e da revolta: dona Ana acalentando Sérgio como o fizera muitos anos antes, nos tempos de meninice, nas noites de “manha”. A criança grande tem agora os olhos fechados e sente como um alívio, como uma quase-volta ao passado feliz, a ternura daquelas mãos que alisam seus cabelos que não são mais crespos nem louros. Um cansaço imenso o invade e sente que vai dormir. Ouve de novo, ouve ainda uma vez as palavras de embalo em que não acredita, embora o tranquilizem: Reni não morrerá, Reni vencerá aquela crise, Reni irá para um clima bom, para um sanatório de Belo Horizonte, Reni ficará curada. Tudo recomeçará então, sem pecado, sem malícia nos corações. Ninguém o considerará como um assassino, Vera

retirá as palavras irrefletidas que lhe lançou ao rosto nos primeiros momentos que se seguiram ao acidente. Não haverá escândalo, todas as providências tendo sido tomadas para evitar que os criados se inteirassem das condições especiais do desastre.

E de repente, enquanto falava e procurava infundir confiança no filho, Ana Vilar percebeu que ele não a ouvia mais. Levado pelo cansaço e pelo ritmo acalentador de suas palavras, adormecera.

Por algumas horas, a tranquilidade voltou à sua expressão. Apesar de momentânea, era uma pausa necessária, imprescindível, se se tiver em vista o esforço que iria ser exigido dele nos dias subsequentes. Porque, quando fosse acordar de novo, depois de ter dormido horas e horas a fio, o que o aguardava era um suceder de dias de inominável angústia e sofrimento.

•

Não obstante os ingentes esforços de Ana Vilar, a vida se tornou impossível para Sérgio no seio da família. Estava decidido que Reni iria com dona Ana passar um tempo em Belo Horizonte, mas, como seu estado físico não lhe permitia viajar, tinha de permanecer em casa, próxima. E embora a fraqueza em que ficara não a deixasse sair do quarto, sua presença ali, sob o mesmo teto, tornava seus dias um verdadeiro martírio.

Esforçava-se por passá-los na rua, nos cinemas, nos bilhares, junto de amigos. Não o conseguia, porém. A todo momento sentia-se atraído para casa, invencivelmente arrastado para perto daquilo mesmo que o fazia sofrer de um modo dilacerador. Trancava-se no quarto, só aparecia às horas das refeições, sempre com a expressão fechada, inabalavelmente calado. Mesmo assim, não suportava a pressão do ambiente e tinha crises de desânimo que duravam horas, deixando-o completamente esgotado. Exceto em dona Ana e no velho avô, lia em todos uma invencível e sempre presente condenação, não só dos atos passados como de sua atitude atual. Podiam tratá-lo muito bem, podiam não tocar no assunto nem de leve. Podiam lhe sorrir às vezes, cheios de indulgência para com o pecador arrependido e devorado de remorsos. Como não ver, no entanto, que ninguém esquecia nada do que sucedera? Como não adivinhar a ação pacificadora das palavras e recomendações de dona Ana? E, no silêncio sistemático de Vera, como não ler desprezo, um rancor que a vida jamais conseguiria aplacar? Assim, uma manhã, antes de decorrida uma semana do triste acontecimento, Sérgio compreendeu: precisava sair dali, daquele ambiente cheio de acusações reticentes ou de insuportáveis indulgências. Precisava partir, fosse para

onde fosse. Pediu então à mãe que lhe facilitasse uma solução como aquela, por exemplo: iria passar uns dias num hotel, até Reni sair de casa e o ambiente mudar... Também dona Ana compreendeu. O filho era fraco, não suportava mais a provação. Uma mudança de ar talvez lhe fizesse bem. Leontina Dávila, sua prima e amiga de infância, vivia só em São Paulo, sempre se queixando do abandono em que a família a deixara. Mesmo sem precisar ser inteirada do sucedido, poderia auxiliar Sérgio. Ajudá-lo-ia a se reerguer, a esquecer um pouco. Já começava a envelhecer, mas era mulher de espírito vivo, alegre, sempre voltada para as coisas exteriores, para o que sucedia de interessante pelo mundo afora. Otimamente relacionada, podia ser útil a Sérgio numa cidade onde não conhecia ninguém.

Em consequência, a viagem de Sérgio a São Paulo, a título de simples passeio, ficou decidida da noite para o dia. A ida de dona Ana para Belo Horizonte, levando Reni consigo, estava marcada para quinze ou vinte dias mais tarde. Portanto, quando Sérgio voltasse, um ou dois meses depois, já encontraria outro ambiente e tudo entraria novamente num ritmo, se não normal, pelo menos possível de ser aceito. Cada um recomençaria a vida a seu modo, carregando consigo sua parcela de sofrimento...

•

De todos esses fatos tão fundamentais no destino dos Vilar, Padre Luís recebeu apenas ecos vagos no decurso daqueles dias. Contaram-lhe que Reni passara por uma crise muito grave, tendo quase morrido de uma súbita hemoptise que a acometera durante a noite. Não lograra obter detalhes mais precisos. E, não obstante todo o seu interesse pelo caso de Sérgio, não se julgava com o direito de ir sondar a posição por ele assumida depois que saíra de seu confessionário, dias antes.

É bem provável que tivesse continuado por muito tempo na mesma incerteza, se Vera não o tivesse procurado na véspera do dia da partida de Sérgio para São Paulo. Era de tarde, e a menina vinha para se confessar, não suportando por mais tempo o peso de queixas e rancores que seu coração nutria em relação ao irmão.

Dessa confissão, jamais Padre Luís se esqueceria. Independentemente das revelações feitas, o estado de espírito de Vera o deixou completamente atarreado. Aquela era a mesma criaturinha boa e ingênua de dias antes? Que se passara com sua alma? Ter-se-ia deixado marcar àquele ponto pelas tristezas em que se tinha visto envolvida, pelo sentimento de uma quase-responsabilidade no desvairado modo de proceder do irmão? E onde não iria parar naquele caminho de amargor

e falta de caridade?... Mesmo depois de ter falado muito, exortando-a a refletir, a mudar de pontos de vista, a aceitar a vontade da Providência com outro espírito, mesmo depois de lhe conceder a absolvição, ainda não se sentiu plenamente tranquilizado. Dir-se-ia que adivinhava. Dir-se-ia que sua alma privilegiada estava seguindo, já alguns anos adiante, o caminho doloroso que aquelas marcas iriam determinar para a menina simples e feliz que Vera sempre fora. Dir-se-ia que, numa extraordinária intuição, seus olhos mergulhavam em cheio no futuro e acompanhavam os passos desconfiados e invencivelmente incrédulos daquela criatura aos olhos de quem nenhum ser humano, bom ou ruim, teria mais direito a crédito algum... Não foi só o estado de espírito de Vera que inquietou Padre Luís no decorrer daquela tarde e da noite de vigília que se lhe seguiu. Mais fundamente ainda, o desastre que vitimara os Vilar coletivamente, e Sérgio e Reni em particular, amargurou-o durante horas e horas. E também não foi só o desastre em si, por pior que tivesse sido, por mais graves que ainda pudessem vir a ser suas consequências. Ainda havia uma coisa essencial e Padre Luís não a podia esquecer nem por um momento: aquilo representava o fracasso das suas últimas esperanças, mais um daqueles recentes insucessos que tanto o vinham desmanteando.

Na verdade, triunfara cedo demais, dias antes, ao ver Sérgio no confessionário, emocionado, contrito, prometendo mudar, emendar-se. Pensara ter sido bem - -sucedido no seu apelo à direta intercessão divina. Lembrara-se logo de Sílvio Iberê. Falara em milagre. Voltara à sua obsessão dos anjos de pedra e cuidara ver um deles despertando, se movendo, agitando as pesadas asas mortas... Para quê? Baseado em quê? Ali estava a resposta: desilusão, e só desilusão.

Não sabia onde Sílvio andava, mas Sérgio ali estava, em situação bem diferente da que imaginara. Ou não?... Sobre aquele ponto, as informações de Vera eram vagas. Que estaria se passando, ao certo, com Sérgio? Agora que tudo se desmantelara ante ele, agora que queria fugir e, talvez, recomeçar alhures uma nova existência, quem sabe não teria mudado, ou, pelo menos, não estaria em situação de ouvir sua palavra, de enfim se abrir à ação da Graça? Ou não?... Talvez o que se tivesse dado fosse precisamente o contrário: revolta, endurecimento, olhos e coração fechados para tudo, a não ser para o remorso cego e para o prosseguir desenfreado no caminho do pecado? Entre essas e outras alternativas, Padre Luís vagueou longo tempo. Ora se inclinava num sentido, ora noutro. Se cedia ao entusiasmo, era para se entregar logo depois ao mais total desânimo. A confiança não tardava a voltar, mas vinham novas ondas de ceticismo... Um único ponto sobrenadava todos esses vaivéns: a necessidade de procurar Sérgio antes da sua partida. Tinha de lhe falar e tinha o que ouvir de sua boca. Talvez o próprio rapaz viesse procurá-lo. Convinha, no entanto, não facilitar. Podia estar

envergonhado, sem jeito, hesitante, receoso de suas censuras. Iria portanto ele mesmo, servindo-se de um pretexto qualquer. Iria e estender-lhe-ia a mão amiga de que estava necessitando e pela qual, provavelmente, ansiava no segredo do seu coração ferido.

•

Sérgio se viu diante de Padre Luís horas antes do seu embarque para São Paulo. O encontro foi rápido, entrecortado de movimentos de impaciência e mau humor por parte do rapaz. No final, não faltaram impertinências, nem mesmo desaforos, mas Padre Luís os previra e foi pacientemente que os suportou.

Apesar de terem transcorrido alguns dias desde a madrugada passada no banco da praia, ainda não amainara a irritação de Sérgio em relação a Padre Luís e a tudo que, de longe ou de perto, se relacionava com moral, religião, Deus. Reni não morrera, os médicos diziam que ainda podia se salvar e viver uma longa e razoável existência, mas ele, Sérgio, não se iludia: Reni estava morta, Reni não duraria muito. Iria para fora, melhoraria ou não, engordaria mais uns quilos, talvez. Cedo ou tarde, porém, hemoptises viriam. Acabaria sucumbindo. Com aquele físico, uma vez vitimada, não podia escapar. Os médicos que dissessem o que bem entendessem! Sabia que não entendiam grande coisa de doenças misteriosas e tremendas como aquela. Quem decidia, já decidira. E decidira contra. E decidira para castigá-lo. E decidira atendendo ao pedido louco que fizera em um momento de desvario.

Nada disso ocultou de Padre Luís, naquela manhã. Ia saindo de casa para comprar uma mala, quando deparou com o padre. A princípio estava decidido a não falar nada. Achava que não tinha mais satisfações a dar àquele ser intrometido e fatídico que se valera de um momento de fraqueza sua para levá-lo à posição absurda da qual surgira, como uma inevitável consequência, aquele seu funesto pedido de libertação à custa da vida de Reni. Aos poucos, dominado pela irritação, começou a lançar tais acusações contra Padre Luís que acabou tendo de se explicar mais claramente, sob risco de parecer leviano ou louco varrido. Viu-se assim forçado a dizer tudo, tal o pasmo que se apoderou do padre.

Não foi, em absoluto, o fato de Sérgio o considerar como um dos principais culpados na “conspiração divina” de que resultara a desgraça ocorrida a Reni, que desnorteou Padre Luís. E sim, muito mais sério do que aquelas questões pessoais, o movimento de revolta contra Deus, que vinha ameaçar de um modo terrível a salvação daquela alma. Isso, sim, importava. Isso, sim; exigia uma reação pronta, categórica.

Diante daquele perigo, de certo modo inesperado, diante daquela cilada do demônio, tão bem urdida, tão rica em sutilezas e em disfarces, em aparências de realidade tão dificilmente desmascaráveis, o padre compreendeu a ligeireza da sua atitude de dias antes, quando celebrara uma vitória ali onde havia apenas a fase inicial de uma nova crise de gravidade ainda maior do que a anterior. Compreendeu, e mais uma vez se sentiu de tal modo fraco e impotente que se pôs a tremer. À sua volta, tudo estava turvo e já nem sabia por onde principiar a falar.

Falou, no entanto. Falou a Sérgio, falou muito, falou tudo o que pôde. E, como não haveria de ter falado?... Mas, o que disse, tudo o que conseguiu dizer, foi mais do que um mero balbucio de criança inocente, mais do que um grito de dor, de horror ante a crueldade do mundo em que viviam? Falou, sim. Mas, se tivesse ficado calado e exibisse a Sérgio apenas seu olhar molhado de lágrimas que não rolavam, sua expressão de medo, talvez de previsão das suas próprias incertezas no futuro, não teria sido mais eficaz, não o teria vencido um pouco em sua irritação — nessa irritação que era, essencialmente, movimento de vingança, de desforra, ou, quem sabe, exigência de solidariedade na miséria, no erro, no próprio crime, no pecado irremissível?... Falou. Falou tudo o que soube, tudo o que pôde falar. Falou frases soltas, palavras inacabadas, expressões vagas, verdadeiros gemidos. Falou pensamentos longos, afirmações categóricas, falou que não é Deus quem mata porque é Ele que é a Vida. Falou citações dos Livros Santos, falou parábolas, provérbios, conselhos. Falou pedidos de atenção, de cuidado, de confiança, de perdão, de esquecimento, de renovação, de fuga. Falou exigências de caridade para consigo mesmo. Falou gestos ansiosos, falou gritos de socorro prevendo naufrágios futuros, viagens de que não haveria regresso, despertares que envenenariam meses e meses de existência. Falou olhares, sorrisos, sinais, adeuses, muxoxos, abanos de cabeça. Falou tudo o que podia, tudo o que sabia falar.

Contudo, a despedida de Sérgio só o deixou com as mãos repletas de negações e blasfêmias, anátemas e repúdios, palavrões amargos e gestos frios de revolta. E ao vê-lo sumir, rápido e cruel, um Padre Luís de mãos trêmulas e olhos rasos de água, não pôde deixar de pensar: ali, muito mais do que sofrera o coração, a cabeça raciocinara — a cabeça do homem, atroz e incompreensiva maquinazinha que tantas vezes funciona no vazio, levando consigo, trôpego e inútil, o pobre coração humano...

Porque nós não temos que lutar contra a carne e o sangue, e sim contra os principados e as potestades, contra os dominadores desse mundo de trevas, contra os espíritos maus espalhados pelo

ar.

— Ef 6, 12

O Senhor dirige os passos do homem; mas, qual é o
homem

que pode compreender o seu próprio caminho?

— Pr 20, 24

parte v | O grande assalto do demônio

I

imples coincidência ou misterioso encadeamento que escapa à nossa vacilante compreensão dos fatos, nos dias que se seguiram à partida de Sérgio Vilar, Padre Luís não teve descanso em seu confessional. Suas atividades didáticas tiveram de ser prejudicadas e as leituras de costume acabaram sendo suspensas, de tal modo se sentia fatigado, incapaz de fixar a atenção quando, à noite, se recolhia ao quarto. E não era só o cansaço físico: eram, sobretudo, as preocupações, o eterno sofrimento que lhe advinha das incuráveis misérias humanas que vinham morrer junto à grade de seu confessional.

A conversão de Sílvio Iberê fora apenas um caso isolado, perdido numa série de outros que só lhe traziam dissabores, e logo seguido pela tremenda desgraça que fora o episódio Sérgio-Reni. Assim mesmo, que seria feito de Sílvio? Agora, já tinha informações mais positivas: dias após sua conversão, seu tio mais chegado, um fazendeiro do interior de São Paulo, Luís Lopes Faria, viera de avião com a senhora, assumira legalmente a tutoria do menino e, a conselho de Leopoldo Graça, levava-o para descansar na fazenda. Além disso (e Padre Luís não ignorava o fato), durante aqueles dias, todas as conversas tinham girado em torno da ideia de que era indispensável subtrair Sílvio às influências perniciosas que, nos últimos tempos, vinham se fazendo sentir ativamente sobre sua saúde mental: dramas sentimentais de amizade, tentativas de conversão exercidas por um sacerdote pouco escrupuloso, “fanático” no exercício da sua missão apostólica... Tudo isso aborrecera muito Padre Luís. Lembrara-se logo da visita que Leopoldo Graça, acompanhado de Padre Ladário, fizera ao reitor no dia da conversão de Sílvio. Apesar da solidariedade que então lhe manifestara, Padre Martinho não lhe escondera a natureza das reclamações feitas pelo médico, nem as ameaças veladas que deixara cair. Sem dúvida, assumira sua defesa, responsabilizara-se pela sua conduta futura, mas não podia disfarçar o cuidado que lhe inspirava. O sucesso podia justificar sua atitude, naquele caso. Devia, de qualquer modo, ser mais precavido, menos afoito. Devia raciocinar que tinha desafetos, pessoas que o

vigiavam constantemente, interpretando com má-fé o que fazia. Portanto, não podia se expor assim, oferecendo o corpo aos golpes com tanta ingenuidade. Imaginasse, por exemplo, que o estado de superexcitação nervosa de Sílvio se agravasse. Leopoldo Graça não hesitaria em responsabilizá-lo. E era um homem importante, otimamente relacionado, não só nos meios médicos, como também nos círculos católicos e, sobretudo, nas antecâmaras eclesiásticas.

Padre Martinho não se limitara a essa advertência. Em dias subsequentes, como lhe tivessem chegado ecos de diversas conversas de Leopoldo Graça com personagens influentes do cenário católico, voltara ao assunto. Avisara-o: não sabia até que ponto ele, como reitor do Colégio São Luís de Gonzaga, poderia continuar a lhe dar mão forte. Se não tivesse mais cuidado, se não evitasse escândalos como aqueles últimos: a tentativa de salvação *in extremis* de Armando Paiva, o esforço para a readmissão de Ângela no seio da família Soares e a conversão aparentemente inexplicável de Sílvio Iberê poderiam forçá-lo a exercer contra ele sua autoridade de reitor. Quem sabe mesmo até onde não seriam capazes de chegar em suas exigências! Não era impossível pensar numa transferência forçada para um outro colégio da Ordem ou para algum dos patronatos ou das residências que mantinham no país. Devia conhecer bem o receio de escândalos que as autoridades eclesiásticas nutriam.

Por outro lado, tivesse em mente que não estava querendo violentar sua consciência, contrariar sua tão evidente vocação. O exemplo que sempre lhe punha diante dos olhos, o Santo Cura d'Ars, sofrera incansáveis perseguições clericais e não esmorecera, sempre fiel à sua vocação confessional. Mas esse, era um santo. E ele? Teria coragem? Teria forças para prosseguir em sua missão sem se importar com as possíveis intrigas e difamações, mesmo partindo dos mais próximos, daqueles contra os quais não poderia reclamar sem pecar contra seu voto de obediência? Não seria melhor ser mais prudente, mais dócil aos desígnios de Deus? Em vez de querer forçar os acontecimentos, por que não procurava simplesmente se submeter a eles, aceitá-los como manifestações humanamente inexplicáveis da vontade de Deus? A propósito desses últimos argumentos do reitor, sempre evocava o caso mais recente: Sílvio Iberê. Se o fracasso acompanhara tantas das suas últimas tentativas (pelo menos aparentemente...), não era quase certo que o sucesso viesse justificar sua ação junto a Sílvio? Podia duvidar de que Deus tivesse querido abençoar particularmente sua “intromissão” naquele caso? Mesmo que não restasse dúvida de que tivesse agido de modo prejudicial para a saúde de Sílvio, em sinceridade, podia lastimar, podia condenar? Afinal, que representava a saúde do corpo perto da saúde da alma?... Tinha certeza de que o momento em que agira fora

decisivo. Se tivesse deixado passar a ocasião, sucederia o que costumava acontecer com tantas almas na mesma situação: ficariam embotadas a vida inteira, jamais tornariam a ser sensíveis à verdade religiosa. Porque, estava plenamente convencido: para muitas almas, havia um momento, e somente um, para a penetração da luz. Se não se sabia aproveitar esse instante, tudo mais era esforço inútil. As feridas da infância e da adolescência cicatrizavam ao longo dos primeiros anos de liberdade e a vida se encarregava de ressecar os tecidos à volta, tornando impossível qualquer reflorescimento, qualquer novo jato do sangue vivo e quente da primeira mocidade. Como para tudo mais, ficava-se diante de uma alma morta, incapaz de um verdadeiro movimento de fé.

Assim — raciocinava ele diante do reitor —, se acaso tivesse mesmo prejudicado a saúde física do menino, que benefícios não lhe teria trazido no que dizia respeito à saúde moral e religiosa? Sim, que força o impedira de mergulhar no abismo do mais completo desespero, quando se vira abandonado de todos, severamente castigado, maltratado pelos de sua própria casa, e até soubera que, por ter involuntariamente causado a morte de sua mãe, tinha sido amaldiçoado pelo pai, ao nascer? Que força, senão aquela misteriosa chama que já devia arder nele sem que ninguém, nem ele próprio o sentisse, escondida, secreta, verdadeiro amparo sobrenatural, seguramente a fonte de onde tirara suas poucas energias durante aqueles dias de inconcebível sofrimento? Com tudo isso, Padre Martinho concordava plenamente. Longe dele diminuir a significação do acontecimento espiritual que se passara quase sob seus olhos, enchendo-o de tanta alegria. Apenas, queria precaver Padre Luís contra o excesso de confiança. Conhecia seu estado, avaliava melhor do que ele próprio os perigos graves, incalculáveis, que o rondavam. Receava muito que aquele sucesso inesperado influísse excessivamente em seu modo de agir em relação a outros casos, levando-o muito mais longe do que era conveniente ou desejável. Afinal, no mundo, não existiam apenas ele, Padre Luís, e as almas que vinham se confiar à sua direção... Convinha que meditasse bastante sobre aqueles acontecimentos recentes e, sobretudo, que pedisse muito a Deus para que o esclarecesse sobre o sentido de tudo aquilo que estava vendo de perto e que, apaixonadamente, queria “compreender” com seu entendimento humano. Deus lhe dera olhos, inteligência, dons de intuição e simpatia absolutamente extraordinários — mas, pelo que se via, nada disso bastava. Faltava alguma coisa. Queria saber o quê? Já várias vezes lhe dissera, agora lhe repetia: faltava submissão incondicional, ato de humildade perfeita diante da vontade de Deus. Faltava oração, mais oração, muito mais oração cega e aparentemente inútil, ineficiente. Em poucas palavras: faltava abandono ante a vontade da Providência.

Quando notou que o movimento do confessionário de Padre Luís tinha se intensificado e que sua inquietação era cada vez maior, novamente o reitor insistiu nos termos fundamentais dessas últimas conversas. Desconhecia ainda o caso de Sérgio, mas não lhe podia passar despercebida a existência de uma nova crise, talvez ainda mais séria do que as precedentes.

Assim, guiado apenas pela sua intuição, Padre Martinho foi diretamente ao ponto essencial: a súbita intensificação do número dos seus penitentes impunha-lhe um cuidado maior, uma particular vigilância em relação a tudo o que pudesse ser ou se parecer com ciladas do demônio. Abrisse bem os olhos porque era um dos momentos prediletos do Senhor do mundo, esse da euforia, da plethora de esforços pela boa causa, pelo trabalho sagrado. Muitos santos tinham conhecido essas tentações e, a elas, alguns deles haviam sucumbido. Não pensasse que no confessionário, entre o penitente e ele, só existia o ouvido de Deus, escutando, julgando. Havia também uma presença invisível e indesejada, um ser de traição e de emboscadas rápidas, agora sorriso que não chega a se delinear, mais adiante mãos juntas que se confundem com mãos postas para a oração, adiante ainda soluço de sarcasmo perfeitamente semelhante ao do arrependimento. Sim, o demônio também estava presente, atento, pronto para desencadear seu grande assalto. E atentasse bem: esse assalto não era dirigido somente contra o pecador do lado de fora do confessionário, mas também podia se voltar contra o do lado de dentro, igualmente vulnerável, por mais puro que fosse. Não se enganasse: muitas vezes o penitente trazia o demônio consigo e voltava para casa livre dele — porém, acontecia que o tinha deixado no próprio coração do sacerdote que o absolvera... Sim, porque aquele era um dos maiores mistérios da confissão: tanto quanto com almas, o padre lida com demônios. É um privilegiado — mas é, também, um ser particularmente exposto. Com seus mil disfarces, suas máscaras tão semelhantes às humanas e por vezes tão facilmente confundíveis com as das próprias coisas inanimadas, o maligno o assedia a todo instante. Não só porque reconhece nele seu maior adversário e precisa desmoralizá-lo aos olhos dos homens, como porque é posto incessantemente em contato com ele. E se as ocasiões de tentação e de queda são muitas, são mil na vida de cada indivíduo comum (e dessa abundância, que razões não tira para se desculpar, para invocar atenuantes!...), quantas não são, quantos milhões, na existência de um padre — a quem, no entanto, o farisaísmo humano se julga na obrigação de não perdoar nada?!... Em consequência — assegurava o reitor —, era preciso ter um cuidado especial. Meditasse muito em tudo quanto lhe dissera. Não era momento para facilitar, principalmente sendo pessoa

tão sensível à dúvida, tão facilmente contaminável pelo desânimo. Devia se resguardar mais, se encourajar contra a ação insidiosa do grande inimigo. Do contrário iria cair em ciladas dolorosas, quem sabe se arriscando a viver horas de angústia e de dúvida, beirando talvez o abismo do desalento, do desespero mesmo...

•

Não obstante as reiteradas recomendações do reitor, as meditações de Padre Luís sobre as particularidades e os perigos excepcionais da sua situação foram rápidas, superficiais. Faltava-lhe tempo e, sobretudo, calma para exames mais aprofundados.

Talvez venha a chocar a muitos a afirmação de que Padre Luís carecia de tempo para pensar naquilo que, justamente, devia preocupá-lo acima de tudo. Independente de não me parecer haver nada demais nisso, foi realmente o que se deu. Não que o padre tivesse passado os dias e as noites no confessionário. Não que ninguém o tivesse deixado de ver no Colégio São Luís de Gonzaga no decorrer desses dias. Continuou a ser encontrado, a dar aulas, a corrigir exercícios, a rezar sua missa à hora de sempre e o Breviário com absoluta regularidade. (Quando muito, por iniciativa do reitor, teve sua atividade didática ligeiramente diminuída). Portanto, teria tido tempo para fazer as meditações demoradas e profundas que tão sabiamente lhe haviam sido recomendadas, não fosse essa circunstância: durante esses primeiros dias de agosto, sua cabeça ficou de tal modo dominada pelas preocupações decorrentes do episódio Sérgio Vilar e de uns poucos outros casos que já se anunciavam graves, ricos em aspectos entristecedores, que todo o tempo disponível foi pouco, verdadeiramente insuficiente para examiná-los em detalhe.

Naturalmente, o caso de Sérgio dominou todos os outros. Manda a verdade que se diga mesmo que eles como que desapareceram ante a onda má e desalentadora que assolou a casa dos Vilar. Tudo mais perdeu as proporções e só aquela aventura pareceu existir aos olhos de Padre Luís.

Foram dias de angústia e cruel expectativa — dias que deixaram marcas indeléveis em seu espírito. E quando enfim, naquela manhã de 22 de agosto, deixou Sérgio, horas antes da sua partida para São Paulo, em pleno vento de revolta e renegação, foi completamente desarvorado que voltou para o Colégio.

Seu primeiro pensamento foi recorrer a Padre Martinho. Ninguém melhor do que ele para auxiliá-lo naquele momento de incerteza e aflição. Desistiu da ideia ao se lembrar do segredo confessional que não

podia ser violado. Por menos que falasse, trairia alguém. Apesar de estar ali há pouco tempo, o reitor conhecia bem os Vilar. Certamente, quando ouvisse falar do que sucedera a Reni e da partida de Sérgio para São Paulo, reconheceria o episódio e os personagens por ele evocados.

Preferiu portanto calar, deixando para conversar depois em termos gerais sobre problemas relacionados com aqueles. A falta de alguém com quem discutir as questões que o torturavam foi, porém, enorme. E só fez aumentar com o passar das horas.

Não que o assaltassem dúvidas a respeito da ilegitimidade da revolta de Sérgio. Julgava-a absurda, insensata, estúpida. Quando a rememorava, ainda tinha vontade de gritar as mesmas palavras altissonantes de horas antes: “Deus não mata, Sérgio, Deus salva! Se alguém matou Reni, não pode ter sido Deus. Deus não mata, porque é Ele que é a Vida. Aliás, Reni não morreu, Sérgio. Reni não morrerá, creia no que estou lhe dizendo. Deus a conservará para que se salve. Mas, se Reni vier a morrer, então, será preciso procurar descobrir o que terá determinado essa morte. Porque, meu filho, não poderá ter sido seu pedido... Se é que você o formulou! Terá sido outra coisa, certamente. Do contrário, a ordem do universo estaria alterada e isso não se concebe, é totalmente impossível”.

Nenhuma dúvida, pois, sobre esse ponto: desnordeado de dor, incapaz de compreender e de aceitar o desastre, Sérgio barafundava tudo, blasfemando como um possesso. Quando iria ver claro de novo? Quando voltaria a si? Não era essa, contudo, a questão única. O grave é que também ele, Padre Luís, não podia compreender aquele episódio, aceitá-lo em sua triste e vil crueldade.

Por certo, era mais um fracasso seu. E tremendo. E talvez seríssimo do ângulo da conservação da sua confiança. Contudo, também não era sobre esse ponto que recaía o acento mais negro. Por mais que aquilo o fizesse sofrer, curvava a cabeça. Aceitava de bom grado, como provação, como sacrifício necessário. O impossível para ele, era compreender o fato em si, a calamidade que caíra sobre a família Vilar e, particularmente, sobre Reni e sobre Sérgio.

Como explicar? Como aceitar? Parecia-lhe cruel demais, injusto além de todos os limites imagináveis. Ana Vilar não merecia aquilo. Nem os dois velhos, sobretudo depois de tantos desgostos ao longo da existência aceitos sempre tão cristãmente. Nem as duas meninas, Clara e Vera. Nem, igualmente, aquele Sérgio que um mês antes ainda se ajoelhava diante do seu confessionário cheio de fé e de esperança, vencendo galhardamente sua batalha contra a maldade do mundo. Acaso era

criatura para ver sua vida destruída assim do dia para a noite? Teria forças para se reerguer, mais tarde? Ou seguiria agora pelo caminho mais fácil, pelo que a maioria costumava trilhar? Também Ivo partira para São Paulo, anos antes, assim, em plena revolta... Tudo isso, para não falar na figura de Reni, naquela estranha e desgraçada menina que não podia deixar de ter direito à salvação e que, no entanto, parecia ter recebido apenas, como quinhão próprio, aquela saúde miserável, aquela sexualidade doentia — aquele inferno de fraqueza e de pecado. Era uma vida, aquilo? Um destino, aquele pequeno pantanal? Existiam seres assim ou era apenas um erro, um desvio a ser retificado? Deus poderia querer realmente aquele fim ou alguém era responsável por um caminho mal tomado? Não seria dada uma oportunidade a Reni? Não lhe seria estendida a mão amiga de um ser capaz de redimi-la? Acabaria naquela cena de sangue e lodo a existência que lhe fora reservada pela Providência? Essas e outras cogitações semelhantes torturavam o espírito de Padre Luís e voltava a elas constantemente nessas horas de nervosismo crescente. Sabia bem que, no momento, nada podia fazer por Sérgio e Reni, sendo necessário esperar pacientemente, atento para não deixar passar a ocasião de socorrê-los. Nem por isso o sofrimento diminuía. E, de guardá-lo para si só, a angústia ainda aumentava. Até mesmo a saúde começou a se ressentir acentuadamente da crise em processamento...

•

O que decorreu então foi pouco, apenas dois ou três dias, mas a verdade é que, de repente, tudo se precipitou de tal modo à volta de Padre Luís que sua atitude teve de mudar totalmente. E a crise que três ou quatro episódios particulares não tinham sido suficientes para fazer aflorar, desenhou-se com nitidez no horizonte mais próximo.

Sinceramente, Padre Luís não sabia explicar aquele tumulto de almas. Como se a conversão de Sílvio, primeiro, e, depois, o desmoronamento da vida de Sérgio tivessem sido misteriosos sinais cujo sentido secreto só ele não lograra entender, à sua volta e no segredo do confessional, uma série de casos, alguns de linhas já mais ou menos apagadas, tinham subitamente concorrido, de forma a absorver completamente sua atenção e produzir por vezes em sua cabeça um autêntico e irremovível turbilhão. Por outro lado, como se não fossem suficientes esses problemas, novos penitentes haviam surgido, ao mesmo tempo que alguns antigos tinham saído da sombra em que viviam, medíocre e bonacheirona, para vir se agitar à luz do terrível sol do pecado, da crise inadiável.

Novos ou velhos, o fato é que os penitentes af luíram com invulgar

intensidade ao confessionário de Padre Luís nos dias com que findou o mês de agosto daquele ano. Desde cedo as chamadas começavam e como não era raro que demorasse ouvindo cada pessoa, formavam-se filas nos bancos. Se a necessidade de dar uma aula obrigava-o a interromper as confissões, quase todos ficavam esperando, pacientemente. À tarde, depois das duas horas, quando a Capela se reabria, era o mesmo movimento. Isso se prolongava até seis, sete horas da noite, quando o próprio reitor vinha chamar Padre Luís, alegando a necessidade de fechar a Capela para obrigá-lo a jantar e descansar um pouco.

Que essa concorrência de penitentes de idades e condições sociais as mais diferentes, que esse sincronismo de exacerbamentos de pecados, angústias e desesperos tenha sido uma mera coincidência, muitos poderão pensar. Nada tenho para lhes dizer em contrário. E que poderia eu dizer? Aliás, que me interessará a opinião de criaturas para quem uma coincidência, uma simples coincidência, é explicação suficiente para esse intrincado cruzar de linhas que chegou a entontecer um homem com tão grande experiência de almas como Padre Luís?... Provavelmente, nossas línguas não são as mesmas e meu sentimento me manda permanecer fiel à minha. Só a intervenção divina ou a demoníaca explicam certos fatos que vivemos. Tudo mais (emprego das palavras “coincidência”, “acaso”, “leis desconhecidas”) me parece um simples fechar de olhos, voluntário e covarde, ou uma manifestação elementar de invencível estupidez. E deles pretendo me afastar tanto quanto possível nesse instante em que sinto o meu próprio destino envolvido entre tantos outros, ameaçado como tantos e como tantos sedento de uma verdade que não pode ser possuída somente em teoria, tendo de ser encontrada na prática, na busca em comum do verdadeiro caminho, isto é: realizada, não na alegria, mas sofrendo, “gemendo”, como nos recomendou o grande místico...

•

Dos novos penitentes surgidos, nenhum impressionava mais Padre Luís do que Alfredo Costa. Viera trazido por Branco, de quem se tornara grande amigo em poucos dias.

Esgotados todos os recursos da sua dialética pessoal, Branco o trouxera para uma última tentativa. Apesar de se dizer católico, Alfredo não mais praticava, nem atribuía à confissão maior sentido. O propósito que abrigava no coração afastava-o da possibilidade de qualquer prática religiosa. Nem fora sem relutância que acedera ao pedido de Branco para que fosse conversar com Padre Luís. É verdade que, dias depois, inexplicavelmente, procurara-o no confessionário, contando-lhe todo o seu caso.

Aliás, aquele “caso” era o mais notório de todos os casos da cidade. Dentre os que conheciam pessoalmente Alfredo, poucos o ignoravam. Desiludido de tudo, insatisfeito e insaciável, declarava que só via uma solução: suicidar-se. Dizia a todos que o ia fazer, cedo ou tarde. A maioria sorria, considerando sua ameaça apenas como uma mania elegante, puramente platônica. “Literatura!...”, comentava-se com desdém. Poucos acreditavam, raros se davam ao trabalho de discutir com ele, de tentar dissuadi-lo. Em certas rodas, já se tornara mesmo uma fábula. Repetia-se uma frase de Marcos a esse propósito. Dissera certa vez, aludindo à intenção de um amigo seu de deixar de fumar: “Você vai largar de fumar tanto como o Alfredo vai se matar!...”. A comparação fora repetida, veiculada, chegando aos ouvidos do próprio Alfredo que, apesar de tudo, não deixara de sorrir.

Naturalmente, Branco acreditara desde o primeiro minuto na sinceridade de Alfredo. É verdade que a ele, o novo amigo explicara longamente sua situação, não lhe escondendo nenhum dos detalhes que a tornavam compreensível, verossimilhante. Fora uma conversa que se prolongara pela noite adentro e da qual tinham se separado muito próximos, amigos. Desde então Branco não sossegara enquanto não o aproximara de Padre Luís, certo de que só sua intervenção imediata poderia salvar Alfredo.

O que logo de início impressionara o padre no seu novo penitente fora sua imensa vibratibilidade! Jamais vira uma placa tão sensível às impressões da vida. E, realmente, o drama de Alfredo parecia provir de um jogo excessivo de ações e reações entre ele e o ambiente. Ele próprio dizia que sua insuficiente constituição nervosa fora como que destruída nessa série de choques. Nada mais podia fazer para se readaptar.

Contava sua história sem o menor escrúpulo: vivera a mais agitada das mocidades, depois de ter tido uma infância precoce, anormal. O casal Costa gerara quatro filhos, três moças e, por fim, ele, um menino magro e nervoso, o mais voluntarioso e egoísta dos seres. Desde cedo se manifestara nele uma extraordinária vivacidade do instinto sexual e o Comendador Teodoro Costa tivera de se aborrecer muito com isso, cumulando-o de repreensões e castigos inúteis. Morrera deixando-o com quinze anos, em plena vertigem da descoberta dos prazeres do mundo.

Desde esse dia até o do seu noivado, Alfredo não encontrara em casa o menor obstáculo para seus caprichos. Tanto Isolina Ribeiro Costa como suas três filhas, Margarida, Clotilde e Clarinda, pareciam só ter na existência um objetivo: satisfazer, um por um, os desejos de Alfredo. Mesmo os informados, mesmo os impossíveis. Como o Comendador Costa deixara uma fortuna razoável, durante vários anos o rapaz pudera

viver a mais fácil e desatinada das vidas. Começara a estudar Direito, mas conseguira se fazer reprovar no fim do primeiro ano. Abandonara o curso. Tentara Belas-Artes, sem contudo ir além do exame vestibular. Os escândalos tinham se sucedido uns aos outros. Enfim, cansado de tudo, apaixonara-se subitamente por Clara Lima, cantora de rádio, então em pleno sucesso e dois anos mais velha do que ele. A oposição da família fora violenta, mas fracassara ante sua obstinação. Clara era a única criatura capaz de fazê-lo feliz, não suportava mais a vida de outro modo. Além disso, acabava de fazer vinte e um anos e sabia perfeitamente o que lhe convinha... O casamento ainda não tinha cinco meses de realizado e nascia o pequeno Ari. Já então o casal não se entendia mais. Os absurdos ciúmes de Alfredo eram geralmente apontados como o motivo fundamental das desavenças. Ele sorria, asseverando que não lhe faltavam razões para agir desse modo. Clara invocara incompatibilidade de gênios e garantia aos conhecidos que o nascimento de Ari, longe de melhorar só fizera piorar as relações conjugais. Os dias corriam. Enquanto Alfredo se escravizava ao menino, de saúde muito fraca, Clara cada vez se afastava mais do lar. As seduçãoes da carreira tornaram a se fazer sentir de um modo imperioso e não lhe foi mais possível resistir. Vivia mais nos estúdios e nas rodas de rádio do que em casa. O rompimento veio. No entanto, por causa de Ari, Alfredo consentiu em continuar a morar com Clara.

A situação jamais lograria perdurar. A irritação de Alfredo, dada a leviandade da conduta de Clara, crescia dia a dia. É verdade que ele insistia em se controlar, atendendo ao que lhe pareciam ser os interesses do pequeno Ari, a caminho de completar seu segundo ano de existência — uma das mais mimadas pelo carinho paterno de quantas o mundo já conheceu.

Foi quando se deu o desastre fundamental da vida de Alfredo. Fraco desde o nascimento, só muito lentamente Ari vinha melhorando. Apanhado de surpresa, na convalescença de uma pequena gripe, por uma pneumonia dupla, falecera em menos de vinte e quatro horas, deixando o pai em verdadeiro estado de loucura.

Longe de aproximar o casal, a morte do garoto o separou definitivamente. Clara não deixou de sentir a perda. Contudo, uns três meses depois embarcava, levada por um americano, pera tentar carreira no cinema. Desquitado, sem o filho, sentimentalmente afastado de casa desde o casamento, Alfredo se viu completamente só. Destroçado, incapaz de recomeçar a vida, não tinha mais vontade, disposição para coisa alguma. Acabara tudo para ele. A ideia do suicídio se impôs então como a única solução possível.

Sem demora, voltou à vida de boêmia de anos antes. De bar em bar, pouco se importando com o que acaso pensassem ou ficassem dizendo dele, contava suas mágoas com um despudor impressionante numa natureza fina e delicada como a sua. Meia hora de conversa, uma dúzia de chopes bastavam para que estivesse em plena confissão do seu “segredo” desígnio. Branco o conhecera numa dessas noites de indiscrição sentimental. Logo sentira o que havia de sincero em seu projeto. Tinham conseguido se separar do resto do grupo e, depois de longa conversa, Branco resolvera não o deixar abandonado a seu destino. Pelo menos, faria o que estivesse ao seu alcance para movê-lo daquela ideia fatal. Pensara imediatamente na possível intervenção de Padre Luís... Mais por amizade por Branco do que realmente por fé ou vestígios de fé, Alfredo cedeu e foi “conversar” com Padre Luís. Dias depois, ajoelhava-se no seu confessionário, ainda que nele nada tivesse se alterado em relação a seu projeto inicial. Saíra indeciso, tendo prometido, apenas, não dar passo algum antes de tornar a procurá-lo. E agora ali estava de novo, precisamente naquela mesma tarde de 25 de agosto em que a pequena Matilde e Matias Vancouver tinham vindo se confessar com Padre Luís.

•

Matias Vancouver era um outro novo penitente que inquietava fundamente Padre Luís. Nascera na Bélgica, desde os cinco anos vivia no Brasil. Considerava-se brasileiro. Ainda que se tivesse casado com uma alemã, Linda Dahlen, seus filhos, Tomás e Teda, o primeiro com doze, a segunda com dez anos, nem sequer se lembravam de que eram filhos de estrangeiros. A não ser, talvez, nos momentos em que certas questões de política internacional levavam seus progenitores à discussão.

Os pais de Matias eram belgas. Roberto Vancouver, assim estalara a Primeira Grande Guerra, voltara para a Europa, morrendo tempos depois nos campos da Flandres. Os pais de Linda eram alemães. João Dahlen fizera a guerra inteira, só emigrando para o Brasil anos depois. A mãe de Matias e a mãe de Linda já tinham morrido, nunca se tendo tolerado uma a outra. Assim, no momento, dos avós de Tomás e Teda, só o velho João Dahlen existia, gozando aliás a melhor das saúdes no fim de seus sessenta anos intensamente vividos.

Magro, baixo, com saúde para dar e vender, Matias completava então trinta e cinco anos. Podia dizer que era um homem feliz. A não ser a ausência dos pais, que mais podia aduzir contra a sorte? Tivera a existência sempre fácil e agradável, mesmo depois da morte do pai que o deixara ainda em plena adolescência. O casamento com Linda só lhe trouxera tranquilidade e confiança para vencer. Salvo uma ou outra

pequena rusga de momento, sentira-se sempre seguro, correspondido em seu amor. Os filhos só lhe tinham dado motivos de contentamento e até a presença em casa do velho João Dahnen não lhe ocasionava dissabores. Pelo contrário, compreensivo e ponderado, o velho intervinha com êxito sempre que ele e a mulher se desavinhavam, geralmente por questões de opiniões políticas antagônicas.

Tudo corra, portanto, perfeitamente bem para Matias até o dia em que, inexplicavelmente, sucedera uma banalidade que pusera por terra todo o seu equilíbrio sentimental. Certa noite, tendo se incumbido, por motivos de cortesia, de mostrar a vida noturna do Rio a dois compatriotas interessados nos negócios da firma Vancouver e Cia., fora a um cassino. Lá, bebera um pouco. Não tinha o hábito, ficara “alegre”. Depois, concordara em passar um momento pelos cabarés da Lapa, nos quais um dos rapazes ouvira falar. Num deles, no Renânia, sentira-se violentamente atraído por uma mulher de cor, cujo corpo de formas altamente provocantes, constituía uma das atrações do lugar. Chamava-se Dolores e cantava, aliás não muito mal. Já meio tonto, Matias não tivera dúvida em dançar com a mulher e a noite não terminara sem que lhe tivesse feito as mais tentadoras propostas. Adivinhando sua inexperiência naquele gênero de aventuras, Dolores se fizera de difícil, mas acabara cedendo. No dia seguinte, Matias não pensava em outra coisa senão na loucura que representara para ele, na véspera, aquele corpo escuro, radicalmente oposto ao de Linda... Ao contrário da mulher, protestante, para quem a religião era letra morta, Matias sempre fora católico praticante. Rigoroso para consigo, tolerante em relação aos outros, tinha sua vida religiosa em ordem e a paz reinava em seu espírito. A aparição de Dolores, a frequência com que passara a procurá-la, estabeleceram no seu íntimo um clima de crise e pânico. Seu confessor habitual não lhe tendo sido de grande auxílio, resolvera procurar um de que diversas pessoas lhe tinham falado como do mais compreensivo e experiente dos sacerdotes: Padre Luís, do Colégio São Luís de Gonzaga.

Nesse momento, sua situação era a mais dramática. Pois, na verdade, não pensava em mais nada a não ser em deixar mulher e filhos para ir morar com Dolores. A sedução fora completa. Vivia junto da criatura. Estranhando a mudança de seus hábitos caseiros, Linda desconfiara, indagara e acabara obtendo dele próprio a narração da irregularidade. A discussão estabelecida de nada adiantara, como de nada tinham adiantado as súplicas e, por fim, as ameaças dos dias subsequentes. Dolores o tinha como que enfeitiçado. Não podia mais passar sem ela. Se Linda dizia: ou ela ou eu, Matias pensava: ela, cem vezes antes ela!... No seu sangue europeu, alguma coisa de muito forte ardia ao contato daquela pele escura, sensual, mais quente talvez do que a do comum das

mulheres. Percebia: cedo ou tarde, teria de escolher entre o lar, Linda, os filhos, e aquela mulata estúpida, vulgar, que se entregava a ele apenas para o prazer carnal.

Naquela tarde, o homem de uns trinta e tantos anos de idade que estava sentado ao lado de Alfredo e de Matilde, era Matias Vancouver, que esperava pela sua vez de se ajoelhar diante de Padre Luís. Procurara-o uma semana antes, contara-lhe seu caso. A ação benéfica do padre se fizera sentir durante alguns dias. O hábito de possuir Dolores fora mais forte. E, naquela manhã mesmo, tivera com Linda a mais violenta das discussões, compreendendo que não podia mais contornar o problema fundamental. De um modo ou de outro, precisava tomar um partido. Como, por si só, não tinha forças para fazer a balança pender senão para um lado, vinha implorar novamente o auxílio de quem já lhe fora tão útil...

•

Na lista dos casos agudos que Padre Luís tinha a seu cargo naquele momento, um outro também vinha se inscrever logo com foros de novidade: o de Maria Inês Carneiro. Por certo, não era uma penitente nova. Longe disso. Há vários anos que a conhecia, sempre fiel ao seu confessor, sempre regular em seu comparecimento mensal. Nenhum drama especial, nada que diferisse do ramerrão de pequenos pecados de quase todos os cristãos.

De família tradicionalmente católica, conservadora, monarquista, os Lopes Gomes, da mais antiga aristocracia rural do estado do Rio, Maria Inês se casara cedo com Pedro Carneiro, um rapaz da mesma idade que ela, herdeiro de um nome ilustre e de uma grande fortuna, acumulada rapidamente por Jaime Carneiro durante os anos da Primeira Grande Guerra. Firmo Lopes Gomes tinha se oposto ao casamento de Maria Inês. Pedro era considerado um rapaz brilhante, cheio de futuro, mas a inexperiência dos seus dezenove anos apenas completos assustava o bom senso dos Lopes Gomes. Contudo, a insistência dos dois interessados em abreviar o noivado, a que fora fixado um prazo mínimo de dois anos, e, sobretudo, a amizade de Cassilda Sena Lopes Gomes, mãe de Maria Inês, por Mafalda Soares Carneiro, mãe de Pedro, tinham acabado por vencer a resistência de Firmo Lopes Gomes.

O casamento parecera bem-sucedido. Maria Inês vivera feliz longos anos, chegando mesmo a esquecer os dois desastres que tinham ensombrado seu primeiro ano de casada. Esperava ela uma criança, quando ocorrera a morte repentina de Cassilda Sena Lopes Gomes que todos, com exceção do marido, ignoravam que sofresse do coração.

Recebendo a notícia de chofre, por inadvertência de uma empregada, Maria Inês não resistiu ao choque, abortando perigosamente. O fato teve consequências ainda mais desastrosas do que as aparentes, pois os médicos logo declararam Maria Inês impossibilitada de conceber novamente.

Durou pouco a sombra projetada sobre sua vida. A felicidade junto do marido, a tranquilidade dos dias e dos anos que se tinham seguido àquele mau período fizeram com que esquecesse a morte da mãe e a proibição que pesava sobre sua natureza, entretanto tão especialmente inclinada à maternidade. A existência junto a Pedro transcorrera sem acidentes, tingida dessa felicidade acinzentada e mediocrementemente boa dos casais sem história. Pedro parecia realmente feliz. Interessado na mulher, sem dúvida, mas, sobretudo, inclinado sobre os negócios, a que se entregara freneticamente desde o dia em que, com a maioridade, seu pai lhe dera plena liberdade de gerir um capital próprio.

Não, Maria Inês jamais teria percebido o que na verdade se passava com o marido, hábil dissimulador dos segredos de seu coração, não fosse aquele Diário esquecido em casa, num dia de atraso e distração. Nem mesmo da sua existência suspeitava. Pedro o guardava no escritório, no cofre da Companhia. Quando o levava para casa — o que sucedia raramente —, era na sua pasta, sempre fechada à chave, junto com outros papéis nos quais Maria Inês nem sonhava em tocar.

O Diário de Pedro datava de dois anos depois do casamento. Já então não podia haver dúvida de que o marido não a amasse mais. Tolerava seu amor por amizade e reconhecimento, procurava manter as aparências de um perfeito entendimento atendendo a conveniências sociais. Todavia, sua verdadeira existência estava adiante, parte no mundo dos negócios como Maria Inês sabia (sempre soubera...), parte num universo de dissolução e pecado de que ela não fazia a menor ideia.

Nas páginas vagas e incolores do Diário, a relação dos principais negócios concluídos e a das aventuras alternavam com um cinismo e uma displicência tais que, de início, tontearam Maria Inês, fazendo-a duvidar do que estava lendo. Na impossibilidade de não identificar naquela sombra que o papel lhe restituía, o vulto tantas vezes vago e inexplicável do marido, tivera de se convencer da veracidade dos fatos narrados. Então, cheia de horror, mergulhara durante horas consecutivas na miséria que fora a vida de Pedro Carneiro durante aqueles longos anos de vida em comum... Enquanto se julgava fria mas honestamente correspondida, eis que Pedro não pensava em outra coisa senão em enganá-la e com as criaturas as mais ordinárias, as mais desprezíveis do mundo. Junto de algumas vivera longo tempo, de outras apenas dias, o

bastante para esgotar o interesse que o levava até elas. Como seus negócios tinham assumido proporções muito maiores do que relatava em casa, pudera manter diversas amantes ao mesmo tempo e, ainda no momento, duas delas dividiam entre si a indecisão de sua preferência. Maria Inês levava o dia todo lendo o Diário e, quando Pedro chegara, à noite, encontrara-a de cama, pretextando uma enxaqueca violenta para poder ficar mergulhada no escuro do quarto e não ter de olhá-lo face a face. Sentia-se na mais absoluta impossibilidade de comentar o que descobriria, de tal maneira aquelas expansões pornográficas repugnavam à sua natureza tímida e discreta. Ficara verdadeiramente esmagada pela revelação. Não sabia mais o que pensar. Sua vida de anos e anos ruíra no espaço de algumas horas. Tinha a impressão de estar de novo junto da mãe morta e ainda queria ter um filho, custasse o que custasse. Pedro é que não existira, Pedro é que fora um sonho. Sofria, acolhia durante momentos a tentação de se suicidar ou de fugir sem deixar nem sequer um bilhete de explicação. Suas ideias se confundiam e as horas passavam sem que pudesse se conformar.

Nada falara a Pedro. Continuara de cama nos dias subsequentes, evitara discretamente qualquer contato mais íntimo. Enfim, transcorrida uma semana a contar do dia da infeliz descoberta — exatamente na mesma tarde em que Matias Vancouver, Alfredo Costa e Matilde se ajoelhavam ante o confessorário de Padre Luís —, resolvera não permanecer mais junto de Pedro. Separar-se-ia sem dizer nada, indo viver com o pai, que certamente haveria de aprovar seu procedimento. Como o fariam, aliás, todos os que conhecessem os detalhes daquele caso. O impossível seria querer condená-la a continuar naquela vida de dissimulação e hipocrisia, junto daquele ser falso e miserável que a enganara sistematicamente durante anos e anos, perfeitamente consciente do que estava fazendo. Entre eles acabara tudo. O mais que podia fazer era se afastar sem dizer coisa alguma, sem humilhá-lo com as suas recriminações. Abandoná-lo-ia sem discussões e lágrimas inúteis, desapareceria de sua presença, permitindo-lhe chafurdar abertamente na lama em que vivia, às escondidas. Não tornaria a pertencer a um homem que realmente nunca a amara, não a tendo sabido respeitar nem mesmo nas raras palavras que lhe dedicava no seu vulgaríssimo Diário.

O propósito de Maria Inês era inabalável. Um único ponto permanecia na sombra, perigoso, ameaçador: antes de agir, precisava falar com Padre Luís. Que diria ele? Estaria de acordo? Ou acharia que devia continuar a coabitar com Pedro, ingênua e despreocupadamente cuidando de suas obras de caridade? Deixar de consultá-lo é que não podia. Era seu diretor de consciência. No momento, a única criatura em quem podia depositar confiança integral. Seu pai, apesar de não ser muito idoso, começava a não regular perfeitamente bem da cabeça.

Além disso, era um homem sem princípios religiosos, indiferente a certos aspectos do problema em apreço. Impunha-se, portanto, bater à porta de Padre Luís e dele obter o consentimento. Depois então, procuraria proteção moral e material junto do pai.

Assim, naquela tarde de 25 de agosto, ao entrar na Capela para atender a seus penitentes, Padre Luís já sabia: na vida de Maria Inês Carneiro, qualquer coisa de grave se produzira. Acabara de chamá-lo ao telefone, pedindo-lhe que a procurasse no dia seguinte, pela manhã. Ainda que não estivesse doente, sentia-se muito fraco, num estado de depressão que lhe impedia de sair de casa. No entanto, precisava falar-lhe com tanta urgência, sobre assunto tão importante, tão fundamental para sua vida que, caso não a pudesse visitar no dia seguinte, depois de dez e meia da manhã (pois, antes disso, o marido estava em casa e a conversa devia se processar à sua revelia...), então faria um esforço e iria naquela tarde mesmo procurá-lo na Capela. A promessa feita de que iria vê-la às onze horas da manhã sossegara-a de tal modo que Padre Luís não conservara mais a menor dúvida sobre a importância da entrevista. Certamente sucedera alguma coisa que viera perturbar profundamente a tranquilidade daquele lago antes tão calmo, tão diferente da maioria dos outros lagos.

•

“O momento é de crises”, pensou Padre Luís no umbral da Capela, antes mesmo de deparar com as fisionomias conhecidas e excepcionalmente angustiadas de Matilde, Matias Vancouver e Alfredo Costa, casualmente sentados lado a lado no mesmo banco de igreja. Que havia no ar para todas aquelas almas se agitarem daquele modo? Agosto trouxera consigo algum vento mau? Já não bastara a desgraça sucedida aos Vilar? Por que aquele movimento anormal, aqueles paroxismos, por que tanto desatino inútil dirigido contra o coração em sangue do Redentor? Queriam crucificá-lo de novo, queriam reavivar sua Agonia, todos aqueles seres que se debatiam como loucos, incapazes de se controlar, pecando como verdadeiros demônios? Ou tinham enlouquecido na ânsia de aproveitar oportunidades miseráveis de gozar meia dúzia de prazeres inconsistentes? A derrocada moral e material de Ernesto, seu antigo colega de seminário, era um fato consumado. Procurara-o dias antes, ficara de voltar para receber de suas mãos a carta de recomendação do reitor para um diretor de colégio do interior. Sem dinheiro e sem amigos, pretendia partir, em busca de uma hipotética reconstrução de sua vida fracassada.

Também o Professor Souza, há vários anos seu penitente, queria sair do Rio. Procurava fugir à sanha do sujeitinho miserável que o explorava

cada dia mais audaciosamente. Para onde iria? Como? Todos os seus planos ruíam ante esse obstáculo: Leonardo o manejava com a mesma facilidade com que se maneja uma criança... Irma, a mulher casada cujo caso tanto inquietara Padre Luís e de quem só dias antes soubera o nome, brigara com o amante por ciúmes de outra mulher e, num gesto de loucura, denunciara-o ao marido, denunciando-se ao mesmo tempo. Sem coragem para expulsá-la de casa, nem para brigar fisicamente com o amigo em quem confiara durante tantos anos, o infeliz aceitara tudo. Era evidente, porém: a tristeza e a vergonha o consumiam tão rapidamente que Irma se sentia como se o tivesse apunhalado. O remorso a trouxera ao confessionário. O remorso ainda a faria voltar. Quantas vezes, ainda?... Matilde enfim, a pequena e sempre ameaçada Matilde, cada dia se precipitava mais desastrosamente nos braços do seu cínico namorado. Teria forças para resistir? Receberia a graça de não ser colhida pela torrente que estava ajudando a desencadear? Assim — pensava Padre Luís ao se dirigir para o confessionário —, todas aquelas almas se agitavam estranhamente, recorrendo a ele como que em desespero de causa. Que podia lhes dizer para convencê-las, para demovê-las dos tristes desígnios que traziam no coração? Era algum santo para operar nelas o milagre de salvá-las quase que a contragosto? Tinha algum poder que os outros padres não possuíam? Ou estavam ali apenas para pô-lo à prova? Fosse como fosse, seu dever era um só. Para cumpri-lo, ali estava, ali estaria sempre, sempre disposto a tudo. Talvez aquela cruz fosse pesada de carregar. Mas, acaso fora por escolha sua? Podia dizer alguma coisa? Podia preferir outra? E depois, se era pesada, uma outra também não o fora? E essa outra, quanto, quanto mais!?

II

oi Matilde a última penitente em quem Padre Luís pensou, antes de entrar para o confessionário, naquela tarde de 25 de agosto. E foi ela, também, a primeira que trouxe inquietação ao seu espírito. Ainda não havia terminado a confissão usual de seus pecados e já Padre Luís tinha percebido: sucedera alguma coisa de anormal e ela hesitava em contá-lo. Que fora? A família teria descoberto seu triste segredo? Teriam brigado?... Sem dúvida, Matilde era especialmente querida por todos em casa.

Receava, porém, que não tolerassem sua fraqueza e fossem por demais rudes ao admoestá-la. Os Góes Cintra eram compreensivos, generosos,

mas o choque acaso sofrido podia tê-los desnortado. Afinal, não se tratava de um caso banal. Nem, muito menos, de uma família comum. Só quem os conhecia de perto podia avaliar o sofrimento provável, a reação que eram capazes de ter.

Matilde era a segunda filha do “casal Góes Cintra”, do qual só restava hoje a mulher, Inês Amaral de Góes Cintra. Quando enviuvara, Inês já tinha seis filhos e esperava pelo sétimo. Tomás nascera quatro meses depois da morte do pai, Aluísio Góes Cintra, que uma inexplicável infecção vitimara em poucos dias, aos trinta e nove anos, no momento mais feliz de sua existência. Matilde tinha então dez anos e o filho mais velho do casal, Arnaldo, quinze. A Matilde se seguiam, com dois anos de diferença cada um, uma menina, Teresa, e quatro homens: Hélio, Nelson, Aluísio e Tomás.

No momento atual, dos avós de Matilde, só sobrevivia o avô paterno. Jônatas Amaral, Inácia Teles Amaral e Carmen Góes Cintra já tinham falecido quando a menina nascera. Em compensação, Tomás Góes Cintra, já sexagenário há alguns bons anos, gozava da mais perfeita saúde, vivendo com a nora e os netos desde a morte de Aluísio. Não obstante as sombras que os diversos falecimentos tinham lançado sobre a Vila Esperança, podia-se dizer que seus moradores viviam felizes, sendo perfeito o entendimento entre eles.

Tanto os Amaral como os Góes Cintra eram de origem modesta e nem uns nem outros dispunham de recursos. O capital de ambas as famílias parecia ser o bom senso, a segurança de que o esforço individual, contínuo e honesto, acabava sendo recompensado, quaisquer que fossem os contratempos surgidos no caminho. A morte interrompera a carreira brilhante de Aluísio Góes Cintra, mas desde cedo Arnaldo revelara possuir qualidades idênticas às do pai: aos dezoito anos estava bem empregado e, no momento, apenas maior, já tinha uma sólida situação na Companhia de que o pai fora diretor. Acabava de ficar noivo de uma prima, Margarida Cintra Lins e afirmava com orgulho: casar-se-ia cedo como o pai e, como ele, teria logo muitos filhos, com a graça de Deus bonitos e cheios de saúde... O velho Tomás Góes Cintra sorria ao ver o neto com essas disposições de pessoa madura e experimentada. Tinham sido as suas, antes de serem as do filho. E esperava que fossem as de todos os seus descendentes, como estavam sendo as do neto. Um ótimo rapaz, aquele Arnaldo. Aliás, bom como todos os Góes Cintra, homens ou mulheres. O que não impedia que sua preferência recaísse sobre um, entre todos: Matilde.

Não se tratava, é verdade, de uma predileção sua, mas comum a todos em casa. A situação de Matilde era verdadeiramente privilegiada. Mãe e

irmãos não escondiam uma inclinação particular. E, se Inês não fazia diferença no modo de tratar os filhos — sempre justa e compreensiva em relação a todos —, não escondia, também, a queda do coração. Por um motivo ou por outro, Matilde era realmente a menina dos olhos de todos.

Por mais marcada que fosse, a preferência não deixava de ser justa. Matilde sempre fora, e o era então mais do que nunca, uma menina encantadora. Nada parecia lhe ter sido negado, nem quanto ao físico nem quanto ao moral. Ainda que não fosse possível apontar nela um tipo de beleza, não restava dúvida de que, com os seus dezessete anos por completar, agradava até às pessoas mais exigentes. Assim pensavam, entre muitos outros, seu namorado Oscar e os rapazes que o cercavam habitualmente.

De estatura média, corpo delicado e bem torneado, Matilde tinha traços finos e harmoniosos. Talvez os olhos fossem um pouco pequenos.

— Não digo que não. Talvez as covinhas do rosto por demais pronunciadas.

— Questão de gosto, coisas que não se discutem. De qualquer modo, nada disso alterava a impressão tranquila e pura que emanava de sua fisionomia e que fora a primeira coisa que despertara o interesse de Oscar.

Inegavelmente, Oscar não se aproximara com todas as más intenções que se podem imaginar. O principal surgira depois, quando, aos primeiros contatos, percebera o grau desusado de ignorância em que vivia aquela menina de quase dezessete anos. Habitado a frequentar outros meios, estranhara logo. A princípio sorria, pensara mesmo em se afastar, uma vez que ali, razoavelmente, não poderia conseguir nada do que queria. Por fim resolvera prosseguir na aventura. Não custava nada ver até onde aquilo podia ir. Era engraçado, excitante. Coisa completamente nova para ele. E coisa que, contada nas rodas que frequentava, produzia um quase unânime movimento de curiosidade, de admiração mesmo. Depois, que mal podia haver naquilo? Não ia arrancar nenhum pedaço de ninguém. Não ia prejudicar Matilde em nada de essencial. Isso, sim, seria perigoso, mas não seria ele a ser idiota àquele ponto. Queria se divertir, brincar um pouco com aquela ingenuidade tola... Não teria remorsos. Se não fosse ele a se aproveitar, seriam outros. Quando aparecia uma garota boba daquele modo, espertos à volta é que não faltavam. Não seria ele a perder a vez.

A docilidade de Matilde a seus caprichos desorientou-o de tal modo que chegou a pensar em desistir totalmente do namoro. Era evidente que

aquela meninota estava a tal ponto “caída” por ele que não lhe recusaria nada, se soubesse “levar o barco”, se quisesse mesmo. Ora, não queria, não podia arriscar. Aquilo não era mais brincadeira. Já passara a ser uma aventura. E, das mais perigosas. Tinha experiência suficiente de casos como aquele: não era preciso muita coisa para que se transformassem em verdadeiras encenacas, às vezes mesmo com consequências embaraçosas. A prudência mandava se afastar, enquanto ainda era tempo... O hábito de encontrar Matilde fora mais forte que os raciocínios da experiência. Sem querer pensar muito no que podia suceder, continuara. Cada dia, entre ele e Matilde, aumentavam as liberdades e os convites ao desatino.

Muito mais ainda do que em Oscar, a hesitação fora grande em Matilde. Sentia-se como que levada de roldão e desde cedo percebera que todos os seus esforços para resistir eram e seriam sempre inúteis. Assim vira Oscar, compreendeu que o amava. Só ele a interessava entre todos os homens. Compreendera também: jamais poderia resistir a seus desejos. Não sabia explicar por quê. Faria sempre o que ele muito bem entendesse, pois, desde o primeiro olhar trocado, ficara subjugada, obedecendo-lhe servilmente.

Sob esse ponto de vista, a cena do conhecimento fora decisiva. Quando o avistara, num grupo de rapazes, não soubera esconder seu espanto, fortemente tingido de admiração e embevecimento. Estava com Sofia — a amiga dois anos mais velha com quem ia ao cinema —, à espera da hora da sessão. Interpretando seu olhar, Oscar logo se aproximara, sorrindo, como se se tratasse de uma relação antiga. Percebendo que vinha para lhe falar, tremera da cabeça aos pés, tivera vontade de sair correndo, mas não se movera do lugar. Oscar viera cheio de animação natural, perguntando como ela ia passando, lastimando seu desaparecimento da circulação. Tanto cinismo a desarmara. Sem jeito, estendera a mão em resposta à mão estendida. E, como Sofia estivesse ao lado, esperando, espantada com aquele seu conhecimento, fizera menção de apresentá-la. Oscar logo declinara o próprio nome: “Oscar Bragança, muito prazer...”. Matilde respirara, apresentara Sofia e, ao pedido de Oscar para que lhe permitissem acompanhá-las ao cinema, caso não estivessem esperando alguém, ficara calada sem saber o que responder. Julgando seu silêncio pura questão de timidez, Sofia se precipitara e acedera ao convite. Tinham travado relações desse modo e, ao sair do cinema naquela tarde, já estavam a caminho da intimidade.

Matilde contara a Sofia o “golpe” de Oscar. Já era tarde, porém, para o recuo. Mais experiente, conhecendo a má fama do grupo de onde Oscar surgira, a amiga quisera preveni-la contra os perigos daquela “aventura”. O medo de parecer excessivamente severa, “antiquada”

quem sabe, deteve seu ímpeto logo às primeiras frases mais positivas. Matilde agradeceu o aviso, julgou-o puramente convencional e atribuiu a uma inconfessada má vontade de Sofia as informações pejorativas sobre o grupo todo. Naturalmente, não se afastou nem da amiga nem de Oscar. Tanto mais quanto Sofia não tardou a encontrar um namorado numa outra roda frequentada por Oscar. O grupo de quatro se formou, constante, inseparável. As matinês de cinema, aos domingos e às quintas-feiras, foram desde então o lugar favorito dos encontros dos dois casais.

A displicência e o amoralismo inato de Sofia contribuíram fortemente para o agravamento do caso de Matilde. Sem maldade, só por indiferença e relaxamento, tornou-se cúmplice, principal responsável mesmo, dada a confiança nela depositada pelos Góes Cintra. Manda, porém, o respeito aos fatos que se positive desde logo: Rubem, o namorado de Sofia, ficava em suas ousadias a quilômetros e quilômetros de distância de Oscar. Assim, Sofia podia argumentar que não sabia do que realmente se passava, pois Matilde recuava sempre na narração de certos detalhes mais escabrosos. Ao sair do cinema, iam passear por ruas e travessas pouco frequentadas: os pares se distanciavam, cada um deles como que se esquecendo da existência do outro. Só tornavam a se reunir bem depois, quando a necessidade de voltar para casa se fazia sentir.

A situação era perigosa, mas talvez ainda se prolongasse por algum tempo. No entanto, poucos dias antes de Matilde vir procurar Padre Luís, um acontecimento sobreveio, modificando totalmente o ritmo lento em que os fatos vinham se processando.

Tudo partira de um mero acaso: certo dia, numa matinê de domingo, um casal chamara a atenção de Arnaldo que estava só no cinema. Observara melhor e, ao identificar a irmã, acompanhada por um desconhecido que parecia tratá-la com a liberdade que um noivo normalmente não se permitiria, “pelo menos em público”, estranhara, custara a acreditar. De sobreaviso, vigiara. Como não se sentisse tranquilo, afastara-se, esperara a saída da sessão, olhando Oscar de longe. Apesar de não o conhecer pessoalmente, lembrara-se de tê-lo visto em rodas suspeitas. Além disso, não lhe parecera ter cara de pessoa em quem fosse possível confiar.

Resolvera seguir à distância os dois casais. Poucos minutos depois, não lhe restava mais dúvida alguma sobre a natureza das intenções de Oscar. Sem se poder conter, aproximara-se bruscamente, mandara Matilde para junto de Sofia como se sua ordem não pudesse nem sequer ser discutida, e segurara Oscar pelo paletó. Antes que o rapaz se recobrasse do espanto, já estava com um soco em pleno nariz.

O sangue correrá logo, Matilde gritara. Oscar reagira e os dois tinham rolando no chão. Antes de Sofia e Rubem chegarem, tinham ocorrido dois transeuntes e, por fim, um guarda, surgido ninguém sabia bem de onde. Numa rua mais movimentada, a briga teria ido acabar na delegacia. Oscar estava com a cara arrebatada e Arnaldo, todo rasgado, descabelado, tinha o beijo inferior em sangue. O guarda, porém, se deixara levar pela argumentação de Rubem e o pequeno ajuntamento se desfizera logo. Arnaldo saía carregando Matilde pela mão, pálida, fria. Sofia os acompanhara, choramingando. Rubem e Oscar tinham tomado direção oposta, calados, ansiosos por encontrar um táxi e desaparecer.

Ao lado de Arnaldo, Matilde ia em silêncio, ainda completamente estonteada de medo. O choro só viria depois quando, em casa, Arnaldo contasse à mãe o que sucedera. Aí então, diante do espanto de Inês, do olhar de dúvida esperançosa que ainda tivera coragem de lhe lançar, mesmo depois de ouvir a narração do filho, o pranto irrompera.

Vergonha? Medo? Arrependimento? Fraqueza? Insegurança? Não sabia dizer ao certo. Não seria Matilde Góes Cintra se o soubesse. O que sabia é que, dias depois, só pensava numa coisa: tornar a ver Oscar. Era triste reconhecer. Era horrível mesmo. Era verdade, porém. Sem Oscar, não podia viver. Preferia morrer a continuar privada de sua presença. Que sucedera com ele? Estaria zangado? Acharia que tinha ficado solidária com o irmão? Por intermédio de Sofia, encontrada agora às escondidas, uma entrevista fora marcada, para a noite, no portão da casa ao lado da Vila Esperança. Um momento apenas, o suficiente para matar as saudades que eram excessivas. Um instantezinho e depois, no resto, não queria pensar. Teria tempo para raciocinar, mais tarde. Primeiro a gota de água para aplacar a sede imensa... Feita a combinação, tudo resolvido, tinham chegado os escrúpulos. A necessidade de consultar Padre Luís se impusera. Conseguira licença para vir se confessar acompanhada por uma empregada. A não ser que o padre proibisse categoricamente, estava disposta a ir ao encontro. Precisava, no entanto, conversar com ele, discutir certos pontos. Talvez aquilo não fosse bem uma confissão. Pouco importava. Era o recurso que tinha à mão. Nem estava em situação de escolher muito.

•

Padre Luís só interrompeu Matilde quando teve certeza de que ouvira o suficiente para falar com pleno conhecimento de causa. Desde o primeiro momento avaliara a gravidade da situação, mas não quisera se precipitar. Convinha que Matilde contasse tudo. Convinha que não lhe escondesse nem a mais leve parcela do triste segredo abrigado no coração, facilitando-lhe o caminho para uma explicação completa.

Assim, logo que pôde, Padre Luís indagou:

— Mas então, minha filha, pelo que entendi, partiu de você o movimento que restabeleceu suas relações com esse rapaz?

— Mais ou menos, padre...

— Não há mais ou menos, nessas questões. Você procurou sua amiga e ela, por intermédio do namorado...

— Foi — positivou Matilde julgando inútil qualquer nova tergiversação.

— Partiu de mim a iniciativa. Não podia mais aguentar a separação. Antes a morte... Apesar de tudo o que já ouvira, o movimento de franqueza de Matilde estarreceu Padre Luís. A situação ainda era mais crítica do que imaginara. Reagiu logo:

— E você sabe o que significa esse seu chamado?

— Que eu não posso viver sem Oscar, padre...

— Minha filha, isso é apenas um aspecto da questão. O que há de grave em seu chamado é que, depois do que houve, equivale a uma permissão dada a esse rapaz para prosseguir no caminho miserável para o qual vinha arrastando você.

— Não, padre.

— É o seu consentimento para ele ousar ainda mais talvez do que já ousava... Ele se sentirá perfeitamente autorizado para ir mais longe.

— Como assim?

— Pois se você o chamou, depois do que houve! Pois se você o chamou sem que ele desse o menor sinal de arrependimento, de compreensão da lição recebida, de propósitos de regeneração!...

— Mas, agora vai ser diferente — falou Matilde sem grande convicção.

Padre Luís teve um movimento de impaciência. Bateu com os dedos na palhinha do confessional e perguntou:

— Diferente por quê? Matilde hesitou, incapaz de ser insincera. Por fim, sussurrou:

— É o que eu espero, padre.

— Mas não basta, minha filha! Esperar! Esperar! Arriscar-se como você vai se arriscar apenas com a garantia de uma vaga esperança... Isso tem cabimento?

— Oscar é boa pessoa, padre. Oscar vai se emendar, vai compreender...

— Nada indica isso, minha filha. Pelo contrário, depois do que houve, a ausência de explicações por parte dele e a marcação desse encontro clandestino, dúvida...

— Podia ser de outro modo, padre? Padre Luís teve um novo gesto de contrariedade. Era evidente que Matilde estava se apegando a tudo o que encontrava para se defender. Com energia, protestou:

— Minha filha, por que esses pequenos sofismas? Foi para me enganar que você veio aqui?

— Não padre, em hipótese alguma!

— Então, me diga: se esse encontro não fosse errado, inaceitável, por que motivo você viria me falar dele nos termos em que veio?... Diante da evidência, Matilde não pôde retrucar. Permaneceu de cabeça baixa durante alguns segundos. Depois, tomando aos poucos coragem, indagou:

— De modo que o senhor acha... que o senhor não me dá autorização para ir? Padre Luís não vacilou nem um segundo:

— Claro que não! Não se trata de um encontro de namorados... trata-se de um verdadeiro pecado. Não vá. Explique depois.

— Mas, fui eu quem pediu...

— Esclareça, depois, que você refletiu, que mediu seu erro, a leviandade que ia cometendo. Peça desculpas, explique como puder... Tudo é preferível ao erro de comparecer, de voltar a se entregar, indefesa de coração e de espírito, como você está, ao desnorteamento criminoso desse rapaz.

— Nem sequer posso tentar convencê-lo... conversar com ele?

— Minha filha, para uma conversa honesta, bem intencionada, não faltará tempo, nem lugar... nem permissão minha. Outra coisa é essa entrevista noturna, às escondidas, tão suspeita quanto é possível ser... Matilde não se deu por vencida. Também Padre Luís não cedeu. Assim, a proibição absoluta que tanto temera encontrar, ali estava. O padre a avisava: ir àquele encontro, era desobedecer, era pecar. Tinha portanto que escolher, decidindo por si mesma.

Para isso dispunha apenas de algumas horas, as que separavam aqueles segundos, de fim de uma confissão, do momento em que Oscar apontaria no portão de sua casa. Refletiria, resolveria por si. Afinal, que podia saber aquele padre do que se passava com ela? Algum dia sentira

alguma coisa de parecido com o que nascera e crescera nela desde o momento em que vira Oscar pela primeira vez? Era um sacerdote, um grande, um ótimo sacerdote — vivia caminhando na estrada da perfeição. Diziam que fora sempre excepcionalmente puro. Provavelmente, jamais conhecera o amor — bom ou mau, bem encaminhado, como tantos, ou perdido, como o seu, pelos tristes atalhos do pecado. Não devia ter experimentado, não devia saber o que era gostar de alguém como ela gostava de Oscar... Por mais experiência que tivesse, não podia saber. Era coisa bem diferente — podia assegurar — de tudo quanto se imaginava, de tudo quanto lera, mesmo naqueles livros proibidos que Oscar lhe arranjava e cujos nomes ela nem sequer ousava pronunciar. Era fundamentalmente diferente. Não era prazer, não era felicidade, não era alegria dos momentos vividos em companhia do ser amado. Talvez fosse mesmo o contrário. Podia jurar que, em certos instantes, era puro sofrimento, necessidade de fazer feliz o ser amado em detrimento de si própria. Aquelas concessões, deprimentes, vergonhosas, acaso alguém podia supor que lhe trouxessem alegria, prazer real? Cedia, sim. Mas, se o fazia, a razão era bem simples, era uma só: Oscar, a vontade, o prazer de Oscar. Podia negar? Do modo como Oscar pedia? Sabia que era errado — e Oscar não o ignorava também, embora garantisse sempre que não, que aqueles escrúpulos eram tolices, “carolismos”... Tornava-se persuasivo, insistia, implorava. Por isso, cedia. Cedia sempre. E Oscar sempre querendo, pedindo, insaciável — não vacilando nem mesmo ante o recurso da violência das mãos ou dos lábios quando suas relutâncias se prolongavam um pouco mais. Era ver, porém, a alegria em que ficava quando capitulava. Beijava-a de reconhecimento, de ternura, de felicidade. Jurava que só seria mais feliz no dia em que a tivesse inteira, dele, só dele até mesmo para a guloseima do olhar. Brincava: não a dividiria, então, nem com os espelhos nem com a água do chuveiro. Só ele a veria tal como a natureza a fizera. Porque, realmente, só ela existia em sua vida. Por certo, já conhecera muitas mulheres — não o queria esconder, para poder falar sem sombra de suspeição. Pois bem, perto dela, nenhuma contava, representava coisa alguma. Só por isso agia daquele modo imperativo, loucamente exigente.

E ela sabia que Oscar era sincero no que dizia. Aquilo era incontrollável nele — como nela. Era a paixão, mais forte que tudo. Era o que Padre Luís não conhecia, não podia avaliar... Assim, de que adiantava raciocinar? Valeria a pena refletir muito, lutar de fato contra aquela força? Fazia-o apenas por descargo de consciência. Não se enganava, porém: aquilo era mais forte, aquilo, por mais que fizesse, era supremo nela.

De um penitente para outro, de Matilde para Matias Vancouver, Padre Luís não teve tempo de descansar. Nem mesmo uma daquelas folgas relativas que quase sempre lhe ocorriam: a uma alma complexa, embrenhada no matagal da dúvida ou do pecado, sucediam uma ou várias almas simples, sem drama especial que as atormentasse, perfeitamente enquadradas no vaivém das pequenas misérias quotidianas. Não era que não lhes desse a atenção que mereciam. Apenas, elas próprias, na simplicidade de suas vidas, facilitavam a tarefa: não colocavam problemas novos, aceitavam sem discutir os conselhos que lhes dava.

Naquela tarde, Matias Vancouver sucedeu imediatamente a Matilde. O caso angustiante e invulgar da meninota cedeu lugar ao drama triste e doloroso, mas quase banal, do homem de trinta e cinco anos que queria abandonar o lar para viver a vida fácil de um amasiamento sem maiores responsabilidades. Assim, Padre Luís se encontrou novamente ante o velho inimigo de tantas lutas: a falta de força de vontade.

Matias não precisou recapitular seu caso, o padre estando perfeitamente lembrado de tudo quanto lhe contara, dias antes. Foi diretamente ao ponto que o preocupava: depois da violenta discussão que tivera com a mulher, naquela manhã, sentia-se forçado a tomar uma resolução. Linda não suportava mais a ideia de que ele e Dolores se encontrassem e exigia o rompimento imediato. Ora, por si, não tinha forças para tanto. Se tivesse de abandonar alguém, era a mulher, era o lar, eram os filhos... Dizendo isso, Matias quase chorava. Padre Luís atalhou logo:

— Meu filho, isso é uma coisa que você não pode, não deve fazer.

— Eu concordo... — gemeu Matias sem conseguir ir mais longe, pois o padre logo prosseguiu:

— Nem deve mesmo pensar nessa hipótese!

— E se não me restar outra?

— Tem de haver outra! Eu lhe asseguro que sim! Matias sacudiu a cabeça negativamente. Limitou-se a afirmar:

— Tudo depende de querer.

— Depende, padre. Eu concordo. Mas a questão é que eu não quero, não tenho forças para querer. Eu já não lhe disse?... Eu já lhe disse sim, já lhe contei tudo. Sinto-me como um escravo, como um verdadeiro e

irresgatável escravo. Essa mulher pode ser tudo, não tenho por ela o menor apreço: mas, eu a quero, preciso dela, do corpo dela. Ela é mulher para mim — a outra, não... não é mais, pelo menos! Às vezes, tenho a impressão de que, antes, eu não vivia. Agora, sim. Agora estou gozando a vida, o pouco que ainda me resta, o que nunca tive, o que nunca pensei que fosse possível um homem ter!

— Meu filho!

— Desculpe a franqueza, padre, mas é isso o que sinto, o que devo dizer ao senhor. Para que mentir?...

— Claro. Não se trata de esconder ou de deformar a verdade — respondeu Padre Luís assustado com a eloquência de Matias.

— Trata-se de compreendê-la melhor, de circunscrevê-la dentro dos limites do razoável. O que você sente, sente. Não há como negá-lo. Daí à sua justificação, vai um grande passo... o passo do abismo.

— Concorro, mas se é inevitável?

— Nada é inevitável, meu filho! Não se engane sobre a vida. O que hoje nos parece tal, amanhã ou depois já se apresenta de um modo tão diferente!...

— Mas, e hoje?... O meu problema, padre, o meu “inevitável”, é hoje que tem de se decidir. Se fosse amanhã ou depois, talvez...

— Eu sei. Mas quem lhe diz que é preciso resolver hoje? Olhe, meu filho, nessas questões de pecados carnavais como esse seu, é preciso experiência, inteligência... é indispensável lidar com eles sem precipitações inúteis e, também, sem excesso de escrúpulos. Estou falando a você como a um homem já formado, inteligente e que julgo com certa prática da vida. Escute, portanto: se você tem certeza de que, nesse momento, não pode se furtar a esse pecado, contemporize com ele. Sim, contemporize... Isso o scandaliza?

— Não — respondeu Matias forçando um pouco a verdade.

— Apenas, o que é que significa, ao justo, “contemporizar”?

— Significa aguardar.

— Esperar? Esperar o quê?...

— Esperar, dar um pouco mais de tempo ao tempo. Suponhamos que você continue como está. É triste, é vergonhoso, e ninguém, está claro, poderá aprová-lo. Nem eu o estou fazendo, é óbvio. Apenas, pergunto: se daqui a alguns meses você se tiver cansado dessa mulher — como é quase certo, uma vez que ela só satisfaz a vida da sua carne —, que será

da sua existência se, além de ter continuado com essa criatura, você tiver desfeito seu lar, abandonado mulher e filhos? Não é preferível esperar, contemporizar?

— Concorde, padre. Concorde, sempre concordei. Era o que eu queria...

— De um momento para outro — continuou Padre Luís com convicção —, essa loucura pode acabar. E então, você estará livre, tão livre quanto antes: poderá recomeçar sua existência, digna e feliz, junto dos seus. Mas, e se você estiver separado de sua mulher, de seus filhos? Terá coragem para voltar? Ainda será possível?...

— Claro, eu concordo plenamente. Como lhe disse, brigar com Dolores, não posso. Esperar, continuar como venho vivendo, claro que posso!

— Dos males, o menor.

— Sim, mas *eu* posso... *ela* é que não pode. Sim, Linda é que não quer mais.

Padre Luís teve um momento de hesitação. Falaria? Diria tudo o que estava pensando? Depois de alguns segundos, resolveu ir pelo caminho mais prudente e perguntou:

— Sua senhora conhece a situação... tão bem quanto ela me foi exposta aqui?

— Mais ou menos... — murmurou Matias sem esconder sua indecisão.

— Uma exposição mais completa, mais irrestritamente franca, de sua parte, não poderia alterar o ponto de vista fundamental de sua senhora?

— Duvido. Linda, aliás, é protestante. Mas, não é de temperamento religioso, como já tive ocasião de lhe dizer.

— Mesmo assim...

— Em que sentido então, padre?

— No sentido de preservar a família criada, de manter indissolúvel a união dos dois esposos. Será que ela não acredita em nada disso? Matias teve um movimento de indignação que impressionou Padre Luís. Apesar de tudo, era evidente que ainda amava a mulher, que devia ser ela o seu verdadeiro amor na vida, o resto não passando de capricho, miragens de uma crise a vencer. Absurda, revoltante crise! Uma tolice, um acaso de uma noite aziaga, uma fantasia de cérebro semialcoolizado a que não se tem coragem de resistir... e é toda uma existência, o equilíbrio de anos e

anos que rui por terra. Pobre Matias! Pobres seres humanos, como ele fracos, quase irresponsáveis. Onde estava Matilde, que não vinha se beneficiar daquele exemplo? Onde estava Ângela, cujo exemplo também podia servir muito, tanto a Matilde quanto a Matias Vancouver? O movimento de protesto de Matias se traduziu logo em palavras:

— Claro que sim! Linda é uma mulher exemplar, uma mãe perfeita. Longe de mim responsabilizá-la pelo que quer que seja. Toda a culpa é minha.

— Eu sei. Mas, se ela é, realmente, como não duvido, essa mulher exemplar, essa mãe perfeita, tenha confiança em mim: nada está perdido. Ainda se poderá fazer muita coisa para evitar que seu lar se desfaça.

— E a dignidade de Linda, padre?

— Esse não é o problema essencial...

— Para ela, é — assegurou Matias emocionado.

— Meu filho, você não conhece o ensino de São Paulo sobre o papel da mulher em relação ao homem e do homem em relação à mulher? Não é de dignidade que se cogita. É de que o casamento estabelece entre um ser e outro uma ligação que não pode ser rompida. Ouça: “A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido; igualmente o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher”. Um não pode abandonar o outro. Se sua senhora for realmente, como eu espero, a mulher de que São Paulo fala, ela compreenderá e saberá esperar pelo momento em que você, com o auxílio da Divina Misericórdia, caia em si e volte do passo louco que deu.

A emoção de que Matias se achava possuído, Padre Luís a percebia bem.

Querendo aproveitar o momento favorável, prosseguiu logo:

— A questão é ela estar perfeitamente a par de sua situação. Você tem obrigação de inteirá-la de tudo. Vencendo resistências, movimento de vergonha e pudor. Dizer tudo, mostrar, um por um, esses ângulos que estivemos examinando.

— E se Linda não me acreditar?...

— Não se trata de acreditar. Basta ver. São coisas claras, evidentes. Quem ama, meu filho, não fica cego por muito tempo a essas realidades. Basta levantar o véu: a verdade explode, incontrolável, avassaladora. Então, não há mais sacrifício que não se faça, humilhação que não se tolere de bom grado, com a expressão feliz, serena, transfigurada pela

participação do Amor divino no amor das criaturas... Padre Luís ainda falou durante bastante tempo, sempre insistindo na mesma tecla da necessidade de trazer Linda à aceitação cristã daquele mal inevitável. Matias não se surpreenderia, aliás, se o visse se oferecer para ir ele próprio procurá-la, caso o entendimento direto fracassasse.

Na verdade, Padre Luís pensou muito nessa proposta. Contudo, preferiu esperar. Só mesmo como último recurso ousaria um gesto tão arriscado, tão facilmente deformável por quem acaso tivesse má vontade em julgá-lo. Era bem preferível que Matias tentasse primeiro, tanto mais quanto aquele esforço talvez redundasse em auxílio para suas veleidades de reação. A esperança era pouca, mas, enfim, Deus querendo, nada era impossível. Convinha não ser excessivamente pessimista. De negrumes, já bastava, naquele dia, o súbito agravamento do caso de Matilde.

•

Estava escrito, porém, que naquela tarde as piores tristezas concorreriam àquele confessionário. O paciente seguinte, Alfredo Costa, logo veio trazer sua pesada contribuição de angústia e sofrimento para o coração de Padre Luís.

A última confissão lhe fizera um grande bem. Não datava de muitos dias, e já estava ali de novo. Contudo, nenhuma modificação essencial se tinha produzido em sua determinação de pôr fim à existência. Um fato novo surgira e ele o vinha expor a Padre Luís, inseguro, hesitante sobre o caminho a seguir.

Como já tivera ocasião de lhe dizer, seu padrinho, Leôncio Vaz, velho amigo do Comendador Costa, há vários anos o vinha convidando para passar uns meses na sua fazenda, localizada no sul de Minas. Ora, fora para esse mundo esquecido dos Três Corações que pretendia se retirar quando tivesse tomado definitivamente a decisão de se matar. Lá ficaria um mês, dois, três, seis — quantos aguentasse! —, e então, quando a família já estivesse se habituando à quotidianidade de sua ausência e quando os companheiros de farra nem mais se lembrassem que existira um Alfredo Costa, deixar-se-ia levar por uma correnteza mais forte, de modo a pairar eternamente a dúvida, pelo menos do seio da família, sobre seu verdadeiro fim... Acontecia que, tendo sido inteirado da vida que estava levando no Rio, desde a morte do filho e da partida de Clara, o padrinho redobrava de insistência nos convites. Agora, estendera a solicitude a ponto de vir pessoalmente à Capital, buscá-lo. Por momentos, afirma Alfredo, tinha a impressão de que Leôncio fora informado de sua determinação de se matar, mas que, nada sabendo sobre o local escolhido, vinha com o propósito de obstar a consecução

do seu sinistro plano, afastando-o da via dissoluta na qual devia ver, dada sua mentalidade, a fonte principal do perigo que corria. Quem o podia ter avisado, não sabia. Em casa, ninguém suspeitava de nada. Os companheiros de noitada, em geral, sorriam de seu desígnio e não lhe emprestavam a mais leve sombra de realidade. Branco? Mal sabia da existência de Leôncio Vaz e não seria capaz de traí-lo daquele modo. Sobretudo, com que fim? Levá-lo até Três Corações, para quê? Fora então que Padre Luís interrompera sua narração com uma pergunta que lhe viera à boca sem que a pudesse conter:

— E por que não supor que seu padrinho tenha como que... adivinhado? Compreende? Uma dessas intuições tão comuns...

— O senhor admite isso?

— Por que não? Uma hipótese. Não digo que tenha descoberto tudo, lido no seu triste e desarvorado pensamento. Seria talvez demais. Não sei... Mas, digamos assim: teve a intuição de que o afilhado estava correndo perigo, de que podia fazer alguma coisa por ele, vindo buscá-lo...

— E nesse caso? Devo ir? Foi justamente o conselho... se assim se pode dizer, que vim lhe pedir.

Foi sem hesitar que o padre respondeu:

— Uma estada de alguns meses numa fazenda só pode lhe fazer bem.

— Mesmo com o fim que o senhor... imagina? Padre Luís teve um gesto de impaciência e de protesto:

— Claro que não! Sua última pergunta não tem nem mesmo sentido!

— Desculpe, padre. Não quis brincar. Apenas, como meu pensamento continua a ser o mesmo...

— Meu filho, o que eu quis dizer foi isso: a estada nessa fazenda de Três Corações poderá ser um ótimo meio de curar essa loucura que se apoderou de você, dessa sua cabeça superexcitada, transtornada. Com quinze, vinte dias de repouso, você provavelmente nem mais pensará nessa tolice... Claro que, se sua intenção é ir para se suicidar, não está certo, não pode estar certo...

— Então, não devo ir?

— Com esse fim? Nunca! Houve uma pausa de alguns segundos, embaraçosa. Depois o padre retificou:

— Acho que você deve ir, mas desistindo inicialmente dessa ideia insensata. A mudança de ar, o clima, a proximidade da natureza, o

afastamento dessa vida miserável que você está levando, tudo isso...

— Tudo isso — interrompeu Alfredo com segurança — seria ótimo se fosse visto com determinados olhos. Levando no coração uma intenção tão diferente...

— Mas é preciso desistir dessa tolice! — atalhou Padre Luís com energia.

— É preciso ter coragem, se esforçar, lutar!

— O senhor acha que é fácil?

— Não. Mas acho que é necessário, imprescindível.

— Nesse caso, eu devo ir?

— Como tentativa de cura, como esforço para vencer? Claro que sim!

— E se não der certo?

— Dará! Por que é que não há de dar? Você é moço, tem saúde, tem a vida diante de si, livre de preocupações materiais, por que é que não há de poder recomeçar, anulando uma saída em falso?

— O peso é muito grande!

— Certamente você nunca o tentou tirar de cima, lançá-lo fora desse modo. Agora, é o momento. Não lhe cabe o direito de fugir à luta. Pelo menos, uma vez. Pelo menos como tentativa.

Alfredo recuou no confessionário, pensando: “Para quê? Por quê? Com que fito? Para chegar onde?”. Inútil falar, argumentar. Aquele padre lhe daria mil razões para refazer sua existência. A questão era ele acreditar... Não podia mais. Estava farto. Há muitos meses que estava farto. O melhor ainda era acabar de uma vez com tudo.

De súbito, como que insuflada por uma voz interior, tão estranha que lhe pareceu a fala de um outro ecoando no mais profundo do seu eu, uma ideia lhe ocorreu: sem dizer nada a ninguém dos seus propósitos reais, iria para Três Corações. Lá, muito em silêncio, começaria a pôr seu plano em execução.

A tentação era forte. Rejeitou-a logo, e com violência. Não ia enganar daquele modo pessoas amigas, como Branco, como aquele padre que estava ali se desvelando para salvá-lo e que ele próprio viera procurar para confessar-lhe honestamente suas dúvidas. Devia encontrar outra solução.

No entanto, a sedução do novo plano tornou a se manifestar mais

adiante, reforçada. Sentia que vozes poderosas falavam nele, muito alto, palavras invencíveis. E em resposta a uma nova recomendação de Padre Luís para que partisse quanto antes, ouviu-se replicar, quase coagido:

— Pode ser, padre... Preciso pensar ainda. O senhor sabe bem: não se toma uma resolução dessas em meia hora... Percebeu, então, que estava mentindo. A decisão estava tomada. Mais do que tomada. Assim, agora, restava apenas enganar o padre, afastá-lo do seu caminho, desmanchar qualquer suspeita que acaso tivesse. No entanto, a resposta às suas considerações já estava sendo formulada: — ...Quando a resolução é boa, certa, quando é a única a tomar, não se necessita de meia hora. Basta um segundo.

— Talvez. Mas eu preciso de tempo, certo tempo... Viajar para tão longe!...

— Será fugir do Rio.

— Mesmo assim... Enfim, vamos ver. Assim que tiver decidido alguma coisa, lhe procuro.

A cabeça de Padre Luís aflorou então a primeira dúvida: Alfredo estaria sendo sincero? Mudara de tom tão repentinamente que dava para desconfiar. Momentaneamente, porém, a suspeita se dissipou. Sorrindo, confiante, passou a recomendar-lhe o recurso à oração como o mais eficaz dos auxílios para fazê-lo chegar ao fim almejado.

Pela docilidade com que Alfredo o ouvia, era de acreditar que estava disposto, pelo menos, a tentar. Tanta dissimulação não tinha explicação plausível. Assim, foi com a impressão de relativo sucesso que Padre Luís o viu se erguer do confessionário, momentos depois.

•

À noite, porém, quando o sono começou a fugir, a incerteza tornou a assediar Padre Luís. Que teria havido por detrás daquela inesperada submissão? Alfredo teria resolvido esconder suas verdadeiras intenções? Ou estaria realmente inclinado a tentar o esforço que lhe pedira? Conhecia-o muito pouco ainda. Duas confissões, uma conversa, algumas indicações úteis dadas por Branco, e nada mais. Era pouco para poder se sentir seguro em relação a uma alma complexa e incerta como a sua. Aliás, o que mais receava naquele momento era que seu conselho tivesse lhe dado forças para levar adiante o plano sinistro a que se referira. Com criaturas daquela natureza, não seria de admirar. Era mesmo possível que o demônio estivesse justamente à espera desse instante de indecisão para empreender o assalto final. Tudo o que Alfredo ouvisse

seria imediatamente alterado, deformado no sentido que interessava ao Senhor do desespero. A recomendação de fugir do Rio e buscar a natureza como um meio de se aproximar novamente de Deus, seria explorada tendenciosamente como um convite a caminhar para o desenlace fatal.

A todas as preocupações do dia, Padre Luís vinha pois acrescentar mais aquela: teria falado a Alfredo em tom adequado? A Matilde e a Matias Vancouver, tinha certeza de que falara, impressionando-os, influenciando sobre eles, se não decisivamente, pelo menos de um modo vivo, útil no terreno imediato das primeiras resoluções a tomar. Mas, e a Alfredo? Teria sido feliz nas palavras que lhe dirigira? Ou não teria conseguido nada a não ser agravar o mal? Nesse caso, ainda tornaria a procurá-lo? Ou estaria tudo terminado para aquela pobre alma? Com tão pouco tempo de diferença, iria se repetir o triste caso do menino Paiva?... Esse, só viera parar às suas mãos agonizante, inconsciente. Alfredo, porém, ali estava, vivo, em plena posse de suas faculdades. Era impossível que não lograsse salvá-lo. Era impossível que fracassasse de novo, entregando-o à sanha devastadora do Senhor do mundo.

A aflição do padre era tanto maior quanto, no íntimo, alguma coisa lhe dizia que aquela fora a última vez que Alfredo se ajoelhara ante seu confessor. Naturalmente, não sabia explicar a razão do pressentimento. Aquilo lhe viera de repente, quando pusera em dúvida a sinceridade das palavras finais do penitente. Agora, à reflexão, a impressão momentânea só fazia aumentar.

É verdade que não pôde permanecer muito tempo absorvido por essa preocupação. Ouvira o relógio do corredor bater onze horas e, sem nenhuma razão especial, lembrara-se de Matilde. Naquele momento, que estaria se passando com ela? Teria resistido? Teria tido forças para desmarcar o encontro com Oscar? Ou para não comparecer? Podia, também, ter ido ao portão. Sob pretexto, quem sabe, de desmarcar ou de explicar... Pobre Matilde, no estado em que se via, era capaz de lançar mão de qualquer subterfúgio. E então, que não teria sucedido?... A esse sinal, a angústia se apoderou com nova intensidade da alma de Padre Luís. Durante muito tempo ainda, naquela noite, deixou-se ficar acordado, perdido na consideração daqueles tristes casos de fraquezas humanas. Mil sombras povoaram então sua vigília.

•

Na manhã seguinte, assim terminou sua aula de aritmética, rumou, cheio de apreensões, para a casa de Maria Inês Carneiro, fiel ao compromisso assumido na véspera, pelo telefone. Conhecia bem a vida

atarefada que levava, a falta de tempo em que a deixavam as obras de caridade a que se dedicava. Se recorria a ele com tanta urgência, era que realmente atravessava uma crise séria, como aliás lhe dera a entender pelo telefone, ao explicar a razão de ser do segredo em que queria conservar sua visita.

Os Carneiros moravam relativamente perto do Colégio São Luís de Gonzaga, numa rua modesta. No entanto, não era sem motivo que carteiros e vendedores ambulantes se referiam à casa deles como ao “palacete do 90”. No meio de um jardim pequeno, esplendidamente bem tratado, erguia-se um casarão de dois andares. No pavimento inferior, ficavam as salas; no superior, os quartos. Deste andar, os pais de Pedro ocupavam uma ala, a outra era ocupada por Maria Inês e Pedro. Não é preciso dizer mais nada para se ficar sabendo que a casa vivia vazia, podendo abrigar três ou quatro vezes o número de pessoas que abrigava.

De quando em quando, Maria Inês hospedava alguns parentes em visita ao Rio. Todavia, isso não era muito frequente, nem contribuía para dar maior animação à casa. Quanto ao pai de Maria Inês, não obstante se tratar de um sexagenário, viúvo e adoentado, tinham sido inúteis todas as instâncias da filha e do genro para que viesse morar com eles. Alegara que tinha seus hábitos e não queria mudá-los. Preferia a plena liberdade, ainda que privado de um certo conforto e longe da filha. Maria Inês não se enganava: Firmo Lopes Gomes jamais abandonara sua prevenção inicial contra os Carneiros e, sobretudo, contra Pedro. E quanto tinha razão, no que dizia respeito a Pedro, só agora podia aquilatar... Padre Luís foi recebido numa saleta de espera e o criado logo lhe informou que Maria Inês não tardaria: já tendo se levantado da cama na véspera, à tarde, não lhe daria o incômodo de subir até o segundo pavimento. Padre Luís se sentou e olhou em volta, inquisitivamente. Era mais ou menos o ambiente que imaginara: luxo e bom-gosto, sem nenhum exagero, entretanto. Um meio decente, fino, onde tudo falava de conforto e prosperidade, enfim, um daqueles ambientes de família tradicional da cidade que começavam a desaparecer a olhos vistos e assustadoramente, sob o influxo de certas ideias novas, principalmente de importação americana, através da ação do cinema, do rádio, das mil formas diversas pelas quais o mimetismo nacional se manifestava.

Maria Inês não tardou a aparecer. O vestido preto, sem enfeite algum. O passo rápido, incerto. As mãos agitadas, nervosas. A expressão cansada, abatida. O olhar fugidio, medroso. Tudo falou, logo de início, no sentido que o padre esperava e temia. Aquela mulher, evidentemente não era a Maria Inês que conhecia, a penitente tranquila de tantas e

tantas confissões reconfortantes.

Maria Inês não procurou disfarçar. Ainda não acabara de trocar com Padre Luís duas ou três observações circunstanciais e já mergulhara em cheio em seu caso. Em poucas palavras, pôs o padre a par da sua descoberta, da repercussão que tivera na sua vida daqueles dias e, enfim, do propósito a que chegara na véspera: deixar o marido, voltar a viver com o pai. E era a sua permissão de padre e diretor de consciência que queria solicitar. Chamara-o com urgência porque não se sentia mais com coragem de encarar o marido sem lhe comunicar a resolução tomada. Aliás, Pedro parecia já ter desconfiado de alguma coisa. Não lhe dissera nada, mas o silêncio sistemático que se estabelecera entre eles era bastante significativo. O ambiente se tornara mesmo insuportável naqueles dois ou três últimos dias. Os próprios pais de Pedro, apesar de muito bons e discretos, começavam a fazer perguntas difíceis de responder. Urgia clarear a situação. Assim, decidira chamá-lo para pedir consentimento para se separar de Pedro, naturalmente sem escândalo, sem preocupações de desquite ou de qualquer outra atitude em relação ao ato civil que a prendia ao marido.

Padre Luís ouviu tudo de olhos baixos, sem denotar, por um movimento que fosse, a emoção que o assaltava. Por duas vezes pensara: aquela mulher de preto, de rosto gasto e morto, não era, não podia ser a mesma Maria Inês Carneiro que se ajoelhava no seu confessionário, tranquila, contente da vida, confiante no futuro que julgava ter diante de si. Devia ser outra, por exemplo Linda, mulher de Matias Vancouver. Os casos eram tão parecidos! Só que Linda não era religiosa e Maria Inês praticava. Uma católica segura, às direitas. Uma mulher forte, inteligente. Quase um ser de exceção. Em poucas penitentes depositava mesmo tanta confiança. E eis que era ela que vinha lhe pedir licença para se separar do marido!... Reagindo a essa possibilidade, começou logo a falar:

— Eu compreendo quanto e como seu caso é doloroso... Contudo, essa permissão que você me pede, não a concederei, não posso concedê-la.

— Mas padre...

— Minha filha, que ideia você passou a fazer do casamento? Só porque o vento da desgraça bafejou sua casa, você esqueceu que se trata de um sacramento?

— Não se cogita de romper o casamento... eu sei que a união é indissolúvel.

Pensei, apenas, em separar os corpos... e isso se faz.

— Em certos casos! — apressou-se em declarar o padre.

— Os abusos têm sido todavia imensos...

— Mas o meu... — tentou insinuar Maria Inês.

— Minha filha — atalhou logo Padre Luís de olhos baixos —, seu caso é triste, como muitos, como tantos, infelizmente. Nós vivemos num mundo confuso, turvo, desleal, fundamente contaminado pelo pecado. Casos como esse seu existem muitíssimos, passam todos os dias pelos nossos ouvidos. Se fôssemos conceder o direito de se separar, de fugir ao compromisso assumido, de esquecer os deveres mútuos, que seria do Sacramento do Matrimônio?

— Sim, padre... mas, então, eu devo aceitar?

— Não se trata de aceitar ou de rejeitar. Onde já se viu essa absurda ideia de que é possível rejeitar? Você já se esqueceu do que dizem os Santos Evangelhos? Da nossa doutrina sobre o Matrimônio? Será mister lhe lembrar a passagem mais do que famosa, básica, essencial, de São Paulo na Epístola aos Efésios: “Que as mulheres se submetam aos seus maridos como ao Senhor; pois o marido é o chefe da mulher como o Cristo é o chefe da Igreja, seu corpo, do qual Ele é o Salvador. Do mesmo modo que a Igreja é submissa ao Cristo, as mulheres devem ser submissas aos seus maridos em todas as coisas”...

— É uma lei dura, padre! — limitou-se a comentar Maria Inês.

— É a nossa, minha filha. Não temos duas, para escolher! Que vamos fazer? Vamos trair o nosso Deus... para contentar nosso orgulho, nosso amor-próprio, nossa sensibilidade... muitas vezes justamente ferida, como no seu caso particular?

— É uma lei desumana! — insistiu Maria Inês com os olhos cheios de lágrimas.

— A lei obriga também o marido, não se esqueça. Ele deve amar a mulher “como o Cristo amou a Igreja” — a palavra ainda é de São Paulo — “e se entregou Ele próprio por ela, a fim de santificá-la”... Foi com sarcasmo na voz que Maria Inês atalhou:

— Pedro! Pedro, uma imagem de Jesus Cristo!...

— Nós todos somos pecadores, minha filha. Uns mais, outros menos... e fomos feitos, todos, à imagem de Deus... e Jesus morreu por nós... cada um de nós.

— Padre, eu não posso!

— Minha filha — insistiu Padre Luís esfregando nervosamente as mãos —, nós não vivemos para nós mesmos, mas para os outros. Você não deve olhar só para você. Seu marido também é você, e salvá-lo, santificá-lo, é a sua missão de esposa. Quem lhe diz que sua função na terra não é justamente salvá-lo? Algum cristão tem direito de fugir a uma tarefa dessas? Se seu marido é culpado, não é junto dele que é o seu lugar? Para que socorre você com a sua caridade tantas pessoas, se não é capaz de socorrê-lo? Ele também é seu próximo... aquele próximo que você deve amar como a você mesma...

— Padre, é demais...

— Talvez seria, se ele não precisasse de você...

— Ele tem muitas! — interrompeu Maria Inês sem se poder conter.

— ...e você ainda poderia pensar em se separar — continuou o Padre Luís sem dar maior atenção ao desabafo de Maria Inês.

— Nunca, ele estando nessa situação de pecado, de cegueira, de traição ao compromisso assumido perante Deus! Minha filha, não é esse o momento de largar o navio. Há perigo de vida, está tudo em chamas, o grande tentador já ri do seu triunfo fácil, brilhante. Você vai fugir, vai debandar, vai se refugiar na tranquilidade, no sossego de uma posição digna, correta, inatacável, mas fria, egoísta, anticristã? Tantos anos de uma união que foi abençoada por Deus se anulam assim em uma semana, num segundo?...

— É duro demais suportar! — tornou a gemer Maria Inês com o rosto banhado em lágrimas.

— Claro que é! Então não sei, não imagino? Mas, o que é que você pensa que essa nossa existência é, aqui na terra? Um lugar de deleite? A Canaã dos livros sagrados? Você viveu muito tempo nessa ilusão... Muitos vivem. Muitos viverão. Mas, há sonho de que não se acorde?

— Padre, eu preferia ter morrido!

— Não irrite a misericórdia divina, minha filha! Ela “fere e cura” porque nos ama muito. Toda provação é testemunho de amor divino. E nós, o que devemos é aceitar, é curvar a cabeça, é esperar por melhores dias que acabarão vindo porque a Providência vela por nós.

Era evidente: Maria Inês estava vencida. Toda a firmeza da sua resolução da véspera se esboroara ante a palavra enérgica do padre que conseguira atingir em cheio o sentimento verdadeiramente cristão que havia em seu coração. Assim, não foi preciso muito tempo para que de sua boca saíssem essas palavras:

— Nesse caso, padre, que é que eu devo fazer? Padre Luís respondeu logo:

— Tentar trazer Pedro de novo para o bom caminho.

— Depois de tudo... de tantos anos?

— Seu dever é tentar. De todos os modos!

— Mesmo sem esperança alguma?

— Sem esperança? Por quê? Ou você acha que há coisas impossíveis à vontade de Deus? O diálogo prosseguiu. Maria Inês sempre objetando, o padre caminhando passo a passo, difícil, porém seguramente. Tanto assim que a promessa não tardou a ser feita: antes de qualquer nova reconsideração do projeto formado, tentaria tudo que estivesse ao seu alcance para transformar a existência de Pedro. Naquela tarde mesmo, contar-lhe-ia que lera seu Diário e estava disposta a perdoá-lo caso quisesse começar vida nova...

•

No caminho de volta para o Colégio, Padre Luís se lembrou de que Ernesto morava ali por perto e de que lhe prometera uma visita, na primeira folga que tivesse. Não se tratava bem de uma folga. Pelo contrário mesmo, nunca estivera com o tempo mais contado do que naquele dia. Acontecia, porém, que, da última vez em que o vira, Ernesto lhe parecera estar numa situação tão crítica que resolvera procurá-lo quando tivesse ocasião. Precisava de auxílio moral, habilmente disfarçado em conversa amigável para não ferir seus melindres de ex-seminarista naufragado.

Morava numa espécie de terceiro andar de uma pensão, num quarto pequeno e pouco arejado que só tinha uma janela e dava para um corredor escuro, evidentemente pouco visitado pela vassoura. Além da cama e de um pequeno armário, o mobiliário se compunha de uma mesinha estreita e mal equilibrada e de uma cadeira de palhinha esburacada. Ao entrar, a impressão de Padre Luís foi a de estar visitando uma cela de presidiário, de tal modo a nudez do quarto chamava a atenção.

O primeiro cuidado de Ernesto foi se desculpar pela desarrumação do quarto. Não estava habituado a receber visitas, jamais imaginara que ele, Padre Luís, fosse se lembrar de cumprir a promessa feita, dias antes. Tivesse pois indulgência e se sentasse na única cadeira que havia: estava furada, mas não receasse, pois aguentaria seu peso sem arriar.

Padre Luís se sentou, rindo, enquanto Ernesto se encostou na cama, com os pés estendidos. Estava em mangas de camisa, fumando. Num relance, o padre observou: a camisa dava a impressão de já estar sendo usada há vários dias e, no chão, ao lado da cama, numa caixa de papelão transformada em cinzeiro, havia pontas de cigarro que deviam datar da véspera, na melhor hipótese. Desordem, desleixo e falta de asseio, não havia como fugir à constatação.

Lembrando-se do que Ernesto lhe dissera a propósito da sua necessidade de sair do Rio por falta absoluta de dinheiro, sentiu o coração apressar. Três ou quatro meses antes, Ernesto ainda estava triunfante, seguro do futuro. Falava alto, zombando de tudo o que não fosse a vida boa que descobrira e pretendia levar sempre sem a menor veleidade de querer olhar para trás e se lembrar, cheio de escrúpulos, de seu tempo de existência pacata e virtuosa. Nem pensava, então, que existissem imperativos irremovíveis, de todo independentes da vontade humana. O do dinheiro, para não ir mais longe.

Por outro lado, a miséria para que já caminhava naquele momento, não obstante se recusasse até mesmo a admitir sua possibilidade, pegara-o em pleno paroxismo do desregramento sexual. As exigências tirânicas do corpo tinham transformado as privações econômicas em verdadeiro martírio. Na sordidez daquele quarto abafado e sujo, os desejos tinham se agigantado. O antigo seminarista descera pouco a pouco ao mais baixo nível. Apesar da relativa liberdade que havia na pensão, tinham sido feitas reclamações. E tivera de se humilhar até a promessa de mudar radicalmente sua conduta.

Se não o fizera inteiramente, pelo menos moderara muito as noites, no quarto. Como lhe faltava dinheiro para realizá-las com frequência em outros lugares, sofria a privação desses prazeres como uma autêntica perseguição. Às vezes dizia: “Perseguição da sorte”. Às vezes, “de Deus”. À reflexão porém, confessava: não acreditava nem em uma coisa nem em outra.

Naquela manhã de 26 de agosto, Padre Luís o achou ainda mais pálido e abatido do que da vez anterior e não o escondeu. Ernesto explicou: a permanência ali naquela água-furtada dava cabo de sua vida. Estava morrendo aos poucos, consumido pelo fogo lento daquela sordidez. Ou mudava, indo para longe, para fora do Rio, ou morria. Não tinha resistência para tanto sofrimento. Uma manhã, quando a criada abrisse o quarto, encontrá-lo-ia asfixiado: abafamento, mau cheiro, falta de sol, sujeira... A resposta, de que dependia sua possível ida para o interior, começava a tardar. Acabaria partindo sem ela, disposto a tudo, até mesmo a ficar errando pelo país afora, dormindo ao relento, comendo

de esmola na porta das cozinhas por onde passasse. Não podia vegetar por mais tempo naquele antro de imundícies, privado de tudo o que, a seus olhos, constituía o interesse e a razão de ser da vida. Ora, não haveria de ser nunca com os dois ou três alunos que lhe restavam que iria poder se mudar... Ao ouvir essa alegação, Padre Luís protestou com veemência:

— Pois olhe, no seu caso, é o que eu faria. A perder, você não tem nada...

— Nem a ganhar! — replicou logo o outro.

— É inútil tentar. Sei bem que sem dinheiro, aqui como ali, será sempre a mesma porcaria!

— É onde você mais se engana. Há lugares pobres, miseráveis mesmo... Mas diferentes, sem essa sordidez...

— Algum reformatório? Algum asilo? Alguma casa para filhos de Maria com hora de entrada certa e obrigação de comungar aos domingos? Havia muita hostilidade no tom de Ernesto. Padre Luís sorriu tristemente e respondeu:

— Realmente, há de tudo entre nós, na nossa religião...

— Sobre tudo falsidade, respeito às convenções, aos preconceitos cômodos... Padre Luís estranhou a nova invectiva, mais violenta ainda do que a anterior. Não era aquele o tom habitual do ex-seminarista. Mesmo quando atacava a religião — e só recentemente passara a fazê-lo —, era com lealdade e prudência, nunca enveredando pelos caminhos tolos e batidos do mais velho e gasto dos anticlericalismos. Depois de ter se virado contra tudo, por que se voltava agora contra Deus, contra a Igreja, contra a velha mãe de todos os que sofriam e eram perseguidos na terra? Por que não queria mais compreender, distinguir? Cortara as últimas amarras, mergulhara inapelavelmente no mais negro desespero? Desde a véspera que situações relativamente estáveis como aquela só faziam se precipitar, assumindo a feição de crises insanáveis. O que havia? Por que o demônio se agitava tanto, por que seu assalto contra aquelas pobres criaturas tomava um aspecto tão brilhante, tão aparatoso? Até que ponto aquilo iria crescer? Envolvido por essas meditações, limitou-se a sorrir e a acrescentar:

— A nossa indignidade de cristãos nada tem a ver com a dignidade do Cristianismo.

— Em livros!... Eu conheço essa história!

— O que foi que aconteceu? — perguntou o padre, solicitando uma confissão que julgava iminente.

— O que foi que aconteceu? Nada. Por quê?

— O que foi que se deu... que mudou seu modo de pensar a esse ponto?...

— Nada. Eu não mudei de modo de pensar. Há muito tempo que acho isso.

— Ernesto, a última vez que nos vimos... Ernesto pulou da cama num incontrolável movimento de mau humor. Deu dois passos e depois, voltando-se subitamente para seu interlocutor, concedeu:

— Eu sei. Falei de outro modo, não foi?

— Foi o que me pareceu...

— E estava certo. Certíssimo! Mas agora, quer saber por que foi?

— Quero.

— Quer mesmo?

— Diga logo, homem! Por que foi?

— Por quê? Porque eu tinha medo de você... até de você!

— Mas, medo de que, Ernesto?...

— Você já se esqueceu do que eu pedi? A carta de recomendação.

— E já não lhe disse que está tudo arranjado, é só você ir buscar com Padre Martinho? Só depois de falar, Padre Luís percebeu o que Ernesto queria dizer. Se tivesse sido sincero, se dissesse o que realmente pensava, adeus recomendação! Ele, Padre Luís, iria delatar tudo ao reitor! O protesto veio incontinenti:

— Ernesto! Nunca pensei!

— É para você ver!... Até de você eu duvidei... por causa de usar batina.

— Batina?... Mas, que foi que as batinas fizeram a você?

— Nada.

— Que eu saiba, pelo menos.

— Nada mesmo. A não ser coisinhas... Aliás, não é por mim que falo. É pelo espírito que elas representam.

Sem atender à última frase de Ernesto, o padre indagou:

— Coisinhas?... Quais?

— Ora, coisinhas! Não interessam...

— Uma, por exemplo?

— Ora, não tem importância. Tolices. Insignificâncias... Quer saber? O último aluno que eu perdi, por exemplo, foi por causa da interferência de uma batina...

— Um padre? Quem foi?

— Deixa, não vamos falar disso! De seu ponto de vista, ele agiu bem: impediu uma influência que talvez viesse a ser perniciosa...

— Você não iria influir novamente, Ernesto! Então, eu não o conheço? Quem foi? Antes que Ernesto pronunciasse o nome de Padre Mansueto — o confessor de Leonor Soares, o íntimo amigo de Padre Ladário —, a suspeita já ocorrera a Padre Luís. Tinha de ser! Sempre, sempre a mesma sombra! Padre Mansueto, Padre Ladário, apesar de tudo, como eram semelhantes! O caso de Sílvio ainda não esfriara e já começava aquele, mais triste e mais delicado ainda. Convinha, no entanto, proceder com calma, indagar bem de tudo para poder agir melhor, sem precipitações.

Foram inúteis seus esforços para continuar a falar sobre o assunto. Assim Ernesto percebeu seu interesse, fugiu a dar novos detalhes e ele teve de se contentar com a sua promessa de voltar ao caso dias depois, quando fosse ao Colégio buscar a carta do reitor.

Apesar de o tempo estar curto, a conversa ainda se prolongou por uma meia hora, versando sobre problemas imediatos que a próxima partida de Ernesto condicionava. Padre Luís se ofereceu para solucionar um deles, indicou alguns caminhos para outros e, por fim, teve de se despedir.

Ernesto agradeceu a visita, pediu desculpas pelas impertinências ditas, evidentemente, em momento de descontrole e, já na porta, confessou:

— Ainda há um favor que eu queria lhe pedir.

— Peça.

— Não pediria a ninguém mais...

— Peça mesmo.

— E não sei se poderei ser atendido.

— Se for possível... Tudo o que me for possível fazer! Foi vencendo

profundas resistências que Ernesto disse:

— Sei que você vai rezar por mim... não só para eu sair dessa situação em que estou, como para recobrar a fé e me salvar. Não é assim? Ou será pretensão minha?

— Nenhuma! Por quê? É evidente que em minhas orações de todo dia...

— Pois é isso! — interrompeu Ernesto com vivacidade.

— O que eu queria, era justamente isso: pedir para você não fazer.

— O quê?! — exclamou Padre Luís tomado de surpresa.

— Era o que eu receava — positivou Ernesto sorrindo.

— Essa sua surpresa que não esconde nem sua indignação nem sua recusa em me atender...

— Mas podia ser de outro modo? Você me pedir, a mim, padre, para não rezar por você... num momento desses? Mas, não rezar por quê?

— Porque não quero... não preciso.

— Não precisa!...

— É. Não preciso! Minha vida é essa mesmo. E está certo assim. Me faz mal a ideia de que você vai rezar para ser outra, diferente... uma vida certa, honesta, virtuosa... isto é: cacete, triste, morta. Eu não quero! Ouviu? Tenho medo que suas orações sejam atendidas, compreende?

— Medo, Ernesto? Você tem medo que eu seja atendido no que peço? Sem saber por que, Padre Luís se deteve e, imediatamente, a lembrança de Sérgio Vilar lhe ocorreu... Tolice, porém. Que relação havia? Sérgio é que imaginava ter sido atendido seu sinistro pedido. Ele sabia bem que Deus não ouvia palavras loucas como aquelas, Deus não podendo querer a desgraça das suas criaturas. Ernesto podia pois descansar. Não lhe adviria nada de ruim.

Antes que o padre fosse mais longe em suas reflexões, Ernesto protestou:

— Eu não quero ter uma vida diferente dessa que tenho! Como se não tivesse ouvido coisa alguma, seguindo apenas a linha do seu pensamento, Padre Luís respondeu:

— Se você tem medo, é que você acredita, não? É que, em seu íntimo, alguma coisa sabe que não estou pedindo em vão...

— Bobagem! É pura cisma, superstição. Eu me sinto mal, inquieto,

nervoso. Custa a dormir, me agito na cama pensando em você, rezando, rezando, rezando!...

— Claro que sim! Podia ser de outra forma? Você podia deixar de ficar nessa agitação? Podia? Pois se é o demônio, Ernesto, o demônio que está se sentindo perseguido, espicaçado, expulso de dentro de você!... A única resposta que Padre Luís recebeu foi a porta empurrada com violência, deixando-o do lado de fora do corredor. A surpresa o estarreceu. Não sabia o que fazer. Insistiria? A reação de Ernesto fora por demais significativa para que valesse a pena voltar à carga, imediatamente pelo menos. Melhor era deixá-lo sozinho, frente a frente com a inesperada revelação que seu pedido continha. A visita não fora inútil. O demônio não resistira à tentação — quem sabe a uma provocação inconsciente. E, apesar de toda a habilidade de seu disfarce, acabara pondo a orelha de fora, ingênuo como costumava aparecer na concepção de certas “beatas” de sacristia...

III

e volta do quarto de Ernesto, Padre Luís veio temendo que uma árdua tarde o esperasse no confessionário. Enganava-se. O dia correu tranquilo, quase anódino. Não só seus penitentes foram criaturas simples, cujos casos podiam ser resolvidos com facilidade, como vieram poucos, sem que para isso concorressem motivos especiais. Teve ele assim uma folga um pouco maior para suas orações e para cuidar das atividades didáticas.

Em compensação, o dia seguinte veio com uma coloração totalmente diferente. Percebeu-a logo cedo quando Simão o foi chamar para atender a Lourdes. Ao entrar na Capela, viu-a sentada num dos bancos, as mãos nervosamente entrelaçadas, a expressão aflita. Pouco adiante, provavelmente também à sua espera, reconheceu o Professor Souza. O vulto de Eulália Paiva — também presente na Capela naquele instante

— Padre Luís não o identificou. Mesmo assim, assaltou-o logo o pressentimento de que aquele dia iria ser penoso, cheio de casos difíceis e contristadores.

Não precisou ouvir Lourdes muito tempo para compreender: não se enganara no receio que sempre tivera. A própria Lourdes, no íntimo, já não tinha mais a menor dúvida àquele respeito. Dentro de quinze dias devia se casar (aliás, ele, Padre Luís, seria o celebrante...), mas não era

com a pessoa de quem realmente gostava. O filho de Leopoldo Graça, João, seria o marido. Era, porém, em Ivo, no primo querido, no namorado de meninice, que continuava a pensar. Tinham brigado por uma tolice qualquer. Nem se lembrava mais por que fora... Seduzido pela vida de prazeres fáceis que acabava de descobrir, Ivo se afastara de Lourdes, obstinara-se em não procurá-la mais. Também por teimosia, Lourdes aceitara o interesse de João Graça, então o maior amigo de Ivo. Os dias tinham corrido. Aborrecido com ambos, Ivo aceitara um emprego em São Paulo e nunca mais quisera saber nem da antiga noiva nem do antigo amigo. Passara a viver uma vida debochada, como se Lourdes não existisse a seus olhos.

O noivado entre Lourdes e João acabara vindo: muita afeição e amizade por parte de Lourdes, amor, uma imensidade de ternura e carinho por parte de João. Lourdes não pensava em Ivo — raciocinara Padre Luís há vários meses —, Lourdes se esforçava em viver somente para João, Lourdes gostava cada dia mais de João, Lourdes tinha certeza de que acabaria amando João e seria a mais modelar das esposas, porém a presença de Ivo entre os dois era qualquer coisa de inegável. Bastaria o reaparecimento de Ivo para que o equilíbrio conseguido desmoronasse... Contudo, a volta de Ivo de São Paulo, ocorrida meses antes, não ocasionara o menor transtorno. Já então o casamento estava marcado para o dia 10 de setembro. Ivo soubera e não se mexera. Entre ele e Lourdes tudo estava terminado. Terminara anos antes. Provavelmente, pouco lhe interessava saber quando e com quem ia casar. Tinha sua amante, tinha sua vida. O passado estava enterrado. Enterrado ficasse.

De tudo isso Padre Luís sabia. Parte por Lourdes (de há dois anos sua penitente), parte por Branco, que continuava a se encontrar com Ivo. No que lhe dizia respeito, tentara se aproximar do antigo aluno, assim o soubera de volta de São Paulo. Sem sucesso, porém. Ivo o evitara. Receoso de se tornar importuno, preferira ficar à espera de um momento mais propício.

Em suas confissões Lourdes deixava perceber muita coisa que depois, quando inquirida diretamente, negava de pés juntos. Padre Luís suspeitava mesmo que o sentimento que jurava ter por João fosse um pouco forçado, mais fruto da vontade de tê-lo, do que realidade essencial em sua natureza. Está claro que, quando tocava nesse ponto, Lourdes negava, tomava os céus por testemunho de que só pensava em João. Garantia mesmo que, se ainda lhe fosse dado escolher, não preferiria Ivo. Esquecera-o. Aquilo fora um namoro de infância, pura criancice. Agora, era passado.

Sem elementos decisivos para uma afirmação mais categórica, Padre

Luís permanecera na dúvida. Ora, era essa incerteza que a confissão de Lourdes vinha desfazer. Podia ela negar enquanto quisesse: no fundo do coração, o eleito era Ivo e não João... Convencido disso, não tardou que o demonstrasse, interrompendo a série de sutilezas de que a moça lançava mão para encobrir seus verdadeiros sentimentos com uma afirmação que, sabia bem, ia escandalizá-la, mas era absolutamente necessária:

— Minha filha, o que me parece que há é uma grande leviandade de sua parte. Não se zangue com essa minha franqueza, que é indispensável e mais de amigo do que de confessor ou de pai.

— Eu não me zanguei, padre — murmurou Lourdes lívida —, apenas não compreendo bem, não vejo onde reside a leviandade a que o senhor se refere... Houve um silêncio de alguns segundos. Depois, Padre Luís explicou com firmeza e vagar:

— A leviandade que há provém do fato de você ir se casar com um homem que você não tem certeza de amar. De você marchar para esse casamento quase de olhos fechados... sem consultar seus sentimentos reais, sem pensar no que pode ser o dia de amanhã.

— Eu gosto muito de João, padre!

— Gosta. Gosta muito, não é? Eu acredito. Eu sei disso. Mas será que João é a pessoa de quem você *realmente* gosta? Pergunto mesmo: será que você gosta dele como se deve gostar do esposo que se escolhe para a união sagrada, indissolúvel?... Padre Luís sentiu que Lourdes recuava por detrás da grade do confessionário. Visivelmente, fora tocada em cheio pela sua intuição do ponto fraco do sistema defensivo com que o estava enfrentando. Antes que voltasse a si da impressão, prosseguiu:

— Ou será que você pretende “tentar”, que vai “experimentar” amá-lo?... Como Lourdes tornasse a se aproximar da palhinha, traindo pelo movimento uma certa aquiescência à hipótese formulada, o padre triunfou:

— É nisso, nisso justamente que me parece consistir sua leviandade. Você marcha para o casamento como para uma experiência. Como se fosse possível voltar atrás! Como se fosse possível corrigir o erro depois de praticado! Porque, você sabe, você sabe perfeitamente bem: não se trata de uma experiência, de um ato qualquer, grave ou não: trata-se de um ato sagrado; do Sacramento do Matrimônio!

— Eu sei, padre.

— Sim, mas não é o que parece, minha filha. Sua atitude é de quem parte para uma vilegiatura... ou, no máximo, aceita um namoro... para

ver, para ver se gosta, se os gênios combinam... Ora, trata-se do seu casamento! É outra coisa portanto.

— Não há dúvida.

— É coisa totalmente diferente. Aqui, não havendo caminho de volta, todas as precauções são poucas. É sua vida, inteira, que está empenhada. É um ato que só pode ser praticado com a absoluta consciência do que se está fazendo, com a certeza de que não se está agindo levianamente. É um ato que, realizado de outro modo, assim como no seu caso, é mais do que uma levandade, é um crime.

— Um crime, padre?

— Contra Deus, contra a lei que nos deu. Pois não é enganá-lo, aceitar com o coração cheio de reservas e disfarces a bênção que está reservada para os verdadeiros esposos?... Do outro lado da grade, Lourdes tornou a recuar, atingida, aflita. Que dizer? Que alegar quando tudo aquilo lhe parecia certo, tão certo que instintivamente sempre o afastara de suas secretas cogitações? O primeiro argumento que lhe veio à cabeça, soltou-o logo:

— Sim, padre, mas quantos casamentos não são feitos nessa base? Antigamente...

— Antigamente — interrompeu Padre Luís com violência —, as uniões se faziam até contra a vontade. Eu sei. Os pais decidiam. Dinheiro e posição social influíam decisivamente. Eu sei. Mas, minha filha, erros passados acaso justificam novos erros? Quando? Onde? Por quê?...

— Padre, eu gosto de João... — limitou-se a responder Lourdes, de cabeça baixa e já com uma lágrima prestes a rolar.

— Você gosta de João? Em que sentido, minha filha? Não vamos brincar com palavras. Você não veio aqui para me enganar, veio?

— Claro que não. Apenas...

— Apenas, responda a essa pergunta: você gosta de João mais do que do outro? Lourdes teve um movimento de impaciência e aflição. A lágrima rolou, outras vieram logo. Assoou o nariz e se decidiu a positivar:

— Em Ivo, padre, não quero nem pensar...

— Não se trata de querer ou de não querer. Trata-se de poder. Você pode?

— Não sei...

— É agora que é preciso saber. Ou vai ser mais tarde que você vai indagar de quem gosta realmente?

— Mais tarde?

— É. Depois de ser, diante de Deus, a mulher de João?

— Não sei, padre. Não sei...

— Mas é preciso saber! Seu dever de cristã é saber. É procurar, é auscultar seu coração até poder tomar uma decisão sensata, justa, que não comprometa sua vida... nem a de outros.

— Outros quem? Ivo?

— Ivo, sim. João, também. Afinal, eles existem, eles são o seu próximo. Por leviandade, por covardia de tomar uma decisão, você não pode atirá-los na grande fogueira do desespero, do adultério ou de uma outra forma qualquer de pecado. Sua responsabilidade é grande, tremenda.

— Padre, não sei, não posso lhe dizer nada ao certo...

— Então, pense, medite, reflita enquanto quiser. Todavia, a decisão que você tomar tem de ser... Antes do padre terminar a frase, Lourdes o interrompeu do fundo da sua voz chorosa:

— Mas já é tão tarde, padre! O casamento está marcado para o dia dez! Padre Luís teve um sobressalto de indignação:

— Eu não digo, minha filha?! Eu não digo que há leviandade, de sua parte?! Então, estamos diante de uma resolução dessa importância, e você fica pensando em questões secundárias, ridículas aos olhos de Deus? É receio da opinião dos outros? É vergonha de ter de confessar que estava errada? E você prefere se conservar no erro, comprometer possivelmente toda a sua vida, e com ela as de Ivo e João, a ser sincera e dizer com honestidade o que seu coração manda?

— Será muito duro! — gemeu Lourdes.

— Nem sei se João suportará o golpe, coitado!...

— Se o golpe tiver de vir — respondeu logo Padre Luís —, de nada adiantará protelá-lo. Ou você acha que poderá dar felicidade a João, gostando de Ivo?

— Se ele, um dia, souber?...

— Poderá deixar de saber, minha filha? Essa sua pergunta, nem cabimento tem. Então uma coisa dessas pode ficar escondida por muito tempo? Lourdes não ousou dizer nada. Mais uma vez recuou, secou as lágrimas nos olhos e se limitou a balbuciar:

— Em tudo isso... é preciso pensar com vagar.

— Claro. Apenas, o tempo urge, como você sabe. Ora, se sua decisão for a de não se casar, quanto mais cedo você chegue a ela, melhor.

As promessas de Lourdes de se recolher durante aqueles dias, para rezar e meditar longamente sobre a situação, não tranquilizaram Padre Luís. Sentia o perigo, a fraqueza da posição. Sim, àquela menina tímida e bem-educada faltaria coragem para o “escândalo”. Faltaria coragem mesmo para olhar impiedosamente dentro de si e reconhecer a persistência do seu amor por Ivo. Iludir-se-ia com promessas de amar João como se Ivo não existisse, sendo-lhe fiel na vida e na morte. Convencer-se-ia de que não tinha o direito de desfechar um golpe fatal nas esperanças de João e segui-lo-ia até o altar. Como até lá Ivo não teria surgido em seu caminho, o casamento teria lugar sem o menor obstáculo.

Depois então, com o correr dos dias, viria o desastre. Ivo e Lourdes, evidentemente nascidos um para o outro, acabariam se encontrando. Ivo, sem religião, sem fé em nada a não ser no seu próprio sentimento, no egoísmo impressionante dos seres de sua espécie. Lourdes, provavelmente já cansada do seu esforço junto a João, quem sabe até com consciência de se ter sacrificado inutilmente. E então, que sucederia? Virtuosos teriam o sofrimento em derredor. Complacentes, cúmplices, gozariam alguns dias de felicidade roubada — aquela impiedosa felicidade do pecado, que cobrava os mais altos juros conhecidos entre os usurários do mundo: um momento de alegria pago ao preço de anos e anos de desgraça. De um modo ou de outro, infelicidade, miséria.

Contudo, Lourdes caminhava para esse abismo sem que ele, seu diretor de consciência, nada pudesse fazer para detê-la.

•

A “beata” que sucedeu a Lourdes no confessionário, uma viúva rica e sem filhos, perfeita borboleta de sacristias, exasperou-o de tal modo que foi necessário se recolher alguns minutos antes de poder atender ao penitente seguinte. Sabia bem que errara se irritando tanto. Sabia que não era nada cristão aquele “julgamento” tão violento, tão falho de caridade. Entretanto, aquela mulher que o viera procurar para que a absolvesse de mil pequenas futilidades que só seus escrúpulos verdadeiramente doentios pediam considerar como pecados, parecia ignorar que existiam realmente no mundo grandes desgraças, grandes sofrimentos, grandes faltas cometidas contra Deus. Dar atenção às

insignificâncias que a preocupavam era confundir tudo, era alterar as verdadeiras proporções da obra do Criador. Ora, por mais que isso lhe repugnasse, fora obrigado a fazê-lo durante aquela interminável confissão. A todo instante a viúva se lembrava de um novo detalhe que, relacionado com os demais, podia alterar o ângulo sob o qual via seu caso de consciência. E a nova colocação se prolongava por minutos e minutos, como se se tratasse de alguma coisa de transcendente importância.

Padre Luís suportou tudo com relativa paciência. No entanto, depois de concedida a absolvição, assaltou-o de súbito uma surda irritação contra aquele modo absurdo de conceber a religião. Aquilo não fora uma confissão, apenas um acesso de escrúpulos. Ali, sim, Leopoldo Graça podia ter razão: era um caso de médico, talvez mesmo de alienista... As coisas que ouvira não eram pecados, unicamente contingências da vida, sombras infixáveis, acontecimentos perfeitamente anódinos. Sua opinião, seu julgamento sobre eles?... No momento, dissera diversas coisas, visando fins determinados. Agora, tinha vontade de responder: que deixasse de lado aquelas tolices e se preocupasse com outras coisas! — que havia muito problema sério, para se estar perdendo tempo com semelhantes baboseiras! — que era até um pecado estar querendo relacionar Deus, sentimentos religiosos, com matérias tão ínfimas, tão desprovidas de sentido! Durante alguns segundos, o padre se deixou levar pela irritação. Depois, caindo em si, envergonhou-se do estado a que chegara. Recolheu-se para rezar um pouco antes de reiniciar sua tarefa. Do outro lado da grade, um vulto conhecido chamou sua atenção. Reconheceu Eulália Paiva...

•

Era verdade: apesar do escândalo que as duas confissões anteriores tinham produzido no seu espírito, não obstante todos os protestos que fizera por ocasião da última, ainda em vida de Armando, de nunca mais procurar aquele confessor, Eulália — também ela uma “beata”, uma borboleta de sacristias — ali estava, de joelhos, pronta para abrir a intranquilidade de seu coração à palavra de misericórdia e perdão. Armando já estava morto há mais de três meses e ela acabava de chegar da Pequetinha, para onde fora, acompanhando Elza, uma semana após o enterro do sobrinho.

Deixara Elza sozinha por alguns dias. Viera ao Rio. Voltaria no dia seguinte, voltaria assim que Padre Luís ou um outro padre qualquer lhe devolvesse a paz de consciência que lhe tinha sido roubada. Isto, em consequência dos acontecimentos que Padre Luís conhecia — no que se relacionava com Armando — ou de que devia ter ouvido falar — no

caso de Elza... Ouvir falar, realmente Padre Luís ouvira. Por mais de uma pessoa mesmo. De que e de quem não se falava pelo mundo afora... e nas sacristias!... Não acreditara, porém. Conhecia bem a maledicência humana, sempre alerta para aproveitar todos os pretextos (isto é: a partida de Elza, “doente”, para a fazenda), de modo a justificar mexericos e calúnias.

Agora, diante da confirmação trazida por Eulália, via que errara, daquela vez. Mais uma desgraça se confirmava e não havia como não lastimar aquela família Paiva — por mais culpas que tivesse no seu passivo —, tão duramente posta à prova no espaço de alguns meses. Não era à toa que se assegurava que o Coronel Paiva “arriara”, não passando agora de um caco humano.

Eulália contava: a vida na Pequetinha corria difícil, espinhosa. Só mesmo como sacrifício, como mortificação, continuaria fazendo companhia a Elza. Se já não se entendiam muito bem na cidade, em épocas normais, sem fantasmas de crianças ilegais ameaçando o futuro, não haveria de ser agora, na fazenda, numa situação daquelas, que iriam viver em harmonia... Ela se esforçava, disposta a tornar seu sacrifício o mais meritório possível. Elza, porém, parecia se recusar, sempre de prevenção, dura, hostil. Dir-se-ia uma censura viva a lhe perseguir os passos. Havia momentos em que davam a impressão de ter invertido os papéis: ela, Eulália, era a culpada e Elza se comprazia em tratá-la mal, displicente, superior, como se estivesse fazendo um favor em permanecer ali a seu lado, amparando-a moral e fisicamente.

Como o padre tentasse interrompê-la, julgando necessário retificar certos pontos, Eulália se lembrou das duas confissões anteriores e resolveu evitar qualquer novo confronto de opiniões que sabia inconciliáveis. Não estava ali para aquilo. Não viera para discutir. Se procurara Padre Luís, era com um fito muito preciso.

Assim, foi logo explicando que não era seu caso em relação a Elza que a trazia até ali. Dentro de uns dois meses, Elza seria mãe e ela poderia provavelmente voltar para o Rio. Por mais difícil que a vida na Pequetinha tivesse se tornado, um mês e meio ou dois não contariam, se não houvesse um outro problema amargurando seus dias e suas noites: Armando, a morte de Armando, sua responsabilidade nos acontecimentos que a tinham antecedido imediatamente. E não era só isso: ainda havia um ponto crítico, justamente o motivo particular que a trouxera ao Rio, até ele, padre... Tinha ainda bem presentes na memória suas palavras na última confissão, semanas antes da morte de Armando. Quanta coisa não previra! E quanta desgraça não teria sido evitada se ela, atendendo ao que lhe dissera, tivesse influído junto ao irmão no

sentido de modificar sua atitude para com o filho. Pelo contrário, só fizera auxiliá-lo a precipitar a catástrofe. Tudo involuntário, é certo. Mas, como não pensar a todo instante na possibilidade de ter agido de modo diferente? Por outro lado, como não se sentir responsável pelo fato de Armando ter perdido àquele ponto os princípios religiosos que lhe inculcava, de que sempre procurava lhe falar?... As tentativas de Padre Luís para acalmar a intranquilidade do espírito de Eulália foram mais ou menos inúteis. Era evidente que, à noite, os remorsos perseguiam aquela consciência estreita, escrupulosa até os limites da doença. A morte de Armando, os infortúnios familiares tinham-na modificado bastante. Para melhor. Compreendera muita coisa, ou pelo menos, estava se esforçando nesse sentido. Contudo, o fundo mesquinho e seco de sua natureza permanecia, irremovível. O modo pelo qual tratava Elza não testemunhava outra coisa. E Padre Luís estava justamente pensando que a irritabilidade de Elza não devia ser senão defesa contra sua atitude de “sacrifício”, gritantemente generosa, quando Eulália resolveu focalizar o ponto essencial da sua confissão.

Era a primeira vez que tocava naquele assunto — assegurava. Não o fizera com ninguém, nem mesmo com o irmão... ou com a cunhada. Esperara jamais ter de fazê-lo. No entanto, em defesa da sua paz de consciência, não podia mais continuar com aquele peso no coração. Queria ver se, livre dele, conseguiria enfim dormir descansada.

E o padre ouvira o segredo de Eulália — tão decisivo no precipitar da sua crise —: numa das ocasiões em que Armando voltara a si, logo depois de ter dado o tiro e de ter reafirmado que não queria mais viver, acontecera que somente ela estava à sua cabeceira. Armando, muito fraco, apenas balbuciante. Ela colara o ouvido à sua boca, depois de lhe ter perguntado se não queria o socorro de um padre. A única resposta que tivera fora um: “A correntinha...”. De início, não entendera. Lembrara-se, porém, que Armando de há alguns dias usava no pescoço uma pequena corrente com uma medalhinha de santo... Tirara-a rapidamente, julgando que a queria beijar. Aproximara-a da boca, mas o rapaz afastara a cabeça, fechara os olhos, parecera ter um instante de indecisão e depois, reabrindo os olhos, fixara-a com firmeza, sussurrando: “É de Vanda. Ela me deu... Dê a ela”.

Padre Luís ouviu a narração de Eulália com o coração aos pulos. A todo momento parecia-lhe que, inesperadamente, talvez sem nem mesmo o perceber, Eulália ia exhibir, ali naquele confessionário, a prova de que Armando se arrependera. No entanto, chegara ao ponto culminante da narração e nada de parecido revelara. Nada, realmente?... Como Eulália se detivesse, o padre perguntou:

— E nada mais?

— Nada.

— Nada? Nem um movimento de lábios, um gesto vago... qualquer coisa... Procure se lembrar bem.

— Mais do que eu já fiz? — replicou logo Eulália.

— Então o senhor acha que já não procurei, não esgravatei minha memória tanto quanto pude? Houve uma pausa. Padre Luís teve um suspiro longo, transparente de decepção e sofrimento. Eulália repetiu:

— Nada. Absolutamente nada!

— E a medalhinha? — terminou por perguntar Padre Luís, enfim se lembrando de Vanda.

— É o que me traz aqui.

— Como? A senhora ainda não a entregou?...

— Não.

— Não?

— Ainda não. No momento me pareceu quase um sacrilégio... Padre Luís não pôde esconder sua reprovação:

— Mas, um sacrilégio por quê?

— A medalhinha de volta!... Envolvida em todo aquele pecado!...

— Minha filha! — ...Dada dias antes, em plena vida pecaminosa... única lembrança de um agonizante que se recusava ao arrependimento! Eu julguei...

— E a tranquilidade de espírito dessa menina, minha filha? Você não pensou nisso, na desgraça que caiu sobre ela desde o momento que conheceu seu sobrinho? Você julgou demais, como consolo, uma pobre medalhinha, dada provavelmente com as melhores intenções?...

— Padre, não pensei nisso. No momento tudo me pareceu tão sacrílego! Só depois, lá na fazenda... Padre Luís refletiu alguns segundos, depois perguntou com severidade no tom:

— E por que ainda não a entregou? Dois dias aqui no Rio, não?!...

— Não tive coragem — apressou-se em declarar Eulália.

— É preciso ter. E quanto antes!

— Já tentei. É inútil. Não ousarei procurar os Fernandes, nem enfrentar Vanda... nessa triste situação em que ela está. Foi por isso, aliás, que vim ao senhor.

O protesto do padre foi fraco. Quem o conhecesse, já poderia jurar que não iria se recusar a entregar ele próprio a medalhinha. Objetou:

— Não, não é a mim que compete.

— É um favor que venho lhe pedir.

— Pelo favor em si, claro que eu faria. O que me parece, é que houve uma pessoa claramente designada pelo moribundo para cumprir a missão.

— Padre, eu não consigo. Já foi muito para mim...

— Não foi quase nada. Creia. Isso não passava da sua mais estrita obrigação. Padre Luís continuou a insistir. Encontrou, no entanto, Eulália de tal modo obstinada, falando, mesmo tanto em mandar a corrente por um simples mensageiro, ou pelo correio, que resolveu aceder ao seu desejo e tomou a medalhinha de suas mãos para entregá-la pessoalmente. Quem sabe seria útil... Afinal, ele, por si mesmo, já devia ter procurado Vanda. Talvez necessitasse de socorro espiritual. Talvez receasse procurar algum padre, em virtude da sua situação, tão misteriosamente semelhante à de como acabava de saber.

Além disso, por que querer exigir de Eulália, de uma vez só, tão grande esforço? Já não bastava o que fizera?... Não era preferível usar sua possível influência em benefício de Elza, recomendando a Eulália mais suavidade no tratamento da sobrinha, uma compreensão mais cristã do problema criado? Ali, sim, havia qualquer coisa de realmente útil a conseguir. Difícil, talvez, mas de valor prático... E Padre Luís se lançou à tarefa com todo o entusiasmo de sua natureza, consciente de que ia se bater contra os mais entranhados preconceitos de uma alma que nem o sofrimento lograra abrir às realidades do Perdão e do Amor.

•

Momentos mais tarde, ajoelhava-se diante de Padre Luís um novo penitente.

Contudo, o panorama não apresentava melhoria alguma.

Emanuel Souza continuava onde o deixara na última confissão: escravo e escravo insubmisso. Pior ainda: então, falara em sair do Rio para se libertar da sedução e das crescentes explorações de Leonardo. Agora, de

cabeca baixa, humilhado, quase chorando, confessava que desistira do plano porque reconhecera, definitivamente, que lhe faltava coragem. Continuaría no Rio, continuaría escravo.

O quadro da vida miserável do Professor Souza não era novidade para Padre Luís. Há muito tempo que o via naquele estado, sem nada poder fazer em seu auxílio. Nos últimos tempos, com o agravar das exigências de Leonardo, a crise parecera iminente. Ora, Padre Luís sabia bem que o Professor Souza não tinha forças para triunfar no embate. Leonardo o arrastaria por todas as sarjetas... Emanuel Souza completara dias antes seu quinquagésimo quinto aniversário.

Seu pai, Leonel Souza, deixara-o bem instalado ao morrer, aos sessenta anos. Sua mãe, Clementina Seabra e Souza, não tardara a acompanhar o marido. Emanuel tinha, então, trinta e oito anos e estava casado havia dez anos com Teresa Save, que o amava com a intensidade do primeiro dia em que o tinha visto, logo se apaixonando por ele. Dois anos não tinham se passado e já Teresa se reunia à sogra. Viu-se assim Emanuel só no mundo, aos quarenta anos.

Não pensou em constituir nova família. Talvez porque as recordações fossem boas demais, talvez por simples descuido. Dedicou-se ao magistério com paixão, sobressaindo logo entre os professores de matemática dos colégios da cidade. Seu concurso foi disputado durante vários anos. Depois, de súbito, provavelmente como consequência do ruidoso desentendimento surgido entre ele e o Professor Veloso, diretor do Liceu Paulista (onde Emanuel Souza ensinava álgebra), viu sua reputação baixar muito e seu nome ser cortado do quadro docente de vários estabelecimentos. Havia quem falasse num escândalo, a tempo abafado, no Instituto Tijuca, em que se vira envolvido. Ninguém tinha certeza de nada e o fato parecia se estruturar mais na lenda do que na realidade. A má fama do Professor Souza, então corriqueira, favorecia tais suposições, a ponto de Padre Mansueto ter dito àquele propósito, certa vez, numa roda de professores: “Se non è vero, è bene trovato”... Tinham sido anos duros para Emanuel Souza, aqueles quinze que se tinham seguido à morte de Teresa. O amor pelo magistério, por mais intenso que tivesse sido, não conseguira encher sua vida. Ora, com o caminhar dos dias e a solidão crescente, tinham chegado até o homem que envelhecia a olhos vistos, doente do coração e tendo de se cingir ao relativo bem-estar da pensão onde vivia, as mais traiçoeiras tentações. Na mocidade conhecera já aqueles desvios. Não lhes dera maior atenção. Significavam alguma coisa? Tinham alguma raiz em sua natureza? O casamento parecera ter posto tudo definitivamente em ordem. Nem pensara mais naquilo. Mas eis que, com o correr dos anos de viuvez e com o fastio de certos prazeres normais, rebaixados e

privados de atrativos especiais, dado o modo pelo qual eram obtidos, o prestígio das antigas loucuras tinha se feito sentir de novo.

Fato singular, fora também então que uma outra característica de sua mocidade voltara à tona: o fervor religioso. Jamais deixara de praticar. Apenas, com o casamento e os anos de felicidade, como que deixara que caíssem em plano secundário as preocupações superiores. E não seria Teresa, por certo, a avivar-lhe a fé... Mais tarde, todavia, com a sucessão de desgraças que tinham começado com a morte quase simultânea de seus pais, e cumulado com o exacerbamento dos antigos desvios sexuais, a fé voltara em toda a sua plenitude.

Era, aliás, o que mais impressionava Padre Luís no caso do Professor Souza. Aquele pobre pecador, aquele desgraçado que descia tão baixo quanto se podia descer baixo na escala das vilezas da carne, aquele depravado que tanta gente apontava como um cínico, uma vergonha para o magistério, aquele homem tinha uma fé extraordinária e vivia momentos de uma real exaltação mística. Só os tolos e os de má-fé podiam duvidar daquela possibilidade. Na verdade, não se conformando com a miséria que habitava seu corpo e enchia tantas horas de sua existência, lutava incessantemente e lutava com uma coragem, uma tenacidade que Padre Luís não encontrava na maioria dos católicos quando tinham de fazer face aos seus pequenos e habituais pecados.

No fundo, um fraco, um pobre desgraçado de quem se devia ter pena. E a quem era preciso estender a mão. Há já alguns dois ou três anos que vivia daquela forma degradante. A princípio, lutara com vantagem, vencendo as fraquezas do corpo. Pensara mesmo em abandonar o ensino para ficar mais afastado das ocasiões de tentação. A necessidade de prover à própria subsistência, aliada ao receio de ficar sem ter com que encher o vazio dos seus dias, fizera-o prosseguir na sua marcha à beira do abismo. As seduções tinham se multiplicado. A resistência diminuía. A idade caminhara no corpo cansado. Uma oportunidade propícia facilitara o primeiro passo. Outras se tinham seguido. De práticas quase insignificantes, havia passado a aventuras graves, perigosas. O hábito se formara. A cabeça se curvara ante o novo senhor e os cabelos tinham acabado de encanecer. E o calvário do Professor Souza prosseguira, regular, inafastável... Acontecia que, agora, quanto mais cedia, quanto mais se rebaixava, maior era sua luta. Padre Luís, que a acompanhava de perto, podia testemunhar: queda e arrependimento alternavam, regularmente. Não havia capitulação, nem trégua. A oração sucedia o pecado, mas já lá vinha o mais sincero bater nos peitos e a nova sedução não demorava. Tratava-se de um escravo, sem dúvida. Mas, de um escravo rebelado.

Às vezes, Padre Luís pensava que o professor, no fundo, não passava de um “beato” de procissão. Sincero, absolutamente sincero, todavia excessivamente supersticioso, misturando religião e bruxaria. Trazia santinhos no peito, rezas especiais nos bolsos e, ao mesmo tempo, figas, objetos para anular o azar de um nome qualquer ouvido ao passar ou de um gato preto encontrado na calçada. Não passava debaixo de escadas. Ia regularmente aos Barbadinhos.

Se tinha esses momentos de rigor ao julgá-lo, tinha também os de indulgência. Era, sobretudo, quando o via ajoelhado diante dele, trêmulo de arrependimento e de vergonha, desfiando o rosário das suas fraquezas, jurando pela Virgem Santíssima que jamais voltaria a pecar daquele modo, jamais olharia com malícia para um menino, fosse seu aluno ou não. Chorava de dor quase física, de miséria ressentida no mais profundo de si mesmo. Entre soluços de júbilo, assegurava, então, que não tinha mais a menor dúvida de que enfim vencera a tentação: nele, alguma coisa se produzira repentinamente que o tornara livre. Sentia-se regenerado, pronto para cuidar de um único interesse, o da salvação de sua alma.

A carne, entretanto, era fraca demais naquele ser cansado que perdera o governo de si mesmo. As boas disposições duravam apenas algumas horas. Dias, no máximo. Deixava-se levar pelas mesmas visões do mal, caía nas mesmas ciladas. O abismo o tragava sempre.

A aparição de Leonardo em sua vida fora a consequência lógica das aventuras anteriores, mas tinha uma importância toda especial. Não havia até como não reconhecer: nada fora mais decisivo no processar de sua desgraça.

Leonardo Lobo, o “lobinho”, como o chamavam no Liceu, jogando sobre o duplo sentido do diminutivo, era um ser inútil e secundário, uma dessas criaturas vazias que ninguém pode explicar por que existem. Se Deus o disser um dia, provavelmente ficaremos estarecidos de surpresa. Veículos do mal, simplesmente? Nesse sentido, sim, o “lobinho” existia, justificava-se plenamente.

No professor bonachão, de cabeça branca e olhar amortecido (contudo, insistente, pegajoso, quase guloso...), o aluno do Liceu farejou logo a possível vítima. As aulas eram noturnas. No portão, na calçada da rua muito movimentada, mesmo àquela hora da noite, o alarido ecoava. Grupos se formavam, pares se distanciavam e desapareciam sem que ninguém desse por isso. Aulas mistas — todas as conversas se tornando possíveis à saída... Leonardo passara a esperar regularmente pelo professor, o cigarro no canto da boca, a camisa intencionalmente

desabotoada mostrando o peito glabro, o olhar cheio de interesse e curiosidade assim o velho chegava e os dois se afastavam conversando pelas ruas.

Padre Luís custara a se representar essas cenas de sedução quando o Professor Souza, de cabeça baixa, relatara seu caso. Não as conhecia, não as podia conceber. Em conversas, Branco lhe garantira, várias vezes, que o mundo à volta dele estava mudando em relação à época em que fora rapaz e conhecera a vida da cidade. Eram poucos anos talvez, mas a “cidade” (o termo, Branco o sublinhava propositadamente) caminhara muito. Do seu confessorário, não a podia ver bem. Crescera, ganhara muita coisa, era inegável. No entanto, como se depravara!... Ele, Padre Luís, discutira muito, então. Em tudo aquilo, parecia-lhe que a habitual obsessão contra a carne deformava excessivamente a visão de Branco. Agora, casos como aquele de Leonardo arrastando dia a dia o vulto trágico do Professor Souza para a voragem da mais baixa prostituição masculina, faziam com que lhe desse razão. A cidade se depravava, realmente. E não era só em meios como o de Leonardo. Nas praias, nos cafés, nos clubes, à sombra das confusas e descontroladas sessões de cinema, surgiam, estavam crescendo gerações de seres visceralmente corrompidos, para quem a distinção entre o bem e o mal não tinha mais nenhum sentido. Entre eles, desenvolvia-se abertamente um estado de espírito monstruoso, um verdadeiro aborto do “espírito da terra”, uma espécie de nova religião cujo dogma básico podia ser assim resumido: nada importa senão o lucro individual, sobretudo estando em jogo o ponto de vista sexual. Adultérios, defloramentos, venda de corpos, sodomia, chantagens, roubos, tornam-se então atos cuja realização só é condicionada por dois elementos: a vontade de cada indivíduo e a habilidade de praticá-los sem incorrer em qualquer sanção legal.

Seres como Leonardo se tornavam comuns, encontravam-se nas esquinas, passeavam pelas calçadas, levavam para o escuro das salas de projeção seus torpes e lucrativos desígnios. Aí, encontrando homens como o Professor Souza, verdadeiros frangalhos humanos quando se tratava de certas fraquezas, deles se apoderavam como da mais dócil das presas. Verdadeiras mulheres da vida nas calçadas das grandes cidades, teciam suas teias com todos os requintes da perversão e da habilidade. Era vê-los, quase sempre aos pares, a camisa aberta ao peito, o andar bamboleante, abrindo-se em sorrisos entendidos ao menor descansar de olhos dos transeuntes, rindo alto, gingando propositadamente, escandalosos no escancarar de bocas moças porém geralmente devastadas pela incerteza pecuniária da vida que levavam... Assim procedera Leonardo Lobo, o “lobinho” do Liceu, com Emanuel Souza. Dia após dia, envolvera-o. Podia-se dizer mesmo que o dominara por completo. Tanto mais quanto só se apresentara sob seu verdadeiro e

inapelável aspecto quando já farto de verificar que sua pobre vítima, além de um escravo, era um protetor generoso, cego, de coração sempre pronto para perdoar e de carteira invariavelmente aberta para qualquer um de seus caprichos — naturalmente, na medida das suas magras posses.

Nenhuma qualidade superior, nenhum encanto especial, nada, nada justificava aquela atração. O Professor Souza bem o sabia. Ali, apenas a carne, a baixa, a inconfessável carne... Nem a Padre Luís, nos dias de choro mais pungente, tinha coragem de confessar o fundo-fundo daquela torpeza, os detalhes repelentes que estavam por debaixo de tudo aquilo. Preferia que o acusasse de estar enlouquecendo, deixando-se levar pela lábia vulgar de vagabundos de rua. Preferia calar, preferia dizer que não podia, que não sabia explicar... Aliás, muitos seres humanos devem conhecer essa miséria — imagino-a suprema —: confessar-se escravo e não poder nomear o senhor, benigno ou impiedoso. Baixar a cabeça e mergulhar o olhar banhado em lágrimas na imensidade das trevas, sem nem sequer ter o alívio de poder lhes dar forma e colorido ante o ouvido compreensivo de um verdadeiro amigo ou de um padre esclarecido.

Sim, a escravidão viera. Apesar da luta, de um esforço contínuo, às vezes feroz, o professor se vira arrastado pela correnteza. Leonardo tomara conta de sua vontade vacilante. Alto e magro, mal alimentado porque sempre preferira se vestir bem a comer com fartura, o “lobinho” necessitava cuidados, tratamento, e Emanuel Souza não lhe regateou nada. Em poucos meses, transformava-se ante o espanto de todos os conhecidos. Longe, porém, de mostrar reconhecimento e consideração pelo protetor, tornara-se cada dia mais exigente e mais grosseiro, inutilmente tirânico, inutilmente vulgar, inutilmente cruel. Vexame sucedeu a vexame. Pequeno escândalo a pequeno escândalo. Hoje era uma cena num café, amanhã um empurrão no meio da rua. Às vezes um grito que vinha despertar a atenção dos transeuntes. E, todos os dias, os mesmos pedidos de dinheiro, exagerados, descabidos, quase sempre impossíveis de serem satisfeitos dentro dos quadros da magra receita do lente de matemáticas.

As pequenas tentativas de revolta de nada valeram. Apesar do tratamento miserável, da grosseria instintiva de Leonardo, continuara subjugado. Da última vez que viera ao confessionário, falara em sair do Rio. Iria ensinar num colégio de Minas. Fugiria à tentação, já que não tinha forças suficientes para resistir frente a frente.

Agora, instado, confessava com os olhos marejados: abandonara totalmente o plano porque chegara à conclusão de que não teria

coragem para realizá-lo. Se não podia passar um dia sem ver Leonardo ou, pelo menos, sem ouvir sua voz pelo telefone, como é que poderia sair do Rio, abandonar sua companhia para se meter na tristeza de um colégio do interior? Padre Luís não insistiu: era evidente que aquele homem que gemia por detrás da grade do confessionário era incapaz de um gesto radical, de um propósito firme. Se o fosse, talvez nem se tornasse necessária sua saída do Rio. Afastar-se-ia simplesmente de Leonardo e tudo estaria resolvido.

Inútil, pois, esperar atitudes dignas e corajosas daquele ser vergado pelas humilhações, pelo hábito de um pecado tão sórdido. Naquele momento, estava arrependido. Queria mudar, queria se regenerar e regenerar Leonardo, redimindo-o das indignidades praticadas ao longo de uma vida de pequeno escroque. Prometia se conter, adotar uma atitude nova em relação ao rapazola. Assegurava, jurava. No entanto, como não ver que tudo aquilo era momentâneo e não resistiria, provavelmente, a um simples toque da malícia do “lobinho”?... Em romper, em se afastar, o Professor Souza nem queria ouvir falar. Do modo como gostava de Leonardo, uma exigência daquelas equivalia a uma condenação capital. Podia aliás se comprometer quantas vezes o padre quisesse. Sabia bem que jamais cumpriria tão louca promessa. Nem mesmo admitia a hipótese. Muito antes a morte.

Outra coisa, porém, era tentar modificar suas relações com Leonardo. Fugir ao pecado, à miséria de determinadas concessões. Seus sentimentos pelo menino não as exigiam. Tudo questão de força de vontade, de resistir à tentação. O próprio Leonardo não poderia se obstinar na prática daquelas vilanias. Tratava-se de persuadi-lo, de orientá-lo melhor. Naturalmente, no meio em que vivia, com os amigos que possuía, não podia pensar diferentemente do que pensava. E agia em consequência. Era preciso arrancá-lo àquelas influências, elevá-lo. Possuía sentimentos, era capaz de ações nobres. Apenas, não recebera educação, bons exemplos. Nunca vivera num meio decente. Pelo contrário, só conhecia vagabundos, escroques, seres visceralmente perdidos que cada dia o impeliam para mais baixo.

Mesmo sem conhecer o “lobinho”, Padre Luís sorria das explicações do professor. As informações que recolhera de sua própria boca eram mais do que suficientes para que formasse um julgamento sobre o caráter do rapaz. As humilhações a que submetia o protetor, frequentemente na presença de terceiros, certas misérias em que nem tinha coragem de pensar, não podiam ser condicionadas por simples deficiência de educação ou pela influência de más companhias. Era o coração que devia falar e ficava mudo. Era alguma coisa que estava errada no mais íntimo dele mesmo — alguma coisa que o Professor

Souza, na sua cegueira, não conseguia ver.

Assim, todo aquele plano de regeneração parecia a Padre Luís de uma fragilidade única. Salvar-se, salvando Leonardo, podia ser a mais cristã das soluções. Para quem conhecia os personagens em campo, não passava de uma quimera. Não só o professor não teria coragem para se conter, mantendo-se prudentemente nos limites do sentimento puro, como não devia interessar ao “lobinho” aquela colocação do problema. O ideal de um diferia de tal modo do ideal do outro que não havia base para entendimento. Emanuel Souza falava sentimento e traía fraqueza. Leonardo falava dinheiro e traía malícia. A regeneração de um par assim constituído só podia advir — pensava Padre Luís —, de um verdadeiro e autêntico milagre de Deus.

Horas mais tarde, em suas orações pelo Professor Souza, não deixaria de recorrer àquele recurso extremo. Pediria o milagre com todo o fervor. Naquele momento, porém, sua linguagem devia ser outra, sendo errado falar-lhe com tanto pessimismo. Com que finalidade? Desacoroçoá-lo em seu esforço tão bem-intencionado? Pelo menos, valeria a tentativa. Já era alguma coisa, já era muito mesmo, dada a fragilidade das reservas de que dispunha para qualquer luta. Convinha portanto não ir contra suas ilusões. Apenas, preveni-lo dos perigos que corria recorrendo àquele meio brando, incerto, quando o que se impunha era uma solução violenta, radical, o fim imediato daquela aventura insensata e indecorosa.

Padre Luís explicou tudo isso ao Professor Souza nos longos minutos durante os quais ainda o reteve no confessionário. Contudo, quando o viu se erguer e retomar o caminho do mundo, do cruel e desgraçado mundo que o esperava, sentiu que fora em vão que falara. Aquele homem, não obstante sua boa vontade, parecia ter um destino inevitável e marchava para ele com a cegueira e a docilidade dos grandes condenados. Ainda conseguiria reagir a tempo? Receberia de Deus uma iluminação suficiente para fazê-lo retroceder? Ou sua sina atroz se cumpriria até o fim? Pensando nessa última hipótese, em tudo que lhe poderia estar reservado como provação, sentiu o coração se apertar de repente e a fala lhe faltou para atender ao novo penitente que tinha diante de si. Fez-lhe um gesto pedindo que esperasse (tratava-se de um aluno do Colégio que não o procurava há algum tempo — uma esperança, uma boa notícia portanto...) e recolheu-se para rezar. Precisava esquecer a tristeza daquele caso. Não faltariam ocasiões, mais tarde, para voltar sobre ele. Tanto mais quanto já o pressentia dolorosamente: das suas palavras finais não tinha advindo grande auxílio ao Professor Souza...

É bem provável que, mesmo sem a carta de Sílvio, recebida na tarde desse dia, a crise de Padre Luís tivesse se produzido. Normalmente, o desenlace da aventura de Sérgio, a concorrência ao seu confessor, no espaço de alguns dias, de todos aqueles casos, já o teriam levado àquela noite terrível de dúvida. Acontece, porém, que a carta o desorientou de tal modo que tudo se desencadeou de uma maneira desordenada e imprevisível no espaço de algumas horas.

Já esperava por aquela carta há vários dias. Surpreendera-se com a demora. Agora, ali estava, curta, seca, escrita com caracteres grandes e irregulares, falando de tudo menos de questões religiosas.

Dizia, aliás, bem pouca coisa. Assim mesmo, Sílvio achava um jeito de descrever as particularidades do local, de registrar o tempo que estava fazendo e vários outros detalhes inúteis. Da sua saúde física, apenas duas ou três linhas: ia bem, mais calmo e esperava ainda melhorar muito. Não precisava de nada, a não ser de dormir, comer bem e não pensar em nada. Isso, quanto à saúde física. Quanto à outra, à essencial, o mais completo silêncio. Era como se houvesse escrito a um indivíduo qualquer e não a ele, padre, a ele, Padre Luís, que era de certo modo responsável pela sua orientação espiritual.

Examinando bem, acabou descobrindo naquelas linhas mais do que um simples silêncio sobre questões que o preocupavam. Ali não havia apenas ausência, esquecimento, e sim uma negação velada. Indiferença? Displacência? Não. Recuo. Unicamente isso: sinal negativo apostado a tudo o que se relacionava com vida religiosa, com manifestações de fé patenteadas antes da partida para a fazenda.

Assim, aquela conversão que o entusiasmara tanto, que lhe dera coragem para enfrentar tão grandes obstáculos e suportar contrariedades incríveis, aquele bálsamo que tão bem soubera mitigar em seu coração os desgostos decorrentes da súbita e inesperada derrocada da existência de Sérgio Vilar, aquele pequeno triunfo na órbita de sua luta quotidiana contra as forças do mal (naquele momento de tal modo vitoriosa nos corações de Sérgio, de Reni, de Ângela, de Eliodora, de Matias Vancouver, de Jorge Monteiro, de Irma, de Antônio, de Ivo, de Matilde, do Professor Souza, de Alfredo, de Ernesto, de tantos e tantos outros...), aquela conversão verdadeiramente miraculosa que tanto o comovera e ao reitor, desfazia-se, anulava-se, sumia na distância, no vago e no indefinido? Não se verificara milagre algum? Simples impulso místico de duração efêmera? Movimento de descontrole nervoso, capricho de noites de insônia seguidas, teria se desfeito com a

viagem, o ar puro, a nutrição sadia? Leopoldo Graça teria tido razão?... Não podia, não queria acreditar. Vira Sílvio, ouvira-o falar do efeito que a Comunhão tivera sobre ele. Se aquela não fora uma verdadeira conversão, então não sabia mais o que era uma alma em luta real, uma alma que enfim é iluminada, encontrar o caminho. Podia se enganar em muitas coisas. Naquilo, era difícil. Tanto mais quanto tinha vivido todos aqueles dias (e que dias!...), mais de um mês, debaixo daquela certeza.

Recusava-se a acreditar que fosse ilusão. Contudo, invencivelmente, raciocinando sobre os fatos, chegava sempre à colocação das mesmas perguntas. Ora, como só tinham uma resposta, rebelava-se, tornava a negar a possibilidade global, recaindo depois no mesmo círculo vicioso.

Naturalmente, isso representava para ele um grande sofrimento. Ter de pôr em dúvida aquele acontecimento, aquele milagre do qual tirara talvez a maior parte da sua força durante aquele período de luta incessante, era estabelecer nele, quase que automaticamente, o clima de crise contra o qual a sagacidade do reitor o prevenira tão insistentemente. E Padre Luís não seria Padre Luís se não se abandonasse a esse novo perigo com toda a sinceridade e todo o exclusivismo de sua natureza ainda não poluída pela vida de compromissos e misérias em que evoluía a grande maioria dos seus penitentes.

•

Só fechando os olhos é que podia deixar de ver aquela realidade: quase todas as almas que tinham recorrido a ele naqueles últimos meses, ao invés de caminharem no bom sentido, cada vez se perdiam mais — mais e mais se embrenhando no denso matagal do pecado. O que fizera por elas, era pouco para ser anotado. De que valiam, então, seus esforços — não sabia dizer. Se fora bem-sucedido em alguma intervenção — era ousado afirmar... Pensava em diversas e não via sucesso algum. Por toda parte eram trevas ofuscando a luz, crises tremendas, tranquilidades desfeitas, espíritos escandalizados, corações sangrando, resistências que fracassavam, fronteiras erguidas que se curvavam ante o pecado e faziam dele o hábito de suas vidas quotidianas. Meditava sobre esses seres de exceção, sobre essas almas de valentes lutadores que de início não tinham querido capitular, preferindo “viver”, mas que, depois de algum tempo, tinham acabado cedendo ou estavam de tal modo a ponto de o fazer que só por milagre a catástrofe final poderia ser evitada. Refletia sobre esses destinos entregues à sua orientação e só via desastres, malogros tremendos.

Em atitude de prece, todavia com os lábios imóveis e o coração

silencioso, revia todos aqueles casos trágicos e nenhum lhe proporcionava alegria ou consolo. Por onde andava Ângela? Há três meses que se afastara, depois de lhe ter escrito aquela carta banhada de revolta e de cinismo. Não soubera notícias suas. Continuará com Hélio, vivendo junto dele a existência do pecado a que sua própria leviandade e a intransigência dos Soares a tinham trazido de volta? Ou já estaria junto de outro, impelida pela voragem daquela vida desatinada que fatalmente levava ao abismo? Sobre os Soares

— Eliodora, Carlos, dona Leonor — também não soubera nada, nem de bom nem de ruim. Depois daquela ação demoníaca de que o tinham tornado cúmplice e de que ainda não haviam voltado atrás, podiam abrigar no coração outra coisa senão amargura e rancor? Em almas assim, secas, frias, desprovidas de amor, de nada valiam religião ou moral. Orando, no mais das vezes outra coisa não faziam do que ofender, entristecer Jesus Cristo.

É verdade que em outras famílias, realmente cristãs como os Vilar, a desgraça viera bater com uma crueldade inesperada, desnorteante. Resignados, humildes diante de Deus, deviam estar sofrendo tremendamente aqueles velhos bons e tantas vezes postos à prova pela dor, aquela mulher que era um verdadeiro exemplo, aquelas duas meninas que apenas começavam a florescer para a vida e já deparavam com um escândalo daqueles. Sobretudo Vera, com seus dezessete anos apenas completos e que acompanhara tudo tão de perto. Ficara de voltar ao confessionário, dias depois do incidente. Não voltara, não lhe dera o menor sinal de vida. Que teria sucedido com sua alma tão mal preparada para o enfrentar de certas realidades do mundo? Que repercussão teria tido o terrível acontecimento sobre sua confiança nos seres que a rodeavam? Saberá distinguir a fraqueza, a miséria relativa da espécie humana, da fraqueza, da miséria absoluta do irmão e da prima? Ou identificaria Sérgio e Reni ao homem e à mulher, englobando todos numa mesma desconfiança, perdendo para sempre a fé na obra do Criador? Mais negro era ainda o quadro que devia oferecer a alma de Reni. Que se estaria passando nela, que tenebrosas nuvens de ressentimento e desespero, de revolta e pecado, não a estariam atravessando naquele momento? Quem sabe, talvez, era o remorso que se tinha apoderado de seu espírito... Diziam-na gravemente doente. No Colégio, numa manhã de domingo, alguém falara mesmo em tuberculose galopante. A doença, a crise, a ameaça terrível, podiam ter enfim aberto seus olhos. Podiam também ter aumentado sua solidariedade com o estado de pecado em que Sérgio lhe aparecera naquela última vez em que se tinham defrontado... E Sérgio, o pobre e fraco Sérgio, que teria sido feito dele? Devia estar em São Paulo. Devia estar padecendo muito. Devia estar vivendo horas de uma tal amargura

que nem tinha coragem para imaginá-las. Ou então não tinha consciência, não era mais o ser que sempre conhecera, bom, ainda que muito egoísta, sincero, ainda que pouco corajoso, visceralmente cristão e puro, ainda que tristemente fraco e pecador. Sim, devia estar atravessando momentos angustiantes, tremendas noites de remorso e medo. Ainda sentiria contra tudo e todos a mesma revolta envenenada do dia em que partira? Continuaria responsabilizando sua oração, isto é: Deus e ele próprio, Padre Luís, pela hemoptise que vitimara Reni? Devia ser bem triste a sua vida por lá, longe da família, daquela gente boa no seio da qual sempre vivera, feliz e esquecido da maldade do mundo. E quem sabe estaria se dando com ele o que sucedera a Ivo, anos antes, quando se desencaminhara, rolando pela encosta do abismo de uma existência totalmente dissoluta e irresponsável... Por falar em Ivo, que fim levava aquele infeliz, também como Sérgio inapelavelmente marcado pelo sangue cristão que lhe corria nas veias? Lourdes estava vivendo os últimos instantes de um drama de que não haveria apelação mais tarde e ele não aparecia, não vinha reclamá-la, não lhe estendia a mão indispensável para que se evitasse o triste erro do seu casamento com João Graça. Pelo contrário, cada vez parecia se afastar mais, vivendo, junto de uma mulher à toa, a mais irregular e lamacenta das existências. Jamais voltara ao seu confessorário, desde o tempo em que, rapazola ainda, descobrira a sedução da vida da carne, a impossibilidade de conciliar certos preceitos de Deus com as tentações e os engodos do mundo. Que influência teria tido sobre ele a morte do irmão, tão trágica, tão desastrosamente catastrófica? Que se estaria passando com sua alma? Alma cristã, alma sincera, alma viva, teria se resignado ao silêncio, ao pecado, à morte? Ou acabaria voltando um dia ao confessorário onde o esperava há já alguns anos? No entanto, não eram só aquelas almas distantes que inquietavam Padre Luís. No vaivém do seu confessorário, naqueles últimos dias, quantos destinos não tinham se precipitado, negros de pecado, de tristes desejos a pique de serem satisfeitos? Àquela hora, em que vilezas já não teria resvalado a fragilidade de Matilde? Era provável que tivesse ido ao encontro noturno com Oscar, enganando todos em casa, desobedecendo a ele, Padre Luís, seu diretor de consciência. Levada por essa concessão, devia ter ido mais longe no dia seguinte. Do contrário, teria voltado ao confessorário, naquela tarde, conforme o compromisso assumido... E Matias Vancouver, acaso teria sido mais obediente do que ela, mais prudente? Ou teria cedido à tentação de ir viver com Dolores, largando a mulher e os filhos? Também da parte desse — apesar da promessa de dar notícias logo —, silêncio, ausência. Como silêncio e ausência no que dizia respeito a Alfredo, a Maria Inês, a Ernesto, a outros. Todos desobedeciam, desprezavam seus conselhos. Alfredo se fechava num mutismo obstinado de quem tinha alguma coisa em mente, mas não

queria dizer. O quê? A saída do Rio para levar a bom termo seu sinistro plano? Alguma nova loucura? Ernesto se rebelava declaradamente, pedia-lhe que não rezasse por ele, como se fosse possível, como se não se tratasse do mais negro pecado. E os outros? Maria Inês estaria realmente disposta a perdoar ao marido? Iria tentar reconstituir sua vida junto a ele ou cederia à tentação de se separar, de ir para longe do ser cínico e dissimulado que lhe inspirava tanto nojo? Por outro lado, que dias negros não se desenhariam para o Professor Souza, quando voltasse a si das ilusões em que se embalava? Pobre alma miserável, alma cristã, alma boa, iria caindo de degrau em degrau até a última das humilhações? Já era a risota de uma malta de exploradores, de quase-criminosos. Até onde não iria, se não tinha defesa alguma, se a própria fé não conseguia detê-lo em seu desatino? Daquele exame de almas tresloucadas e de outros destinos que rapidamente passaram pela sua cabeça, Padre Luís concluía que seus esforços não estavam sendo bem-sucedidos. Deus não podia estar abençoando suas palavras, seus movimentos de compreensão e auxílio, se o resultado obtido era aquele. Como explicar, como justificar tantos fracassos? Ele era um padre. E ser um padre era alguma coisa. Não voltava às afirmações do catecismo, nem o pensava com a cabeça alta, cheia de orgulho. Sabia de sua fraqueza pessoal. Sabia da miséria de todo ser humano, mesmo quando padre, mesmo quando papa. Não importava. Não deixava por isso de ser padre, de ser representante de Jesus Cristo na terra. Tinha poderes, evidentemente. Tinha de ter. Ou acaso seria um pobre qualquer, incapaz de despertar os anjos de pedra de que tanto falara a Padre Martinho? Afinal, como sacerdote, não era ele o encarregado de “dar as ordens de Deus”, segundo uma expressão que tinha quase certeza de ser de São Crisóstomo? Ora, que ordens eram essas? Evidentemente, a de amar a Deus acima de tudo, a de praticar o bem, outras nesse gênero. Nunca a de viver no pecado, adorando falsos ídolos, espalhando o mal e induzindo os outros a espalhá-lo.

A crise era realmente séria. Dúvidas quanto aos possíveis resultados do seu apostolado, Padre Luís já as tivera. E muitas. Não vira, meses antes, Carlos Eduardo morrer tão inexplicavelmente — ele, o único que podia ser considerado uma exceção à lei comum? Contudo, essas e outras dúvidas tinham sido sempre vagas, circunscritas. Um caso, um fracasso — e a decepção correspondente, logo combatida, logo superada. Agora, tratava-se de coisa diferente e o padre não o ignorava. Os anjos de pedra que tinha diante de si não eram quase-anjos de pedra como sempre pensara. Eram verdadeiros anjos de pedra, insensíveis a seu toque, aos mais angustiosos apelos. Não adiantava ele ser aquele a quem Deus incumbira de dar suas ordens. Não importava porque, essas ordens, eles não as ouviam. Não as queriam ou não as podiam ouvir, conforme os

casos. Surdos ou revoltados, viviam afastados dessas realidades essenciais ou logo se distanciavam delas, irrecorrivelmente.

Como Armando — o Armando de Vanda e da inexplicável medalhinha —, todos aqueles seres eram anjos de pedra. Mas Armando, pelo menos, ele já o fora encontrar inconsciente. Enquanto os outros... Anjos de pedra, todos eles insensíveis, inacordáveis. O próprio Sílvio que, por um milagre, parecera ter nascido ou renascido para a verdade ao sopro misterioso de tristes e incompreensíveis acontecimentos, não parecia ter se transformado num autêntico anjo de pedra, acomodado, indiferente, inacessível?

•

A noite caminha. Padre Luís continua em atitude de oração. Entretanto, é apenas seu cérebro que funciona, ardente, desnortado. O coração está quase frio, triste, amortecido. É como se chovesse a mais fina e renitente chuva numa rua pobre e mal calçada. É como se faltasse luz e faltasse ar numa reunião de homens bons e desejosos de promover o bem comum. É como se as nascentes de uma região populosa e fertilíssima tivessem sido envenenadas pelo descuido ou pela maldade de um ser de trevas e de fel. É como se tudo que é bom não o fosse mais e tudo que é puro subitamente se houvesse contaminado. É como se os pássaros não cantassem mais e a maldade dos homens tivesse submergido o mundo. E é pensando nessa invasão do amargor e da derrota, da lama e da desilusão, que penso na vossa abnegada tarefa, ó envenenados pelo mundo, ó tenuíssimos ouvidos de Deus abertos para a turvação e para o desânimo. O lodo das ruas, esse que devora nossos corações e nos leva a todas as mortes, sois vós quem o ouvis, humildes ouvidos postados por detrás das palhinhas dos confessionários — ouvidos atentos de homem na flor da idade que o nosso pecado vem inquietar — ou sonolentos ouvidos de velhos confessores que já escutaram todas as misérias e nada mais pode distrair de uma pachorrenta contemplação divina. E me refiro também a vós, ouvidos pecadores, ouvidos talvez indignos que nos escutastes tantas vezes: perco-me na vossa vergonha, na vossa humilhação de ter direito de nos perdoar plenamente como se a perfeição habitasse vossa alma maculada. Ouvidos generosos ou ouvidos complacentes, ouvidos que conturbamos e quase nunca amamos, penso no nosso egoísmo, penso na nossa fraqueza, penso na miséria da nossa condição humana e na grandeza da vossa investidura. Penso em tudo o que é drama no vosso humilde colar de ouvidos, constante, invariável. E penso com o coração cheio de ansiedade e de inexplicável remorso, por mim e por toda a humanidade, nesse sacerdote que está de joelhos, a boca cerrada à oração, os dedos frios, o suor escorrendo na testa, o coração batendo

descontroladamente, recebendo de Deus provavelmente o primeiro chamado para uma eleição particular para a qual talvez lhe faltem todas as forças, todas as coragens. Penso no seu penar tão humano, tão semelhante ao de tantos dentre nós outros, e já o vejo, tempos depois, perdido nos confins do país, perseguido, caluniado por uns, amaldiçoado por outros, sofrendo ainda, sofrendo sempre...

IV

crise que assediou Padre Luís nessa última semana de agosto, prolongou-se em toda a sua força até os primeiros dias de setembro, deixando-o praticamente inutilizado para seus afazeres habituais. A própria entrega da medalhinha a Vanda, que desde a confissão de Eulália se tornara urgente, teve de postergá-la. Sentia-se doente, incapaz de falar-lhe eficazmente. Temia mesmo que suas palavras, ditas sem o acento apropriado, pudessem ter efeito nulo ou contraproducente.

Se as consequências desse transe não foram mais graves, tudo se deveu à pronta intervenção do reitor. Já esperava a crise há algum tempo e, assim lhe notou os primeiros sintomas evidentes, procurou Padre Luís, envolveu-o com perguntas hábeis e só o largou depois de tê-lo feito se abrir com ele de tal modo que não lhe foi difícil auxiliá-lo com bastante eficiência. Temporariamente a ameaça se desfez e o padre pôde retomar logo até mesmo sua atividade confessional.

Bem a par dos problemas fundamentais do espírito de Padre Luís, o reitor pôde acompanhar sua angústia durante os dias mais críticos. Viu-o transtornado e percebeu sem demora que eram os fracassos que se amontoavam no seu confessionário que lhe estavam tirando o sono, a cor, a fome, a tranquilidade, a própria fé. Viu-o desarvorado, ameaçado de perder a cabeça e, como conhecia bem sua natureza, resolveu forçá-lo na sua reserva, obrigando-o a uma conversa franca.

•

Não foi sem relutar muito que Padre Luís desvendou seu coração ao reitor naquele fim de tarde cinzenta e úmida com que o mês de setembro se iniciou. Não que tivesse alguma coisa contra ele ou houvesse perdido a confiança que nele depositava em virtude dos seus conselhos e da sua comprovada bondade. Hesitava apenas, receoso de ser levado a falar demais, a trair de uma forma ou de outra algum dos segredos que recebera no confessionário ou em conversas, como as que tivera com Maria Inês ou com Ernesto, que aos seus olhos tinham quase o caráter

sagrado da confissão. Seria preferível talvez esperar mais um pouco, deixar que a crise passasse por si.

Contudo, acabou falando. Era grande, na verdade, a necessidade que sentia de um conselheiro seguro, de uma alma que o compreendesse e orientasse naquele momento de desânimo e aflição. Ora, o reitor viera ter a ele, solícito, insistente mesmo. Seria até inumano o prolongamento de uma resistência daquela espécie.

Abrindo-se com o reitor, não disse nomes próprios, não contou nenhum dos casos que o preocupavam tão tenazmente. Apenas, para explicar a razão de ser da sua angústia, teve de se referir a uma série de desgraças, a insucessos que o tinham desnortado de tal modo que Padre Martinho constatou logo que não se enganara sobre a gravidade daquela crise.

Pelo fato de Padre Luís não ter pronunciado nomes, nem especificado casos, mantendo-se no terreno geral (ainda que insistindo sempre na intensidade assustadora dos seus malogros mais recentes), também o reitor foi obrigado a permanecer nesse terreno. Poderia ter aludido a muitos casos de que tivera conhecimento de um modo que não lhe impedia referências claras. Poderia mesmo discuti-los pormenorizadamente. Contudo, a intenção de não tocar neles era tão evidente em Padre Luís que o reitor resolveu respeitar seus escrúpulos. Certamente eram baseados em boas razões que não conhecia, mas que, por isso, não deviam deixar de existir. Provavelmente, pelo receio de que um nome puxasse outro, uma semelhança evocasse, em determinado momento, um vulto que não devia aparecer, cuja presença por si só equivallesse a uma involuntária traição do segredo confessional.

Assim, Padre Martinho aceitou a discussão no plano geral e dele não procurou sair. Ao fim de várias observações, que Padre Luís tentou rebater fracamente, o reitor percebeu que tinha chegado o momento de falar de mais perto à sua alma, não lhe importando mais, agora, as consequências imediatas de suas palavras. Pedindo que não o interrompesse senão quando julgasse de absoluta necessidade, como, por exemplo, para esclarecimento de algum ponto (sobrando-lhe tempo, depois, para responder o que quisesse), começou:

— Meu filho, é preciso você não se obstinar em fechar os olhos.

— Eu não me obstino... — tentou interromper Padre Luís como se não estivesse disposto a atender ao pedido formulado instantes antes.

Todavia, o reitor fez com que se detivesse logo. Sorrindo, esperou que o outro continuasse:

— Em questões como essa, meio caminho já estará andado se virmos claro, se colocarmos bem o problema. Ora, para isso é preciso ter os olhos bem abertos e não recuar ante a verdade. Não devemos ter medo da verdade. Nem de coisa alguma. Deus está conosco. E Deus existe — não é criação de nosso medo, de nossa miséria. Nós, com a nossa fraqueza, com a nossa efemeridade, nós, pobres “bichinhos” como dizem as escrituras, podemos não existir. Mas Ele, Ele existe, Ele governa o mundo, Ele não nos abandona, nem à nossa pobre razão, por mais confusa e enganosa que possa ser... Mas, não nos deixemos desviar. Estava querendo dizer que, no nosso caso, temos de encarar a realidade tal qual ela é, sem medo porque Deus está e tem de estar conosco. Esta realidade, meu filho, é que você é um sacerdote privilegiado.

— Padre...

— Não me interrompa à toa. Já imagino sua objeção, mas ela fica para outra hora. O que eu quero dizer, escute, é o seguinte:

— Pode dizer. Eu não o interromperei mais.

— A não ser quando for imprescindível. Escute: você é um sacerdote privilegiado. Eu conheci diversos, conheci inúmeros nesses muitos anos que vivi por aí pelo mundo, hoje aqui, amanhã no interior, no estrangeiro, em missões, em grandes capitais, em aldeias humildes, por toda parte. Conheço muitos, conheci alguns que melhor teria sido nunca tê-los avistado, conheci exemplos de virtude, de bondade, de desprendimento, verdadeiros santos, mártires até. Meus sessenta e tantos, meus quase setenta anos viram de tudo, meu filho. Viram crises tremendas, reneгаções, apostasias, conversões belíssimas. Viram e ainda não esqueceram. Pois bem, é do alto dessa experiência, apesar de não o conhecer senão há pouco tempo, que digo sem receio de errar, nem de tentar sua vaidade (porque creio que sei o que estou fazendo e só o faço por ter certeza de que é necessário fazê-lo): seu caso é o de um sacerdote privilegiado, provavelmente chamado por Deus para uma missão especial entre os homens, nesse nosso mundo terrível.

Padre Martinho calou por alguns momentos, não porque julgasse ter errado falando daquele modo, apenas para tomar fôlego. Diante dele, de olhos baixos, mãos caídas ao longo do corpo especialmente emagrecido pelas preocupações daqueles dias, Padre Luís esperava, emocionado, ansioso por descobrir onde o reitor queria chegar. A mesma voz firme e segura de si prosseguiu pouco depois:

— Que fique bem claro, desde logo, o que estou querendo dizer. Não é que o considere nenhum exemplo de virtude, nenhum modelo, nada que se pareça com algum santo que acaso estivesse vivendo entre nós...

— Está claro, Padre Martinho... — não pôde deixar de objetar Padre Luís, confuso.

— Está claro sim. Se bem que não seja do modo pelo qual você o está entendendo... Escute: que você não seja um santo, sim. Mas quem diz que não o será? Por que não? Aliás, todos nós o podemos ser, não? Como você sabe, ninguém adivinha o que o espera no dia de amanhã. E sabe você qual é o nosso dever, sobretudo o nosso — dever de padres, de sacerdotes de Jesus Cristo? Preparar-nos para isso, viver como se esse fosse o nosso objetivo imediato... e alcançável, claro que alcançável! Mas, de novo estou me perdendo em digressões. Escute, o que quero dizer é que um sacerdote privilegiado como você, não particularmente pelas suas virtudes, pelas suas qualidades pessoais... e sim pelo seu caso.

— Pelo meu caso?

— Sim, escute: você recebeu um grande, um incomensurável dom de Deus que talvez nem você mesmo avalie em seu preço real: a ausência da sedução da carne. Eu conheço, eu sei! Não exagere sua modéstia dando importância diminuta demais a um fato tão invulgar. Não só é raro, mesmo entre nós padres, como é uma graça altíssima, preciosíssima, cujo valor pode apreciar unicamente quem tem uma certa e longa experiência do mundo como eu ou como Padre Lemonier ou Padre Godo, para ficarmos apenas aqui no Colégio. Não é só por você, em relação à salvação da sua alma. É pelos outros também, é em relação à defesa de outras almas, à propagação da fé pelos bons exemplos, pelo não-escândalo. Você sabe o mal tremendo que a existência de maus padres traz à religião. Está claro que são muito menos numerosos do que se pretende por aí afora. E não o são todos por esse motivo carnal a que estamos nos referindo. Mas, de qualquer forma, você conhece suficientemente o problema para que ainda precise insistir mais... De novo o reitor parou. A confusão impediu Padre Luís de responder tudo o que queria, o quanto se sentia longe de ser quase ideal, mesmo sob aquele ponto de vista. Esfregou as mãos fechadas uma contra a outra, nervosamente, sem ter coragem de dizer nada. Sentindo sua aflição, Padre Martinho procurou logo explicar:

— Naturalmente, meu filho, esse privilégio tão grande, tão rico de possibilidades — tanto para você como para o mundo que o rodeia —, você o tem de pagar de algum modo. Uma cruz você não pode deixar de carregar. Como eu, como todas as criaturas nascidas à sombra da Cruz, sobretudo aquelas que foram chamadas, como nós, para um serviço especial.

— Eu compreendo, porém... — e Padre Luís estacou, lembrando-se de quantas vezes ele próprio não pensara e não dissera aquilo mesmo a

penitentes seus.

O reitor não tardou a prosseguir:

— Deus põe à prova seus eleitos. Essa lei é comum, ninguém dela é excluído. Está nas Escrituras: “Deus castiga àquele a quem ama, como um pai o faz ao filho de quem gosta”... Uns de uma forma, outros de outra. Porque, meu filho, é preciso sofrer pelo Cristo para poder ser glorificado com ele, mais tarde. Ou você já se esqueceu dos Apóstolos? Do que São Paulo tantas vezes nos disse? Então você já não se lembra mais de que ele nos advertiu que, pela Igreja, estava cumprindo em sua carne “o que faltava padecer a Jesus Cristo”? E nós, sacerdotes, apóstolos nesse mundo de pecado e heresia, seremos nós diferentes dele? Ou você se julgará por algum motivo dispensado de provação?

— Longe de mim querer me excluir, padre! — protestou Padre Luís com veemência.

— Pois não é o que parece, pois não é a conclusão que se tira de suas palavras. Você luta, se debate, grita, arqueja, como se não se conformasse com a lei comum, como se a cruz lhe pesasse demais.

— Não, não é isso... é que, às vezes, padre, às vezes é difícil aceitar certos resultados!

— Que quer você? Que nenhuma cruz particular faça vergar esses ombros quase ainda de rapaz, fortes, talhados quem sabe para ajudar a Jesus na tarefa santa de carregar o pesado, o imperscrutavelmente pesado madeiro da Cruz? Que todos fiquem extasiados diante do seu exemplo de virtude e que, por isso, esqueçam de súbito seus pecados, convertam-se, salvem suas almas pecadoras... provavelmente destinadas ao consolo da undécima hora?

— Padre! Padre! — gemeu Padre Luís aflito.

— Eu sei, meu filho, eu sei que estou sendo cruel. É necessário porém, é indispensável. Não é contra você que estou falando... é contra o inimigo, o terrível, o irremovível inimigo.

— Em mim, padre?

— Não seria leviano ao ponto de assegurá-lo... À nossa volta, provavelmente. Talvez em mim. Por que não? Mas, deixe-me falar até o fim, não me interrompa tanto. Ainda tenho o que dizer.

Padre Luís abaixou a cabeça, resignado. O reitor continuou com a voz calma, pausada:

— Meu filho, não convém a você, dada sua função, dado seu caso particular, participar tanto assim dos dramas das almas que recorrem a seu confessorário...

— Padre...

— Escute: você “julga” demais. Preste bem atenção, compreenda o que quero dizer. Seu erro não é se apaixonar do modo como você se apaixona por esse apostolado para o qual, evidentemente, Deus o está chamando ante os olhos de nós todos. Longe de mim semelhante ideia, quase uma blasfêmia. Sua falha provém do excesso de participação pessoal, de “juízo” com que você faz frente a cada caso particular. Sua tarefa não consiste em avaliar cada intervenção de per si, seja ela bem ou mal sucedida, em aprovar resultados parciais, complexos, muitas vezes incompreensíveis pelas nossas possibilidades de percepção da realidade. E sim, meu filho, em agir simples e honestamente de acordo com o que manda sua consciência, esclarecida à luz de uma oração constante, fervorosa.

— Padre Martinho — interrompeu Padre Luís num verdadeiro gemido —, o que é que eu faço senão isso?...

— Faz isso, sim, mas faz com os olhos fixos no resultado imediato, concreto, visível... pesando os frutos a colher, medindo a vitória a alcançar. Faz como quem está realizando uma obra humana, quase matemática. Ora, meu filho, nós estamos aqui numa região diferente, onde tudo é imprevisível, inexplicável para a nossa razão. “Ninguém conhece o que está em Deus, a não ser o Espírito de Deus”, dizem as Escrituras...

— Sim, eu compreendo, mas a questão, padre reitor, é que não sei agir de outro modo... é que...

— Nesse caso — interrompeu Padre Martinho com autoridade e até mesmo com certa rispidez no tom —, é preciso aprender. É indispensável aprender. Porque, meu filho, continuar a lutar desse modo errado é o grave, o tremendo perigo que o está ameaçando. Mesmo inconscientemente, você está querendo se justificar com a sua própria obra e com isso contrariando o preceito do Apóstolo que proíbe essa glorificação em nossa pessoa e não em Deus. É preciso não esquecer nunca o que esse mesmo Apóstolo ensinou aos coríntios: “Ainda que andemos na carne, não combatemos segundo a carne”. Do contrário, é sua própria salvação que vejo em perigo...

— A minha salvação?! — gemeu Padre Luís sem esconder sua crescente aflição.

— Claro! Nem lhe falaria assim, se não se tratasse de uma questão grave, fundamental para seu destino. O motivo aliás, é simples: agindo desse modo, não só você está agindo errado, quase insensatamente, como é certo que irá esbarrar mais cedo ou mais tarde na catástrofe de perder a confiança em Deus... de desesperar!

— Padre, isso nunca!

— Queira Deus que não! E espero mesmo que não. Para isso, porém, é preciso retroceder, mudar. Do contrário, será quase inevitável. Um fracasso, vários fracassos sérios, e que será feito de você, meu filho?

— Eu já tive... no momento mesmo...

— E que é feito de você, nesse momento?... As palavras do reitor eram duras. Contudo, não havia como não concordar com a justeza que as inspirava. Padre Luís curvou a cabeça e sentiu que seus olhos se iam aos poucos enchendo de lágrimas. Padre Martinho insistiu:

— Meu filho, escute bem: o que o mundo foi em outras épocas, não sei dizer. Sei que, no momento em que vivemos, ele nos oferece um triste, um bem triste espetáculo. Você o conhece bastante em seu negrume. Talvez seu pessimismo o exagere um pouco. O panorama é bem sombrio, mas creio que é mais ou menos de todos os tempos. O quadro do mundo pagão que São Paulo pinta para os romanos não é muito diferente. De qualquer modo, é preciso coragem para enfrentar, de olhos abertos, tanto um como outro. Enfrentar o nosso mundo de olhos abertos não significa deixar-se dominar por ele, pelo seu horror. Significa constatar que está assim porque Deus está ausente dele e é preciso introduzi-lo, ou reintroduzi-lo, como quiserem dizer... Como fazer, porém? Como avaliar? Que sabemos nós da realidade essencial dos fatos que presenciamos? Quem nos assegura a certeza de identificar a verdade sob as mil aparências de que comumente surge revestida? Quem nos garante que a nossa ação sobre uma determinada alma teve sucesso ou fracassou? E se tiver momentaneamente fracassado (como parece ter sucedido com a sua nos casos que tanto o preocupam ...), que sentido isso poderá ter? Olhe, escute: para muitas criaturas, Jesus Cristo “nasce” várias vezes antes do nascimento definitivo. Há seres mesmo para os quais Jesus nasce todos os dias, nasce a cada hora que passa, a cada acontecimento grave que sucede. Você não vê, nos bancos de igreja, nos confessionários, esses pecadores contritos, batendo nos peitos, às vezes chorando, alguns ruidosamente, outros miserável, tristemente?... É Jesus que está nascendo em muitos deles. Jesus numa manjedoura suja, abandonada — mas Jesus rodeado pela Virgem Maria, pelos anjos do céu... Porque Jesus é Deus e nós, homens, somos desgraçados, unicamente desgraçados. Nada demais pois que, em nós, Ele seja renegado e esquecido a todo momento de tentação e que, no entanto,

constantemente volte, perdoadando, refazendo sempre o milagre da sua suprema dádiva, do seu nascimento em nós...

— Então — objetou Padre Luís com timidez —, devemos confiar sempre, sempre?

— Claro! — atalhou logo o reitor.

— Nossa regra, meu filho, é a oração e o nosso caminho é o da confiança em Deus, total, ilimitada. Os resultados das nossas ações, cabe a Deus apreciá-los. Ele é juiz e nós, apenas, seus filhos, humildes e confiantes servidores seus. “Ama”, nos ensina Santo Agostinho, “e faz o que bem entenderes”. Amar a Deus e ao próximo, servi-los com todas as nossas forças. Que mais podemos querer? Que mais podemos pensar que vá ser exigido de nós? A nossa lei é sofrimento porque se chama Amor a nossa carta de alforria. Deixemos pois, segundo a palavra do Apóstolo, “agir a cólera de Deus” porque, como ele assegurou aos romanos: “Ali onde o pecado abundou, superabundou a graça”... Durante muito tempo ainda o reitor falou a Padre Luís nesse tom, exortando-o a continuar em sua tarefa com a mais cega confiança em Deus, prestando menos atenção ao que resultava imediatamente das suas palavras. Ao terminar, não deixou de lembrar que não era a primeira vez que lhe falava daquele modo, já o tendo advertido seriamente sobre os perigos que corria. Em vão, porém. Pelo contrário até, cada vez se abismara mais naquele caminho excessivamente humano. Chegara mesmo àquela crise de que, com a ajuda de Deus, esperava vê-lo sair logo. Porque, não se enganasse àquele respeito: sentia-se responsável diante de Deus pela sua alma ameaçada. Tendo como tinha, em virtude da posição que ocupava, autoridade sobre ele, não podia ficar inativo, indiferente à sua progressiva perdição. Talvez tivesse mesmo de sair da sua norma habitual de conduta, tornar-se duro, cruel. Não se deixaria influenciar pelas intrigas e tolices de Leopoldo Graça, cada dia mais evidentes, mas, também, não se deteria ante nenhuma consideração sentimental, nenhum escrúpulo tolo. Para salvá-lo, empregaria todos os meios de que dispunha. Queria chamá-lo a si, queria evitar-lhe, fosse como fosse, o despencar pelo abismo à beira do qual se debruçava com tanta inconsciência...

•

Padre Martinho não exagerava. Posso assegurá-lo, eu que ainda sinto em mim, neste momento, a mesma emoção de Padre Luís ao ouvi-lo falar com tanta sinceridade dos mil nascimentos que o Cristo tem em muitos de nós. O perigo real que o padre corria então, ele o via bem. Pressentira-o de há muito, vindo, caminhando com passo seguro, imperturbável. Lembrava-se mesmo com nitidez que, em certa ocasião, a

propósito do seu desespero de perder a capacidade de atingir ao vivo certos penitentes, antes dóceis aos seus conselhos — e Padre Luís os comparava a anjos de pedra, insensíveis, adormecidos —, lembrava-se bem que lhe falara longa e energicamente sobre a necessidade de confiar, de rogar a Deus humildemente que tornasse a animar aqueles anjos e de, depois, confiar cegamente na misericórdia divina, na promessa sempre válida: “Pedi e recebereis”... Falara com energia, porque desde então percebera o perigo. Falara nesse dia e, mais tarde, quando, por ocasião dos casos de Armando Paiva, de Ângela Soares e de Sílvio Iberê, os sintomas da crise de Padre Luís se tinham tornado ainda mais evidentes. Era sua própria fé que estava em jogo. Encarando os problemas do seu confessor como o estava fazendo, acabaria por abalar sua confiança em Deus. Pois, o que queria não era nada mais nada menos do que animar anjos de pedra. Ora, aquilo, daquele modo imperativo, absoluto, era possível a outra criatura que não Deus? Só Deus podia despertar anjos de pedra. E ele, Padre Luís, queria exigir que os anjos de pedra confiados à sua guarda, se animassem, obedecessem à sua vontade, ao seu santo desejo? Seria extraordinário. Seria realmente formidável, não só para a maior glória de Deus, como para a tranquilidade pessoal de Padre Luís. Aquilo, porém, não era a realidade que tinham sido chamados a viver. Era sonho. Era quimera. Parecia-lhe mesmo que se tratava, simplesmente, de mais uma das muitas e variadíssimas tentações do grande inimigo.

Não havia o que estranhar. O Senhor do mundo sabia se servir de todas as armas, algumas sutis, tão traiçoeiras como ele próprio. Aquela, por exemplo. Aquela, que apresentava todas as aparências em contrário. O zelo excepcional, a verdadeira paixão com que Padre Luís aguardava o resultado de suas intervenções, trazia consigo uma parcela de veneno perigosíssima que só se tornava sensível depois, quando, com o fracasso do esforço empreendido, a desilusão se apossava do seu espírito. Esse grão de veneno podia não ser notado por todos, sobretudo pela sua vítima, mas não por ele, Padre Martinho, velho conhecedor das artimanhas do demônio. Tinha a marca negra, bem visível. Só o tinhoso era realmente capaz de engendrar um plano tão miserável e tão difícil de ser desmascarado.

Não era a primeira vez que se defrontava com uma maquinação daquelas. Aqui e ali, ao longo de sua vida de incessante luta, de constante contato com toda espécie de pessoas, hoje no confessor, amanhã em bancos de escola, adiante em mesas de banquete, adiante ainda em prisões ou em ruas sórdidas, mais de uma vez em navios de imigração, em missões perigosas no interior selvagem, por toda parte tivera de enfrentar a calculada dissimulação, a habilidade sem limites do grande inimigo. E sempre lhe fizera face, discreto, humilde, mas

absolutamente compenetrado do seu dever de não ceder, de não curvar a cabeça ante a força e a ousadia do adversário.

Assim, também naquele episódio não faria vistas grossas às suas intenções. Lutaria, lançaria mão de todos os recursos ao seu alcance para defender Padre Luís. Lutaria rija, desassombradamente. Aliás, tantas vezes se saíra bem em suas contendas secretas com o maligno que não duvidava do resultado final. Mais dia menos dia, Padre Luís compreenderia a semente de erro que havia em sua atitude — atitude em si admirável, digna dos maiores louvores —, e tudo voltaria à normalidade. Confiava em Deus plenamente, ele. Nem tinha a menor razão para não o fazer. O espetáculo do mundo não o escandalizava.

Nem o revoltava, como via acontecer com Padre Luís, com outros igualmente bem-intencionados, igualmente puros de coração. Via o pecado, por certo. Como não vê-lo? Contudo, no mundo, no universo que contemplava, o que via essencialmente era a obra do Criador, grandiosa, admirável, a caminho da perfeição, à espera do amor dos homens. A luta contra o pecado, como a entendia, era um esforço nesse sentido, nunca um ato de desespero, uma renegação. Era ela para atingir esse ideal, era colaboração eufórica na obra do Criador.

Embora seguindo esses imperativos da sua natureza otimista, o reitor não deixava de compreender o estado de espírito particular de Padre Luís, concordando com ele em muita coisa. Realmente, era constrangedor o panorama do mundo em que viviam: pecado, confusão, falta de amor, esquecimento de Deus sob todas as formas. Ora, Padre Luís, especialmente dotado para os privilegiados e espinhosos misteres da direção de almas, ficava mais do que ninguém exposto ao contato dessa miséria generalizada, verdadeiro rio de lodo que vinha ter incessantemente aos seus ouvidos. Excepcionalmente puro por natureza, por dom divino, devia receber essa lama diária com horror, reagindo do fundo de uma sensibilidade aguçada, sempre alerta, sempre pronta para a rejeição. Em poucas palavras: estava sofrendo um verdadeiro processo de envenenamento. Contínua e progressivamente, aqueles tristes casos que iam ter ao seu confessorário, cada dia em quantidade maior, deviam estar penetrando nele, exigindo de sua natureza uma reação violenta, categórica. Não que o considerasse ao alcance imediato das tentações representadas pelas fraquezas alheias. Sabia-o muito puro e forte para isso. Apenas, ouvindo constantemente aquele barulho surdo de pecados teimosos, renitentes, incansáveis, sua pureza se rebelava, exigindo uma ação qualquer, uma alteração imediata daquele estado de coisas. Tornava-se necessário então vencer, obter resultados palpáveis. Em síntese: animar os anjos de pedra... Tudo isso — pensava o reitor naquela noite do princípio de setembro —, levava Padre Luís àquela

inquietante situação em que o via: exigindo coisas de Deus e revoltado por não as obter, como se, pelo seu merecimento, tivesse direito a elas. Qual seria o passo seguinte? Duvidar de que alguém as pudesse conseguir? E mais adiante? Descrer de que existissem essas coisas, essas ações de Deus sobre os homens? E esses passos tão perigosos precederiam que outros passos de incredulidade mais positiva, de desconfiança mais evidente? Sincero, implacavelmente honesto, até onde não iria naquele caminho sinistro? A perspectiva entrevista, mesmo no mais distante e problemático futuro, assustou de tal modo o reitor que não houve mais tranquilidade para ele, naquela noite. Acusou-se de descuido, até mesmo de displicência. Negligenciara muito o caso de Padre Luís, concedendo-lhe liberdade excessiva em momentos perigosos. Felizmente, despertara a tempo. Nada ainda estava comprometido. Não descansaria enquanto não tivesse, com o auxílio de Deus, conjurado o perigo iminente.

De joelhos no chão, Padre Martinho passou longo tempo em oração, sem desprender o pensamento da alma atribulada que, naquele instante mesmo, devia estar sofrendo pelas fraquezas da humanidade. Pobre ser de exceção, aquele padre ainda moço, que se sentia vergar ao peso de uma luta desigual com o inimigo do gênero humano. Pobre iludido daquelas horas de aflição e agonia, duelando em vão contra a sombra de um adversário que não vivia mais fora dele, como pensava, e, sim, viera tranquilamente se abrigar dentro dele, protegido e dissimulado, eternamente engenhoso, eternamente falso, eternamente preparado para os grandes voos da morte.

V

s palavras do reitor a Padre Luís não foram sem efeito. Apesar de a crise já estar muito adiantada, é inegável que valeram muito, proporcionando ao padre alguns dias de relativo descanso. Foi como se lhe dessem novo fôlego para fazer frente ao que já vinha se encaminhando em sua direção. Sentia-se melhor, capaz até de ir entregar a Vanda a medalhinha de Armando.

Realmente, as observações e os conselhos do reitor calaram-lhe fundo na alma. Aflito, receoso, recorreu à oração e nela se abismou, esquecendo-se a si próprio, desaparecendo com tanta sinceridade e confiança que sentiu um grande alívio no coração, passando a considerar os acontecimentos sob novos ângulos.

É verdade que as circunstâncias conspiraram para permitir-lhe esse período de relativa calma. Assim como nas semanas anteriores tudo parecera disposto por mãos invisíveis para acumular ante seus ouvidos o que havia de mais dramático em matéria de tristezas íntimas, agora, num movimento inverso, os casos complexos e compungedores como que tinham fugido do seu confessionário, cedendo lugar ao balbuciar ingênuo, quase inocente, de almas para as quais o caminho do bem era um livro claro, sem segredos. Por certo, continuava o desfilar dos pecados do gênero humano. Mas, com que diferença, com que benignidade! Eram criaturas que pecavam sem a menor dúvida. Contudo, tratava-se de almas que se arrependiam realmente, que não tornariam a cair do mesmo modo, almas em que o amor de Deus passava acima de tudo mais. Podia confiar nelas: não o desiludiriam, não trairiam Jesus Cristo.

As atribulações recomeçaram dias depois, numa manhã tranquila e clara, quando, de volta da casa de Vanda, deparou com Matias Vancouver, sentado num banco da Capela. Horas depois, era procurado por Maria Inês Carneiro. A coincidência não tinha nada de extraordinário. Todavia, desde o primeiro momento pressentiu a nova investida. À tarde do dia seguinte, quando Ernesto surgisse no Colégio para comunicar que desistira de forma irrevogável da carta que lhe prometera obter do reitor, não se espantaria. Como também não estranharia, na manhã seguinte, entrever através das grades da palhinha o rosto abatido e molhado de lágrimas de Matilde recitando o Confiteor. Evidentemente, tudo se precipitava de novo, como se se fossem repetir, traço por traço, os quadros de dias antes. Contudo, o inesperado aparecimento da pequena Reni na Capela, na mesma manhã, veio dar uma nova e cada vez mais catastrófica coloração aos acontecimentos...

•

Quando Padre Luís, depois de uma longa e difícil conversa, conseguiu comunicar a Vanda o motivo real da sua visita: entregar-lhe a medalhinha que Armando, pouco antes de morrer, pedira a Eulália que lhe devolvesse, sentiu cair a hostilidade com que vinha sendo tratado desde que começara a falar. Vanda chegou a sorrir-lhe, reconhecida, abrandada na altivez por detrás da qual se encastelara desde que o vira chegar — hesitante, um verdadeiro intruso, não sabendo onde pôr as mãos, parecendo envergonhado de fixar os sinais da sua avançada gravidez... Durou poucos segundos, porém, essa onda de boa vontade. Vanda tornou a fechar o semblante, para dizer logo em seguida, apontando a medalhinha:

— Mas só agora é que ela me vem ter às mãos? Já faz mais de três

meses... e durante todo esse tempo eu não soube... eu pensei sempre... Vanda se interrompeu. Padre Luís nada disse e realmente não havia o que dizer. Vanda prosseguiu sem demora:

— É incrível que não tenham nem sequer pensado em me avisar! Não digo o senhor, que não sabia de nada, mas a tia de Armando, meu Deus, afinal bem podia imaginar o estado de abandono em que eu estava... brigada com Armando... ele não tendo me reconhecido... Sem se poder conter mais, desatou a chorar e o padre não teve ânimo nem mesmo para consolá-la. Deixou-se ficar, imóvel, aturdido, mais uma vez engasgado com a série de coisas que, antes de vir, pensara para dizer à moça.

Era realmente incrível e sobravam razões a Vanda para se queixar dos Paivas. Tamanha aridez de coração ultrapassava o inumano, atingia o diabólico. Depois da morte de Armando tinham todos eles se fechado em silêncio, num vazio absoluto. Nem dona Laura nem Eulália haviam procurado Vanda. A própria Elza, por que não o fizera? Vergonha? Vexame proveniente da semelhança das situações? Proibição? Não sabia dizer. De qualquer modo, o inegável é que Vanda se vira na mais completa solidão. Em casa, o ambiente já era terrível e só fizera se agravar com os dias que tinham se seguido à morte de Armando. Graças à benevolência do Coronel Paiva, seu Fernandes começava a ganhar algum dinheiro e assegurava que nada lhe faltaria. Contudo, não queria lhe falar nem se encontrar nos mesmos aposentos que ela. Por intermédio de Teresa, cuja hostilidade crescera ao ponto de se tornar bastante agressiva, fizera saber à filha que lhe facilitaria todos os meios para que se livrasse do fruto que trazia consigo, ilegal, pecaminoso e, sobretudo, incômodo, prejudicial ao seu futuro. Mesmo arriscando um pouco, pois já caminhavam então pelo terceiro mês, convinha recorrer àquele meio de anular testemunho tão gritante de passado tão vergonhoso.

Tudo isso Vanda contara a Padre Luís, como se já o conhecesse de há muito ou estivesse sendo ouvida em confissão. Não falara com simpatia, em tom amigável. Pelo contrário, dir-se-ia que cada frase era arrancada do fundo da sua natureza em revolta, vindo de chofre, como que vomitada sobre o padre que a escutava de cabeça baixa, sem jeito de falar, inclusive de revelar-lhe a existência da medalhinha.

Vanda não se limitara a relatar a proposta do pai, tão insistentemente apoiada pela madrastra. Contara também sua resposta, a firmeza com que defendera o filho a nascer. Em Branco — no momento já tão importante em relação à sua vida, e tão essencial mais tarde —, nem sequer falara. Ao apoio moral que lhe trouxera — e que, com os dias, só

fazia crescer —, não se referira. E Padre Luís nem de longe suspeitara a sua presença por detrás de toda aquela resistência.

Vanda prosseguiu em sua narração. Batera pé. De nada queria saber menos do que de se ver livre do filho. Não se envergonhava de trazê-lo. Chamassem-no filho do pecado — estava certo, não seria ela a negá-lo porque continuava a acreditar em Deus, a respeitá-lo. Apenas, aquele filho do pecado era, também, o filho de Armando... a única coisa que restava dele na terra. Era tudo para ela, portanto. Era como se fosse o próprio Armando. Armando, tinham-no morto parentes egoístas e aferrados a preconceitos absurdos. O filho, porém, com a graça de Deus, ninguém o mataria. Expulsassem-na de novo de casa. Na miséria, no opróbrio, defendê-lo-ia, criá-lo-ia. Sim, passados que fossem alguns meses, haveria de nascer. Tinha plena certeza: exatamente como Armando desejava, seria um menino, um homem. E, também de acordo com a vontade do pai, chamar-se-ia Carlos Eduardo... “Carlos Eduardo?”, indagara Padre Luís quase maquinalmente. Vanda explicara: “Sim, Carlos Eduardo. Era o nome de um grande amigo de Armando, um rapaz, um meninote ainda, que morreu, aliás, pouco tempo antes dele...”.

Padre Luís estremecera. Contudo, nada dissera. Nem por um instante pressentira o estranho mundo novo que se erguia, ainda escondido por detrás daquele detalhe, em si tão insignificante, e que, um dia, seria levado a conhecer de tão perto. No momento, o choque significava apenas mais um elo de uma cadeia. Ouvindo Vanda falar, tremera todo o tempo, incapaz de se conter.

Mais uma vez a velha história de sempre que se repetia: o pecado simpático, o pecado se revestindo de todos os ademanes da coragem e da decência. Dentro do erro, sabia bem, havia ilhas de razão. Longas, vastíssimas ilhas de razão. Dentro do erro, podia-se estar relativamente certo. Isto é: certo numa grande série de coisas, com a razão parcial do seu lado. Nessas ilhas, tudo dava a impressão de ser bom, honesto, puro, enquanto os adversários, agora de fora da ilha, agiam de um modo falso, antipático, repelente mesmo.

Assim, o pecado surgia enfeitado, dourado por culpa muitas vezes dos que o combatiam com estupidez ou deslealdade, com hipocrisia ou incompreensão. Em consequência, os pecadores ganhavam para o seu lado a simpatia e todas as misteriosas armas da solidariedade humana. E era apenas o grande tentador quem lucrava, sorrindo do fundo das trevas. Se as “forças do bem” tinham morto Armando Paiva e, depois, abandonado e perseguido Vanda Fernandes, de que lado podia ficar a simpatia humana? A revolta de Vanda se tornava aparentemente justa,

digna, e não havia como não ouvi-la com toda a benevolência quando indagava: “Não era melhor que me tivessem deixado Armando? Comigo, ele não pensaria em se matar. Viveria. E, assim que fosse possível, nós nos casaríamos...”. De nada adiantava lhe lembrar que ela e Armando tinham avançado demais, lançando-se deliberadamente numa vida de pecado que tinha suas próprias leis, suas exigências, suas fatalidades. Uma coisa levava à outra, o pecado arrastava. A “lei dos membros” era inexorável. A catástrofe teria que vir porque, no mundo do pecado, um determinismo implacável impele para o abismo.

Vanda não compreenderia, porém. Vanda continuava a viver na sua ilha e, dentro dessa ilha, quem podia ter razão contra ela? O egoísmo dos Paivas? A sordidez dos Fernandes? O moralismo estreito e desapiedado de Eulália? Vanda argumentava: entre Armando e ela, o que havia era amor. Um sentimento puro (pouco importavam suas condições de exteriorização) fora estrangulado por uma combinação miserável. Eram criminosos todos aqueles que dela tinham participado. Ele próprio, Padre Luís, não deixava de ser suspeito. Não representava a Igreja? E a Igreja não condenava formalmente aquele gênero de relações que tinham existido entre ela e Armando?... Falara muito tempo ainda e Padre Luís discutira, tentando fixar, ante seus olhos de revoltada, a verdadeira posição da Igreja. Lembrara-lhe que, se essa posição era de ódio ao pecado, também era de amor pelo pecador. A fórmula não datava de hoje. Do mesmo modo, sempre fora sabido que, apesar de todas as possíveis deformações dos maus orientadores, a religião católica não era uma religião de prêmio para os virtuosos e sim de amor pelos pecadores. Salvar, salvar sempre, era seu intuito essencial — e não: premiar, depois de ter julgado. O próprio Jesus Cristo proibira esses atos que já na sua época caracterizavam os fariseus e os doutores da lei.

Vanda replicara, a discussão se prolongara. E fora só então, depois de tudo isso ter sido conversado, que o padre encontrara ocasião para se desincumbir da sua missão. Agora, vencida pela surpresa e pelo acúmulo de recordações trazidas à baila, Vanda chorava.

Quando, depois de ter dado vazão a seu ressentimento contra os Paivas, pareceu mais calma, Padre Luís tomou coragem para tocar no ponto que mais lhe interessava elucidar naquela visita:

— Diga-me uma coisa, agora. Desculpe a indiscrição da pergunta que pode lhe parecer simples curiosidade, ainda que, para mim, tenha uma importância capital... Essa medalhinha, quando você a deu a Armando... já estava benta? Tinha algum sentido especial? Vanda ficou olhando o padre durante alguns segundos sem compreender bem. Em seguida, balbuciou:

— Especial... de que modo? Dei para que São Bento protegesse Armando. É uma devoção antiga que tenho... Era minha, a medalhinha... e foi benta lá na fazenda, por um padre de passagem.

— Compreendo — atalhou Padre Luís com firmeza.

— Vou lhe explicar melhor o que perguntei, o que me interessa saber nesse momento. Como lhe disse há pouco, também eu já fui encontrar Armando inteiramente inconsciente. Mandaram me chamar para ver se ainda conseguia tirar dele palavras de arrependimento, mas foi tudo inútil. Ora, as últimas expressões conscientes do rapaz foram de reafirmação...

— Eu sei — interrompeu Vanda com aflição.

— A tia de Armando não me poupou esse detalhe, na hora em que fui lá... O desespero em que ele estava... foi até por isso que me vieram buscar... talvez eu o reanimasse, o convencesse... O choro novamente a venceu. Padre Luís a consolou com duas ou três frases convencionais e, assim o pôde, recomeçou:

— Portanto, meu problema é o seguinte: não me ficou nas mãos nenhuma prova, nenhum sinal, por mais vago que fosse, de que Armando se tenha arrependido antes de morrer... Ora, essa medalhinha, cuja existência ignorei até dias atrás, pode muito bem estar ligada a algum fato que permita ter esperança, que esclareça talvez... Vanda não respondeu logo. Parada, o olhar perdido muito longe, procurava. Encostada na cadeira de palhinha, a expressão muito cansada, sofredora, a testa enrugada pelo esforço momentâneo de uma busca cuidadosa na memória, inspirava mais pena ainda que de comum. Ao fim de alguns minutos, sacudindo negativamente a cabeça, declarou:

— Não, nada de especial... que eu me lembre, pelo menos. O senhor sabe: Armando não era religioso... não se preocupava com isso, pelo menos. Aceitou a medalhinha porque eu dei e pedi que a usasse no pescoço.

— Ele relutou?

— Um pouco. Mais por brincadeira, creio eu, do que por qualquer outro motivo.

— Alegando o quê?

— Que não acreditava. Que aquilo era superstição minha... que eu também não ligava para nada daquilo. Tolices, sei lá o quê!... Tudo rindo para mexer comigo... que fiz finca-pé e não descansei enquanto não pôs a correntinha no pescoço.

— E depois, mais tarde?

— Depois? Nada... Não se falou mais no assunto.

— Ele não beijava a medalhinha... de quando em quando?

— Que eu me lembre... não. Também, foi tão pouco tempo! Houve um longo silêncio. Com os olhos cheios de lágrimas, Vanda mergulhou no passado, reviveu aqueles últimos dias de convivência com Armando. Beijar a medalhinha?... Ela, sim, e quantas vezes! — sobretudo quando seus lábios acariciantes encontravam a correntinha e, subitamente temerosa pela vida que estava levando, pensava em aplacar com beijos, cheios de respeito e ternura a possível cólera divina... Ele, não. Beijar a medalhinha? Não se recordava, por mais que o tentasse.

Perdido também ele numa meditação dolorosa, Padre Luís não a ousou interromper. Nenhuma novidade, nenhum avanço. A medalhinha não o levava nem um passo adiante. Pelo contrário, das informações de Vanda parecia resultar apenas que Armando jamais atribuíra àquela “superstição” outro sentido do que o puramente sentimental. Usara, porque Vanda exigira — mandara de volta, porque queria dizer a Vanda que não morria brigado com ela. Para Vanda, sim, aquela descoberta tinha uma significação importantíssima e era fácil compreender o ressentimento que guardava de Eulália por lhe ter escondido o fato até então. Para ele, porém, de nada servia. Continuava sem ter nenhuma prova de que Armando tivesse recuado do seu gesto desesperado. Algum dia teria? Era pouco provável. A não ser, naturalmente, que procurasse Leopoldo Graça e conseguisse tirar a limpo certas coisas... A visita ainda se prolongou por algum tempo e Padre Luís sentiu que, aos poucos, Vanda ia abrandando suas suspeitas, sua quase hostilidade em relação a ele. Falou-lhe diversas verdades úteis, prometendo-lhe, por fim, voltar em outra ocasião para conversarem com mais vagar. Vanda sorriu dos planos secretos do padre que transpareciam a todo instante, até mesmo na dureza com que a tratava em certos momentos, mas não fechou a porta às suas esperanças. Prometeu pensar em tudo o que lhe dizia, sem má vontade, sem rancores desleais contra quem não tinha culpa do que sucedera. Depois, então, conversariam melhor. A religião dele parecia ser melhor, mais humana, mais caridosa, mais compreensiva do que a dos católicos que encontrara até então. Talvez ainda viessem a se entender. Talvez mesmo, se ele consentisse, seria o padre escolhido para batizar Carlos Eduardo...

•

De volta da casa dos Fernandes, onde além de Vanda só vira Teresa, com quem trocara apenas palavras banais, Padre Luís encontrou Matias

Vancouver à sua espera, já ajoelhado no confessionário, como se receasse perder a vez. Viera cedo e parecia esperar de Padre Luís uma intervenção direta e imediata no seu caso. Talvez mesmo não fosse exagerado dizer que saíra correndo de casa, temeroso de chegar tarde ou de encontrar o padre ocupado num dos seus habituais afazeres.

Sucedia que naquela manhã, logo cedo, Linda e ele tinham tido uma conversa violentíssima, rompendo relações. Desarvorado, correria para junto do único apoio que lhe restava.

Linda, era forçoso reconhecer, tivera uma certa paciência com ele. Do dia em que procurara Padre Luís para lhe contar a alternativa em que a mulher o colocara: renunciar a ela ou a Dolores, datavam já dez dias. De volta do confessionário, seguindo o conselho recebido, fora procurá-la e pedir-lhe que tivesse mais tolerância. Perdoasse, esperasse com confiança porque estava resolvido a romper. Precisava apenas de alguns dias, de modo a poder proceder corretamente com ambas as partes.

Fracassara lamentavelmente. Junto de Dolores, compreendera que jamais teria coragem para a separação exigida. Sem querer também desistir de todo da boa intenção inicial, procurara temporizar, sempre com a ideia de se afastar aos poucos da amante. Só fizera piorar a situação. Dolores percebera seu esforço, desconfiara de alguma coisa dirigida contra ela e redobrou de solicitude, exigindo sua constante presença.

A nova posição se tornou evidente aos olhos de Linda. Irritada por estar sendo enganada, decidiu provocar a crise final. Aperreado, posto fora de si pelas acusações de hipocrisia e deslealdade, não resistira à tentação de confessar, como se estivesse perpetrando uma vingança: sentia-se incapaz de abandonar Dolores. Não podia viver sem ela. Aquela carne fácil, quente, com todas as sedução do prazer irregular, pecaminoso, era-lhe indispensável, vital. Sabia que se tratava de uma loucura, sabia que não podia durar muito e que, portanto, dali a mais alguns meses estaria arrependido. No entanto, não podia ser de outra forma. Quanto ao resto, paciência. Agisse ela, Linda, como bem lhe aprouvesse. Estava disposto a suportar as consequências dos seus atos.

Provocada dessa forma, naturalmente Linda se mostrara intratável. Já suportara demais aquela situação vexativa. Se lhe preferia uma mulher à toa e que nem branca era, se esquecia as responsabilidades que tinha em relação aos filhos ainda pequenos, então era que não valia mais nada, estava inteiramente podre. Podia seguir seu destino miserável. Podia abandoná-la, a ela e aos filhos. Iriam viver com o pai, com o velho João Dahnen que saberia protegê-la, ajudando-a a terminar a educação das

crianças. Dele não queria mais nem dinheiro nem notícias. Nem mesmo vê-lo de longe. Riscava-o do rol dos seus conhecimentos, riscava-o para sempre, pouco lhe importando que a aventura com a “mulher de cor” durasse um, cinco ou dez anos. Não tornasse a procurá-la. Era como se já tivesse morrido.

A discussão se azedara. Em vão, o velho João Dahnen tentara intervir, a exemplo de tantas outras vezes, quando o fizera com pleno sucesso. As mais amargas palavras tinham sido pronunciadas. Saía de casa brigado com Linda, como se Tomás e Teda não existissem mais. Tudo isso se passara cedo, quando chegara de volta de uma noitada com Dolores. Agora, ali estava diante de Padre Luís como o mais abandonado dos homens.

— Eu irei falar com sua mulher — declarou Padre Luís depois de ter ouvido as palavras de Matias.

— É inútil — acrescentou logo o outro.

— Linda está irredutível e não há mais nada a dizer...

— Quem sabe? Quem sabe, de uma conversa que tenhamos, não resultará alguma coisa nova, uma colocação diferente desse problema que, por ora, parece insolúvel?... Matias hesitou alguns segundos. Sentiu-se assaltado pela tentação da esperança. Depois, sorriu com desencanto, para arrematar logo:

— Eu conheço Linda, padre.

— A ela você conhece, deve conhecer pelo menos... O que provavelmente você não conhece é a força da ação da Graça sobre certos corações...

— Linda nem católica é! — interrompeu Matias com veemência.

— E que tem isso, meu filho? A Graça só agirá sobre os católicos? Onde ficam as conversões dos infieis, dos heréticos?... Justamente por isso, a influência ainda pode ser maior... Matias sacudiu os ombros sem mau modo, mas com visível descrença.

Antes do padre prosseguir, foi declarando:

— A meu ver, o senhor não conseguirá nada.

— Não garanto... não posso garantir. Posso tentar...

— É muito, muito difícil, difícilíssimo!

— Contudo, não é impossível. E isso basta. Basta que não seja

impossível para que nos restem esperanças... e tenhamos de experimentar. Sim, porque um lar não pode se desfazer assim desse modo! Pelo menos, meu filho, é preciso lutar, fazer todo o humanamente possível.

— Linda jamais quererá voltar atrás! — gemeu Matias com aflição na voz.

— Jamais esquecerá minha atitude, quanto a humilhei...

— Não se trata disso, agora! — lembrou Padre Luís quase irritado.

— Humilhação!... É de sacrifício que se cogita. É preciso que sua mulher compreenda o papel extraordinariamente grande que vai ter de desempenhar.

— Sacrifício, padre?

— Sim. Sacrifício de aceitar a pequena humilhação para evitar que se arrase um lar, se rompa um Matrimônio. Deus a uniu a você. Vai ela deixar que uma pobre criatura, provavelmente um mero instrumento do mal, consiga separá-la de você, marido legítimo, pai dos filhos que Deus lhe deu... e, até bem pouco, bom esposo, ótimo chefe de família?...

— Linda jamais me perdoará!

— Não importa sua atitude, não vamos medir o tamanho do seu pecado, a extensão da sua fraqueza. Quanto maior for seu erro, maior será a obrigação por parte dela de não colaborar, de fazer tudo o que estiver a seu alcance para destruí-lo. Enquanto houver uma esperança de afastá-lo dessa mulher, de trazê-lo de volta para o lar, ela deverá estar presente, ativa, solícita, compreensiva sem excessos de indulgência, caridosa sem mostrar fraqueza, e até mesmo violenta e autoritária, se for necessário. Do posto, entretanto, não poderá desertar.

— Se eu desertei!...

— Não. Ouça! Que eu saiba, você não desertou. Ou então, estou falando em vão e todo meu esforço será inútil. Porque não me consta que tenha havido deserção de sua parte. Sua fraqueza pode ser imensa, a vontade pode estar reduzida a uma sombra do que foi. Mas, a consciência permanece...

— Minha consciência? — interrompeu Matias com surpresa.

— Sim, sua consciência de estar errado, de estar praticando o mal. Fraco, muito fraco, você não o consegue evitar, atirando-se, atolando-se nele. Você se sente incapaz de debelá-lo, não é? Por isso, no entanto, não deixa de o condenar... e isso é o essencial. Do contrário, você estaria

perdido. Só a intervenção divina poderia iluminar sua alma perversa, condenada.

— Enquanto agora?...

— Nada está irrevogavelmente comprometido. É só questão de saber esperar, de lutar, de pedir a Deus forças para a batalha a vir... e de evitar, como no caso que nos preocupa neste instante, que um passo precipitado destrua seu futuro e o de pessoas que lhe são caras — pessoas de cuja salvação você é até certo ponto responsável, como sua mulher, seus filhos.

Momentos mais tarde, Matias Vancouver se levantava do confessional. Ia mais consolado, quase esperançoso. Tinha entregue seu caso nas mãos do Padre Luís. Autorizara-o a procurar Linda e a falar-lhe em seu nome. Se julgasse necessário, podia lhe prometer, não o que sabia lhe ser impossível no momento, mas, pelo menos, uma atitude mais corajosa, mais discreta, e diretamente orientada no sentido de um próximo afastamento de Dolores. Não obstante o que sucedera, confiava no poder persuasivo daquele padre que era a única pessoa que conseguia mexer e remexer lá no fundo de sua alma incerta e contraditória. Aliás, se não conseguisse demover Linda, que mais podia esperar? Restar-lhe-ia aceitar plena, totalmente, o esquecimento ao lado de Dolores. Valia a pena, pois, deixar que o padre tentasse.

•

Horas depois, quando Maria Inês se ajoelhou diante dele e desfiou o rosário das suas misérias conjugais, não pôde deixar de chamar a atenção de Padre Luís a semelhança do seu caso com o de Matias Vancouver. Aliás, dias antes, ao visitá-la, já se impressionara com esse aspecto do problema. Naturalmente, havia inúmeras diferenças. Nem interessava analisá-las. Apenas, emocionava-o o fato de, em ambos os casos, um lar estar na iminência de se desfazer porque os esposos não tinham ou não queriam ter uma noção exata dos seus deveres recíprocos. Ali, era Matias, cuja fraqueza levava o orgulho de Linda a exigir uma medida imediata que desse uma satisfação completa a seu amor-próprio. Aqui, era Maria Inês que, não podendo suportar a vileza de Pedro, caminhava para uma solução drástica de um transe que só podia ser superado com muita paciência e resignação cristã. Numa casa como na outra — e não faziam senão refletir o que sucedia em tantos outros lares —, faltava a compreensão perfeita do sacramento, das responsabilidades que impunha a cada um dos esposos. Pareciam acreditar que a união indissolúvel fora instituída tendo em vista, apenas, os dias felizes, as boas horas passadas em comum. Como se não fosse

mais do que uma mera licença concedida a um homem e a uma mulher para coabitarem. Como se bastasse um ato de vontade de um dos cônjuges, de um marido, de uma esposa enfasiada do esposo, para pôr termo a uma união que era, por vontade divina, indissolúvel, eterna.

Maria Inês contara, debulhada em lágrimas, as tristes conclusões a que chegara desde a véspera. Dias antes, assim Padre Luís saíra de sua casa, procurara Pedro e tivera com ele uma longa e importantíssima conversa. De início, o marido negara. Com todo o cinismo de que era capaz, jurara que nunca lhe fora infiel. Depois, quando ela se referira ao Diário, citando trechos, lembrando nomes próprios, confessara dramaticamente a miséria da sua vida. Podia não estar registrado nas páginas do Diário, mas tudo fizera, em várias ocasiões, para pôr um fim àquelas sujeiras. Sua fraqueza era sempre mais forte que tudo. Só ela, Maria Inês, era capaz de inspirar-lhe a coragem necessária. Esquecesse tudo o que lera, tudo o que sabia. Perdoasse. Auxiliasse-o a começar uma vida nova. Não o abandonasse depois de tantos anos de vida em comum, trazendo a infelicidade para casa e o escândalo para o coração de seus pais, sobretudo de sua mãe a quem a ideia do divórcio, ou mesmo de uma separação de corpos, repugnava como o mais negro dos pecados.

Ingenuamente, acedera. Não que tivessem saído de sua memória certas expressões lidas no Diário, violentas negações da possibilidade daquela regeneração. Apenas — assegurava Maria Inês a Padre Luís —, tinha ainda nos ouvidos suas palavras enérgicas impondo-lhe a obrigação de estender lealmente a mão ao ser transviado por quem era responsável perante Deus.

Podia se negar? E, por outro lado, como amava Pedro, como continuava a querê-lo, apesar de tudo, podia deixar de tentar, mesmo considerando muito reduzidas as probabilidades de bom êxito? Não durara mais do que dois ou três dias essa esperança. Da regeneração, Pedro ficara apenas na promessa. Continuara com a mesma vida, ainda que tomando mil precauções para que ela não viesse a perceber nada. Desconfiada desde o início, cuidara no entanto descobrir razões sérias para duvidar da sinceridade do marido. Vigiará-o de mais perto. Não fora difícil descobrir uma falha na sua organização simuladora e, na véspera, quase sem esforço, pusera a nu toda a sua impudência.

A cena fora terrível. Na impossibilidade de negar, Pedro afetara uma indiferença que a ferira mais do que o resto. Fizera o que pudera. Em vão, porém. Tinha hábitos — maus hábitos, concordava, mas, enfim, hábitos de longos anos, tenazes, difíceis de vencer — e era indispensável que ela fosse um pouco mais compreensiva, mais humana. Tratava-se de

fraquezas que talvez passassem com o tempo. Daquela forma todavia, extirpadas a machadadas ou por decretos de leis divinas, era inútil tentar insistir.

Tinham surgido réplicas, a discussão fora longe. Ela se mostrara difícil, quase intratável. Ele procurara ferida nos seus pontos sensíveis: a ausência de filhos, o “excesso” de religião, seu “carolismo” como dizia com desprezo. O diálogo se tornara impossível. Violenta, impiedosa, recusara-se a qualquer entendimento na base da compreensão, da aceitação como “humano” do que rotulava gritantemente de “sem vergonha” ou “crapuloso”.

O rompimento não tardara. Exasperado pelo tom da discussão, Pedro acabara insultando-a e não houvera mais conversa possível. Tinha chegado mesmo às proximidades de agredi-la fisicamente. Afastara-se a tempo, deixando-a só com sua aflição e seus problemas de consciência.

Apesar de tudo, dormira em casa e parecia disposto a continuar ali, como se nada tivesse havido. Certamente sem falar com ela. Definitivamente brigados. A ela, pois, ficaria o problema de tomar uma resolução — se permanecer ou sair de casa e ir viver com o pai.

Era a alternativa que, provavelmente, Pedro se colocava. Não ela, que queria ir embora, reunir-se ao pai que tão sabiamente sempre desconfiara dos Carneiro. Por isso, ali estava: vinha pedir de novo permissão para abandonar o marido.

Padre Luís pensou alguns momentos, coçou a cabeça desajeitadamente e, por fim, murmurou:

— E de novo, vou recusar essa permissão.

— Era o que eu temia — gemeu Maria Inês por detrás de um sorriso triste, contrafeito.

A observação não desarmou o padre. Sem demora, replicou:

— Porque você sabia, minha filha, que, essa permissão, eu jamais poderia concedê-la.

— Padre...

— Não sei se outros sacerdotes o farão. Não sei como vão pesar esses motivos que você me apresentou. Sei que, para mim, por mais fortes, por mais significativos que sejam, não são suficientes.

— Então, não sei que motivos o poderão ser! — não pôde deixar de

exclamar Maria Inês, recuando de junto da grade do confessionário.

Padre Luís teve também um movimento de impaciência, rapidamente dominado. Refletiu alguns segundos e falou:

— Minha filha, eu já não lhe tracei o quadro dos seus deveres como esposa? Ou você já se esqueceu de que não é livre, não está no mundo para fazer uma escolha?... — ...escolha forçada, padre!

— Escolha? Essa, você já a fez. Há anos, bem o sei. Mas, fez... E essa escolha, não é preciso ninguém lembrar, é para a vida que se faz... quando se a quer fazer! Ninguém é obrigado. São Paulo, como você sabe, recomenda o estado de virgindade como preferível, como superior do ponto de vista da salvação da alma. Mas, minha filha, ouça bem isso: se dois se unem, é para que juntos se salvem! Não é apenas para gozar em comum as delícias da vida. Não é para receber comodamente um bilhete de ingresso para o banquete diário dos nossos sentidos insaciáveis. É, minha filha, é essencialmente, ontologicamente, para que juntos se salvem, juntos possuam a vida eterna. Completando-se um ao outro, salvando-se também um ao outro. A bênção dada ao ato que os une é como a volta ao instante decisivo do jardim do Paraíso, quando o pecado ainda não existia. Acontece que a salvação está diante do esposo e da esposa, acontece que eles têm de conquistá-la. Juntos, unidos, através de todas as vicissitudes da terra. Se hoje só há glórias, sobrevivem amanhã, inevitavelmente, as desgraças, o negrume dos dias de frio e desentendimento, a saciedade, a indiferença, as mil dispersões do mundo, a sucessão das traições e dos desenganos. Que importa? Tudo continua. Um dia sucede a outro dia, forçosa, implacavelmente. Tudo passa, para tudo há tempo, segundo a palavra das Escrituras. Então, para que se afligir a esse ponto, tão catastroficamente? Sim, para que desesperar — o que é que lhe está acontecendo?

— Eu não vejo solução... — terminou confessando Maria Inês, esmagada pelo tom penetrante e persuasivo do padre.

— Sua função, minha filha, não é ver soluções. Nem escolher ou decidir. É aceitar, continuar a dizer *sim* a essa cruz com que aprova a Deus sobrecarregá-la.

— Que cruz, padre!

— Pesada, tremenda de humilhações diárias, de suores noturnos? Quem não recebe uma, a sua?... Porque, minha filha, lembre-se bem disso que tantas vezes lhe venho repetindo: o preço da salvação da nossa alma, nós não o sabemos. Não podemos ter a menor ideia a esse respeito. Como avaliá-lo? Pela nossa virtude? A mais louca das tolices. Coisa ridícula até... Ou será que vou ter de recordar, aqui neste

confessionário, a história de Jó?... Nós não podemos saber o que o amor de Deus, com o fito de nos salvar, vai nos pedir em matéria de sofrimento, de privações. Jó era justo e foi posto à prova com o rigor que você conhece. E nós? E nós que não o somos como ele era, mas que também nos julgamos com o direito de reclamar, de gritar? Vamos fugir, vamos recuar por covardia, para não ferir um pouco mais nosso amor-próprio? Vamos dizer um não a Deus?... Desarvorada com o tom das palavras de Padre Luís, Maria Inês protestou com voz vencida:

— Padre, eu tentei. Fiz exatamente o que o senhor mandou!

— E logo ao primeiro aparente sinal de insucesso, que fez você?...

— Eu não suportei a falsidade, o engano vil... — retrucou Maria Inês com vivacidade.

Lembrando-se mais uma vez do reitor, de cujas advertências já se aproveitara ali tão repetidamente, Padre Luís prosseguiu como se Maria Inês não tivesse falado:

— Logo ao primeiro sinal de fracasso, sem esperar por mais nada, sem tentar um novo esforço, sem consultar ninguém, você se lançou no caminho do amor-próprio, da zanga, quase do ódio. Você julgou, condenou. Você esqueceu o espírito da caridade cristã e triunfou, e humilhou, e obrigou a fraqueza de seu marido a uma reação violenta, tão exagerada quanto o costumam ser essas reações, verdadeiras crises de humilhação, em criaturas fracas, covardes como ele parece ser. Agora, para coroar sua obra, você quer se afastar, abandonar seu lar, deixando seu marido justamente no momento em que ele mais necessita de você, do seu cuidado cristão, diligente, salvador. Então, para que foi você posta junto dele?... Ainda não foi nesse momento que Maria Inês concordou. Contudo, não demorou muito o instante em que de sua boca saíram as primeiras palavras de indagação sobre o que poderia fazer para tentar salvar Pedro, retendo-o junto a ela. De concessão em concessão, chegou até à promessa que, ao entrar na Capela naquele dia, jamais se imaginara capaz de fazer: não só não sairia de casa, como faria tudo o que estivesse ao seu alcance para restabelecer o entendimento com o marido. Esperaria, por exemplo, que os velhos Carneiro viessem procurá-la para tentar uma reconciliação (e isso seria inevitável), mostrar-se-ia sensata, dócil, disposta a perdoar. Até mesmo, a esquecer. Chegaria ao absurdo de assumir perante os sogros uma parte de culpa bem maior do que tinha, do que Padre Luís insistia em afirmar que lhe cabia.

•

As reaparições de Matias e Maria Inês provocaram em Padre Luís o

presentimento de que o clima catastrófico de dias antes iria se reformar sem demora. Assim, depois daquele pequeno descanso, seu confessional se transformaria novamente em um turbilhão de casos críticos, de dramas pungentes ante os quais ficaria parado, como que de pés e mãos atados, incapaz de solucionar até mesmo o menos complexo dentre eles. Dessa forma, não se pode dizer que tivesse sido grande sua surpresa quando, no dia seguinte, pela tarde, Ernesto lhe foi logo dizendo, mal se tinham apertado as mãos:

— Vim para dizer-lhe que não é mais necessário que o reitor me dê a carta de recomendação... A resposta de Padre Luís veio quase que instintivamente:

— Como não?! Pensei que você a tivesse vindo buscar... Mal vestido, ainda que limpo, Ernesto estava de pé, encostado à porta que Padre Luís fechara assim tinham penetrado na saleta contígua à da reitoria. Distante dele alguns passos, em vão lhe indicava uma cadeira para que se sentasse. Parecia receoso de que alguém os seguisse até ali. E, por isso, impedia com o corpo a possível abertura da porta. Depois de alguns segundos de hesitação, respondeu:

— Não vim buscar, não. Pensando melhor, refletindo naquela nossa conversa de outro dia... achei que não tinha o direito de...

— Mas será — interrompeu Padre Luís aflito —, será que aqueles nossos quatro dedos de prosa tiveram tanta significação assim? Receio muito que eu tenha...

— Não tenha escrúpulos — atalhou Ernesto por sua vez, sorrindo.

— Você não falou demais, não. Nem comprometeu a obra de misericórdia que queria fazer... por amor de Deus e, também, para aumentar um pouco junto de mim o crédito, um pouco abalado, dessa sua Igreja...

— Ernesto!

— Por que não dizer a verdade? Nada disso, porém, tem importância. Não discutamos inutilmente. Fiquemos no essencial, no que me trouxe aqui. Serei rápido, mesmo porque estou com grande pressa. Sinceramente, foi isso: agradecer a você de coração o trabalho e o interesse que tomou. A você e ao reitor, a quem peço que você transmita minhas desculpas pelo incômodo inútil.

Várias vezes Padre Luís tentara interromper Ernesto. O ex-seminarista falava com rapidez, movido por uma estranha força agressiva, misto de humildade e rancor — um desejo qualquer de vingança cuja razão de ser o padre não conseguia explicar. Estaria apenas se castigando? Estaria

provocando? Tentando humilhá-lo? Mas, por quê? Que lhe fizera para isso? Somente porque dissera a verdade alto, na sua frente? Somente porque rezara por ele? Enfim, na primeira pausa que Ernesto fez, o padre observou:

— Ernesto, vamos conversar com calma. Em primeiro lugar, sente-se ali.

— Não posso me demorar.

— Não importa. Sente-se. É questão de minutos.

Quando Ernesto aceitou ao convite, Padre Luís também se sentou e prosseguiu:

— Agora, vamos com calma. A carta está escrita. Ainda ontem o reitor me falou que era só apanhá-la. É um momento, volto já... Padre Luís não chegou a esboçar o gesto de se erguer para sair da saleta.

Assim ouviu suas últimas palavras, Ernesto respondeu:

— Não se trata disso. E sim de que não a quero mais.

— Ernesto...

— Não necessito mais dela.

— Não? Por quê? Não vejo razão, não compreendo... Ernesto sacudiu os ombros com certa irritação e declarou:

— Você não compreende? Você compreende, sim. O que acontece, é que você não está querendo compreender, aceitar minhas razões... E isto, imagino bem que não o queira.

— Eu não vejo quais possam ser essas razões.

— Não vê?

— Tolices, apenas.

— Tolices? Sim, percebo seu ponto de vista. Apenas, o meu é outro. Tenho, isto é: ainda tenho um resto de consciência. E não posso aceitar. É como se estivesse me vendendo...

— Ernesto!

— Sei bem que, dada a vida que estou levando, esses escrúpulos podem parecer um pouco ridículos, piegas...

— Não é isso, Ernesto. Você sabe bem que não é!

— Talvez eu já tenha descido muito, muito. Já tenha renunciado a diversas coisas que me eram caras. Por isso mesmo, faço questão de não ceder em um ou dois pontos... questões de brio, de amor-próprio.

— Mas não se trata de nada disso, homem! Onde é que você sonhou tudo isso? Brio! Que brio ficará tocado se você aceitar essa carta?

— É como se eu me vendesse! É como se eu me vendesse!... Ernesto gritara duas vezes a mesma frase, levantando-se repentinamente da cadeira. Se fora por falta de argumentos que recorrera àquele recurso ou se, não podendo mais se conter, explodira naquele gesto de protesto, Padre Luís não sabia. Antes que se decidisse por uma das duas alternativas, Ernesto prosseguiu, andando de um lado para outro na mais viva agitação:

— Aceitar como? Recorrer a vocês, padres, como? Então, não sou contra tudo isso? Não vivo falando mal de vocês, dizendo o que posso contra a vida que levam? Às vezes falo apenas a verdade, coisas que vi com meus olhos, que ninguém pode negar. Mas, às vezes, levado pelo ressentimento, pelo rancor que guardei de minha existência envenenada por causa de preconceitos e superstições estúpidas, até onde não vou?... Não digo que minta deliberadamente. Ainda não. Ainda não atingi esse extremo. Exagero, porém. Vou muito além do que devia. Só pelo prazer de lutar contra vocês, de denunciar abusos que acho que devo combater... Certo ou errado, não importa. Isso é comigo, não? Com minha consciência, não?

— Ninguém está pedindo contas a você, Ernesto.

— Justamente por isso! Generosos, não? Cristãos, não é? Mas, e eu? Posso aceitar? Se sou assim contra vocês, posso aceitar? Nesse caso, minha liberdade, meu direito de continuar denunciando a conspiração de vocês contra a felicidade dos homens, onde ficaria ele?... Padre Luís compreendeu: era inútil tentar raciocinar com um ser naquele estado de exaltação, com uma criatura que dizia coisas que realmente não pensava e se denegria só por orgulho: um verdadeiro exemplo de posse demoníaca. Viera até ele unicamente para poder gritar em sua face aqueles impropérios, desabafando-se, libertando-se de escrúpulos que o deviam oprimir terrivelmente na sua solidão de homem perseguido, obcecado, doente. Em outro dia, tentaria recomençar a discussão, esperando encontrá-lo mais calmo, mais acessível. Tanto mais quanto era evidente que, a uma pessoa naquele estado mental, só por loucura se podia dar uma carta de recomendação, mesmo para ensinar geografia ou aritmética.

Assim, preferiu, tão cedo lhe foi possível, desviar o rumo da conversa.

Acalmando-se. Ernesto se mostrou mais razoável e concordou em deixar para mais tarde a solução do problema da carta. Como reiterasse a afirmação de que não a necessitava mais, Padre Luís indagou:

— E sua partida?

— Desisti, também.

— Desistiu como?

— De vez. Vou me deixando ficar por aqui... enquanto aguentar. Viver, sempre se vive. Mesmo mal, como está me acontecendo. E, no fundo, dá na mesma coisa, aqui ou lá... onde quer que seja! Ernesto tinha se aproximado de Padre Luís, já com a mão estendida para se despedir. A um gesto do padre para que demorasse mais e se sentasse de novo, lembrou:

— Eu vim apenas por um minuto e fui me deixando ficar...

— Alguma aula?

— É. Ainda consigo me aguentar, creiam vocês ou não.

— Vocês? Por mim, não duvido. Mas...

— Mas o quê?

— A questão é saber como você se aguenta, se não lhe custa caro demais, se não valia mais a pena tentar outro caminho, fora, longe...

— Quem sabe? De qualquer modo, aqui, pelo menos, tenho, seguros, garantidos, um certo número de prazeres... Padre Luís protestou com um gesto vago. Ernesto fez como se não o visse. Apertou a mão do amigo que logo se levantou para acompanhá-lo até a porta. Continuou:

— Minha vida pode ser miserável, imoral. Contudo, estou conformado, prefiro-a a muitas outras... Padre Luís sentiu a indireta, deixando-a no entanto passar. Ao se separar de Ernesto, perguntou:

— Quando você volta?

— Um dia desses... — respondeu o outro num tom de quem não pretende dar o menor seguimento à sua promessa.

Da porta do Colégio, Padre Luís acompanhou o vulto de Ernesto se afastando em direção à rua. Ia de cabeça erguida, intencionalmente calmo e senhor de si. Seria integralmente sincero em sua nova atitude, tão diferente da anterior? Ou estaria apenas disfarçando um grande desespero, o completo malogro de suas forças de resistência? A vida, os dias que se iam desenrolar, provavelmente as três ou quatro semanas imediatas, deveriam responder claramente àquelas difíceis perguntas.

Contudo — pensava Padre Luís com o olhar fixo no chão —, alguma coisa existiria no mundo mais cruel do que ver um pobre ser amigo, como Ernesto, se afastar naquele estado de miséria e revolta, e não poder fazer nada por ele?... Só então, terminada a frase, o padre corrigiu: nada, a não ser rezar por ele. A cabeça estava baixa, os olhos fitavam o solo. Em reação, levantou o rosto e mergulhou o olhar no alto, no céu azul, glorioso. Era aquilo, sim! O céu esplendoroso, capaz de tudo. A oração poderosa, capaz de tudo. E ele, sim, absurdamente sem confiança, covarde, desanimado. A Capela ali estava, bem de frente, aberta, chamando. Por que não se lembrara disso antes? Por que ainda hesitava? Agora, seus passos ressoam no cimento da calçada que liga o corpo do Colégio à Capela. Vai rápido, ansioso. O sossego de uma oração cheia de fé há de aliviá-lo por algumas horas.



O resto daquele dia transcorreu calmo para Padre Luís. A noite foi bem mais tranquila do que a anterior. Todavia, a manhã seguinte, triste e chuvosa, veio com todos os sinais da inquietação e do desastre. Como um corolário, Matilde não tardou a surgir diante dele. Vinha num tal estado de excitação e desnorteamento que recebeu por alguns instantes vê-la presa de uma crise de nervos em pleno confessionário.

Aquietou-a como pôde e percebeu que aos poucos se fazia sentir o efeito calmante peculiar às confissões. Libertando-se gradativamente do grande peso com que viera, foi voltando ao estado normal. Dentro em pouco, já não havia mais o que temer, pelo menos imediatamente. Com o amargor das primeiras palavras, com as lágrimas que tinham corrido em abundância, ficara capaz de raciocinar um pouco e de ouvir com atenção o que tinha para lhe dizer.

Brigara com Oscar na véspera. Depois de vários dias de arrufos e amuos, de intermináveis discussões, o momento culminante chegara. Tivera de se recusar a certas exigências do namorado e o rompimento viera. Irritado, podia dizer mesmo que fora de si, Oscar acabara declarando que, para o futuro, ela não o interessava mais, a não ser como amante. Se não estava disposta àquele sacrifício, também ele não continuaria a se arriscar. Não lhe convinha se prejudicar para o magro lucro de um namoro às escondidas, improdutivo, quase ingênuo, e que, enfim, absolutamente não o satisfazia. Queria tudo ou nada. Gostava dela, continuava a desejá-la como antes, estava disposto a correr todos os perigos. Exigia para isso que ela fosse sua, inteiramente sua. Viveriam juntos, declaradamente ou longe das vistas de todos, como preferisse. Pensasse, resolvesse por si — devia saber o que queria.

Seus rogos tinham sido inúteis. Oscar não recuara da sua intransigência. Ora, como ela não podia nem queria ceder, partira zangado, jurando que não voltaria nunca mais, a não ser que ela o chamasse. Nesse caso, porém, seria para tê-la integralmente, sem aqueles escrúpulos de “beata” incapaz de passar por cima de preconceitos tolos, de tímida e hesitante menina de colégio religioso que não tinha coragem de realizar os desejos reais de seu coração.

As primeiras horas depois da briga haviam sido terríveis. Não o escondia. O sono fugira, chorara muito sem encontrar consolo em ideia alguma, nem mesmo na de Deus. É verdade que, com o prolongamento da vigília, descera sobre ela uma onda de compreensão e clarividência. Sofrera muito por ser obrigada a chegar àquela conclusão, mas não pudera se furtar a isso: estava pagando apenas pela sua leviandade, por ter desobedecido a todos em casa e, sobretudo, a ele, Padre Luís, seu confessor e verdadeiro amigo. Devia ter seguido seus conselhos, rompendo com Oscar logo no princípio, quando ainda era fácil. Devia ter sido mais dócil, principalmente por ocasião daquela última confissão em que tão insistentemente fora advertida do perigo que estava correndo.

A consequência não tardara. Oscar exigira concessões absurdas, impossíveis. Tivera de negar, provocando sem querer um rompimento que temia bastante e que, agora, lhe parecia não ter desagradado muito ao namorado. Pelo menos, não tanto quanto a ela. Oscar colocara uma alternativa absurda, sabendo perfeitamente que não podia optar senão por uma solução. Dir-se-ia que estava desejoso de ver o dilema resolvido daquele modo. Quem sabe mesmo, de há muito ansiava por se ver livre dela... Tinha sofrido muito com a hipótese. Contudo, ali estava, enfim de olhos abertos, tendo compreendido toda a extensão de seu erro, da absurda imprudência de sua conduta. Vinha para ouvir uma repreensão das mais severas. Sabia bem o perigo que correra, o quanto devia agradecer a Deus por ter tido forças para aquela resistência final. Por isso mesmo, queria uma penitência rigorosa, alguma coisa que a castigasse severamente, mantendo viva em seu espírito, por muito tempo, a memória daquela imperdoável leviandade.

Foi a exaltação com que pedia uma punição excepcional que mais fortaleceu em Padre Luís a certeza de que atravessava uma nova crise, talvez bem mais grave do que as anteriores. Nada estava resolvido. Apenas, diante dos fatos, do inesperado rompimento, reagira, e reagira exageradamente, indo mais longe do que podia. Assumira uma posição que não conseguiria sustentar. No calor do refluxo, julgara-se livre de Oscar, de sua sedução pessoal, quando o que realmente a movia era o desespero motivado pelo afastamento, pela briga. Tudo isso era visível,

translúcido. Possuía-a uma estranha e incontrollável febre, um entusiasmo de pântano borbulhante. Seria acaso um bom sintoma, poderia provir da reviravolta salutar a que aludira? Pelo contrário, só podia ser uma prova de que as coisas não iam bem. Anunciava novas fraquezas, talvez mais sérias, mais perigosas. Se, por exemplo, Oscar, vendo que seu porco estratagemas de conquistador barato não dera resultado, resolvesse voltar atrás (como era, aliás, quase certo que fizesse), procurando-a de novo, certamente reataria o namoro. Saberla não acreditar em promessas formais que Oscar acaso fizesse? E nesse caminho, de nova concessão em nova concessão, até onde não iria? Não padecia dúvida de que o movimento de Matilde, em si, era bom, ótimo até. Mesmo precário, como tudo indicava que fosse. Apenas, tomado do modo absoluto como Matilde o estava fazendo, era perigoso, ameaçando seu próprio futuro, proporcionando-lhe uma desilusão catastrófica. Naturalmente, não se cogitava de cortar-lhe as esperanças, unicamente de preveni-la, enquanto ainda era tempo, contra o excesso de confiança que a animava. Convinha abrir-lhe os olhos para o perigo que o mau namorado realmente ainda representava, pois era evidente que vivia em seu coração com a mesma força de antes, talvez mesmo mais vivo, mais desejado agora que tão bruscamente se afastara... Padre Luís falou durante muito tempo sobre esses pontos. Percebeu, entretanto, ao terminar, que de bem pouco tinham servido suas palavras de esclarecimento e aviso. Matilde se obstinava em proclamar que tudo estava terminado entre ela e Oscar. Não pretendia tornar a vê-lo. Não o receberia, se acaso a procurasse. Jamais tornaria a correr aqueles mesmos perigos.

A obstinação era tão visível e, por outro lado, tão intratável, que o padre nada pôde fazer de útil. Não só Matilde se recusava a discutir as possibilidades que ele formulava, como se entrincheirava por detrás de sua exaltação, de seu arrependimento gritante e perigoso. Insistir, não adiantava. Pelo contrário, equivalia a minar o terreno, comprometendo o esforço da moça, abatendo-lhe o ânimo.

Assim, Matilde se afastou do confessionário deixando Padre Luís em plena aflição. Além do mais, sentia-se devorado de dúvidas sobre sua atitude em relação àquele caso. Matilde prometera voltar a procurá-lo dias depois, mas isso não bastava. Agira bem? O que devia ter dito? Devia haver alguma coisa — uma expressão, um trecho dos Evangelhos, uma oração —, capaz de abrir os olhos da menina em sua nova cegueira. Voltava para casa convencida de que já vencera, de que agora era forte e podia resistir a qualquer ataque do inimigo. Na sua insensatez, aguardavam-na desilusões seriíssimas. Para salvá-la desse desastre, o que fazer? Deixar simplesmente que os dias corressem até que Oscar tornasse a procurá-la — uma loucura! Esperar — outra! De uma forma

ou de outra, o fato era que Matilde se fora, estava longe do alcance de suas palavras. Que destino iria ter? Por vezes imaginava Deus disposto a lhe poupar certos amargores, certas experiências cuja marca acompanha ao longo da existência como o mais indelével dos sinais. De outras, porém, cuidava que o braço da Providência já tivesse tomado a si guiar aquele pobre ser pelos caminhos da vida, atirando-o ao abismo para melhor poder salvá-lo, depois. E então tremia, possuído por inexplicáveis remorsos...

•

Nessa mesma manhã, por volta de onze horas, Padre Luís ia entrando na Capela, quando deparou com o vulto conhecido de Ana Bernardes Vilar que se encaminhava para a sacristia. Instintivamente correu os olhos pelos bancos da igreja. Evidentemente, nada justificava sua busca, aquele olhar quase de expectativa. A verdade, porém, é que num dos bancos, sentada, de cabeça baixa, lá estava Reni, magra e pálida como nunca. Clara a acompanhava, estando de joelhos, a rezar fervorosamente como se nada mais existisse no mundo a não ser sua oração. E Padre Luís não pôde deixar de pensar: “Quem veio foi Clara e não Vera...”.

Logo que Ana avistou Padre Luís, veio em sua direção, fazendo sinal a Reni para que se aproximasse. Depois de cumprimentar o padre, declarou:

— Era o senhor mesmo quem eu procurava.

Padre Luís respondeu que estava inteiramente às ordens e, como Reni tivesse chegado junto deles, Ana continuou:

— Felizmente, nossa doentinha melhorou muito e o médico autorizou nossa partida, amanhã, para Belo Horizonte. Lá, em pouco tempo, ela se restabelecerá, se Deus quiser.

— Certamente — afixou o padre, apertando a mão magra e fria que Reni lhe estendia, evidentemente contrafeita.

— Alguns meses bastarão — acrescentou Ana com uma convicção de que ninguém poderia duvidar.

Reni sorriu, descrente. Não conseguindo disfarçar sua dúvida, voltou a face aos dois interlocutores num misto de irritação e contrariedade, afastando-se ligeiramente. Padre Luís positivou:

— Sem dúvida, dona Ana. O clima é ótimo e, com o auxílio de Deus, não há doença sobre a terra que tenha importância.

Irritada com a infeliz intervenção do padre, Reni se reaproximou de súbito e com os olhos faiscando, desafiou:

— Não há? E o câncer?...

— Minha filha! — gemeu Ana horrorizada.

— Isso é coisa que se diga?!

— Tanto mais — observou Padre Luís sorrindo — quanto não se trata absolutamente de mal dessa natureza. Ao que eu saiba, pelo menos...

— Claro! — concordou logo Ana.

— Essa menina está apenas fraca, precisa de ares.

— Não foi isso o que o médico disse — corrigiu Reni com firmeza.

— E ninguém vai me enganar sobre o meu estado...

— Essas curas, hoje em dia, são relativamente banais — ponderou o padre, procurando ler nos olhos de Reni o grau de conhecimento que tinha de sua doença.

Não custou a obter a resposta desejada. Perdendo a calma, Reni se voltou para ele e com os olhos brilhantes de raiva, exclamou:

— No estado em que eu estou?! Com os dois pulmões atingidos?!...

— Quem foi que lhe disse isso? — protestou Ana aflita.

— Então eu sou idiota, então não tenho olhos, ouvidos?!... Nem Padre Luís nem Ana ousaram contestar. Era evidente que Reni sabia de tudo. O mal a atacara de surpresa, violento, impiedoso. Ferira os dois pulmões ao mesmo tempo, como que desejoso de ceifar de uma vez só todas as possíveis ilusões. Contemplando Reni nesse momento, Padre Luís identificou perfeitamente na sua face descarnada e sem brilho, privada de esperança, os sinais da proximidade do terrível desenlace.

Era inútil se enganar e era inútil tentar enganá-la. Estava tudo escrito ali, bem visível, e, provavelmente nem desse exame Reni necessitaria para ter certeza do seu próximo destino. Devia senti-lo intimamente agarrado a ela, arrastando-a, devorando-a. Inteligente, viva, há tantos anos obcecada pela precariedade do seu estado de saúde, não haveria de ser ela a se iludir naquele momento.

Sabia que estava condenada. Sabia que ia morrer dentro de alguns meses. Sabia de tudo... Mas então — se perguntava Padre Luís inquieto —, que viera fazer ali na igreja? Procurá-lo, procurar algum padre para se confessar, pedindo perdão a Deus de seus pecados, terminando com

um gesto de arrependimento total a miséria da sua existência anterior? Apesar da irritação com que Reni falara, apesar do que deixara entender pelas poucas palavras proferidas, Padre Luís esperava alguma coisa. Senão, a que teria vindo? Doente como estava, não devia ser apenas para acompanhar dona Ana ou para cumprir alguma promessa feita por alguém de casa. Muito menos, uma promessa dela própria, Reni... Era mais fácil imaginar um movimento de arrependimento, provocado pela proximidade do perigo. Teria sofrido muito, teria refletido, teria recebido a visita da Graça, teria enfim compreendido. E ali estaria para cair de joelhos diante de Deus, penitenciando-se de seus pecados.

O silêncio provocado pela aspereza das palavras de Reni prolongou-se por alguns segundos. Sem poder contestar as asserções da sobrinha, Ana terminou por dizer:

— De qualquer modo, minha filha, nós não viemos aqui para discutir. O nosso médico deve saber o que faz e ele quer que você passe uns tempos em Belo Horizonte. O resto, só Deus conhece...

— Só Deus — repetiu Padre Luís com emoção.

— Vamos portanto cuidar do que nos trouxe aqui. Padre Luís, essa menina ganhou há tempos uma medalhinha de Nossa Senhora das Graças, porém se descuidou e nunca a fez benzer. Agora, lembrou-se disso e faz questão que seja o senhor. Teimou em trazê-la pessoalmente. Eu me opus, achando que não era necessário. Clara, Vera ou mesmo eu, poderíamos nos incumbir disso, não? Pois bem, ela se obstinou, terminando por nos dizer que estava convencida de que a bênção não teria valor se não houvesse um pequeno sacrifício de sua parte.

— Cisma... — atalhou Reni com displicência e lançando um olhar de esguelha para Padre Luís que fitava obstinadamente o chão, sem compreender.

Não dando atenção à observação, Ana prosseguiu:

— Acabei cedendo, como o senhor vê. Com o consentimento do médico, está claro. Ela fez tanta questão! Dizia que era a única coisa capaz de salvá-la, a tolinha!... Ana passou a mão carinhosamente pelos cabelos de Reni. Padre Luís levantou o olhar ainda a tempo de ver o gesto rápido da menina desvencilhando-se da mão da tia, como se não pudesse suportar a carícia. O padre sorriu com indulgência, tentando mostrar compreensão para a rispidez do movimento e comentou:

— Então, vamos quanto antes benzer a medalhinha.

Reni abriu a bolsa e tirou uma correntinha de ouro com uma medalha,

ganha anos antes, numa rifa. Padre Luís se dirigiu para a sacristia e notou que Reni fazia discretamente um sinal à tia para que não os acompanhasse. Ana declarou:

— Eu vou fazer minhas orações e irei encontrá-los já.

— É questão de alguns instantes — observou Padre Luís sem saber bem por que falava assim.

Na sacristia, houve silêncio a princípio. O padre benzeu a medalhinha.

Reni falou, depois:

— Padre Luís, quero lhe dizer uma coisa para que o senhor não seja enganado. Do contrário, eu me sentiria como se o estivesse furtando... Não precisou continuar para que Padre Luís compreendesse. Suas esperanças tinham sido em vão.

Como permanecesse calado, esperando, Reni prosseguiu:

— Eu não quero morrer. É só isso. Isso e mais nada. Eu não acredito na religião, não pratico... mas se é que Deus existe, quero tê-lo a meu favor. E a Virgem também! Bendita seja, então, a medalhinha! Isso e só isso. No mais, não me arrependo do que fiz, de nada do que fiz!...

— Minha filha! — limitou-se a excluir Padre Luís, fundamente escandalizado.

— Nem um pouco! Seria mentira, se falasse de outro modo. Nem um pouco!

— Minha filha, por favor!...

— Não me arrependo não! E, se quero que esse Deus me conserve viva, me restitua a saúde, o senhor sabe para que é? Havia desafio, afronta na interrogação. Invencivelmente, o padre pensou em expressões feias, tremendas. Aquela criaturinha era bem capaz de proferi-las a qualquer momento. Pobre criança louca, pobre abandonada de Deus, pobre vítima do insidioso! Se ao menos uma surra a pudesse curar! Antes de Padre Luís criar ânimo para responder-lhe qualquer coisa, já recomeçara a falar:

— Não é preciso dizer! O senhor sabe, o senhor deve estar farto de saber. Sérgio deve lhe ter contado em detalhe tudo o que nós fazíamos juntos... tudo o que nós projetávamos fazer... tudo o que ainda faremos!

— Minha filha, pare! — ...Sim, se eu viver, se não ficar lá por Belo Horizonte, comida pelos bichinhos! Excitada, Reni falara rapidamente e seus olhos claros estavam cheios de lágrimas. Padre Luís tentou corrigir:

— Minha filha, ouça aqui...

— Para que disfarçar numa hora dessas, padre? Adianta? Diminui a vontade que tenho de continuar a viver para... recomeçar? Eu, padre, eu sou sincera! Sei o que quero. E digo! Não sou, como Sérgio, um covarde, um “carola”, um pulhazinho!...

— Minha filha! Minha filha!... — gemeu Padre Luís vencido pela força de renegação e desespero que animava a menina.

— Eu quero viver — continuou logo Reni, cada vez mais agitada e vigiando a entrada da sacristia, receosa de ver surgirem Ana e Clara —, quero viver muito e com saúde para poder gozar a vida.

— Gozar a vida, minha filha? Essa miséria...

— A meu modo! — esclareceu logo Reni sem deixar o padre ir adiante em sua objeção.

— Gozar a vida que recebi para dela tirar partido! Sabe como? Vivendo, sendo feliz, tendo bons momentos... — ...e destruindo tudo à sua volta? Isso é que você chama felicidade? Sérgio, suas primas, sua tia que sempre foi sua verdadeira mãe...

— Não discutamos! — interrompeu Reni com decisão.

— O senhor pensa de um modo, eu de outro. E, como não vim aqui lhe pedir conselhos...

— Minha filha!

— Desculpe. Não quis ofendê-lo. Saiu com o resto das palavras... Queria dizer que o que vim fazer aqui foi pedir apenas um favor seu.

— O de benzer a medalhinha?...

— Está feito. E eu lhe agradeço.

— Compreendo. No entanto, me diga, que valor pode ter para você, pensando como pensa?... Reni teve um movimento de impaciência que excedeu a expectativa do padre. Previa uma contestação violenta, palavrosa. Aquilo, porém, era excessivo. Dir-se-ia um estremecimento, um princípio de convulsão. Dir-se-ia alguma coisa de muito íntimo, de muito profundo nela, de telúrico em relação à sua natureza. Literalmente estarrecido, permaneceu esperando. Que se estaria passando? Realmente, que teria sucedido ali diante dele? Reni não demorou a voltar ao natural e logo balbuciou:

— Eu já disse. É mais cisma do que outra coisa. Talvez seja ridículo, tolo... covarde até. Como quiserem. Pouco me importa. De qualquer

modo, tudo o que for possível fazer para não morrer, eu farei, tentarei. Remédios e bentinhos...

— Reze, minha filha! — lembrou Padre Luís pensando muito mais na alma desnorteada que via se debatendo do que naquele corpo ao qual tudo ainda podia acontecer.

— Eu rezarei, rezarei sim! Por que não? Se Deus realmente existir...

— Minha filha!

— Eu não tenho certeza. O senhor tem?

— Menina! Por favor!... Assim, as tentativas de Padre Luís para deter aquele fluxo de blasfêmias e imprecações resultavam inúteis. Reni prosseguia, desarvorada, furiosamente insensata. Aquilo era um desespero como nunca o padre tinha visto. Nem em Ivo. Ou em Roberto. Ou em Ângela. Ou em Ernesto. Ou em Jorge Monteiro. Ou em Mauro Schmidt. Ou em Celso Amaral. Tamanho horror da morte e tão grande vontade de viver para pecar, para se entregar cegamente às forças do mal, que ser humano poderia abrigá-los? Aquilo era demoníaco, tinha de ser demoníaco. Não adiantava falar, esclarecer, pedir, censurar, gritar, bater. Momentaneamente, nada deteria aquela onda desencadeada, aquela fera solta que, na verdade, não era Reni nem ninguém que tivesse ou pudesse ter forma humana... E realmente foi preciso que Ana e Clara aparecessem para que Reni se calasse. Como que tocada pela repentina presença das duas, estacou, deixou os braços caírem ao longo do corpo e ficou fria, imóvel durante longos segundos. Ana e Clara se aproximaram despreocupadamente. Clara falou com Padre Luís. Então, animando-se de súbito, Reni lhes mostrou a medalhinha, já agora benta, e, beijando-a, sugeriu:

— Podemos ir, não?... Padre Luís deve ter mais que fazer do que perder tempo conosco.

— Em absoluto — protestou o padre ligeiramente desnorteado com o novo tom de Reni.

— E você não deve se cansar — concordou Ana, procurando se despedir.

Ao apertar a mão que Reni lhe estendeu quase de favor, leve, distante, quem sabe já a mão da morte que tanto a apavorava, Padre Luís falou:

— Lembre-se bem: reze. Reze e Deus não lhe recusará graça alguma. Mas, reze mesmo, peça a Deus... e não se limite a acreditar cega, supersticiosamente no bentinho suspenso no pescoço.

— Eu já lhe disse tudo o que vou fazer — respondeu Reni como se estivesse perfeitamente de acordo com o padre e tivesse combinado longamente toda uma série de práticas religiosas.

— Deus é grande, minha filha! E é Ele quem cura, só Ele! Ele “fere e cura” porque é grande o seu amor por nós... Padre Luís tinha o olhar fixo em Reni e, naturalmente, de todos ali, só ela compreendia o quanto havia de repreensão e aviso em suas palavras. Não se deu, porém, por vencida. Na porta da Capela, como se estivesse fazendo a afirmação mais inocente do mundo, acrescentou:

— Quando eu voltar, se voltar... procurarei o senhor para nós conversarmos.

E veremos, então, quem tem realmente razão... Ana olhou Padre Luís sem compreender, Clara sorriu, exatamente como se tivesse percebido tudo. O padre abaixou tristemente o olhar e o pensamento lhe veio com a força da mais inevitável das condenações: “Voltar, é provável que você não volte nunca. Mas, Deus se apiedará de sua alma e você compreenderá...”. Na mão de Reni, a medalhinha tremia, pobre, vazia de sentido. Vontade de apanhá-la, de recusá-la, não lhe faltou. A essa ideia, todavia, alguma coisa reagiu nele com violência. Percebeu que tinha enrubescido, olhou em torno e inexplicavelmente se sentiu como um culpado que fugisse de uma responsabilidade por demais pesada para a covardia dos seus ombros.

•

Teria compreendido? Teria tido a intuição de que dias depois, em plena véspera do reencontro entre Ivo e Lourdes, um trecho de livro de vida de santos (lido numa hora em que as exigências de sua saúde, novamente abalada, forçavam-no a um relativo descanso), iria projetar sobre aquela aparição de Reni na Capela — e indiretamente sobre a morte de Armando — uma luz inesperada, cheia de misteriosas promessas? Teria pressentido que naquela desinteressante e mal escrita biografia do Cura d’Ars, umas dez ou vinte linhas existiam, especiais, como que de antemão destinadas a fazer com que visse sob uma luz inteiramente nova o detalhe, em si insignificante, da medalhinha trazida por Reni? Não sei. Sei que a aflição que dele se apoderou naquele instante foi tal que me parece já o estar vendo, atentamente inclinado sobre o livro que conta a vida do santo francês. E uma frase, uma frase tremenda, importantíssima, salta então diante dos seus olhos: — “Há o ramo de rosas!”. E é como se mil ecos a repetissem nele: “Há o ramo de rosas! Há o ramo de rosas!...”.

Vejo com pouca nitidez as palavras do escritor. O essencial é pouca coisa, no entanto, e a minha palavra trôpega talvez encontre em minha emoção força suficiente para não deformá-lo.

— À porta da igreja local a multidão se comprime e o cura vem vindo. Entre os que o aguardam, aflitos, sangrando, ansiosos para receber de sua boca privilegiada a palavra da confiança e da salvação, há uma mulher de luto que não tem motivos para esperar de sua parte o consolo por que anseia. Seu marido atentou contra a existência dias antes e ela nada pode invocar para atenuar a certeza que tem do seu desespero final. O que cometeu foi o pecado irremissível e o próprio cura, por mais extraordinário que seja, não lhe poderá tirar esse peso do coração, quando se abrir com ele, contando-lhe seus temores. Mas, eis que diante dela o vulto negro se detém e as palavras estranhas já lhe estão nos lábios, misteriosas, imprevisíveis. Por que recluir? Por que não ficar tranquila, confiante em Deus? Sim, aquele que Deus lhe deu como esposo, matou-se, pôs fim desesperadamente à vida. Pode, porém, ficar sossegada: houve o ramo de rosas... O ramo de rosas... E, de súbito, aquela mulher aflita se lembra e compreende: dias antes, ao sair para a igreja, foi surpreendida por um pedido do marido, estranho, sem explicação plausível numa natureza pouco religiosa como a sua. Em suas mãos há um ramo de rosas. E ele lhe pede que o deposite na igreja, aos pés da imagem da Virgem. Nada mais. E, agora, ali está aquele padre que não presenciou a cena, que não pode ter tido conhecimento dela, dizendo-lhe que o ramo de rosas existe e que a esperança é mais forte que todas as realidades terrestres.

Vejo o olhar reconhecido da mulher, procurando o cura, que provavelmente já se afastou, atento ao cuidado de outro coração ferido. E vejo Padre Luís apaixonadamente inclinado sobre as linhas do escritor, o espírito já perdido em mil comparações. Sigo-o nesses instantes gravíssimos, sinto-o em mim, raciocinando: entre uma medalhinha e um ramo de rosas, a diferença pode não ser nenhuma — pode ser apenas a deformação de olhares humanos que se ofuscaram na contemplação excessiva das coisas do mundo... Mas, eis também que, de súbito, uma estranha lembrança lhe ocorre: a outra medalhinha... a medalhinha de Armando! Dominado pela emoção, sinto-o trêmulo, preso de verdadeira estupefação. Como foi que não se lembrou disto? Uma medalhinha devia ter lembrado a outra. A de Reni devia ter lhe trazido imediatamente à memória a de Armando — tão semelhante, tão igualmente evocativa do ramo de rosas... Como é que não pensou logo no simbolismo imanente a tudo aquilo? Armando morrendo, Armando pensando em mandar para Vanda a medalhinha que lhe deu... Nenhum gesto de arrependimento nisso, por certo, mas que era o ramo de rosas senão o direito à esperança, apesar de tudo e de todos? Se a penitente do

Cura d'Ars podia confiar, se no caso de Reni ele próprio se sentira com direito de não desesperar, considerando como um bom augúrio uma visita quase sacrílega, por que não olhar agora com novos olhos para o caso de Armando? Fora loucura sua não ter pensado nisso antes. Aquela medalhinha tão estranhamente trazida por Eulália, era um sinal. Devia ter compreendido. Devia ter tido confiança. Devia, não só ter procurado Vanda imediatamente, como ter ido logo falar com Leopoldo Graça... Aquele aviso não podia ter sido mandado à toa. Por detrás dele, devia haver alguma coisa, provavelmente a chave do enigma que tanto o atormentava. Leopoldo Graça podia, devia saber muita coisa. Sua atitude extrema, a quebra da promessa de chamá-lo para assistir aos momentos últimos de Armando, a perturbação que o acometera logo em seguida à morte do rapaz, tudo falava no sentido de um segredo intencional e cuidadosamente guardado. Ora, quem sabe, a solução desse mistério residia na simples existência, no conhecimento por parte dele e de Vanda daquela medalhinha de São Bento, daquele inesperado e inexplicável ramo de rosas... O próprio caso de Ernesto surgia agora aos seus olhos sob um novo aspecto. Se lhe pedira com tanta veemência que não rezasse por ele, aquilo não equivalia a uma espécie de ramo de rosas? Se tivera medo de sua oração, fora porque, nele, alguma coisa ainda havia que estava viva, que reagia, tendendo para Deus. Os protestos de Ernesto poderiam ser muitos e violentos. Poderia falar em “cisma”, no que quisesse. Outra não fora a explicação, a “defesa” de Reni... Contudo, o ramo de rosas subsistia e nenhum dos dois o podia destruir em si mesmo. Agora, restava adquirir a certeza de que também em Armando ele vivera e florira a tempo.

Pouco a pouco, um após outro, a confiança, o entusiasmo, a esperança, a exaltação penetram em Padre Luís, dominam-no por completo. Vejo-o de pé, com o olhar perdido na imensidade negra dos céus, transtornado, quase como um visionário. Agora, sabe bem o que deve fazer. Já durante a visita a Vanda pensara nisso, mas nesse momento ainda era como uma tentação a que, custasse o que custasse, devesse resistir: ir procurar Leopoldo Graça, falar-lhe da medalhinha, arrancar-lhe a verdade sobre os últimos instantes da vida de Armando. Depois da aparição de Reni na Capela, não tem mais direito de hesitar: a interpelação se impõe. Irá a Leopoldo Graça. Irá, enérgico, violento se for preciso, e exigirá com sua autoridade de sacerdote: “Diga, Doutor Leopoldo Graça, que sabe o senhor da medalhinha? Diga, que foi que Armando quis dizer mandando-a de volta para Vanda? Diga, quais foram as últimas palavras, os gestos finais de Armando?...”. Vencido pela evidência, Leopoldo Graça falará. Falará, contará tudo. E Padre Luís já vê o Senhor do mundo, violentamente expulso dele, humilhado, derrotado, rolando na lama em estranhas convulsões de possesso.

VI

aquela manhã de 9 de setembro, bem cedo ainda, Padre Luís dava seu passeio habitual pelo pátio do Colégio, pensando justamente no problema do ramo de rosas em relação aos casos de Armando e de Reni, e cuidando de achar um meio de procurar imediatamente Leopoldo Graça, quando avistou a alguns passos, vindo em sua direção, cambaleante, um vulto de rapaz que não lhe era de todo desconhecido. “A essa hora?”, pensou de pronto, raciocinando que o portão do Colégio ainda nem devia estar aberto. Logo em seguida identificou a pessoa que se aproximava com rapidez.

Tratava-se de Ivo Freitas...¹

Padre Luís não pôde disfarçar seu espanto. Pelos cabelos em desalinho, ausência de gravata, roupa rasgada e suja, olhar afogueado, percebeu que o antigo aluno estava bêbado e murmurou seu nome, marchando logo para socorrê-lo e impedir o tombo no pátio que já se desenhava iminente.

Não chegou a tempo, porém. Notando sua surpresa, Ivo cambaleou mais fortemente e, tropeçando numa das pernas, veio cair a seus pés, sujando-se ainda mais. No chão, compreendendo seu movimento de socorro, teve um gesto violento de recusa e revolta e, enquanto se reerguia, de sua boca as palavras saíram como pedras de fogo:

— Eu vim, padre, eu vim para dar uma bofetada em Jesus Cristo!... De início, logo de início, Padre Luís não compreendeu. Apesar de ter verificado que Ivo estava completamente embriagado, não entendia. Falara com raiva na expressão, falara com lucidez de espírito. Não murmurara ao acaso palavras sem nexos. Por mais cruel que fosse ter de ouvir, devia estar querendo dizer alguma coisa. “Frases de bêbado”, sem dúvida. Mas, não eram justamente as “frases de bêbado” as que, segundo uma observação de Branco de que jamais se esqueceria, mais revelações traziam sobre o verdadeiro pensamento das pessoas? Ivo não se limitou àquela blasfêmia. Apoiado no padre, falou durante muitos

minutos, atropelada, caoticamente. “Frases de bêbado” se seguiram a “frases de bêbado”. Algumas sem nenhum sentido. A verdade, porém, é que, ao fim de algum tempo, ficou reconstruída a triste aventura em que se vira envolvido e que o trouxera até ali, depois de horas e horas de luta, esfacelado, pobre destroço humano.

Ivo fala, conta, e Padre Luís reconstrói, revive, entende. Às vezes, Ivo insinua apenas e o padre percebe, adivinha. Continua a amar Lourdes, só pode ser feliz a seu lado, dividindo a existência com ela. Tudo mais é secundário, momentâneo, como sempre imaginou. Tanto quanto Lourdes, e apesar da vida miserável que leva junto de Maura, tem viva no coração a força do seu primeiro amor. Tudo mais é insignificante, episódico. Tudo mais é perda de tempo, é caminho à margem da estrada. E assim, na véspera, premido pela proximidade do casamento que deverá se realizar dois dias depois, Ivo chama Lourdes... Lourdes vem (Padre Luís, lembrando-se da confissão de dias antes, não tem maior surpresa com o fato). Lourdes não pode deixar de vir — assegura Ivo —, porque é dele que realmente gosta e, também ela, está apavorada pela iminência do casamento com João Graça. (Quanto, Padre Luís bem o imagina, sem poder dizer nada...). Lourdes vem pois ao encontro, depois de triunfar de mil resistências, e, entre eles, em alguns minutos tudo se restabelece como se o hiato não houvesse existido. Desgraçadamente, o desespero da situação criada impele a ambos, impedindo qualquer entendimento razoável. Nenhum dos dois quer recuar e Ivo acaba arrastando Lourdes, exacerbada de queixas e desconfianças, para a miséria de um quarto de aluguel. Estão ambos desnorteados

— Ivo dirige. Terá Lourdes antes de João, já que ela é sua de coração e vai ser do outro de fato, por teimosia e respeito a preconceitos sociais. Lourdes não resiste, segue Ivo e nos seus braços espera apenas o momento em que resolva torná-la sua.

Esse momento não vem. (Padre Luís não esconde sua surpresa, igual à de qualquer outro ser humano...). Por um desses estranhos mistérios de que não temos e não teremos nunca a chave, Ivo explode num gesto desesperado de repulsa pela Lourdes que se entrega ao seu desejo sem defesa. Insulta-a baixamente, não a quer mais nem para amante de uma tarde, de uma hora. Deixa-a em plena humilhação, chorando de tristeza e de vergonha, e foge. Sai correndo, já receoso talvez de voltar atrás e recomençar tudo. Então, é uma noite inteira de desatinos que transcorre. Está arrependido de ter poupado Lourdes — agora, tudo nele fala em posse, em desejo furioso, em eterno amor por Lourdes. Como é tarde para voltar e pedir perdão, lança-se como um perdido no caminho de desespero. Espanca Maura em pleno ato de posse, bebe, torna a beber, briga com conhecidos, desafia tranquilos transeuntes, bebe mais e mais,

trava-se de razões com um desconhecido, luta corporalmente, vai parar na delegacia, passa lá algumas horas, sai, continua a beber desbragadamente. E ali está, enfim, depois de ter pulado o pequeno muro do colégio, moído e esfalfado, rasgado e sujo, com um único desejo na cabeça: insultar o Cristo para se vingar, para se desforrar de não ter possuído Lourdes — aquela Lourdes que é sua e que ninguém tem direito de roubar, porque é a ele que ama, e é dele que é amada.

Ivo fala, fala e Padre Luís ouve, apenas. “Frases de bêbado”, evidentemente... Mas, frases de alguém que está ferido até o sangue, de uma alma à beira do grande desespero. As palavras nada significam, as intenções proclamadas nada representam. O que vale é aquela pobre criatura ulcerada que é preciso atingir naquele momento único, emocionando-a, tocando-a antes que seja tarde e ela se tenha fechado para a ação da Graça.

Padre Luís sabe bem: o desespero jamais levará Ivo ao suicídio. Fará com que cometa mil loucuras, comprometendo sua existência, vivendo inúmeras noites semelhantes àquela última. Não o conseguirá, no entanto, impelir ao pecado irremissível. Não é natureza para isso. Nele, o ramo de rosas está no próprio interior, protegido, irremovível, invencível. Nele, a marca cristã é muito forte, profunda demais para que aceite um gesto de total aniquilamento. Falta-lhe esse quase completo alheamento ao sentimento religioso que permitiu, por exemplo, a um Armando Paiva, o seu gesto de demissão definitiva. Em suas veias, corre um sangue cristão que pode fazer dele, como de Branco, um renegado, jamais um suicida.

De qualquer modo, é preciso correr em auxílio daquele pobre ser desarvorado. Urge impedir que se feche o caminho por onde a esperança deve vir a ele, um dia. É necessário falar-lhe do Crucificado com a mesma eloquência persuasiva com que teria sido preciso falar a Armando, meses antes... E é imprescindível, também, pedir a Deus que o inspire, a ele, padre, de modo que possa falar dignamente, sem decepcionar, sem escandalizar. Porque não convém que uma palavra ambígua ou imprudente, covarde ou insensata, atente irremediavelmente contra as rosas do ramo, fazendo-as fenecer aos poucos.

Ivo fala, continua a falar, mas já não faz mais do que repetir as mesmas frases de indignação e sarcasmo. Contudo, parece lúcido, capaz de entender o que lhe for dito. “É o momento”, pensa Padre Luís. Então, segurando-o pela mão, exatamente como se se tratasse de uma criança, leva-o resolutamente para a igreja.

Simão acabou de abrir as portas da Capela e o padre lhe faz

discretamente sinal para que se retire. Àquela hora, ninguém ainda. Um silêncio sem fim. Em todas as coisas, como que uma misteriosa participação no que está se realizando. Faz frio e parece a Padre Luís que existe névoa em torno. Todavia, é visivelmente impressão sua, pura impressão sem fundamento algum. Tudo calmo, numa serenidade impressionante.

•

Diante da imagem de Jesus crucificado, o padre se detém. E Ivo, que o seguiu maquinalmente, vendo tudo rodar à sua volta, também para, atônito. Que está fazendo ali? Que lhe vai dizer aquele padre? E como foi que veio ter à Capela do Colégio? Em certos momentos, não compreende nada. Nem mesmo percebe que alguém o está segurando para que não caia.

No entanto, passados alguns segundos, as palavras começam a chegar a seus ouvidos. Claras, precisas. Assalta-o a ideia de que talvez tragam consigo a solução de todos aqueles mistérios que o rodeiam, mas não se compraz nela. Fixa a atenção, escuta com cuidado. E ouve:

— Meu filho, ouça bem. E não se escandalize com o que vou dizer. A verdade é que você está com toda a razão, quando diz que, para o seu caso, não há remédio. Humanamente falando, está claro. Sim, porque, desse ponto de vista humano, você foi realmente abandonado. Apesar da grande parte de culpa que tem no que sucedeu ontem, seria insincero se lhe dissesse que penso de outro modo. Nem adiantaria tentar lhe enganar, num momento desses. Você até se riria de mim. Foi por isso, justamente, que fiz questão de trazer você aqui, diante da imagem do nosso Deus crucificado: — mais do que ninguém ele foi o Abandonado...

— Eu não tenho nada a ver com isso! — exclama Ivo, depois de ter se esforçado por seguir palavra por palavra o que Padre Luís disse.

— Não tem?! Tem sim, meu filho. Quer ver como tem? Ouça: humanamente, ninguém pode fazer mais nada por você. Pode? Você cortou as últimas pontes, com suas próprias mãos. Eu mentiria se dissesse...

— Ninguém está lhe pedindo nada! — torna a declarar Ivo sem permitir ao padre terminar a frase começada.

Padre Luís sorri da impertinência do antigo aluno, sempre tão querido — e mais querido agora do que antes — e aperta seu braço com força para chamá-lo mais a si. Logo prossegue:

— É que você não está só, Ivo...

— Não estou só?

— Não. Não está.

— O senhor?...

— Não. Eu, não. Ele... Ao mesmo tempo que fala, o padre aponta com o indicador direito para o alto, mostrando a grande imagem dolorosa. Ivo segue seu gesto, vê tudo trêmulo, compreende vagamente de que se trata e receia que o Cristo, dependurado, lhe faça algum sinal de repreensão. Por fim, blasfema:

— Com esse, também, não quero mais nada!

— Deve querer...

— Mais nada! — insiste Ivo delineando um movimento de ombros em sinal de desprezo que morre antes de se concretizar.

— Ele está do seu lado, contudo — prossegue logo Padre Luís.

— Ele, só Ele em todo o universo. Solidário com seu sofrimento, inseparável dele. Sofrendo com você... É um dos maiores mistérios, Ivo, um dos mais sublimes, ouça bem, da nossa religião: em toda parte onde houver alguém sofrendo desse modo desmedido, desatinado, como você está sofrendo, Ele também estará sofrendo. Não importa saber se foi em consequência de um grande pecado ou não. Qualquer que tenha sido o motivo, condenando nossa atitude ou não, Ele está solidário com o nosso sofrimento. Com o seu, neste momento, com o de todos os que sofrem. Porque Ele não pertence ao “outro lado” e sim ao seu lado. Ao lado dos que forem derrotados... dos que, com ou sem razão, levantaram o mundo contra eles. Ele é o único que não trai. Ele é o único que acompanha até o último grito de dor, até o âmago da mais torpe miséria praticada. Ele está sempre conosco, Ivo. Não como juiz, mas como amigo. Não como olhar inquisidor, mas como compreensão. Está em nós, está em nossa carne vil que se sujou, que traiu, que renegou. Está em nossa própria blasfêmia desses momentos de descontrole, está no próprio escarro que temos coragem de lançar à sua imagem...

— Eu o quero esbofetear! — grita Ivo de repente, desnorteado por não ter compreendido tudo o que o padre acabou de dizer. Depois, senta-se intempestivamente num dos bancos da Capela, o mais próximo que encontra.

Após tê-lo acompanhado e se sentado tranquilamente a seu lado, Padre Luís contesta:

— Você não o esbofetearia, Ivo. Você esbofetearia o seu próprio

sofrimento. Você esbofetearia a chaga que está doendo em você... Acontece, porém, que essa chaga está doendo nele também, Ivo. Seu corpo e o corpo dele, em momentos de sofrimento real como esse seu, confundem-se de tal modo que é possível dizer, sem heresia, que são um mesmo corpo...

— Eu não quero ter o corpo dele! — impreca Ivo, apontando a imagem, o corpo magro e ulcerado pendendo do Madeiro...

— Não está em você decidir. Ele é que quer. Ele é que assim o quer para sofrer com você... contra o resto do mundo.

— Eu o odeio! Odeio todos os que estão do lado dele! Ainda uma vez, Padre Luís sorri. Corre a mão suavemente pelo ombro de Ivo e, depois de alguns segundos de prudente hesitação, confessa:

— Os que estão do lado dele, meu filho, talvez não valham grande coisa. Mas, o que importa isso? Ninguém vale muito, Ivo. Somos pecadores, grandes pecadores, todos nós. Todos, todos. Ele, porém, não o é. E isso basta. Porque Ele está do seu lado. Sempre, sempre, está do lado dos que sofrem desesperadamente, dos que foram enganados, dos miseráveis, dos perseguidos, dos pobres, dos que por um motivo ou por outro se sentem perdidos, tendo o mundo contra si. Esse lado dos derrotados, é o dele.

— Mentira! Mentira! — torna a gritar Ivo.

— Não importam certas aparências: o lado dos poderosos não é o dele!...

— Não acredito! — insiste em afirmar Ivo, mas é evidente que, de súbito, por alguns instantes, alguma coisa freiou nele.

No banco da Capela, receoso de que alguém chegue e perturbe aquela conversa tão importante, Padre Luís se anima e procura falar depressa. Apontando mais uma vez a imagem da Vida, insiste:

— Meu filho, esse Deus que aí está sofreu tudo, todas as humilhações pelas quais um ser humano pode passar. Mais, infinitamente mais do que você em sua carne ou em seu espírito, nesses últimos anos ou nesse último dia. E sofreu, e morreu na Cruz, sabe você para quê, por quem?

— Eu não tenho nada com isso! — geme Ivo, deixando a impressão de nada ter ouvido do que o outro falou.

Sem vacilar, com o máximo de simplicidade, o padre responde logo:

— Foi por você... Claro que foi por todos nós. Mas, foi especialmente

por você — como por qualquer um de nós, em particular. Pense nisso, Ivo, no mundo de misericórdia e de amor que isso representa: esse Deus padeceu e morreu por você!

— Por mim, coitado!...

— Sim, esse Deus é seu escravo...

— Meu escravo? — repete Ivo. E logo se põe a rir.

— Não há motivo para riso — assegurou Padre Luís.

— Ele é realmente seu escravo. Seu escravo, ouviu?

— Meu escravo? Eu preferia que ele não fosse... mas que me desse Lourdes! Dessa vez, Ivo não se contém e, de sua face, rolam lágrimas. Depois, envergonhado com a confissão, inclina-se sobre o ombro do padre e procura esconder o rosto.

Não tarda que irrompa num pranto surdo, triste. Padre Luís pensa que nem mesmo nos tempos de colégio o conheceu tão criança, tão desamparado, tão puro mesmo. Como é que o mundo podia ser tão cruel, podia corromper tantos seres que, no fundo, ainda eram o mesmo menino bom e inocente de anos antes — o eterno e invencível anjo de pedra de suas meditações? Emocionado, tenta convencê-lo:

— Quem sabe, Ivo, ainda é possível?...

— Eu quebrei tudo — murmura Ivo.

— Quem sabe? — insiste Padre Luís.

— Eu xinguei Lourdes...

— Por que você não pede a Deus? A Deus, meu filho, tudo é possível.

— Agora, nunca mais!

— Ainda há tempo. O casamento ainda é amanhã...

— Nunca mais! — volta a assegurar Ivo com a voz molhada de lágrimas.

— Por que não tentar? Por que não pedir? — insiste o padre nervosamente, sentindo Ivo à beira da oração.

— Pedir? Eu?

— Por que não?

— Pedir?!

— Claro. É da nossa condição humana, pedir! Não é vergonha, não é fraqueza.

— Eu não mereço mais... eu perdi Lourdes!

— Ivo! Meu filho, por que, por que esse orgulho?!... Padre Luís se detém e espera. Ivo o ouviu bem, tem certeza. Contudo, a resposta aguardada não vem. O rapaz continua a chorar brandamente e o padre percebe que, pouco a pouco, o cansaço e o sono o invadem. Está longe, distante. Daí a pouco será tarde — estará dormindo. Pobre, pobre alma de criança perdida no mundo, ainda não será dessa vez que verá a luz. Por que novos sofrimentos, em que abismos de sordidez e de dor não terá de mergulhar até que chegue o dia de seu resgate? Como, e depois de compartilhar de que infernos, encontrará o caminho de volta para a pureza da infância, para a fé que não conhece barreiras e não se deixa ludibriar pelas aparências, pelos engodos do Inimigo? Quando terá forças, coragem suficiente para reconhecer que o sangue que lhe corre nas veias é sangue cristão e que, nele, qualquer outro sangue, que não o cristão, só poderá ser sangue corrompido, sangue envenenado — o próprio líquido branco e viscoso que mantém vivo o Príncipe da terra? Agora, Ivo está mais ou menos adormecido e Padre Luís o ampara, meditando. Minutos decorrem antes que comece a tomar providências para removê-lo dali para sua casa. Começam a entrar os primeiros padres e, pouco depois, duas velhas, devotas das primeiras horas da manhã, surgem molhando os dedos gastos em água benta e vindo fazer em cada altar as genuflexões costumeiras. É a vida da Capela que está começando. Contudo, Padre Luís não se move, pensando, abismando-se na tristeza daquele caso, de mais aquele caso que veio ter às suas mãos.

Está absorto, sofrendo por Ivo. Que destino, que miséria! Desde o tempo do fim do curso, vem vivendo aquela triste peregrinação pelo erro, pelo pecado, pela infelicidade — perfeitos sinônimos, tem certeza disso. Dos bordéis do Rio para os de São Paulo, das sórdidas ligações de lá para aquela humilhante escravidão de agora, em bem pouca coisa variara a vida de Ivo, daquele Ivo Freitas em quem depositara tanta, tanta confiança, nos tempos ginasiais! Se ao menos ele, Padre Luís, ainda pudesse intervir eficazmente junto a Lourdes!? Já o tentara, porém. O resultado ali estava. O casamento nem sequer fora adiado. Estava marcado para o dia seguinte — no dia seguinte seria. A menos que Lourdes, diante do que sucedera, resolvesse abrir os olhos e tomasse uma decisão honesta... Não acreditava, entretanto. Faltava-lhe coragem. Casar-se-ia para evitar o escândalo de uns esponsais desmanchados quase ao pé do altar. Casar-se-ia, como se nada fosse. E, ainda por cúmulo, deveria ser ele, Padre Luís, a celebrar! Aflito, o padre se revolta e medita, esquecido de tudo mais que se passa à sua volta. Como é

possível tanta incompreensão no mundo? Como é cabível que se dê um tão grande desentendimento entre as pessoas, quando basta ser sincero, leal, honesto? Quando basta agir com dignidade e decência?... E é refletindo sobre essas contingências que se perde nos primeiros acordes dessa vastíssima indagação que vai agravar tanto sua crise, levando-o às posições mais ingratas e mais desastrosas para o equilíbrio interior e para a tranquilidade de sua vida.

No momento, o que o desperta é um violento estremecimento de Ivo que, acordando de repente, o olha com raiva, como se agora não passasse de um estranho, e depois fixa a imagem diante dele, gritando num misto de exclamação e soluço:

— É a ele que eu quero esbofetear e não a Lourdes!... Como falou alto, olhares se prendem nele, curiosos. Sem a menor censura, o padre tenta acalmá-lo. Fala, procura impedir que torne a gritar, incansável de paciência e compreensão. Todavia, Ivo já está de novo adormecido, como se nada houvesse.

Realmente, só existe mesmo uma coisa a fazer: levá-lo para casa, entregar a uma cama aquele pobre corpo estafado e encharcado de álcool, imergi-lo longamente no repouso do sono.

Cuidadosamente, o padre faz com que Ivo se erga e tome a direção da porta da Capela, amparado em seus braços. Só então percebe: a alguns metros, Padre Martinho está parado, observando com espanto. Estremece.

Acaso o reitor saberá quem Ivo é, ouviu algumas das loucuras ditas pelo rapaz? Ou apenas pressentiu a importância daquela entrevista matinal? Não vai mais além em sua indagação, pois o reitor vem logo a ele para ajudá-lo a levar Ivo. E o olhar que trocam é de tal compreensão que Padre Luís, exatamente como sucedeu dias antes, no final da confissão de Matilde, sente-se subitamente corar, como se tivesse alguma parte de culpa naquela estranha e inexplicável ocorrência.

•

Até Lourdes surgir no confessionário à sua procura, Padre Luís não teve sossego, naquela manhã tão dramaticamente começada, verdadeira antevisão do que iriam ser os dias subsequentes. De volta de casa de Ivo, celebrou sua missa habitual e retirou-se para o quarto por alguns quartos de hora. Sentia que precisava repousar um momento, pois o cansaço físico, que diminuía na véspera, já o assediava de novo. Além disso, queria rezar um pouco para pedir a Deus, de um modo especial, que lhe desse calma para enfrentar as dificuldades que inevitavelmente

iriam se produzir à sua volta.

Chamado para atender a alguns penitentes que o esperavam há já algum tempo, cruzou no corredor do Colégio com o reitor. Apesar do movimento de simpatia de Padre Martinho, não se deteve. Diante de si mesmo, encontrou a justificativa de que o estavam esperando. Na verdade, essa pressa desarrazoada foi o primeiro de uma série de movimentos de fuga diante do reitor que encheram seu dia. Não o confessaria, por certo. No entanto, como não overque evitava qualquer conversa mais íntima? O próprio Padre Martinho o sentiu tão bem que, não obstante o cuidado em que estava, logo desistiu de provocar a confissão das novas dificuldades que pareciam persegui-lo. Esperaria até o dia seguinte, até que o momento propício se apresentasse.

Quanto o reitor se arrependeu dessa sua tolerância, é coisa que me parece mais ou menos inútil dizer. Afirmar também que, intervindo, teria conseguido evitar muito do que sucedeu, se me afigura ousado, se não leviano. Já nesse momento, os fatos se precipitavam com uma incrível rapidez. Levado por eles, Padre Luís caminhava vertiginosamente.

Às vezes, porém, fico cismando que se o reitor o tivesse seguido e visto, já na parte mais avançada da manhã, Lourdes se ajoelhar no confessionário e só se levantar mais de uma hora depois, com o rosto banhado em lágrimas, a expressão completamente transtornada, talvez tivesse tomado alguma providência enérgica. E quem sabe, então, os acontecimentos seguissem outro rumo... A verdade é que, da existência de Lourdes, da sua vinda ao confessionário e do que aí se passara, Padre Martinho só veio a saber no dia seguinte quando Leopoldo Graça veio procurá-lo com os olhos luzindo de indignação para lhe pedir providências urgentes em relação ao evidente estado de perturbação mental em que Padre Luís se achava.

•

Antes de Lourdes aparecer, Padre Luís atendeu a diversos penitentes. Entre eles, Cândido Andrade Souza e Irma ocuparam especialmente sua atenção. Cândido não trazia novidade alguma consigo. O mesmo catolicismo convencional de sempre, a caminho de todas as aceitações da existência elegante e vazia que parecia inclinado a viver. Naquela manhã, impressionara-o sobretudo porque reafirmara sobejamente em seu espírito os sintomas de aniquilamento daquele “espírito da terra” que o fizera acreditar por algum tempo na maioria dos alunos da turma do quinto ano ginásial, especialmente em Heitor Torres — cujo processo de vulgarização só fazia se acentuar desde que rompera com Sílvio Iberê. Em conjunto, não apresentavam mais grande interesse humano. Dentro

em pouco, estariam provavelmente confundidos com os demais componentes do rebanho comum.

Irma ainda não reatara com o amante. O ciúme fizera com que o denunciasse ao marido — o ciúme a vinha trazendo, aos poucos, de volta para a antiga escravidão. Alguns dias tinham passado desde o dia da crise, os remorsos que sentira começavam a declinar de um modo assustador. (Não amava o marido realmente — tinha pena dele, e nada mais...). Em sua resistência, dificilmente se poderia confiar. Por certo, na intimidade do coração já devia estar à procura de um pretexto para ter com o amante uma “explicação necessária”, prelúdio de outras, prelúdio de todas as fraquezas daquele gênero... Quanto a Lourdes, Padre Luís já a esperava. Aguardara mesmo seu aparecimento como poucas vezes o tinha feito em relação a qualquer dos seus penitentes. Se tivesse tido ocasião de raciocinar sobre o fato, diria que era como se realmente a salvação de sua alma dependesse daquilo. Depois que deixara Ivo em casa, compreendera que precisava falar com Lourdes com urgência. No entanto, não tinha como procurá-la. Ela é que devia vir a ele para se confessar. Queria comungar durante a missa que acompanharia o casamento. Ora, por ocasião da última confissão, inúmeros pontos de divergência tinham ficado pendentes, alguns importantíssimos. E Lourdes não viera positivar sua atitude. Portanto, devia fazê-lo no decorrer daquele dia, o último da sua vida de solteira. Confiava que viesse. Mas, e se não aparecesse? Se, por exemplo, tivesse resolvido procurar outro confessor, justamente para evitá-lo, para não ter de ouvir de sua boca um certo número de verdades capazes de alterar o rumo que tão levemente pretendia dar à sua vida?... A angústia se apoderou de Padre Luís, mas não o possuiu por muito tempo. Na sucessão de penitentes que desfilaram por seu confessionário naquela manhã, um vulto de moça surgiu, enfim, que logo o tranquilizou. Era Lourdes.

Viera assim que pudera, ansiosa também ela por encontrar Padre Luís e se abrir com ele. Ao sair de casa, não sabia com segurança o que iria contar. Nem muito menos se poderia receber dele alguma palavra de consolo ou de esclarecimento, algum conselho que realmente a auxiliasse. Ao certo, não atinava com o que queria, a não ser que não deixaria de se casar no dia seguinte. Já agora, reconhecia que se tratava de um sacrifício, que só a Ivo amava, mas não havia como fugir ao compromisso assumido. Era impossível desmanchar o casamento na véspera. Tanto mais quanto João, de todos os seres que conhecia, era o melhor e o mais digno. Idolatrava-a. E não era decente envolvê-lo num escândalo daqueles.

De início, confessando a leviandade do encontro com Ivo, pretendeu esconder de Padre Luís certos detalhes mais chocantes, como a ida ao

quarto de aluguel, o abandono completo em que ficara nos braços do rapaz, sua súbita reviravolta, os insultos, a fuga precipitada, enfim, as humilhações mais cruéis. Julgava-as, aliás, relativamente inúteis de serem relatadas, já que reconhecia sua culpa global, a fraqueza imperdoável do seu abandono.

No entanto, e ainda que sem dizer nada do que sabia, nem sequer se referindo ao aparecimento de Ivo horas antes no pátio do Colégio, o padre forçou Lourdes a contar tudo. Não se tratava de simples interesse de confessor, zeloso dos seus direitos. Parecia-lhe, porém, impossível dizer o que queria sem ter nas mãos, manejáveis, todos os elementos do problema. Não querendo, não devendo mesmo aludir à conversa com Ivo, temia ficar com os movimentos embaraçados. De mais a mais, como Ivo lhe falara em estado de embriaguez, não era excessivo que certos detalhes fossem comprovados.

De esclarecimento em esclarecimento, de miséria em miséria, não tardou que Lourdes desvendasse todos os segredos da sua aventura falhada do dia anterior. Assim, foi só depois de ter bem certeza do terreno em que estava pisando que Padre Luís tomou coragem para falar:

— Minha filha, tudo isso é tremendamente triste, errado em si, condenável ao mais alto grau. Você deve agradecer a Deus, e de joelhos, por ter recebido a graça de haver saído ilesa dessa loucura. Contudo, como em tudo o que sucede há sempre um lado bom a considerar, alguma coisa capaz de nos servir de lição, dê você também graças aos céus por tudo isso ter acontecido antes do seu casamento, enquanto ainda é tempo de evitar tão rematado ato de insensatez... Diante do movimento de surpresa, de quase escândalo que Lourdes deixou perceber, o padre positivou logo com uma energia que ele próprio, mais tarde, não soube bem onde pudera encontrar:

— Vamos olhar as coisas com coragem, face a face: esse seu casamento, já agora, não é mais realizável.

— Como não, padre? — exclamou Lourdes.

— Depois do que houve, minha filha?! — fulminou Padre Luís, colando o ouvido na grade do confessionário como se receasse não ouvir a resposta.

Lourdes recuou um pouco a cabeça, hesitou alguns segundos e depois balbuciou, envergonhada:

— Padre, não sei se o senhor me entendeu bem. Não houve nada de...

— Eu sei — atalhou Padre Luís com rapidez diante da falta de jeito de Lourdes para completar a frase.

— Eu sei perfeitamente o que houve, os limites dentro dos quais Deus quis que se circunscrevesse esse seu ato de leviandade. Mas, não é isso o que importa. Aliás, mesmo que houvesse um pecado mais grave, o casamento ainda seria possível se... se você, por você mesma, estivesse em condições de se casar com seu noivo. Acontece que você não o está... e isso não tem nada a ver com os limites dentro dos quais transcorreu a aventura de ontem.

— Devo compreender, padre, que o senhor acha que eu não devo me casar com João?

— Que outra coisa compreender das palavras que lhe disse?

— Devo então... me casar com Ivo? Padre Luís teve vontade de sorrir da espontaneidade com que Lourdes passara de uma solução para a outra. Limitou-se a responder com absoluta seriedade:

— Minha filha, você não é obrigada a se casar... nem com este nem com aquele. Mas, o que não deve, o que não pode, é gostando de um, casar-se com outro.

— Padre, eu também...

— Não, minha filha — interrompeu logo Padre Luís.

— Gostar é uma coisa, e sua confissão foi bem clara: é de Ivo que você realmente gosta. Bastou que ele a chamasse, ontem, e você logo correu, como a mais obediente das escravas. Se fosse João, você teria ido?... Como Lourdes não ousasse dizer nada, o padre prosseguiu sem demora:

— Se você fosse uma menina leviana, como infelizmente existem tantas, seu ato poderia ter outra explicação. Nesse caso, teríamos provavelmente de chegar à conclusão de que não havia nenhum impedimento para você se casar com João. Mesmo que tivesse sucedido... o pior. Era só você ter a lealdade de ir a ele e expor os fatos tal e qual se havia verificado. Estou certo que ele lhe perdoaria.

— João morreria, padre!...

— Deixemos esse aspecto da questão, minha filha. Estamos diante de problemas bem mais graves do que sofrimentos individuais, necessariamente efêmeros. Digo, portanto: é porque sei a que realidade corresponde, em seu coração, o movimento de ontem à tarde que afirmo que você não está em condições de se casar com seu atual noivo. Seria um desastre porque não é a ele que você ama realmente.

— Padre, o senhor acha que eu o iria enganar com Ivo?... Na pergunta de Lourdes havia mais indignação do que curiosidade. No entanto, foi com severidade que o padre respondeu:

— Minha filha, eu não iria prejudicar suas ações. Estou certo que você mereceria de Deus que Ele lhe desse forças para resistir a qualquer tentação nesse sentido. Contudo, seja de uma forma ou de outra, é lícito, é aceitável que você se exponha tanto, que você procure esse perigo? Imagine, apenas, a vida miserável que seria a sua: casada com um e gostando do outro, fiel a um e apavorada diante da possibilidade do outro lhe fazer um sinal... um chamado como o de ontem...

— Ivo não o fará mais! — gemeu Lourdes angustiada.

— Ivo não o fará? Quem lhe diz isso?

— Depois do que sucedeu ontem, nunca!

— Minha filha, não queira se iludir inutilmente.

— Nem eu responderia! — tornou a murmurar Lourdes.

— Depois do que ele me disse? Eu?

— Minha filha! Olhe aqui... Padre Luís se deteve durante alguns segundos. Hesitava. Diria? Não diria? A necessidade de salvar Lourdes do erro em que a via se abismando e, sem querer, arrastando consigo Ivo e João, fez com que se decidisse a falar:

— Ouça: eu, se lhe falo assim nesse tom, é porque tenho minhas razões. Vou lhe contar mesmo uma coisa sob segredo absoluto. Você promete guardá-lo? Na falta de uma palavra de consentimento, um gesto de cabeça de Lourdes deu ao padre a autorização de que necessitava:

— Então ouça e faça como se nem sequer suspeitasse do fato: há poucas horas Ivo esteve aqui, me procurando...

— Para se confessar? — indagou Lourdes com rapidez, num movimento misto de esperança e ceticismo.

Padre Luís foi lacônico na resposta:

— Não.

— Agora de manhã? — perguntou a moça, começando a compreender.

— Sim, logo cedo... ainda antes de terem aberto o portão.

— Como então? Pulou a grade?

— Foi.

— Mas, como?... Tinha bebido?

— Um pouco... Não é isso, porém, o que importa e sim... Lourdes não o deixou ir adiante. Preocupada com o estado de Ivo, imaginando a noite que passara, quis saber:

— Estava embriagado, padre? Estava bem... ou machucado?

— Não. Não receie. Eu mesmo o levei para casa e ele não tinha nada. A não ser que, tendo se excedido um pouco...

— Por minha causa? — não pôde deixar de querer saber a ansiedade de Lourdes.

— Claro, minha filha. Você bem pode imaginar o que se passou com ele. E não há necessidade de perdermos tempo com detalhes inúteis.

— Detalhes inúteis?

— Sim. Para o que nos interessa, são. Ouça: o que importa é que Ivo fez tudo isso por um motivo: ele continua a gostar de você, só de você, e não a esquecerá nunca.

Houve um momento de silêncio. Padre Luís receou ter ido longe demais. Lourdes estava de olhos baixos, lacrimejando. O silêncio se prolongou mais um pouco. O padre tossiu, cansado. Depois, forçando-se um pouco, continuou:

— Eis por que me achei na obrigação de lhe contar a vinda de Ivo. Ela me deixou completamente convencido de que Ivo não desistirá de procurar você em caso algum.

— Mesmo depois de casada com João?

— Infelizmente. Inevitavelmente. Ivo precisa de você, minha filha! Ele não pode viver sem seu auxílio, sem seu amor.

— Mas, eu casada...

— É triste dizer, mas Ivo está a tal ponto desnorteado pela vida que veio levando durante esses últimos anos que não será um obstáculo desses que o fará recuar! Eu o conheço bem, minha filha! Ivo é bom, é muito bom... contudo, precisa ser salvo... resgatado da vida desgraçada a que está se habituando. Ninguém necessita mais ser salvo do que ele. E ninguém o pode salvar, a não ser você.

— Eu, padre?... A pergunta de Lourdes era perfeitamente inútil. Gesto

de mera defesa.

Quase um pedido de socorro. Padre Luís protestou:

— Quem podia ser, senão você? Melhor que ninguém, você conhece os sentimentos de Ivo. E os seus, em relação a ele. Portanto, para que perdermos tempo com palavras inúteis? Fiquemos no que importa. Os sentimentos positivos de Ivo em relação a você e a falta de escrúpulos com que desgraçadamente ele encara certos problemas farão com que, segundo todas as probabilidades, ele não deixe de procurá-la, depois do seu casamento... Ouça: para Ivo, você pertence a ele e está, apenas, sendo roubada. Ouça mais: para ele, você é tão dele, pertence tanto a ele que, no íntimo, está certo de que basta um sinal para você acorrer. Sim, um único sinal e você estará de novo junto dele, no mesmo quarto de aluguel se ele quiser... e Ivo sabe que vai querer, que fará tudo para levar você de novo ao lugar de onde ele a deixou sair tão misteriosa e inexplicavelmente.

Do outro lado do confessionário, lágrimas corriam pela face de Lourdes.

Era evidente: tudo aquilo que estava ouvindo dos lábios do padre, também ela o achava. Palavras justas, palavras irretorquíveis. Pertencia a Ivo, sempre pertencera a Ivo. A quem amava, no fundo do coração? No segredo de certas noites, quem lhe aparecia em sonhos, terno, carinhoso como nos dias da meninice, nos saudosos, inesquecíveis dias de namoro no portão de casa? Quem a colhia então nos braços, beijando-a em sonho quase com o mesmo calor das carícias de João?... Agora que o padre lhe falava daquele modo tão direto, como não confessar que, apesar de tudo o que sucedera na véspera, continuava amando Ivo acima de tudo? Casar-se-ia com João, sim, que não havia outro remédio. Sabia, porém, que era quase inevitável que não tivesse forças para fazer frente a um assédio de Ivo. Honestamente, poderia jurar ali, diante do altar da Virgem, que acreditava em sua capacidade de resistência integral?... Exatamente como se estivesse lendo no seu pensamento, Padre Luís perguntou:

— Então, minha filha, que fará você? Terá forças suficientes para negar? E se um dia, num momento de fraqueza, tornar a cometer alguma leviandade semelhante à de ontem, que será de sua felicidade, de sua vida? Com a voz molhada, Lourdes murmurou:

— Padre, já não há mais outra alternativa...

— Como não há?!

— O casamento é amanhã...

— Disso, eu sei. Mas, que tem isso? Vamos incidir num erro desses só porque falta apenas um dia?

— Amanhã, a essa hora... — ...Só porque temos medo de escândalos sociais? Só porque somos fracos, covardes?

— Padre, por favor...

— Não, minha filha, chegou o momento de falar com energia, por mais que isso faça você sofrer.

— Padre, padre!

— Eu sei, seu constrangimento vai ser grande. Não importa. Eu estarei, Ivo estará a seu lado para ajudá-la a enfrentar todas as dificuldades, todos os comentários desagradáveis. Se for preciso, eu próprio irei falar com João...

— Por favor, padre! — exclamou Lourdes, interrompendo-o com violência.

— Se ainda fosse possível, eu faria. Mas, já não é.

— Minha filha, pense bem: basta essa sua confissão tão sincera de que se trata, apenas, de uma questão de tempo para me obrigar a insistir no propósito de demovê-la desse casamento insensato... até mesmo para proibi-la!

— Padre!... — tornou a atalhar Lourdes apavorada com o que via se desenhando ante ela.

— Por força! Ou você acha que posso pactuar com esse absurdo que vai ser cometido? Sou seu confessor, não? Sou responsável diante de Deus.

— Padre, eu sei, mas...

— De mim, você não obterá consentimento. Não! De mim, pelo contrário, só receberá proibição. Formal, categórica! Debulhada em lágrimas, Lourdes continuava a implorar a clemência do padre. Suas palavras eram, contudo, inúteis, pois, dentro do confessional, o vulto negro prosseguia, quase sem ouvir aqueles rogos aflitivos:

— É com a autoridade que Deus me concedeu que eu falo aqui: proíbo-lhe esse casamento, porque feito não na base do amor e da lealdade, mas na da covardia e do respeito aos preconceitos do mundo. A minha bênção de sacerdote, você não a terá.

— Padre! Padre!

— Meu perdão de confessor que ouve sua penitente, também o recuso...

— Mas, padre, por favor... não entendo!

— Sim, minha filha, ouça: que veio você fazer aqui? Buscar a absolvição de seus pecados para, completamente isenta de culpa, receber amanhã dois sacramentos: o da Eucaristia e o do Matrimônio — não foi?... Pois bem, essa absolvição, eu não a posso dar.

— Padre!

— Por mais que me custe recusá-la.

— Mas padre, que fiz eu? Se estou arrependida, se... Foi com certa rispidez que Padre Luís atalhou:

— Seu arrependimento em relação à leviandade praticada ontem pode ser satisfatório. Contudo, sua atitude geral não o é. Assim, como posso declará-la em condições de receber Nosso Senhor Jesus Cristo e, além disso, de contrair o Sacramento do Matrimônio? Sem saber o que alegar, Lourdes murmurou:

— Então, que vai ser de mim? Que vou fazer?... Contemplando a desorientação da moça, Padre Luís se penalizou e sugeriu:

— A alternativa é essa: ou você muda de ideia... ou procura receber o perdão de outro sacerdote.

— De outro sacerdote?

— Sim, quem sabe?... Minha consciência me proíbe. Todavia, outro padre pode pensar diferentemente.

— Outro? Mas... eu não conheço, ultimamente venho me confessando sempre com o senhor...

— Minha filha, há diversos... Exponha seu caso. Será até ótimo — você ouvirá novos argumentos, talvez mais fortes. Qualquer um poderá lhe responder, aconselhar.

— Qualquer um? Além do senhor, só me lembro de um que vai muito à casa de meu futuro sogro... Com ansiedade no tom, já prevendo o nome que iria vir aos lábios de Lourdes, o padre indagou:

— Quem é ele?

— Padre Ladário — respondeu Lourdes sem demora.

— O senhor o conhece?

— Conheço — limitou-se a responder Padre Luís com o coração apertado de angústia.

— Serve, não?...

— Claro que serve! — apressou-se em declarar o padre.

— Dentro de um confessionário, minha filha, todos os padres são iguais, absolutamente iguais por investidura divina.

— Eu sei. Entretanto...

— Procure Padre Ladário, se lhe convier. Procure qualquer outro, o primeiro que encontrar, velho ou moço, sábio ou ignorante. Se você expuser seu caso bem, honestamente, estou certo que todos lhe dirão o que acabei de lhe dizer: não case, espere pelo menos até ver o que seu coração realmente quer.

— Impossível!

— Minha filha, eu não posso obrigar você a não casar... Isso é com você, somente com sua consciência de cristã, de mulher... de amiga de João!

— Padre, por favor!

— Seja. Não insistirei mais. Repito apenas: impedi-la de casar, não posso. O que posso é não celebrar, me recusar a participar de um ato que me parece errado, criminoso, até mesmo sacrílego.

— Padre, eu contava tanto com o senhor!

— Meu ponto de vista, você o conhece. Lastimo muito...

— Eu sei, padre. Mas, como é que eu vou fazer? Agora, quem é que vai officiar?

— Isso não é o principal. O vigário me substituirá, ou algum outro sacerdote, eu alegando doença... O essencial é haver ou não haver o casamento.

— Tem de haver! — positivou Lourdes mais uma vez.

— Nesse caso, de nada adianta prosseguirmos. Tomarei logo as providências necessárias para a minha substituição... pois, não é necessário o escândalo. Deixemos às nossas consciências esse triste segredo... Aproveitando o tom de despedida do padre, Lourdes fizera menção de se levantar. Continuava com a face banhada em lágrimas, a expressão verdadeiramente desfigurada. Vendo-a começar a se erguer, Padre Luís ainda falou:

— De qualquer modo, minha filha, você ainda tem um dia inteiro para pensar. Reze, peça a Deus que a esclareça. A qualquer momento, ainda é tempo para o recuo desse caminho de erro e loucura. Volte aqui de tarde, se precisar, se surgir qualquer modificação em seu modo de pensar. Fico à sua disposição, pronto para auxiliá-la no que se fizer mister.

Lourdes não disse sim nem não. No entanto, pelo rápido olhar que então cruzaram através das grades, Padre Luís percebeu: pela sua cabeça nem passava a possibilidade de reconsiderar a atitude assumida. Talvez mesmo já estivesse certa de que Padre Ladário seria “generoso e compreensivo”. Parecia segura de receber a absolvição que acabava de lhe ser negada de um modo tão duro, tão “fanático”...

•

Quando a noite desse dia chegou — uma calma e maravilhosa noite de luar que não sugeria em absoluto crises e tumultos —, Padre Luís ainda não tinha tido tempo para mergulhar o pensamento no caso de Ivo e de Lourdes. Cuidara muitas vezes nele, porém rápida, episodicamente. Solicitado por mil ocupações, não parara um instante, apesar do grande cansaço em que estava.

A própria visita a Linda Vancouver, ficara grandemente prejudicada pela pressa com que a tivera de levar a efeito. E, se fracassara tão lamentavelmente, não fora, um pouco, pela rapidez com que tivera de expor certos aspectos do problema? Voltara com esse receio e se pusera a indagar o seu grau de culpabilidade, como se tivesse podido agir de outro modo.

Levara vários dias para conseguir aquela entrevista com a mulher de Matias. Enfim, conseguira. Havia pressa de falar, já tendo sido por demais longa a espera. As outras obrigações também eram inadiáveis. Assim, que fazer, senão tentar conciliar tudo? E partira para a casa dos Vancouver com o máximo de boa vontade e confiança, deixando a visita a Leopoldo Graça para mais tarde, pois sua atitude em relação a Lourdes tornara-a momentaneamente inoportuna.

O fracasso do entendimento fora completo. Encontrara em Linda uma mulher fria, fechada a qualquer compreensão dos seus pontos de vista. Explicara sem maiores delongas que se sentira enojada pela fraqueza do marido e que em poucos dias se desprendera dele de tal forma que já lhe era um verdadeiro estranho. Padre Luís viveria muitos anos e não a esqueceria, alta, muito loura, de olhos escandalosamente claros, embaciados, dizendo, tornando a dizer, repetindo incansavelmente: “O

senhor não quer que eu vá disputar Matias a uma mulher de cor, a uma mulata, a uma preta!...”. Equivalia a uma condenação irreversível — verdadeira sentença de morte em que o marido tivesse incorrido. Não adiantava insistir, porque para ela tudo terminara. E o que ainda havia a resolver eram apenas questões secundárias, meros detalhes condicionados pela mais banal das separações de corpos, a legalizar ou não conforme as possibilidades, os interesses recíprocos.

Se os argumentos sentimentais não tinham conseguido movê-la, muito menos os argumentos religiosos, em tempo apresentados pelo padre. Sem tomar nenhuma atitude hostil, Linda se cingira a exibir em toda a sua plenitude a indiferença religiosa em que vivia. Diante desse mar de desinteresse e alheamento, Padre Luís sentira seus pontos de vista definharem até um completo desaparecimento. Acabara calando, desistindo. Para que insistir? Para que lembrar a indissolubilidade do Matrimônio se era em Jesus Cristo que devia começar por falar? Para que tentar mostrar a necessidade em que Matias estava de seu auxílio, para que apoiar tanto em sua obrigação de estender-lhe a mão, se para aquela mulher egoísta e cega só existiam seus direitos de legítima esposa, seu amor-próprio ferido, as ofensas que lhe tinham sido feitas, a ela, aos filhos, à sociedade “que a estimava e respeitava”, à própria religião, de que, então, súbita e inexplicavelmente se erigia em campeã?... Tivera de deixar a casa dos Vancouver sem nada ter conseguido. Matias não existia mais para Linda. Podia continuar no hotel, podia ir para onde muito bem entendesse. Quanto mais longe dela e dos filhos, melhor.

Voltara assim para o Colégio com o peso de mais aquele insucesso. E o dia prosseguira cheio de trabalhos árduos, de tal modo absorventes que chegara até a noite sem ter tido tempo para refletir sobre o que sucedera pela manhã. Sentia-se cansadíssimo, quase tão doente quanto iria ter de simular no dia seguinte para se eximir da obrigação de celebrar o casamento de Lourdes...

•

Agora, a noite caminha. Angustiado, sofrendo, Padre Luís pensa na responsabilidade tremenda que Lourdes assumiu. Na que ele próprio tomou, recusando-lhe a absolvição, negando-se a casá-la no dia seguinte, não se detém nem um só segundo. No entanto, à sua volta, confuso e inevitável, já o temporal se avoluma, começa a se desencadear. Não o presente, não reflete que fatalmente sua atitude será conhecida, comentada, e que, portanto, o escândalo virá, cedo ou tarde, de uma forma ou de outra.

Suas preocupações são outras. Seu cuidado é muito menos pessoal.

Agora que já perdeu as esperanças de ver Lourdes surgir para lhe comunicar que desistiu do casamento, só pensa no que esse ato representa em si, no sintoma em que se transformou. Fundindo-se com a confissão de Irma, com a visita a Linda, com tudo mais que jaz depositado em seu espírito, assumiu um aspecto mais vasto, simbólico em relação ao estado catastrófico do mundo em que vivem.

Aliás, todas as suas meditações daqueles últimos dias, as mais prolongadas como as menos, as muito aflitivas como as outras, levam-no sempre àquelas mesmas desesperadoras conclusões. Acima de tudo, dois fenômenos básicos parecem dominar esse mar de inconsciências e pecado que vem constantemente morrer diante de seus ouvidos de confessor. Julga ter todos os dados na mão, distingue, classifica. De um lado, na mais extrema mocidade, a indiferença quase doentia com que meninos e meninas se despem da inocência que lhes foi dada como o mais precioso dos dons e que parecem considerar apenas como um fardo inútil, incômodo, destinado unicamente a retardar-lhes o livre e ilimitado fruir do que há de melhor na vida. Enquadrando esses incontidos, esses revoltados, Padre Luís pensa naturalmente em Ivo e em Lourdes, em Sérgio e em Reni, em Armando e em Vanda, em Elza, em Matilde, em Jorge Monteiro, em Antônio, em Oscarzinho, em Roberto, em Olívio Santos, em Cândido, em Heitor, em Celso Amaral, em Amauri Antunes, em outros, muitos outros que tinham se desviado ou estavam se desviando do bom caminho... De outro lado, talvez mais grave ainda como sintoma da desorientação da época, a extrema e criminosa leviandade com que o Sacramento do Matrimônio era encarado. Agora, Padre Luís pensa em Matias e em Linda, em Maria Inês e em Pedro, em Ângela e em Carlos, em Irma, na própria Lourdes que ainda não se casara, mas já estava em pleno erro, em outros casos, igualmente críticos, igualmente sintomáticos.

Uma miséria, uma tristeza atroz, unicamente explicável pela espécie de loucura coletiva que se apossou do mundo sem Deus em que evoluem. Homens e mulheres se juntam, recebem a bênção da Igreja. Para quê? Realmente se casaram, construíram um lar à sombra da mão protetora de Deus? O que se vê, é coisa diferente — reflete Padre Luís —, pois tudo sucede como se se tivessem reunido apenas por conveniência social ou por hábito, exatamente como se o casamento não fosse senão isso: uma união de corpos para o gozo, para um gozo irrestrito e sem maiores responsabilidades. Filhos, noção de pecado, indissolubilidade do vínculo, que sentido têm para esses católicos?

— O prazer diário supre a bênção anual dos filhos. A licenciosidade rege a relação entre os esposos. O enfado mútuo, ou de uma das partes, determina a conveniência do rompimento do vínculo. Católicos? Sim,

são católicos de nome. E isso lhes basta. O resto, chamam-no de preconceito, velharias, fanatismo de padres sectários, de monstros medievais naufragados num universo que a ciência de há muito limpou e libertou. Católicos, sim, e por que não? Que lhes custa esse rótulo, mais uma medalha nos peitos já cobertos de sinais dos falsos ídolos? Católicos, sim, para a continuação de uma tradição, para o prolongamento de tantas convenções úteis, rendosas — mas, e ao coração que tem de ignorar todas essas hipocrisias, todos esses simulacros, que não lhe sucede, como não se enregela e como não murcha, apherreado e contrafeito, humilhado e ingurgitado de lodo e de sangue? A instituição permanece de pé, prestigiada, venerada, resistindo até mesmo aos ataques declarados do extremismo revolucionário. Dentro dela, porém — continua a pensar o padre —, cada indivíduo se acha no direito de desrespeitá-la ao critério de suas conveniências pessoais. Cada um sob um pretexto, cada um com uma “tragédia” peculiar a desafiar o interesse sempre aguçado dos romancistas e dos dramaturgos, cada um invocando mais alto a complexidade invulgar de sua alma para derrogar a lei de instituição divina, cada um se envaidecendo mais do “drama” de que está sendo o protagonista, consciente e satisfeito. Mil sofismas curiosos para exprimir um fato único: em um mundo sem Deus, cada ser se transforma aos poucos numa verdadeira divindade. O reino do egoísmo fica instituído. O capricho se transforma em regra de cada coração, a maldade cresce livremente como a flor nativa de todas as regiões devastadas pelo Desamor. E o místico italiano pode voltar à terra e fazer de novo sua velha queixa, dizendo que chora “porque o Amor não é mais amado”... Quem o contradirá? — pergunta Padre Luís em plena aflição. Quem, contemplando aquele ou outros espetáculos semelhantes, quem em sinceridade poderá falar de modo diferente? As exceções, as numerosas exceções existentes — e ele as conhece tão bem quanto qualquer outro — não alteram os dados essenciais do problema: perdendo a presença de Deus, toda uma civilização perdeu seu eixo e, frente ao vazio do próprio egoísmo e da própria miséria, desnordeou por completo, descambando para o lado do abismo. Envolto em trevas, que poderá fazer senão o que faz? Exteriormente, mergulhará em guerras e revoluções, crudelíssimas e intermináveis. Interiormente, cada indivíduo se perderá no caminho fácil do ensimesmamento, da mentira, do egoísmo, da fraude e do pecado. E, enquanto essas criaturas insensatas estiverem lutando para se desgraçar e se estraçalhar umas às outras, dentro delas, em cada uma delas, o Senhor do mundo estará entronizado, reinando sobre o montão de escombros em que terá convertido o ingênuo, pobre, fraquíssimo coração humano.

Perdura, prolonga-se por horas e horas a angústia de Padre Luís.

Lourdes, Ivo, Matilde, Maria Inês, Matias, Ângela, Sérgio, Reni, Ernesto, Sílvio, Alfredo, o Professor Souza, muitos outros penitentes ainda, acorrem do fundo revolucionado da memória, arrastando consigo a dor particular a cada caso. E, para cada uma delas, nessa noite de tranquilo e insuspeito luar, o padre parece ter uma reserva especial de sensibilidade, talvez maior ainda do que de comum, como se enfim o momento houvesse chegado para o esforço máximo do grande tentador. Já agora sem rezar, de joelhos diante da imagem mural do Crucificado, espera em grande abandono. Sente-se desamparado para continuar na luta que empreendeu e, de repente, vinda quem sabe de alguma parte do espaço, muito longe, chega-lhe como uma rajada de vento frio e mau, a consciência de que está com medo, sozinho em um mundo do qual, temporariamente, o demônio tomou conta.

Então, o pavor o invade. Estremece, põe-se de pé, apoia-se pesadamente sobre uma cadeira, bate queixos de frio. Percebe que tem febre, que está realmente doente. À sua volta, tudo se tornou vago, incerto. O baque surdo de seu corpo no chão do quarto, ninguém o ouve. No Colégio São Luís de Gonzaga, àquela hora avançada da noite, todos dormem profundamente.

VII

a tarde do dia seguinte, na sala da reitoria, Padre Martinho não precisou que Leopoldo Graça e Padre Ladário comessem a falar para perceber que se tratava de alguma coisa de grave, de muito sério mesmo, e de relativo a Padre Luís. Seu súbito adoecimento, verificado justamente na manhã do dia em que devia celebrar o casamento do filho de Leopoldo Graça, deixara-o inquieto, no íntimo cheio de informulas suspeitas. Tanto mais quanto, na véspera, ainda na passagem da alvorada para a manhã, surpreendera o fim de uma conversa de Padre Luís com um rapaz que mal podia se sustentar de pé de tanta bebida. Ora, do nome e da história desse estranho madrugador fora logo informado por Padre Godo e por Padre Hauser que, acidentalmente, o tinham visto auxiliar Padre Luís a levá-lo para fora da Capela, em busca de um táxi. Tratava-se de Ivo Freitas, ex-aluno do Colégio e que fora noivo da menina que ia se casar, precisamente no dia seguinte, com outro rapaz, João Graça, antigo amigo de Ivo, filho de um clínico de grande nomeada, Leopoldo Graça.

Assim, quando naquele fim de tarde, viu surgir diante dele os vultos

graves e apressados de Padre Ladário e do Doutor Graça, o reitor logo compreendeu: era para se queixar de Padre Luís que o procuravam, do mesmo modo como já o tinham feito um ou dois meses antes, por ocasião do desagradável incidente da expulsão de Sílvio Iberê do Colégio. Voltavam agora à batalha e, pelo que suas expressões indicavam, com novos e bem mais fortes argumentos. Em que outro “crime” teria incorrido o “fanático”, aos olhos daqueles homens ilustres? Proferidas as primeiras frases, de simples cortesia, Leopoldo Graça foi direto ao assunto que o trazia até ali. Padre Ladário se encolheu, discreto, reticente, à espera do momento de fazer ele próprio uso da palavra. Todo o tempo, enquanto o Doutor Graça falava, vermelho de indignação, tirando e pondo nervosamente o *pince-nez*, havia no olhar de Padre Ladário um não sei o quê de ironia que não escapava à observação do reitor. Por vezes mesmo parecia-lhe ler no olhar dirigido pelo grande latinista ao seu velho amigo qualquer coisa como um secreto comentário: “Se você soubesse de tudo! Se você pudesse imaginar!...”. Contudo, somente quando Padre Ladário teve ocasião de falar é que o reitor pôde descobrir a razão de ser daquelas insinuações tão maliciosas.

Leopoldo Graça falou depressa e sem esconder sua contrariedade. Em poucas palavras, recapitulou: há tempos, procurara-o na sua qualidade de médico, tentando abrir seus olhos de padre e de reitor do Colégio para as atividades de Padre Luís, apaixonadas, excessivas, de verdadeiro “fanático”. Citara fatos concretos, pedira providências imediatas. Tudo em vão. Ao reitor parecera de bom alvitre dar mão forte ao incansável apóstolo... Nessa época, o que o trouxera ali tinham sido as desapiedadas e insensatas tentativas de conversão de Sílvio Iberê. Não precisava lembrá-las, agora.

Gostaria, porém, de saber se o reitor estava bem a par do desenvolvimento que o “caso” apresentara... Escutasse então: depois do verdadeiro ato dramático que culminara no simulacro de conversão que todos conheciam, o especialista de doenças nervosas, consultado pelos responsáveis por Sílvio, tinha aconselhado sua saída imediata do Rio, exigindo que o subtraíssem à influência nociva do padre. Recomendara que o levassem para um lugar calmo, saudável, como por exemplo uma fazenda dos tios que tinham recebido o encargo de educá-lo. Ora, uma vez na fazenda, longe de influências perniciosas e ao contato da natureza, Sílvio nem mais pensara em problemas religiosos, deixando-se viver normalmente.

Nesse momento, o reitor protestou com relativa energia e Leopoldo Graça logo retificou: não estava querendo falar contra a religião — ele próprio era católico, como o reitor e Padre Ladário bem sabiam.

Apenas, naquela situação, conhecia a natureza de Sílvio e, dado o “caso” em si, a crise religiosa, provocada, fomentada pela obsessão apostólica de Padre Luís, tinha de ser considerada perigosa, inaceitável. Mais tarde então, quando tudo serenasse, seria tempo de falar ao rapaz sobre deveres religiosos.

Todavia — observou sem demora Leopoldo Graça — não era aquele episódio, já quase encerrado, que o trazia até ali. Falara nele acidentalmente, apenas para lembrar quanto tivera razão em pedir providências — aliás inutilmente... Compreendia o ponto de vista que invocara então, embora não o pudesse esposar. Agora, muito menos, que o vinha procurar para denunciar um novo abuso, dessa vez não mais como médico que defende seus pacientes, mas como pai que protege a consciência e o bom nome de seu filho e da moça que, tendo se casado com ele horas antes, passou a ser também sua filha.

Diante das exclamações de surpresa e mesmo de incredulidade do reitor, Leopoldo Graça apressou um pouco o curso da sua narração, contando o pouco que sabia: inexplicavelmente, Padre Luís, confessor habitual da noiva de João e sacerdote por ela escolhido para celebrar a cerimônia nupcial, resolvera se manifestar contra o casamento na véspera mesmo do dia marcado, pretextando em seguida uma súbita doença para não ter de officiar. Alegava que motivos? Que seriíssimas razões?... Daria a vida para conhecê-las. Mas, padres lá falavam daquelas coisas?! E meninas de colégios religiosos, presas à influência de seus diretores de consciência como a pele ao corpo humano, lá contavam alguma coisa do que se dizia de um lado para outro das grades dos confessionários?!... Falando assim, o médico fixava Padre Ladário com insistência, quase com rancor. Este, no entanto, não o encarava, os olhos obstinadamente fixos no chão, como se lhe coubesse naquilo tudo uma razoável parcela de culpa. Não obstante, Leopoldo Graça continuava a invectivar os confessores. Sim, sabia bem que havia o segredo confessional. Mas, em casos como aquele? Quando tinha provas de que não havia nada, de que todo aquele escândalo fora à toa? Nesse momento, porém, o reitor interveio com energia:

— Perdão, mas como é que o senhor sabe?

— Como é que eu sei? — repetiu Leopoldo Graça sem coragem de ir adiante. Houve silêncio. Os olhos do grande clínico estavam fixos em Padre Ladário, numa muda imploração. Observando-os, o reitor percebeu enfim que só Padre Ladário podia prestar o esclarecimento pedido. Assim, não estranhou quando o viu tomar a palavra para dizer:

— Padre reitor, eu pude garantir... Depois de deixar o confessionário de Padre Luís, foi a mim que Lourdes procurou. Naturalmente, não traí

o segredo confessional, como não o podia trair. Apenas, assegurei ao meu velho amigo Doutor Leopoldo Graça que, a meu ver, nada havia que justificasse a atitude de Padre Luís, tanto assim que não hesitara em dar a Lourdes a plena absolvição dos seus pecados.

— Mas, Padre Luís recusou a absolvição?! — quis saber o reitor, como se aquele detalhe ainda não lhe tivesse sido revelado.

— Questões de consciência... — apressou-se em explicar Padre Ladário, procurando evitar um interrogatório mais detalhado, impossível de responder.

— De qualquer modo, é incrível! — comentou Leopoldo Graça.

— E ainda se furtou a celebrar o casamento!... Tudo isso às escondidas! Do senhor, de nós, de todos. Um verdadeiro escândalo.

O reitor não sabia o que dizer. A surpresa, o espanto, a indecisão tinham dominado sucessivamente seu pensamento. Que teria sucedido? Recusar a absolvição a uma moça que ia se casar, só podia ser por motivo muito sério. Ora, Padre Ladário, um sacerdote conceituado, decente, incapaz de uma levandade, dizia que não havia nada que obstasse a absolvição solicitada. Questões de consciência? Que espécie de questões podiam ser? Na apreciação de certas faltas morais, os casuístas sempre tinham variado muito. Nunca, porém, àquele ponto. E que falta não merecia perdão, havendo arrependimento?... Enquanto o reitor, sem ousar dizer nada, procurava refletir, Leopoldo Graça continuava increpando Padre Luís, suas atividades levianas, ditadas unicamente por motivos de antipatias e simpatias pessoais, velhas prevenções subitamente ressuscitadas. Também em silêncio como o reitor, Padre Ladário meditava: “Seguramente Padre Luís é um homem de épocas já ultrapassadas. Suas razões não são razões, são escrúpulos, são rigorismos absurdos. A levar as coisas até esses extremos, que será da sociedade? Lourdes cometeu uma grande imprudência indo se encontrar com o antigo namorado, mas, graças a Deus, nada tendo sucedido de maior e, ela se arrependendo, tudo está terminado. Para que ficar prevendo perigos futuros? Já não bastam os existentes? Lourdes prometeu ser fiel a João. Comprometeu-se a esquecer Ivo. Não é o bastante para que seja impossível lhe recusar a absolvição? Depois, se é livremente que ela quer se casar com João, ninguém tem o direito de se opor.

Foi nesse momento de sua divagação que uma resposta de Padre Martinho a uma invectiva de Leopoldo Graça atraiu particularmente sua atenção. Às observações cada vez mais agressivas do médico, o reitor lembrara que ainda não ouvira Padre Luís sobre o caso e que, portanto,

não se sentia em condições de levar adiante a conversa. Iria averiguar. Contudo, podia desde já assegurar que a intenção do padre devia ter sido a melhor possível. Estava talvez um pouco nervoso, agitado, quem sabe fatigado pelo excesso de penitentes que, como todos sabiam, desfilavam diariamente pelo seu confessionário. Em caso algum, porém, teria agido levianamente. Era rigoroso, sim — chamassem-no de “fanático” os que se sentissem com coragem de fazê-lo —, mas, acima de tudo, justo, incapaz de se deixar levar por prevenções pessoais, sobretudo em questões de tal gravidade. Prognosticava algum equívoco. Pressentia-o mesmo com tanta força que iria até o extremo de mandar chamar Padre Luís à presença dele, Doutor Graça, se não se encontrasse doente, de cama.

Tirando o *pince-nez*, Leopoldo Graça protestara logo com veemência:

— Doente! De cama! O senhor acredita nisso?

— Claro! Doutor Graça, eu não lhe diria...

— Sei bem que o senhor não está me mentindo — atalhou pressurosamente Leopoldo Graça.

— Estou certo, porém, de que foi ludibriado em sua boa-fé.

— Como assim?! — exclamou o reitor com altivez.

— O senhor sabe de alguma coisa? Viu Padre Luís? Ou Padre Ladário tem...

— Não, em absoluto... — certificou Padre Ladário, olhando raivosamente para Leopoldo Graça.

Houve um momento de constrangimento, até que o reitor propôs:

— Poderíamos nos certificar disso...

— Como? — indagaram ao mesmo tempo Padre Ladário e o Doutor Graça.

— Indo ao quarto de Padre Luís.

Os dois visitantes hesitaram, se entreolhando. Por fim, Padre Ladário, que já se julgava por demais envolvido naquela desagradável aventura, observou:

— Seria penoso para ele... para nós também!

— Então, recorramos a outro meio... Sem maiores explicações, o reitor chegou até a parede e tocou a campainha.

Segundos depois, Simão entrou com um ar inquieto e apressado.

— Simão — pediu o reitor com afabilidade —, faça-me o favor de ir até o quarto de Padre Luís e de ver como ele vai passando. Não diga que foi mandado por mim. Faça como se tivesse sido por lembrança sua.

Sem vacilação, o porteiro respondeu:

— Padre reitor, Padre Luís deve estar neste momento na Capela...

— Na Capela?! — não pôde deixar de exclamar o reitor, contrafeito.

— Ele acabou de ser chamado por um penitente.

— Mas, ele não estava na cama?

— Estava. O penitente insistiu, pediu que transmitisse um recado... e Padre Luís me mandou de volta, correndo, para dizer que esperasse, que o que ele tinha não o impedia de atendê-lo.

— Então, está bem — limitou-se a responder Padre Martinho.

— Pode ir, Simão. Obrigado.

Quando o porteiro se retirou, o reitor se voltou para seus dois interlocutores e, com a voz natural, observou:

— Isso nada prova...

— A não ser que a doença acabou de repente... — comentou Leopoldo Graça, levantando-se para a despedida e colocando novamente o *pince-nez*.

O reitor sorriu e se dirigindo a Padre Ladário, lembrou:

— Padre Ladário, que aqui está, pode bem lhe dizer se Padre Luís é ou não homem para se levantar da cama ardendo em febre, só para atender um penitente ou fazer uma obra de misericórdia...

— Sem dúvida — murmurou o interpelado sem maior entusiasmo.

— Mas, para celebrar um casamento, não... — ironizou Leopoldo Graça estendendo a mão ao reitor.

Padre Martinho tornou a sorrir e apertou a mão suarenta do grande clínico.

Da porta, Leopoldo Graça ainda falou:

— Bem, eu lhe avisei. Não é a primeira vez, aliás... E creio não ser

preciso dizer que foi a última.

— Eu procurarei providenciar — limitou-se a responder o reitor.

A ameaça era evidente. Nem por um momento Padre Martinho se enganou. Todavia, o Doutor Graça podia ficar descansado: agora, era no próprio interesse de Padre Luís que convinha intervir. Assim sendo, não ficaria de braços cruzados, à espera de que a crise em curso envolvesse o padre e o arrastasse para onde tão insidiosamente o queriam impelir as forças da dúvida e da desorientação.

•

Um quarto de hora depois, Padre Luís deixava a Capela e se dirigia a passos largos para seu quarto, muito preocupado e vagamente receoso de que alguém o visse à passagem. Que o reitor lá estivesse, sentado numa cadeira, o Breviário aberto entre as mãos, esperando calmamente por ele, nem mesmo imaginava.

Amanhecera adoentado. No entanto, se não houvesse o casamento de Lourdes naquele dia, não teria prestado maior atenção àquele cansaço, àquele torpor que sentia. Fizera valê-lo e, tomadas as providências necessárias em relação à celebração da cerimônia, permanecera o dia inteiro de cama, para coonestar a situação. Ficara rezando e meditando, contrafeito por ter sido obrigado a enganar o reitor e os demais padres do Colégio. Era, contudo, a única forma possível de evitar o escândalo.

Por penitência, tomara a si recusar qualquer alimento, sustentando-se com uma xícara de chá que o Irmão Gaspar lhe trouxera, na hora do almoço. E teria atravessado o dia de cama, não obstante a aflição que aquela prisão voluntária proporcionava à sua natureza irrequieta e ativa, se o recado do Professor Souza não lhe tivesse sido trazido pelo porteiro.

Não o encontrando no confessionário, Emanuel Souza o procurara na portaria do Colégio. Informado por Simão de que estava doente, não resistira a mandar-lhe um recado. É que precisava falar-lhe com a maior urgência, a propósito de um caso que devia ser resolvido naquele dia mesmo. Estaria o padre em condições de recebê-lo no quarto? Alguns minutos bastavam. Tratava-se de um conselho, de um nada, mas o problema só podia ser colocado de viva voz, diretamente. Desculpasse-o, mas sucedia uma ocorrência especial e ninguém, senão ele, podia ajudá-lo.

Mesmo doente, mesmo gravemente doente, Padre Luís não teria se recusado a atender ao professor naquele momento que pressentia

decisivo em sua vida. Em fazê-lo subir até seu quarto, nem queria pensar, dada a moléstia de coração que o afetava.

Assim, descera logo, não obstante a surpresa e os protestos de Simão. Precisava ir ver o que havia. Agir de outro modo seria faltar ao velho amigo no momento em que mais necessitava dele, em que parecia estar em plena angústia.

Não se enganava sobre a gravidade do caso. Nem Emanuel Souza teria insistido tanto em se comunicar com ele, desprezando as advertências do porteiro sobre a necessidade de repouso em que se encontrava, se não se tratasse de uma situação excepcional. No dia seguinte, já seria tarde demais.

Vendo-o vir ao seu encontro, o Professor Souza não pôde conter as lágrimas. Fizera bem em confiar nele. Só lhe faltaria, numa ocasião daquelas, se não lhe fosse mesmo possível atendê-lo a preço nenhum. Emocionado, apertou as mãos do padre sem dizer palavra, e ambos tomaram o caminho do confessionário, de olhar baixo e passos apressados.

O que Padre Luís tantas vezes temera e previra, eis que tinha sucedido. A forma era um pouco diferente da que conjecturara, mas, no fundo, tratava-se de um mesmo indisfarçável e vergonhoso escândalo: o Professor Souza estava às voltas com a polícia. E só um milagre o podia salvar da humilhação pública.

Durante alguns minutos Padre Luís ficou sem atinar bem com o que acontecera, de tal modo o professor se atrapalhava no que dizia, confundindo palavras, gaguejando, voltando atrás ou avançando demasiadamente na narração. Dir-se-ia um ébrio falando e o padre invencivelmente se lembrou de Ivo, na véspera. (“Frases de bêbado”...). A voz chorosa e fraca também contribuía para dificultar a compreensão. Assim, foi só depois de algum tempo que começou a ver claro na situação.

Em poucas palavras: após ter dado mostras de uma sincera melhoria em seu comportamento, aceitando, pelo menos em aparência, todos os bons conselhos que lhe dera, Leonardo desandara subitamente e pusera tudo a perder. Aparecera-lhe, na véspera, em plena aflição, pedindo-lhe por tudo quanto havia de mais sagrado no mundo que o auxiliasse no transe que atravessava. Ouvira-o e, mesmo assim, relutara durante algum tempo em aceder. Leonardo recorrera, porém, a todos os recursos que sabia irresistíveis à pusilanimidade de sua natureza. Acabara dobrando-o à sua vontade. Usando de esperteza, dissimulara certos

detalhes de que só mais tarde, na polícia, tivera pleno conhecimento, arrastando-o desse modo consigo no abismo em que já estava irremediavelmente projetado.

De início, Leonardo procurara se eximir de uma responsabilidade maior, fazendo-se ele próprio uma quase vítima de terceiros, mas, pelo que ouvira do delegado, o Professor Souza concluía pela absoluta culpabilidade do “lobinho”. Ele e a roda de vagabundos com a qual, à sua revelia, continuava a andar, tinham planejado um “golpe” contra a caixa de uma tabacaria. O plano talvez não tivesse sido mal arquitetado. Todavia, uma distração infeliz de um dos golpistas, pusera a polícia na pista do grupo todo.

O álibi tinha sido logo preparado e podia salvar a todos. Bastava que o Professor Souza testemunhasse que, justamente à hora em que o roubo se consumara, Leonardo e os dois outros principais indigitados se achavam em seu quarto, numa aula particular que tinham tomado tendo em vista a proximidade do concurso de admissão para o Banco do Brasil. Tudo estava estudado e o Professor Souza não corria o menor perigo. Leonardo jurara: não tivera a menor parte no roubo. Fora apenas envolvido de tal maneira pelos maus amigos que sua sorte dependia, agora, da dos outros.

Podia recusar? Podia abandonar Leonardo — ainda perguntava o Professor Souza, ferido, lacrimejante —, quando o queria cada dia com mais intensidade e justamente agora que dava sinais de estar a caminho de uma brilhante regeneração? Podia deixar que o prendessem quando, mesmo que tivesse alguma culpa, não equivalia à dos outros, miseráveis escroques que tinham se aproveitado de sua boa-fé e da leviandade de sua conduta?... Quando soubera de tudo e se patenteara a seus olhos que Leonardo tinha a mesma responsabilidade, senão maior, que a dos outros, já era tarde para recuar. Ou, pelo menos, faltara-lhe coragem. Estava comprometido pela sua própria palavra. Testemunhara. E testemunhara em falso. Seu título de professor valera de muito e suas declarações tinham sido consideradas ouro de lei. Saíra convencido de que inocentara Leonardo.

Fora quando, inesperadamente, ruíra a construção inteira. Um dos implicados, menos esperto que os outros, em determinado momento se contradissera tão gritantemente que a desconfiança medrara de novo. Premido, o infeliz confessara tudo, até mesmo as relações que prendiam o Professor Souza ao “lobinho” — motivo evidente do falso testemunho prestado. E assim, em menos de um quarto de hora, transformara-se, de garantia oferecida pelos suspeitos, em simples cúmplice... De tudo isso soubera por Leonardo que, por sua vez, obtivera a informação graças a

um investigador, conhecido seu e parceiro de inúmeras pequenas malandragens. O “lobinho” estava fugido, de partida marcada para um asilo seguro, onde esperaria alguns dias até poder mais facilmente desaparecer do Rio. Desamparado, sem dinheiro, queria que ele, Emanuel Souza, o acompanhasse, escapando aos rigores da justiça que, naturalmente, se abateria sobre sua pessoa, conhecida, fácil de ser alcançada.

Desorientado, saíra logo da pensão para evitar que a polícia o localizasse antes de ter concertado uma possível defesa. Marcara um encontro com Leonardo, à noite, para fugirem juntos. Não sabia, porém, o que fazer. Iria? Entregar-se-ia simplesmente à polícia, confessando tudo? Sentia-se incapaz de tomar qualquer decisão. A única coisa que lhe ocorrera fora procurar Padre Luís para pedir-lhe um conselho salvador.

Realmente, apresentava um aspecto de total naufrágio. Dir-se-ia um destroço à espera, apenas, de que determinada vaga viesse, levando-o de arrastão. Desarvorado, completamente impossibilitado de raciocinar, de arquitetar o menor plano de defesa. Quando o padre lhe perguntava se, independentemente de qualquer outra consideração, julgava provável escapar da perseguição da polícia, ou quando indagava com que dinheiro pretendia viver de então em diante, nada respondia. Limitava-se a balbuciar chorosamente o nome de Leonardo, como se disso pudesse lhe advir algum socorro. Parecia uma criança. Ou, quem sabe, talvez Leonardo, no desejo de arrastá-lo consigo para a loucura da nova e forçada aventura, tivesse lhe assegurado que faria face a todas as dificuldades com os recursos de sua lábia, de sua tão decantada experiência... Essa hipótese, Padre Luís não a pôde discutir, de tal modo o Professor Souza se mostrava reticente sempre que o ponto era abordado. Tanto assim que, por fim, deixando qualquer nova elucidação de parte, resolveu passar diretamente para a afirmação de seu ponto de vista sobre a única atitude que podia assumir.

Fugir à justiça era loucura. E não estava certo. Se sua culpa não era muito grande, não podia no entanto ser sonegada. Pelo contrário, devia procurar a polícia e confessar o erro. Acompanhado por um bom advogado, a quem teria explicado preliminarmente o que sucedera, não tinha o que temer.

Foi quando, não se podendo conter, o Professor Souza o interrompeu:

— Mas padre, e a vergonha, o escândalo público... os jornais falando, o interrogatório, todo o mundo sabendo!... Aquilo viera do fundo do coração do pobre homem. E mais como um gemido de dor do que como

uma observação prática. Padre Luís estremeceu, hesitou alguns segundos e respondeu:

— Meu filho, agora, tudo isso é inevitável... faça você o que fizer! Fugindo, me parece que ainda será pior. Aumentaria o escândalo. Amanhã mesmo seu nome estará nos jornais, chamando a atenção de todos. E, quando você for preso — questão de tempo apenas, a meu ver —, então virá o resto, agravado, mais humilhante até. Sua posição será difícil, insustentável. Enquanto agora, com um bom advogado... nós, por outro lado, fazendo o que estiver ao nosso alcance como amigos...

— Obrigado, padre, mas...

— Meu filho, não lhe resta outra solução.

— Solução? Isso é solução, padre?

— É preciso se conformar... Do fundo do seu desalento, o Professor Souza gemeu:

— Conformar! Melhor seria morrer! Eu não suporto, não resisto à humilhação!

— Era antes, meu filho, era antes que você devia ter pensado nisso.

— Minha fraqueza, padre...

— Claro, sua fraqueza... e eu a conheço bem, pode ficar certo. Naturalmente, estou com você, a seu lado, para auxiliá-lo. Todavia, quero que você compreenda.

— Compreenda o quê, padre? Diante daquela pergunta angustiada, Padre Luís relutou. As palavras lhe faltaram. Depois, difíceis a princípio, mais fáceis aos poucos, foram vindo. E pôde explicar:

— Meu filho, ouça bem: um grande poeta formulou uma admirável e imperecível verdade quando disse (a forma poética me falha agora, mas o pensamento essencial, traduzido, seguramente é este): “Carrega a tua cruz, antes que a tua cruz te carregue”. Ainda outro dia, o nosso reitor me lembrava isso: todos nós temos uma cruz a carregar... e a ela não adianta procurar fugir, porque nos acompanha por todos os caminhos, viva, presente, aderida a nosso eu como a sombra ao próprio corpo. “Tudo nos lembra a Cruz”; — a expressão é do Cura d’Ars, portanto de um dos maiores santos que já houve — “nós mesmos somos feitos à imagem da Cruz”. Se a rejeitamos, como você pretendeu fazer, como tantos e tantos pretendem fazer na loucura que os impele, aí é que mais fortemente ela se volta contra nós. Passa a nos carregar. Ora, por nada no mundo devemos permitir que isso se dê. Porque, você sabe o que isso representa?

— Renegação? — murmurou a trêmula voz do penitente.

— Representa — prosseguiu logo Padre Luís, quase sem ouvir a resposta do professor —, representa nos tornarmos o instrumento do mal no mundo, o exemplo do sofrimento entre os homens. E eis por que, então, muitos de nossos amigos olham para nós e se perguntam, boquiabertos: — o que é que há com ele, por que esse desespero tão grande, que surda vontade de se destruir é essa que faz com que se debata e se machuque tanto, tão obstinada, tão cegamente? É a cruz que se tentou pôr de lado

— é a cruz que passou a arrastar o cristão consigo. É o mundo errado, antinatural em que vivemos. É você — posso ser eu próprio, amanhã. É o seu caso, como o de mil outros. Mas é também por isso que você, em seu próprio bem, no interesse de sua salvação última, não deve, não pode fugir ao castigo que lhe chegou de uma forma tão cruel, tão vexatória.

Durante muito tempo o padre ainda falou, multiplicando os conselhos, oferecendo o auxílio de sua própria companhia para juntos procurarem um advogado e, de acordo com as instruções recebidas, rumarem para a polícia. Emanuel Souza parecia outra pessoa, agora. Desconversava, respondia apenas com monossílabos. Quando muito, chegava ao extremo de conceder que ia refletir sobre o projeto e voltar, mais tarde, ou na manhã seguinte, para estabelecerem juntos um plano de ação.

A Padre Luís não escapava, porém: faltavam já forças àquele pobre pecador para enfrentar a dureza da realidade que se lhe deparava. Também não acreditava que tivesse coragem de fugir com Leonardo, tal como haviam planejado. A tentação podia ser enorme; mais ainda era a ousadia indispensável. Emanuel Souza não figurava entre os seres capazes de tamanha façanha. O pássaro estava de asas quebradas, mal podia voitar. Ficaria esvoaçando nas sarjetas até que o impiedoso braço da lei o viesse buscar.

Foi pensando nos meios de socorrer aquele triste náufrago, não só espiritual como temporalmente, que deixou a Capela e tomou o caminho do quarto. Ia preocupado, desinteressado de tudo o que não fosse o caso do professor. Assim, sua surpresa foi imensa quando deu com a fisionomia severa de Padre Martinho que o esperava havia já algum tempo.

•

Padre Luís não precisou que o reitor começasse a falar para compreender que sua artimanha fora descoberta. Contudo, um pouco

para trazer sua mentira às proporções que realmente tinha, um pouco por falta de jeito, ainda tentou salvar alguma coisa do desastre. Com a voz trêmula, explicou:

— Fui obrigado a ir atender a um penitente... um caso grave, de urgência...

No olhar do reitor não houve incredulidade, apenas receio. Alguma nova complicação? Sem hesitar, declarou:

— Eu o vim procurar porque acaba de sair de meu gabinete o Doutor Leopoldo Graça, acompanhado por Padre Ladário... Falara pausadamente, apoiado em cada palavra, como a indicar a importância que devia ser atribuída a todas elas, por mais banais que pudessem parecer. Padre Luís não pôde deixar de realizar: tudo estava descoberto, claro, evidente.

— Diante da gravidade de certos fatos que eles me expuseram — prosseguiu sem demora o reitor —, mandei chamá-lo por Simão, julgando-o aqui no quarto. Ele, porém, declarou incontinenti, diante dos visitantes, que você estava na Capela, atendendo a um penitente... Era certo, agora — pensava Padre Luís —: o escândalo estourara. Escudado em Padre Ladário, Leopoldo Graça viera acusá-lo frente ao reitor. Para defendê-lo, seguramente este último invocara sua doença, quisera chamá-lo a testemunho. E eis que um acaso infeliz, como um verdadeiro castigo divino, viera evidenciar a falsidade de sua posição.

O reitor devia ter ficado desconcertado, com a cara no chão. Quanto aos dois acusadores, fulgurantes de razões e evidências, podiam ter triunfado à vontade. A derrota fora total. E Padre Martinho ali estava para interpelá-lo. Justa, inapelavelmente. Portanto, como não adiantava mais usar de meias- -palavras, confessou:

— Padre reitor, eu meço bem meu erro, o pecado que cometi. E lastimo muito a situação difícil em que o coloquei. Não vejo, porém, meio melhor de me desculpar diante do senhor do que lhe confessar: o que me moveu nisso tudo foi apenas a estrita fidelidade ao que me pareceu ser meu dever sacerdotal.

— Eu não duvido, meu filho... mas...

— Se menti — continuou Padre Luís sem deixar o reitor prosseguir —, se dissimulei, enganando até mesmo sua boa-fé, foi para evitar escândalo, um triste e inútil escândalo.

— Eu compreendo bem — atalhou o reitor com energia — a razão de ser de seu movimento, mesmo sem poder aprová-la, pois me faltam os

dados essenciais do problema. O que não me explico é a imprudência com que agiu... Sim, imprudência, leviandade mesmo. Por que, por exemplo, você não veio a mim e não expôs o caso? Teria sido diferente.

— Eu não o quis envolver... na minha dificuldade.

— Teríamos descoberto uma solução. Teríamos procurado juntos, certamente teríamos achado.

Padre Luís não pôde esconder um movimento de protesto. Traduziu-o logo:

— Padre reitor, eu estava ligado pelo segredo confessional.

— Eu não queria que você o violasse — corrigiu o outro com calma —, apenas que me consultasse sobre sua atitude... digamos, social. Era uma questão de disciplina, meu filho. Você, evidentemente, não podia me contar o que ouvira em confissão. Contudo, devia me dizer: “Padre reitor, fui levado a tomar tal decisão, ditada pela minha consciência. E dela não posso me afastar. Agora, para o resto, no que se refere a meu comportamento como padre da nossa Ordem, que devo, que podemos fazer?”. Não podia? Você acha que eu não o teria auxiliado?

— Padre...

— Sua atitude foi precipitada, imprudente. Mais uma vez. Você se obstina em agir demais, guiado apenas pela sua cabeça. O resultado aí está: um caso criado, um escândalo...

— Há tantos! — lembrou Padre Luís quase sem querer, provavelmente impelido pela recordação dos diversos desastres que o preocupavam.

Sem parecer prestar maior atenção ao aparte de Padre Luís, o reitor insistiu com severidade:

— Um caso grave, difícil, espinhoso. O Doutor Leopoldo Graça está ofendido, furioso, exigindo providências. Fez ameaças. Não sei como não falou em represálias contra a nossa Ordem... Ora, como você sabe, já não é a primeira vez que ele me procura para reclamar contra sua atitude. Eu bem sei, naturalmente, de que lado está a razão ou, pelo menos, a maior parte dela. Aliás, da vez anterior, quando fui procurado, não lhe dei mão forte. Mas, já então, você deve se recordar, eu o avisei dos perigos que sua atitude acarretava, não só para nós aqui, como também para você mesmo. Inutilmente, porém...

— Padre reitor, tentei obedecer, fiz tudo...

— Meu filho, escute até o fim: apesar de todas as minhas observações,

você continuou. Quase sem modificação... E preste bem atenção: o que me preocupa não é a possível crítica de um Leopoldo Graça ou de espíritos do mesmo jaez. Com esses, creio que sei lidar. É fácil convencê-los, fazê-los chegar ao terreno da conciliação. Mas, e você? E o perigo, cada dia maior, que você está correndo?

— Como?

— Cada dia mais, cada dia mais gravemente. Então não vejo, então não percebo o que está se passando? De que me adiantariam tantos anos pesando sobre os ombros, tantos e tão merecidos cabelos brancos, se não sentisse essas coisas, não acompanhasse passo a passo o sofrimento dos seres que me são próximos, que estão mesmo sob a minha custódia direta? Então você pensa que não percebo essa sua aflição diária, a crise que vem atravessando há semanas, meses?... Padre Luís abaixara os olhos e ouvia em silêncio, tomado da mais violenta emoção. A conversa de dias antes se repetia, semelhante, quase idêntica.

Igualmente proveitosa? A seu lado, a voz calma e mansa, cheia de bondade, continuava, penetrante, reveladora:

— Sobretudo nesses últimos tempos, sua situação veio se agravando muito. Eu tentei falar-lhe, tentei mostrar-lhe a proximidade do abismo. Parece que de nada adiantou. Cada vez você se aproximou mais dele. Por quê? Por que essa obstinação? Padre Luís teve alguns instantes de vacilação. Depois, foi quase soluçando que respondeu:

— Eu não posso mais, padre reitor! Não consigo nada, tudo sucede como se uma maldição particular me perseguisse... ou como se Deus não existisse!

— Meu filho! — limitou-se a comentar o reitor estarrecido.

— Como se não existisse — prosseguiu rapidamente Padre Luís — ou como se não se interessasse em absoluto pelo que sucede cá embaixo...

— Mas, meu filho, que loucura é essa? Pense no que você está dizendo, pense um momento!

— Eu sei, padre reitor. Mas não estou duvidando de Deus, não. Apenas, dizendo que, de um tempo para cá, só vejo, à minha volta, o triunfo do que é mau, errado, o pecado aumentando, se espalhando cada vez com mais força. Meu trabalho é vão, minha luta contraproducente até. Não adianta me preocupar, empregar todo o meu esforço. Pelo contrário, parece que só consigo piorar as coisas, agravar as situações, precipitando desmoronamentos, azedando conflitos. O que é isso? A que é que isso corresponde? Acontece com todos, ou apenas comigo? Nesse caso, por quê? Alguma maldição? Padre Luís falara com tanta rapidez

que o reitor nem tivera coragem de interrompê-lo. Era evidente: precisava dizer tudo aquilo, precisava desabafar. Era a catástrofe prevista, agora em pleno desenvolvimento. Nada mais podia conter aquela onda solta, desnordeada. Inúteis todas as palavras de moderação e bom senso. Quando muito, podiam agir por penetração, mais tarde, ao voltar a calma, a correta compreensão das coisas. No momento, caíam no vazio, perdiam-se.

Padre Martinho se manteve nessa atitude de expectativa durante alguns minutos. Depois, como Padre Luís começasse a serenar, julgou o momento oportuno para recorrer ao último trunfo de que dispunha. Várias vezes pensara em lançar mão dele. Contudo, o receio de ferir ou escandalizar demasiadamente seu interlocutor detivera-o. Agora, não havia mais como recuar. Medindo as palavras, falou:

— Meu filho, você certamente ainda se lembra de uma conversa que tivemos, há meses, justamente a propósito de certos penitentes seus, muito rebeldes. Você os chamava, tendo em vista a súbita insensibilidade que os atacava, ainda que no íntimo não estivessem corrompidos, de anjos de pedra...

— Com certeza que me lembro, padre reitor — apressou-se em declarar Padre Luís, acrescentando:

— E de sua resposta também.

— Eu ia chegar lá. Minha resposta foi, em síntese, a mesma que desde então venho lhe repetindo sempre: é preciso ter confiança em Deus. E só isso importa. Recordo-me bem, aliás, do texto dos Santos Evangelhos que citei na ocasião a que me refiro. São João Batista diz, mostrando aos fariseus as pedras que estão no caminho: “...eu vos digo que poderoso é Deus para fazer com que nasçam destas pedras filhos a Abraão”.

— Sim, lembro-me bem.

— Pois então, escute uma coisa, talvez muito dolorosa de ser ouvida, porém indispensável. Sabe você que de todos os anjos de pedra de que estamos tratando, você é o mais característico, talvez o mais endurecido?

— Eu, padre?!... Havia tanta surpresa e tanta indignação na exclamação de Padre Luís que o reitor se deteve por um momento, antes de confirmar:

— Sim, você. Escute: naturalmente sem que saibamos por quê, Deus está exigindo de você, há meses, talvez mesmo há anos, um ato de plena confiança, de abandono completo à sua vontade todo-poderosa e infinitamente misericordiosa. No entanto, você se recusa, você luta, você

discute, você quer exigir precisamente o que Deus parece não querer dar. Afinal, quem é você, quem somos nós?... Deus? Pequenos deuses? Quem é que é Deus, Deus ele próprio ou o nosso conceito sobre Ele? O Deus que existe de fato, ou o que nós julgamos ser o Bem, a Moral, a Salvação?

— Mas, padre reitor...

— Escute. Preste toda a atenção ao que tenho para lhe dizer. O perigo de sua atitude vem daí. Deus está lhe chamando, batendo em sua porta como você bate na porta dos seus penitentes, e você não ouve, não percebe, recalitra, resiste como um possuído. Por que tanto e tão obstinado raciocínio e tão pouca e tão fraca oração? Por que tanto julgamento sobre os outros, e tão pouco sobre você mesmo? Você vê anjos de pedra por toda parte. Não digo que se engane: eles aí estão, também eu os conheço — sempre os conheci, aliás. Mas, e você, meu filho? E o anjo de pedra que tenho diante de mim, lutando, resistindo, não querendo aceitar as provas, se desesperando com os fracassos?...

— Padre, padre, por favor!

— Meu filho, é preciso que você ouça. Sua vontade não é a vontade de Deus. Uma tem de desaparecer diante da outra. Deus está batendo na porta com veemência e o anjo, petrificado, insensível, não responde. Pelo contrário: se lastima, blasfema, quase renega.

— Não é isso, padre reitor! — tentou novamente interromper Padre Luís com os olhos cheios de lágrimas.

— Não é isso? Então, que é? Então, não o estou vendo todos os dias? Você sacode suicidas agonizantes para ver se eles se confessam arrependidos antes de morrer, você provoca crises nervosas em adolescentes, você recusa absolvições, você simula doença, você geme, você sofre alto, gritantemente, porque seus penitentes estão pecando e não querem se regenerar... Sei bem que é por zelo de bom, de legítimo apóstolo! Mas, e sua confiança em Deus? E é porque seu zelo, verdadeira obsessão, toma o lugar desse ato de fé, que ele é excessivo, perigoso — uma verdadeira cilada do demônio...

— Do demônio, padre?

— Claro, meu filho. Nem eu lhe falaria desse modo, se não fosse por haver um perigo imediato, terrível. Essa sua obcecação, sabe você até onde ela o levou? A isso: você como que está querendo se substituir à Providência.

— Meus Deus, padre reitor!

— A Providência é que é tudo, e não nós! Nós, mesmo quando encarregados de uma missão da importância da nossa, mesmo representantes de Jesus Cristo na terra, não somos nada. Cumpramos o nosso dever, simplesmente, honestamente, e deixemos o resto à Providência. Deus sabe, Deus está em tudo o que acontece. Nas mãos de quem morreu aquele suicida que trouxe tanta angústia a seu coração? Da Providência, meu filho. Não basta? Poderia estar em melhores mãos?

— Certamente que não, mas...

— E se um ser que vemos tão miraculosamente se converter hoje, amanhã para e não vai adiante no caminho da luz, quem nos diz...

— O senhor fala de Sílvio Iberê? — indagou Padre Luís sem poder esconder sua ansiedade.

— Sim, era em quem eu pensava. Isso não importa, porém. Podia ser outro qualquer. Esqueçamos nomes, casos. Vejamos apenas as almas que precisam de conselhos e de oração. Cumpramos nosso dever em relação a elas e confiemos em Deus. Lembremo-nos sempre da lição de São Paulo: “Não te deixes vencer pelo mal — triunfa sobre ele pelo bem”. O resto virá, a seu tempo. Se a luz brilhou uma vez para essa ou aquela alma que, no momento, não a vê mais, quem nos diz que não tornará a brilhar um dia? Ou será que você já se esqueceu da advertência que ainda na semana passada lhe fiz sobre o nascimento contínuo e incessante de Jesus Cristo nas almas?

— Certamente que não. Apenas...

— Apenas?

— Nem sempre... Sem perda de tempo, o reitor o interrompeu.

— Claro. Às vezes sucede de um modo, às vezes de outro... nem nunca sabemos quando. As Escrituras dizem mesmo que “o dia do Senhor vem como vem um ladrão durante a noite” ... Nem estou querendo condenar sua ação, seu zelo, em princípio tão louvável, tão útil. Apenas, no seu caso, já não se trata mais do “às vezes” de que falei há pouco. É sempre, sempre! Você se instalou num clima de batalha com o destino dos outros e quer vencer, levar a melhor, como se costuma dizer. Ora, meu filho, não é você, é Deus quem tem de sair triunfante!... Já então, Padre Luís chorava com a cabeça entre as mãos e o reitor se acercou para acalmá-lo. Batendo-lhe no ombro e abaixando o tom da voz, lembrou:

— Meu filho, eu não estaria lhe dizendo essas duras verdades, se não considerasse seu estado grave, perigoso. Pesa sobre você uma terrível ameaça e temos de conjurá-la. Por isso, precisamos lutar juntos, precisamos vencer. Por isso, você deve ter plena confiança em mim, na

minha experiência do mundo... desse triste mundo.

Padre Luís nada respondeu. Por mais esforço que fizesse, não conseguia articular palavra alguma. Sentia apenas, enorme, invencível, aquela vontade de chorar a que se entregava sem restrições nem vexames. Padre Martinho compreenderia e não levaria a mal seu inexplicável silêncio.

É que todo ele está voltado agora sobre o passado — um passado imediato, muito próximo, e, no entanto, quão diferente! Alguns meses apenas, e ele se lembra de ter proferido palavras tão semelhantes às que o reitor lhe acabou de dizer que chega a sentir-se desarvorado, irremediavelmente perdido. Foi quando Carlos Eduardo morreu, no mais estúpido dos desastres, e ele teve de fazer frente à atitude revoltada e incompreensiva de Branco. De muitas das coisas que lhe afirmou então, ainda se recorda perfeitamente, como se as estivesse formulando, ali, pela primeira vez — a necessidade de aceitar incondicionalmente a vontade de Deus, a sina dos homens de não saberem nada do que realmente sucede de essencial no mundo, de serem cegos, e cegos que, felizmente, se sabem cegos, a obrigação de não querer demarcar a sombra de Deus na terra e, sim, de seguir humilde e fielmente os mandamentos que nos deu, amando-o acima de tudo.

Sim, de tudo aquilo se recorda perfeitamente. Mas, de que lhe serve? Tudo é tão diferente, agora! Aquela revelação que o reitor lhe fez sobre o verdadeiro anjo de pedra existente no meio de tantos anjos de pedra falhados, é definitiva, capital para sua vida. Esse anjo é ele — ele e ninguém mais. Armando, Ângela, Sílvio, Sérgio, Matilde, Ivo, Lourdes, Alfredo, Matias, para que procurar tantos representantes aproximados, vagos se o verdadeiro anjo de pedra está ali, sentado, plantado na sua insensibilidade marmórea e se chama Luís, outrora Luís Mendonça, hoje, simplesmente, Padre Luís?!...

VIII

estado de saúde de Padre Luís no dia seguinte não pareceu em nada tranquilizador ao reitor. O que na véspera julgara apenas uma indisposição simulada, apresentava todos os sintomas de uma doença real.

Talvez consequência de uma noite passada quase inteiramente em claro, talvez desenvolvimento natural da enfermidade, o fato é que,

naquela manhã, Padre Luís não se sentiu com forças para se levantar quando verificou que os primeiros clarões da madrugada se faziam presentes através das vidraças do quarto. Deixou-se ficar, imóvel, incapaz até mesmo de chamar por alguém. Seria castigo? Iria morrer? Nunca sentira aquilo. Nem nada de parecido com aquela total incapacidade de se mover. Paralisia não era — que seria então? E o tempo foi passando — ele inerte, calado —, até que o Irmão Gaspar, dando por falta do seu vulto no pátio, veio ver o que havia, julgando-o ainda adormecido.

Foi baixo, quase em murmúrio, que lhe pediu para chamar o reitor. O irmão saiu apressado, sem perguntar nada, já prevendo mil catástrofes, segundo a propensão natural do seu espírito. Pouco depois voltou com o reitor, a quem comunicara seus receios. A seu ver, o padre estava pálido como um morto e podia perder o pulso a qualquer momento.

Não foi muito diferente a impressão de Padre Martinho ao ver a figura do acamado. Sim, daquela vez, o mal era real. Não precisaria simular para ter o direito de permanecer o dia inteiro na cama. Se Leopoldo Graça o visse naquele estado, por certo seria levado a acreditar que estava doente de verdade desde a véspera e que cometera apenas uma imprudência indo à Capela atender o penitente. Era pena... E se o mandasse chamar, a pretexto de mostrar-lhe o estado de saúde de Padre Luís, pondo fim desse modo ao possível escândalo provocado?... A tentação ocorreu, mas não foi preciso nenhum esforço para vencê-la. E como Padre Luís lhe explicasse, ainda que com grande dificuldade, que não sentia nada, a não ser um certo cansaço, proveniente com toda a certeza da noite de insônia que tivera, limitou-se a recomendar-lhe que ficasse deitado, descansando, pelo menos até mais tarde. Se não se achasse melhor, então mandariam chamar o Doutor Bêje, que já conhecia seu organismo de outras consultas e poderia lhe receitar algum estimulante.

Como se a tentação não tivesse sido inteiramente vencida, Padre Martinho passou o resto da manhã inquieto, sentindo a consciência vagamente culpada. Por que lhe ocorrera aquela lembrança de mandar buscar Leopoldo Graça? Queria participar, também ele, da pequena impostura arquitetada por Padre Luís? Sua aflição não durou muito. Como a manhã caminhasse para o fim, Simão veio surpreendê-lo com uma estranha notícia: Leopoldo Graça estava na saleta da reitoria e desejava falar com Padre Luís. Imaginava o reitor muito ocupado àquela hora, por isso não o queria perturbar. Entender-se-ia com Padre Luís diretamente. Fizesse, portanto, o obséquo de chamá-lo. Ou, se ainda continuasse guardando o leito, não lhe custaria nada ir até seu quarto. Seria questão de alguns minutos apenas. Como lhe dissesse que achava

que Padre Luís não estava em condições de recebê-lo, pedira-lhe que então fosse a ele, padre reitor, e lhe solicitasse alguns instantes de audiência.

A hesitação de Padre Martinho — dez ou quinze segundos de imobilidade e mudez — não proveio de nenhuma vacilação quanto a atender o pedido de Leopoldo Graça. Uma única coisa o preocupava naquele momento: saber se devia levar o médico ao quarto do padre ou se lhe contava a verdade tal qual a apurara. Ainda entrou na reitoria sem saber o que ia dizer.

Vendo-o, um Leopoldo Graça mais cuidadosamente vestido do que nunca foi logo dizendo, uma vez apertadas cerimoniosamente as mãos:

— Padre reitor, pode parecer, mas não foi para saber se o senhor já tomou providências em relação a Padre Luís que vim até aqui. E, sim, para falar com o próprio Padre Luís...

— Com Padre Luís? — limitou-se a perguntar o reitor, tal como se já não o soubesse.

— Pareceu-me do meu dever ter uma explicação com ele, antes de tomarmos — o senhor pelo seu lado, ou eu, pelo meu — qualquer providência mais séria. Questões de escrúpulo...

— Mas, eu creio...

— Pareceu-me também — prosseguiu logo o Doutor Graça sem disfarçar a ironia do tom — que quem podia, ontem, atender penitentes nos confessionários da Capela, não iria morrer... ou piorar... pelo simples fato de prestar dois ou três esclarecimentos rápidos.

O reitor fora pouco a pouco se irritando com aquele modo de falar vazado em evidente zombaria. No entanto, conseguiu se dominar a tempo e pôde responder:

— O senhor é médico... avaliará melhor do que eu.

Leopoldo Graça não escondeu sua surpresa. Para ele, até aquele instante, não havia, não podia haver a menor dúvida: a doença de Padre Luís era simulada. Tinham tido a prova na véspera. O reitor presenciara tudo, o reitor exibira, bem nitidamente estampada na fisionomia, a surpresa, a indignação que a conduta manhosa do padre lhe provocava. Agora... Seria que era cúmplice? Seria que simulara toda a cena do dia anterior? Não o acreditava capaz de tanto. Mas, enfim... E Leopoldo Graça se surpreendeu pensando: “De padres, que é que não se deve esperar?...”.

Recuou diante da ideia, sentindo-se chocado no pouco de simpatia religiosa que ainda lhe restava. Todavia, sua perplexidade ainda aumentou quando ouviu Padre Martinho prosseguir, indicando com o dedo a porta da reitoria:

— Podemos ir já, se o senhor quiser.

— Sem avisar antes?

— Não é necessário.

Tomado de espanto, Leopoldo Graça hesitou. Ou muito se enganava ou aquele padre estava caçoando dele. A não ser que tivesse esperança de que fosse desistir no meio do caminho. Exceto essas, só restava a hipótese de Padre Luís estar realmente doente... De qualquer modo, não custava verificar. Dentro em pouco, saberia o que pensar de toda aquela aventura absurda e grotesca, quase inverossímil nos dias que corriam.

Acompanhado pelo médico, o reitor foi até a porta do quarto de Padre Luís e bateu. Depois, como respondessem que podia entrar, penetraram os dois quase ao mesmo tempo, ansiosos por deparar com a fisionomia do doente. Em Leopoldo Graça, predominava a curiosidade, o interesse de tirar a limpo o que havia de escuso e inconfessável por detrás daquelas simulações. Em Padre Martinho, a dúvida, a ansiedade ante os fatos que se estavam desenrolando à sua volta. Percebia-se como que arrastado pelos acontecimentos. E todo o tempo se perguntava se estaria agindo bem ou não. Deveria esclarecer o médico sobre a diferença dos estados de saúde de Padre Luís naqueles dois dias consecutivos? Ou deixar que ele os confundisse, acreditando que já estava doente na véspera? Deveria falar ou deixar que o próprio Doutor Graça formasse seu julgamento?

•

Momentos depois, Leopoldo Graça está parado, com o *pince-nez* na mão, e não sabe o que responder ao apelo desesperado que Padre Luís lhe fez. Desde que entrou naquele quarto, sentiu-se como que impellido por uma força desconhecida para posições novas, inesperadas, certamente perigosas... e não lhe foi possível recuar, estabelecer uma barreira firme.

De início, foi a surpresa que o desnor-teou. Vendo Padre Luís na cama, pálido, a expressão traduzindo um cansaço doentio, ficou estarrecido. Por mais um pouco, teria saído imediatamente do quarto. De qualquer modo, varreu logo do espírito todas as suspeitas que trazia. A consciência profissional falou mais alto que os interesses pessoais: estava

diante de um doente. A “doença” da véspera existia, tendo sido ela, fundamentalmente, quem impedira o padre de celebrar o casamento de João e Lourdes. O episódio da ida ao confessionário não deixava de ter tido lugar, mas, como não o compreender numa criatura desmiolada, fanática como aquele padre? Inspirava-lhe até verdadeiro dó, tendo vontade de fazê-lo recolher a uma casa de saúde para doentes nervosos.

A essa perplexidade inicial, sucedeu em Leopoldo Graça uma manifestação de interesse profissional: quis saber se algum colega tinha sido chamado. Como Padre Martinho lhe dissesse que não julgara caso para reclamar os serviços do Doutor Bêje, mas que iria convocá-lo imediatamente, apressou-se em tranquilizá-lo, recolocando cuidadosamente o *pince-nez*. Não se preocupasse. Havia tempo, Padre Luís não parecendo ter nada de maior. Por prudência, convinha não facilitar. E, a qualquer momento que o Doutor Bêje viesse, estaria tudo resolvido.

Percebeu nesse momento que tinha assustado o reitor. É verdade que o estado de apatia de Padre Luís não convidava a outro sentimento. E, assim, não se opôs a que Padre Martinho o deixasse só com o doente para ir telefonar ao médico do Colégio.

Foi então que entre ele e Padre Luís se estabeleceu o estranho diálogo que o levou à situação embaraçosa de não saber o que responder ao apelo formulado. De nada adiantou a volta do reitor, minutos mais tarde, nem suas constantes intervenções para que o doente se calasse. Muito menos teve efeito sobre Padre Luís sua atitude sistemática de recusa a qualquer conversa sobre aquele assunto, alegando que seu estado de cansaço não lhe permitia aquele esforço.

Tudo em vão. Desde que conseguiu forças para articular meia dúzia de palavras, Padre Luís colocou diante dele o problema — provavelmente a obsessão principal de sua existência de nevrótico —: que dissera ou fizera Armando Paiva nos instantes que tinham precedido sua morte? E, dessa pergunta insensata, não arredou, obcecado, irritante de teimosia e insistência. O tom variava, porque as energias de que dispunha não eram muitas, e frequentemente o abandonavam, mas a obstinação era constante, invencível, desnorteante — sobretudo para ele, Leopoldo Graça, que há tantos dias não pensava naquele problema. Que responder? Que dizer àquele padre que o desarmara com aquela inexplicável doença — a ele que vinha para desmascarar sua impostura e obrigá-lo a se explicar convenientemente sobre diversos pontos ainda obscuros? Que alegar, de que subterfúgios lançar mão, se suas perguntas sobre os últimos instantes de vida do suicida eram absolutamente precisas, inequívocas — se o tinham perturbado àquele ponto?...

Fixando em Leopoldo Graça um olhar de cansaço e ansiedade, Padre Luís pensa durante esses mesmos instantes: “Nunca esse homem de consciência intranquila estará de novo tão perto de mim, tão próximo de se condoer da minha aflição, tão prestes a confessar alguma coisa que, evidentemente, oprime seu coração. Se não revelar hoje, não revelará nunca mais. E preciso saber, preciso, para não passar de novo uma noite de angústia igual à de ontem. É questão de enlouquecer de dúvida, de morrer talvez... Preciso saber. Preciso que esse homem diga a verdade inteira. Só ele pode falar sobre o ramo de rosas, só ele pode dizer se, no último instante, Armando não teve um gesto de arrependimento, por mais vago que tenha sido. É preciso que revele o que sabe sobre a medalhinha. Se eu não aproveitar esse lampejo de simpatia que li em seus olhos assim me viu deitado, realmente doente, estarei perdido, desamparado no meio das minhas incertezas, desses desenganos crescentes”.

É então que Leopoldo Graça se decide e fala:

— Sobre esse ponto, infelizmente não podemos ter dúvida alguma. Já lhe disse: Armando estava inteiramente inconsciente quando o senhor chegou... e assim morreu, pouco mais tarde.

A palavra é firme, definitiva. Nem um músculo treme na face do clínico ilustre e Padre Luís sente, sabe, que ele está mentindo. Tudo é inútil, porém. Não falará. Não cederá ao convite do coração. Não deixará correr livremente em suas veias o sangue do Cristo que represou no pequeno inferno de um dos compartimentos de seu cérebro acanhado. Não arrancará de dentro de si aquele monstro de mentira e impiedade que corrói e escraviza seus movimentos de homem livre.

Sentindo vivamente a dificuldade da situação criada pela resposta de Leopoldo Graça e pela reação silenciosa de Padre Luís, o reitor resolve intervir, sugerindo mais uma vez que deixem a conversa para outro dia.

No entanto, sua proposta só consegue exacerbar Padre Luís, que se sente inacreditavelmente cansado, sem forças para continuar a perguntar pela medalhinha. A derrota já se desenha evidente, esmagadora, mas ele pode tentar ainda um caminho... Não resiste à tentação. Quase sem pensar no que está dizendo, começa:

— O senhor não quer responder, não? Uma nova intervenção do reitor não impede que Leopoldo Graça aceite o desafio:

— Não, não responderei mais nada... por hoje. A réplica não se faz

esperar:

— Por quê? Só para me castigar?

— Não vejo motivo... — insinua o médico, surpreso.

— Para me castigar de eu ter exagerado minha indisposição, ontem?...

— Meu filho! — procura interromper o reitor aflito.

Em Leopoldo Graça, tudo é inquietação e desnorteamento, agora. Quase mecanicamente, pergunta:

— Exagerado?

— Só Deus tem direito de castigar! — observa de súbito Padre Luís como se o assunto estivesse enfim encerrado.

Há confusão, dúvidas. O reitor se agita, esboça um sinal ao médico para que se retirem. Percebendo-o, Padre Luís faz um último esforço e consegue dizer, fixando o reitor:

— Padre Martinho, o senhor não teve culpa alguma... de nada sabia.

— Meu filho, fique calado, quieto. Deixemos essas conversas para amanhã.

— É melhor nós nos irmos — observa o médico, contrafeito.

— Convém que o doente descanse.

Padre Luís tenta falar. (Ainda há o recurso de aludir diretamente à medalhinha...). É em vão, porém, que o procura fazer, de tal modo os esforços anteriores o esgotaram. Então, o reitor e Leopoldo Graça se afastam, detendo-se por um minuto à porta do quarto na contemplação do doente.

Já está de olhos fechados. Julgam-no adormecido, mas é puro engano. Sua imobilidade provém, apenas, do cansaço, da falta de energia para o mais leve movimento, inclusive o de levantar as pálpebras.

•

Nesse mesmo dia, à tarde, depois de um cuidadoso exame, o Doutor Bêje concluiu que Padre Luís não tinha nada de maior. Precisava de repouso — uns dois ou três dias de cama — e, depois, poderia retomar suas atividades. Devia descansar, sobretudo mentalmente, pois era de temer um esgotamento nervoso sério. Nesse caso, seriam necessárias providências drásticas como, por exemplo, afastá-lo de suas funções, do

Rio mesmo, procurando um clima mais ameno, ambientes mais tranquilos... O sorriso involuntário do reitor ao ouvir essas últimas palavras do médico levou Padre Luís a pensar com uma invencível força: “Sim, sim, — patronatos, missões... exílios, castigos!”. Os dois olhares se encontraram então, compreensivos, temerosos. O Doutor Bêje terminou sua visita logo em seguida, sugerindo ainda da porta que, quando pudesse sair, Padre Luís mandasse tirar uma radiografia dos pulmões. Não acreditava que houvesse nada de positivo, mas não custava adquirir a plena certeza. Dada a fraqueza daquele organismo, mal tratado e constantemente posto à prova, não convinha facilitar.

Como se a visita do Doutor Bêje tivesse sido milagrosa, antes mesmo de ter tomado o primeiro remédio receitado, já Padre Luís se sentia bem melhor. Com o cair da noite, um sono fácil e profundo se apossou dele por horas, sem a mais leve interrupção.

Os primeiros movimentos do novo dia despertaram-no. Ergueu-se, rápido, julgando-se capaz de andar e retomar suas atividades. Contudo, ainda não acabara de se vestir e já o reitor aparecia para saber como passara a noite. Vendo-o de pé, quase pronto para sair, teve um movimento de impaciência e mandou que voltasse para a cama em obediência às prescrições do médico.

Padre Luís não discutiu. Deitou-se. E esperou. A manhã transcorreu calma, entre pequenos sonos reparadores e momentos de reflexão sobre os fatos mais recentes. O caso do Professor Souza o preocupava vivamente. Na véspera, pensara constantemente nele, sem ter todavia coragem para pedir um jornal e verificar se havia qualquer notícia a respeito do roubo da tabacaria. Pensara em indagar do Irmão Gaspar. Recuara depois, receoso. Agora era o momento. Ninguém podia dizer que não estivesse em condições de correr os olhos num jornal.

Os que já passaram pelo sofrimento de ver um nome que lhes é próximo estampado pejorativamente num jornal, com todo o escândalo barato e repelente de que são capazes esses covardes e desumanos “esclarecedores da opinião pública”, esses, por certo, fazem uma ideia da aflição que acometeu Padre Luís. Que o denunciado seja inocente ou não, pouco importa nesses instantes em que a nossa solidariedade com o ser amigo se sente deslealmente quebrada, violada no que tem de mais íntimo, de mais profundo. Podemos, também nós, condenar ou absolver. Não importa. O choque provém da denúncia, da impiedade inumana dos termos usados, da servilidade e da cegueira com que os “orientadores” esposam, e muitas vezes ultrapassam de muito, os rigores da lei ou da vontade momentânea dos mais fortes. É como se nos atingissem diretamente. É como se nos denunciassem, escondendo

prudentemente nossos nomes. E a impossibilidade em que nos vemos de reagir, por covardia ou por impotência real, só nos faz odiar mais essa vingança misteriosa e inexplicável dos semeadores de discórdia e dissentimentos.

Para Padre Luís, aquela descrição do “cúmplice”, quase irreconhecível de tal modo deformado pela má vontade e pela má-fé, era como uma punhalada anônima que o viesse atingir no momento mais difícil. Sim, aquele homem denunciado, denegrido por mil acusações — no mais das vezes exatas segundo a letra, mas visceralmente falsas segundo o espírito —, aquele homem que estava sendo procurado pela polícia — porque fugira escandalosamente com o “protegido” de quem se tornara o abominável “cúmplice” —, aquele homem era Emanuel Souza, o bom, o pobre, o miserável professor de matemáticas que em tantas e tantas ocasiões chorara de arrependimento em seu confessionário. Como era possível que o pecado, ou melhor, o hábito do pecado, fosse tão forte, tão poderoso, a ponto de transformar as criaturas daquela forma, fazendo de pessoas boas, piedosas, seres inclinados para o mal, verdadeiros monstros de depravação? Se o sofrimento que invariavelmente acompanhava todos aqueles desvios não bastava para afastar do caminho errado, então, de que força gigantesca, sobre-humana, não era dotada a natureza do homem?... O Professor Souza, por exemplo, longe de procurar o caminho de regeneração que lhe propusera, resolvera fugir com Leonardo para recomeçar, adiante, caso a polícia não o encontrasse, a miséria de antes. Assim, o aviso divino, por mais claro que tivesse sido, de nada lhe adiantara. Prosseguiria no mau caminho, cada dia se embrenhando mais nele. Hoje, era aquele episódio em que sua culpa ainda era relativamente pequena; amanhã, possivelmente, um crime, alguma falta irremediável. E o coração lançado nessa senda de lodo e crescente fuga, de pecado e dissimulação forçada, acabaria se endurecendo definitivamente, se enregelando. O próprio Deus deixaria de existir para ele. E sua alma estaria perdida.

Assim — pensava Padre Luís numa grande agitação interior —, de nada tinha valido sua ação junto ao professor. O destino implacável, que lhe adivinhara com meses e meses de antecedência, eis que se cumpria ante os olhos de todos, na tristeza de um escândalo público, mero presságio de outro ou outros a vir, seguramente piores. Já os via desenhados, prefigurados nas linhas cruéis dos jornais? Alguma intuição especial lhe revelava o negrume de certos dias de fuga e miséria pelas ruas sombrias de uma outra grande cidade, quando o Cristo estivesse morto em seu coração morto? Não é fácil dizer. O próprio Padre Luís sentia que seu pensamento debilitado tropeçava e vinha fracassar ante a força daquele inevitável.

Nesse estado de espírito inquietante, permaneceu por muito tempo. Horas depois, quando o reitor veio saber como estava passando, ainda o encontrou agitado, falando sozinho. Sem demora nem hesitação, inteirou-o dos movimentos de sua excitação anormal.

Não foi fácil ao reitor acalmá-lo. Muito embora lhe fizesse uma promessa formal de intervir junto a um delegado que conhecia, no sentido de melhorar o conceito de que o Professor Souza parecia desfrutar junto às autoridades policiais, Padre Martinho teve de se esforçar muito para trazer a tranquilidade a seu espírito. Os mesmos problemas de sempre voltavam sempre e, não querendo agravar o estado do doente, o reitor só se esforçava por aquietá-lo, deixando para mais tarde a discussão real dos pontos abordados.

Agora, não estava falando com uma criatura em plena crise, apenas com um doente, com um ser fraco sobre o qual qualquer ideia adquiria, por força das circunstâncias, irresistível império. Não podia repreendê-lo como queria, como devia. Só quando o visse de novo em pé, pronto para suportar o peso das verdades que se via na obrigação de lhe dizer. Então, teria de ser duro, severo. A situação lhe parecia tão grave que não admitia mais contemporização. No interesse daquela alma assediada, tinha de agir. Precisava intervir com habilidade e prudência. Só assim poderia evitar que o espírito daquele padre supersensível fosse resvalando, resvalando, até cair em cheio no abismo do desespero e da descrença.

Era triste, mas se fazia mister intervir. Poderia parecer a muitos fraqueza, capitulação ante pressões estranhas e hostis. Contudo, não via outra saída: era imprescindível afastar Padre Luís do meio em que evoluía, dos penitentes que o tinham desorientado com a complexidade de seus problemas. Tirá-lo do Rio, por exemplo, para um clima melhor, como sugerira o Doutor Bêje. Levá-lo para meios mais sossegados, onde a Ordem mantivesse patronatos ou outras obras sociais, e onde as naturezas, mais simples, mais próximas da terra, de uma quotidianidade sadia e calma, não provocassem de sua parte uma reação tão viva, tão violenta, tão prejudicial a seu equilíbrio interior.

•

Quando o reitor o deixou, Padre Luís já estava bem mais tranquilo. Rezou um pouco o Breviário e o sono não tardou a chegar. Horas depois, como a meia-noite batesse no relógio do corredor, despertou, novamente em plena agitação.

Com essa estranha nitidez e esse a propósito que só muito raramente se

verificam em sonho, vira-se diante de um imenso anjo de pedra. De repente, o anjo que, surpreendentemente, tinha suas próprias feições, agitara as pesadas asas e, voltando-se para ele que continuava estendido em sua cama de adoentado, dissera sem esconder a reprovação que morava em seus olhos: “Escute, onde está Matilde? E Maria Inês? E Sílvio? E Alfredo?...”. Referia-se apenas a esses quatro nomes, mas — como costuma acontecer em sonhos

— Padre Luís percebera que tinha vários outros em mente. Assim acordado, pensou incoercivelmente neles: Ivo, Sérgio, Ernesto, Ângela, Branco, Elza, Vanda, Antônio, Irma, outros, muitos outros ainda... O sono fugira, era indiscutível. Inútil pensar em dormir, depois daquele despertar violento, marcado pela angústia. Certamente muitas horas se passariam, antes que lograsse conseguir de novo paz de espírito.

Aliás, pouco importava cuidar àquele respeito. O que interessava era não fugir ao aviso do sonho. E olhar face a face a expressão zangada do anjo, recapitulando um por um os nomes pronunciados. E por que apenas aqueles quatro, quando podiam ter sido muitos mais? Ou seria que o choque produzido pelo olhar reprobatório o despertara, interrompendo assim uma série de penitentes bem maior? O que o anjo podia ter contra ele, Padre Luís bem o imaginava. Que a censura, porém, só atingisse aqueles quatro casos, era o que não conseguia entender. Estaria se descuidando? Teria facilitado em relação a eles e, não, aos outros? De Matilde, nenhuma notícia. O que equivalia a dizer, contrariando o ditado: más notícias. Sim, porque, no seu caso, a ausência do confessorário, a que prometera voltar logo, devia significar reconciliação, novas concessões ao namorado... cada vez mais perigosas concessões. O momento era crítico, todo dia podia ser o catastrófico. À espera de que reaparecesse, ele nada fizera. Devia ter feito? O quê, porém? Facilitara? Ainda era tempo de corrigir o erro? De Sílvio, nenhuma notícia, também. Em relação a esse, entretanto, não podia ser responsabilizado. Escrevera-lhe, assim pudera concatenar as ideias para responder à sua carta. E não poupava esforços para conseguir o fim proposto. Certamente, Leopoldo Graça diria que visara inquietar o menino, determinando nele uma nova crise religiosa. Ele bem sabia que não se tratava de nada disso. Apenas, de chamá-lo a si, lembrando-lhe seus imprescritíveis deveres religiosos, a verdade que descobrira e não podia ficar posta de lado. A essa carta, Sílvio ainda não dera resposta. Talvez não a tivessem deixado chegar às suas mãos, talvez ainda não tivesse tido tempo ou jeito para replicar. Quem sabe mesmo, nem cogitasse disso, completamente desinteressado dos assuntos abordados. De qualquer forma, desse silêncio, que culpa ele, Padre Luís, poderia ter? De ter escrito uma carta morna, insípida, inoperante?... De Maria Inês, também continuava sem informações. Deixara-a em plena luta

para não se separar do marido, tendo prometido formalmente que voltaria ao confessionário, se se verificasse alguma modificação. Não se movera. Nenhum sinal. Como no caso de Matilde, deveria ir a ela, forçando seu silêncio, verificando se não havia nenhum conselho novo a dar, nenhuma atitude a sugerir? Mas, no pé em que o problema ficara colocado, não seria excessivo, contraproducente até? Exatamente como em relação aos outros três, permanecia privado de qualquer contato com Alfredo. E, desse, há já bastante tempo. Acontecia que não sabia seu endereço. Por intermédio de Branco, não seria impossível descobri-lo. Apenas, também esse andava desaparecido, evitando-o quase sistematicamente, por motivos que desconhecia. Portanto, em relação a Alfredo, tão bem quanto aos outros três, não lhe parecia haver motivo para a censura recebida. Por mais louco que fosse, Alfredo não podia, de modo algum, ter cometido a insensatez de partir para a fazenda do padrinho com a sinistra ideia que lhe confiara. Seria se rir dos seus conselhos, menosprezando o auxílio que espontaneamente viera buscar. A não ser que, por inabilidade nas palavras usadas, ele tivesse fracassado por completo... Assim, por mais que se esforçasse em se justificar, era sempre à noção de culpa indireta que voltava. Dela não podia fugir porque, na verdade, sabia bem que o olhar do anjo não era senão o seu próprio olhar. E a lista de quatro nomes, não passava de uma lista interrompida de repente.

Depois dos casos de Matilde, Sílvio, Maria Inês e Alfredo, os outros todos desfilaram ante seu espírito desgarrado. Mais uma vez, depois de tantas... Agora, como uma lenga-lenga, uma verdadeira e perfeita obsessão a que já não podia escapar e que parecia disposta a devorar, lenta e desordenadamente, o que restava de suas forças, tanto físicas como espirituais. Era como se soubesse que não podia mais se defender e, por isso, se entregasse, paciente, resignado. Em seu cérebro sem norte, os episódios se sucediam atabalhoadamente. As recriminações pululavam, dançando verdadeiras sarabandas. E não havia como pôr ordem nesse caos, pois continuava com a certeza de que tudo aquilo era a expressão da vontade de Deus. Significava seu esforço pessoal para descobrir a razão de seus fracassos, o motivo pelo qual se transformara, como Padre Martinho dissera e, agora, não podia esquecer nem por um minuto, num verdadeiro, num autêntico anjo de pedra.

•

O que se passava, ao certo, com Padre Luís, o reitor não sabia. Em tudo aquilo, o dedo do demônio era visível, bem visível mesmo. Entretanto, como conseguira se introduzir tão sub-repticiamente na alma daquela criatura dotada de qualidades tão excepcionais? O problema era difícil e, sobre ele, Padre Martinho se inclinava com

particular atenção naquela noite, depois de ter conversado longamente com Padre Maurício, Padre Godo e Padre Lemonier que conheciam Padre Luís há mais tempo do que ele. E que sempre o tinham tido em especial estima.

Para os dois primeiros, a chave do problema devia ser procurada no pecado do orgulho, um dos mais fortes e dissimulados de quantos existiam no mundo em que o Supremo ardiloso reinava. Padre Lemonier não estava longe de concordar. Contudo, o reitor logo adivinhou o inspirador, verdadeiro insuflador secreto daquela opinião extremada: Padre Ladário. Aliás, o grande latinista não lhe escondera nunca o seu ponto de vista. Agora, tanto Padre Maurício, relativamente moço e grande admirador de Padre Luís, como o velho e experiente Padre Godo, não faziam outra coisa senão repetir suas palavras, ou talvez melhor: suas insinuações.

Aduziam eles que, embriagado pelos seus sucessos de confessor, pelo crescendo de penitentes que ali acorriam, Padre Luís se deixara empolgar pela ideia de sua vocação de salvador de almas. Assim, imperceptivelmente, o orgulho se introduzira no quotidiano de sua tarefa, de início tão pura e admirável. Compenetrara-se da excepcionalidade de sua missão. Ora, se lhe coubera um privilégio tão forte, não devia, não podia fracassar. Não podia ser à toa que recebera aquele carisma incomparável: compreender as almas melhor que nenhum outro, possuir um dom particular para guiá-las pelo caminho da salvação... Talvez fosse por isso que não lhe saíam da boca as palavras de São Paulo: “Ai de mim, se não evangelizar!”... Era como se estivesse dizendo: “Se eu não conseguir nada, que será do mundo?...”.

Tudo aquilo parecia a Padre Martinho falso, deformado. Nem se recordava de ter ouvido, da boca de Padre Luís, aquelas palavras de São Paulo, tão significativas. Pelo menos, se havia alguma parte de verdade naquelas observações (muitas delas baseadas em fatos reais, indiscutíveis), o todo era absurdo. O tendenciosismo de Padre Ladário tornara certos pontos de partida de tal modo suspeitos que era como se tivessem perdido todo e qualquer interesse.

Que o orgulho não se fizera estranho àquele caso, o reitor não negava. Por menos consciente, por menos visível que fosse, não deixava de existir. Todavia — e, nisso, Padre Lemonier concordava com ele plenamente —, que pudesse ser fundamental na estrutura daquele desmoronamento, bastando só ele para explicar toda aquela tempestade, só insensatos ou grandes inexperientes poderiam pensar. Ou, então, quem nutrisse contra Padre Luís alguma prevenção especial, como lhe parecia ser o caso de Padre Ladário, sobretudo depois do episódio do 5º

ano ginasial, que findara com a expulsão de Sílvio Iberê.

Naquilo tudo, o pecado de orgulho de Padre Luís entrava como uma parcela muito pequena num todo majestoso, inquietante. Ora, era esse conjunto que o preocupava, sem que o pudesse explicar de modo satisfatório.

Por vezes, parecia-lhe que, de tanto ouvir e tornar a ouvir aqueles casos tristes, lodosos, de tanto ver rolar ante seus olhos aquele mar de desgraças pungentes, Padre Luís se deixara envolver por eles e vivia, no segredo do inconsciente, não um daqueles casos particulares, mas como que uma resultante de todos ou de alguns deles, verdadeiro drama informe de que sua consciência não tinha a menor noção, embora o impelisse irresistivelmente para o caos, para a luta desesperada, para a agonia da alma.

De outras vezes, seguindo essa mesma senda incerta, era para a infância ou para a mocidade do padre que o reitor dirigia seu pensamento. O que se sabia delas, parecia ser pouca coisa, não havendo a menor mancha a ensombrar o horizonte. Das rápidas e episódicas narrações de Padre Luís, também nada era possível concluir: infância excepcionalmente pura e resguardada, assaltos de necessidades inferiores com o entrar da adolescência. Depois, graças à luta obstinada a que se entregara, nada subsistira. A não ser, talvez, a insistência de certas recordações desagradáveis. Nenhum caso marcante, nenhuma aventura de que ainda se lembrasse. Mas, quem sabia lá o que jazia no fundo daquela memória de homem puro, voltado unicamente para o serviço de Deus? Ignorado, mas ainda vivo; adormecido, mas forte; calado, mas perfeitamente evocável a qualquer momento, quem sabia lá a recordação, a simples ideia que podia ter ficado depositada naquele espírito estranho? E então, um belo dia, subitamente acordada pelo mar de misérias alheias — por um desses efeitos de eco íntimo, de correspondência misteriosa ainda desconhecida, no seu mecanismo de funcionamento, pelos psicólogos e pelos romancistas —, essa força secreta teria começado a germinar e a atormentar, a envenenar todo um sistema de ideias e sentimentos, antes perfeitamente coerentes e legítimos. A crise teria se declarado e Padre Luís, impelido pelo desequilíbrio de um mundo interior cuja realidade essencial lhe era desconhecida, só pudera reagir daquele modo exacerbado e catastrófico que tanto escandalizava às almas tibias e convencionais... Inútil, porém, raciocinar na base daquelas incertezas — pensava o reitor. Meras suposições, hipóteses provavelmente inverificáveis — quando os problemas imediatos ali estavam, exigindo sua intervenção. Precisava agir escudado num diagnóstico seguro, de modo a não correr o perigo de esbarrar, mais adiante, em precipitações de irremovíveis

consequências.

Por certo, havia uma verdade inegável: um anjo se petrificara ante a cegueira dos olhos de todos. E era preciso despertá-lo. Como se verificara esse processo, quando, no intervalo de que insidiosa confissão, de que estranha conversa — isso, não sabia dizer. As dificuldades de sempre reapareciam e não atinava como solucioná-las. Implacável, a noite avançava. E era preciso dormir, estar descansado no dia seguinte para as mil tarefas de um dia de reitoria no Colégio São Luís de Gonzaga...

•

A noite caminhará ainda muito, o reitor continuará inclinado sobre o problema de despertar Padre Luís de seu sono de pedra à beira do grande abismo. Será demais que eu, do fundo de minha pobre e esquecida existência de anjo de pedra à sombra dos fantasmas da indiferença, da incredulidade e da revolta, também o venha acompanhar, nesses dias de lento gotejar diário do que há de mais cruel no sofrimento humano? É que, vendo todo esse padecer, ponho-me a pensar em certos dramas de nossas próprias vidas, tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão semelhantes em sua essência, nesse núcleo da existência do anjo de pedra em nós, tantas vezes irreduzível, intocável. Penso em mim, sim — e, como não, se há dias em que sinto este livro escrito contra mim mesmo? —, mas penso, também, em vós que, por certo, existis pelo mundo afora — e penso no nosso sofrimento junto das pessoas que amamos e que não nos amam, nas nossas paixões e nas nossas amizades, nas criaturas que nunca nos amarão porque, em relação a nós, serão sempre verdadeiros anjos de pedra, insensíveis, estranhos, invulneráveis ao nosso carinho, à delicadeza de nosso sentimento, tão pobre de palavras, de sinais, de renovações, tão rico de ternura por mais insuspeitadas elas sejam. Penso em Ângela, novamente iludida nos braços de um rapazola que em vão ela procurará subtrair às atrações da vida galante. Penso em Ivo que não soube reter Lourdes no momento do imprevisível encontro. Penso em Sílvio que, ao voltar, aceitará o reatamento convencional de sua amizade com Heitor e seguirá Mônica a vida inteira, desamado. Penso em Branco que jamais esquecerá Elza e já se inclina inutilmente sobre a palidez maternal de Vanda. Penso em Matilde que é como uma grande perdulária que se arruína junto a um triste aproveitador de migalhas, incapaz até mesmo de compreendê-la na extensão de seu amor. Penso em Sérgio que ainda tem na retina as golfadas de sangue que banharam o pequeno corpo condenado de Reni — o corpo que ficará eternamente em sua memória. Penso em outros, em tantos e tantos outros, e ousa perguntar: qual de nós, feliz ou desgraçado, qual de nós já não encontrou, não tem, em sua vida diária, os seus anjos de pedra? E

nós mesmos, egoístas e a cada momento recriminantes em relação aos outros, de quantos seres, felizes ou desgraçados, não somos os insensíveis, os marmóreos anjos de pedra? Penso em tudo o que vai pelo mundo de incompreensão e sofrimento, decorrentes unicamente da existência de sentimentos que não são correspondidos, de inúteis batidas numa porta que jamais se abrirá (e jamais poderá ser aberta) porque o mundo está cheio de anjos de pedra que são absolutamente indespertáveis. E, por vezes, não sei como resistir à tentação de cuidar que talvez resida nisso a principal força dessas naturezas privilegiadas, seu caráter de absoluta intangibilidade, de intocável pureza, de intratabilidade autêntica e invencível — essa qualquer coisa de terno que talvez um dia os faça, em pleno reino do pecado, merecer, enfim, o perdão de Deus.

IX

s úmidos e chuvosos dias de setembro que se seguiram não trouxeram consigo melhoria alguma para o estado de espírito de Padre Luís. E não havia nada de extraordinário nisso, pois para ninguém eles eram mais tristes e desacoroçadores com seu aspecto cinzento e morto, com a umidade que desprendiam e parecia penetrar no íntimo de todas as coisas. O espetáculo não era alegre e o padre sabia quanto sua natureza, particularmente sensível ao tempo, se deixava deprimir por essas influências.

A saúde acompanhava de perto a intranquilidade do espírito. Contudo, a rebeldia era menor e o Doutor Bêje, apesar de multiplicar suas visitas, não se mostrava preocupado. É verdade que falava sempre em necessidade de descanso por algum tempo, num bom clima, não obstante a radiografia não ter acusado lesão alguma nos pulmões. Medidas de precaução, unicamente. Medidas que podiam ser tomadas com tempo, nada falando de urgência naquele caso de quase convalescença.

Assim, setembro caminhou normalmente para seu fim sem que nenhuma recaída violenta se produzisse. Parecia mesmo que aquelas duas ou três semanas de relativa calma representavam um caminho de volta, cheio de promessas — nunca um instante de parada num desenvolvimento catastrófico que já se aproximava do seu clímax. Tanto assim que o reitor, tão clarividente no decorrer daquele episódio, deixou-se enganar, aceitando, como acalmia da atmosfera, o que era, apenas,

concentração de faíscas para a tempestade próxima.

Vendo Padre Luís mais ou menos afastado de suas atividades usuais por força das circunstâncias, achando-o mais calmo, absorvido horas a fio na leitura dos Santos Livros ou de obras de teologia e moral, cuidou o reitor que se podia diagnosticar um abrandamento sensível da situação. Uma ou outra vez mesmo, chegou à beira de acreditar que a fase crítica tivesse sido ultrapassada, graças a uma miraculosa intervenção divina.

Padre Luís evitava conversar sobre qualquer assunto relacionado com o problema. E o reitor não o procurava forçar. Sabia-o doente, especialmente nervoso. Convinha, pois, esperar. Por enquanto, bastava-lhe a certeza de que melhorava hora a hora. Não era só o modo de rezar que resultava diferente. Era a maneira de falar, o próprio jeito de comer. Em tudo, traía uma fé, uma confiança maior. Com os dias só podia melhorar, voltando a ser integralmente o Padre Luís de antes.

•

Perdido no exame dos detalhes dessa falsa pista, Padre Martinho só se preocupou em fazer face às manobras de Leopoldo Graça, dirigidas abertamente contra o “fanatismo” de Padre Luís e, às escondidas, contra ele próprio em sua autoridade de reitor. Nas rodas que frequentava, nas antecâmaras eclesiásticas onde continuava a ser recebido como um dos baluartes católicos do país, Leopoldo Graça não se cansava de denunciar os abusos que o “histerismo” de um padre inculto e atrasado estabelecera no seio de um dos colégios mais conceituados do Rio, com a cumplicidade sentimental do próprio reitor do estabelecimento. O fato era tão mais lastimável quanto ele, Doutor Graça, na sua dupla qualidade de médico e de amigo da verdadeira religião, já procurara intervir várias vezes, auxiliado aliás por elementos do clero, esclarecidos e vigilantes no interesse da Igreja. Citava, então, diversos nomes de sacerdotes, alguns dos quais apenas tinham ouvido falar de Padre Luís através de suas referências, mas cujos testemunhos eram trazidos à baila como se tivessem, realmente, opinião formada sobre o assunto. É verdade que, sempre que havia necessidade de um testemunho preciso, Leopoldo Graça não se esquecia de sintetizar todos esses nomes num único, quase sempre presente: Padre Ladário. De quando em quando, um outro era acrescentado: Padre Mansueto... Tudo isso fazia espécie a Padre Martinho. Aquilo não podia ser, simplesmente, zelo pela Igreja, defesa de seu bom nome hipoteticamente ameaçado. O cheiro de conspiração, a semelhança com certas intrigas clericais em que ele próprio uma ou outra vez se vira involuntariamente envolvido, o tom forçado, exagerado, daquelas solitudes, davam para qualquer um

desconfiar, quanto mais ele, que tinha uma longa experiência da vida.

Por que aquelas criaturas se encanzinavam em perseguir Padre Luís, não era fácil compreender. Faziam-no, porém. E com uma violência que, por vezes, dava para assustar. Dir-se-ia que acompanhavam com um ódio particular, sistemático, aquele padre humilde e apagado que, evidentemente, só tinha em vista, em suas ações, a maior glória de Deus. Ora, a gravidade do seu caso íntimo tornava aquela conspiração altamente inoportuna, de tal modo prejudicial mesmo que ele, reitor, longe de permanecer inativo, tinha vontade de procurar a autoridade eclesiástica e pedir-lhe que pusesse fim, quanto antes, àquela campanha absurda, sobretudo àqueles mexericos e pequenas intriguinhas que eram indignos das pessoas que os faziam.

Pelo que o atingia pessoalmente, pouco ou nada se importava. O reitor do Colégio Santo André, que fora procurado em sua qualidade de amigo comum das partes litigantes, avisara-o do perigo que corria. Já agora, o grande clínico começava a responsabilizar sua fraqueza disciplinar pelos excessos a que Padre Luís chegara. Acusava-o com moderação, reconhecendo a retidão da sua conduta, as boas intenções que o animavam. Não deixava, por isso, de denunciá-lo. Incapaz de tomar uma decisão nos momentos graves, permitira que o mal se agravasse. Agora, diante da necessidade de uma medida radical, recuava por pusilanimidade, talvez mesmo por um certo partidarismo inerente à sua natureza de padre.

Nada disso abalava a firmeza da orientação de Padre Martinho. Não seria ele a se preocupar com a leviandade daquelas acusações. Dissessem, dele, o que bem entendessem. Saber-se-ia se defender no momento azado, porque tinha certeza de estar agindo bem, de acordo com sua consciência, tendo em vista, apenas, os interesses da religião, de Deus e da Igreja Católica. De mais a mais, que podiam fazer contra ele? Nada ambicionava, jamais ambicionara coisa alguma. Aquele posto que ocupava equivalia a sacrifício, a sofrimento. Tirassem-no dali quando julgassem conveniente. Sentir-se-ia tão aliviado que nem queria pensar nesse dia de tranquilidade e repouso, verdadeira tentação para seu espírito.

Outra coisa, porém, era aceitar que criaturas desorientadas, quem sabe mesmo movidas por algum segredo mau impulso, dirigissem contra o destino já tão ameaçado de Padre Luís o fogo de suas palavras tendenciosas, de suas pérfidas insinuações, de todo aquele fel mal dissimulado, deformador da realidade. Principalmente, essa realidade sendo, como era, grave, difícil de ser enfrentada. Por certo, naquele momento, no assalto que o demônio empreendera, aqueles homens,

cegos e imprudentes, estavam colaborando de um modo que, provavelmente, os estarreceria de horror, se acaso o pudessem avaliar, ou mesmo suspeitar.

Essas penosas considerações absorviam de tal forma a atenção de Padre Martinho que não é muito de admirar que se tivesse deixado ofuscar pelo desenvolvimento mais ou menos favorável da luta exterior, quando o conflito interno, por mais latente que estivesse, deveria centralizar seu cuidado. E, só assim setembro pôde chegar a seu fim sem que uma nova conversa íntima tivesse lugar entre ele e Padre Luís...

•

Foi com o princípio de outubro e a carta de Sílvio que a crise de Padre Luís se precipitou, mergulhando-o, da noite para o dia, no clima de dúvida e angústia de um mês antes. Que certos fatos então ocorridos, como a confissão de Maria Inês, o fracasso da nova investida junto a Vanda e a visita de Branco, tivessem contribuído muito para isso, nenhuma dúvida. Permanece, no entanto, inegável que tudo partiu do envelope pardacento que veio ter às suas mãos naquela manhã quase sem luz e sem esperança que espalhou uma tristeza geral em todos os corações aflitos.

Reconhecendo a letra de Sílvio, Padre Luís teve o pressentimento de que, dali, nada de bom podia sair. Naturalmente, não sei explicar os motivos dessa sua súbita intuição. O aspecto desagradável, ordinário, do envelope, grande e sujo? Seu pessimismo natural, que já o fazia esperar notícias más de Sílvio? O tom acinzentado e morto da manhã que, por si só, inclinava à tristeza? Um pouco de tudo isso? Julgo difícil determinar com precisão. Pressentimentos são, e continuarão a ser pressentimentos, qualquer que seja o grau de análise psicológica que se consiga atingir. Olhamos e adivinhamos. Olhamos e compreendemos. Olhamos e sabemos, num instante, o que milhões de criaturas, em milhões de anos de esforço, jamais conseguirão descobrir. Acaso? Um sentido novo, desconhecido? Penetração do divino em nós, participação fugaz em segredos que, de comum, nos são vedados? É provável que não se consiga nunca chegar a uma conclusão, a esse respeito. Contudo, a existência de pressentimentos perdura. E não foi outra coisa o que se deu quando Padre Luís teve, em suas mãos, a carta de Sílvio. Os dedos já tremiam ao segurá-la, foi sofregamente que rasgou o envelope.

Ao contrário da anterior, a missiva era longa e escrita numa letra miúda e caprichada, claramente denunciadora de esforço, de cuidadosa aplicação. Podia-se garantir mesmo: existira um rascunho, de onde tinham sido copiadas aquelas páginas. Para quem conhecesse Sílvio, já

isso bastava para assustar. O contexto fora estudado, meditado. Quem sabe até, quantos sentimentos, quantos gritos espontâneos tinham sido abafados ou mesmo modificados... As generalidades com que Sílvio começava não interessavam a Padre Luís.

Leu-as por alto, certo de que aqueles detalhes eram um mero primórdio para o essencial que não podia tardar. O rapaz falava do tempo, das belezas da fazenda do tio, insistia na dificuldade de manter qualquer correspondência seguida em virtude da irregularidade do correio naquelas paragens tão distantes, desculpando-se assim por não ter respondido logo à carta recebida uns quinze dias antes. E o padre lia, corria os olhos, ansioso por saber o que lhe mandava dizer de realmente importante nas páginas que ainda restavam para ler.

Não tardou que tudo se patenteasse a seus olhos. As linhas sumiam diante dele e a realidade ia ficando clara, cristalina na sua dolorosa crueldade. Não havia como fugir a constatá-la. Era só ler e compreender.

Antes de mais nada, Sílvio agradecia a Padre Luís o interesse invulgar que tomara pelo seu caso. Sabia bem que jamais poderia lhe ser suficientemente grato pelo que fizera por ocasião da sua expulsão do Colégio. Acrescia que, como se isso não bastasse, ainda se lembrara dele, ainda viera procurá-lo na fazenda, trazendo-lhe a palavra do consolo e da indicação do bom caminho. Agradecia de coração, agradecia com o reconhecimento banhado em lágrimas dos seres que nunca tiveram ninguém que se interessasse por eles. Justamente por isso, queria, tinha a obrigação de ser inteiramente sincero, ali naquela carta. Sim, inteira, impiedosamente sincero. Uma mentira, ou uma simples dissimulação da verdade, equivaleria a uma desonestidade moral. Não seria ele a praticá-la.

Queria, portanto, dizer-lhe a verdade completa. Sabia que o ia decepcionar um pouco, mas era preferível assim. Sua conversão não passara de um instante de exaltação, sem dia seguinte, sem nenhuma raiz profunda em sua natureza. Fora perfeitamente sincero, no momento. Podia jurá-lo. E esperava que o padre acreditasse naquilo sem dificuldade. Hoje porém, acompanhando o desenvolvimento dos fatos, não tinha a menor dúvida em explicar tudo pela exaltação nervosa em que então vivia. O “acesso místico” passara. E ao contato da natureza, das realidades da vida quotidiana da fazenda, compreendera quanto fora errada a pista em que tinha se lançado. Fora um minuto de êxtase. E nada mais. Aliás, Leopoldo Graça lhe explicara tudo perfeitamente. Assim como o avô, ele estivera doente naquela época — apenas, de um modo muito menos grave. O avô ainda continuava, e havia poucas, bem poucas esperanças de que conseguissem lhe restituir a razão. Ele, não.

Moço ainda, embora de saúde delicada, reagira a tempo, deixara os fantasmas pelo que havia de vivo e sadio em sua natureza. Ainda se lembrava da conversa que o grande médico católico tivera com ele, dias antes da sua partida, e podia garantir: nada lhe fizera mais bem do que suas palavras corajosas e sábias, integralmente realistas.

Sim, sim — pensava Padre Luís —, Leopoldo Graça não podia deixar de estar metido em tudo aquilo. O “grande médico católico”, ao se despedir do seu “pequeno e delicado paciente”, plantara bem cuidadosamente uma semente que fora germinar mais tarde, justo no momento oportuno. Mas, afinal, quem era aquele Leopoldo Graça? Por que, católico, dizendo-se católico pelo menos, agia daquele modo? Estaria mesmo convencido de estar cumprindo seu dever profissional? Ou queria apenas prejudicar, e para isso se disfarçava, para melhor poder destruir? Nesse caso, porém, quem era ele ao certo? Ao serviço de quem se arrolara? E, quem sabe, não proviria tudo aquilo do fato de ele estar escondendo alguma coisa do que dizia respeito aos últimos instantes de existência de Armando Paiva?... Não era isso, todavia, o que interessava estabelecer naquele instante. Apenas, continuar a seguir as acabrunhantes revelações de Sílvio. Na fazenda, depois de dias de absoluta frieza religiosa (e já fora mais ou menos nesse clima que lhe escrevera a primeira carta), compreendera tudo: desorientado, abandonado por todos, necessitando de um apoio qualquer como se precisa de luz, ar ou alimento, lançara-se nos braços da religião como o único e eterno recurso. Fora, aliás, um momento de esplendor de que nunca se esqueceria. Pensara encontrar a salvação, exaltara-se, vivera horas intensíssimas. Dias mais tarde, como já dissera, nada subsistia de toda aquela glória. No momento mesmo, era como se nunca tivesse existido o episódio do Rio. Esquecera os amigos, esquecera o Colégio, esquecera os dias de exaltação religiosa. Quando muito, de tempos em tempos, voltavam-lhe à memória, persistentes, teimosas, expressões do velho avô já louco ouvindo as mesmas músicas de dias, de semanas antes, de quando ainda era são. Pobre velho, que estaria se passando em sua cabeça naquele instante? E Padre Luís deixava de novo a carta de lado para pensar, com Sílvio, sobre o que estaria sucedendo ao velho Sezefredo Iberê. Em que mundos se teria perdido? Que visões haviam sido as últimas de sua vida consciente? Teria conseguido penetrar em certas realidades que, ao comum dos homens, era vedado conhecer? Ou estaria apenas mergulhado num caos de sons e formas que o perseguiriam incansavelmente? Que vida vivera? Que significação podia ter aquele seu enlouquecimento num apartamento sombrio, num fim de existência sem alegria, sem nenhuma compensação terrena? Era em vida que se começava a pagar? Ou não se tratava de um destino e tudo fora apenas acidental, mero acaso desgraçado esquecido na noite dos acasos

desgraçados?... A ideia perturbou o padre a tal ponto que instintivamente voltou à carta. As mesmas palavras desalentadoras prosseguiram, agora mais pessoais, talvez mais contundentes. Na verdade, não era só do velho avô que Sílvio se lembrava. Lembrava-se de Mônica, em certos dias de recaídas melancólicas — e essa ponte lançada para o futuro, Padre Luís não a percebeu —, e lembrava-se também dele, Padre Luís, não poucas vezes. É certo — e sua honestidade o obrigava a confessá-lo logo — que não o evocava como padre, como pessoa de cujo auxílio sobrenatural pudesse precisar. Apenas, como amigo, sincero e generoso, que o fora espontaneamente procurar no período mais crítico que já atravessara. O padre, esse, jazia esquecido, sepultado na memória. Era um inútil em sua vida pacata e sem problemas. E não acreditava que o deixasse de ser, pois não pretendia imprimir outra direção à existência que se abria diante dele. Gostara tanto da fazenda, que tão cedo não pretendia tornar à cidade. De qualquer forma, de quando em quando, teria o maior prazer em lhe escrever, agradecendo-lhe mais uma vez, do fundo do coração, tudo o que fizera por ele, pela sua salvação e para atenuar um pouco a injustiça da sorte cruel que, por algum tempo, parecera lhe ter sido reservada.

A carta terminava assim. E Padre Luís sabia que não havia como mudá-la. Ler de novo, ler várias vezes, de nada adiantava. Tentar se iludir, muito menos. As frases eram grandiloquentes, traíam logo a idade do missivista, pediam considerações particulares, mas não era possível fugir ao reconhecimento da mensagem que condicionavam: aquela alma se fechara, não ouvindo mais nada dos sinais que Deus tentava fazer chegar até ela. Então, de que lhe servia, na fazenda, tanta natureza à volta? Vales, riachos, cachoeiras, montanhas, nuvens nos céus, noites enluaradas, pássaros nas árvores, a criação ciscando no terreiro, grilos na mata, a janela aberta à noite sobre a amplidão estrelada, que valia tudo isso? Para esconder Deus? Para levar o espírito à conclusão de que as palavras apodrecidas de Leopoldo Graça eram as certas, as que podiam trazer a tranquilidade, banhar de felicidade os dias a serem vividos? Mas, se a natureza só acarretava indiferença, apatia religiosa, as recordações, as eternas e indomáveis recordações, seriam elas de maior valor? Acaso produziam um benefício qualquer? Ao pensar no velho avô perdido no mundo dos sons e sem contato mais com a realidade, acaso Sílvio compreendia alguma coisa ou caminhava um milímetro que fosse nesse sentido? Ou quando, ao pensar nele, Padre Luís, separava o padre do amigo, apegando-se unicamente ao último, acaso sabia o que fazia, o mal que talvez estivesse desencadeando no mundo somente por causa dessa palavra louca? E em Heitor Torres, a sombra que ainda se projetava sobre sua vida de adolescente sensível e dedicado, por que não falava nem uma só vez ao longo de todas aquelas linhas? Excitado,

Padre Luís raciocinava, discutia. Era a exaltação. Era a reabertura de todas as chagas. Era novamente o abandono no declive do abismo. No entanto, sabia perfeitamente que devia resistir, reagindo de todos os modos ao desencadear daquela torrente de indagações perigosas e delirantemente desnorteadas.

Naquele instante de tentação e descuido, de quase abandono, onde, porém, a força para dizer não, para gritar por socorro? Quando Padre Martinho o encontrar, horas depois, já de volta do confessionário que Maria Inês acabou de deixar, será tarde. Uma nova fase da crise terá começado e não estará mais em suas mãos detê-la, a não ser lançando mão do recurso extremo de afastá-lo do Rio...

•

A confissão de Maria Inês fora rápida. Pecados sem maior importância, arrependimento completo. Todavia, logo em seguida — verdadeira razão da sua presença ali —, relatara a decisão tomada na véspera. Padre Luís tivesse paciência: não agia impensadamente. Meditara muito sobre cada uma das palavras que ouvira de sua boca na última confissão. Tentara de todas as formas contornar as dificuldades, isto é: não ver, não ouvir, não saber. Esforçara-se por compreender e auxiliar Pedro. Fizera tudo, tudo que estava a seu alcance. Esbarrara, porém, na má vontade sistemática do marido, obstinadamente cínico, não aceitando sua mão estendida, zombando do seu sorriso amigo, enganando-a sempre e sempre com um despudor cuja única finalidade parecia ser a de pô-la fora de si.

Conseguira-o, na véspera. Ficara exasperada, dissera coisas de que se arrependera depois. Tarde demais. Por seu lado, Pedro não ficara atrás, respondendo no mesmo tom. A discussão fora mais violenta do que as anteriores. Também desnorteado, o marido acabara gritando que o deixasse em paz, posto que queria viver sua vida livremente. Se ela quisesse continuar junto dele daquele modo, muito bem. Se não, fosse morar com o pai ou com quem bem entendesse. Preferia evitar o escândalo de uma separação. Não seria esse receio, entretanto, que o iria tolher em sua liberdade. Tomasse, portanto, uma decisão. E não o importunasse mais com suas queixas informúladas e seus inúteis conselhos de sacristia.

Assim, ela, depois de refletir muito, chegara à conclusão de que não podia mais ficar com o marido. Seria a última das humilhações, inútil e, até, contraproducente. Lastimava ter de desobedecer a ele, Padre Luís, mas não suportava mais a existência que lhe impunham. Faltava-lhe ar, transformara-se numa questão de vida ou morte. Tinha de tomar aquela

atitude. E no dia seguinte mesmo.

Até esse momento, o padre ouvira Maria Inês sem interrompê-la. As últimas afirmações, altivas, quase provocadoras, levaram-no a perguntar:

— Minha filha, se sua decisão já está tomada desse modo tão inabalável, para que foi que você veio me contar tudo isso? Só para me deixar informado de que fui desobedecido?... Confusa, Maria Inês não soube o que responder. Padre Luís repisou:

— Eu compreenderia que você viesse me pedir um conselho... mesmo não o seguindo, depois. Mas, comunicar uma resolução dessas? Afinal, com que fim?

— Não sei, padre. Apenas, não quis fazer nada sem antes vir lhe dizer. Me pareceu que não era direito...

— Direito?! — interrompeu Padre Luís com energia.

— Sim, por que essas considerações de direito e errado, em relação a mim, quando o ato que você vai praticar é um tremendo erro? Que signifique eu, nisso tudo? É você, minha filha, é seu marido, é a salvação de duas almas que tem importância... Maria Inês abaixou a cabeça. Sentia-se quase envergonhada. Para poder dizer alguma coisa, murmurou:

— Padre, não posso agir de outro modo.

— Diga antes: não quero. É melhor, é mais sincero.

— Mas não posso continuar junto de Pedro! Não posso!

— Por pior que seja o posto recebido, não se foge. Isto é: quando se é soldado, verdadeiro soldado... e não desertor.

— Desertor, padre? O senhor quis dizer que estou desertando? Foi sem a menor vacilação que Padre Luís fulminou:

— Você vai desertar no momento do maior perigo, quando sua presença era mais necessária e todos esperavam...

— Todos, quem?

— Ora, minha filha, todos... Eu, os pais de Pedro, Pedro ele próprio.

— Pedro?! — exclamou Maria Inês com real surpresa.

Padre Luís não pôde esconder um pequeno movimento de impaciência.

Concluiu, contudo, como se nada tivesse ouvido:

— Em resumo e para evitar qualquer enumeração de nomes: Deus.

— Deus?

— Sim. Preciso confirmar? Claro que Deus esperava que você não abandonasse seu posto.

— Como o senhor pode saber? — terminou por perguntar Maria Inês, depois de alguns segundos de indecisão.

O padre sorriu, contrafeito. Invencivelmente, a recordação de certas palavras do reitor veio perturbar o curso do seu pensamento e ele apenas respondeu:

— É evidente. Era o seu momento...

— O meu momento? Como assim? De novo, houve vacilação em Padre Luís. Mas, a certeza de que Maria Inês o entenderia fê-lo falar logo:

— Todos nós temos na vida, independentemente dos sofrimentos que alternam com os prazeres, os nossos grandes momentos de provação. É como se fôssemos chamados para dizer diante de Deus, e antes do Juízo Final, o nosso nome completo, esse verdadeiro retrato de nós mesmos que só Deus pode identificar. Esse me parece ser o instante a que você chegou. Deus está lhe perguntando qual é o seu nome, o seu nome completo, despido de todos os preconceitos e vaidades humanas. E eis que você foge a responder, dando um nome suposto, alegando razões de fraqueza, comodidade e covardia...

— Eu não tenho forças para fazer outra coisa — gemeu Maria Inês por detrás das grades do confessionário.

— Não se trata de nada disso — objetou logo Padre Luís.

— Quem indagou de sua vontade, de sua força? Alguém perguntou: você quer, você pode, você aguenta? Não. Apenas, alguém ordenou: fique em seu posto, cumpra seu dever de esposa. Que importância tem o resto? Sofrimento, humilhações, dias e noites de angústia, vergonhas públicas, decepções, mentiras... Diante do crescendo do padre, Maria Inês se achou no direito de protestar:

— Padre, é um retrato de heroína, o que o senhor está pintando. Quem existe, porém, sou eu... que nada tenho disso, que sou fraca, covarde diante do sofrimento.

Ainda uma vez, a hesitação visitou o confessor. Não sabia o efeito que as palavras que lhe tinham ocorrido podiam ter sobre sua penitente. No

entanto, depois de alguns instantes de reflexão, resolveu falar:

— Você não é heroína? Pois bem, escute: houve um grande pensador católico, um mestre, que disse: “Todo cristão sem heroísmo é um porco”. A expressão é um pouco rude, concordo. Mas, perfeitamente verdadeira. Nossa religião, minha filha, é essencialmente uma religião de heroísmo, de sacrifícios pesados. Sobretudo, quando nos vemos, como nesse seu caso, em situações particulares, graves. E eu creio... Insensivelmente, Padre Luís se deteve. A frase anterior ainda absorvia toda a sua atenção, de tal modo focalizara, sem querer, seu próprio problema.

Sentindo o peso do silêncio formado, prosseguiu sem demora:

— E espero que você reflita melhor em tudo isso antes de dar esse passo louco.

— Posso fazer — concedeu logo Maria Inês —, mas não creio que isso vá modificar em nada minha atitude.

— Então, escusa de refletir. Se você já prejulga...

— Não é, padre. Apenas, eu me conheço e já pensei muito, noites, dias a fio, sobre tudo isso. Pelo menos, quero tentar esse caminho novo... Dessa vez, foi a visão de Ângela que passou diante do padre. Tentar, tentar... De onde partira a desgraça de Ângela, senão daquela ideia absurda? Experimentar e, depois, procurar corrigir. Sim, quando já era tarde e toda a sua existência estava irremediavelmente estragada. Agora, sob outro ângulo, Maria Inês queria reeditar a mesma triste e catastrófica experiência. Afastar-se do marido, largá-lo de mão, fazer como se nada existisse entre eles. E depois? Ah, sim, mais tarde, se resolvesse voltar atrás, tudo se arranjaría miraculosamente... Foram inúteis todos os avisos, como tinham sido todas as admoestações anteriores. Na verdade, aquela mulher não viera pedir conselhos, nem estava em busca de esclarecimentos. No fundo do coração, já decidira. Agora, só Deus podia intervir satisfatoriamente. Qualquer palavra batia de encontro e morria junto a um muro de incalculável resistência. Tempo perdido, esforço inútil. Parecia mesmo que cada novo argumento só fazia reforçar o partido-tomado inicial.

Assim, não obstante sua promessa de meditar sobre todos aqueles pontos, depois de ter rezado a penitência recebida e pedido a Deus que a esclarecesse e iluminasse, foi sem a menor esperança de sucesso que Padre Luís viu Maria Inês sair do confessionário. Parecia-lhe mesmo já estar adivinhando, nas suas mãos finas e bem tratadas, a febril agitação com que, horas depois, iria arrumar a maleta com a qual partiria,

naquela tarde mesma, para junto de seu pai.

•

O desânimo em que a carta de Sílvio e a confissão de Maria Inês deixaram Padre Luís poderia ter sido atenuado com a ida à casa de Vanda e com a visita de Branco, sobrevinda no dia seguinte. Tudo indicava que a presença de Branco, que o padre já não via há alguns meses, trouxesse grandes alegrias a seu coração. Ou que, pelo menos, longe de colaborar na crise desencadeada, só fizesse amenizá-la.

Acontece, porém, que, em certos momentos de nossa existência, quando o destino parece se encarniçar contra nós, querendo forçar-nos a gritar de revolta e de dor, tudo o que sucede nos é prejudicial, fatal mesmo, sob certos pontos de vista. Não importa que seja, ou pareça ser, uma coisa inocente, anódina. Agindo sobre nós, agiganta-se, tornando-se logo de uma gravidade sem par. Penetra, machuca, dilacera, deixa-nos escravos do fato sucedido. As consequências tornam-se imprevisíveis. De qualquer modo, radicalmente diferentes daquelas que, em condições normais, os acontecimentos determinam. E, assim, os bons encontros se transformam em encontros catastróficos, com a mesma facilidade com que companhias funestas vivem horas e horas ao nosso lado sem alterar nossa paz de espírito.

Tudo começou, aliás, com a ida à casa de Vanda. De início, Padre Luís planejava não só essa visita como uma outra, a Leopoldo Graça, a fim de ter com ele a conversa que a cada hora se tornava mais inadiável. O cansaço o vencera, todavia. Era sua primeira saída desde que adoecera. Em consequência, resolveu ir apenas verificar se a semente que lançara semanas antes na alma de Vanda já dera algum fruto. No dia seguinte, procuraria Leopoldo Graça.

Em casa dos Fernandes, foi atendido por dona Teresa, mas não conseguiu ver Vanda. Não estava de cama, mas sentia-se muito fatigada para recebê-lo. Desculpasse, ela mesma o iria visitar no Colégio num outro dia.

Padre Luís compreendeu. Ou julgou compreender. A semente não frutificara, Vanda se apegara ao primeiro pretexto para evitar uma conversa a que se recusava por mágoa ou por indiferentismo. Preferia não o ver, não ser perturbada em sua tranquilidade de pecadora satisfeita consigo mesma. Ele não era pessoa de cerimônia. Se tivesse algum interesse em falar-lhe, haveria de recebê-lo no quarto, deitada, como estivesse... A lembrança de Armando, de tudo o que de ruim o “mundo” tinha feito contra eles dois, encheria naquela alma todo o

espaço disponível? Ou se trataria, apenas, do simples e habitual fracasso daquelas suas tentativas? Por certo, tornaria a insistir, mas, se realmente não quisesse vê-lo, de que serviria? Era capaz até de piorar a situação. Antes esperar, continuar esperando.

Voltou decepcionado, cabisbaixo. Horas depois, a visita de Branco, longe de trazer o consolo que era de prever, só veio perturbá-lo mais. Naturalmente, isso se deu sem a menor participação do rapaz, que ignorava mais ou menos tudo o que estava se passando com ele.

Soubera de sua doença por acaso. André ouvira dizer que não andava “muito certo” da cabeça. Tanto assim que várias pessoas, entre as quais diversos sacerdotes, se tinham posto a pedir providências enérgicas. Alegavam que, muito nervoso, adoentado, estava se excedendo, exagerando os cuidados pelas almas de seus penitentes, querendo mesmo forçá-los a seguir o caminho do bem. André levava mais longe a indagação, e acreditava que algum fundamento devia haver naquilo tudo, pois, na verdade, o padre estava de cama, doente... Então, Branco resolvera procurá-lo. Contudo, quando pusera em execução o projeto, naquela tarde, já Padre Luís estava de pé há vários dias, quase inteiramente restabelecido. Como ainda fossem visíveis certos sinais de doença, Branco não escondeu os motivos de sua visita.

Padre Luís o tranquilizou logo. Estivera de cama, realmente. Talvez alguma moléstia ainda mal estudada, talvez um simples cansaço proveniente de esforços mentais excessivos para a debilidade de sua natureza. De um modo ou de outro, tivera de se acamar durante alguns dias. Estava bom, porém. Aos poucos ia retomando todas as suas atividades. Já saíra naquele dia. Dentro em pouco, nem mais se lembraria de que estivera doente.

Branco pensou em indagar o que havia de verdade nas notícias sobre a campanha movida contra ele. Acabou resolvendo não perguntar nada e passou para a análise do seu próprio caso.

Talvez, se Branco não houvesse mudado de assunto tão rapidamente, Padre Luís tivesse se aberto com ele. E então, quem sabe, disso teria advindo algum bem para ambos. No entanto, o egoísmo e a euforia do rapaz de vinte anos que tinha seus problemas para expor e comentar, não podiam esperar mais de alguns minutos. Branco tinha de falar de si. Tinha de pôr a nu a ferida que o fazia viver. Por maior que fosse o cuidado ou o interesse por Padre Luís, sua própria batalha passava antes, absorvendo a quase totalidade da atenção disponível. O resto ficava esquecido, relegado entre as coisas das quais só se cuida quando se é diretamente solicitado nesse sentido.

Não foi, contudo, o caso de Branco em si o que mais desnortou o padre naquela conversa. Branco, ele já o conhecia bem e sabia mais ou menos as dificuldades que atravessava. Nada podia fazer por ele, como aliás ninguém podia, humanamente falando. E até onde aquele seu desespero antisssexual, aquela onda de revolta contra a aceitação da natureza, na sua inevitável miséria, iria levá-lo, Padre Luís, felizmente para ele, não o pressentiu naquela tarde de outubro, não obstante tivessem conversado longo tempo.

Na verdade, o que provocou em Padre Luís a reação mais séria foram as notícias de amigos comuns que Branco lhe transmitiu, especialmente as relativas a Ivo e a Alfredo. No caso de Alfredo, sobretudo, o choque foi terrível e o padre mal o pôde disfarçar.

Sobre Ivo, Branco não lhe adiantou nada que não soubesse ou que, pelo menos, não previsse. Talvez mesmo pudesse se dizer melhor informado, pois ali onde Branco apenas pressentia, como no caso do casamento de Lourdes com João Graça, ele, Padre Luís, sabia de tudo com abundância de detalhes.

Branco não fez portanto senão confirmar o que o padre temia: Ivo atravessava uma crise violenta, evitando todos, quase desaparecido de casa, bebendo, mergulhando cada vez mais sordidamente na vida lamacenta a que se habituara. Temia por ele, temia pelo seu futuro. Amigara-se, tempos antes, com uma mulher incrível que o explorava e de que era provável que ainda não tivesse se libertado, não obstante as brigas entre eles serem constantes e violentas. Nesse caminho, descendo daquele modo vertiginoso, que seria de Ivo? Onde não iria parar? E como não era pessoa para isso — argumentava Branco —, não deixava de ser possível um desenlace desastroso... Invencivelmente, a imagem de Armando se desenhava na imaginação de ambos. O movimento de recuo foi simultâneo. Pensando melhorar, Branco falou de Alfredo e o padre aceitou sem demora o novo rumo da conversa.

Padre Luís sabia? Alfredo partira dias antes para a fazenda do padrinho, no interior de Minas. Às gargalhadas, em noites de grande farra e bebedeira, despedira-se dos amigos dizendo, como de costume, que ia se matar, que um dia, passados seis meses, um ano, quando menos esperassem, receberiam a notícia do seu afogamento. Ninguém o levava a sério, naturalmente. Nem ele próprio, Branco, que, no entanto, sempre acreditara em sua intenção de se suicidar. Agora, porém, Alfredo parecia contente, reconciliado com a vida. E por que iria partir para uma fazenda, em Minas, se tivesse realmente aquele intuito? A não ser que estivesse disfarçando e sua alegria fosse falsa. Não acreditava, porém. Mas, seria que Padre Luís não era da mesma opinião, receando

alguma coisa?... Realmente, a expressão de Padre Luís era de espanto e medo. E não havia como disfarçá-la. Assim Branco começara a falar, percebera a gravidade da situação. Depois, cada palavra nova só fizera confirmar suas suposições. Sem ter voltado ao confessional, Alfredo partira. Conclusão: tendo resolvido pôr fim à vida, segundo o plano diabólico que lhe expusera, evitara qualquer contato com ele. E partira. Sem dizer nada! Sem lhe escrever sequer uma linha! Como se não contasse, como se não o tivesse ouvido em confissão! Riscara-o, abstraíra de tudo quanto lhe dissera, atirando-se para a sedução da morte como se Deus não existisse e o existir fosse apenas um capricho de viventes que querem ou não querem viver! Apesar da sua aflição, Padre Luís tranquilizou Branco como pôde. Para que inquietá-lo, se não lhe podia revelar nem uma só palavra do que ouvira debaixo da garantia do sigilo confessional? Antes mentir um pouco, disfarçar sua perturbação e deixá-lo na ilusão de que Alfredo mudara de planos, indo buscar junto à natureza um auxílio eficaz. Pediu-lhe que lhe arranjasse o endereço de Alfredo e, assim o pôde, desviou a conversa para outro assunto.

Não se prolongou por muito tempo a visita. Receando cansar o convalescente, Branco se retirou pouco depois, prometendo voltar três ou quatro dias mais tarde para uma conversa mais longa. Padre Luís se desculpou de não o acompanhar até o portão. Ali mesmo onde o via, naquela cama onde se sentara pouco antes, ficaria por mais algum tempo. Voltara da rua fatigado. Não pensasse que o cansaço fora proveniente da animação que demonstrara na conversa. Era evidente, porém, que só dizia aquilo por amabilidade e Branco, sem saber a que atribuir aquela reação, julgou mais prudente se retirar logo.

Da porta, ainda lançou sobre o padre um olhar curioso, cheio de simpatia. E raciocinou que não devia haver nada, a não ser fadiga. Iria embora e voltaria na outra semana. Do que estava na iminência de suceder, de tudo quanto ameaçava Padre Luís, nem um momento a suspeita passou pela sua cabeça. Sorriu e desapareceu pela porta entreaberta.

•

À noite, no silêncio do quarto, depois de ter examinado com seriedade a hipótese de largar tudo de mão e partir no dia seguinte mesmo para Minas, à procura de Alfredo, a mais cruel das dúvidas assaltou Padre Luís: afinal, quem sabe não seria ele realmente culpado por todos aqueles insucessos? Por piedade, para evitar que se desesperasse, o reitor, na sua imensa bondade, o estaria iludindo durante todo aquele tempo. Inutilmente, porém. Sua responsabilidade não podia ser negada, uma vez

que todos aqueles testemunhos vinham falar no mesmo sentido.

Ainda naquele dia, de uma forma impressionante, tinham chegado até ele três provas concludentes. Maria Inês, Sílvio, Alfredo, sem falar no velho caso de Ivo, surgido agora sob um aspecto agravado, e no de Vanda, em relação ao qual era prematuro falar. Não obstante tudo o que lhe aconselhara em contrário, Maria Inês ia abandonar o marido. Por seu lado, Sílvio escrevia confessando que se tornara mais ou menos insensível à palavra divina, evidenciando quão falsa fora sua ilusão de o ter convertido um dia, de se ter produzido um milagre a seu rogo. Por fim, sabia por intermédio de Branco que Alfredo partira para a fazenda sem o ter procurado, como se as palavras que lhe dirigira, na última confissão, não passassem de mera formalidade. Ora, enquanto isso, Vanda se recusava a recebê-lo e Ivo se atolava cada vez mais no pantanal da sua vida de pecado, de nada lhe tendo servido a experiência do reencontro com Lourdes.

Padre Martinho podia falar em confiança e resignação. Mas, como não desanimar quando via sua ação redundar sempre em fracassos daquela amplitude? Fé na Providência, claro que tinha! Bem diferente, porém, era aceitar, era cruzar os braços. Se o reitor estivesse ali naquele momento, gostaria de poder lhe perguntar: “Mas, padre reitor, será que vamos ficar parados, inativos, esperando, esperando, quando o que vemos à nossa volta é o triunfo dos maus, do pecado — as piores ordinariças sendo toleradas, quase que premiadas pelo mundo, pelos propostos do Senhor das trevas?...”.

Dessa vez, o que lhe responderia Padre Martinho? Seria que o iria chamar de novo de anjo de pedra, a ele, que queria viver acordado, ativo, participante da grande obra de salvação das almas? A ele, que não cessava de se lembrar da ameaça de São Paulo: “Ai de mim, se eu não evangelizar!”?... Não, não previa o que o reitor podia lhe objetar. Mesmo que o chamasse de anjo de pedra, teria o que alegar em defesa própria: “Sim, padre reitor”, diria com humildade, “há em mim um anjo de pedra e é preciso despertá-lo. Mas, vejo um outro anjo de pedra, muito maior, muito mais importante, em quem eu quero fixar meus olhos, esquecido de mim, desprezando meu caso, renunciando a tudo, inclusive à minha própria salvação, para despertá-lo, para salvá-lo: é o mundo, esse mundo que nos rodeia, insensível, indespertável. Só o pecado o emociona, só obedece a um senhor. Mas é preciso atingi-lo em cheio, no seu cerne vivo, perturbá-lo, feri-lo de amor divino. Ele, ele é que é o verdadeiro, o autêntico anjo de pedra. Anjos de pedra como eu, como esse ou aquele pecador, que importam diante dele?”.

O sacrifício se impõe. E Padre Luís não recua. Aceita a

responsabilidade, sabe os perigos que corre. São imensos. No entanto, a perdição do mundo está gritando e não pode se recusar a combatê-la com todas as suas forças. E no caminho onde sente seus passos invencivelmente grudados. Aquelas almas que foram entregues à sua guarda, ele as defenderá. No dia seguinte mesmo, ou assim que puder, procurará Leopoldo Graça para arrancar de sua obstinação uma palavra inequívoca sobre a morte de Armando. Com o auxílio do próprio Padre Martinho, continuará a luta. Sofrerá, ficará doente, perderá a razão — se preciso for. Não desistirá, porém. Não desertará — como não pode desertar do seu posto cristão algum, sacerdote ou não, apóstolo ou pobre pecador. E, talvez num momento de suprema intuição do seu destino, ao mesmo tempo humilde e grande, as palavras de São Paulo lhe afloram à memória: “Fui crucificado com o Cristo, e se vivo, não sou eu quem vive, é o Cristo que vive em mim...”.

•

A crise era tremenda e Padre Luís sabia que não dispunha de forças para resistir à tentação que se desenhava em sua frente. Deitado na cama, revolvía-se de um lado para outro, sem nem sequer pensar em dormir. De quando em quando, procurava o recurso da oração. Ainda não estava, no entanto, no meio do terço e já uma série de cuidados terrenos invadiam-lhe o pensamento. Nomes de pessoas substituíam o murmurar ritmado do nome de Deus, da Virgem e dos santos. O Professor Souza, Armando, Sílvio, Sérgio, Matilde, Ângela, Alfredo, Matias, Lourdes, Ivo, Ernesto e outros surgiam diante dele, gritando suas chagas, implorando soluções que não lhes podia mais oferecer. Ouvia-os, seguia-os, pedia-lhes que retrocedessem e o auxiliassem em seu transe, mas era inútil porque, sabia bem, nenhum ser humano podia mais nada por ele.

Nesses instantes decisivos que se prolongaram, ora mais intensos, ora menos, pela noite inteira, e até a plena madrugada, ele está nos vendo a nós todos, criaturas pelas quais o Cristo morreu e que o levamos a esse estado lastimável de abandono e sofrimento. Sente-se dilacerado de dúvidas e de angústias pela miséria humana e mergulha os olhos bem fundo em todos os que passam pelo seu pensamento durante essas horas de vigília.

Está vendo Armando, criado por Deus para o amor e para a felicidade, pondo fim à vida num gesto de desespero insensato. Está vendo Ângela, perdida por esse mundo afora, pagando certamente em seu corpo e em seu espírito a loucura de um instante que não pode ser corrigida em virtude das cegueiras e das maldades do coração humano. Está vendo Sílvio que a amizade feriu de morte e, por um momento, pareceu

ressurgir no clarão da verdade divina, logo afundado na triste mediocridade da aceitação e da indiferença. Está vendo Heitor e seus companheiros de turma, promessas radiosas de uma geração diferente, sadia — pobres balões murchos que cedo tinham começado a revelar a fraca altura a que iam viver. Está vendo Sérgio, bom e puro, talvez capaz de atravessar galhardamente as principais passagens subterrâneas da mocidade, miseravelmente sepultado na mais ingrata e venenosa das aventuras, marcado, quem sabe para a vida, pela desgraça do quase-incesto, da responsabilidade indireta numa morte próxima. Está vendo Reni, cercada de carinhos desde o berço e, no entanto, tão maltratada pela adversidade que se transforma num ser de maldade e perversão, destruidora involuntária da felicidade de toda uma família. Está vendo Alfredo, marchando fria, deliberadamente para a morte para se vingar do vazio em que sua vida foi transformada pela inconsequência de meia dúzia de aventuras tolas. Está vendo Matias, feliz no lar, mas louco e desgraçado a ponto de abandoná-lo pela felicidade absurda de uma experiência sexual das mais banais. Está vendo Maria Inês, digna, orgulhosa, descobrindo de repente que foi enganada durante anos e anos pelo cinismo de um marido vulgar, e renegando toda a sua vida íntima para não ter de pactuar com tanta sordidez. Está vendo Ernesto que, de concessão em concessão, atinge os últimos degraus da existência e se recusa, por orgulho, a confessar seu erro, gritando contra Deus como um possesso. Está vendo Ivo, fugindo, sempre fugindo da sua verdadeira natureza, perdido numa ligação miserável, bebendo para esquecer, imprecando para não ter de se matar. Está vendo Lourdes, a fraca e covarde Lourdes, que trai o amor de infância e casa com o homem de quem não gosta realmente por medo e respeito a preconceitos sociais. Está vendo Matilde, ingênua, à mercê da fraqueza dos seus sentidos precoces e aguçados, entregue aos manejos de um conquistador barato. Está vendo o Professor Souza, grande de coração e, no entanto, transformado num simples fugitivo da justiça em consequência da sua escravidão a um escroque de rua, seu senhor pelas impiedosas leis da carne e do vício... Está vendo todas essas criaturas e muitas outras que evoluem durante essa noite de vigília em seu cérebro exacerbado. Está vendo Vanda, Elza, Roberto, Irma, Jorge Monteiro, Pedro, Eliodora, seres todos eles criados por Deus para o bem e para a felicidade — seres desviados pelo demônio para o caminho da desgraça, do próprio esfacelamento, do aniquilamento progressivo e quase sistemático. Contando mais uma vez seus sofrimentos, lastimando o destino que os espera, evoluem diante dele e ele os acompanha com a sua própria experiência de ser humano solidário na dor e na cruz.

Prolonga-se, assim, por horas e horas o inenarrável calvário desse padre a quem as maiores provações começam a chegar. E nenhum ser

sensível, ainda vagamente vivo nesse nosso mundo fantasmal, nenhum existirá que deixe de senti-lo em si mesmo, reconhecendo-o, sob uma forma ou outra, em seu próprio sofrimento pelo sofrimento humano, nessa sua revolta tantas vezes inútil, contrária à ordem divina da Criação. E nenhum existirá, também, que deixe de se curvar diante dele como diante de sua própria chaga, inquieto, humilde, talvez ansiando ter forças para pedir por ele a Deus sem estar pedindo unicamente por si...

X

decisão suprema de mandar Padre Luís para fora do Rio, numa aparência de exílio, o reitor só a tomou depois da intempestiva e ruidosa visita de Padre Luís a Leopoldo Graça, evidente ato de desobediência e sintoma de uma gravidade alarmante. Nem os mexericos crescentes, nem mesmo a crise que manteve Padre Luís de cama por vários dias tinham tido força para impeli-lo a medida tão radical.

Convém, porém, não desfazer na importância que o novo desequilíbrio de Padre Luís assumiu aos seus olhos. Desde o primeiro instante, percebeu que a situação se tornara crítica. A recaída mostrava, claramente, que o padre se tornara escravo de uma cadeia mental de que não podia mais se libertar. Qualquer insucesso, por um pouco maior que fosse, atirava-o nos mesmos abismos de dúvida e desespero, de reação gritante e desarrazoada. E, num perfeito sincronismo, logo a saúde desmoronava, como uma placa sensível que registrasse os mesmos sinais, naturalmente num diapasão diferente.

Assim, compreendeu o reitor que chegara o momento de intervir em sua defesa, livrando sua alma, a qualquer preço, da trama demoníaca que por todos os lados a envolvia. Apenas, era preciso esperar que se restabelecesse um pouco, fisicamente. Não havia de ser naquele estado de abatimento e prostração que poderia compreender. O próprio Doutor Bêje lhe recomendara cuidado: convinha não excitá-lo com discussões inoportunas. Desobrigassem-no das tarefas didáticas, evitassem preocupações e contrariedades. Deixassem-no descansar bastante. E depois, se possível, permitissem-lhe uma cura de uns dois, três meses — algumas semanas no mínimo —, num bom clima. Com os pulmões que tinha, nunca seria demais uma pequena mudança de ares, sobretudo os do Rio ficando para trás.

À espera do restabelecimento ou de uma melhoria sensível, o reitor

permanecera atento. Tinham se passado alguns dias e não se descuidara em absoluto. Mas, eis que naquela manhã, justamente quando lhe parecera descobrir ótimos sintomas em Padre Luís, vira-se diante do pequeno escândalo que fora a sua inopinada visita a Leopoldo Graça...

•

Por certo, Padre Luís sabia que não estava procedendo bem. Apesar de nenhuma proibição positiva ter sido formulada por Padre Martinho, tinha consciência de estar desobedecendo. Quantas vezes já não lhe falara naquele sentido de um modo que não deixava margem para dúvidas? Só mesmo às escondidas, tomando mil precauções para não ser visto por nenhum dos padres do Colégio, é que podia sair e levar avante seu plano. Sabia portanto: estava desobedecendo, estava enganando.

Não podia, contudo, deixar de dar aquele passo — o reitor que o perdoasse, castigando-o depois. Noites e noites, dias inteiros, pensara e repensara naquilo. Só havia aquela solução. Talvez estivesse cedendo a uma tentação. Talvez fosse se arrepender mais tarde. Tinha, porém, de procurar o Doutor Graça, tinha de conversar com ele, tinha de descobrir... Com aquela dúvida, é que não podia continuar a viver. Leopoldo Graça falaria. Nem que fosse à força. Calado, reticente, como se suas perguntas não tivessem a menor importância, é que não iria atravessar a existência. Se sabia alguma coisa dos momentos últimos de Armando, tinha de dizer — diria certamente.

Durante noites a fio, na inquietação da cama e na quase total ausência de orações, Padre Luís meditara, chegando de todas as vezes à mesma conclusão: era naquela morte estranha que residia a chave do enigma que envolvia e dominava o seu destino de sacerdote, de pastor de almas. Que alguma coisa sucedera, que na frente do grande clínico se passara um fato misterioso, decisivo, não tinha mais a menor dúvida. Datava essa intuição do momento em que Eulália lhe falara da medalhinha? Ou daquele em que a relacionara com o ramo de rosas do Cura d'Ars, através da experiência de Reni? Não sabia dizer. Sabia, sim, que tudo o que vinha lhe sucedendo naqueles últimos tempos, a atitude anormal de Leopoldo Graça, sempre à sua volta e sempre procurando persegui-lo, dificultar seus passos como se receasse alguma coisa da sua ação, tudo gritava que os minutos finais da vida de Armando tinham contado, possuíam um sentido que ainda estava vivo no ar que respiravam. Havia momentos mesmo em que os gestos de Leopoldo Graça lhe pareciam todos eles pautados por um acontecimento estranho, inexplicável, genuinamente sobrenatural, e que, talvez por ele não querer ou não poder revelá-lo, envenenava sua existência. Perdia-se então em conjecturas, mas todas elas acabavam se fundindo numa ideia única:

Armando dera sinais de arrependimento, mas o médico, em virtude da posição anteriormente assumida, resolvera ocultá-los de todos. Vaidade de grande autoridade que não admite contestações e se recusa a confessar que errou? Doença mental irrevelada? Insinuação demoníaca, a princípio obedecida cegamente, depois mantida por fraqueza? Tudo era possível. De qualquer modo, em qualquer caso, o importante seria sempre o fato de Leopoldo Graça ter feito silêncio em torno do gesto, negando-o, tornando a negá-lo, enclausurando-se em sua mentira com uma invencível obstinação.

Naturalmente, tratava-se de uma intuição. Faltava confirmar, adquirir certeza absoluta. Por isso, era necessário ir, perguntar, implorar uma resposta, arrancá-la, mesmo à força. Quando lhe descrevesse seu estado, o médico não teria coragem de se recusar a falar. Não ao confessor, não ao padre, mas ao simples homem, ao irmão de sofrimento que vinha lhe pedir auxílio, a sinceridade de uma palavra definitiva. Mesmo que fosse para lhe repetir que Armando morrera sem ter tido o tal instante de consciência e arrependimento.

Dessa vez, porém, com o acento da verdade integral que não pudera ver em nenhuma de suas declarações anteriores.

Não acreditava nessa hipótese. Se Leopoldo Graça falasse, se resolvesse contar o que sabia, diria coisa bem diversa, diria certamente que, no segundo que precedera o instante do chamado divino, o rapaz volvera os olhos para ele — olhos conscientes, olhos suplicantes de compreensão, olhos de apelo para que servisse de intermediário entre ele que morria e as pessoas queridas que deixara, olhos de pedido angustioso para que chamasse um padre para perdoá-lo. Sim, diria que, vendo-o imóvel, petrificado em sua atitude demoníaca, levantara o braço direito e desenhara sobre o peito a cruz do Perdão e do Amor.

Não podia ter sucedido coisa diferente. Armando não morrera sem ter se arrependido, sem ter deixado aos vivos que o rodeavam uma mensagem de reconciliação. A medalhinha de Vanda já não bastava, era preciso mais. O ramo de rosas valia apenas como uma esperança — e era de uma certeza que necessitava. Porque, como acreditar que Armando tivesse partido sem responder, por um gesto que fosse, ao seu apelo de padre, de animador de anjos de pedra? Afinal, era todo o seu destino que estava sendo jogado na descoberta daquele mistério para o qual o demônio parecia ter reservado todas as suas complacências, todas as suas habilidades.

Assim, procurar Leopoldo Graça, obrigá-lo a falar, transformava-se num imperativo de sua vida. Continuar na dúvida era continuar no

inferno, era aceitar o desespero como o clima normal da existência. Mesmo desobedecendo ao reitor, mesmo arriscando muito, iria.

•

Falta coragem a Leopoldo Graça para não receber Padre Luís. Por informação de Padre Ladário, sabia-o doente, física e moralmente. Sua visita, àquela hora da manhã, quando começava a ler sua correspondência, surpreende-o de tal modo que não ousa mandar dizer que não está ou não pode atender. Prefere não se avistar com aquele padre desagradável, perturbador, mas não se sente com o direito de fugir à entrevista. Afinal, quem sabe Padre Luís o está procurando no seu caráter de médico... Não lhe poderá, sob pretexto algum, recusar o serviço profissional. Ou talvez, arrependido de sua atitude em relação ao casamento de João e de Lourdes, vem se desculpar, oferecer qualquer explicação. De qualquer modo, não custa ouvi-lo. Sempre será tempo de pôr fim à conversa no momento em que julgue conveniente.

Ao ver Padre Luís na porta de seu gabinete, pálido, abatido, olheiras cavadas, os braços caídos ao longo da batina traduzindo todo um mundo de desânimo, cuida logo ver confirmadas suas suposições a propósito de um recuo declarado. Enfim cedeu, enfim veio confessar que está errado naquele caminho de incompreensão e fanatismo. Padre Mansueto talvez tenha razão: apesar de tudo, talvez haja muita coisa boa naquela natureza primitiva, intratável. E, quem sabe, ele, Leopoldo Graça, como médico, pode auxiliá-lo a se curar inteiramente, passando a ocupar uma posição normal junto aos seus demais colegas de Ordem? Essa falsa impressão, mesmo depois de Padre Luís ter se sentado e começado a falar, ainda subsiste por algum tempo. De fato, as primeiras palavras do padre são humildes, lamuriantes. Acha-se numa situação grave, perigosa. Recorre a ele, esquecendo tudo o que os separou até aquela data, porque não pode fazer de outro modo. E confia na sua honestidade, no seu amor à verdade. Se o ofendeu por alguma palavra leviana, perdão, cem vezes perdão. Não o deveria ter feito. Não é digno de julgar ninguém. Mesmo assim, pede que não lhe guarde rancor. E não lhe recuse o auxílio de que necessita. Só ele o pode salvar.

Já agora, Leopoldo Graça começa a compreender. À medida que o padre foi falando, veio pressentindo onde queria chegar. Desde o princípio mesmo, houve de quando em quando, em seu olhar, fulgurações de franca anormalidade, sinais de que em absoluto veio para se desculpar ou pedir a indicação de um caminho de recuo. Tudo aquilo não passa de um exórdio que, se não visa despistar ou enganar, seguramente é inútil, puro falatório. Humildade falsa, alegações tendenciosas, protestos de uma boa-fé que não existe. Por que não vai

diretamente onde quer chegar? Por que não fala logo? Assim, não manifesta, nem tem a menor surpresa, quando vê Padre Luís parar em meio de uma frase começada e murmurar, com a voz embargada pela emoção:

— Doutor Graça, acima de tudo, há uma coisa que me adianta saber e, sobre ela, só o senhor pode me dar a informação fundamental.

Que se trata da morte de Armando Paiva, Leopoldo Graça não tem mais a menor dúvida. Lembra-se bem, ainda, do último encontro que tiveram, na tarde do dia do casamento de João. Depois, que outra ideia pode estar mais presente do que aquela, na mente daquele obcecado? No entanto, não é sem um temor estranho que ouve o padre prosseguir:

— Nos últimos instantes de vida de Armando Paiva, que foi que houve? Ele se arrependeu, deu algum sinal? Por favor, diga! Diga! Leopoldo Graça fica imóvel, dir-se-á que petrificado. Rios de fogo percorrem sua alma, torrentes de gelo desabam sobre seu coração, mas permanece exteriormente paralisado, frio como o morto que a vida já criou nele há muito tempo. Vê Armando estendido no leito branco e triste, passa-lhe vertiginosamente pela memória tudo o que tão confusamente sucedeu nos instantes do seu trespassar. E revê a existência diferente, insuspeitada, que veio vivendo desde então. Do fundo da lembrança, acorrem recordações, fragmentos de vida inexplicavelmente relacionados com aquele padre. Revê Sílvio, doente, e revê muitos anos antes, a sua indecisão de ginecologista inexperiente ante os problemas de um parto difícil, calamitoso em suas consequências. Afinal, que responsabilidade teve naquela morte? Nem quer indagar! Revê Marta, revê o seu pequeno Cid, recém-nascido e sem pai perante a lei. Que pode fazer para resolver aquela situação? É melhor nem pensar! Revê o outro filho, o legal, evoca-o no dia do casamento, inquieto com a atitude estranha de Lourdes, inquieto com tudo o que sucede à sua volta e não tem uma explicação aceitável.

Não, não falará. Diante daquele padre obstinado, louco, não abrirá a boca. Mesmo porque, não tem de prestar contas a ninguém. Deu sua palavra de que nada de novo sucedera quando comunicou a morte de Armando à família Paiva. Não basta? Que querem dele, afinal? Estarão espionando sua vida? Conhecerão a existência de Marta, do pequeno Cid? Tratar-se-á de alguma conspiração formada por certos colegas que lhe invejam a posição e o saber e que aquela batina negra não hesitou em chefiar? No entanto, diante da pergunta feita, não pode ficar calado. E já seu silêncio se prolongou demasiadamente. Fixando o padre que, contrafeito, logo abaixa o olhar, responde:

— Julgo inútil tornarmos a falar nesse assunto. Já dei minha palavra

por duas vezes e o senhor sabe que não sou homem de mentir.

Padre Luís levanta os olhos, desanimado. O tom parece não admitir réplica. É verdade que, também por sua vez, ao fixar o padre, o médico baixa o olhar e um invencível rubor lhe sobe às faces. “Estará mentindo desse modo, cinicamente?”, pensa Padre Luís com rapidez. Sem medir o que diz, implora:

— Doutor Graça, eu lhe peço, diga, confesse... É com indignação que o protesto vem:

— Padre Luís, o senhor está me ofendendo com suas insinuações.

— Minha intenção não é essa, creia.

— Nesse caso, saiba que não tenho nada para lhe confessar.

A resposta de Leopoldo Graça deixa pouca margem para uma contestação polida. No entanto, comete um erro: continua falando. Isso salva temporariamente Padre Luís do apuro em que se meteu.

— Que motivos teria eu — insiste o clínico — para esconder alguma coisa que acaso tivesse sucedido? Vamos, diga! Que podia me interessar, a mim?...

— É o que não sei... é o que só o senhor pode saber — geme o padre com as mãos postas em atitude de oração e pedido.

— Nada havia a esconder — torna a positivar o outro, errando novamente. Padre Luís tem um estremecimento. Sente, sabe agora perfeitamente que aquele homem está mentindo, escondendo a verdade como quem esconde um tesouro precioso que não deve ser desenterrado. Com os motivos dessa atitude, não atina. Que importam, porém? Por outro lado, começa a temer que não haja jeito de forçar o médico a falar. Contudo, não pode desistir, tem de chegar ao fim da jornada. E, como o tempo já vai caminhando, fala sem esconder sua emoção:

— O que ficou para trás, Doutor Graça, não importa. Deixemos de lado as suas razões de ter silenciado...

— Mas eu já não lhe disse que não silencie nada? — interrompe Leopoldo Graça com visível irritação.

— Doutor Graça, por favor, fale, conte como foram os últimos instantes de vida de Armando. Tenha pena de mim, preciso saber. Conte tudo, tudo! Talvez o senhor não tenha percebido. Talvez ele tenha feito um gesto qualquer cujo sentido o senhor não tenha podido interpretar... mas que eu, como padre, possa... Aflito, aborrecido com aquela

insistência que ultrapassa os limites do razoável, Leopoldo Graça tem um movimento de impaciência, tira o *pince-nez*, e pergunta:

— Contar o quê? Descrever o quê? O senhor não o viu, estendido no leito, indiferente a tudo e a todos, mais morto do que vivo? Pois bem: assim como o deixou, ele se foi, momentos mais tarde. Inconsciente, completamente alheio a essas nossas preocupações terrenas...

— Doutor Graça, não é possível! Não é possível que tenha morrido assim, sem arrependimento! Diga, fale, por amor de Deus! É toda a minha vida que depende disso... talvez a salvação de várias almas!

— Que posso dizer além do que já disse? — atalhou rapidamente Leopoldo Graça, recolocando o *pince-nez* e pondo-se a andar de um lado para outro do seu gabinete.

— ...Da sua alma, entre outras — prossegue o padre sem atender à interrupção.

O protesto de Leopoldo Graça é violento. Levantando o tom, indaga com sofreguidão:

— Que tem a ver a minha alma com tudo isso?

— Sua alma está em perigo.

— Alto lá! Não vá adiante, por favor. Minha condescendência já foi grande.

— Doutor Graça, por amor de Deus não negue mais! Quando saí do quarto de Armando, o senhor prometeu que me chamaria, se percebesse que Armando estava para morrer. Por que não o fez?... A interpelação é enérgica. Leopoldo Graça se sente atrapalhado. Hesita, demonstra que está perturbado e, por fim, explica:

— Eu já lhe disse que Armando se foi de um momento para outro, inesperadamente.

Como se nada tivesse ouvido, o padre insiste:

— O senhor tinha me garantido que, qualquer coisa que houvesse, eu seria logo chamado...

— Não houve nada! Como poderia chamá-lo, se nada sucedeu?

— Doutor Graça!

— Não insista! A irritação de Leopoldo Graça é visível. Padre Luís não perde tempo. Como se estivesse lançando mão de um recurso supremo de que acaso dispusesse, levanta-se da cadeira e, fitando o médico que

continua a andar pelo escritório, pergunta:

— E a medalhinha?

— A medalhinha? Que medalhinha? — indaga Leopoldo Graça tomado de surpresa.

— A de Vanda Fernandes...

— Eu não sei de nada disso!

— Então, o senhor não sabe, nada viu no pescoço de Armando?

— Eu? Por quê?...

— O senhor não viu? Leopoldo Graça não responde. De repente, em plena vivacidade do diálogo, uma cena aflorou à sua memória: Armando está agonizando e, de súbito, seus lábios balbuciam palavras que já não o julga capaz de articular. Rápido, cola o ouvido, mas sente que chega tarde demais para ouvi-las todas, para perceber o nexo que as liga. Agora, revive, lembra, reconhece. Sim, sim, entre elas, entre outras que não repetirá, aquela também: “A medalhinha”... Faz um esforço, reconstrói: os lábios de Armando estão se movendo como se quisessem beijar alguma coisa.

No momento, ficou calado. Nem poderia ter agido de outro modo, de tal forma a insistência de Padre Luís em obter provas de arrependimento de Armando tornou sua presença no quarto perigosa, indesejável. Mas, e agora, agora que os acontecimentos começam a surgir diante de seus olhos sob um ângulo tão diferente, poderá permanecer em silêncio? Falar, porém, adiantará a alguém? Não será, apenas, lançar mais confusão no problema, reforçando as teses absurdas daquele fanático? Diante da meditação desesperada de Leopoldo Graça, Padre Luís se mantém calado, esperando. Vendo, contudo, que não responde à sua pergunta, volta à carga:

— A medalhinha, Doutor Graça, fale, diga! O silêncio se prolonga. Padre Luís grita:

— Por que o senhor não fala? Está com medo? Medo de quê? Medo de quem?... Leopoldo Graça para, cerra os punhos e, ameaçando o padre com eles, exclama:

— Basta! Nem mais uma palavra sobre esse assunto! Padre Luís o olha, estupefato. De repente, como se suas últimas palavras o tivessem ferido de morte, o grande clínico perdeu completamente a calma. A face vermelha, as orelhas pegando fogo, o olhar f lamejante, parece na iminência de agredi-lo. Mudando instintivamente de tática, Padre Luís pede:

— Por favor, não me abandone nesse transe.

— Cale-se!

— Por favor. Eu sou padre e o senhor é católico, não? Na grade do confessionário, o senhor poderá me dizer tudo o que houve. Será como se o estivesse enterrando na terra, sob as mais profundas camadas. Ninguém saberá de nada... e o senhor terá sua consciência tranquila! Apesar de ter esperado, desde o princípio da conversa, por aquela proposta, Leopoldo Graça ainda estremece sob o golpe e, com uma violência que ninguém pode lhe suspeitar, berra:

— Não me amole com seu segredo confessional! Eu não acredito nessas patacoadas de sacristia!... Padre Luís recua, senta-se, completamente aturdido. Leopoldo Graça cai em si. Sorri do acesso de raiva e procura brincar:

— Veja, o senhor me irritou com essa sua insistência descabida, importuna... Desculpe-me e vamos dar por terminada nossa entrevista.

É o que o padre mais teme, esse tom, essa fuga. A raiva, os gritos, mesmo uma tentativa de agressão, podem levar longe, podem desobstruir, ainda que involuntariamente, a estrada impedida. Aquele recuo é o insucesso, equivale ao desastre total. Toma coragem e propõe:

— Aqui mesmo eu o poderia ouvir em confissão. É com riso nos lábios que o médico responde:

— O senhor está brincando, Padre Luís?

— Em absoluto!

— Pois, parece.

— Não estou, nem isso são coisas com que se brinque, o senhor bem sabe.

Leopoldo Graça torna a rir, como quem se nega a ouvir uma coisa que lhe soa desagradavelmente. E, de súbito, vertiginosamente, a ideia lhe ocorre:

— Escute, padre: segredo por segredo, o senhor possui um que me interessa... Padre Luís compreende logo de que se trata. Não tem tempo de protestar, porque o outro completa:

— Vamos trocá-los? O senhor me diz por que se recusou a casar meu filho com Lourdes... e eu... Leopoldo Graça para e sorri compreensivamente. Depois, sem deixar perceber se mudou de direção ou não, continua: — ...eu satisfação o seu desejo: conto-lhe, instante por

instante, os últimos minutos de vida de Armando Paiva, isto é: nada... nada... nada... Padre Luís tornou a se levantar, assim que Leopoldo Graça começou a falar em troca de segredos. Diante dele, os olhos despropositadamente grandes, quase pulando fora das órbitas, fita-o com horror. Aquilo é o demônio. Só pode ser o demônio. Não há mais dúvida: o grande inimigo está ali, frente a ele, para o último combate, escondido, aprisionado dentro daquele corpo de homem. E é preciso expulsá-lo dali quanto antes... como certa vez tentou fazer com Eliodora, em casa dos Soares.

Sem se poder conter mais, avança para Leopoldo Graça e só se detém quando o médico o segura pelos ombros, receoso de uma agressão. Então, recuando de um passo, Padre Luís estende a mão sobre ele, faz o sinal da Cruz e grita:

— Satanás, eu te ordeno: fora desse corpo, deixa esse homem em paz! Anos mais tarde, o velho Leopoldo Graça ainda se lembrará desse instante. Como esquecê-lo? Os dias virão, ricos de acontecimentos diversos, de glórias e de misérias, e aquele momento estará ligado a todos eles, eixo de todo um mundo interior em esfacelamento progressivo e contínuo. Como esquecê-lo? Como não o relembrar, todos os dias, até o fim, até o momento da libertação? No momento, aturdido, perplexo, recua um passo e fica imóvel, esperando. Também Padre Luís permanece parado, sem saber o que fazer. À sua volta, tudo gira agora. E ele teme uma queda a qualquer momento. Sente-se fraco, trêmulo, completamente vencido. É inútil: jamais o demônio abandonará aquela presa. Jamais Leopoldo Graça falará.

Cambaleia de súbito, justo quando o médico se aproxima dele para socorrê-lo em seu tremor e em sua fraqueza. As mãos pendem ao longo do corpo, os joelhos dobram. Cai pesadamente no chão do escritório, desacordado.

•

Dias depois, quando o reitor lhe comunicou que decidira mandá-lo passar uns tempos no patronato da Ordem, em Minas, encontrou um Padre Luís dócil, perfeitamente conformado. Sabia que todos iriam ver na sua partida um verdadeiro exílio. Dissessem porém o que dissessem, interpretassem o gesto do reitor como quisessem — aceitava sem discutir, obedecia cegamente.

Não fora, aliás, sem uma longa luta que Padre Martinho chegara a tomar aquela resolução. Não ignorava, todos iriam considerá-la uma capitulação perante a “conspiração” que Leopoldo Graça chefiara e que,

depois do último incidente em sua casa, assumira um aspecto quase público. Contudo, não podia agir de outro modo, no próprio interesse de Padre Luís. Aceitava que o acusassem de fraqueza, julgando que se tivesse acovardado ante as ameaças de Leopoldo Graça. Seu modo de agir, porém, só podia ser um e o próprio Padre Luís estaria de acordo, reconhecendo a necessidade do castigo. Não pelos motivos que a maioria dos que conheciam o caso apontava, e sim, pelas razões particulares, de bem poucos sabidas e que, por força das circunstâncias, teriam de ficar na sombra.

Sentia ter de agir daquele modo. Sobretudo, depois que tivera com Padre Ladário aquela última conversa, tão desagradável, sobre a entrevista de Padre Luís com Leopoldo Graça. Padre Ladário lhe contara tudo, detalhe por detalhe. E terminara transmitindo-lhe um recado de Leopoldo Graça: cansado de lhe pedir providências, ia recorrer abertamente a instâncias superiores.

Quase perdera a calma. Não fosse o respeito que Padre Ladário lhe inspirava, teria censurado abertamente aquele sacerdote que se imiscuía tanto em assuntos daquela natureza, não se peizando de servir de veículo a ameaças e enredos. Contivera-se, todavia. E só se exaltara ao analisar a atitude de Leopoldo Graça. Aí, sim, fora enérgico, violento mesmo. Não que aprovasse o arrebatamento dos movimentos de Padre Luís. Pelo contrário, era o primeiro a repreendê-lo. A exigir que se moderasse. Tanto assim que o padre agira às escondidas suas e, logo se refizera da pequena crise que se seguira ao incidente, viera ele próprio se penitenciar do ato de desobediência. Não havia, portanto, cegueira propositada, indulgência excessiva. Repreendia, castigava — sem, contudo, jamais perder de vista que Padre Luís estava doente e tinha de ser tratado como tal.

Outra coisa, porém, era a má vontade de Leopoldo Graça em relação às intenções de Padre Luís, a verdadeira perseguição que movia, obstinada, sistemática. Por quê? Tendo em vista que interesse? Não acreditava que fossem os próprios, pois a luta já vinha de antes do casamento do filho. Por que, então? Era mesmo de se acreditar que houvesse uma parcela qualquer de verdade na suspeita de Padre Luís sobre as condições da morte de Armando Paiva. Do contrário, não podia explicar o horror que Leopoldo Graça tomara pelo homem bom e puro que, por certo, estava exagerando um pouco seu zelo, seu entusiasmo, mas só tinha em vista a glória de Deus — essa glória que também devia ser um dos objetivos da vida do “católico” Leopoldo Graça... A discussão fora longe, Padre Ladário procurando defender o ponto de vista do amigo. O reitor saíra com uma dupla convicção: existia, evidentemente, uma conspiração contra Padre Luís. E apesar de

tudo, ainda não tinham desistido de granjear sua adesão. Descansassem, porém. Não seria ele a capitular. Apenas, acima de todas aquelas considerações, havia uma: a situação íntima de Padre Luís... Diante dela, tudo mais desaparecia. Não se tratava, agora, de dar ou de não dar mão forte ao padre. Nem de saber quais eram ou quais não eram as opiniões de um Leopoldo Graça, de um Padre Ladário, de um Padre Mansueto, ou de um outro qualquer. Agora, só importava o caso em si, o drama que Padre Luís estava vivendo. E que era preciso solucionar satisfatoriamente. Urgia salvá-lo, sem indagar de mais nada. Leopoldo Graça triunfava? Paciência. Padre Luís, a vida eterna de Padre Luís, devia passar na frente. Seria uma pequena humilhação a sofrer, e somente isso. Mais uma — que importância podia ter? Afinal, eles todos, sacerdotes, humildes servidores de Nosso Senhor, do Senhor Jesus crucificado entre ladrões, não estavam ali para outra coisa. Deviam aceitar de coração alegre, sem falar muito no assunto, talvez mesmo como provação, como mais uma provação necessária. Tudo mais seria movimento de rebeldia, de orgulho. Leopoldo Graça que ficasse com a vitória

— Padre Luís ficaria com o proveito espiritual da provação. E ele com a lição de humildade voluntária, secreta. Haveria sorrisos, haveria mexericos, haveria apertos de mão significativos. Dir-se-ia que o reitor do Colégio São Luís de Gonzaga cedera à pressão dos poderosos, resolvendo castigar o padre “exagerado, fanático, irreverente”. Na mente de muitos, passaria a ideia de que, na hora crítica, abandonara o padre ingênuo e corajoso que confiara na sua direção e no seu apoio. Talvez mesmo, a palavra traição viesse aos lábios de um ou outro maledicente. Mas, que importava tudo isso, ante a necessidade de socorrer Padre Luís, de afastá-lo daquele meio, da complexidade daquelas almas, transplantando-o por algum tempo, pondo-o em contato direto com a natureza, com a simplicidade de certas almas do interior? E o coração do velho missionário, que conhecera tantas almas feridas e soubera curá-las, falou ao jovem padre, que a podridão do mundo desnorteara, a linguagem sincera de vencido que não esconde e não quer esconder sua derrota. As palavras saíram, claras, irretorquíveis, e Padre Luís compreendeu que estavam certas, que nada havia a responder a não ser obedecê-las, cega, apaixonadamente.

Sim, também ele reconhece: já agora, sua salvação só pode estar ali naquele caminho desconhecido e imprevisível que o velho padre amigo abriu diante de seus olhos. Deixar tudo o que o preocupa, fugir à obsessão daqueles casos particulares a que não consegue dar solução, partir para longe, refugiar-se na simplicidade de um lugar onde, da manhã à noite, a oração lhe seja possível, espontânea. Ângela, Sílvia, Ivo, Lourdes, Sérgio, Reni, Matias, Matilde, Alfredo, Ernesto, o

Professor Souza, Maria Inês, Irma, todos esses seres, e outros que o angustiam com a irredutibilidade de seus pecados, ficarão para trás e procurarão junto de outros sacerdotes, calmos e experientes condutores de almas, a solução de seus difíceis e, talvez, insolúveis problemas. O que se crucificou por eles, o que morreu por qualquer um deles em particular, Este não os abandonará, porque não abandona ninguém. Este os acompanhará, pela vida inteira, Este os socorrerá nos momentos cruciais, Este os salvará certamente um dia, como deve ter salvo Armando — e, já agora, não é preciso mais que Leopoldo Graça o confesse.

O esforço de aceitação é muito forte. Padre Luís verga sob seu peso, vencido. Talvez um dia ainda suporte a carga representada por todas essas verdades que, no momento, apenas compreende. Ainda é cedo, porém. Sua natureza protesta com tremores e lágrimas que não chegam a assustar à compreensão das coisas humanas que de há muito repousa, inabalável, em Padre Martinho. Os minutos passarão, os minutos se transformarão em longos quartos de hora — e os dois permanecerão lado a lado, muito próximos antes da separação inevitável, tão emocionados que nenhuma palavra virá perturbar a intimidade que os une como um aviso, como um sinal talvez...

•

Mais alguns dias e Padre Luís parte. Num fim de tarde chuvosa, feia, fria, em que tudo parece disposto de modo a contrariar os planos que acaso tenham sido feitos, o reitor e Padre Godo o vão levar à estação, no trem de Minas.

Há pouca gente na plataforma. Os abraços são rápidos, tristes. Tanto Padre Luís como seus dois acompanhantes sabem perfeitamente que não há mais nada a dizer. As palavras, todas as palavras são supérfluas. Banalidades, tolices — ou repetições. Agora, é partir, esquecer tudo aquilo, recomeçar vida nova, novo esforço para sentir na existência de todo o dia a serena e irremovível presença de Deus. Nem mesmo volver o olhar para trás. Nem mesmo se lastimar das injustiças do destino — como sucedeu a Jó. Partir, esquecer, edificar um novo mundo interior.

Agora que o trem está saindo, deixando na estação os dois vultos negros meio confusos, como se houvessem praticado algum mal ou abandonado um inocente à vingança de mil celerados, perde-se de vista a figura abatida de Padre Luís a caminho de Minas, do “exílio” que tanto dará que falar nas antecâmaras eclesiásticas e nas rodas anticlericais da cidade. Ainda é fácil vê-lo, porém, contemplando a paisagem indistinta, o rosto quase colado à vidraça, as mãos postas na

atitude da oração. Tudo nele é aceitação, esperança. No entanto, a mais banal das intuições dá para sentir seu coração sangrando, loucamente doído. Não leva mágoa de ninguém. Compreendeu tudo, inclusive a resistência demoníaca de Leopoldo Graça, por quem sabe que tem de rezar muito, mais talvez do que por qualquer outra pessoa no mundo. Não importa: ferido, o coração sangra a cada instante, a cada recordação mais viva.

Não é possível acompanhar, uma a uma, as recordações que o invadem nessas primeiras horas de viagem. De qualquer modo, sinto-o mergulhado em todos os episódios que povoaram seu confessionário durante aqueles últimos meses, e compreendo que não haja alegria em seu espírito. O mundo irremediavelmente triste que deixou, esse mundo por certo o acompanha, porque esse é o mundo que não nos abandona nunca, quaisquer que sejam os caminhos que trilhemos. Está conosco na vigília e no sono, na alegria e na dor, no nascimento e na morte dos seres que nos são ou nos vão ser caros. E termina por fazer tão intimamente parte de nós mesmos, que não adianta fugir, porque não podemos mais viver sem sua presença, sem sua sedução escravizadora... É dele que Padre Luís foge. Como não ver, porém, que o segue com a mesma fidelidade das grandes obsessões, do destino, do sofrimento? O ser humano, que o trem leva a toda velocidade, carrega consigo tudo o que o feriu. A não ser a vontade divina, o Espírito que só sopra onde e quando quer, nada o poderá salvar. Adiante, fora, longe, no silêncio como no alvoreço da cidade, o mundo morto se recreará ante seus olhos. E só Deus poderá estender sobre ele o manto da libertação.

O trem o leva, veloz, impiedoso. Sinto-o trêmulo, abandonado, quem sabe temeroso até mesmo de encarar as novas realidades humanas que o cercam — o vizinho do lado, a família do “camarote” próximo, as pessoas que transitam pelo corredor do vagão. Adivinho na obstinação com que fixa a noite que desfila através da vidraça, mais medo do que interesse ou atração. Já estará pressentindo alguma coisa? Já terá começado a imaginar o meio em que vai viver, as criaturas que, hoje ou amanhã, acabará encontrando?... Sinto-o que, de súbito, estremece e parece ter frio, sem o ter realmente. Penso então em tudo o que o espera no lugarejo para onde vai, nas mil infinitas combinações daquilo a que chamamos de destino, e penso na nossa ignorância e incompreensão de todas as coisas essenciais. Penso que nesse mesmo dia da sua partida, sem que ele o saiba, Eliodora está em plena agonia e vai clamar pelo seu perdão. E que, na distante fazenda da Pequetinha, está nascendo Silvinha, a filha de Elza Paiva que vai um dia conhecer e amar Carlos Eduardo, o filho de Vanda e de Armando. Penso na estranha combinação de linhas que vai fazer coincidir, adornando-os com todos os tons habituais às catástrofes irremediáveis, o caminho de morte de

Reni com o seu próprio caminho de vida, e penso com pavor em tudo o que daí vai resultar para esse pobre padre que o destino marcou com um dos seus sinais de predileção, e que Deus talvez tenha reservado para a suprema eleição. Penso em tudo quanto é futuro, imprevisível, na nossa vida diária, despreocupada e inútil. E sinto que tudo o que vai ficando para trás é apenas começo, início de uma compreensão que virá com o tempo e com a vida, com o encontro inesperado na voragem das ruas, quem sabe sob o disfarce de uma máscara humana, da face desconhecida do Cristo, Deus e homem, Salvador e Redentor.

Rio — 1941

Petrópolis — 1942/43 Rio — 1942/43

Notas de Rodapé

¹ O autor se julga na obrigação de advertir que a situação que se segue vai tornar a surgir, mais ou menos sem alteração sensível, no próximo romance, quinto da série: Os renegados (parte i, “Ivo e Lourdes”). Os dois volumes: O anjo de pedra e Os renegados se passam mais ou menos no mesmo período de tempo. Frequentemente, personagens de um cruzam no caminho de personagens do outro (Ivo, Lourdes, Branco, Vanda, Alfredo, Ernesto, etc.). Desse emaranhado de tramas resultam cenas que pertencem aos dois romances ao mesmo tempo, como essa a que nos referimos.